

Repouso  
do Sábado de Deus



Entrando no

Repouso

do Sábado de Deus

**Por F.T. Wright**

**Nota de publicação:**

Título original em inglês: Entering Into God's Sabbath Rest  
(Edição em português)

Publicadores:

Igreja do Advento do Repouso do Sábado

Impressão em formato papel

Casa Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado.

D-5241 Dickendorf

Alemanha

(Abril 1991)

**JFernandes**

**PORTUGAL**

**2020**

“Portanto, resta ainda um repouso  
para o povo de Deus.”

*Hebreus 4:9*

“Temamos, pois, que, porventura,  
deixada a promessa de entrar no  
seu repouso, pareça que algum de  
vós fica para trás.”

*Hebreus 4:1*



## **Ilustração da capa:**

Há muitos anos, foi realizado um concurso internacional em que era oferecido um avultado prémio ao artista que, na opinião dos juízes, melhor ilustrasse a paz.

Um grande número de belas pinturas foi submetido a concurso. Havia tranquilas cenas da natureza, bebês dormindo, belos lagos espalhando-se à distância, e habitantes de aldeias tranquilamente conversando numa rua sossegada.

Mas os juízes não atribuíram o prémio a nenhuma destas. Havia uma pintura diferente de todas as outras. Ela ilustrava uma grande tempestade saltando sobre as rochas perto duma praia. As nuvens eram negras e carregadas, o mar rugia, a chuva caía fortemente, e os relâmpagos atravessavam o céu. Era preciso um pouco de imaginação para ouvir o som dos trovões, e as ondas esmagando-se contra as rochas. Não era uma cena de paz, mas aninhando-se numa rocha estava uma gaivota com uma cria jovem aparecendo debaixo das suas asas, despreocupada e sem se perturbar.

A ilustração da capa é uma recente retratação da mesma ideia do artista. É uma apropriada ilustração de um cristão que repousa no cuidado de Deus num mundo cheio de tumulto e contenda. Tal como as aves calmamente repousavam apesar das ondas ameaçarem engolir o seu ninho, assim o verdadeiro filho de Deus repousa na certeza de que, tendo confiado completamente a sua vida ao cuidado do Altíssimo nada lhe pode acontecer senão aquilo que Ele providenciou. Tendo aprendido os Seus caminhos, ele entra no Seu repouso de sábado.





## Índice

Uma Rejeição Justificada .....	11
Deus – A Fonte.....	22
Cristo – A Grande Ligação.....	36
Ordens Gerais e Ordens Específicas .....	47
O Caminho de Deus.....	58
Fé Sem as Obras É Morta.....	72
Deus É o Mestre do Seu Povo .....	84
Retrocessos Dispendiosos .....	94
O Lugar dos Nossos Planos .....	107
Problemas na Primitiva Igreja .....	114
Outro Retrocesso .....	125
Uma Repetição da história .....	140
“Jeová É o Nosso Rei.....	140
“Um Perigo Constante .....	141
“Um Exaltado Privilégio .....	141
“Todo o Jugo Deve ser Quebrado .....	141
A Tragédia dos Judeus .....	158
Orações Cristãs e Orações Babilónicas .....	173
As Testemunhas de Deus .....	183
A Ressurreição de Lázaro.....	200
Libertação Imerecida.....	216
Enredado e Libertado .....	230
Lição Reforçada .....	244
Bons Motivos Maus Resultados .....	253
A Luta pela Primogenitura .....	262
A Circuncisão.....	271
Organização da Igreja .....	281
Cristo – O Exemplo Perfeito .....	296
O Caminho de Deus na Obra Missionária .....	306
Em Termos Práticos .....	316
Guardando o Sábado .....	325
Como Tudo Começou.....	340
O Arquitecto Frustrado .....	345
Devemos Nós Falhar Também .....	352
Cristo Mostra O Caminho .....	361
A Viva Ligação.....	368



# - 1 -

## Uma Rejeição Justificada

**N**a vida daqueles que entram no repouso do sábado de Deus *nada pode correr mal*. O mundo actual tem ainda que testemunhar uma viva, eficaz demonstração disto, e, até lá, duvidará profundamente desta afirmação. Mas tal demonstração em breve será dada por um grupo de crentes dedicados, através de quem Deus revelará o que podia ter sido recebido, experimentado, e realizado há milénios atrás. Quando esse dia chegar, Satanás será completamente derrotado, o pecado terminado, e Cristo regressará nas nuvens do céu. Este é o acontecimento que a igreja esperou por tanto tempo, mas nunca sucedeu porque os membros não conheceram e sem desvios viveram o repouso do sábado de Deus.

Satanás, totalmente conhecedor do papel chave desempenhado pelo sábado de Deus, opera com demoníaca diligência a fim de criar nos homens uma completa reacção contra esta abençoada instituição. Ele sabe muito bem que se permitir que os homens vejam o poder, a bênção, a alegria e a paz residentes no inestimável dom de Deus, resta-lhe apenas um tempo muito curto. Portanto, a sua guerra contra o sábado é literalmente uma luta pela sobrevivência na qual, até agora, tem sido demasiadamente bem-sucedido.

O seu mais eficaz procedimento tem sido privar aqueles a quem Deus chamou para demonstrar os princípios e procedimentos do sábado, da vida e poder contido na mensagem, enquanto os mantém na sua técnica observância como um exercício legal. Isto reduz o sábado a uma abominável, restritiva e intolerável escravidão. Nenhuma nação provou ser instrumento mais eficaz para realizar isto do que a judaica.

Deus chamou os israelitas das trevas e conferiu-lhes o especial privilégio e obra de revelar a todo o mundo o abençoado resultado da obediência às leis de amor de Deus. Enquanto fielmente aderiram a esse propósito, o seu sucesso e prosperidade foi incomparável. Eles tornaram-se uma maravilha para o mundo à sua volta. Tivessem eles continuado nos caminhos de Deus e sob a Sua direcção pessoal, teriam enchido toda a Terra com justiça, e a história estaria isenta de opressões e atrocidades que tanto têm obscurecido os seus relatos.

Mas Israel deixou de edificar de acordo com o padrão divino. A vida e a luz saíram da sua religião. Isto agradou a Satanás que ficou contente por eles continuarem numa forma de religião sem vida. A sua adoração degenerou em legalismo, no qual grande ênfase era colocada na

realização com exactidão de certos padrões de comportamento prescritos. Era uma servidão que esmagava o espírito humano e impedia a doce expressão do amor e da fé.

Quando Cristo esteve sobre a Terra, encontrou-Se a Si mesmo em constante colisão com este farisaísmo. Os dirigentes judeus procuraram impor sobre Ele *as suas* interpretações de como o sábado devia ser observado, mas Ele não se conformou, no mais pequeno grau, com os caminhos deles. Ele podia ver com grande clareza a diferença entre o sábado *como eles procuravam impor*, e a abençoada verdade da instituição *como Deus a deu*. Ele nunca tentou substituir o verdadeiro pelo falso.

Todavia, o resto do mundo tentou. O único sábado que eles conheciam era aquele que os judeus defendiam — frio, morto, legalista e privador. Eles não necessitavam dele — *justificadamente*. Paulo compreendeu este resultado do condenável procedimento dos judeus.



*Assim como uma árvore separada da raiz não tem poder para viver, assim o sábado, quando separado do evangelho, perde o seu poder.*

“Eis que tu que tens por sobre-nome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus;

“E sabes a Sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído por lei;

“E confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas,

“Instruidor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei;

“Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?

“Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio?

“Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei?

“Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre

os gentios por causa de vós.” *Romanos 2:17-24.*

Várias organizações observadoras do sábado desde essa altura não têm feito melhor. O resultante preconceito foi levado até à quase universal rejeição do sábado da vida humana. É considerado como algo contra nós em vez de um santo e indispensável dom a nós concedido.

Isto é lamentável e deplorável, mas bastante compreensível. O preconceito contra o sábado *tal como tem sido apresentado pelos seus defensores*, é completamente justificado. Mesmo Cristo nada teria a ver com *esse* sábado. O que não é justificado é a extensão dessa apatia e mesmo hostilidade, contra o sábado *como Deus o deu*.

Exactamente como Satanás determinou que fizessem, os homens aceitaram a sua interpretação errada como sendo a realidade, e assim levados a rejeitar o verdadeiro, não por causa daquilo que ele é, mas por causa do *engano que foram levados a crer* que ele é. Esta é uma tragédia composta pelo facto que, por este meio, os homens são privados de qualquer disposição para acreditar no genuíno. No momento em que o assunto é introduzido para consideração, as barreiras são levantadas e torna-se muito difícil vencer os preconceitos talhados através dos anos.

Apresentado erradamente, o sábado realmente afasta os homens de Deus e da Sua verdade, mas quando introduzido do modo indicado por Deus, tem o maravilhoso poder para transformar a vida e rodear o crente com profunda, perfeita, e duradoura paz.

“Separe o sábado das mensagens e ele perde sua força, mas quando conectado à mensagem do terceiro anjo, um poder o acompanha para convencer os incrédulos e infiéis, e apresentá-los com vigor para permanecerem, viverem, crescerem e florescerem no Senhor.” *Testimonies* 1:337.

Este testemunho foi escrito ao povo adventista do sétimo-dia em 1861. Nessa altura e desde então, ele foi o primeiro expoente do sétimo dia, o sábado, tendo crescido entre essa altura e agora na maior organização no mundo que observa o sétimo dia. Todavia, tal como os judeus, projectaram uma imagem da observância do sábado que não tem atraído as mentes do mundo para ele, mas pelo contrário criado preconceito contra esta maravilhosa instituição. Para compreender isto, deve ser dada alguma consideração à história da igreja adventista.

O grande segundo movimento do advento começou a existir como um cumprimento da profecia. No final dos dois mil e trezentos anos preditos em *Daniel* 8:14, que finalizaram em 22 de Outubro de 1844, devia sair um povo proclamando a tríplice mensagem angélica de *Apocalipse* 14:6-12. Antes dessa data, os primeiros dois anjos já estavam a soar. O terceiro juntou-se-lhes na manhã de 23 de Outubro de 1844, quando a compreensão do que a purificação do santuário realmente é, desceu sobre as mentes dos dirigentes adventistas, que rapidamente comunicaram esta luz ao povo. O movimento então aumentou rapidamente com vitalidade e sucesso. Foi assim porque os seus membros conheciam, experimentavam, e proclamavam a mensagem do terceiro anjo *em verdade* — os ensinamentos pessoalmente formados na mente do Altíssimo para a conclusão do grande conflito. Sendo divinamente designadas para o propósito, estas mensagens não podiam trazer outra coisa senão sucesso, enquanto qualquer coisa que desviasse delas terminava apenas em fracasso. Até que a tarefa estivesse finalizada, o povo do advento devia guardar-se estritamente contra qualquer afastamento daqueles puros princípios. Portanto, eles deviam conhecer e apegar-se à mensagem do terceiro anjo *tal como foi dada por Deus ao Seu povo no início*.

Não há forma de realçar demasiadamente a importância disto. Na primeira visão profética dada depois de 1844, o Senhor tornou esta verdade muito clara. O povo do advento foi representado como viajando através dum caminho estreito muito acima do mundo ímpio em baixo. No início estava uma luz brilhante que brilhava em todo o caminho com destino às portas do Céu. Somente os que permaneciam nesse caminho e nessa luz eram classificados como povo de Deus. O restante caía para baixo no tenebroso e ímpio mundo e estava eternamente perdido. Seria um erro supor que o regresso ao mundo ímpio é realizado por aqueles que se tornam manifestamente mundanos. À medida que este estudo prossiga tornar-se-á claro que o regresso ao mundo é realizado quando alguém põe o método mundano de colocar homens em autoridade sobre homens, no lugar do método de Deus onde somente Ele é o Guia e a Fonte. Assim uma pessoa pode permanecer muitíssimo envolvida na estrutura organizada e continuar a ser uma parte do tenebroso e ímpio mundo em baixo.

A luz no início é o clamor da meia-noite que era composta pela primeira e pela segunda mensagem angélicas. Era uma apresentação do evangelho no seu poder e glória.

Visto que aqueles que saem dessa luz caem no escuro e ímpio mundo, é essencial que o maior cuidado seja tomado para não perder um raio dessa luz ou permitir que quaisquer outros ensinamentos tomem o seu lugar. Seria bom que todos os que afirmam estar na mensagem do terceiro anjo, fizessem sem demora, uma cuidadosa comparação entre aquilo que defendem hoje e o que foi dado ali atrás.

Aqui está o texto da visão. Notai muito cuidadosamente as conclusões tiradas do parágrafo acima.

“Enquanto eu estava orando junto ao altar da família, o Espírito Santo me sobreveio, e pareceu-me estar subindo mais e mais alto da escura Terra. Voltei-me para ver o povo do advento no mundo, mas não o pude achar, quando uma voz me disse: — ‘Olha novamente, e olha um pouco mais para cima.’ Com isto olhei mais para o alto e vi um caminho reto e estreito, levantado em lugar elevado do mundo. O povo do advento estava nesse caminho, a viajar para a cidade que se achava na sua extremidade mais afastada. Tinham uma luz brilhante colocada por trás deles no começo do caminho, a qual um anjo me disse ser o ‘clamor da meia-noite’. Essa luz brilhava em toda a extensão do caminho, e proporcionava claridade para seus pés, para que assim não tropeçassem. Se conservavam o olhar fixo em Jesus, que Se achava precisamente diante deles, guiando-os para a cidade, estavam seguros. Mas logo alguns ficaram cansados, e disseram que a cidade estava muito longe e esperavam nela ter entrado antes. Então Jesus os animava, levantando Seu glorioso braço direito, e de Seu braço saía uma luz que incidia sobre o povo do advento, e eles clamavam: ‘Aleluia!’ Outros temerariamente negavam a existência da luz atrás deles e diziam que não fôra Deus quem os guiara tão longe. A luz atrás deles desaparecia, deixando-lhes os pés em densas trevas; de modo que tropeçavam e, perdendo de vista o sinal e a Jesus, caíam do caminho para baixo, no mundo tenebroso e ímpio.” *Primeiros Escritos*, 14, 15.

Por conseguinte, o critério para julgar o que constitui a verdade do advento é a luz dada durante o clamor da meia-noite. Qualquer coisa que não tenha a medida desses padrões é um afastamento do caminho e luz, uma descida para o escuro e ímpio mundo em baixo, e uma desqualificação para um lugar na batalha final em que o povo de Deus e a verdade triunfarão.

Consequentemente, é correcto perguntar, o que é a mensagem do terceiro anjo *em verdade*? A resposta apenas pode ser dada pela compreensão da mensagem do primeiro anjo do qual o terceiro é apenas um desenvolvimento final.

Portanto, o que é a mensagem do primeiro anjo?

Fazer esta pergunta ao adventista do sétimo dia de hoje e a resposta será que é a advertência do julgamento. Prossegui a questão perguntando o que é a mensagem do terceiro anjo, e sereis informados que é um conjunto de doutrinas sob títulos como o santuário, o sábado, o estado dos mortos, a segunda vinda de Cristo, os dois mil e trezentos dias, a reforma da saúde, a reforma do vestuário, a educação cristã, os dez mandamentos, a imagem da besta, etc. Nenhuma pessoa, como regra declarará em termos simples que a mensagem do terceiro anjo é *o evangelho de Jesus Cristo*.

Contudo, é exactamente o que ela é. A descrição do primeiro anjo é que ele voa “no meio dos céus tendo o *evangelho eterno* para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo e língua e povo”. *Apocalipse* 14:6. Todos estes grandes temas acima enumerados são partes essenciais da mensagem do terceiro anjo, mas apenas se forem uma apresentação do evangelho, o poder de Deus para salvar do pecado.

O primeiro anjo vem *tendo* o evangelho eterno para pregar. Portanto, o povo que ele simboliza terá semelhantemente o mesmo poder grandioso para salvar o mundo do pecado. Só os que experimentaram esta salvação podem compreender as diferenças vitais entre a pregação da lei e doutrinas como tal e a apresentação delas como poderosas verdades do evangelho. Para todos os outros, não há diferença. Mas há uma grande diferença. É a diferença da observância do sábado sem poder, e o poder existente nele para convencer “os incrédulos e infiéis, e apresentá-los com vigor para permanecerem, viverem, crescerem e florescerem no Senhor.”. Foi assim que

o sábado e todas as outras mensagens dos anjos foram pregadas quando o movimento começou. Bom seria se até hoje o movimento tivesse continuado para espalhar a verdade nestes termos.

Mas uma triste e subtil mudança se movia silenciosamente. Apesar das advertências dadas em amor e cuidado, o povo do advento começou a afastar-se dum curso de total abnegação para construir as suas propriedades e riquezas pessoais em vez disso. Eles acrescentaram casa a casa e terra a terra. Em 20 de Novembro de 1855, viu proferir um testemunho à igreja intitulado "Guardador de Teu Irmão". Está presentemente relatado em *Testemunhos Selectos* 1:29-31. O declínio da espiritualidade na igreja era claramente tornado conhecido juntamente com as suas razões. Confiança no argumento em vez de confiança no Espírito Santo, a construção de posses pessoais em vez de sacrifícios pela causa de Deus, e a introdução do orgulho e exaltação, roubou-lhes a presença de Deus. Os princípios básicos do evangelho foram morrendo na igreja e, mesmo quando lhes foi plenamente dito, não o conheciam nem podiam vê-lo.

As coisas foram de mal a pior, até que em 1859 outra advertência foi proferida à igreja. "Foi-me mostrado que o testemunho aos laodiceanos se aplica ao povo de Deus no tempo presente, e a razão por que não realizou uma obra muito maior é a dureza de coração." *Testimonies* 1:186.

Pela infalível Testemunha Verdadeira, o próprio Jesus Cristo, falando neste caso através do Espírito de Profecia declara que os adventistas mergulharam na condição laodiceana. Este é um testemunho muito significativo que fala de uma situação que devia ter ramificações de longa duração e grande alcance. O actual instável estado religioso da igreja adventista é o inevitável resultado do fracasso dos nossos antepassados em aceitar os testemunhos que Deus lhes enviou. A condição de laodiceia está descrita em *Apocalipse* 3:14-18.

"E ao anjo da igreja que está em Laodiceia escreve: isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus.

"Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente!

"Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da Minha boca.

"Como dizes: rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu;

"Aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas."

Os laodiceses são um povo destituído do ouro, vestidos brancos e colírio. Estes são símbolos de elementos espirituais vitais para a prosperidade de qualquer pessoa ou movimento. Aquilo que aquelas coisas simbolizam está claramente explicado no testemunho que se segue.

"A Testemunha Verdadeira aconselha-nos a comprar d'Ele ouro provado no fogo, vestidos brancos, e colírio.

"O ouro aqui recomendado como tendo sido provado no fogo, é fé e amor. Ele enriquece o coração; pois foi purgado até tornar-se puro, e quanto mais é provado tanto mais intenso é o seu brilho. Os vestidos brancos são a pureza de carácter, a justiça de Cristo comunicada ao pecador. É na verdade uma vestimenta de textura celeste, que só se pode comprar de Cristo por uma vida de voluntária obediência. O colírio é aquela sabedoria e graça que nos habilitam a distinguir entre o mal e o bem, e perceber o pecado sob qualquer disfarce." *Testemunhos Selectos* 1:477, 478.

"O ouro provado no fogo é a fé que opera pelo amor." *Parábolas de Jesus*, 158.

A justificação é impossível sem essa fé, porque o evangelho é o poder de Deus, não para *todos*, mas para todo *aquele que crê*. Portanto, conclui-se que se a igreja estava destituída do ouro que opera pelo amor e purifica a alma, então os membros com certeza não podiam ter o poder de

Deus. Por conseguinte, não tinham o evangelho. Se eles o tivessem, teriam possuído tanto os vestidos brancos que é a justiça de Cristo como o colírio que é o discernimento espiritual.

Portanto, em 1859, os adventistas como povo já não estavam na posse do evangelho. Aqueles que vêem o evangelho como sendo nada mais do que exaltação das virtudes de Cristo, pregação contra o pecado e chamamento ao arrependimento e a uma mudança de vida, rejeitarão esta proposta. Eles argumentarão que os adventistas sempre têm pregado o evangelho. Se isto é assim, então as igrejas caídas também o pregam. Isto não pode ser verdade, porque se o fizessem não seriam igrejas caídas. A apresentação do evangelho na sua pureza e poder envolve muito mais do que os pontos acima enumerados, apesar de vitais como cada um deles é.

Para o genuíno evangelho ser eficaz, um procedimento muito específico deve ser seguido juntamente com o exercício da verdadeira ciência da fé. Alguns poderão fazer objecções à exigência deste rigoroso procedimento, preferindo uma indefinida, incerta, aproximação a Deus, que eles reverenciam como o assim chamado “puro” evangelho. Isto é equivalente a nada mais do que um chamamento para crer em Cristo sem instruir a alma necessitada acerca do que crer ou como fazê-lo. O suplicante é deixado com uma mensagem que não remove efectivamente os seus problemas, contudo, por causa de não conhecer nada melhor agarra-se à esperança que no final tudo resultará satisfatoriamente.

O grande defeito no evangelho tal como defendido na generalidade, é que as igrejas têm injectado modificações humanas nos procedimentos divinamente instituídos tornando-os assim muito ineficazes. Este ponto receberá maior esclarecimento à medida que o estudo se desenvolva. Quando estes princípios forem claramente compreendidos, será visto plenamente que o povo adventista perdeu o evangelho por volta de 1859.

O ponto crucial é *portanto*, que eles perderam a mensagem do terceiro anjo. Por outras palavras, a mensagem específica que havia trazido o movimento à existência já não era mais possuída pela igreja. Seria então de esperar a desintegração do movimento, mas não foi assim. Os pregadores e os membros continuaram a pregar a *lei* e as *doutrinas* das mensagens sem o evangelho que era a mensagem em si mesma. Assim começaram a chamar à *lei* e às *doutrinas* a mensagem do terceiro anjo sem serem capazes de reconhecer que a luz e a vida tinham saído da mensagem ou que a verdadeira mensagem é a *justificação pela fé em verdade*.

A evidência documental para defender estas conclusões é dada num livro escrito em 1877 por John N. Andrews, que é um adventista do sétimo dia muito conhecido. A principal instituição educacional adventista, “Universidade Andrews” em Berrien Springs, Michigan, é assim chamada em sua honra. Ele é muito falado no Espírito de Profecia e trabalhou muito activamente até à sua morte.

Em 1877, escreveu um livro com o título, *The Three Messages of Revelation 14:6-12, particularly the Third Angel's Message, and Two-Horned Beast*. A data da publicação é cerca de vinte anos posterior ao testemunho que declarou que o povo adventista tinha passado à condição de laodiceia. Por conseguinte, se as conclusões tiradas acima estão correctas, devíamos esperar encontrá-las reflectidas neste livro. As suas páginas seriam devotadas à apresentação das leis, profecias, e doutrinas sem ser dada qualquer explicação prática do evangelho.

Assim provou ser. Este livro contém 141 páginas de acordo com a reprodução fac-símile pela Southern Publishing Association, Nashville, Tennessee, 1970. Contudo, é impossível encontrar em qualquer parte do livro algum ensinamento do evangelho, o poder de Deus para salvar do pecado. Nem uma única vez o autor declarou que a mensagem do terceiro anjo é a justificação pela fé em verdade, mesmo apesar de ser precisamente aquilo que a mensagem do terceiro anjo é na realidade.



Qual é, então, o assunto do livro?

Na introdução, J.N. Andrews resumiu o que compreendia ser o propósito da terceira mensagem.

“Por que meios deverão os santos de Deus ser reunidos num povo e preparados para a transladação? Que grandes verdades tem Deus em reserva para a última geração, com que realizar esta grande obra? Em resposta a estas questões, citamos o décimo quarto capítulo de *Apocalipse*.

“O desígnio das três grandes proclamações deste capítulo, é, primeiramente, dar a advertência do julgamento vindouro; em segundo lugar, estabelecer o povo de Deus na sua torre de observação; em terceiro lugar, juntar num só corpo os santos espalhados; e, em quarto lugar, restaurar os dez mandamentos de Deus para o Seu povo, e prepará-los para a libertação no tempo de angústia, e para a transladação para o Seu reino.” *The Three Messages of Revelation* 14:6-12. Prefácio iv.

A pergunta “Por que meios deverão os santos de Deus ser reunidos e preparados para a transladação?” é uma questão excelente. Do mesmo modo a indicação de *Apocalipse* 14 é a mais apropriada, mas, quando as páginas do livro são estudadas do princípio ao fim, torna-se visível que J.N. Andrews não viu que a mensagem do terceiro anjo é a *justificação pela fé em verdade*. Ele viu-a somente como uma apresentação dos acontecimentos profetizados e suas doutrinas associadas, em todo o livro, nem uma linha se encontra a decifrar o evangelho como sendo a mensagem do terceiro anjo.

Portanto, este livro não contém as mensagens de *Apocalipse* 14:6-12. Ele apresenta outra coisa; nomeadamente, uma dissertação sobre a hora do juízo, a queda de Babilónia, o levantamento e obra da besta de dois chifres e os juízos ameaçados pelo terceiro anjo. Aquilo que é apenas uma parte da mensagem do terceiro anjo foi chamado por Andrews e seus contemporâneos, “a mensagem do terceiro anjo”.

Nada há de surpreendente acerca disto. A estrutura do livro foi determinada quando a igreja mergulhou na condição de laodiceia e não estava disposta a dar os passos necessários para sair dela outra vez. Uma vez perdido o evangelho, era impossível vê-lo em *Apocalipse* 14:6-12. Portanto, J.N. Andrews não podia ter escrito outra coisa além daquilo que escreveu.

Nem ninguém devia ficar surpreendido pelo livro ser um livro popular na igreja. Em 1892, tinha alcançado a quinta edição. Os membros da igreja não encontraram nele problema, relatava a mensagem do terceiro anjo *como a conheciam e amavam*. Contudo, a reacção foi muito diferente quando Waggoner e Jones apareceram pregando a mensagem do terceiro anjo. O povo encontrou sérias dificuldades em reconhecer aquilo que *eles* ensinavam como a mensagem do terceiro anjo em verdade.

John N. Andrews não foi criticado. Ele era um adventista bastante sincero e genuíno que estava preparado para sacrificar tudo pela causa. Ele ensinou o melhor que sabia mas foi uma vítima do seu tempo.

A sua obra é valiosa porque dá nela evidências pelas quais as condições existentes na igreja podem ser melhor compreendidas. Por sua vez, isto torna-nos capazes de ver mais claramente o lugar ao qual a igreja chegou presentemente e porquê. Aqueles que efectivamente compreendem estas coisas, podem inteligentemente escolher o curso que a seguir prosseguirão.

Era a condição de laodiceia em que a igreja mergulhou em 1859 temporária ou permanente? Certamente, ela não tinha de ser permanente, porque Deus tinha feito provisão para a sua rápida recuperação desta enfermidade fatal. Infelizmente o povo tomou uma atitude que embora não vissem por si mesmos aquilo que o Senhor lhes estava a dizer acerca deles, nada havia que pudessem fazer pelo problema. Isso era com certeza um engano fatal. Não verem a verdade sobre

si mesmos não os libertava das consequências dessa condição. O único caminho sábio que eles podiam ter seguido era reconhecer que tinham um problema de cegueira que apenas podia ser curado levando-o ao grande Solucionador de problemas, tal como Ele os convidava a fazer. Quando falharam em fazer isto, foram deixados com a trágica doença.

O livro de J.N. Andrews é um exemplo da evidência que prova que a condição se tornou permanente. Tivesse ela sido curada pouco depois da advertência vir, como muitos gostariam de argumentar, então este livro nunca teria sido escrito na forma que teve, nem teria sido tão popular.

Mas a evidência mais forte que a condição de laodiceia se tornou permanente é dada na recepção da mensagem enviada por Deus através de Waggoner e Jones em 1888-1893. Nós sabemos que aquela foi a mensagem do terceiro anjo em verdade *porque o Senhor disse que era*.

“Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos pastores Waggoner e Jones. Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos perderam Jesus de vista. Deviam ter tido o olhar fixo em Sua divina pessoa, em Seus méritos e em Seu imutável amor pela família humana. Todo o poder foi entregue em Suas mãos, para que Ele pudesse dar ricos dons aos homens, transmitindo o inestimável dom de Sua justiça ao impotente ser humano. Esta é a mensagem que Deus manda proclamar ao mundo. É a *terceira mensagem angélica* que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito Santo em grande medida.” *Testemunhos para Ministros*, 91, 92.

“Várias pessoas me escreveram perguntando se a mensagem da justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo, e respondi-lhes; ‘É verdadeiramente a mensagem do terceiro anjo.’” *Evangelismo*, 190.

Em 1888, levantou-se uma situação muito reveladora. Aqueles que pretensamente tinham ensinado a mensagem do terceiro anjo foram confrontados com o que o *Senhor* chamou por mensagem do terceiro anjo *em verdade*. As duas mensagens não se harmonizavam, nem podiam unir-se entre si. Uma era a doutrina da salvação pelas obras, um típico Ismael, e a outra era a justiça pela fé, o filho da promessa, Isaque. Os dirigentes em particular rapidamente reconheceram que se aceitassem, as mensagens enviadas através dos pastores Waggoner e Jones necessitariam lançar fora “a escrava e o seu filho, porque de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre”. *Gálatas* 4:30. Portanto, levantaram-se para resistir ao novo a fim de defender e preservar o velho. Eles estavam errados na escolha acerca daquele que devia ficar.

A versão que eles desposaram era o fruto da sua condição laodicense. O ensinamento e a experiência eram inseparáveis. Portanto, enquanto permanecessem nesse estado morno, lutariam com todo o poder para preservar a mensagem que era o produto dessa condição. A tragédia é que eles tinham tanta certeza que estavam certos. Nem sequer puseram em dúvida a sua confiante convicção que compreendiam, amavam, e ensinavam a verdade. De facto, criam ser eles o único povo na Terra com a mensagem final para a raça humana a perecer.

Enquanto permanecessem nesse estado de engano próprio e continuassem a resistir à luz enviada do Céu, demonstravam que não tinham sido libertados desse triste estado no qual tinham mergulhado por volta de 1859. Se houver ainda alguma dúvida acerca disso, o testemunho que se segue devia removê-las.

“Desde o tempo da reunião de Minneapolis tenho visto o estado da Igreja de Laodiceia como nunca antes. Tenho ouvido a repreensão de Deus falando àqueles que se sentem tão satisfeitos,

que não conhecem a sua destituição espiritual. Jesus fala a estes como falou à mulher de Samaria: 'Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é que te diz — Dá-me de beber, tu Lhe pedirias, e Ele te daria água viva.'

"Tal como os judeus, muitos têm fechado os seus olhos para não verem; mas há tão grande perigo agora, em fechar os olhos à luz, e em caminhar separados de Cristo, de nada sentindo falta, como havia quando Ele esteve sobre a Terra. Têm-me sido mostradas muitas coisas que tenho apresentado perante o nosso povo em solenidade e sinceridade, mas aqueles cujos corações têm sido endurecidos através da crítica, inveja, más conjecturas, não sabem que são pobres, e miseráveis, e cegos, e nus." *The Review and Herald*, 26 de Agosto de 1890.

Por causa da mensagem do terceiro anjo não ser encontrada nesse lugar, o adventismo laodicense não é o guardião da verdade presente. Portanto, os que desejassem encontrar a verdadeira mensagem para este tempo tinham que olhar para outro lado a fim de a encontrarem. Contudo, muitos de nós se têm levantado neste tipo de adventismo inquestionavelmente crendo ser a única opção. Não temos conhecido senão há relativamente pouco tempo que existe uma alternativa onde há vida, esperança, e salvação.

Isto acontece por causa da oposição à verdadeira mensagem em Minneapolis ter sido tão vigorosa que a viva verdade da justificação pela fé morreu completamente, dando ao adventismo laodicense única autoridade na igreja por muitas décadas.

Isso também explica porque a obra não foi finalizada depois de quase cento e cinquenta anos desde que William Miller começou a proclamar a última mensagem de advertência enviada por Deus. Os adventistas têm olhado com crescente confiança para aquilo *que eles* chamam de mensagem do terceiro anjo para finalizar a obra, mas não o têm feito e não dão sinais de o fazerem. O simples facto é que ela não pode cumprir este maravilhoso objectivo, porque não é o evangelho de Cristo e está portanto, destituída desse poder unicamente pelo qual os poderes das trevas podem ser vencidos.

Existem aqueles que dentro da igreja têm chegado à compreensão disto, enquanto outros se apegam tenazmente à convicção que, dado tempo suficiente, a mensagem será por fim defendida. Por conseguinte, resistem a quaisquer acusações de serem traidores de um sagrado depósito. Isto é lamentável, pois a sua lealdade é digna de uma causa melhor. Se pudessem ser levados a ver que são defensores de uma substituição da mensagem do terceiro anjo em vez da verdadeira, podiam ser ajudados a transferir a sua lealdade para onde ela correctamente pertence.

Por outro lado, muitos que têm chegado a ver que a mensagem como foi pregada durante o século passado nunca completará a obra têm-se voltado para uma solução ainda pior. Eles regressaram à mesma posição sobre a justificação pela fé defendida pelo mundo protestante e babilónico. Essa mensagem certamente também não pode finalizar a obra, pois é uma mensagem que edificará a imagem da besta em vez de a destruir. Os que advogam estes erros serão os mais acérrimos oponentes do povo de Deus no fim, aqueles com quem serão envolvidos em combate mortal.

Assim a igreja adventista de hoje está dividida entre duas facções maioritárias. De um lado estão os que se agarram teimosamente às leis e doutrinas em que foram ensinados a crer ser a mensagem de *Apocalipse* 14. No outro lado situam-se os que tomam a posição mais liberal do mundo evangélico. Ambos crêem que têm a verdade na justificação pela fé quando de facto nenhum deles a tem.

A seguir há um terceiro grupo no mundo adventista, os que têm sido expulsos do corpo denominacional. Eles compreendem que a mensagem como inicialmente enviada através de William Miller e seus associados e introduzida outra vez por Waggoner e Jones, é a mensagem

do terceiro anjo em verdade, e é a verdade que finalizará a obra. Enquanto as outras duas facções lutam pela supremacia na igreja, esta terceira classe está preocupada com a aprendizagem, vivendo, e ensinando a verdade como ela é em Jesus.

Isto é a contrapartida da situação em Israel dos dias de Cristo. Dentro da própria igreja havia duas partes poderosas, os fariseus e os saduceus. Das duas, a primeira era a mais ortodoxa e concordava com Cristo no que respeita a certas doutrinas essenciais, predominante entre elas estava a sua crença na ressurreição. Por outro lado, os saduceus negavam que os mortos podiam jamais ser ressuscitados. Por seu lado, Cristo não tinha comunhão com qualquer destes grupos, porém, enquanto eles lutavam pela supremacia entre si, saía Ele activamente para ensinar a genuína verdade.

Por fim, os fariseus e os saduceus uniram-se na sua oposição a Cristo e juntamente O crucificaram. Assim será de novo. Os vários grupos serão integrados numa confederada união mundial pela qual Satanás procura destruir o povo de Deus. Tal como os fariseus e saduceus do passado, puseram de lado as suas diferenças e uniram-se em certos pontos que defendiam em comum. Entretanto, o verdadeiro povo de Deus não se encontrará entre eles, tal como Cristo e os Seus discípulos eram uma entidade separada.

À luz destes factos é fácil compreender o testemunho citado anteriormente neste capítulo.

“Separe o sábado das mensagens e ele perde sua força, mas quando conectado à mensagem do terceiro anjo, um poder o acompanha para convencer os incrédulos e infiéis, e apresentá-los com vigor para permanecerem, viverem, crescerem e florescerem no Senhor.” *Testimonies* 1:337.

Quando há mais de cem anos, o povo do advento perdeu o evangelho e por isso a mensagem do terceiro anjo, também perdeu o sábado, se bem que isto não fosse visível para eles. Por continuarem a defender o sétimo dia como o dia correcto de adoração, deu-lhes a impressão que ainda detinham esta abençoada verdade, todavia, isto era apenas um engano. Por terem perdido a mensagem do terceiro anjo, separaram o sábado do evangelho, e tinham portanto, perdido o seu poder. Esta instituição como *eles agora possuíam*, era um pouco melhor do que um fardo sem vida que impunham a si mesmos e a outros como uma exigência legalmente argumentada. Por isso, em vez de ser um poderoso agente conquistador de almas, tornou-se um impedimento para o evangelista que temia o dia em que devia apresentá-lo ao inquiridor interessado, pois ele sabia que isso produziria uma severa redução no número daqueles que continuariam a estudar a fé do advento.

Eu claramente recorro como há alguns anos, quando assistia a campanhas evangélicas adventistas, o pregador era cuidadoso em esconder o facto de ser um adventista e guardava a questão do sábado fora da vista enquanto pudesse. Ao chegar a noite fatal em que devia por fim apresentar este tópico, sabia perfeitamente que a reunião seguinte teria uma assistência muito reduzida. Assim se provou ser sempre.

Isto não devia acontecer, porque, quando ligado ao evangelho, o sábado tem um poder que o acompanha que convencerá e converterá o descrente e o infiel, e os manterá firmes, para viverem, crescerem, e florescerem no Senhor.

O sábado deverá ainda ocupar o seu lugar correcto na obra de Deus. Quando assim for, ele será algo que surpreende, um transformador agente nas vidas daqueles que o recebem e vivem, um terror para os que resistem ao seu poder atractivo. Ele provará ser, não um obstáculo para as testemunhas de Deus, mas um poderoso agente conquistador de almas nas suas mãos. Em vez de o esconderem tanto quanto podem, apresentá-lo-ão claramente na sua beleza e poder como testemunho do amor e sabedoria de Deus.

Especialmente durante o tempo dos maiores prodígios de Deus — o período do derramamento da chuva serôdia — o sábado brilhará em toda a sua glória. Será inacreditavelmente eficaz nas mãos dos escolhidos de Deus no chamamento do remanescente final para sair de Babilônia, a Grande.

“E ao início do tempo de angústia fomos cheios do Espírito Santo ao sairmos para proclamar o sábado mais amplamente. Isto enfureceu as igrejas e os adventistas nominais, pois não podiam refutar a verdade do sábado.” *Primeiros Escritos*, 33.

Esta proclamação do sábado ilustrada aqui não representará meramente grandes audiências ou amplo acesso geográfico para os mensageiros. Mostra uma apresentação mais profunda e mais eficaz desta viva verdade do que jamais se viu antes pela humanidade. Tão brilhante e inquestionável será esta luz, que não haverá um lugar na face da Terra onde ele não brilhará apesar do desesperado esforço do inimigo para impedir isto. À medida que as nuvens de densas trevas são afastadas, a causa de Deus finalmente triunfará, o verdadeiro carácter de Babilônia será exposto, e o reino do pecado será finalizado.

Já os raios dessa gloriosa manhã estão iluminando as vidas daqueles que, afastando-se do adventismo laodicense como os supostos depositários da mensagem do terceiro anjo, têm procurado e encontrado a verdade presente através dos demais apontados por Deus. Em número crescente à volta do mundo, crentes estão vendo as maravilhosas bênçãos de Deus dadoras de vida no sábado e rejubilam nas mais ricas experiências que são deles em consequência. Experimentaram a libertação do legalismo e da sua estropiada, restritiva servidão e começaram a ver o sábado como Deus pretendeu que fosse visto. Neste desenvolvimento está a certeza que a bastante — demorada vinda de Cristo rapidamente sucederá enfim.

É à revelação do sábado como Deus pretendeu que ele fosse visto e experimentado que este livro é dedicado. É produzido com a confiança que todos aqueles que venham a ver e a apreciar o sábado nesta luz entrem numa experiência que nunca pensaram possível. É também enviado o apelo, que ninguém permita que o justificado preconceito contra o sábado, *como os homens o têm apresentado*, feche a mente contra ele *tal como Deus o deu*.

## Deus — A Fonte

**P**aulo foi um apóstolo com uma invulgarmente ampla e profunda compreensão das coisas celestiais. Mistérios ocultos para outras mentes eram claros para ele. Consequentemente foi um mestre da verdade muito eficaz e bem-sucedido, e um maravilhoso conquistador de almas. A sua influência não terminou com a sua morte, pois os seus escritos continuarão a viver como gloriosas iluminações para inspirar, elevar, e salvar, homens e mulheres até ao fim do tempo. Fosse qual fosse o assunto do qual escrevesse ou ensinasse, derramava uma luz que abria a glória e poder existente nessa verdade, dando assim uma verdadeira antecipação da experiência celestial quando, liberto das limitações da humanidade pecaminosa, o remido explorará os mais profundos mistérios do universo.

É em *Hebreus 4*, que o profundo discernimento de Paulo acerca do verdadeiro significado do sábado é revelado à mente espiritualmente receptiva. Ali, a verdadeira natureza do sábado é tão desenvolvida, que não só o estudante é iniciado no que a observância do sábado realmente é, como também lhe é mostrado o seu papel vital na conclusão do grande conflito e as razões para a sua tão demorada finalização. Estes correctos pontos de vista acerca do sábado levarão o verdadeiramente consagrado a abandonar totalmente as suas próprias obras em preferência dos caminhos e procedimentos de Deus. Quando Deus tiver um povo que está inabalavelmente dedicado a estes princípios, será capaz de levar a obra a uma conclusão muito rápida. Doutro modo, a triste luta será prolongada até a lição ser aprendida e aplicada.

Foi com a mais profunda preocupação pelo futuro da igreja que Paulo escreveu as instruções e apelos contidos nos primeiros quatro capítulos de *Hebreus*. Ele tinha perfeito conhecimento do perigo que ameaçava o povo de Deus e sabia que ele podia ser protegido disso apenas se abandonasse os procedimentos que tinham arruinado a igreja tantas vezes antes e aceitasse em substituição os caminhos de Deus. Ele sabia que não era natural para os crentes fazer isto e por isso coroou o seu apelo com estas palavras: “Procuremos pois entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência.” *Hebreus 4:11*.

A total importância deste apelo não pode ser compreendida a menos que as instruções e argumentos de Paulo iniciados nos primeiros capítulos e continuado até ao quarto, sejam profundamente compreendidos. Paulo tem um estilo distinto em que estabelece princípios básicos e depois tira conclusões deles; as conclusões são apresentadas com as palavras “portanto”, ou “por isso”. O emprego de uma destas palavras indica ao estudante que ele deve referir-se àquilo que precede a palavra a fim de compreender o que lhe segue. Os capítulos 4, 3

e 2, começam com uma ou outra destas palavras, pelo que sabemos que o contexto de cada capítulo subsequente não pode ser verdadeiramente compreendido se não for estudado aquele que o antecede. Consequentemente, a linha de argumento começa atrás no capítulo 1, e continua numa ordenada e poderosa progressão até ao capítulo 4.

Qual é então a mensagem destes sucessivos capítulos?

Os primeiros dois capítulos debatem as posições relativas entre Deus o Pai, Cristo o Salvador, e as criaturas — anjos e homens. Deus é a *Fonte* ilimitada de todas as coisas, Cristo é a *Ligação* ou *Mensageiro* através de quem todas as bênçãos e raio de luz fluem, enquanto os anjos e os homens são *receptores*. Estas verdades são tão básicas, inalteráveis, e vitais, que não podem ser desrespeitadas sem impunidade. Sobre o reconhecimento, compreensão, e aceitação deles depende o bem-estar de todo o indivíduo, a garantia da sua prosperidade e sucesso, e o triunfo final da causa de Deus contra o pecado. Ninguém pode ser um verdadeiro observador do sábado a menos que conheça estas grandes verdades e opere em harmonia com elas.

Os primeiros dois capítulos descrevem a natureza e posição de Cristo. O primeiro capítulo trata da Sua relação com Deus, e o segundo da Sua relação com o homem. Há uma boa razão para isto. Desde o princípio, a grande controvérsia tem-se centrado à volta do papel de Cristo como a ligação viva entre a Fonte e o receptor. Portanto, Paulo achou ser necessário descrever com assinalado detalhe, a singular posição e obra de Cristo na perfeita e eterna organização de Deus. Muitos a quem os escritos de Paulo foram directamente dirigidos, tinham realmente visto Cristo como homem, tinha-n'Os ouvido ensinar, e tinham testemunhado os Seus maravilhosos milagres, todavia, conquanto não tivessem dificuldade em reconhecer Cristo como um homem extraordinário, falharam em perceber ao mesmo tempo, que Ele também era o Criador. Esta é uma falha comum na humanidade. Consequentemente, para o povo do seu tempo e sucessivas gerações, Paulo achou necessário explicar a unidade e igualdade de Cristo com o Eterno e Altíssimo Pai.<sup>1</sup>

Paulo começa por estabelecer um ponto de referência em relação ao qual todos os outros valores podem ser comparados. Ele dirige as nossas mentes para o Supremo Soberano, Deus o Pai.

“E havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho,

“A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.” *Hebreus 1:1, 2.*

Quando o Seu nome é reverentemente mencionado, o poder e majestade de Deus, se bem que para além da compreensão humana, é suficientemente bem conhecido do homem para gerar nele empolgantes respostas de temor e adoração, desde que a pessoa não esteja endurecida na sua rejeição da luz e da verdade. Virá o tempo em que mesmo os pecadores entregues ao pecado tremerão na Sua presença. Geralmente, o Altíssimo é reconhecido, pelo menos verbalmente, como sendo o monarca absoluto em todo o universo infinito; o Deus que fez todas as coisas; o Deus que, através de Cristo, sustenta todo o movimento e fonte de vida em existência, e em cujas mãos o nosso destino está preso.

Juntamente com o Espírito Santo e Seu Filho, Cristo Jesus, Ele permanece incomparável, sem igual, eternamente pré-existente e existente por Si mesmo, infinito em amor, sabedoria, misericórdia, e justiça. Eles são a suma e a fonte de toda a justiça, virtude, e imortalidade. Luz radiante, vida, e amor fluem sem cessar e abundantemente d'Eles numa corrente omnidireccional que alcança cada criatura viva em existência para as enriquecer e sustentar eternamente, ou por tanto tempo quanto recebam essa bênção vinda da toda-suficiente Fonte.

---

<sup>1</sup> Para estudo posterior *O Caminho Consagrado para a Perfeição Cristã*, por A. Jones, e *Destino de um Moviment*, por F.T. Wright.

Não é só como o supremo Governador que Paulo apresenta Deus, mas também como a Fonte de toda a luz que tem alcançado ou jamais alcançará o homem no tempo do Antigo ou do Novo Testamento. Enquanto na anterior dispensação Ele falou através de grandes profetas, no tempo então presente, comunicou com os homens através do Seu Filho, Cristo Jesus. Paulo não está a declarar que Cristo não tinha parte a desempenhar na comunicação entre Deus e o homem antes de vir à Terra, porque Paulo certamente compreendeu que Cristo era o Mensageiro do concerto na era do Antigo Testamento. Mas durante esse período, Ele raramente havia sido o *último* elo entre Deus e o homem. Algumas, das poucas ocasiões em que isso aconteceu, foi na Sua aparição e comunicação com Abraão precisamente antes da destruição de Sodoma, na Sua luta corpo a corpo com Jacó, na entrega das instruções para a conquista de Jericó a Josué, no anúncio aos pais de Sansão o seu iminente nascimento e subsequente obra e na Sua entrega pessoal da missão a Gideão.

No Antigo Testamento, era normalmente um profeta que fazia a ligação final com os crentes, mas não foi assim quando Cristo jornadaeu como homem entre os homens. Nessa altura Ele era o imediato contacto e comunicação com o povo, sem a necessidade de um profeta permanecer no meio. Porém, se bem que muitos O ouvissem com satisfação, eram lentos em perceber quem Ele realmente era.

No tempo de Paulo, em que Cristo tinha uma vez mais partido para o Seu Pai, o apóstolo procurou abrir todas as mentes para verem a plenitude da igualdade eterna de Cristo com o eterno Pai de modo que podiam saber que Ele não foi meramente uma pessoa extraordinária que caminhou entre eles, mas que era *Deus* na carne; Ele que havia sido "... constituído herdeiro de todas as coisas, por quem [Deus] fez também o mundo.

"O qual, sendo o resplendor da Sua glória, e a expressa imagem da Sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder, havendo feito por Si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à dextra da majestade nas alturas." *Hebreus* 1:2, 3.

Para confirmar e estabelecer mais que Cristo a quem tinham conhecido, visto, e ouvido, não era meramente um importante ser humano, Paulo compara-O como Deus, com os anjos que eram apenas criaturas. Deus é o Criador através de Cristo e portanto é a Fonte, enquanto os anjos, que resultaram da Sua obra criadora, não podiam ser mais do que recebedores. Isto colocou Cristo tão elevado acima dos anjos, como Deus está — um estado que com certeza não era visto prontamente pelos cristãos dos dias de Paulo, pois eles naturalmente tinham a tendência para avaliar Cristo pelo que tinham visto d'Ele em comparação com o conhecimento que possuíam do poder e glória dos mensageiros celestiais.

Foi por herança que Ele obteve este nome mais excelente do que os anjos. Mesmo quando Ele era um bebé em Belém, foi dito aos anjos que O adorassem. É um princípio encontrado no reino de Deus que as criaturas nunca adorem criaturas, porque isto é reservado apenas à Divindade. Quando João estava prestes a adorar o exaltado e belo anjo que lhe trouxe a mensagem relatada por si em *Apocalipse*, o anjo rapidamente lhe frustrou a intenção com estas palavras:

"Olha não faças tal; sou teu conservo, e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus; *adora a Deus*, porque o testemunho de Jesus é o Espírito de Profecia." *Apocalipse* 19:10.

Portanto, o facto de Deus dizer "... e todos os anjos O adorem", *Hebreus* 1:6, é prova clara que Ele reconheceu que Cristo não é uma criatura, nem anjo nem homem, mas que é Deus na criatura. O Seu trono é para todo o sempre, Ele ama a justiça e odeia a iniquidade, e enquanto os outros perecem, Ele subsiste eternamente.

"Assim, no primeiro capítulo de *Hebreus*, Cristo está revelado como superior aos anjos, como Deus, e *tanto mais* elevado do que os anjos como é o próprio Deus, porque Ele é Deus.

"No primeiro capítulo de *Hebreus* Cristo é revelado como Deus, do *nome* de Deus, porque Ele é da natureza de Deus. E tão inteiramente é a Sua própria imagem *da substância* de Deus.

"Isto é Cristo o Salvador, Espírito do Espírito, substância da substância, de Deus.



“E é essencial reconhecer isto no primeiro capítulo de *Hebreus*, a fim de compreender qual é a Sua natureza como homem revelada no segundo capítulo de *Hebreus*.” A.T. Jones, *The Consecrated Way to Christian Perfection*, 16. Ênfase original.

“Mas para conhecer a medida da Sua condescendência e qual é o verdadeiro significado do Seu lugar na carne como Filho do homem e homem, é necessário saber qual foi a primeira medida da Sua exaltação como Filho de Deus e Deus: e este é o assunto do primeiro capítulo.

“A condescendência de Cristo, a posição de Cristo, e a natureza de Cristo como Ele era na carne no mundo, são dados no segundo capítulo de *Hebreus* muito mais completamente do que em qualquer outro lugar nas Escrituras. Mas isto está no *segundo* capítulo. O primeiro capítulo precede-o. Portanto, a verdade e o pensamento apresentado no primeiro capítulo são fundamentalmente antecedentes ao segundo capítulo. O primeiro capítulo deve ser completamente compreendido a fim de se ser capaz de seguir o pensamento e compreender a verdade do segundo capítulo.

“No primeiro capítulo de *Hebreus*, a exaltação, a posição, e a natureza de Cristo como Ele era no Céu antes de vir ao mundo está mais claramente mostrada do que em qualquer outra porção isolada das Escrituras. Portanto, é certo que uma compreensão da posição e natureza de Cristo como Ele era no Céu é essencial a uma apropriada compreensão da Sua posição e natureza como Ele era na Terra. E uma vez que Lhe convinha ser o que foi nesta Terra, a fim de poder ser um misericordioso e fiel Sumo-sacerdote, é essencial saber o que Ele era no Céu; pois é essencialmente precedente ao que Ele era na Terra, e é portanto uma parte essencial da evidência que está resumida nesta expressão, ‘um *tal* Sumo-sacerdote.’” *The Consecrated Way to Christian Perfection*, 11, 12.

Para que Cristo ocupasse o Seu lugar sem igual na divina ordem, era necessário que Ele fosse tanto Deus como homem. Se em qualquer grau Ele falhasse, não importa quão levemente, em possuir a completa identificação e igualdade com o Pai por um lado, ou com o homem por outro, nesse grau Ele falharia em ser a Ligação entre a Fonte e os recebedores. Fosse o Universo privado de uma ligação eficaz, a continuidade da sua existência seria inteiramente impossível.

Uma simples ilustração é dada nos papéis desempenhados por uma central eléctrica geradora e os cabos que ligam a fonte da energia e o consumidor. Fossem aquelas linhas encurtadas, mesmo por alguns milímetros, de alcançar a casa do consumidor, seria impossível a luz e energia operarem naquela casa. Uma adequada e completa ligação é essencial para a bem sucedida transferência de vida da fonte para o recebedor.

Assim é no domínio espiritual. Felizmente, Cristo é uma ligação de tal perfeição que Ele realmente liga a distância total entre a infinita Fonte no nível mais elevado e o recebedor no nível mais baixo.

É do mesmo modo uma causa para a mais profunda gratidão e louvor Deus ser uma Fonte mais do que adequada, capaz de suportar a incomensurável responsabilidade de sustentar todo o Universo momento a momento. Todas as coisas necessitam que esta fantástica operação venha de Deus apenas, porque não há outra Fonte.

Deus não reservou propositadamente esta posição para Si mesmo. Ele não tem escolha senão ocupá-la, porque não há outro ser além da Divindade que possa mesmo começar a fazê-lo. Tem que ser Ele e mais ninguém.

Portanto, não é uma questão de guardar a posição com um cuidado invejoso, porque ela não pode ser tomada d’Ele e nunca será. O pior que os homens podem fazer é obrigar à Sua retirada de uma dada área através da insistência para serem eles a gerirem os seus próprios assuntos. Quando o fazem, trazem desastrosas consequências sobre si mesmos. O sofrimento e perda resultantes não são obra de Deus, mas o inevitável resultado da remoção do divino sustentáculo do sistema.

A posição de Deus como Fonte exclui a possibilidade de Ele ter um começo para Si mesmo. Se Jeová tivesse princípio, então Ele devia ter uma fonte da qual obtivesse o Seu começo, porque é impossível que algo apareça do nada. Se houvesse uma fonte de onde Deus obtivesse a Sua existência, então esse ser seria o início e o sustentador de todas as coisas incluindo Deus.

A mente humana acostumada a ver a presença de um início em todas as coisas que conhece, não pode compreender como podia Deus ser pré-existente, mas a lógica exige que Ele o seja. Se é argumentado que Deus tem um começo, então Ele tinha de ter quem Lhe desse início. Isso satisfaria a mente sobre a origem de Deus mas imediatamente duplicaria o problema, acerca de como teria então começado a existir o iniciador de Deus? Teria que ser admitido que ele não tinha começo ou que também necessitava de um iniciador. Portanto, não importa quão atrás este processo fosse levado, teria que chegar uma altura em que por fim tinha que existir um ser original, sem começo que é a fonte da vida de todos os outros. Mas não há necessidade de ir mais atrás do que a presente Divindade. Aqui está a Fonte da vida para todos.

O evolucionista tem a inclinação para zombar do cristão que, pela fé, aceita estes grandes factos mesmo apesar de estarem para além do seu entendimento. Mas as teorias evolucionistas são baseadas em afirmações para as quais não há prova e portanto pedem mais fé do que aquela que o cristão tem, embora essa fé seja muito menos inteligente e mais complicada. Considerai os argumentos propostos por estes homens eruditos. Eles traçam o desenvolvimento dos mais complexos sistemas de vida desde o homem para trás através dos antropóides até formas de vida mais inferiores, até que encontram o início no protoplasma sem forma à deriva pelo espaço. As suas crenças requerem que nesse material sem forma havia energia e era programado de tal fantástica capacidade que podia construir o Universo a partir de si mesmo e povoá-lo com inteligências altamente desenvolvidas.

É uma teoria agradável, mas quando confrontados com duas questões, os evolucionistas ficam completamente sem resposta.

A primeira questão é, Quem começou o protoplasma?

Eles não podem responder a isto porque, mesmo apesar de não o admitirem, a sua teoria requer um princípio como a verdadeira posição defendida pelo cristão.

A segunda questão é uma variante da primeira. Quem construiu dentro do protoplasma as maravilhosas ordens que o levou ao desenvolvimento deste material em bruto até essas intrincadas, poderosas, e diversificadas formas de vida?

Para estas perguntas eles não têm resposta, nem alguma vez a podem ter, porque a sua religião, sendo destituída de Fonte, não pode fornecer explicação satisfatória para a verdadeira origem. Além disso, toda a teoria evolucionista é desprovida de base, pois é um facto que o protoplasma na sua forma simples não tem em si mesmo a programada capacidade para superiormente organizar o desenvolvimento de vários e complexos sistemas de vida. Somente uma fé cega, irracional, podia aceitar tal mentira.

A capacidade de Deus como Fonte é infinita. Naquelas poucas palavras está expressa a verdade que nenhuma mente humana pode sequer começar a alcançar. Ser infinito é não ter limites no mais verdadeiro sentido dessa palavra. É impossível sugerir uma simples coisa que o poder de Deus não pudesse realizar nem a Sua inteligência conceber.

Para obter um leve conceito disto, considerai algumas das Suas realizações. Quando Deus fez os mundos, "Falou, e tudo se fez, mandou, e logo tudo apareceu." *Salmo 33:9*.

Enquanto Deus não tem começo, todos os planetas, sóis, e luas têm um início. Onde há agora um universo cheio destes corpos celestes, houve uma vez apenas um vasto, ilimitado vazio ou vácuo. Essa condição de coisas está há tanto tempo no passado na eternidade que os algarismos, se os conhecêssemos, estariam para além de computação e compreensão humana.



Quando Deus começou a Sua obra criadora, enfrentou um completo vazio e total inexistência aparte de Si mesmo e de dois outros membros da Divindade. Nesse cenário, Ele apenas falou, e mundos e sistemas solares apareceram. Sistema atrás de sistema até que o Universo foi dotado de miríades de mundos criados e sóis e luas.

“Usando o mais poderoso telescópio do mundo — o telescópio reflector do Monte Palomar com 200 polegadas (5 metros) de abertura — é possível hoje estimar em centenas de bilhões o número de galáxias no Universo. Muitos bilhões mais podem estender-se para além dos limites de observação deste telescópio. Cada uma destas galáxias contém miríades de estrelas, variando de dezenas de milhar até quantidades de 100 bilhões na Via Láctea.” *The World of Science* 9:52.<sup>2</sup>

Um bilhão, segundo o sistema numérico americano, são mil milhões 1.000.000.000. Quando as galáxias podem ser numeradas em centenas de milhões somente até onde a observação do homem pode chegar e cada uma destas por sua vez pode conter acima de 100 milhões ou mais de estrelas, então o número de estrelas no Universo pode moderadamente ser estimado em 100 bilhões vezes 100 bilhões de estrelas. Isto seria um número de dez mil quintilhões ou 10.000.000.000.000.000.000.000 estrelas. As galáxias mais afastadas que o homem pode observar através dos seus mais poderosos instrumentos, são calculadas em vários bilhões de anos-luz distantes da Terra. Um ano luz é a distância percorrida pela luz no espaço de um ano à sua velocidade aproximada de 300.000 quilômetros por segundo (186.000 milhas por segundo). Um ano luz portanto é equivalente a  $9.4673 \times 10^{12}$  quilômetros ( $5.8697 \times 10^{12}$  milhas). Escrito na totalidade, esta distância é 9.467.300.000.000 quilômetros (5.869.700.000.000 milhas). Mas isso é só um ano-luz. Para computar as distâncias das galáxias conhecidas mais distantes requer-se a multiplicação disso por vários bilhões. Se multiplicado apenas por um bilhão o número seria  $9.4673 \times 10^{21}$  ou 9.467.300.000.000.000.000.000 quilômetros (5.869.700.000.000.000.000 milhas). Não admira que o homem fale de números *astronômicos*.

Para além da distância, o Universo estende-se infinitamente, de modo que aquilo que o homem pode ver é apenas uma pequena proporção do todo. Contudo, o que pode ser visto é verdadeiramente espantoso e fornece algum conceito das capacidades de Deus. Ele falou e tudo se fez pela energia que emanava de Si mesmo, porque não havia outro lugar de onde ela viesse, e contudo, depois disto, Ele não está diminuído no mínimo. Que grandioso Deus é o nosso Deus!

Quanto mais se estudam as maravilhas do Universo, maior se tornará o nosso conceito da capacidade da nossa maravilhosa Fonte. O corpo celestial que melhor conhecemos, é o planeta em que vivemos. Ele parece-nos uma grande peça da questão, mas é na verdade um corpo muito pequeno no espaço. O sol que é o centro do nosso sistema solar é consideravelmente grande, tendo um diâmetro de 1.391.986 quilômetros (864.964 milhas). Ele pesa  $2,19 \times 10^{27}$  ou 2.190.000.000.000.000.000.000.000 toneladas e é 333.400 vezes a massa da Terra.

Mas Betelguese e Antares, as estrelas super-gigantes, são de longe maiores do que isto. Antares tem um diâmetro de 560 vezes o do sol, mas Betelguese é ainda maior, variando de 600 a 900 diâmetros. Isto significa que o diâmetro desta formidável estrela na sua medida máxima é 1.252.787.900 quilômetros (778.467.600 milhas). Portanto o raio é 626.393.950 quilômetros (389.233.800 milhas). O nosso sol está a 149.664.900 quilômetros (93.000.000 milhas) da Terra, assim se Betelguese estivesse posicionada exactamente onde o sol está agora, esta Terra seria sepultada 476.729.050 quilômetros (296.233.800 milhas) debaixo da sua superfície. Que massa de matéria essa estrela é. O nosso Deus é tal que falou e ela apareceu.

Para pensar na capacidade criadora de Deus doutra forma, considerai a obra do chamamento das árvores. Isto foi realizado no terceiro dia da criação. Quando esse dia começou, nem mesmo uma haste de relva cobria a despida e vazia Terra. Uma árvore é uma complexa estrutura

<sup>2</sup> Desde que esta publicação foi produzida em 1971, maiores telescópios foram construídos e ainda maiores estão planeados. Com cada aumento na medida, mais profundas incursões no espaço são possíveis.

composta de milhões de diferentes espécies de células — células da madeira, células da casca, células das folhas, etc. Deus não se sentou e tediosamente construiu a árvore célula por célula, adicionando mais uma à que estava acabada. O desenho completo foi feito na Sua mente onde Ele viu cada célula no seu lugar devido. Quando falou, esse desenho foi transformado em perfeita, completa, e visível existência. Num momento não havia árvores; no momento seguinte havia um mundo cheio delas. Nenhum erro foi cometido; nenhuma deformidade de qualquer espécie apareceu para manchar a perfeição da obra criada pela mão de Deus. Isso foi uma realização incrível — de longe para além do poder de qualquer outro ser.

Deus continuamente opera do Seu espantoso centro de controlo no Céu com um alcance que atravessa biliões de anos-luz, simultaneamente controlando, dando energia, sustentando, e guiando cada um daqueles triliões de planetas, sóis, luas, e outros corpos. Quem quer que contemple os céus e veja exactamente um pouco da extensão e complexidade do Universo, desenvolverá alguma apreciação daquilo que tudo isto significa. Contudo, Deus não tem imposto sobre Si mesmo uma tarefa maçadora. Tão infinito e estupendos são os Seus poderes que para Ele é leve e fácil.

Tal é a ilimitada capacidade de Deus, a Fonte.

Este é o maravilhoso Ser que se oferece como nosso Planeador, Portador de cargas e Solucionador de problemas. Que colossal degradação e correspondente exaltação-própria no homem é necessária para levar o último a pensar que é melhor planeador, portador de cargas, e solucionador de problemas do que um Deus como este! Somente onde existe a mais obscura ignorância acerca de Deus, pode tal imprudência e loucura ser praticada. Que o homem contemple as maravilhas que Deus tem reunido tanto neste mundo como por todo o Universo, e logo compreenderá quão insignificante ele é quando comparado com a Fonte. Ele terá receio de confiar nos seus próprios planos, pois reconhecerá que não está nele dirigir os seus próprios caminhos ou planejar a sua vida. Há apenas um, a Fonte infinita, que pode fazer isto por ele. Quando uma pessoa chega ao lugar onde não faz planos, mas deixa esta obra nas mãos de Deus onde ela correctamente pertence, conhecerá apenas vitória e sucesso na sua vida.

Cristo demonstrou esta verdade. A Sua vida foi uma vida em que não houve planeamento humano, pois Ele deixou tudo isso a Deus, Seu Pai e Planeador.

“Tão plenamente vazio do próprio eu era Jesus, que não elaborava planos para Si mesmo. Aceitava os que Deus fazia a Seu respeito, e o Pai os desdobrava dia a dia. Assim devemos nós confiar em Deus, para que nossa vida seja uma simples operação de Sua vontade.” *O Desejado de Todas as Nações*, 187.

Contudo, apesar da verdade apresentada diariamente pelas maravilhas do Universo criado demonstrar que Deus, a Fonte, é um Planeador perfeitamente competente em contraste com a incompetência dos seres humanos; apesar do facto de Jesus ter proporcionado um perfeito exemplo de submissão aos planos de Deus; e apesar das demonstrações dadas repetidamente nas Escrituras mostrando que todas as vezes que os homens deixaram Deus ser o Planeador, o empreendimento foi um sucesso total, ao passo que quando eles tomaram sobre si este papel, foi um miserável fracasso; é quase impossível encontrar uma única vida na história à parte da vida de Cristo que consistentemente deixou Deus dirigir todos os seus caminhos.

Houve *tempos* em que os homens o fizeram, mas, também muitas vezes, em face do planeamento vitorioso de Deus para si, recuaram para os seus próprios esquemas com os seus consequentes resultados desastrosos. Portanto, no melhor, as vidas dos maiores homens têm sido uma mistura dos planos de Deus com os dos homens, com o contínuo desvio do primeiro em favor dos últimos. É a incrível tendência que tem manchado tantas vidas e trouxe ruína aos



movimentos que começaram tão prometedoramente. O pior é que, pela substituição da Fonte pela humanidade, a rejeição e, portanto, separação da verdadeira Fonte tem sido o resultado certo. O único resultado possível disso é a morte.

Se ao menos os homens pudessem ser ensinados correctamente e a partir daí nunca esquecerem a necessidade de estabelecer e manter uma correcta relação com a Fonte infinita, os seus problemas acabariam e a sua vida eterna estaria assegurada. Deus nunca imporá os Seus dons a alguém. Mesmo apesar d'Ele saber melhor do que nós alguma vez venhamos a saber que é impossível à humanidade sobreviver se essa ligação estiver completamente cortada, Ele nunca obrigará alguém a receber vida d'Ele. É a responsabilidade *individual* aprender estes princípios. Para que isso seja possível, Deus fez toda a provisão pela qual os Seus filhos podem ser perfeitamente treinados. Portanto, se estes princípios não forem aprendidos e praticados, a falta reside inteiramente nos seres humanos, nunca em Deus.

Ligação com a Fonte é vida; separação é morte. Os homens, ao escolherem separar-se a si mesmos da Fonte, são por isso os seus próprios destruidores. A maioria falha em ver isto. O ensinamento comum é que Deus, pessoalmente ofendido pela transgressão do homem, solta a Sua ira sobre a desprotegida humanidade e por isso efectua a sua destruição.

Outros chegam um pouco mais perto da realidade salientando que a violação da lei é o destruidor. Há uma considerável verdade nisto, pois sempre que a lei é transgredida o transgressor está a roubar a si mesmo uma porção da sua vida. Quanto mais ele continua nesta direcção, mais rapidamente envelhece e mais cedo morre. Estes factos levam alguns a concluir erradamente que se a transgressão da lei tira a vida, então a sua observância dará a vida de volta. Consequentemente dedicam as suas vidas e todos os seus recursos para ensinarem ao povo que a solução para todos os *problemas* se encontra na observância da lei. Esta doutrina é a base das operações naturopáticas. Estes curadores esperam que um “remédio natural” dê a cura para a doença com que estão confrontados. O melhor que podem fazer é aliviar o corpo das forças mortais que operam no interior e preservar a vida que ainda resta. Eles nunca podem fazer regressar a vida que foi perdida. Quando alguns órgãos do corpo não mais funcionam por causa das suas capacidades terem sido destruídas pelo viver impróprio, é inútil procurar a lei como resposta, porque a lei não é um dador de vida. Só Deus pode ocupar essa posição. Ele, não a lei, é a Fonte.

O apóstolo Paulo declarou esta verdade muito claramente:

“Logo a lei é contra as promessas de Deus? De nenhuma sorte, porque, se dada fosse uma lei que pudesse vivificar, a justiça, na verdade, teria sido pela lei.” *Gálatas* 3:21.

Os que olham para a lei como a fonte da vida, defendem uma posição extrema que deve ser rejeitada. O repúdio de um extremo geralmente leva à aceitação do oposto que, neste caso, é pôr completamente de lado a lei. Esta acção não pode ser justificada, porque, embora não mais se conceda à lei o lugar de dador de vida, ela ainda tem um lugar essencial como preservador da vida.

A verdadeira ilustração equilibrada é que a ligação com a infinita Fonte *dá* vida; a obediência aos estatutos divinos *preserva*; e a desobediência *destrói*.

A conclusão final é que a separação da Fonte é a única causa da morte. Isto é provado pelo facto que se o pecador pudesse transgredir a lei e ao mesmo tempo mantivesse uma viva ligação

#### **ILUSTRAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR:**

*Mesmo as mais gloriosas cenas na natureza podem revelar apenas tenuemente o infinito poder de Deus como a Altíssima Fonte de toda a vida. Quanto mais o iluminado cristão contemplar a imensidade e a complexidade do Universo por um lado, e os delicados e perfeitos pormenores da coisa mais pequena criada por outro, mais ele é levado a maravilhar-se perante a ilimitada sabedoria, poder, e capacidade do Deus que serve. Ele compreende quão pequeno é em comparação e quão dependente de Deus precisa ser.*

com a Fonte, ele viveria para sempre — como um pecador imortal. Deus estava muito preocupado por causa dessa eventualidade quando Adão e Eva pecaram no Éden.

“Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente;

“O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado.” *Gênesis 3:22, 23.*

“Houvesse ao homem sido permitido franco acesso à árvore da vida, após a sua queda, e teria ele vivido para sempre, sendo assim imortalizado o pecado. Querubins e uma espada chamejante, porém, guardavam ‘o caminho da árvore da vida’ *Gênesis 3:24*, e a nenhum membro da família de Adão foi permitido passar aquela barreira e participar do fruto doador da vida. Não há, portanto, pecador algum imortal.” *O Grande Conflito, 533.*

Como é possível a uma pessoa transgredir a lei e mesmo assim viver para sempre, quando a transgressão do mandamento traz morte? Para isto há uma resposta muito simples que de nenhum modo diminui a verdade que a violação dos estatutos de Deus tem um efeito destruidor sobre o transgressor. Não importa quão intimamente ele esteja ligado ao Dador da vida, todo o pecado ainda exerce a sua exigência sobre as suas forças vitais, mas, se ele tivesse ilimitada liberdade de acesso à árvore da vida, teria aquelas perdas substituídas. Ele apenas teria que ter o cuidado de ir buscar estes reabastecimentos antes do seu pecado o destruir completamente. Assim poderia viver para sempre como um pecador imortal.

É assim que os do mundo gostariam que fosse. Isto conta para a popularidade daquelas pílulas e poções que, se tomadas, prometem liberdade total para comer e beber tudo o que se deseja no festim sem perigo de uma sensação desagradável que se segue à embriaguez. Por outras palavras, os homens desejam pecar sem impunidade, mas Deus não fez provisão para isto.

A restauração da vida foi a provisão que Ele fez para aqueles pecadores arrependidos que estão preparados para abandonar as suas práticas más. Muito da vida perdida pelo pecador pode ser recuperado mesmo agora através da ligação com a Fonte da vida e saúde. Um excelente exemplo disto é dado na história do homem que foi descido pelo tecto até junto dos pés de Jesus. A violação da lei tinha levado este homem até muito perto da morte. Quando ele veio a Jesus, “Não havia tempo a perder; já sua consumida carne começava a mostrar indícios de decomposição.” *O Desejado de Todas as Nações, 245.*

“Como o leproso, esse parálítico perdera toda a esperança de restabelecimento. Sua doença era resultado de uma vida pecaminosa, e seus sofrimentos amargurados pelo remorso. Por muito tempo apelara para os fariseus e os doutores, esperando alívio do sofrimento mental e físico. Mas eles friamente o declaravam incurável, abandonando-o à ira de Deus. Os fariseus consideravam a doença como testemunho do desagrado divino, e mantinham-se a distância do enfermo e do necessitado. Todavia, muitas vezes esses próprios que se exaltavam como santos, eram mais culpados que as vítimas que condenavam.” *O Desejado de Todas as Nações, 244, 245.*

Na vida deste homem, a transgressão tinha exigido uma terrível taxa até que, como uma directa consequência, ele estava literalmente no ponto de morte. Então ele entrou em contacto com o Dador da vida através de Jesus Cristo a Ligação. Uma corrente de vida vinda de Deus fluiu para dentro dele, restaurando aquilo que o pecado tinha tirado dele. Imediatamente se levantou da sua cama e saíu da sala com muito mais saúde do que aqueles que estavam à sua volta. Este belo exemplo da forma como a vida de Deus desfaz os efeitos do pecado naqueles que estão preparados para o abandonar, retrata aquilo que aconteceria todas as vezes que um pecador participasse da árvore da vida se pudesse comer.

Há necessidade de um novo ênfase no tratamento com o problema do pecado. Onde quer que a desobediência tenha sido notada como a primeira causa da doença e morte, a causa real é a separação da Fonte. Isto não significa que a violação da lei pode ser tratada com ligeireza, porque



toda a transgressão certamente trará o seu séquito de males. De facto, o efeito total da transgressão da lei é a separação da Fonte, não apenas por causa da aversão total de Deus ao pecado mas por causa daquilo que ele é.

E o que é o pecado?

Há muitas respostas válidas para esta pergunta. É a transgressão da lei, inimizade contra Deus, o reino da morte, etc. Uma definição raramente, se alguma vez, considerada é que ele é uma solução humanamente inventada para qualquer problema enfrentado pela pessoa. Isto torna-se muito óbvio quando as razões para a mentira, assassinio, roubo, adultério, transgressão do sábado, idolatria, etc., são considerados.

Porque é que um homem mata outro?

A vítima, com algumas excepções possíveis, torna-se um problema. De algum modo, ameaça, priva, ou frustra o assassino até ao ponto em que determina eliminá-lo completamente. Pela mesma razão, o povo mente e rouba. Não conhecem outro caminho para resolver os seus problemas.

O ponto verdadeiramente importante é que cada invenção de uma solução humana rejeita Deus como Solucionador dos problemas. Isto é colocar o homem no lugar de Deus, e, como tal, é um claro movimento para longe de Deus. Esta é a razão da impossibilidade do pecador manter a constante ligação com a Fonte que reabastecerá o que foi perdido por causa do pecado. A sua iniquidade corta directamente essa ligação, porque o pecado em todas as suas formas é uma rejeição do divino em troca do humano. Por isso, nunca poderá haver um pecador imortal.

Consequentemente, cada pessoa devia rezear aquilo que de qualquer maneira quebre a ligação entre si e a Fonte infinita. Devia inteligentemente procurar toda a oportunidade pela qual a mais clara e mais poderosa impressão da posição de Deus como a Fonte, Planeador, Portador de fardos e Solucionador de problemas seja renovada e fortalecida. Somente assim podem os filhos de Deus ser preservados duma terrível perda, miséria, e por fim morte que se levantará da presunção humana.

Como Fonte, Deus não pode ser substituído, nem pode Ele dar a Sua posição e responsabilidade a outro, porque não existe criatura alguma com capacidade para sustentar todo o Universo. Se o Altíssimo parasse a Sua obra toda a criatura viva deixaria de existir, pois a natureza não se sustém por si mesma. Por conseguinte, Deus não deixa a Sua posição por causa desse orgulho ambicioso que leva os homens a lutarem e a ligarem-se à dignidade real, mas por causa do Seu infinito amor para com os Seus filhos.

Uma cura certa para a disposição humana de deixar Deus como a Fonte é encontrada na contemplação assombrosa da magnitude das Suas responsabilidades. Ninguém pode meditar nas capacidades de Deus sem compreender a desamparada insuficiência do homem. Quanto maior Deus aparecer, mais insignificante é o ponto de vista do homem acerca de si mesmo em comparação e menos susceptível de se afastar da companhia divina.

“Deus está continuamente ocupado em manter e empregar como servos as coisas que criou. Opera por meio das leis da natureza, delas Se servindo como instrumentos Seus. Elas não agem por si mesmas. A natureza, em sua obra, testifica da presença inteligente e da actividade de um Ser que opera em tudo segundo a Sua vontade.

“ ‘Para sempre, ó Senhor,  
a Tua palavra permanece no Céu.  
A Tua fidelidade estende-se de geração em geração:  
Tu firmaste a Terra, e firme permanece.  
Conforme o que ordenaste, tudo se mantém até hoje;  
porque todas as coisas Te obedecem.’

“ ‘Tudo o que o Senhor quis, Ele o fez,  
 Nos Céus, na Terra, nos mares e em todos os abismos.’  
 ‘Mandou, e logo foram criados.  
 E os confirmou para sempre,  
 E lhes deu uma lei que não ultrapassarão.’  
 Salmos 119:89-91; 135:6; 148:5, 6.

“Não é por um poder a ela inerente que ano após ano a terra produz suas fartas messes, e continua sua marcha ao redor do Sol. A mão do Infinito está em perpétua operação, guiando este planeta. É o poder de Deus em contínuo exercício que mantém a Terra em equilíbrio em sua rotação. É Deus que faz o Sol se erguer nos céus. Abre as janelas do céu e dá a chuva.

“ ‘Dá a neve como lã,  
 Esparge a geada como cinza.’

“ ‘Fazendo Ele soar a Sua voz, logo há arruído de águas no céu,  
 e sobem os vapores da extremidade da terra:  
 Ele faz os relâmpagos para a chuva,  
 E faz sair o vento dos Seus tesouros.’  
 Salmo 147:16; Jeremias 10:13.

“É mediante Seu poder que a vegetação floresce, que aparece toda a folha, desabotoa cada flor, cada fruto se desenvolve.

“O mecanismo do corpo humano não pode ser plenamente compreendido; apresenta mistérios que desconcertam o mais inteligente. Não é em resultado de um mecanismo que, uma vez posto a funcionar, continua a sua obra, que o pulso bate, e respiração se segue a respiração. Em Deus vivemos e nos movemos, e existimos. O coração palpitante, o pulso em seu ritmo, cada nervo e músculo do organismo vivo, é mantido em ordem e actividade pelo poder de um Deus sempre presente.

“A Bíblia nos mostra Deus em Seu alto e santo lugar, não em um estado de inatividade, não em silêncio e solidão, mas circundado por miríades de miríades e milhares de milhares de seres santos, todos esperando por fazer a Sua vontade. Por meio desses mensageiros Ele está em activa comunicação com todas as partes de Seus domínios. Por Seu Espírito está presente em toda a parte. Por meio de Seu Espírito e dos anjos, ministra aos filhos dos homens.

“Acima das perturbações da Terra, está Ele sentado em Seu trono; tudo está patente ao Seu exame; e de Sua grande e serena eternidade, ordena aquilo que melhor parece a Sua providência.

“ ‘Não é do homem o seu caminho  
 Nem do homem que caminha o dirigir os seus passos.’

“ ‘Confia no Senhor de todo o teu coração. . . .  
 Reconhece-O em todos os teus caminhos,  
 E Ele endireitará as tuas veredas.’

“ ‘Os olhos do Senhor estão sobre os que O temem,  
 Sobre os que esperam na Sua misericórdia;  
 Para livrar as suas almas da morte,  
 E para os conservar vivos na fome.’

“ ‘Quão preciosa é, ó Deus, a Tua benignidade,...  
 Os filhos dos homens se abrigam à sombra das Tuas asas.’  
 Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio,  
 E cuja esperança está posta no Senhor seu Deus.’

“ ‘A Terra, ó, Senhor, está cheia da Tua benignidade.’  
 Tu amas a ‘justiça e o juízo.’

“ ‘Tu ‘és a esperança de todas as extremidades da Terra,  
 E daqueles que estão longe sobre o mar;  
 O que pela Sua força consolida os montes,  
 Cingido de fortaleza:  
 O que aplaca o ruído dos mares,...  
 O tumulto das suas gentes.’

“ ‘Tu fazes alegres as saídas da manhã e da tarde.’  
 “ ‘Coroas o ano da Tua bondade,  
 E as Tuas veredas destilam gordura.’

“ ‘O Senhor sustenta a todos os que caem,  
 E levanta a todos os abatidos.  
 Os olhos de todos esperam em Ti,  
 E Tu lhes dás o seu mantimento a seu tempo.  
 Abres a Tua mão,  
 E satisfazes os desejos de todos os viventes.’

“Jeremias 10:23; Provérbios 3:5,6; Salmo 33:18,19; 36:7, Salmo 146:5; Salmo 119:64; Salmo 33:5; Salmo 65:5-7; Salmo 65:8, 11; Salmo 145:14-16.”  
*A Ciência do Bom Viver, 416-418.*

Confiança-própria, esse terrível destruidor do homem, é obliterado em face da magnificente verdade que Deus é a Fonte. O nosso amoroso, Pai celestial conhece perfeitamente bem as consequências desastrosas para as Suas criaturas se esquecessem isto, e, para salvá-las de um tão terrível resultado, tem dado toda a oportunidade necessária para manter esta verdade clara perante as suas mentes. O sábado toma lugar entre estes não só como um sinal para lembrar que Deus é o Criador do Céu e da Terra e portanto o Princípio de todas as coisas, mas também como uma provisão pela qual a visão do Seu poder, amor, e sabedoria é renovada semana a semana.

# -3-

## Cristo — A Grande Ligação

“**A** Sua semelhança *com Deus*, como apresentada no primeiro capítulo de *Hebreus*, é só a introdução da apresentação da Sua semelhança *com os homens* descrita no segundo capítulo de *Hebreus*.

“A Sua semelhança *com Deus*, como está expressa no primeiro capítulo de *Hebreus*, é única base para a compreensão da Sua semelhança *com os homens* mostrada no segundo capítulo de *Hebreus*.

“E a Sua semelhança *com Deus* do modo apresentado no primeiro capítulo de *Hebreus* é a semelhança — não no sentido de uma mera imagem ou representação; mas é semelhança no sentido de ser realmente igual, da mesma natureza — a mesma ‘imagem da Sua substância’, Espírito do Espírito, substância da substância de Deus.

“E isto é dado como um preâmbulo para compreendermos a Sua semelhança *com os homens*. Quer dizer: devemos compreender disto que a Sua semelhança *com os homens* não é meramente no aspecto, na figura ou representação, mas na *natureza*, na *própria substância*. De outro modo, todo o primeiro capítulo de *Hebreus*, com todos os seus pormenores de informação, seria nesta ligação sem sentido.” A.T. Jones, *The Consecrated Way to Christian Perfection*, 17. Ênfase original.

Se bem que até certo ponto os seus papéis sejam diferentes, a posição e obra de Cristo na divina ordem são igualmente tão essenciais para a continuidade da existência de toda a criação como a de Seu Pai. Cristo é o canal designado através do qual toda a vida flui da poderosa Fonte para toda a criatura no Universo. Para cumprir esta missão com eficácia, Cristo tem que ser Deus e homem. Ele tem que percorrer todo o caminho até à divina fonte para ter total acesso aos ilimitados recursos ali, e todo o caminho até ao homem a fim de canalizar estes recursos para o recebedor.

“Cristo é a escada que Jacó viu, tendo a base na Terra, e o topo chegando à porta do Céu, ao próprio limiar da glória. Se aquela escada houvesse deixado de chegar à Terra, por um único degrau que fosse, teríamos ficado perdidos. Mas Cristo vem ter connosco onde nos achamos. Tomou nossa natureza e venceu, para que, revestindo-nos de Sua natureza, nós pudéssemos vencer. Feito em semelhança da carne do pecado’ Romanos 8:3, viveu uma vida isenta de pecado. Agora, por Sua divindade, firma-Se ao trono do Céu, ao passo que, pela Sua humanidade, Se liga a nós.” *O Desejado de Todas as Nações*, 293.

Por conseguinte, nada que venha de Deus pode chegar até nós a menos que venha através de Jesus Cristo, a grande e viva Ligação entre a divindade e a humanidade. Por exemplo, quando Deus na Sua sabedoria e amor desejou comunicar ao Seu povo as verdades agora contidas em *Apocalipse* não as deu directamente aos crentes ou mesmo a João. Ele passou-as a Jesus Cristo que depois as entregou ao Seu servo João através do Seu anjo mensageiro como está escrito.



*O aparecimento do pecado criou um profundo e inultrapassável abismo entre o homem e Deus, mas Cristo colocou uma ponte sobre este abismo e ligou-nos com o Criador outra vez.*

“A revelação de Jesus Cristo, *a qual Deus Lhe deu*, para mostrar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo Seu anjo as enviou, e as notificou a João Seu servo.” *Apocalipse 1:1*.

Ninguém devia ter qualquer dificuldade em ver que a enorme separação que o pecado produziu entre Deus e o homem tornou necessária uma Ligação. Por causa da transgressão a humanidade não pode aproximar-se de Deus excepto através de Cristo. O que não é claramente compreendido é que seres sem pecado também precisam de uma Ligação entre si e o Ser infinito.

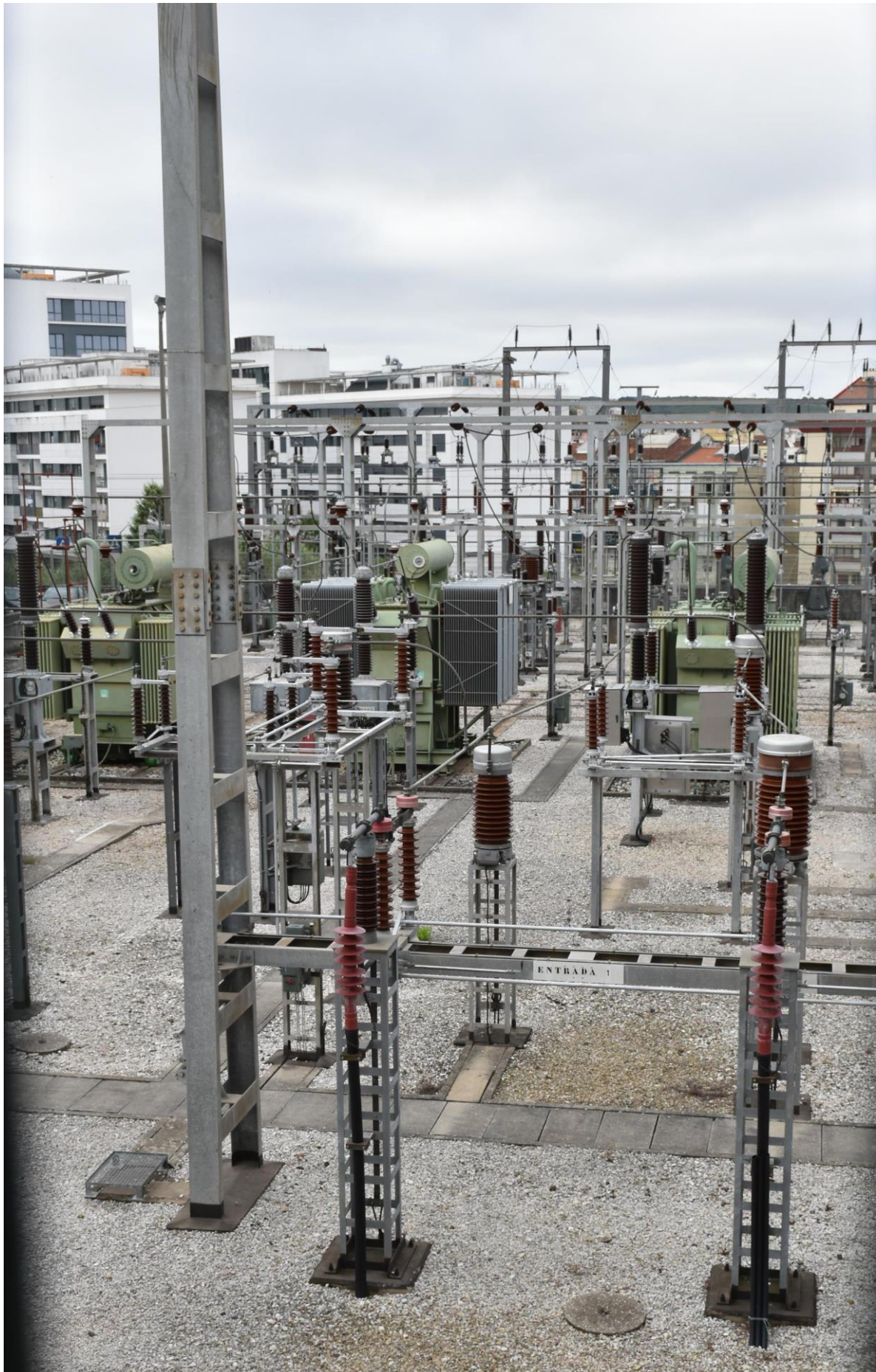
Há outro abismo entre o Criador e a criatura que não é criado pelo pecado, mas pela assombrosa diferença entre o poder que existe no Criador e o da criatura. Infelizmente, é impossível a humanidade ter qualquer apreciação disto por não ser capaz de ver e alcançar a plenitude das capacidades grandiosas e infinitas. Deus apenas pode mostrar aos homens o mais ligeiro vislumbre do Seu poder como revelado nas obras por Si criadas, mas isto é suficiente para tornar evidente que os seres sem pecado também necessitam de uma Ligação.

Deus é a central que dá energia a todo o Universo. Através de Cristo Ele sustenta “... todas as coisas pela palavra do Seu poder” *Hebreus 1:3*. Aquelas “todas as coisas” incluem pelo menos um bilião vezes um bilião de sóis, em adição a todos os planetas associados, e criaturas ali existentes. Que homem podia possivelmente computar a corrente de energia necessária para manter esse vasto sistema? Em contraste com esta infinita capacidade, quão diminutas devem ser as capacidades mesmo das maiores criaturas! O anjo mais brilhante não pode ir directamente à presença de Deus sem ser consumido.

Uma ilustração prática pode ser encontrada numa central geradora de electricidade destinada a alimentar grandes cidades como Sidney, São Francisco, Londres, Joanesburgo, ou Frankfurt. O poder emanado deste sistema é enorme. Se a corrente fosse ligada directamente a um utensílio doméstico tal como um frigorífico, este seria destruído, contudo a saída dos geradores não pode ser reduzida, pois, se fosse, a cidade seria insuficientemente servida com electricidade. O problema resolve-se instalando um transformador entre a estação geradora e a aplicação. Este aparelho é capaz de receber a carga total da central eléctrica na entrada e libertar na saída a baixa tensão para satisfazer a capacidade individual das aplicações.

Do mesmo modo, Cristo é o “transformador” que canaliza o poder de Deus para as criaturas sem pecado e também para as pecadoras numa intensidade tão reduzida que podem recebê-la em segurança. Logo que passou a existir um ser criado, surgiu a necessidade de uma Ligação entre a Fonte e o recebedor. Por conseguinte, não pode haver um tempo, agora ou na eternidade, em que os filhos de Deus pudessem existir independentemente do Pai Altíssimo ou do Seu Filho unigénito. Eternamente como no passado, “O Céu é um constante aproximar de Deus através de Cristo”. *O Desejado de Todas as Nações*, 331.

Portanto, a colocação de Cristo como a Ligação entre o Criador e a criatura não era algo introduzido como uma nova mas temporária medida para enfrentar a necessidade que nunca tinha surgido antes do pecado aparecer. Foi “segundo o eterno propósito que Ele propôs o Seu Filho Jesus nosso Senhor.” *Efésios 3:11*. Há uma tal profundidade neste plano que é chamado por “mistério de Deus”.



Paulo foi o canal designado através de quem o Pai revelou este mistério, "... que é Cristo em vós, a esperança da glória. *Colossenses* 1:27. O grande apóstolo compreendeu a natureza do seu trabalho e declarou-a em *Efésios* 3:1-21.

"A mim" escreveu ele, "que sou o menor de todos os santos, foi dada esta graça que pregasse entre os gentios as insondáveis riquezas de Cristo;

"A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo,

"E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou;

"Para agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus,

"Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor." *Efésios* 3:8-11.

O mistério de Deus é um esquema concebido na mente d'Aquele que é a suma de todo o amor, perfeição, e multiforme sabedoria, para estabelecer a mais íntima comunhão e a mais perfeita comunhão entre Si mesmo e as Suas criaturas. É a divina provisão garantir a vida mais abundantemente a todo o que, uma vez iniciado no plano, recuse separar-se dele. Neste desígnio toda a beleza, glória, poder e amor no santo e justo carácter de Deus são manifestos, quanto melhor o desígnio é compreendido, mais intensamente, alegremente, e gratamente o crente amará o divino Autor.

Originalmente, este plano foi concebido para unir todos os seres sem pecado numa cada vez maior comunhão. Quando o pecado separou de Deus as Suas criaturas e uns dos outros, o mesmo plano foi a única solução eficaz para atravessar o abismo e reunir aqueles que se tinham tornado estranhos. Não houve necessidade de introduzir uma nova mas temporária provisão para efectuar isto.

Na aplicação do mistério como a solução para o problema do pecado, foi completamente necessário que Cristo revestisse a Sua divindade com a humanidade sendo gerado na família humana. Ele tinha que ser Criador e criatura numa pessoa.

Se isto é aquilo que Ele tinha que ser para unir a família celestial com a terrestre, o mesmo foi necessário para unir Deus e as Suas criaturas na aplicação original. Foi o mesmo mistério em ambos os casos. Portanto, Ele que era original e eternamente Deus, teve que ser gerado na forma das criaturas que necessitavam do Seu ministério para se unirem a Deus e uns aos outros.

Seria, portanto, errado supor que Cristo se tornou o *Filho unigénito de Deus* pela primeira vez quando nasceu neste mundo e na Sua família em Belém. Ele já era o Filho unigénito de Deus antes de aparecer na Terra. Ampla evidência escriturística prova isto. Cristo declarou isso quando disse a Nicodemos que Deus deu o Seu Filho unigénito para salvar a humanidade da morte. Se isso é o que Deus deu, então isso é o que o Salvador era quando foi dado — o Filho unigénito de Deus. Deus não deu o Seu Filho ao homem decaído apenas em Belém, porque, muito tempo antes disso, no primeiro instante em que ele pecou e necessitou de um Salvador, Deus deu o Seu Filho unigénito. Portanto, tão cedo quanto isso, pelo menos, Cristo já era o divino Filho de Deus.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu *Filho unigénito*, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." *João* 3:16.

#### **ILUSTRAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR:**

*Se os electrodomésticos fossem ligados directamente à saída da central eléctrica, eles seriam imediatamente destruídos. É necessário um transformador para reduzir a corrente ao nível da utilização segura. Semelhantemente, Cristo tem que colocar-Se como uma Ligação entre a Altíssima Fonte e a Humanidade, que não pode suportar a plenitude do poder e energia de Deus. Unicamente através desta Ligação, somos capazes de receber a vida e a luz sem a qual a existência seria impossível. Mesmo os pagãos, embora não o saibam, vivem por causa disto.*



Deus nunca nos revelou exactamente quão atrás no passado nos distantes recessos da eternidade Cristo se tornou o Seu Filho unigénito. O facto que o Pai eterno não revelou exactamente quando este maravilhoso acontecimento teve lugar, assegura-nos que não necessitamos de conhecer a data. Portanto, devemos repousar na Sua vontade e não fazer tentativas vãs para especular. Devemos concentrar-nos na aprendizagem daquelas coisas que, na Sua infinita sabedoria, Ele tem considerado próprio revelar.

A importante verdade que Cristo se tornou o unigénito de Deus muito tempo antes de Belém, é claramente ensinada nos escritos inspirados. As Escrituras revelam que Cristo foi gerado duas vezes, sendo a primeira ocasião há tanto tempo na eternidade que é impossível aos homens compreenderem o espaço de tempo envolvido.

“As Escrituras declaram que Cristo é o ‘Filho unigénito de Deus.’ Ele é gerado, não criado. Quando foi gerado, não nos é dado inquirir, nem as nossas mentes podiam alcançar se nos fosse dito. O profeta Miqueias diz-nos tudo o que podemos saber acerca disso, nestas palavras ‘E tu, Belém Efratá, posta que pequena entre milhares de Judá, de ti Me sairá o que será Senhor em Israel, cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.’ Miqueias 5:2. Houve um tempo em que Cristo procedeu e saiu de Deus, do seio do Pai (João 8:42; 1:18), mas isso foi há tanto tempo nos dias da eternidade que para a finita compreensão praticamente não tem princípio.” E.J. Waggoner, *Christ and His Righteousness*, 21, 22.

A segunda ocasião em que Cristo foi gerado, foi ao ser concebido pelo Espírito Santo no ventre de Maria. Este é o acto de geração que dos dois, é mais familiar e melhor compreendido pelos filhos de Deus terrestres. Ao estudar este maravilhoso acontecimento, os seres humanos estão em vantagem pelo facto que eles também são seres gerados e por isso conhecem na sua própria experiência os princípios envolvidos numa tal operação. Eles compreendem que duas vidas diferentes, macho e fêmea, têm de combinar-se para produzir uma terceira vida, o filho, que possui a vida de ambos os pais. Cristo ao ser gerado na família humana, as vidas de Deus e do homem foram combinadas. Cristo era Deus e homem ao mesmo tempo. Ele veio “. . . para criar em Si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz”. *Efésios 2:15*.

Como podia isto ser verdadeiramente um mistério. Quando comparando as inacreditáveis capacidades do Criador com a extremamente limitada e finita natureza do ser criado, é incompreensível como o primeiro podia habitar no último. Contudo, é possível e foi feito. O Senhor provou isto não apenas pelo milagre da concepção e nascimento de Cristo, mas também pela Sua presença na sarça-ardente e no tabernáculo do deserto. Tão espiritual é esta verdade que não pode ser compreendida pelo raciocínio humano; é conhecido apenas por aqueles a quem o Pai ensinou. Os fariseus nos dias de Cristo por não possuírem esta luz viram Cristo como sendo nada mais do que um exaltado homem, em vez de O verem como Deus humilhado nas limitações de um ser criado.

Semelhantemente no Céu, havendo por causa do crescente orgulho perdido o poder para ver esta grande verdade espiritual, Lúcifer chegou ao ponto de olhar para Cristo não como Deus na forma de uma criatura, mas como um especial e injustamente favorecido anjo que tinha sido exaltado acima dele próprio. Quando viu Cristo entrando na presença e conselhos de Deus como não lhe era permitido fazer, a sua inveja não conheceu barreiras e determinou desafiar a posição do Filho de Deus. Não era a posição do Pai que este brilhante anjo punha em questão; era a de Cristo. Por conseguinte, aquilo que Satanás atacou e procurou destruir é o sistema chamado “O mistério de Deus”. Esse tem sido o objecto das suas maliciosas actividades desde então. Ele determinou substituir o caminho de Deus pelo seu, e nesta guerra ele tem alistado a vasta maioria da raça humana dos quais os seus guerreiros mais eficazes são os professos filhos de Deus — os mesmos que se orgulham de serem fiéis obreiros de Deus.

Obviamente é impossível lutar contra Cristo sem lutar contra o Pai, porque os dois estão totalmente unidos um com o outro. Além disso, o Altíssimo é uma parte indispensável do

mistério de Deus, por isso pôr de parte o mistério seria eliminar completamente a Divindade, não apenas Cristo. Portanto, aparte de todas as pretensões satânicas, a campanha do inimigo é tanto contra Jeová como contra Cristo. Enquanto este facto deve ser sempre mantido em mente, também deve ser reconhecida a *questão* centrada à volta da posição e obra de Cristo.

“Disputar a supremacia do Filho de Deus, desafiando assim a sabedoria e amor do Criador, tornara-se o propósito desse príncipe dos anjos. Para tal objectivo estava ele a ponto de aplicar as energias daquela mente superior, que, abaixo da de Cristo, era a primeira dentre os exércitos de Deus. Mas Aquele que queria livres as vontades de todas as Suas criaturas, a ninguém deixou desprevenido quanto ao sofisma desconcertante por meio do qual a rebelião procuraria justificar-se. Antes que se iniciasse a grande luta, todos deveriam ter uma apresentação clara a respeito da vontade d’Aquele cuja sabedoria e bondade eram a fonte de toda a sua alegria.” *Patriarcas e Profetas*, 16.

Este testemunho declara que o específico objectivo de Satanás era disputar a supremacia do Filho de Deus. Isso era tudo o que ele tinha em mente, mas não o podia fazer sem pôr em dúvida a sabedoria e amor do Criador. Duvidar do Pai era a inevitável consequência do ataque à posição de Cristo. Portanto, o amor, justiça, e eficácia do mistério de Deus tem que ser para sempre confirmado se o Criador e a criatura devem coexistir em total harmonia e perfeita comunhão. Isto apenas podia ser alcançado pela educação de todo o ser criado no Universo para compreenderem a relação que o Altíssimo designou que houvesse através de Cristo entre a infinita Fonte e os finitos recebedores. Se Deus falhasse em atingir isto todo o Universo pereceria.

No grande amor por Lúcifer e pelos outros seres criados, Deus convocou uma reunião expressamente destinada a clarificar a questão acerca do lugar de Cristo no governo celestial. O Criador sabia que se este ponto pudesse ser estabelecido, então todas as complicações relacionadas com ele seriam esclarecidas. Todos precisam compreender que embora houvesse uma diferença visível entre Deus e os anjos, havia ainda uma outra pessoa; nomeadamente, Jesus Cristo, que era um ser especial, diferindo do Criador e da criatura por ter combinadas em Si as vidas de ambos.

“O Rei do universo convocou os exércitos celestiais perante Ele, para, em sua presença, apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha para com todos os seres criados. O Filho de Deus partilhava do trono do Pai, e a glória do Ser eterno, existente por Si mesmo, rodeava a ambos. Em redor do trono reuniam-se os santos anjos, em uma multidão vasta, inumerável — ‘milhões de milhões, e milhares de milhares’ Apocalipse 5:11, estando os mais exaltados anjos, como ministros e súbditos, a regozijar-se na luz que, da presença da Divindade, caía sobre eles. Perante os habitantes do Céu, reunidos, o Rei declarou que ninguém, a não ser Cristo, o Unigénito de Deus, poderia penetrar inteiramente em Seus propósitos, e a Ele foi confiado executar os poderosos conselhos de Sua vontade. O Filho de Deus executara a vontade do Pai na criação de todos os exércitos do Céu; e a Ele; bem como a Deus, eram devidas as homenagens e fidelidade daqueles. Cristo ia ainda exercer o poder divino na criação da Terra e de seus habitantes. Em tudo isto, porém, não procuraria poder ou exaltação para Si mesmo, contrários ao plano de Deus, mas exaltaria a glória do Pai, e executaria Seus propósitos de beneficência e amor.” *Idem*.

Foi o *Filho unigénito de Deus* que foi apresentado aos anjos que assistiram a essa grandiosa convenção. Nada menos do que quatro vezes neste parágrafo, é relatado que o Pai se referiu a Cristo como Filho, o Filho de Deus, ou o unigénito de Deus, enquanto por três vezes Deus é referido como o Pai. Portanto, nessa altura, antes deste mundo ser criado, Jesus Cristo já era o Filho unigénito do Altíssimo Deus. Isto não implica que Ele obtivesse a Sua existência desta maneira, porque Ele tal como o Seu Pai, é o Ser eterno cuja pré-existência não tem começo e cuja vida nunca conhecerá um fim. Para os homens, ser gerado é começar, mas não é assim com Cristo. Isto simplesmente significa que Ele entrou numa nova e adicional esfera.

O que aconteceu em Belém prova isto. Ali Cristo nasceu como Filho *unigénito* de Deus e homem, mas certamente Ele não teve *início* nesse ponto. Ele que havia habitado previamente no Céu e serviu a Deus e ao homem antes desse tempo, simplesmente entrou, sendo gerado, numa nova dimensão. Nada acerca da verdade que Ele é o Filho unigénito de Deus muda ou minimiza a igual verdade que Ele é tão infinitamente sem começo como o próprio Pai.

Por conseguinte as Escrituras claramente demonstram que a primeira vez que Cristo foi gerado não aconteceu quando Ele entrou neste mundo. Isso teve lugar ainda antes ou ao mesmo tempo que foi dada existência às primeiras criaturas. Ao criá-las, o Todo-Poderoso Trio reconheceu o problema que a tremenda disparidade de poder entre o Criador e os seres criados. A única solução era que um dentre o Todo-Poderoso Trio fosse gerado na natureza e forma das criaturas, pois elas necessitavam de uma Ligação que mantivesse um elo com o Infinito que lhes tornasse possível sobreviver. Cristo foi Aquele que voluntariamente se ofereceu para aceitar esta posição inferior.

Quando a beleza, o amor e sabedoria do eterno propósito no mistério de Deus e Cristo foram assim revelados perante os anjos, eles regozijaram-se na luz das revelações. Eles soltaram de si expressões de gratidão, admiração, e amor quando viram até que ponto Cristo teve que Se sacrificar para lhes assegurar a vida eterna e a plena alegria. Mesmo Lúcifer foi profundamente movido e chegou perto da rendição do seu orgulho e vontade própria, todavia não permitiu que a obra de purificação avançasse o suficiente, escolhendo em vez disso entregar-se à grande apostasia.

“Os anjos alegremente reconheceram a supremacia de Cristo, e, prostrando-se diante d’Ele, extravasaram seu amor e adoração. Lúcifer curvou-se com eles; mas em seu coração havia um conflito estranho, violento. A verdade, a justiça e a lealdade estavam a lutar contra a inveja e o ciúme. A influência dos santos anjos pareceu por algum tempo levá-lo com eles. Ao ascenderem os cânticos de louvores, em melodiosos acordes, avolumados por milhares de alegres vozes, o espírito do mal pareceu subjugado; indizível amor fazia fremir todo o seu ser; em concerto com os adoradores destituídos de pecado, expandiu-se-lhe a alma em amor para com o Pai e o Filho. De novo, porém, achou-se repleto de orgulho por sua própria glória. Voltou-lhe o desejo de supremacia, e uma vez mais condescendeu com a inveja de Cristo. As altas honras conferidas a Lúcifer não eram apreciadas como um dom especial de Deus, e, portanto, não provocavam gratidão para com o seu Criador. Ele se gloriava em seu fulgor e exaltação, e aspirava ser igual a Deus. Era amado e reverenciado pelo exército celestial, anjos se deleitavam em executar suas ordens, e estava ele revestido de sabedoria e glória mais do que todos eles. Contudo, o Filho de Deus era mais exaltado do que ele, sendo um em poder e autoridade com o Pai. Partilhava dos conselhos do Pai, enquanto Lúcifer não penetrava assim nos propósitos de Deus. ‘Por que’, perguntava este poderoso anjo, ‘deveria Cristo ter a primazia?’ Porque é Ele mais honrado do que Lúcifer?” *Patriarcas e Profetas*, 17.

Foi muito lamentável que este príncipe dos anjos escolhesse o caminho da recusa em aceitar o inalterável sistema que colocou Deus como a Fonte, Cristo como Ligação e Canal, e Lúcifer e todos os outros como recebedores. Devido à transformação nele, pensou que tinha havido uma mudança no governo de Deus envolvendo o especial privilégio e exaltação de Cristo, mas isto não era verdade. Foi uma ofensa imaginada.

“Não tinha havido mudança alguma na posição ou autoridade de Cristo. A inveja e falsa representação de Lúcifer, bem como sua pretensão à igualdade com Cristo, tornaram necessária uma declaração a respeito da verdadeira posição do Filho de Deus; mas esta havia sido a mesma desde o princípio. Muitos dos anjos, contudo, ficaram cegos pelos enganos de Lúcifer.” *Idem*, 18.

O mistério de Deus é o único sistema possível pelo qual o universo pode continuar nas suas operações ordenadas com perfeita felicidade e garantia de vida eterna a todo o cidadão. A grande apostasia começou quando Lúcifer rejeitou Cristo como Ligação e recusou reconhecer-se como

um recebedor dependente. Satanás estava e ainda está determinado a ser a ligação no lugar de Cristo. Uma vez que Deus não lhe deu o que pensava ser seu por direito, decidiu obtê-lo por si mesmo sem a ajuda de Deus e contra Ele. O morticínio e caos são a consequência directa da rejeição deste sistema divinamente planeado em favor de outros.

A controvérsia assim gerada não pode ser terminada até que o divino mistério seja completamente demonstrado. Os piores inimigos de Deus devem reconhecer que os caminhos d'Ele são justos e verdadeiros. Esse tempo está a chegar. Quando isto acontecer, aqueles de quem a confissão involuntária é arrancada pelo absoluto peso da evidência não serão transformados em harmonia com a Sua dolorosa tomada de conhecimento. Será tarde demais para modificações, não só por causa do tempo de provação ter terminado, mas porque se tornaram tão habituados à doce influência do Espírito Santo que estão para além da redenção. O seu testemunho será dado sem o apoio de vidas transformadas.

Este desenvolvimento vital marcando o fim do reino do pecado não será possível a menos que Deus seja capaz de demonstrar o poder do Seu mistério através de vidas nas quais ele está totalmente estabelecido e perfeitamente desenvolvido. Aqueles que se qualificarão para este papel sendo herdeiros da vida eterna devem aprender as maravilhas deste mistério, aceitar totalmente os seus princípios, e estabelecê-los permanentemente nas suas vidas. Deus deu o evangelho para alcançar este objectivo e isto significa que ele é verdadeiramente ensinado apenas quando educa os que recebem e compreendem e vivem as maravilhas deste mistério que é "... Cristo em vós a esperança da glória."

Se bem que muito poucos compreendam isto, toda a Bíblia é a revelação do mistério de Deus. Em todo o Antigo Testamento Cristo é apresentado como sendo Deus e Anjo. Ele é o anjo que apareceu a Abraão, Josué, Gideão, aos pais de Sansão e muitos outros. Ele é o Anjo do concerto, e o Arcanjo. As referências do Antigo Testamento são claras a respeito destas verdades.

Jacó lutou corpo a corpo com o Anjo até ao romper do dia. "Era Cristo, o 'Anjo do concerto', que se havia revelado a Jacó." *Patriarcas e Profetas*, 197. Oseias confirma isto. "No ventre pegou do calcanhar de seu irmão, e pela sua força como príncipe se houve *com Deus*."

"Como príncipe lutou com o Anjo, e prevaleceu; chorou, e lhe suplicou: em Betel o achou, e ali falou connosco;" *Oseias* 12:3, 4.

Aqui o profeta compara ter poder sobre o Anjo com tendo poder com Deus, desse modo reconhecendo que o Anjo que lutou corpo a corpo com Jacó era, ao mesmo tempo, Deus. Por isso o Anjo não podia ser outro senão Cristo, o Anjo do Concerto.

Era o mesmo poderoso Ser que deu a missão a Gideão.

"Subitamente o 'Anjo do Senhor' apareceu, e a ele se dirigiu com estas palavras: 'O Senhor é contigo, varão valoroso'.

"'Ai, Senhor meu', foi a resposta, 'se o Senhor é connosco, por que tudo isto nos sobreveio? e que é feito de todas as Suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o Senhor subir do Egipto? Porém agora o Senhor nos desamparou, e nos deu na mão dos midianitas.'

"O mensageiro do Céu replicou: 'Vai nesta tua força, e livrarás Israel da mão dos midianitas; porventura não te enviei Eu?'

"Gideão desejou algum sinal de que Aquele que agora Se lhe dirigia era o Anjo do Concerto, que, nos tempos passados, havia agido em prol de Israel. Anjos de Deus, que tiveram comunhão com Abraão, demoraram-se certa vez em sua casa a fim de participar de sua hospitalidade; e Gideão agora roga ao Mensageiro divino que fique como seu hóspede. Indo apressadamente à sua tenda, preparou de seu escasso suprimento um cabrito e bolos asmos, que trouxe e pôs diante dele. Mas o Anjo ordenou-lhe: 'Toma a carne e os bolos asmos, e põe-os sobre esta penha e verte o caldo,' Assim fez Gideão, e então foi dado o sinal que ele desejara: com o cajado que

tinha na mão o Anjo tocou a carne e os bolos asmos, e uma chama que irrompeu da pedra consumiu o sacrifício. Então o Anjo desapareceu da sua vista.” *Patriarcas e Profetas*, 585.

Observai que em todo o parágrafo “Anjo” é escrito com letra maiúscula. Isto nunca foi feito para qualquer outro anjo senão Cristo, por isso foi Cristo em pessoa que apareceu a Gideão nesse dia — o Anjo do Concerto canalizando a mensagem de Deus para o recebedor terrestre.

Uma vez convencido que o mensageiro que estava perante ele era Cristo, Gideão aceitou totalmente as instruções como vindas de Deus e obedeceu-lhes letra a letra. O resultado foi sucesso total em expulsar os midianitas da terra.

Foi o mesmo Anjo, Jesus Cristo, que apareceu aos pais de Sansão. “E o anjo do Senhor apareceu a esta mulher, e disse-lhe: Eis que agora és estéril, e nunca tens concebido; porém conceberás e terás um filho.” *Juízes* 13:3.

“Manoá e sua mulher não sabiam que Aquele que assim se lhes dirigia era Jesus Cristo,” até que o mesmo ardente sinal que havia sido dado a Gideão lhes foi dado. Então, “souberam que tinham olhado o Santo Ser que, velou a Sua glória na nuvem que tinha sido o Guia e o Auxiliador de Israel no deserto.” *S.D.A. Bible Commentary* 2:1006.

Estes testemunhos e Escrituras confirmaram às testemunhas do Antigo Testamento que Cristo era tanto Deus como *Anjo*. Estas são as declarações da verdade. Quando Cristo é chamado o “Anjo”, *era* um anjo.

As mesmas palavras que são usadas para descrever Cristo como Anjo no Antigo Testamento, são usadas para O descrever como homem no Novo Testamento. Portanto, devem ser compreendidas da mesma maneira. Se as referências a Cristo como homem ensinam que Ele realmente era um homem, e não apenas uma pessoa no disfarce de humanidade, então as referências a Ele ser um Anjo devem do mesmo modo ser compreendidas para significar que Ele era realmente um Anjo, e não apenas a aparência de um anjo.

Assim requerer-se-ia um princípio de interpretação diferente no Antigo Testamento daquele que é usado para compreender o Novo, para concluir que quando Cristo é ali revelado como Deus e Anjo, Ele não o era verdadeiramente, mas apenas adoptou o disfarce de anjo. Esta inconsistência é inaceitável para o espiritualmente iluminado estudante da Bíblia que sabe que quando as Escrituras declaram Cristo como sendo um Anjo, Ele é de facto *Anjo*, tão certo quanto quando declaram que Ele é *Homem*; é de facto Homem. Em nenhum caso deixou de ser Deus. As duas naturezas estavam misteriosamente combinadas num ser.

Nenhum escritor do evangelho apresentou estas grandes verdades com maior poder e convicção do que Paulo. Foram-lhe dadas revelações especiais acerca do mistério de Deus com a missão directa de tornar este mistério conhecido a todos os homens. Ele tomou a seu cargo a vital importância de aceitar e agir de harmonia com os caminhos de Deus e receou as consequências fatais do regresso às invenções humanas.

Satanás opera com inquebrantável diligência para obscurecer esta preciosa luz, sabendo que todo o homem que compreenda, receba, e viva esta verdade não só será libertado do seu poder mas também se tornará uma ameaça para a sua causa. Sabendo que para ser uma ligação eficaz, Deus em Cristo tinha que ter a própria natureza do homem caído, Satanás trabalha para roubar ao homem este conhecimento. Por isso ele ensina que Cristo veio numa carne e sangue completamente diferente daquele a quem veio libertar. Não admira que o poderoso anticristo dê ênfase à mesma posição.

Contudo, não há desculpa para que esta verdade seja roubada, porque na Palavra de Deus está plenamente escrito que Cristo entrou na família humana com a mesma carne e sangue que as criaturas caídas, pecaminosas, a quem veio salvar.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Para um tratamento mais compreensivo da natureza de Cristo na encarnação vede *Destino de um Movimento*, por F.T. Wright.

“E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo;...

“Porque, na verdade, Ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão.

“Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel Sumo Sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo.” *Hebreus* 2:14, 16, 17.

Por conseguinte, *Hebreus* 2 estabelece a plenitude da identificação de Cristo com a humanidade pecaminosa, caída, tal como o primeiro capítulo declara a Sua completa identidade com Deus. Cristo portanto é um ser singular que possui duas vidas ao mesmo tempo, e isto dá-Lhe a capacidade, possuída por nenhum outro ser em existência, para permanecer como a grande Ligação entre o Criador e as Suas criaturas.

Uma vez que Paulo estabeleceu estas verdades a respeito da Altíssima Fonte, da maravilhosa Ligação, e dos dependentes recebedores, foi lançado o fundamento a desenvolver em capítulos posteriores, os princípios envolvidos no repouso do sábado de Deus. Este fundamento é necessário porque a verdadeira compreensão e prática destes princípios depende de um claro conhecimento da relação entre Criador e criaturas, quanto mais profundamente os primeiros dois capítulos de *Hebreus* forem compreendidos, melhor os argumentos que se sucedem são apreciados.

Tão vastas, belas, e poderosas são as verdades contidas nestes dois primeiros capítulos, que ocuparão a atenção dos remidos por toda a eternidade sem exaurir as suas profundidades. Obviamente então abordámos aqui apenas a superfície, mas espera-se que isto seja suficiente para estabelecer um fundamento necessário para correctamente compreender o repouso do sábado.

O futuro de cada homem é directamente determinado pela forma como ele se relaciona a si mesmo com o mistério de Deus. Harmonia com ele tanto na teoria como na acção, assegura sucesso a uma pessoa nesta vida e na vida futura; desarmonia pode unicamente produzir o efeito oposto. É trágico quando indivíduos servem com os lábios a estas fundamentais orientações, enquanto as negam pelas suas obras. Eles pensam que estão a servir a Deus quando de facto estão a ajudar o diabo.

É por este motivo que grandes organizações religiosas crêem que estão prestando a Deus um serviço sacrificial muito tempo depois d’Ele ter deixado completamente de estar entre elas. Não pode haver tragédia com maiores proporções. Imaginai a consternação e esmagador desapontamento daqueles que no fim, depois de terem sacrificado toda a sua vida com todas as suas possessões e oportunidades daí resultantes, descobrirem que realmente não serviram ao Senhor de modo algum e que não há no Céu lugar para eles.

Estar no lugar certo requer mais do que forte fé, apesar desse elemento ser muito vital. Grande fé no Altíssimo tem frequentemente sido seguida por completo fracasso, profundo desânimo, e eventual separação de Deus. Fé sem as obras ou procedimentos de Deus é morte. Por isso as duas devem ser combinadas na sua correcta relação se os professos filhos de Deus vierem a tornar-se “mais do que vencedores”. *Romanos* 8:37. Nos princípios do repouso do sábado, está revelado este equilíbrio entre verdadeira fé e correcto procedimento e a mensagem que estabelece Deus como a Fonte, Cristo como a Ligação, e as criaturas como recebedores, é o fundamento no qual estas verdades são construídas.

# - 4 -

## Ordens Gerais e Ordens Específicas

**A**s lições contidas no terceiro capítulo de *Hebreus* são construídas sobre os fundamentos estabelecidos nos primeiros dois que, como já vimos, apresenta a posição de Cristo primeiro como Deus e depois como homem. Este é o maravilhoso salvador de almas, sustentador de vida, mistério de Deus. Se estes princípios forem assimilados até iluminarem toda a vida, produzirão um carácter de requintada beleza e maravilhoso poder cujos possuidores serão na verdade homens e mulheres dos quais nos maravilharemos. Eles "... resplandecerão com o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente." *Daniel* 12:3.

Por outro lado, a rejeição destes princípios produzirão resultados opostos. Estes também serão homens e mulheres dos quais nos maravilharemos, não por causa da beleza da justiça, mas por causa da extensão em que a impiedade reina neles.

Infelizmente, nas Escrituras é também difícil encontrar exemplos dos que, com infalível consistência, exemplificam os princípios divinos; exemplos dos quais não há muitos. Ambas as classes devem ser estudadas como seres demonstrando o que se deve procurar igualar e aquilo que se deve evitar. Assim nos é dada oportunidade de fazer uma esclarecida e responsável escolha do caminho que seguiremos.

*Hebreus* 3 trata destes contrastes. Paulo escolheu Cristo e Moisés como exemplos do serviço fiel e bem-sucedido, e o antigo Israel por causa da sua inexcusável e trágica substituição da divina direcção pelas invenções humanas. O capítulo abre com a instrução para meditar sobre o testemunho de Cristo e Moisés.

"Pelo que, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão,

"Sendo fiel ao que o constituiu, como também o foi Moisés em toda a sua casa.

"Porque Ele é tido por digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a edificou.

"Porque toda a casa é edificada por alguém, mas o que edificou todas as coisas é Deus.

“E na verdade, Moisés foi fiel em toda a sua casa, como servo, para testemunho das coisas que se haviam de anunciar;

“Mas Cristo, como Filho sobre a Sua própria casa; a qual somos nós, se tão-somente conservarmos firmes a confiança e a glória da esperança até ao fim.” *Hebreus 3:1-6*.

Neste ponto deixaremos estes relatos e a eles regressaremos depois de primeiro estudarmos o exemplo oposto do fracasso de Israel em Cades-Barneia. Esta história é muito valiosa na qual se demonstra muito claramente como um povo pode afastar-se dos caminhos de Deus apesar de ainda crer que está cumprindo os Seus propósitos. Enquanto as vidas de Cristo e de Moisés retratam a correcta relação que deve ser mantida entre a Fonte e o recebedor, os israelitas mostram como facilmente isto pode ser abandonado em favor dos caminhos que apenas trazem fracasso e perda. Portanto, Paulo especialmente dirige as nossas mentes a esta crónica do desastre humano com o distinto apelo para que não repitamos o mesmo erro.

#“Portanto, como diz o Espírito Santo, se ouvirdes hoje a Sua voz,

“Não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto,

“Onde vossos pais Me tentaram, Me provaram, e viram por quarenta anos as Minhas obras.

“Por isso Me indignei contra esta geração, e disse: Estes sempre erram em seu coração, e não conheceram os Meus caminhos.

“Assim jurei na Minha ira que não entrarão no Meu repouso.” *Hebreus 3:7-11*.

Esta é uma directa citação do Espírito Santo que especial e acuradamente declara a razão pela qual Israel não entrou no repouso de Deus. “Não conheceram os *Meus caminhos*,” disse Ele, “Assim jurei na Minha ira que não entrarão no Meu repouso.”

Assim o Espírito da Verdade revela a inseparável ligação entre conhecer os caminhos de Deus e entrar no Seu repouso. É impossível ter um sem ter o outro. Afastamento dos caminhos de Deus resultará sempre em perda do Seu repouso e da paz. A triunfante exterminação do pecado ou a bem sucedida realização das imputações de vida estão directamente dependentes do conhecimento e vivência destes princípios. Na história bíblica, todas as vezes que os homens conheceram e seguiram os caminhos de Deus experimentaram apenas sucesso, ao passo que nas mais numerosas ocasiões em que os substituíram pelas suas próprias invenções, foram incapacitados pelo miserável fracasso e longas esperas. A escolha dos doze espias que resultou no retrocesso de Israel para morrer no deserto, é um excelente exemplo do último. Paulo, reconhecendo a clareza e poder com que a verdade é ilustrada por este incidente, dirige a nossa atenção para ele como um testemunho do que não se deve fazer.

Semelhantemente, Moisés compreendeu o valor das lições a ser aprendidas da mesma experiência. Quarenta anos depois de chegarem a Cades-Barneia pela primeira vez, ele pregou o seu sermão de despedida do qual *Deuteronomio* é o relato escrito em que ele conta a primeira chegada a este lugar.

“Então partimos de Horebe, e caminhámos por todo aquele grande e tremendo deserto que vistes, pelo caminho das montanhas dos amorreus, como o Senhor nosso Deus nos ordenara; e chegámos a Cades-Barneia.

“Então eu vos disse: Chegados sois às montanhas dos amorreus, que o Senhor vosso Deus nos dará.

“Eis aqui o Senhor teu Deus te deu esta terra diante de ti: sobe, possue-a como te falou o Senhor Deus de teus pais: não temas, e não te assustes.” *Deuteronomio 1:19-21*.

O povo completamente aceitou a promessa de Deus e esperou entrar na posse imediata da terra. Não havia espírito de rebelião manifestado entre eles e prontamente avançaram obedecendo às instruções de Deus.

“Então todos vós vos chegastes a mim e dissestes: Mandemos homens adiante de nós, para que nos espiem a terra, e nos dêem resposta, por que caminho devemos subir a ela, e a que cidades devemos ir.” Versículo 22.



Qualquer observador sem profunda educação nos caminhos de Deus, nada teria detectado neste ponto para sugerir que as coisas iam drasticamente erradas. Deus, através de Moisés, havia ordenado que possuíssem a terra; eles tinham aceitado entusiasticamente estas instruções, e rapidamente começaram a cumpri-las. Os dozes espias foram escolhidos e enviados na sua missão. Durante os quarenta dias da sua ausência, o espírito no acampamento foi excelente. Havia uma boa amizade e atarefada preparação para a sua entrada na terra prometida. *Parecia* como se Israel estivesse em harmonia com Deus.

Todavia, qualquer pessoa que compreenda os caminhos de Deus à luz do mistério de Deus reconhecerá de imediato que o empreendimento estava condenado ao fracasso a menos que drástica alteração nos procedimentos fosse introduzida. Deus, que até ali tinha sido o seu único Planeador e Solucionador de problemas, foi posto de lado e o povo nomeou-se a si próprio para este papel. Eles exigiram que fossem enviados doze espias à terra e formassem um plano de acção para o povo seguir. “Então todos vós vos chegastes a mim e dissestes: *Mandemos* homens adiante de nós, para que nos *espiem* a terra, e nos *dêem* resposta, por que caminho devemos subir a ela, e a que cidades devemos ir.” *Deuteronomio* 1:22.

Ao fazerem isto, pensaram que estavam a fazer coisas maravilhosas por Deus e eram desse modo merecedores da Sua aprovação divina. Este infeliz conceito errado deu-lhes coragem para seguirem ardentemente o seu caminho para a ruína, enquanto se pudessem ter avaliado correctamente a verdadeira natureza do seu procedimento e previsto as suas más consequências, ter-se-iam apressado a regressar a Deus e aos Seus caminhos.

Quantas vezes desde então o povo de Deus tem com confiança entrado no caminho dos seus próprios planos certo de que estava a fazer a vontade de Deus, quando de facto estava apenas levando a cabo os seus próprios planos! Lamentavelmente parece que nunca aprende com a Palavra de Deus, pelos seus próprios erros, ou pelos fracassos da história. A forma como geração após geração, são repetidos os mesmos padrões de comportamento com predizível regularidade, é muito desanimador. Uma pessoa é fica a perguntar a si mesma se alguma vez virá um tempo em que um povo iluminado por fim faz as coisas ao modo de Deus.

Qual era precisamente o procedimento que os israelitas deviam adoptar quando Deus os instruiu para irem e possuírem a terra?

Esta pergunta pode ser respondida muito eficientemente fazendo uma distinção entre dois tipos de instruções vindas de Deus; nomeadamente, as Suas ordens *gerais* e as Suas ordens *específicas*. Esta diferenciação será nova para muitos, contudo é uma chave vital para compreender e seguir os caminhos de Deus.

Em toda a Bíblia e Espírito de Profecia, são encontradas ordens *gerais* de Deus. Nós chamamos-lhe ordens *gerais* porque elas não contêm orientações específicas para uma determinada pessoa. Um exemplo típico de uma ordem geral é a grande missão missionária dada por Cristo ao Seu povo precisamente antes da Sua ascensão. Esta ordem é de igual autoridade para cada filho de Deus em cada geração até ao tempo do fim.

Cristo disse, “Portanto ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

“Ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém.” *Mateus* 28:19, 20.

Esta ordem é geral na natureza porque não responde aos pormenores específicos de onde, quando, e em que capacidade uma pessoa deve levar a sua parte da grande missão. Uma vez que a pessoa aceite as ordens *gerais* de Deus, precisa de instruções *específicas* que a orientem para o seu lugar designado. Serve ela na Índia, Estados Unidos, África, Austrália, ou algum outro canto do globo? Trabalha ela como pregador, professor, médico missionário, ajudante ou dirigente? Vai agora, no próximo ano, ou daqui a dez anos, e por quanto tempo sirva em qualquer dado lugar?

Obviamente, alguém tem que tomar estas decisões e emitir as ordens apropriadas se a igreja tem que funcionar harmoniosa e eficazmente. Ordens gerais sem directivas específicas não são suficientes.

De quem, então, devem vir as ordens específicas? É o modo de Deus dar ordens gerais e deixar para as comissões das igrejas, comissões directivas, ou a pessoas individualmente, o elaborar os pormenores específicos? Deu Deus aos homens na igreja a responsabilidade de decidir quem será um pregador, professor, ou médico missionário? Espera o Senhor que dirigentes na igreja determinem que obreiros sejam enviados para vários postos de dever pelo mundo? O povo de Deus necessita de respostas claras, positivas a estas perguntas. Não é seguro ocupar aqui uma posição incerta, insegura, pois a prosperidade da igreja e dos seus membros individuais permanece firme ou cai neste ponto. Este é o motivo pelo qual as Escrituras são tão claras e explícitas em revelar precisamente qual é o caminho de Deus. Ninguém tem qualquer desculpa para estar mal informado.

Antes da sua chegada a Cades-Barneia, foram dadas a Israel repetidas demonstrações arrebatadoras do caminho de Deus e da sua maravilhosa eficácia. Por conseguinte, eles também foram deixados sem qualquer razão para preferirem as suas próprias invenções. Contudo, ao mesmo tempo enquanto não havia justificação para eles repudiarem os caminhos de Deus em favor dos seus próprios caminhos, isto foi o que eles fizeram. As consequências que inevitavelmente se seguiram são prova convincente do perigo que reside num procedimento tão imprudente e ainda assim tão frequentemente escolhido.

Deus nunca deu aos homens na igreja ou em qualquer outro lado poder para fazerem ordens gerais ou específicas. Não fez isto porque arbitrariamente tenha escolhido reservar a autoridade para Si mesmo. É porque somente Ele tem a capacidade para desempenhar esta função. Portanto, quando os homens aceitam ordens gerais de Deus e depois tratam de planear os detalhes específicos, usurpam o lugar de Jeová e, ao fazerem isto, substituem o mistério de Deus pelo mistério da iniquidade. O único resultado possível é fracasso e demora.

Portanto está escrito que *na igreja de Deus — a verdadeira Igreja Cristã* — unicamente Jeová determina todas as nomeações. Em todas as outras igrejas, independentemente de quão alto possam proclamar ser o povo de Deus, os homens assumem esta responsabilidade.

“E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.” *1 Coríntios 12:28*.

Esta Escritura não diz que Deus estabelece vários officios na igreja *através de alguma forma de agente humano*. Ela simplesmente declara que Ele faz isto. Esta verdade é mesmo mais conclusivamente estabelecida pela comparação da igreja com o corpo humano. Tal como o corpo humano tem muitos membros mas apenas uma cabeça, assim é a na verdadeira igreja de Deus. Aquela única Cabeça é Jesus Cristo, a grande Ligação, através de quem Deus executa a Sua vontade na igreja.

“E Ele é a Cabeça do corpo da igreja; é o princípio e o primogénito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência.” *Colossenses 1:28*.

Os verdadeiros crentes são membros do corpo de Cristo, a igreja. A cada um ele atribui um lugar e uma função de acordo com os específicos talentos e capacidades do membro. O corpo, assim coordenado e dirigido *por uma só Cabeça*, torna-se um instrumento verdadeiramente eficaz nas mãos de Deus. Doutra modo, é uma força confusa, derrotada, e inútil.

“Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo assim é Cristo também.

“Pois todos nós fomos baptizados em um Espírito formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.

“Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos.

“Se o pé disser: Porque não sou mão, não sou do corpo; não será por isso do corpo?

“E se a orelha disser; Porque não sou olho não sou do corpo; não será por isso do corpo?

“Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfacto?

“Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis.

“E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?

“Agora pois há muitos membros, mas um corpo.

“E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti: nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós.

“Antes, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários.

“E os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos damos muito mais honra.

“Porque os que em nós são mais honestos não têm necessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela;

“Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros.

“De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.

“Ora vós sois o corpo de Cristo, e Seus membros em particular.

“E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.

“Porventura são todos apóstolos? são todos profetas? são todos doutores? são todos operadores de milagres?

“Têm todos o dom de curar? falam todos diversas línguas? interpretam todos?

“Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e Eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente.” *1 Coríntios 12:12-31.*

Quando Paulo escolheu o harmonioso funcionamento do corpo humano sob o comando de uma eficiente cabeça para ilustrar a relação entre os vários membros do corpo de Cristo e a sua Cabeça viva, estava obviamente a pensar em termos de um corpo livre do domínio do pecado. Num indivíduo assim, todo o membro obedece à cabeça que está sob o comando de Cristo. Nenhum membro, desde o mais pequeno até ao maior, se move a menos que a cabeça lhe ordene. Não se vê as mãos a darem instruções ao coração, nem as pernas aos lábios. Nenhum membro tem jurisdição sobre qualquer outro. Um tal corpo fornece uma apropriada ilustração de operação conjunta entre Cristo e o Seu povo.

No homem dominado pelo pecado, a situação é muito diferente. Apetites, paixões, e afeições estão no comando, com o resultado que a cabeça não é obedecida e a sua autoridade calcada a pés. Outro senhor que não o apontado por Deus tomou o comando, mesmo que, como no caso do homem de *Romanos 7*, a mente deseja obedecer à verdadeira Cabeça — Cristo — está provado que isto é impossível.

Num homem cuja cabeça é o verdadeiro comandante do seu corpo, Deus foi restabelecido. Aqueles que são assim abençoados, entram em paz, repouso, e vida eterna. Naqueles que são mantidos sob o poder do pecado, um caminho diferente do caminho de Deus foi introduzido. Satanás, não Cristo é a cabeça de tal corpo. Por conseguinte, há duas espécies de corpos e caminhos, uma canalizando vida para o crente e o outro oferecendo a morte.

Todo o verdadeiro filho de Deus fará a obra da sua vida compreender, viver, e promover os verdadeiros princípios do corpo de Deus. Como um membro, nunca fará a mais leve tentativa para se exaltar a si mesmo de qualquer maneira ao lugar de Cristo, a Cabeça. Em verdadeira humildade, conscientemente manterá o seu conhecimento que Deus é a Fonte, Cristo a Ligação, e ele próprio o dependente recebedor.

“Cristo é a cabeça da igreja.” *Efésios 5:23*.

“Tudo o que Cristo é para a igreja é para cada indivíduo que é da igreja.

“Ele é a Cabeça da igreja. Semelhantemente é Ele a Cabeça de cada membro na igreja? ‘Mas quero que saibais que Cristo é a Cabeça de todo o *varão*.’ 1 Coríntios 11:3.

“‘Ele é a Cabeça do corpo.’ E na própria natureza das coisas, *nisso* Ele é a Cabeça de cada membro individual da igreja.

“‘Ora vós sois o corpo de Cristo, e Seus membros em particular.’ ‘Porque somos membros do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos.’ 1 Coríntios 12:27; Efésios 5:30, King James.

“Quando Cristo derramou o Espírito no Pentecostes, Ele deu-O a cada um individualmente, assim como à igreja como um todo.

“Quando Ele pelo Espírito veio à igreja aqui, veio a cada um tão verdadeiramente como veio à igreja, e tornou-Se a Cabeça de cada pessoa tão verdadeiramente como se tornou a Cabeça da igreja.

“Na verdade Ele é a Cabeça da igreja sendo a Cabeça de cada pessoa que está na igreja. Primeiro, a Cabeça de cada um, depois a Cabeça da *assembleia* destes, de quem Ele já é a Cabeça individualmente.

“‘A Cabeça de todo o homem é Cristo.’ ‘Onde estiverem dois ou três reunidos juntamente em Meu nome aí estarei no meio deles.’ ‘No qual também vós *juntamente sois edificados* para morada de Deus em Espírito.’ E Ele é a Cabeça do Corpo — A igreja que é a plenitude d’Aquele que cumpre tudo em todos.’ Mateus 18:20; Efésios 2:22; 1:22, 23.

“Por isso Cristo não é a Cabeça da igreja apenas num sentido geral, mas no *sentido mais particular*.

“Ele não é a Cabeça por ocupar a *posição principal* e estar encarregado dos ‘grandes problemas’ da igreja, com os ‘pormenores’ deixados para outros.

“Ele é a Cabeça da igreja no mais amplo e mais completo sentido; porque Deus ‘O constituiu como Cabeça sobre *todas as coisas da igreja*’. Efésios 1:22. Ele é a Cabeça de todas as coisas que jamais podem pertencer ‘à’ igreja.

“Qualquer coisa da qual Ele não é a Cabeça *num directo e completo sentido* em que Ele é a Cabeça da igreja — Isso não alcança a igreja.

“Mesmo apesar de ser feito em nome da igreja, e como se fosse em favor da igreja, se *Ele* não é a Cabeça disso, pertence a outra coisa, tem origem *noutra pessoa*, e torna-se precisamente até aí insuficiente no que respeita ao ser *da* igreja ou pertencer *à* igreja.

“E isto está eternamente certo. No eterno propósito a igreja deve ser a expressão da plenitude de todas as perfeições de Deus. À igreja isto é expresso, e pode sê-lo *apenas de Cristo* em quem toda a plenitude habita.

“Porque *qualquer coisa* da qual Ele não é a Cabeça e procede d’Ele para chegar à igreja, ou ser da igreja, seria apenas para manchar ou difamar a perfeição divina da igreja. E Cristo está agora ocupado em santificar e purificar a igreja de todas estas coisas ‘com a lavagem da água, *pela Palavra*, para a apresentar a Si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, *nem coisa semelhante*, mas santa e irrepreensível.” A.T. Jones, *Lessons from the Reformation*, 106, 107.

Este é o caminho de Deus para a Sua igreja. Estes são os princípios que a igreja deve defender com uma determinação que não permitirá o mais pequeno compromisso ou apostasia dele. O Altíssimo tem dado ao Seu povo a tarefa de restaurar aquilo que Satanás tem trabalhado tão desesperadamente para destruir, nomeadamente, o eficiente sistema de governo de Deus. O diabo está sempre a procurar ganhar vantagem das situações na igreja pelas quais ele é capaz de exercer pressão nos membros para que tomem os assuntos nas suas mãos.

Quando o rei Saul estava à espera que Samuel chegasse para oferecer o sacrifício antes de irem lutar contra os filisteus é um típico exemplo disto. Dia após dia passava sem haver sinal do profeta. Como a ameaça de um ataque filisteu se tornou mais iminente, a ansiedade do rei cresceu

rapidamente. Satanás viu e usou esta oportunidade para pressionar o rei a fim de agir imediatamente. O monarca por fim rendeu-se à tentação e avançou para o altar envergando a armadura completa, oferecendo ele mesmo o sacrifício. Antes dele acabar chegou o profeta e, sob inspiração, informou o monarca que por causa da sua acção e suas terríveis implicações, o seu reino passaria para outra dinastia. Vede *1 Samuel* 13:1-15.

Quando, depois de um longo período de apostasia, um novo movimento está surgindo sob a liderança de Deus, a principal preocupação de Satanás é substituir os procedimentos de Deus pelos seus. Sucesso significa que ele substituiu o mistério de Deus pelo mistério da iniquidade. Uma vez alcançado isto, ele sabe que o movimento está condenado. Até agora, nenhuma igreja na história escapou aos seus enganos. Todas se têm tornado em mistérios de iniquidade rejeitadas por Deus, e têm eventualmente sido substituídas por novos movimentos.

Satanás viu no dilema de Saul a oportunidade de exercer pressão sobre ele a fim de tomar as coisas nas suas mãos. Do mesmo modo, ele vê nos problemas que se levantam num movimento que cresce rapidamente, a oportunidade para pressionar os membros com uma viva necessidade de tomar as coisas nas suas próprias mãos. Neste ponto é importante que a igreja compreenda e siga os correctos procedimentos. Infelizmente é um tempo em que os membros estão menos inclinados a isso por causa da sua limitada experiência e a tendência para levarem para o novo movimento os procedimentos com os quais estavam familiarizados nas igrejas de Babilónia. Por conseguinte, Satanás sente que o seu momento de maior vantagem está nesta primeira fase do desenvolvimento do movimento.

É então que a rápida expansão da obra parece ameaçada por alguns poucos obreiros. Este é um problema que “exige” imediata e específica solução. Satanás é rápido em sugerir aos membros que se *eles* não escolherem e apontarem cuidadosamente pessoas para preencherem estes postos, *eles* tristemente negligenciarão as suas responsabilidades e a obra será retardada se *eles* não agirem. Esta é uma subtil e poderosa tentação contra a qual os crentes não têm protecção se não tiverem aprendido os princípios da divina ordem. A tendência natural é juntar o grupo, discutir o problema, cuidadosamente examinar as qualificações dos candidatos nomeados, e em seguida fazer as nomeações.

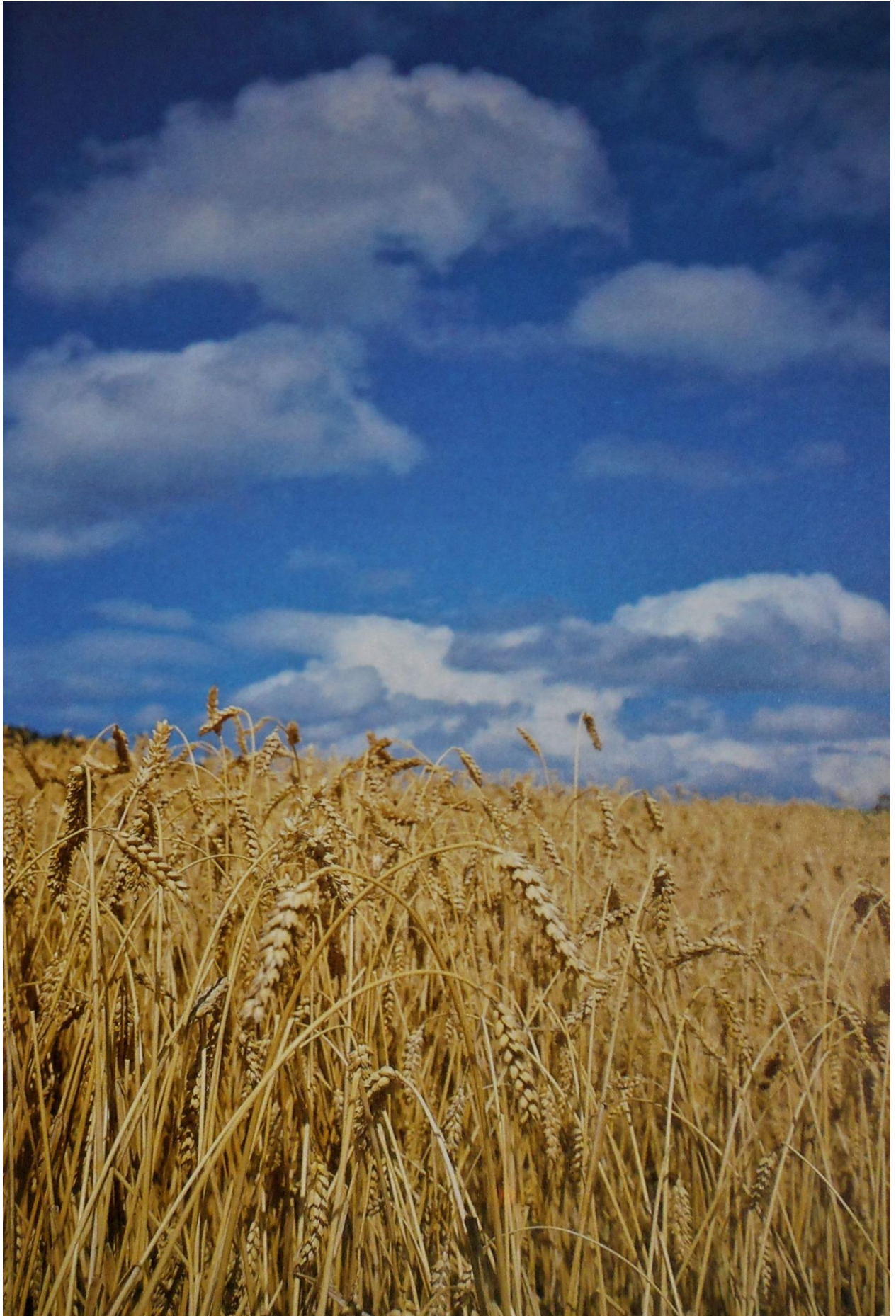
Tendo feito isso, os membros sentem o ardor da satisfação por causa das suas “boas obras” no “avanço da causa de Deus”, ao passo que efectivamente deviam sentir a mais profunda condenação de terem estabelecido o mistério da iniquidade na igreja e desse modo condenando-a à destruição. Não há absolutamente desculpa alguma para qualquer filho de Deus cometer este erro, porque o Senhor deu específicas instruções naquilo que deve ser feito quando a obra é vasta e os obreiros poucos.

“Então disse aos Seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros.

“Rogai ao Senhor da seara que *mande* ceifeiros para a Sua seara.” *Mateus* 9:37, 38.

Está correcto a igreja identificar problemas e levá-los perante o Senhor. Ela deve saber quando há necessidade de obreiros e deve ir à Cabeça divina e entregar-Lhe o fardo. Mas não é o seu lugar apontar candidatos para preencher qualquer posição na igreja. É a sua obra orar ao “... Senhor da seara, para que *Ele*” e não eles, “envie ceifeiros para a Sua seara”. Esta instrução de Cristo harmoniza-se perfeitamente com os princípios estabelecidos pelo Espírito Santo quando, através de Paulo, mostrou as respectivas funções da Cabeça e dos membros.

Não importa quão grande a necessidade, nem quão isentos de falta os seus motivos, em nenhuma circunstância podem os homens escolher e colocar na igreja, evangelistas, apóstolos, pastores, curadores, socorros, governos ou quaisquer outras responsabilidades semelhantes. Estas nomeações apenas podem vir da grande Cabeça, Jesus Cristo.



Portanto, *tanto as ordens gerais como as específicas* devem ter origem em Deus e nunca nos homens. Quando qualquer outro caminho é seguido que não este, podemos estar certos que o fracasso é o resultado. De facto, a única razão pela qual a igreja está ainda lutando para alcançar a vitória necessária para estabelecer o reino eterno da justiça de Deus, é devida ao fracasso em aderir estritamente a estes procedimentos. Repetidamente, outra cabeça tem sido aceite pela igreja que, em vez de fielmente se guardar contra essa terrível apostasia, a tem encorajado.

As Escrituras contêm as detalhadas histórias do povo de Deus. Houve tempos em que indivíduos e mesmo movimentos de pessoas completos aceitaram as ordens gerais de Deus e depois esperaram e fielmente seguiram as Suas instruções específicas. Em cada uma dessas ocasiões eles não conheceram “fracasso, perda, impossibilidade ou derrota”. *O Desejado de Todas as Nações*, 474.

Por outro lado, impressionante evidência Escriturística mostra que em toda a situação em que aceitaram as ordens gerais de Deus e em seguida procederam ao desenvolvimento dos seus próprios planos específicos para executarem as primeiras, apenas conheceram “fracasso, perda, impossibilidade, ou derrota”. Tão repetida, clara e poderosamente é a lição ensinada que ninguém pode estudá-la sem reconhecer que somente nos caminhos de Deus há qualquer possibilidade de sucesso numa base permanente.

É o especial engano de Satanás iludir os homens levando-os a crer que por terem sinceramente os melhores interesses da igreja no coração, fazerem grandes sacrifícios para a sua prosperidade, e aceitarem as ordens gerais, têm portanto a bênção de Deus sobre si e estão andando nos Seus caminhos. Ele leva-os a crer que o sorriso aprovador de Deus está sobre eles quando de facto estão caminhando separados de Deus, privados da Sua presença e da Sua aprovação.

Não é difícil ver dentro das igrejas actualmente estabelecidas, o caminho de Deus substituído pelo de Satanás. A Igreja Católica Romana fornece um excelente exemplo para isto. Ela declara a sua disposição para aceitar e seguir a ordem geral de Deus para adorar Jeová um dia em sete, mas usurpa o direito de designar qual será o dia. Tão arrojada ela se tornou na sua confiança de que Deus está satisfeito com as suas acções, que um dos seus representativos escritores realmente declarou que a igreja aceita as ordens gerais de Deus mas faz os seus próprios planos específicos. Aqui está a confissão.

“Deve ser notado que a Igreja não mudou a lei divina que obriga a adoração dos homens, mas apenas mudou o dia em que a adoração pública devia ser feita.” John A. O’Brien, *The Faith of Millions*, 543, Londres, W.H. Allen, 1962.

Onde quer que Deus tenha especificamente designado o sétimo dia como o dia da adoração, a Igreja Católica escolheu o domingo, o primeiro dia da semana. Assim os homens usurpam a responsabilidade de Deus fazer a ordem específica assim como também a geral. Satanás está extremamente satisfeito com este esquema e prefere-o muito mais acima daquele em que os homens não aceitam nem as ordens gerais de Deus nem as específicas. Há milhões nesta categoria, mas não são esses que o inimigo usa mais eficazmente, pois ele pretende construir

#### **ILUSTRAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR:**

*Os campos estão brancos e prontos para a ceifa. Obreiros consagrados são urgentemente necessários, mas, não importa quão imperativa a necessidade possa ser, ninguém pode entrar no serviço do Senhor por sua própria iniciativa. A instrução do Senhor é muito clara. Não devemos apontar-nos a nós próprios nem a outros, mas devemos orar para que o Senhor da seara envie os trabalhadores necessários. Esta é a sua responsabilidade, e quaisquer esforços da nossa parte para tomarmos essa responsabilidade, não importa quão sinceros e bem-intencionados sejam, é introduzir princípios papais na igreja.*

uma contrafacção do reino de Deus em que ele será o planeador no lugar da verdadeira Cabeça. Para fazer isto, ele tem que persuadir os seus servos de que estão realmente a servir a Deus. A sua aceitação das ordens gerais assegura-lhes que são leais a Deus, ao passo que, levando-os a formular os pormenores específicos, Satanás garante que não o são.

Cades-Barneia foi um lugar onde Satanás realizou estes objectivos. O povo estava satisfeito por aceitar as ordens gerais a fim de irem e possuírem a terra, mas não estavam interessados em deixar que Deus desse os pormenores específicos. Eles começaram a fazer estes por si mesmos encarregando doze espias de espiares a terra, formarem um plano, e trazê-lo para que eles seguissem.

Não viram razão para suspeitar que tinham caído num erro grave. Não foi eles terem encarregado doze espias um testemunho da sua fé? Não foi uma obra adicional à confiante aceitação da palavra de Deus que possuíam a terra? Que mais podiam eles fazer para mais perfeitamente obedecerem ao Senhor? Como podia alguma coisa estar errada naquilo que estavam a fazer? Com certeza Deus estava muito satisfeito com a sua fé, entusiasmo, e boas obras!

Quão terrivelmente errados estavam. Eles não compreenderam que as ordens gerais e específicas devem vir de Deus e se não vierem, Deus não pode estar satisfeito. Acerca desse povo nessa situação, o Espírito tristemente declarou, “Não conheceram os Meus caminhos. Por isso, não entrarão no Meu repouso”, e não entraram. *Hebreus 3:10, 11.*

Por estas palavras como elas se referem ao comportamento de Israel em Cades-Barneia, o Senhor plenamente nos disse que todo aquele que aceita as Suas ordens gerais, mas faz as suas próprias ordens específicas, *não conhece o Seu repouso e não entrará nele*. Isso significa que nunca pode ser um verdadeiro cooperador de Deus, nunca pode participar na vitória final sobre o poder das trevas, e com certeza nunca caminhará nas ruas de ouro.

“Procuremos pois entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência.” *Hebreus 4:11.*

O Altíssimo nunca muda. Sempre que os homens aceitam as instruções gerais de Deus, mas fazem ordens específicas para si mesmos, Deus dirá o mesmo deles como disse do antigo Israel. “Não conheceram os Meus caminhos. Por isso jurei na Minha ira, que não entrarão no Meu repouso.”

A Igreja Católica Romana abertamente declara que aceita as ordenanças gerais de Deus mas faz as suas ordens específicas. Que pode um Deus consistente dizer aos membros de uma organização que defende aqueles procedimentos?

Ele só pode dizer, “Não conhecem os Meus caminhos. Por isso... não entrarão no Meu repouso.” *Hebreus 3:10, 11.*

Esta poderosa organização eclesiástica não é a única com sentença condenatória. Considerai todos os grupos protestantes de hoje, independentemente se guardam o sétimo ou o primeiro dia da semana. Todos eles operam pelos mesmos princípios de organização. Aceitam as ordens gerais de Deus na maior parte, mas determinam os detalhes específicos nas assembleias humanas, comissões, reuniões administrativas. Não há diferença básica entre estes métodos e os usados por qualquer organização do mundo tal como um corpo político, de negócios, ou desportivo.

Deus não pode falar de maneira diferente daquela que falou acerca do antigo Israel ao dizer. “Não conheceram os Meus caminhos. Por isso... não entrarão no Meu repouso.” *Idem.*

Este é um juízo extremamente solene e sério para se pronunciar sobre um povo. Na realidade, é uma declaração de condenação eterna exigindo imediato arrependimento da parte daqueles a quem ele se aplica. De nenhum outro modo pode ser assegurado um escape da eterna destruição. Alguns podem desafiar esta verdade, argumentando que é por Cristo que a salvação é obtida. Isto é verdadeiro desde que em termos gerais e específicos o pecador necessitado vá ao Salvador de



acordo com as especificações de Deus, não as suas. No plano divino da salvação não há "... um fio de origem humana". *Parábolas de Jesus*, 311.

Nos assim chamados evangelhos ensinados pelas igrejas em que o plano humano é estabelecido, há uma grande quantidade de invenção humana. Os resultados são manifestos na ausência de libertação do poder do pecado nas vidas daqueles que seguem estes "evangelhos". Portanto, visto que o recebimento dos benefícios do verdadeiro evangelho requer aceitação das ordens gerais e também das ordens específicas, não é demasiado dizer que este é o único meio de escape da eterna condenação. Infelizmente, a vasta maioria dos professos cristãos são totalmente ignorantes disto. O resultado é que eles estão sendo precipitados para a eterna ruína sem o saberem.

Antes da provação terminar, todas as pessoas na Terra serão levadas a ver a diferença entre os caminhos de Deus e os de Satanás e serão obrigadas a positiva e inteligentemente escolher entre eles. Por isso existirão somente duas classes no mundo. Uma receberá as ordens gerais e as ordens específicas apenas de Deus e obedecer-lhes-á literalmente, enquanto a outra, tendo aceite as ordens gerais de Deus até um certo ponto, prosseguirá fazendo as suas próprias invenções. A primeira entrará completamente no eterno repouso de Deus enquanto a última irá para a eterna destruição.

A proclamação da mensagem do terceiro anjo é designada por Deus para mostrar o anticristo tal qual ele é — uma organização em que outra cabeça que não a de Cristo está entronizada. É requerido um povo especial para cumprir esta missão, pois seria impossível denunciar os caminhos de Babilónia se continuassem a seguir os mesmos procedimentos. Os mensageiros que por fim darão a advertência final têm que sair totalmente de Babilónia. Terão apenas uma Cabeça, Cristo Jesus. Então e somente então, pode Deus finalizar a obra e abreviá-la em justiça. Eles nunca atingiram isto antes, porque tem havido sempre demasiada mistura do anticristo entre aqueles que foram chamados para ser Seus instrumentos. Quando o povo de Deus for finalmente purificado destes erros, os últimos movimentos serão na verdade rápidos.

Deus está inflexivelmente dedicado à Sua ordem de governo, não porque arbitrariamente rejeitou todos os outros sistemas, mas porque este é o único que pode operar com sucesso. O homem não tem capacidade para ser um seguro planeador. Portanto, ele nunca pode ser a cabeça. Se Deus entregasse o lugar de comando ao homem seria o mesmo que entregar o controlo de um corpo humano a um pequeno dedo ou a algum membro irracional, e um corpo não pode operar com sucesso sob esse tipo de direcção.

"Eu sei ó Senhor, que não é do homem o seu caminho nem do homem que caminha o dirigir os seus passos." *Jeremias 10:23*.

"Não temos sabedoria suficiente para planejar nossa vida... Deixai que Deus faça os Seus planos para vós." *A Ciência do Bom Viver*, 478, 479.

Creiamos pois nos conselhos do Altíssimo e aceitemos a verdade que não nos foi dado o poder ou ofício de planeadores quer das ordens gerais quer das específicas. Vamos todos conhecer e guardar o lugar apontado como membros, conhecendo e amando a única Cabeça na igreja de Deus. Qualquer pessoa ou qualquer movimento sobre o qual Ele não é a Cabeça, não faz parte do corpo de Cristo e não pode entrar no santo repouso de Deus.

## O Caminho de Deus

**D**epois de estabelecida a distinção entre ordens gerais e ordens específicas, é agora possível compreender com mais exactidão onde é que os israelitas cometeram o seu trágico erro em Cades-Barneia.

Quando chegaram a este ponto, a terra prometida estava mesmo perante eles a norte. Deus imediatamente lhes deu as ordens *gerais* para irem e possuírem o território dos cananeus.

“Então eu vos disse: Chegados sois às montanhas dos amorreus, que o Senhor vosso Deus nos dará.

“Eis aqui o Senhor teu Deus te deu esta terra diante de ti: sobe, possue-a como te falou o Senhor Deus de teus pais: não temas, e não te assustes.” *Deuterónimo* 1:20, 21.

Tivessem eles conhecido os caminhos de Deus, ter-se-iam chegado a Ele e depois de humildemente Lhe pedirem instruções específicas para a invasão, teriam esperado até que estas lhes fossem dadas antes de fazerem quaisquer movimentos. Deus já tinha operado e estava preparado para lhes comunicar planos pormenorizados e perfeitos para a campanha. A sua imediata responsabilidade era colocarem-se a si mesmos onde pudessem receber esta instrução e em seguida obedecer-lhe à letra. Se tivessem feito isto, a sua entrada na herança prometida teria sido imediata, e a sujeição dos cananeus totalmente bem sucedida.

Depois das maravilhosas experiências com que eles tinham sido abençoados desde a partida do Egipto, não deviam ter acariciado pensamentos para qualquer outro caminho. Deus havia demonstrado a Sua capacidade para os guiar com certeza infalível de vitória em vitória. Não havia desculpa para se afastarem de tão impecável liderança para outro planeador ou solucionador de problemas.

Sim, isto foi o que eles fizeram. Decidiram que planeadores humanos tomariam o lugar do divino. Sem compreenderem as implicações totais daquilo que estavam a fazer, determinaram substituir o mistério de Deus pelo mistério da iniquidade. Baal seria eleito como deus deles. Exigiram a nomeação de uma comissão representativa que seria encarregada de espiar a terra e, da informação obtida, formar um plano de ataque para o povo seguir. Foi um claro caso em que os homens substituíram Deus por si mesmos.

“Então todos vós vos chegastes a Mim e dissestes: Mandemos homens adiante de nós, para que nos espie a terra, e nos dêem resposta, por que caminho devemos subir a ela, e a que cidades devemos ir.” *Deuterónimo* 1:22.

Moisés referiu-se ao mesmo incidente em *Números* 13:3, onde ele parece indicar que a ideia veio de Deus, pois declarou que o Senhor deu instruções para a escolha e envio dos espias. Se isto é assim, então temos uma contradição na declaração de Moisés em *Números* e *Deuteronómio*.

“E falou o Senhor a Moisés dizendo:

“Envia homens que espie a terra de Canaã, que Eu hei de dar aos filhos de Israel; de cada tribo de seus pais enviareis um homem, sendo cada qual maioral entre eles.

“E enviou-os Moisés do deserto de Parã, *segundo o dito do Senhor*; todos aqueles homens eram cabeças dos filhos de Israel.” *Números* 13:1-3.

Por isso a Escritura parece atribuir a ideia a Deus, enquanto as palavras de Moisés em *Deuteronómio* indicam que ela veio do povo. Isto parece ser uma contradição, mas de facto não é. Em *Deuteronómio*, Moisés correctamente declara que a ideia teve origem no povo que a trouxe a Moisés. Ele, por seu lado, levou a questão ao Senhor, que, por nunca forçar a vontade de nenhum dos Seus filhos, deu-lhes permissão para fazerem o que desejavam. Por estarem dispostos a aceitar algum conselho d’Ele, aconselhou-os esboçando a melhor maneira de fazerem aquilo que tinham escolhido. Estes factos são confirmados pelo seguinte testemunho.

“Onze dias depois de partir do monte de Horebe, as hostes hebreias acamparam-se em Cades, no deserto de Parã, que não ficava longe das fronteiras da terra prometida. Ali foi proposto pelo povo que fossem enviados espias a fim de examinarem o país. Isto foi apresentado ao Senhor por Moisés, e Ele lhes concedeu permissão, com a instrução de que um dos príncipes de cada tribo fosse escolhido para tal fim. Os homens foram escolhidos, conforme ficara determinado, e Moisés mandou-os ir ver o país: qual era o mesmo, sua situação e vantagens naturais, e o povo que nele habitava, notando se eram fortes ou fracos, poucos ou muitos; bem como deveriam observar a natureza do solo e sua produtividade, e trazer do fruto da terra.” *Patriarcas e Profetas*, 405.

Quando Moisés trouxe o plano do povo a Deus, Ele não manifestou desaprovação, nem fez qualquer tentativa de lhes apontar onde estavam errados tal como havia feito anteriormente quando pediram carne, vede *Números* 11, e faria mais tarde quando pediram a instituição de uma monarquia. Vede *1 Samuel* 8.

Alguns argumentaram que a ausência de desaprovação significa a aprovação do esquema por parte de Jeová, especialmente quando Moisés declarou que a proposição do povo lhe agradou. É afirmado que o forte protesto de Deus proclamado quando pediram alimento cárneo numa ocasião e um rei noutra, prova que se Ele estivesse descontente com o que foi feito em Cades, teria feito enfaticamente o mesmo.

Raciocinar deste modo indica uma má compreensão dos caminhos de Deus. Há uma boa razão para que Deus nada dissesse em Cades, onde, de facto, o povo estava a deixar os caminhos d’Ele em troca dos seus. Primeiramente, Deus dedica-Se à educação do Seu povo nos divinos princípios dando-lhes repetidas evidências do modo como Ele opera. Eventualmente eles são trazidos à situação em que os prova para ver o que aprenderam. Se eles nessa altura decidirem seguir um caminho errado, nada diz. Dois exemplos específicos disto à parte do que aconteceu em Cades-Barneia, são quando Abrão e Sara planearam o nascimento do filho da promessa através de Agar, e quando, nas margens do Mar Vermelho, os israelitas despojaram os egípcios das suas armas. Em nenhum caso Deus proferiu desaprovação, porém isto não quer dizer que Ele aprovou qualquer uma destas acções.

Porquê, então, falou Ele tão claramente contra o pedido de alimento cárneo e contra a instituição da monarquia, quando não protestou contra a acção de Abrão e Sarai, a constituição dum exército, ou o plano para enviar uma comissão de homens a Canaã? Não parece indicar uma inconsistência no comportamento de Deus?

Deus não é inconsistente; Ele é um Deus de princípios imutáveis. Portanto, tem que haver uma diferença entre estas situações. Quando esta diferença é compreendida, será rapidamente visto por que motivo Deus não exprimiu desaprovação a Abrão e Sarai, aos israelitas nas margens do

Mar Vermelho, e à multidão em Cades-Barneia, mas exprimiu desaprovação quando clamaram por carne, e quando pediram um rei.

A diferença é que, onde quer que nos primeiros três exemplos os participantes, em face de uma profunda educação do contrário, formaram um definido plano de acção que pretendiam levar a cabo, noutros casos pediram que Deus lhes desse o que queriam. Notai a diferença na aproximação deles.

Em Cades-Barneia eles disseram; “Enviemos homens perante nós.”

Nos tempos de Samuel disseram. “Dá-nos um rei que julgue sobre nós.” *1 Samuel 8:6.*

Por conseguinte, a recusa de Deus em contestar a decisão do povo para enviar espias a Canaã, não indica de modo algum que Ele aprovara o plano. Se tivessem vindo pedindo que *Ele* enviasse os espias, então teria objectado, mas não quando vieram anunciando a sua intenção para executar um plano que eles já tinham formado. Sob estas circunstâncias, é o caminho de Deus permanecer em silêncio e deixar o povo ter aquilo que quer.

Seria impossível avaliar correctamente as razões para o seu fracasso em Cades-Barneia e serem beneficiados pelas lições a ser aprendidas dos seus erros a menos que se confirmasse que o plano para espiar a terra fosse do povo e não de Deus. A verdade é que Israel, tendo aceite as ordens gerais de Deus para possuir a terra, olhou para si mesmo à procura de pormenores específicos pelos quais a invasão seria realizada. Agiu como se Deus fosse incapaz de os guiar de acordo com a Sua divina vontade. Tendo aceite a Sua promessa que Ele lhes daria Canaã, tomaram então nas suas mãos o cumprimento da promessa em Seu favor. Eles não podiam ter adoptado uma acção pior.

Primeiramente, o exercício foi de total desperdício de tempo. Seis valiosas semanas foram passadas a tentar organizar algo que Deus já tinha planeado. Desde a eternidade, Deus tinha previsto esta situação e tinha operado perfeitos procedimentos para os israelitas seguirem. Se eles tivessem confiado que Ele lhes revelaria estes planos, não teriam falhado. A sua marcha para Canaã teria sido triunfante.

Em segundo lugar não importa quão sábio, bem treinado, ou experiente o povo pudesse ser, não tinha possibilidade de fazer um plano que se comparasse com o maravilhoso desígnio de Deus. Para se assemelhar à Sua obra, eles teriam que possuir a mesma sabedoria, total conhecimento da posição do inimigo, força, estratégia, e pensamento, e também perfeito conhecimento daquilo que aconteceria no futuro. Eles não tinham estas coisas, nem nunca teriam.

Todavia, a falta mais grave não era a imperfeição de tudo o que eles tentassem, nem o tempo perdido em tentá-lo. Pior ainda, eles transferiram a confiança no Altíssimo para si mesmos e então, em consequência, tomaram sobre si as responsabilidades pertencentes a Deus. Isso era realmente mau. Eles privaram-se do único Guia que podia conduzi-los, e por isso trouxeram sobre si mesmos incalculável prejuízo.

Não tivessem eles cometido estes erros, teriam mantido os serviços do Planeador e Solucionador de problemas que nunca comete um erro e que nunca é apanhado de surpresa. Deus nunca espera até que a emergência apareça para pensar numa solução para ela. Antes da situação se revelar, Ele previu eternamente cada detalhe dela e já delinhou planos perfeitos para tratar do problema.

“Em toda a dificuldade Ele tem um caminho preparado para trazer alívio. Nosso Pai celestial tem mil modos de providenciar em nosso favor, modos de que nada sabemos. Os que aceitam como único princípio tornar o serviço e a honra de Deus o supremo objectivo, hão de ver desvanecidas as perplexidades, e uma estrada plana diante de seus pés.” *O Desejado de Todas as Nações*, 313.

“Os que submetem a vida a Sua direcção e a Seu serviço, jamais se verão colocados numa posição para a qual Ele não haja tomado providências.” *A Ciência do Bom Viver*, 248.

Estes dois testemunhos confirmam que o Senhor não espera até que o problema apareça e então, como os humanos fazem, procuram uma solução. “Em toda a dificuldade Ele tem um caminho preparado.” Portanto, todo o filho de Deus deve repousar na certeza que quando um problema aparece já está resolvido. Ele não precisa estar ansioso porque ele tem unicamente que lançar todos os seus cuidados sobre o Senhor e esperar pacientemente a libertação. De facto, quanto mais complicado o problema, mais alegremente pode Ele antecipar uma notável demonstração da competência de Deus como Solucionador de problemas. Não é natural a humanidade fazer isto e os homens devem aplicar-se diligentemente à tarefa de adquirir este conhecimento.

Os israelitas, apesar de vários anos de obra educacional da parte de Deus, não tinham aprendido as lições, de modo que quando veio a crise agiram como se Deus não só fosse apanhado de surpresa, mas também planeasse abandoná-los. Esta errada convicção levou-os a recorrer às suas próprias invenções. Deus, tristemente olhando para a cena, só podia comentar, “não conheceram os Meus caminhos. Assim... não entrarão no Meu repouso”. *Hebreus 3:10, 11.*

Eles não tinham desculpa para não conhecerem e não seguirem os caminhos de Deus, porque lhes tinha sido demonstrado com sucesso cada passo do caminho do Egito até Cades-Barneia. Unicamente é necessário relatar os vários episódios dessa jornada para ver como Deus amplamente lhes tinha revelado os Seus caminhos e provado a sua infalibilidade.

Como escravos no Egito, os israelitas estavam pressionados sob um terrível problema criado por si mesmos. Tivessem eles olhado unicamente para Deus como seu Guia, nunca estariam numa tal posição. Tão poderosos eram os egípcios em comparação com eles que reconheceram que não tinham esperança de encontrar soluções para si mesmos. Não tinham opção senão deixar a questão inteiramente a Deus. Isto deu ao Senhor uma excelente oportunidade para demonstrar os Seus caminhos na esperança que uma vez a sua perfeita eficiência tivesse sido estabelecida, os israelitas nunca se teriam afastado deles.

O Senhor *não* levou Moisés a reunir os anciãos e ordenar-lhes que poderosamente inventassem um plano que, abençoado por Deus, serviria para resolver o problema. Isto não é, nem nunca será, o Seu caminho. Não há razão para um tal procedimento, pois Deus já tinha operado a solução. Ora Ele tinha que apenas comunicar os detalhes específicos ao povo através de Moisés, com a exigência que eles obedecessem inquestionavelmente.

Contudo, antes dos detalhes específicos serem revelados, uma tentativa foi feita para quebrar a sua servidão através dos planos humanos. Moisés foi o homem que inventou o esquema e procurou executá-lo.

“Na corte de Faraó, Moisés recebeu o mais elevado ensino civil e militar. O monarca resolvera fazer de seu neto adoptivo o seu sucessor no trono, e o jovem foi educado para a sua elevada posição. ‘E Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios; e era poderoso em suas palavras e obras’. Actos 7:22. Sua habilidade como chefe militar tornou-o favorito dos exércitos do Egito, e era geralmente considerado como personagem notável. Satanás fora derrotado em seu propósito. O mesmo decreto que condenava as crianças hebreias à morte, tinha sido superiormente encaminhado por Deus de modo a favorecer o ensino e educação do futuro chefe de Seu povo.” *Patriarcas e Profetas, 250.*

Até aqui, o plano de Deus estava em movimento sem a interferência humana. O Senhor apesar de dar a conhecer aos anciãos e a Moisés o facto que Moisés era o instrumento divinamente ordenado através de quem a libertação seria realizada.

“Os anciãos de Israel foram instruídos pelos anjos de que o tempo para o seu libertamento estava próximo, e que Moisés era o homem que Deus empregaria para realizar esta obra. Os anjos também instruíam a Moisés quanto a havê-lo Jeová escolhido para quebrar o cativeiro de Seu povo.” *Idem.*

Porém, o treino de Moisés nas escolas egípcias não era um caminho no procedimento divino. Era uma educação na forma como os homens fazem as coisas. Por isso é uma pequena maravilha que Moisés desenvolvesse as suas próprias ideias para o êxodo. Ele erradamente viu no seu treino militar uma divinamente ordenada preparação para a vindoura partida para a terra prometida.

“Supondo que deveriam obter sua liberdade, pela força das armas, tinha ele a expectativa de levar o exército hebreu contra as hostes do Egipto e, tendo isto em vista, prevenia-se contra suas afeições, receando que, pelo seu apego à mãe adoptiva ou a Faraó, não estivesse livre para fazer a vontade de Deus.” *Idem*.

Mesmo apesar de Moisés esperar que o problema fosse resolvido pela acção militar, tem a seu crédito não se dedicar ao cuidadoso delineamento duma estratégia. Ele esperou pacientemente que o Senhor abrisse o caminho. Por isso quando ele viu o egípcio a castigar o seu irmão hebreu, interpretou mal isto como se fosse a providência a ordenar-lhe que iniciasse a campanha. De acordo com isto, derramou em primeiro lugar o sangue, matando o opressor, esperando que o incidente inspirasse os seus irmãos, sob a bênção e direcção pessoal de Deus, para levantar-se e quebrar a sua servidão. Mas Deus não estava no plano e as expectativas de Moisés não foram realizadas.

“E, vendo maltratado um deles, o defendeu, e vingou o ofendido, matando o egípcio.

“E ele cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão; mas eles não entenderam.” *Actos 7:24, 25*.

“Matando o egípcio, Moisés caíra no mesmo erro tantas vezes cometido por seus pais, de tomar nas próprias mãos a obra que Deus prometera fazer. Não era vontade de Deus libertar o Seu povo pela guerra, como Moisés pensava, mas pelo Seu próprio grande poder, para que a glória Lhe fosse atribuída a Ele tão-somente.” *Patriarcas e Profetas, 252*.

A razão para a determinação de Deus que a saída do Egipto fosse pelo Seu grande poder, “... que a glória fosse atribuída a Ele tão-somente”, pode muito facilmente ser mal compreendida. Muitos podiam ter concluído destas palavras que Deus era tão egoísta, orgulhoso, e amante de louvor, que não podia suportar compartilhar qualquer crédito ou glória com mais alguém. Uma tal interpretação é completamente inconsistente com o Seu carácter de infinito amor. O verdadeiro motivo de Deus era muito diferente desse. Ele era guiado inteiramente pela preocupação pelo Seu amado povo.

Ele sabia isso porque, na verdadeira natureza das coisas, Ele somente pode ocupar a posição de Planeador e Solucionador de problemas, o sucesso da jornada e ocupação de Canaã dependia do reconhecimento e acção do povo e actuação de harmonia com este facto. Se em qualquer altura fossem introduzidas modificações nos esquemas divinos, desastre e demora acompanhariam o seu caminho. A única maneira pela qual eles podiam ser salvaguardados desses procedimentos perigosos era terem estes princípios tão profundamente gravados nas suas mentes, que estivessem seguros contra qualquer tentação de voltar às suas próprias obras. Logo no início Deus tirou todo o proveito possível da oportunidade para dar ênfase a estas verdades de modo que a clara, convincente demonstração seria uma protecção segura para eles. Foi por causa deles que Ele desejou que o louvor fosse para Si somente.

Obviamente, quando Moisés matou o egípcio não estava ainda preparado para participar neste tipo de obra. Ele cometeu o habitual erro de Babilónia de fazer a obra que Deus tinha prometido fazer, com demasiada confiança no homem e pouca em Jeová. Se o povo se levantasse em apoio de Moisés sem treino militar, endurecimento, e armas, a chacina teria sido de tal magnitude que dizimaria Israel. Nada podia ter servido melhor Satanás.

Moisés necessitava de reeducação. Havia muita coisa para aprender e para desaprender. De acordo com isso, Deus levou o seu fracasso em boa conta permitindo-lhe sair do Egipto para

Midiã. Ali, quarenta anos foram dedicados a desenvolver nele tal humildade e fé que qualquer inclinação para confiar nas suas próprias obras foi eliminada.

“Moisés não estava preparado para a sua grande obra. Tinha ainda a aprender a mesma lição de fé que havia sido ensinada a Abraão e Jacó — não confiar na força e sabedoria humanas, mas no poder de Deus, para o cumprimento de Suas promessas. E havia outras lições que, em meio da solidão das montanhas, devia Moisés receber. Na escola da abnegação e agruras, ele devia aprender a paciência, a moderar as suas paixões. Antes que pudesse governar sabiamente, devia ser ensinado a obedecer. Seu coração devia estar completamente em harmonia com Deus, antes de poder ele ensinar o conhecimento de Sua vontade a Israel. Pela sua própria experiência devia estar preparado a exercer um cuidado paternal sobre todos os que necessitavam de seu auxílio.” *Patriarcas e Profetas*, 253.

Talvez a frase mais significativa neste parágrafo seja: “Antes que pudesse governar sabiamente, *devia ser ensinado a obedecer.*”

A educação de Moisés na obediência tinha que ser profunda e cuidadosa a fim de o preparar para uma obra em que Deus, sabendo os requisitos do sucesso, pretendia que nenhuma ameaça de invenção humana fosse introduzida. Se o guia do povo não tivesse aprendido que as ordens gerais e as específicas vinham ambas de Deus e que deviam ser obedecidas sem questão ou modificação, com certeza não podia ter guiado o povo nos caminhos de Deus.

Muitas pessoas têm uma visão muito superficial do que a obediência a Deus envolve. Muitos que confiantemente crêem que são fiéis observadores dos mandamentos de Deus, estão continuamente envolvidos na elaboração de planos para o avanço da causa de Deus. Eles não compreendem que por assim fazerem se colocaram como deuses no lugar de Jeová e por isso, quebrando o primeiro mandamento, têm de facto transgredido em todos eles.

Este pecado reflecte um elevado nível de auto-suficiência. Aqueles que praticam isto têm magros pontos de vista da grandiosa majestade de Deus e ideias muito exaltadas acerca das suas próprias capacidades. A cura certa é ter este sentido de valores invertidos trazendo o indivíduo ao íntimo contacto com o Infinito. Foi por esta razão que Deus levou Moisés a passar aqueles quarenta anos entre as montanhas de Midiã.

“Encerrado nas fortificações das montanhas, Moisés estava a sós com Deus. Os templos magníficos do Egipto não mais lhe impressionavam o espírito, com sua superstição e falsidade. Na grandiosidade solene das colinas eternas via ele a majestade do Altíssimo, e em contraste compreendia quão importantes e insignificantes eram os deuses do Egipto. Por toda parte estava escrito o nome do Criador. Moisés parecia achar-se em Sua presença, e à sombra de Seu poder. Ali o seu orgulho e presunção foram varridos. Na simplicidade severa de sua vida no deserto, os resultados do ócio e luxo do Egipto desapareceram. Moisés tornou-se paciente, reverente e humilde, ‘mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a Terra’ Números 12:3, e, contudo, forte na fé que ele tinha no poderoso Deus de Jacó.” *Patriarcas e Profetas*, 254.

Aqueles que sinceramente desejam entrar completamente na bem-aventurada paz do santo repouso de Deus, podem tirar preciosas instruções deste parágrafo. Não há cura para a suficiência própria humana tão eficaz como uma sempre crescente visão acerca das infinitas capacidades de Deus. Quanto melhor isto for visto, mais diminuída será a humana suficiência própria, e mais seguramente serão estabelecidas as fortificações da alma contra o mal.

Essas visões da majestade e poder de Deus podem ser obtidas apenas através de uma vida de constante comunhão com a natureza e com Deus. Essa foi a vida do Salvador quando esteve na terra. “Nessa comunhão revelou-nos Ele o segredo de uma vida de poder.” *A Ciência do Bom Viver*, 51.

“Muitas vezes o incessante trabalho e a luta com a inimizade e os falsos ensinamentos dos rabis deixavam-n’O tão fatigado, que Sua mãe e irmãos, e mesmo os discípulos, receavam que Sua vida

fosse sacrificada. Mas ao voltar das horas de oração que encerravam o atarefado dia, notavam-lhe o aspecto sereno do rosto, o vigor, a vida e o poder de que todo o Seu ser parecia possuído. Das horas passadas a sós com Deus Ele saía, manhã após manhã, para levar aos homens a luz do Céu." *Idem*, 55.

"Como homem, implorava ao trono de Deus, de maneira que Sua humanidade veio a saturar-se da corrente celeste que ligava a humanidade com a divindade. Recebendo vida de Deus, comunicava-a aos homens." *Educação*, 81.

"Ao lugar secreto do Altíssimo, à sombra do Todo-Poderoso, os homens de quando em quando se refugiam; habitam ali por algum tempo, e o resultado se patenteia nas boas acções; então sua fé falta, interrompe-se a comunhão, e se desmerece a obra daquela vida. A vida de Jesus, porém, foi de constante confiança, mantida por uma comunhão contínua; e Seu serviço em prol do Céu e da Terra foi sem falhas ou defeitos." *Idem*, 81.

Por conseguinte, entrar no repouso de Deus envolve mais do que simplesmente escolher o caminho do Pai. Grandes e permanentes mudanças deviam ser efectuadas dentro do indivíduo. Orgulho e suficiência própria devem ser substituídos por uma constante confiança em Deus e uma profunda desconfiança no eu. Isto apenas pode ser produzido por uma vida de comunhão com a natureza e seu Altíssimo Criador. Cada pessoa que tem operado sob as instruções de Deus, tem primeiramente que sentar-se aos pés do Mestre e aprender estas lições.

Quando Moisés deixou o Egipto, não tinha estado tão sujeito às influências celestiais como rodeado pelas glórias dos feitos humanos. Portanto, nessa altura, não estava de modo algum preparado para esta missão divinamente apontada de guiar Israel da escravidão para a liberdade. Por esta razão, Deus determinou-lhe quarenta anos de reeducação para erradicar o orgulho e a auto-suficiência que o Egipto tinha colocado nele, e para o encher com um verdadeiro sentido de humana insuficiência e imerecimento. A vida luxuosa na corte do Egipto onde nada era visível a não ser as obras do homem, foi trocada pela dura vida do deserto onde as poderosas obras e presença pessoal de Deus continuamente o rodeavam. À medida que os seus olhos eram abertos, cada vez mais amplamente, a sua confiança na capacidade humana desaparecia, enquanto a sua tomada de conhecimento da onnipotência e posição de Deus crescia firmemente.

Os que trabalham para entrar no repouso de Deus precisam tornar-se cientes das poderosas influências providas no ambiente. É virtualmente impossível desenvolver uma verdadeira tomada de consciência das todo-suficientes capacidades de Deus enquanto privados do conhecimento das poderosas obras de Deus rodeados pelas orgulhosas realizações do homem. Alguma experiência espiritual pode ser alcançada nas grandes cidades, mas é impossível alcançar a estatura completa de um homem em Cristo Jesus nesse ambiente. Moisés não conseguiu. Além disso, aqueles homens a quem Deus chamou para fazer uma grande obra para Si, cresceram todos no campo. Isto é verdadeiro mesmo acerca de Moisés, pois ele passou os todo-importantes primeiros doze anos da sua vida no lar da sua verdadeira mãe. Isto foi seguido por vinte e oito anos na corte egípcia, durante esse tempo a influência da corte e da cidade serviu para diminuir as suas visões do poder e lugar de Deus. O único modo pelo qual ele podia ser transformado no homem que Deus podia usar, era passar os quarenta anos seguintes no deserto de Midiã.

Ao fim desse tempo o Senhor considerou-o preparado para a obra da sua vida. Que homem diferente ele se tinha tornado! Não mais possuía qualquer confiança em si mesmo. Compreendeu quão fraco e frágil é o agente humano e recuou perante a tarefa que estava perante ele. Tão pequeno ele pareceu aos seus próprios olhos que não podia aceitar que Deus o estava chamando dentre todo o povo para tão tremenda responsabilidade. Ele não se agarrou ansiosamente à missão que Deus lhe estava a oferecer, mas adiantou aquelas insuficiências em si mesmo que considerou como excelentes razões para eleger outra pessoa.



Esta tem sido sempre a atitude dos homens que foram rigorosamente preparados para a obra de Deus. Quando este chamamento foi feito a Jeremias, Isaías, William Miller, e outros, tremeram ante a temível perspectiva de serem os mensageiros pessoais de Deus. Só quando se tornaram profundamente convictos que Deus não os libertaria da responsabilidade se submeteram a ela.

Quando Moisés voltou de novo ao Egito, Deus estava completamente no comando das operações. Os israelitas não podiam encarregar-se disso e Moisés não possuía disposição para o fazer. Ele submeteu-se completamente à vontade de Deus e não estava disposto a tomar a iniciativa para empreender qualquer acção.

Portanto, os acontecimentos no Egito são um excelente exemplo dos procedimentos de Deus. Por causa do povo não estar na disposição de interferir Jeová foi capaz de demonstrar o modo como Ele dirige a Sua obra e como espera que o Seu povo coopere Consigo. Ele mostrou que não é o Seu método entregar a elaboração dos planos e a resolução dos problemas a uma comissão de “sábios dirigentes”. Não encontramos instruções de Deus indicando a Moisés que convocasse os anciãos, formasse uma comissão, e, depois em oração procurasse a Sua orientação para elaborar um plano para a bem sucedida fuga do poderoso Egito. Este não é o caminho de Deus, nem nessa altura, nem desde então. Sempre que este procedimento é introduzido e seguido, podemos estar certos que o Senhor não tem parte nele.

Não houve traço de invenção humana no plano de fuga formulado na mente de Jeová quando, desde a eternidade, previu o problema e a sua solução. Sem pedir qualquer conselho humano, Ele informou Israel através de Moisés exactamente aquilo que deviam fazer e que esperava que fosse feito. A sua saída dependia da sua obediência aos conselhos divinos com fiel exactidão.

O procedimento a ser seguido foi suficientemente simples. Em primeiro lugar, todo o macho tinha que ser circuncidado. Depois o cordeiro devia ser escolhido no décimo dia do primeiro mês, e guardado até ao décimo quarto em que devia ser morto ao anoitecer e o sangue espargido nas duas ombreiras e na verga das suas portas. Depois disto todo o cordeiro assado devia ser comido com ervas amargas e pão asmo com os lombos cingidos para a viagem. Durante este tempo, a praga estava a tirar as vidas dos primogénitos do Egito.

Não há relato de que houvesse alguém que de todo o coração não se juntasse ao plano exactamente como Deus o deu. Isto foi louvável, porque ter introduzido quaisquer opções teria frustrado o divino esforço e provocado o fracasso do esquema. Pelo contrário, o resultado foi uma obra-prima de libertação. Nenhum israelita foi ferido ou morto. Os egípcios não ofereceram resistência à sua partida mas encheram-nos de ofertas preciosas de grande valor. Que contraste esta grande libertação faz das outras grandes libertações na história onde homens têm sido os planeadores. Aquelas normalmente envolviam lutas que duravam anos com grande perda de vidas e bens de ambos os lados.

Se o Senhor tivesse deixado a responsabilidade do plano para o êxodo a uma comissão de anciãos, teriam sem dúvida pensado em termos de um empreendimento militar. Porém, esse esquema não podia ter resultado. Os egípcios tinham assegurado que eles não tivessem acesso a metais com os quais fizessem armas. O único tempo em que eles podiam ter-se treinado era no silêncio da noite em que estavam demasiado exaustos do trabalho diurno para gastar mais energias. Sob estas circunstâncias nunca podiam ter desenvolvido um exército para enfrentar os egípcios que eram ao mesmo tempo os indiscutíveis líderes militares do mundo. Mesmo se por algum milagre tivessem sido capazes de vencer os seus inimigos, teria sido à custa do terrível custo da vida humana. Apenas um remanescente de um exército dizimado teria deixado a terra da escravidão para a terra prometida.

Alguns podem ter a tendência para argumentar que a situação deles no Egito era tão desesperada que o Senhor tinha que fazer tudo por eles ali, mas uma vez livres, uma ordem de coisas diferente podia ser introduzida. Contudo, a libertação dos seus dominadores não trouxe diferença aos procedimentos de Deus. Ele continuou a não dizer a Moisés para eleger uma

comissão que determinasse a rota que deviam seguir diariamente e que distância deviam caminhar. Pelo contrário, Ele colocou uma coluna de nuvem perante eles para os guiar de dia e uma coluna de fogo à noite, assim indicando que só Ele, sem a sugestão ou conselho deles, decidiria qual o caminho e que distância deviam caminhar. Tudo o que o povo tinha que fazer era olhar para a nuvem e segui-la. Nas primeiras horas da manhã, quando ela se levantava, sabiam que era tempo de se prepararem para a sua progressiva marcha. Se ela não se levantasse, então sabiam que deviam descansar ali durante algum tempo.

Tivesse a responsabilidade da viagem diária sido entregue a uma comissão, com certeza não teriam tomado a direcção que o Senhor tomou. Ele levou-os para o sul em vez de os levar em direcção a leste e ao norte. Quando um ser humano viaja de um lugar para outro normalmente escolhe um guia que o levará ao seu destino pela estrada mais curta. Mas Jeová desviou os seus passos do seu objectivo, o seu caminho levou-os em direcção ao oeste do Mar Vermelho, por isso colocando uma “barreira intransponível” entre eles e o seu objectivo. Para os peregrinos israelitas as acções de Deus deviam ter parecido muito ilógicas, tentando muitos a crer que Ele realmente os tinha enganado. Deus não deu explicação, requerendo deles que apenas O seguissem com fé inabalável.

O que eles não podiam saber era que os egípcios a quem tinham visto intimidados e abatidos tinham recuperado dos seus receios e os perseguiram. Tivessem eles ido pelo caminho que teriam escolhido, os seus enfurecidos inimigos teriam caído sobre eles em campo aberto onde não tinham defesas naturais. O resultado teria sido terrível.

Porém, na margem ocidental do Mar Vermelho havia uma fortaleza natural formada entre o Mar Vermelho e as acidentadas montanhas do sul. Era uma questão simples para o Senhor colocar uma coluna protectora entre o Seu povo e os egípcios de modo que o inimigo não os pudesse alcançar. Pelo Seu grandioso poder abriu as águas do mar para eles passarem, e os loucos egípcios foram engolidos quando tentaram segui-los sem a protecção do Senhor.

Uma vez mais foi dada aos israelitas uma convincente demonstração do modo como Deus operou, como era esperado que operassem em cooperação com Ele e o infalível sucesso que acompanhou o sistema. Não houve tal coisa como fracasso, perda, impossibilidade ou derrota.

Com o poder do Faraó totalmente quebrado, a jornada foi retomada com a ameaça dos egípcios permanentemente afastada. Mesmo apesar de estarem aparentemente salvos, Deus ainda não abdicou da responsabilidade da elaboração dos planos. Ele manteve este papel para Si. Ao contrário daquilo que eles podiam ter esperado e com certeza teriam esperado para si mesmos, Deus não os dirigiu para o norte numa marcha directa para Canaã. Ele levou-os para o sudoeste ao Monte Sinai. Imperceptível para eles, havia ainda uma grande obra de preparação antes que pudessem estar preparados para invadir Canaã. Eles tinham ideias muito deficientes sobre o que envolvia a invasão, e se eles tivessem sido planeadores teriam tomado de assalto os cananitas enquanto estavam ainda em desesperada preparação para a luta.

Mais do que qualquer outra coisa, precisavam do conhecimento do carácter de Deus tal como expresso na Sua lei, e do evangelho revelado no santuário do deserto e seus serviços.

Deus dotou alguns homens entre os viajantes com grande habilidade nas artes e ofícios, mas não lhes entregou o papel de elaborar planos.

Pelo contrário, continuou a fazer as coisas exactamente como havia feito até esse ponto. Em vez de entregar a uma comissão a tarefa de planear o tabernáculo, chamou Moisés ao monte e ali lhe mostrou os planos para o edifício com a instrução “atenta pois que o faças conforme ao seu modelo, que te foi mostrado no monte.” *Êxodo 25:40*.

“Quando Moisés estava para construir o santuário como lugar de habitação de Deus, recebeu instruções para fazer tudo segundo o modelo que lhe fora mostrado no monte. Moisés era todo zeloso para fazer a obra de Deus; os homens mais talentosos e hábeis lhe estavam ao lado para realizar suas sugestões. No entanto não devia fazer uma campainha, uma romã, uma borla, uma

franja, uma cortina ou qualquer vaso do santuário, que não fosse segundo o modelo mostrado. Deus o chamara ao monte e lhe revelara as coisas celestiais. O Senhor o cobrira com Sua glória a fim de que pudesse ver o modelo, e segundo ele foram feitas todas as coisas. Assim a Israel, a quem desejava tornar Seu lugar de habitação, revelara Seu glorioso ideal do carácter. O modelo lhes fora mostrado no monte, quando a lei havia sido dada no Sinai, e o Senhor passara perante Moisés proclamando: 'Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado.' Êxodo 34:6, 7." *O Desejado de Todas as Nações*, 187.

*"Até a cegonha no céu conhece os seus tempos determinados; e a rola, e o grou e a andorinha observam o tempo da sua arribação; mas o meu povo não conhece o juízo do Senhor."  
Jeremias 8:7.*



No planeamento desse maravilhoso edifício, não houve um traço de invenção humana, que resultou no sucesso maravilhoso da obra. O santuário retratava em simples mas adequados termos os detalhes do plano de salvação tanto para os israelitas como para o povo de Deus desde então. Não é a falta do serviço típico provido, mas a terrível cegueira espiritual que os homens permitiram vir sobre eles, que lhes tem causado a incapacidade de ver a mensagem tão claramente ilustrada pelo esquema.

Se Deus tivesse chamado uma comissão de homens para planejar o edifício nunca podiam ter feito isto, pois eles tinham a mais débil compreensão do evangelho. Eles não tinham mais poder em si para planejar aquele edifício do que o homem tem hoje para planejar a sua vida ou conceber um caminho para a libertação da escravidão do pecado e da morte.

"A construção do tabernáculo não se iniciou senão algum tempo depois que Israel chegou ao Sinai; e tal edificação sagrada foi pela primeira vez erigida no início do segundo ano a partir do êxodo." *Patriarcas e Profetas*, 389.

Quando o acampamento no Sinai foi por fim levantado e a jornada recomeçou, eram necessários apenas onze dias de viagem até Cades-Barneia. Apesar de várias rebeliões que haviam trazido sobre eles consequências desastrosas, a jornada da escravidão para as fronteiras ao sul do seu objectivo tinha sido maravilhosamente bem sucedida. Repetidas vezes tinham-lhes sido dadas claras demonstrações do modo distinto em que Deus operou, e do infalível sucesso que o assistiu. Eles tiveram ampla oportunidade para meditar no modo como teriam procurado resolver os problemas por si mesmos e o resultado muito diferente que teria sido produzido.

Mas uma coisa é ter estes princípios demonstrados, e outra, eles tornarem-se uma estabelecida forma de vida.

Com certeza, Israel não tinha desculpa para não conhecer os caminhos de Deus, contudo o Espírito Santo plenamente declara acerca deles, "... não conheceram os Meus caminhos. Assim... não entrarão no Meu repouso." *Hebreus 3:10, 11.*

Foi por causa de Israel não conhecer os caminhos de Deus, mesmo depois de todas as maravilhosas demonstrações do Seu poder e procedimentos, que eles decidiram instituir outra forma de planejar a obra que Ele lhes tinha dado. Pela primeira vez, uma comissão de homens foi encarregada de decidir os seus movimentos seguintes. Os doze espias foram enviados para espiares a terra, o seu povo, e as suas defesas a fim de formarem e trazerem um plano para a campanha. Israel não podia ter cometido um erro de maior custo. Eles não tinham desculpa, pois o sistema que vigorava até essa altura tinha resultado perfeitamente. Em nenhum exemplo as instruções de Deus, quando seguidas com exactidão, lhes trouxe outra coisa senão sucesso e bênção. Se Deus tivesse provado ser um Planeador e Solucionador de problemas deficiente, podiam ter tido causa justa para procurar outro caminho, mas isto não foi assim.

Alguém pode argumentar que comissões directivas foram formadas quando Jetro aconselhou Moisés no campo da organização. Um cuidadoso estudo do conselho de Jetro mostrará que isso não foi nada mais do que uma distribuição da pesada tarefa, uma delegação de responsabilidades existentes.

Mais tarde, Deus deu instruções para que fossem eleitos setenta anciãos que partilhassem com Moisés a responsabilidade da liderança. Isto foi uma modificação da parte de Deus para enfrentar a inexcusável incredulidade e murmuração de Moisés. Deus nunca pretendeu que os setenta fossem eleitos. Esse não era o Seu caminho, por isso inevitavelmente houve nisso factores que mais tarde se revelariam em graves males. Assim se provou ser.

"O Senhor permitiu a Moisés escolher por si mesmo os homens mais fiéis e aptos para com ele participarem da responsabilidade. Sua influência ajudaria a sustar a violência do povo e sufocar a insurreição; contudo, graves males resultariam finalmente de sua promoção. Eles nunca teriam sido escolhidos caso Moisés houvesse manifestado uma fé que correspondesse às provas que tivera do poder e bondade de Deus. Mas ele exagerara seus encargos e trabalhos, quase perdendo de vista que era apenas o instrumento pelo qual Deus operara. Não tinha desculpa, por condescender, por pouco que fosse, com o espírito de murmuração, que era a maldição de Israel. Se tivesse depositado inteira confiança em Deus, o Senhor tê-lo-ia guiado continuamente, e lhe teria dado forças para toda emergência." *Patriarcas e Profetas, 397.*

O que aconteceu em Cades-Barneia foi diferente da nomeação de magistrados e da eleição dos setenta, e demonstrou a total impossibilidade do homem tomar o lugar de Deus como Planeador e Solucionador de problemas. Dez dos doze espias foram tão intimidados por aquilo que viram que o único plano que eles podiam sugerir era abandonar todo o projecto. O povo foi rápido na resposta a esta atitude negativa. A sua fé tornou-se em incredulidade, incapacitando-os para possuírem a herança prometida com sucesso. Deus não os excluiu arbitrariamente dela. O Seu juízo foi o reconhecimento que se tinha tornado impossível guiá-los na entrada. Pela usurpação da posição de Deus, destruíram toda a esperança de entrar e trouxeram sobre si o terrível destino de quarenta anos de marcha mortal. Nenhum daqueles jamais viu o belo país no qual podiam ter encontrado repouso.



*“Se alguém andar de dia,’ continuou, ‘não tropeça, porque vê a luz deste mundo’. Aquele que faz a vontade de Deus, que anda na vereda por Ele indicada, não pode tropeçar nem cair.” O Desejado de Todas as Nações, 504*

A lição dada na história é clara e impressionante. Até à sua chegada a Cades-Barneia, um certo sistema de governo tinha estado a operar. Deus, não o homem, era o Planeador. Na libertação do Egipto, na travessia do Mar Vermelho, na rota seguida, na construção do santuário, e na chegada a Cades-Barneia, até ao ponto em que o povo havia aceite e seguido os planos formados no Céu, não conheceram tal coisa como fracasso, perda, impossibilidade ou derrota. Foi maravilhoso.

Porém com a chegada a Cades-Barneia, uma nova ordem de coisas foi introduzida. Envolveu toda a nação, enquanto que todas as rebeliões anteriores tinham aparecido apenas entre um sector da congregação. Nesta altura, a sorte de Israel mudou completamente. Sucesso e vitória foram trocados por fracasso e derrota. A relação entre o caminho de Deus e sucesso e os caminhos do homem e fracasso é poderosamente ensinada nesta história. Este incidente mostra que o tremendo custo do homem substituir Deus como planeador, é bastante elevado. O preço não vale isso.

Há uma fórmula específica para o sucesso e outra para o fracasso. Uma fórmula é proceder segundo a lei. Obedecer cuidadosamente à lei e resultados previsíveis seguirão, mas se a fórmula não é aceite, outra coisa pode suceder. As duas fórmulas foram claramente compreendidas por Cristo durante a Sua jornada terrestre.

“Jesus respondeu: Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo.

“Mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.” *João 11:9, 10.*

O que significa caminhar na luz? Várias pessoas darão respostas diferentes, mas a pergunta é esclarecida pelo comentário directo a estes versículos em *O Desejado de Todas as Nações*, 504.

“‘Se alguém andar de dia’, continuou ‘não tropeça, porque vê a luz deste mundo’. Aquele que faz a vontade de Deus, *que anda na vereda por Ele indicada*, não pode tropeçar e cair. A luz do Espírito de Deus, a guiá-lo, dá-lhe clara percepção de seu dever, conduzindo-o direito até ao fim de sua obra. ‘Mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz’. Aquele que anda em caminho de sua própria escolha, ao qual Deus não o chamou, tropeçará. Para esse o dia se torna em noite, e onde quer que esteja, não se acha seguro.”

Aqueles que desejam nunca tropeçar e cair têm que aprender como fazer a vontade de Deus. Muitos erram aqui. Eles crêem que estão fazendo a vontade de Deus quando se elegeram a si mesmos para um lugar na Sua obra. Eles não compreendem que na realidade estão caminhando na vereda que marcaram para si em vez de escolherem aquela que Deus escolheu que trilhassem. É o pensamento geral que se uma pessoa está comprometida na obra missionária ou da igreja, está automaticamente fazendo a vontade de Deus. Os israelitas pensaram isso também, quando começaram a fazer os seus planos específicos para a execução das ordens gerais de Deus. Que terrível perda foi o resultado.

Ser um verdadeiro vencedor é ganhar vitória total sobre qualquer disposição para tomar o lugar de Deus. Isto é o que significa sair de Babilónia e não participar dos seus pecados. Os que estão assim livres são os que gozarão completo sucesso durante a sua jornada terrestre, e que caminharão nas ruas de ouro.

Por outro lado, os que caminham na vereda da sua própria escolha independentemente se isso é feito pela causa de Deus ou não, *seguramente* tropeçarão. Estas fórmulas estão de acordo com a lei. Cada homem na Terra está a seguir uma ou outra em dada situação. Algumas pessoas têm aprendido de Deus o suficiente para seguir os procedimentos correctos em algumas coisas se bem que continuem agarradas a incorrectos procedimentos noutras. Por isso as suas vidas são uma mistura do sucesso e fracasso.

As jornadas de Israel amplamente testificam a verdade das palavras de Cristo. Quando deixaram a terra do cativo, caminharam na vereda que Deus lhes tinha marcado e não tropeçaram na travessia do Mar Vermelho, na jornada para o Sinai, na construção do santuário, e por fim na sua chegada a Cades-Barneia.

Então veio a mudança. Eles decidiram caminhar na vereda escolhida por si, crendo durante todo esse tempo que estavam a fazer grandes coisas para Deus. Qual foi o resultado? Tropeçaram e caíram. Os prejuízos foram tremendos. Em vez de gozarem a prosperidade e a paz da terra prometida para si, caminharam penosamente através do escaldante deserto até que passados quarenta anos, todos eles tinham perecido. Nenhum daquela geração viu os novos lares e quintas que eles tão ansiosamente esperaram. Se alguma vez a história contém uma poderosa lição, esta com certeza foi.

Ela exorta todos a assegurarem que aprenderam os caminhos de Deus, e descobriram a vereda que Ele marcou, e caminham nessa vereda. Se isto for fielmente feito, o sucesso será o destino pessoal da pessoa. “Com Ele não pode haver coisa como fracasso, perda, impossibilidade ou derrota.” *O Desejado de Todas as Nações*, 474.

Destas pessoas nunca se dirá o que foi dito acerca de Israel em Cades-Barneia: “Por isso Me indignei contra esta geração, e disse: Estes sempre erram em seu coração, e não conheceram os Meus caminhos.

“Assim jurei na Minha ira que não entrarão no Meu repouso.” *Hebreus 3:10, 11*.

# – 6 –

## Fé Sem as Obras É Morta



As Escrituras dizem, “A fé sem as obras é morta.” *Tiago 2:20.*

Portanto, *fé com obras* não é morta.

A experiência de Israel em Cades-Barneia parece contradizer isto. Eles chegaram ali com uma fé tão forte que não deixava espaço para qualquer dúvida acerca da entrada na posse da terra prometida. Eles estavam completamente confiantes que em breve estariam em Canaã. Como um testemunho da sua fé, o povo entusiasticamente acrescentou-lhe extensas e diligentes obras com a confiante expectativa que esta combinação obteria a herança prometida.

Seria de esperar, então, que a fé deles vivesse e não morresse, mas não foi assim. Quando os espias voltaram com o relato negativo, a fé de Israel tornou-se em activa incredulidade. A confiança dos viajantes do deserto que em breve trocariam o deserto pela terra onde manava leite e mel, foi substituída por viva certeza que não o conseguiriam. No seu caso, a *fé com as obras era morta*.

Esta não é a única vez que os sagrados relatos revelam que *fé com obras* é morta. Quando Cristo alimentou os cinco mil, a experiência dos discípulos e da multidão outra vez mostrou que isto é verdade. Um capítulo posterior examinará este incidente em detalhe.

Estas duas experiências, juntamente com outras, confirmam que *fé com obras* é morta, mas isto não nega a declaração, “Fé sem as obras é morta”. *Tiago 2:20.*

De facto, é correcto dizer que a *fé sem as obras* é morta e *fé com obras* é morta, mesmo apesar disto parecer uma insolúvel contradição.

O problema é rapidamente resolvido quando é compreendido que é a fé com um certo tipo de obras que não é morta, e fé com outro tipo de obras que é morta. Assim se uma pessoa é abençoada com o precioso dom da fé e depois junta aquela espécie errada de obras, o único resultado será a morte da sua fé. Isto explica porque os filhos de Deus muitas vezes se chegam a Ele com forte fé e apesar disso encontram um resultado tão frustrador, derrotador, e desanimador que a sua fé tem sido severamente prejudicada. É verdade que se chegam a Deus



com fé viva, mas juntam-na à espécie errada de obras. Quando o povo de Deus aprender o verdadeiro significado das palavras, “Fé sem as obras é morta”, terá uma experiência absolutamente diferente. As suas experiências tornar-se-ão vidas de consecutivas vitórias e eles compreenderão porquê.

Fé somente não é suficiente. O tipo correcto de obras deve juntar-se a ela, ou a fé morrerá. A capacidade do crente para manter e desenvolver uma viva, operante fé, depende da posse das obras a que Deus especificamente se refere em *Tiago 2:20*. Portanto, ele deve compreender as diferenças entre as obras que edificam a fé e aquelas que a destroem. Isto requererá muito estudo cuidadoso, sincero, mas os resultados serão dignos do esforço.

O testemunho, “fé sem as obras é morta”, é verdadeiro sob todas as circunstâncias onde as obras envolvidas são de Deus e não do homem. Se os homens olharem para Deus como seu Planeador, a sua fé viverá, mas se *eles* planearem o caminho em que devem cumprir os Seus propósitos, a sua fé morrerá. Nos termos de Jeová, a presença dos planos humanos significa a ausência do divino. Portanto, mesmo apesar de poder haver uma grande quantidade de actividade humana destinada a atingir o que Deus prometeu, aos olhos de Deus não há quaisquer obras.

Os acontecimentos que se manifestaram em Cades-Barneia amplamente demonstram esta verdade. Aquele povo chegou ao ponto da entrada com uma forte fé nas promessas que Deus lhes daria as belas possessões ao norte. O seu entusiasmo era elevado quando contemplavam em antecipação o dia em que atravessariam as fronteiras e obteriam as suas possessões.

Eles demonstraram a sua confiança na promessa de Deus pedindo imediatamente uma comissão de homens para inspeccionar a terra e trazer um plano para a invasão. Quando os espias regressaram, o povo precipitou-se para ouvir o seu relato e os planos que tinham formado. Como a seguinte citação confirma, “O povo de Israel acariciava elevadas esperanças, e estavam aguardando em ansiosa expectativa”. Isto é uma inclinação de fé, não de incredulidade.

“Eles foram e examinaram a terra toda, entrando pela fronteira ao sul e indo até à extremidade norte. Voltaram depois de uma ausência de quarenta dias. O povo de Israel estava acariciando grandes esperanças, e os aguardavam com ávida expectativa. A notícia da volta dos espias foi levada de tribo a tribo, e saudada com regozijo. O povo precipitou-se ao encontro dos mensageiros, que saíram ilesos dos perigos de sua arriscada empresa. Os espias trouxeram espécimes do fruto, que mostrava a fertilidade do solo. Era o tempo da maturação das uvas, e trouxeram um cacho tão grande que era carregado entre dois homens. Trouxeram também figos e romãs que ali cresciam em abundância.” *Patriarcas e Profetas*, 405.

O primeiro relato falado ao povo descrevia a fertilidade e beleza da terra, em resposta ao que a sua fé e felicidade não conheceram limites.

“O povo regozijava-se de que devesse entrar na posse de uma terra tão boa, e escutaram atentamente ao ser o relatório apresentado a Moisés, a fim de que nenhuma palavra se lhes escapasse. ‘Fomos à terra que nos enviaste,’ começaram os espias; ‘e verdadeiramente mana leite e mel, e este é o fruto,’ Números 13:17-33. Capítulo 14. O povo ficou entusiasmado; queriam com avidez obedecer à voz do Senhor, e subir de pronto a possuir a terra.” *Idem*, 405, 406.

Até aqui na história, a fé com *as suas* obras não era morta; ela estava bastante viva. Mas, neste ponto, o que era verdade acerca do povo tinha deixado de ser verdade acerca dos espias e em breve deixaria de ser verdade acerca do povo também. Incredulidade reinava nos corações de dez daqueles espias e quando comunicaram o que tinham visto, a mesma ímpia incredulidade se desenvolveu no povo.

“Mas, depois de descreverem a beleza e fertilidade da terra, todos os espias, com excepção de dois, exageraram as dificuldades e perigos que estavam diante dos israelitas caso empreendessem a conquista de Canaã. Enumeraram as poderosas nações localizadas nas várias partes do país, e disseram que as cidades eram muradas e muito grandes, e o povo que nelas

habitava era forte; e seria impossível vencê-los. Declararam também que tinham visto ali gigantes, os filhos de Enaque, e era inútil pensar em possuir a terra.” *Idem*, 406.

A mudança de fé para incredulidade no povo, era tão incrível como rápida. Num momento estavam cheios de confiante expectativa. No seguinte estavam dando expressão a esse desânimo e desapontamento que é o fruto e evidência da negra incredulidade.

“Agora a cena mudou. A esperança e o ânimo deram lugar ao desespero covarde, ao proferirem os espias os sentimentos de seu coração incrédulo, que estava cheio de desânimo inspirado por Satanás. Sua incredulidade lançou lúgubre sombra à congregação, e o grande poder de Deus, tantas vezes manifesto em prol da nação eleita, foi esquecido. O povo não se deteve a reflectir; não raciocinou que Aquele que os trouxera até ali certamente lhes daria a terra; não se lembravam de quão maravilhosamente Deus os libertara de seus opressores, abrindo caminho através do mar, e destruindo as hostes perseguidoras de Faraó. Puseram a Deus fora da questão, e agiram como se devessem confiar apenas no poder das armas.

“Em sua incredulidade limitaram o poder de Deus, e não confiaram na mão que até ali os guiara com segurança. E repetiram seu erro anterior de murmurar contra Moisés e Arão. ‘Este, pois, é o fim de todas as nossas grandes esperanças?’ disseram. ‘É esta a terra para possuir a qual viajamos desde o Egito.’ Acusaram seus chefes de enganar o povo, e acarretar angústia sobre Israel.

“O povo ficou desesperado em seu desapontamento e aflição. Ergueu-se um pranto agoniado, e misturou-se com o murmúrio confuso de vozes.” *Idem*, 406.

Deus não estava sem testemunhas fiéis e cheias de fé nesta ocasião e elas pessoalmente falaram em favor da Sua capacidade para guardar a Sua promessa. Estes homens, Calebe e Josué, não mediram a grande força dos cananeus contra a força de Israel, mas contra a extraordinária força de Deus. Possuindo uma correcta avaliação da situação, não tinham dificuldade em crer no propósito e promessa de Deus. Porém o testemunho saído dos seus lábios era impotente para alterar o sentimento que motivava agora aqueles incrédulos.

“Então Calebe fez calar o povo perante Moisés, e disse: Subamos animosamente, e possuamo-la por herança, porque certamente prevaleceremos contra ela.” *Números* 13:30.

“Calebe compreendeu a situação e, bastante ousado para tomar a defesa da Palavra de Deus, fez tudo ao seu alcance para desfazer a má influência seus companheiros infiéis. Por um momento o povo ficou em silêncio para ouvir-lhe as palavras de esperança e ânimo, com respeito à boa terra. Ele não contradizia o que já havia sido dito; os muros eram altos, e fortes os cananeus. Mas Deus prometera a Israel a terra. ‘Subamos animosamente, e possuamo-la em herança,’ insistiu Calebe; ‘porque certamente prevaleceremos contra ela.’” *Idem*, 406, 408.

Como foi que Calebe e Josué mantiveram uma forte e constante fé nesta crise? *Parecia* que eles estavam tão envolvidos no programa geral da obra como os outros dez espias e o povo em geral, contudo as “obras” que mataram a fé dos restantes não matou a deles. Era o caso deles uma excepção ao princípio, “Fé sem as obras [de Deus] é morta”? isto não pode ser assim, porque o princípio é claro e não admite excepções.

Há outra possibilidade que, apesar de não explicitamente declarada na Escritura, é revelada na base do princípio que fé sem as obras é morta. A fé de Calebe e de Josué nunca vacilou. Portanto, eles não estavam envolvidos num programa de obra humana, mesmo apesar de pela sua participação como membros do grupo enviado a fim de espiar o país, dar a entender que eles estavam. Contudo, há muitos exemplos em que as coisas não são o que parecem ser.

Um exemplo disto é quando Davi marchou com os filisteus contra Saul e seu exército. Tudo parecia indicar que Davi lutaria ao lado dos filisteus contra o seu próprio povo. O rei filisteu certamente acreditou nisto, e não podia estar convencido de outra coisa. Todavia, se bem que Davi avançasse com os filisteus, não tinha intenção de os defender.

Semelhantemente, seria um erro supor que por causa de Calebe e Josué fazerem parte do grupo enviado para espiar a terra, não estavam necessariamente envolvidos no programa de trabalho como os demais. Um método de avaliação da situação bastante mais seguro está na base dos princípios envolvidos. Independentemente das aparências contrárias, a morte da fé nos dez espias e restante povo, é evidência conclusiva que a sua fé estava misturada com obras humanas, não de Deus, enquanto a viva verdade manifestada pelos dois homens leais na hora de crise, é prova definida que não estavam envolvidos em obras humanas.

Fiéis ao dever realizaram a tarefa a eles designada, sem participarem do espírito que originou o plano.

Não foi senão quando a hora de prova chegou que a diferença entre aqueles que tinham recorrido às suas próprias obras e aqueles que adicionaram as obras de Deus à sua fé, foi revelada. Quando os homens se voltam para as suas próprias obras, a fé deles algumas vezes falha imediatamente, enquanto noutras ocasiões a incredulidade só se manifesta mais tarde. Quando Elias dormiu às portas de Jezreel onde a ameaça de Jezabel lhe foi comunicada é um exemplo do primeiro. Ele falhou em dirigir a sua contemplação para o grandioso poder de Deus, olhando em vez disso para a sua perigosa situação. Ao fazer isso, voltou-se para as suas próprias obras e a sua fé morreu instantaneamente.

Os israelitas em Cades-Barneia experimentaram a última. A sua incredulidade não se manifestou senão seis semanas depois de voltarem às suas próprias obras ao pedirem os espias.

Se o problema aparece imediatamente ou mais tarde, o resultado é o mesmo e demonstra a verdade que a fé sem as obras é morta.

A voz de Calebe apoiada pela de Josué, Moisés e Arão, era uma expressão de fé minoritária nesta altura, mas, mesmo se eles tivessem mudado o rumo das coisas restaurando a confiança do povo de que possuiriam a terra, o seu discurso não levaria as suas mentes atrás à *raiz* do problema. Ele não esboçou perante eles a mudança de procedimentos que tinham iniciado quando pediram, encarregaram, e enviaram os espias à terra para trazer um plano estratégico em vez de deixarem a responsabilidade com Deus onde ela pertence. Até que o problema básico estivesse resolvido, não havia possibilidade de sucesso. Quarenta anos e uma geração devia passar antes que o assunto estivesse esclarecido. No momento em que estivesse, com sucesso alcançariam a possessão.

Não era suficiente Calebe e o povo terem fé. Eles tinham que acrescentar não apenas as obras, mas *as obras de Deus*. O plano ou estratégia pelo qual deviam avançar contra os seus inimigos tinha que emanar de Deus, porque só Ele tinha sabedoria para o formar. Fé, *juntamente com a forma correcta de agir*, era a única combinação que podia trazer-lhes vitória. Não esqueçais que foi por causa deles não conhecerem os caminhos ou procedimentos de Deus, que Ele declarou que não entrariam no Seu repouso. Por isso as Escrituras salientam a grande verdade que essencial como é, a fé não é suficiente sem os procedimentos *correctos*.

Esta é a mensagem incluída no sábado de Deus. Somente quando a fé está ligada aos caminhos de Deus o povo de Deus, quer individualmente quer colectivamente, não conhecerá “coisa como fracasso, perda, impossibilidade ou derrota”.

Lamentavelmente, tal como aconteceu com Israel, este não é normalmente o caso. Por causa de estar cheio de zelo para fazer a obra de Deus, está preparado para fazer qualquer sacrifício para o seu avanço, e está cheio de forte fé nas Suas promessas, o povo de Deus sente-se seguro de que Ele está satisfeito com os esforços que está fazendo em Seu favor. Mas isto só é verdade se a obra for dirigida por Deus. Se o Seu povo der expressão à sua fé formando as suas ordens específicas, inevitavelmente experimentará esmagador fracasso da fé. Será confundido por não poder compreender a causa do resultado oposto ao da sua expectativa quando, de acordo com o seu conceito, tudo foi feito correctamente. Ele é deste modo levado a pôr em causa o carácter de

Deus e a duvidar da Sua palavra, com o resultado que se torna ainda mais inclinado a voltar às suas próprias obras no futuro.

Certamente nada há de errado com o maravilhoso carácter de Deus. Ele não é caprichoso, cruel e alguém em quem não se pode confiar. Duvidar d'Ele é o astuto engano de Satanás para desviar a atenção da pessoa do único lugar de onde a dúvida precisa ser levantada — a área dos procedimentos humanos. Se os professos filhos de Deus se examinassem a si mesmos em profundidade à luz dos Seus caminhos, eles em breve aprenderiam a causa dos seus fracassos e a longa demora na finalização da obra.

Agora que a nossa compreensão acerca dos caminhos de Deus começou a desenvolver-se, valeria a pena rever as experiências do passado a fim de compreender porque a grande fé não tem produzido resultados em proporção com as promessas nas quais a nossa confiança repousa. Lemos, cremos nas promessas, e saímos esperando que o Altíssimo fizesse grandes coisas através de nós e por nós. Mas em vez das coisas maravilhosas asseguradas, somente uma insignificante parte foi realizada em troca, levando muitos a concluir que o Senhor não tem em mente o que diz.

Um escritor deu assim expressão aos seus sentimentos:

“Há uma questão importante que perpetuamente tem visitado as mentes de muitos que estão procurando servir Cristo na Sua Igreja hoje. É uma questão que nós frequentemente sufocamos, porque nos embaraça; porém é demasiado fundamental para ser ignorada. *Se tudo o que a Bíblia diz é verdade, porque não está a nossa religião realizando mais?* Porque não está efectuando uma transformação mais radical na cena humana? Porque não são as nossas vidas libertadas mais profundamente do comprometimento e da derrota? Porque não há a criação de uma Igreja inflamada com fé, livre do opróbrio da divisão, e inspirada em todos os seus membros com uma paixão devoradora para dar testemunho por Cristo?

“Aqui está este Livro, cheio das mais gloriosas extraordinárias promessas — promessas que foram seladas pela própria mão de Deus e transportam a garantia pessoal de Cristo: ‘Deus pode fazer a graça abundar em vós;’ ‘o torto endireitará, e o acidentado tornará plano: a boca do Senhor o disse:’ ‘Quanto mais não vos dará o vosso Pai celestial o Espírito àqueles que Lhe pedirem?’ ‘Para com Deus todas as coisas são possíveis.’ Porque há uma tão grande diferença entre a promessa e a realidade como a conhecemos nas nossas vidas e como vemos na Igreja, e no mundo à volta?

“Aqui está o Evangelho — as boas novas de uma espantosa força perdida na história para a remissão da humanidade. Se isso está ali, porque não está a raça humana reunida? Porque lutamos ainda numa treva de sangue e espada?

“Aqui está o eterno amor expressando-se a si mesmo no incomensurável sacrifício da Encarnação, na vasta compaixão do Calvário e no magnificante triunfo da Ressurreição. Porque não há mais para mostrar em seu favor nas nossas vidas em primeiro lugar e depois no mundo circundante? Porque não tem este maior drama jamais desempenhado obtido resultados, tanto quanto podemos ver, qualquer coisa como comparável com a divina esperança e sonho por detrás dele?

“‘É este pequeno,’ grita o Papa no poema de Browning, ‘tudo o que deve ser? É aquilo que vemos, salvação?’” James S. Stewart, *A Faith to Proclaim*, 137, 138.

Este homem está fazendo ecoar o clamor que se tem elevado de incontáveis almas desesperadas, tragédia essa para a qual tão poucos têm encontrado resposta. É na compreensão dos caminhos de Deus que o repouso desta perturbadora questão é encontrado, e com uma vida que “... seria como Sua, uma série de ininterruptas vitórias.” *O Desejado de Todas as Nações*, 655.

Nem por um momento é a intenção de Deus que os Seus filhos tropecem na vida. Glorioso e contínuo triunfo é o Seu programa para os Seus seguidores. Mas esta herança é válida somente para aqueles que conhecem e seguem os Seus caminhos.

Os israelitas podiam ter entrado nesse repouso em Cades-Barneia se tivessem reconhecido no aparecimento da sua incredulidade e tumultuoso espírito uma revelação da existência de procedimentos errados e da necessidade de medidas correctoras. No início eles não teriam reconhecido exactamente qual era o problema, nem o podiam ter determinado pelos seus próprios recursos, porque só Deus era capaz de lhes mostrar onde estavam as dificuldades. Entretanto, eles tinham que compreender que tinham criado um sério problema que requeria uma solução imediata.

A sua responsabilidade era reconhecer a sua desamparada insuficiência, e, ao entregar o problema a Deus, submeter-Lhe a obra de lhes mostrar onde tinham errado. Tivessem eles feito isto, o Senhor teria claramente explicado a natureza da sua transgressão. A tomada de conhecimento da sua iniquidade teria sido seguida pela sincera confissão e rejeição daqueles procedimentos errados que os impedia de entrar em Canaã.

Enquanto olhassem para Deus procurando as ordens específicas para si, Ele tê-las-ia comunicado no devido tempo através de Moisés. Se avançassem de acordo com as ordens, não teriam conhecido coisa como fracasso, perda, impossibilidade, ou derrota.

Isto é o que eles deviam ter feito. Em vez disso, a sua atenção estava tão centrada em imputar os problemas infligidos sobre si mesmos a um Deus inocente, que não tinham pensado em examinar o seu errado modo de agir. Consequentemente, eles foram de uma má condição para outra pior.

Tivesse qualquer sentido ou razão ficado, teriam pelo menos aprendido que algo estava errado e perguntariam a si mesmos porque estavam neste terrível estado e onde estava a resplandecente fé que tinham experimentado precisamente alguns minutos antes?

“Então levantou-se toda a congregação, e alçaram a sua voz; e o povo chorou naquela mesma noite.’ Revolta e franca sedição seguiram-se rapidamente; pois Satanás teve pleno domínio, e o povo parecia despojado da razão. Amaldiçoaram Moisés e Arão, esquecendo-se de que Deus escutava suas ímpias palavras, e que, cercado pela coluna de nuvem, o Anjo de Sua presença estava a testemunhar a terrível explosão de ira por parte deles. Com amargura exclamaram: ‘Ah! se morrêramos na terra do Egipto! ou, ah! se morrêramos neste deserto!’ Então seus sentimentos se insurgiram contra Deus: ‘Porque nos traz o Senhor a esta terra, para cairmos à espada, e para que nossas mulheres e nossas crianças sejam por presa? Não nos seria melhor voltarmos ao Egipto? E diziam uns aos outros: Levantemos um capitão, e voltemos ao Egipto.’ Desta maneira não somente acusavam a Moisés, mas ao próprio Deus, de os enganar, prometendo-lhes uma terra que eram incapazes de possuir. E chegaram a ponto de designar um capitão para os guiar de volta à terra de seu sofrimento e cativeiro, da qual haviam sido libertos pelo braço da Omnipotência.” *Patriarcas e Profetas*, 407, 408.

A sua ilógica resposta ao relatório dos espias só complicou uma já existente difícil situação. Os seus problemas estavam a crescer como cancros, que se não fossem rapidamente curados, os reduziria à completa ruína. Apenas Deus podia efectuar a solução desejada, mas eles seguiram a habitual mentira de crer que se tanto planeamento humano não tinha resolvido o problema, então mais dele resolveria. O facto real era que se uma certa quantidade de invenção humana tinha gerado uma proporcional quantidade de problemas, então mais da mesma invenção apenas piorava as coisas.

Na sua cega incredulidade, decidiram que não podiam entrar em Canaã e era igualmente evidente que não podiam sobreviver para sempre no árido lugar em que estavam acampados. Por isso sentiram que tinham o problema de encontrar um lugar para residir. Não confiariam esta escolha a Moisés ou Arão, porque eles chegaram a considerá-los como sádicos demónios que os tinham deliberadamente guiado a esta miserável armadilha.

O único lugar com que eles estavam familiarizados era o Egipto, onde podiam pelo menos ter alimento e abrigo garantidos. A liberdade que tinham obtido através do grandioso poder de Deus

não mais lhes parecia importante, e, em directa oposição aos planos de Deus, determinaram voltar à terra da servidão onde seriam bem recebidos como escravos. “E chegaram a ponto de designar um capitão para os guiar de volta à terra de seu sofrimento e cativo, da qual haviam sido libertos pelo braço forte da Omnipotência” *Idem*.

Todavia, esta solução estava condenada ao fracasso enquanto Moisés e Arão continuassem no comando, com Calebe e Josué a apoiá-los. Para remover este obstáculo o povo determinou matar Josué e Calebe por apedrejamento, depois do que não teriam dúvida em matar Moisés e Arão. Eles estavam a avançar sobre os fiéis servos de Deus quando o Senhor interveio manifestando a Sua presença no santuário.

“Os espias infiéis denunciavam a alta voz a Calebe e Josué, levantou-se o clamor para os apedrejar. A turba insana apanhou pedras para matar aqueles homens fiéis. Avançaram com uivos de furor, quando subitamente as pedras lhes caíram das mãos, tombou sobre eles um silêncio, e tremeram de medo. Deus interviu para impedir seu desígnio assassino. A glória da Sua presença, como uma luz chamejante, iluminou o tabernáculo. Todo o povo viu o sinal do Senhor. Alguém que era mais poderoso do que eles se revelara e ninguém ousava prosseguir com a resistência. Os espias que trouxeram o mau relatório, agacharam-se tomados de terror, e com a respiração contida procuram as suas tendas.” *Idem*, 408.

Os israelitas estavam agora reduzidos a desesperadas dificuldades. A sua condição foi originada pelo directo resultado do caminho que tinham seguido. A história dá prova convincente que quando os homens se constituem a si mesmos como planeadores no lugar de Deus, o pior está prestes a acontecer. Quão diferente a história teria sido se eles tivessem deixado Deus na Sua devida posição como Guia e Planeador!

Neste ponto, o povo enfrentou uma bem merecida aniquilação, mas Moisés manifestando um espírito de amor entrou no tabernáculo e intercedeu em seu favor. Foi uma das maiores orações intercessórias da história, e produziu os seus efeitos. Ela não mudou a disposição ou o carácter de Deus, mas dominou uma força que Lhe tornou possível continuar a protegê-los em vez de os abandonar à malícia de Satanás e à garantida destruição que se seguiria.

“O Senhor prometeu poupar Israel de destruição imediata; mas, por causa de sua incredulidade e covardia, *não poderia* manifestar Seu poder para subjugar os inimigos deles. Portanto, *em Sua misericórdia* ordenou-lhes, como *o único meio seguro*, que volvessem em direcção ao Mar Vermelho.” *Idem*, 409.

A escolha de um capitão para os levar de volta ao Egipto depois de terem removido toda a oposição matando os guias apontados por Deus, era um plano inventado por eles para resolver o problema levantado pelos planos formados por eles. De modo nenhum podia isto melhorar a sua situação. Pelo contrário, piorava-a consideravelmente. O seu movimento forçou Deus a rodear os Seus servos fiéis com um muro de protecção. Os espias infiéis, um dos quais sem dúvida era o capitão que a multidão tinha escolhido para levá-los de volta ao Egipto, foram privados da protecção pessoal de Deus e rapidamente caíram presas das forças destruidoras que os rodeava. O povo contemplou neste acontecimento o colapso de outro dos seus esquemas. A sua posição era tal que eles não podiam entrar na terra prometida, voltar ao Egipto, ou ficar onde estavam. Um grave problema tinha-se tornado num problema crítico.

Eles decaíram da situação má de terem fé sem as obras de Deus, para uma pior onde não tinham a fé nem as obras de Deus. Deus cuidadosamente analisou a sua situação e sabia que no seu estado de incrédula e teimosa recusa de se arrependerem do seu problema principal, não tinham esperança de entrar na terra prometida. Qualquer tentativa para os levar a entrar nestas circunstâncias tê-los-ia entregue a uma terrível carnificina. Deus amava-os demasiado para planear isso.

O Senhor tristemente comunicou através de Moisés a única solução que lhes restava. Deviam voltar ao deserto por quarenta anos, o tempo requerido para a morte e purificação do

acampamento de todas aquelas incuráveis rebeliões do povo. Isto libertaria a geração seguinte para fazer pela fé e procedimentos correctos o que os seus pais tinham falhado em alcançar. Quando consideramos o assombroso preço pago pelo povo por se constituírem a si mesmos como planeadores no lugar de Deus, tem que ser reconhecido que em nenhuma circunstância o preço foi digno disso. Eles perderam tudo e nada ganharam aparte do duvidoso prestígio de estarem no comando da obra de Deus.

O melhor que eles podiam fazer nesta altura era reconhecer que a sua acção lhes havia trazido nada mais do que tristeza e perda, e no verdadeiro arrependimento e humilde confissão, aceitar o triste juízo. Eles deviam estar gratos por, mesmo depois de tudo o que tinham feito, o Senhor ainda estar preparado para fazer o melhor que pudesse por eles.

Primeiramente eles *pareceriam* verdadeiramente arrependidos do seu modo de proceder errado. Qualquer observador com a habitual percepção espiritual superficial teria sentido que o seu espírito submisso e profundo pesar era uma demonstração genuína de verdadeiro arrependimento. Mas o povo continuava a falhar em permitir que o Espírito Santo lhes abrisse os olhos para verem a *raiz* do problema. Eles não confessaram que tinham acarretado sobre si mesmos os aís, fazendo as suas próprias ordens específicas para o cumprimento das ordens gerais de Deus. A menos que chegassem onde vissem e confessassem este problema enquanto olhavam para Deus como Planeador e Solucionador dos problemas, se poderia ter confiança neles para seguirem em frente. A fé sem as *obras de Deus* é morte. Portanto, arrepender-se como eles fizeram não é suficiente.

Há um arrependimento que é aceitável a Deus e há arrependimentos que não são. Por exemplo os arrependimentos de Balaão e Judá foram arrependimentos muito reais, mas eles não foram de um carácter que os podia libertar do problema no qual eles estavam enredados. Semelhantemente, a tristeza superficial sentida pelos israelitas, não deu a Deus a oportunidade para mudar o decreto que os sentenciava à morte no deserto.

Contudo, eles esperavam isso. Como não aconteceu recusaram aceitar a divina solução, e uma vez mais começaram a formar soluções alternativas por si mesmos. Isto provou que não havia mudança no seu coração. Eles mostraram que seguiriam as ordens gerais de Deus apenas se Ele aceitasse os seus planos específicos. Em directa contradição à Sua misericórdia determinaram invadir Canaã. O plano nada continha que Deus fosse a fonte. Portanto, não tinham perspectivas de sucesso, contudo, apesar das poderosas lições que as experiências que o seu passado imediato lhes devia ter ensinado completamente confiavam que o seu próprio plano resultaria.

“Quando Moisés fez saber ao povo a decisão divina, a ira deste transformou-se em lamentação. Sabiam que seu castigo era justo. Os dez espias infiéis, feridos por determinação divina pela praga, pereceram diante dos olhos de todo o Israel; e em sua sorte o povo leu sua própria condenação.” *Idem*.

“Os seus corações não estavam modificados.” Eles ainda não conheciam os caminhos de Deus, e, de acordo com isto nunca podiam entrar no Seu repouso e na Sua divinamente apontada missão. Nada havia que eles desejassem mais do que aquilo que Deus desejava para eles, nomeadamente, a possessão da sua herança, mas não até que aprendessem o caminho de Deus em fé podiam possuí-la. Como eles não aprenderam essa lição, conseqüentemente não entraram na terra, nem no repouso de Deus.

Esta é a lição que o povo de Deus ainda não aprendeu, porque se o tivesse feito a obra estaria finalizada e todos eles estariam em repouso no Canaã celestial.



Muitos começos prometedores têm sido feitos durante os quais os crentes olhavam para Deus somente à procura de direcção, mas demasiado cedo chegou o inevitável momento em que eles o substituíram pelos seus próprios planos. Perderam de vista a verdade que Jeremias exprimiu nestas palavras:

“Eu sei, ó Senhor, que não é do homem o seu caminho nem do homem que caminha o dirigir os seus passos.” *Jeremias 10:23.*

“Não temos sabedoria para planejar nossa vida. Não nos compete determinar o futuro... Muitos, planeando um futuro brilhante, sofrem um desastre completo. Deixai que Deus faça os Seus planos para vós. Como criancinhas, confiai-vos à guia d’Aquele que ‘guardará os pés dos



Seus santos.' 1 Samuel 2:9. Deus não conduz jamais Seus filhos de maneira diferente da que eles escolheriam se pudessem ver o fim desde o princípio, e discernir a glória do propósito que estão realizando como Seus colaboradores." *A Ciência do Bom Viver*, 479.

Tendo esquecido estes factos, os membros, no seu amor e zelo pela causa, começam a fazer planos, assim involuntariamente exaltando-se a si mesmo ao lugar de Deus. Quando o plano falha, intensificam os seus esforços na suposição ilógica que se esta quantidade de planos falhou em conseguir os resultados desejados, então mais dos seus planos alcançá-lo-á. Este é o procedimento adoptado por todo o movimento do passado, mesmo apesar da clara lição da história mostrar que isso não resolve, mas complica o problema e garante que o desejado objectivo de construir o reino de Deus será substituído pela edificação do domínio de Satanás. Ao cair nesta armadilha, os filhos de Deus tornam-se os mais hábeis aliados de Satanás.

Um maravilhoso contraste é dado no espírito e atitude de Moisés, Arão, Calebe, e Josué. Estes homens foram chamados a sofrer com o resto do povo, mesmo apesar de não tomarem parte na incredulidade e rebelião que causou a imposição da sentença. Mas enquanto o resto recusou aceitar o juízo pronunciado até serem privados de qualquer alternativa, os quatro fiéis humildemente aceitaram as soluções divinas desde o princípio.

"O decreto de que Israel não deveria entrar em Canaã antes de passarem quarenta anos, foi um amargo desapontamento para Moisés e Arão, Calebe e Josué; todavia, sem murmurar, aceitaram a decisão divina. Mas aqueles que estiveram a queixar-se do trato de Deus para com eles, e a declarar que voltariam ao Egipto, choraram e lamentaram grandemente quando as bênçãos que desprezaram lhes foram tiradas. Haviam-se queixado de coisas irreais, e agora Deus lhes deu motivo para chorar. Houvessem deplorado o seu pecado, quando este se lhes apresentou lealmente, não teria sido pronunciada aquela sentença; mas lamentavam pelo motivo do juízo; sua tristeza não era arrependimento, e não poderia obter a revogação da sentença.

"Passaram a noite em lamentação; porém, com a manhã veio a esperança. Resolveram reparar sua covardia. Quando Deus lhes mandara subir e tomar a terra, tinham-se recusado; e agora que lhes determinava retroceder, estavam igualmente rebeldes. Decidiram-se a tomar a terra e possuí-la; poderia ser que Deus lhes aceitasse o trabalho, e modificasse Seu propósito em relação a eles." *Idem*, 410.

Desde o momento em que eles chamaram os doze espias e assim rejeitaram Deus como seu Planeador, como último acto deste drama os israelitas estavam cegos para a verdadeira causa de todas as suas dificuldades. Eles não tinham conceito da importante relação entre as ordens gerais e as ordens específicas de Deus. Eles não conheciam a diferença entre as obras de Deus e as suas, nem compreendiam que a fé sem as obras de Deus é morta e por conseguinte totalmente ineficazes.

Como os planos alternativos falharam e ouviram a sentença divina condenando-os a morrer no deserto, lamentaram as consequências da sua recusa em obedecer a Deus, sem arrependimento do pecado que os tinha privado de possuir a sua herança. A sua firme recusa em aprender os caminhos de Deus é reflectida no seu raciocínio errado que, se entrassem numa cruzada contra o inimigo, remiriam o seu fracasso.

"Pecámos contra o Senhor," afirmaram. "Iremos e lutaremos, *de acordo com tudo o que o Senhor nosso Deus nos ordenou.*" *Deuterónimo* 1:41.

Eles provavelmente pensaram que a ordem para regressar ao deserto fosse uma ameaça destinada a forçar a sua obediência, exactamente como os pais ameaçavam os seus filhos com sofrimentos que nunca pretendem infligir, a fim de obterem a cooperação que eles não podem obter doutro modo. Todavia, isto era julgar mal Deus, pois Ele não era movido por estes princípios. A indicação para regressar ao deserto tinha-se tornado a única solução válida. A sua incredulidade e errado procedimento tornou impossível levá-los a Canaã, e era inútil levá-los de

volta ao Egito. O deserto no meio era a única alternativa. A ordem para entrar na terra prometida tinha sido substituída por outra.

Contudo, tão completamente se enganaram a si próprios que criam estar a obedecer a Jeová ao invadir a terra, quando Ele estava expressamente a confirmar-lhes outra coisa. No plano para derrotar os cananeus, estavam ainda a seguir o mesmo procedimento que tinha negado a sua posse. Estavam a procurar pelos seus próprios planos executar os mandamentos de Deus. Portanto, a sua empresa não tinha esperança de sucesso. O inimigo estava preparado para os receber, tendo-se entrincheirado numa fortaleza natural de montanhas de onde extorquiram um terrível preço aos miseráveis israelitas.

“Sem tomar em consideração a sentença divina, prepararam-se os israelitas para empreender a conquista de Canaã. Equipados de escudos e armas de guerra, achavam-se, quanto ao que calculavam, completamente preparados para a luta; mas eram deploravelmente deficientes à vista de Deus e de Seus entristecidos servos. Quando, quase quarenta anos mais tarde, o Senhor ordenou a Israel subir e tomar Jericó, prometeu ir com eles. A arca contendo a Sua lei foi levada diante dos exércitos deles. Os chefes que Ele designara deviam guiar-lhes os movimentos, sob a inspecção divina. Com tal direcção, nenhum mal lhes poderia sobrevir. Mas agora, contrariamente ao mando de Deus e à proibição solene de seus chefes, sem a arca e sem Moisés, foram enfrentar os exércitos do inimigo.

“A trombeta soou o alarma, e Moisés apressou-se após eles com o aviso: ‘Por que quebrantais o mandado do Senhor? Por isso não prosperará. Não subais, pois o Senhor não estará no meio de vós, para que não sejais feridos diante dos vossos inimigos. Porque os amalequitas e os cananeus estão ali diante da vossa face, e caireis à espada.’

“Os cananeus tinham ouvido falar do poder misterioso que parecia guardar esse povo, e dos prodígios operados em seu favor; e agora convocaram uma força poderosa para repelir os invasores. O exército atacante não tinha chefe. Nenhuma oração fora feita para que Deus lhes desse a vitória. Saíram com o desesperado intuito de revogar a sua sorte ou morrer na batalha. Pôsto que não fossem experimentados na guerra, eram uma vasta multidão de homens armados, e esperavam por um assalto de surpresa e tremendo suplantar toda oposição. Presunçosamente desafiaram o adversário que não ousara atacá-los.

“Os cananeus tinham-se estacionado sobre um planalto rochoso, acessível apenas por desfiladeiros incômodos, e subidas íngremes e perigosas. O imenso número dos hebreus apenas poderia tornar sua derrota mais terrível. Vagarosamente enfileiraram-se pelas sendas das montanhas, expostos aos projéteis mortíferos de seus inimigos no alto. Moles de pedra vinham tropejando abaixo, assinalando o seu caminho com o sangue dos mortos. Aqueles que atingiam o cimo, exaustos com a ascensão, eram atrozmente repelidos, e expulsos com grandes perdas. O campo de carnificina ficou juncado de cadáveres. O exército de Israel foi derrotado completamente. Destruição e morte foram o resultado daquela experiência revoltosa.

“Obrigados finalmente à submissão, os sobreviventes voltaram e choraram perante o Senhor, mas o Senhor não ouviu a sua voz. Deuteronomio 1:45. Pela sua assinalada vitória, os inimigos de Israel, que antes haviam esperado com tremor a aproximação daquele poderoso exército, inspiraram-se de confiança para lhes resistir. Todas as notícias que tinham ouvido concernentes às coisas maravilhosas que Deus operara pelo Seu povo, consideravam agora como falsas, e entendiam não haver motivos de receio. Aquela primeira derrota de Israel, inspirando os cananeus com coragem e resolução, aumentara grandemente as dificuldades da conquista. Nada restava a Israel senão recuar da face de seus vitoriosos adversários para o deserto, sabendo que ali deveria ser o túmulo de uma geração inteira.” *Patriarcas e Profetas*, 412, 413.

Esta é a trágica história de um povo que não conheceu os caminhos de Deus, mesmo apesar de haver tanto acerca deles que levava um observador a crer que estavam familiarizados com Jeová e Seus procedimentos. Ele tinha-os chamado para serem a luz do mundo, levou-os do

Egipto a Cades-Barneia, concedeu-lhes maravilhosa protecção dos seus inimigos, deu-lhes os maravilhosos símbolos do evangelho no santuário e seu sistema sacrificial, e prometeu-lhes uma maravilhosa herança. Da sua parte, eles pareciam amar a causa de Deus e manifestaram o desejo de a ver prosperar, em muitas formas obedecendo implicitamente a Jeová enquanto viajavam para Cades-Barneia.

Mas mais do que isto era necessário para se classificarem como um povo que conhecia os caminhos de Deus e assim entrassem no Seu repouso. Dentro deles havia a persistente disposição para assumir a posição que o Senhor nunca lhes tinha dado. Dentro deles isto manifestou-se em Cades-Barneia, quando acrescentaram as suas próprias obras à forte fé que então tinham, que rapidamente se transformou nas suas próprias obras *sem fé*. A primeira era suficientemente grave, mas a segunda levou a consequências ainda piores. Eles passaram de um plano fracassado para outro.

Desta geração a Testemunha Verdadeira declara, “Eles não conheceram os Meus caminhos. Por isso... não entrarão no Meu repouso”, e não entraram.

Imaginaí essa multidão entristecida, caminhando com dificuldade através da quente, escaldante planície através de nuvens de denso pó fino. Vede-os armando o acampamento cada noite, apenas para o desarmar na manhã seguinte e caminhar durante outro dia cansativo. Não havia nisso repouso algum. Eles estavam caminhando para lugar nenhum, nada realizando; apenas fazendo tempo até morrerem. Que trágico contraste com aquilo que eles podiam ter feito habitando nas verdejantes terras ricas, com searas amadurecidas, em casas confortáveis, fixas e serenas. Isso teria sido o repouso e era o que Deus pretendia que eles tivessem.

Em nenhum sentido Deus os privou da sua herança, porque a sentença pronunciada contra eles não era o Seu decreto arbitrário. Era simplesmente o melhor que Ele podia fazer por eles sob as circunstâncias. A sua falta de fé e a sua recusa em aprender os Seus caminhos, *tinha-os tornado* incapazes para entrar na herança prometida. Cegamente ignorantes dos caminhos de Deus e determinados a seguir os seus próprios caminhos, não podiam trabalhar em cooperação com Ele. Portanto, Deus sabia que levá-los para Canaã era entregá-los à morte. Deus amava-os demais para fazer isso.

Séculos se passaram desde essa altura. Uma vez mais o povo de Deus está perto da terra prometida. Muitas vezes nos anos que se passaram eles podiam ter entrado, mas se bem que tivessem grande fé e zelo pela causa de Deus, não entraram nesse repouso porque não aprenderam os Seus caminhos.

Ele não foi reconhecido como sendo o grande e único Planeador, Portador de fardos, e Solucionador de problemas. Pelo contrário, geração após geração repetiu o erro de fazer os seus próprios planos para cumprir os propósitos de Deus.

A consequência inevitável é que os filhos de Deus ainda não entraram na terra prometida, nem entrarão, até que se levante um povo que tenha aprendido esta lição vital e que se torne inamovivelmente estabelecido no princípio que Deus é o único Planeador e único Solucionador de problemas. Cada geração tem tentado fazer isso à sua maneira. Não é altura para que uma deixe Deus fazê-lo à Sua maneira?

Os membros actuais do corpo de Cristo fariam bem em estudar muito de perto a triste experiência de Israel em Cades-Barneia.

## Deus É o Mestre do Seu Povo

“**D**eus é o Mestre do Seu povo.” *Testemunhos para Ministros*, 478.  
Estas palavras precisam ser compreendidas em todas as suas ramificações práticas. Deus é mais do que o Mestre da Verdade. Ele é também aquele que instrui os Seus filhos nos seus deveres diários e como eles não-de ser realizados.

Como Mestre da verdade, é a Sua responsabilidade decidir exactamente o que deve ser ensinado, através de quem, e quando. Muitas almas têm sido perdidas por causa de não estarem preparadas para deixarem estas decisões ao divino Instrutor ou colocar a Sua confiança nos instrumentos por Si apontados. Muitos rebelam-se contra o sistema de educação de Deus que dá progressivas revelações do futuro dos Seus filhos e suas obrigações. Deus é sábio e bondoso demais para nos mostrar os fardos de amanhã. Ele leva-os passo a passo de modo que a sua frágil fé não seja carregada com mais do que aquilo que ela pode com segurança suportar.

Em Cades-Barneia, os israelitas demonstraram que não estavam preparados para aceitar o método de revelação progressiva de Deus. A sua exigência de uma comissão foi originada pela sua perversa disposição que exige uma completa revelação daquilo que está à frente antes de qualquer disposição para obedecer.

Deus opera em caminhos que procuram o melhor para os Seus filhos. Ele sabe que a frágil fé deles está pronta a sucumbir sob a pressão das provas do dia sem adicionar isso aos fardos do dia seguinte, da semana seguinte, do mês seguinte, e do ano seguinte também. “Deus não é tão pouco sábio para errar, nem tão pouco bondoso que nos queira negar o que nos seria melhor.” *Aos Pés de Cristo*, 147. Portanto, ao instituir o procedimento pelo qual não revela mais do que os deveres de um único dia, escolheu aquilo que é para o mais elevado bem dos Seus filhos.

Mas o homem natural não está em harmonia com isto. A sua sabedoria declara que a única forma de ter paz é saber o que se passa à frente no futuro imediato e distante. Isto, contudo, produz o resultado oposto; enche a alma de ansiedade e temor pelo que está para vir. Além disso descarrega sobre a sua fraca e trémula fé um fardo que ela não é capaz de suportar.

Jesus reconheceu e deu claro conselho a respeito deste problema.



*“Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?”  
Mateus 6:26.*

“Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vossa vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestido?”

“Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?”

“E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?”

“E, quanto ao vestido, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam;

“E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

“Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?”

“Não andeis pois inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos?”

“(Porque todas estas coisas os gentios procuram.) De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas;

“Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

“Não vos inquieteis pois pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.” *Mateus 6:25-34.*

“Se vos entregastes a Deus, para fazer a Sua obra, não precisais estar ansiosos pelo dia de amanhã. Aquele de quem sois servo, conhece o fim desde o princípio. Os acontecimentos do amanhã, ocultos a vossos olhos, acham-se à vista d’Aquele que é onnipotente.

“Quando tomamos em nossas mãos o manejo das coisas com que temos de lidar, e confiamos em nossa própria sabedoria quanto ao êxito, chamamos sobre nós um fardo que Deus não nos deu, e estamos a levá-lo sem Sua ajuda. Estamos tomando sobre nós mesmos a responsabilidade que pertence a Deus, pondo-nos, na verdade, assim, em Seu lugar. Podemos bem ter ansiedade e antecipar perigos e perdas; pois isto é certo sobrevir-nos. Mas quando deveras acreditamos que Deus nos ama, e nos quer fazer bem, cessamos de afligir-nos a respeito do futuro. Confiaremos em Deus assim como uma criança confia em um amoroso pai. Então desaparecerão nossas turbacões e tormentos; pois nossa vontade fundir-se-á com a vontade de Deus.

“Cristo não nos deu promessa alguma de auxílio para quando levarmos hoje os fardos de amanhã. Disse Ele: ‘Minha graça te basta’ 2 Coríntios 12:9; mas, como o maná dado no deserto, Sua graça é concedida diariamente, para a necessidade do dia. Como as hostes de Israel em sua vida de peregrinos, encontraremos amanhã após amanhã o pão do céu para a provisão do dia.

“Um dia sozinho nos pertence, e durante o mesmo cumpre-nos viver para Deus. Por esse dia devemos colocar na mão de Cristo, em solene serviço, todos os nossos desígnios e planos, depondo sobre Ele toda a nossa solicitude, pois tem cuidado de nós. ‘Eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais.’ ‘Em vos converterdes, e em repousardes estaria a vossa salvação; no sossego e na confiança estaria a vossa força.’ Jeremias 29:11; Isaías 30:15.

“Se buscardes o Senhor e vos converterdes cada dia; se, por vossa própria escolha espiritual, fordes livres e ditosos em Deus; se, com satisfeito consentimento do coração a Seu gracioso convite, vierdes e tomardes o jugo de Cristo — o jugo da obediência e do serviço — todas as vossas murmurações emudecerão, remover-se-ão todas as vossas dificuldades, todos os desconcertantes problemas que ora vos defrontam se resolverão.” *O Maior Discurso de Cristo*, 100, 101.

Este é o caminho de Deus. Não há outras alternativas que produzam verdadeira bênção, desenvolvimento e vida eterna. Nenhum homem pode com proveito desviar-se destes princípios. Em Cades, Israel pagou um elevado preço por abandonar este caminho em troca de outro. O custo

não foi imposição de Deus. Foi um custo que sempre assiste aos esforços humanos para adoptar o papel de planeador e guia.

Moisés, em nome do povo, não ordenou aos espias que investigassem apenas a distância a que um dia de viagem ou guerra os levava. Foi-lhes indicado que obtivessem uma descrição de todo o país, para trazer detalhada e exacta avaliação da densidade populacional e distribuição, dimensão da força militar e preparação, nível moral, quantas e quão bem fortificadas eram as suas cidades, e quão formidável a tarefa de submeter todo o país. Tudo isto violou o divino princípio de deixar o amanhã e suas responsabilidades nas mãos capazes de Deus. Era uma forma de garantir a quebra da sua fé, desviá-los de Deus para si mesmos e assim condená-los ao desastre.

Quando aqueles homens, inicialmente deram um exacto relato daquilo que tinham visto na sua perigosa viagem, contaram em pormenores desanimadores tudo o que estava perante eles. Por fazerem assim carregaram-se a si mesmos com um peso que o Senhor nunca lhes deu, e que eram incapazes de suportar. Se eles tivessem conhecido e limitado a si mesmos aos perfeitos caminhos de Deus, Ele teria feito a revelação perante eles numa base diária. Isto eles podiam ter suportado.

Há uma grande diferença entre enfrentar o poder de uma única cidade e as forças combinadas de uma confederação de cidades. A sua fé teria suportado a primeira mas não a última. É por esta razão que, quando por fim entraram na terra de acordo com os caminhos de Deus, foram progressivamente colocados frente a frente com os seus inimigos. Por isso, quando viram as fortificações de Jericó e os soldados, não foram simultaneamente carregados com uma visão de todos os outros poderes que havia na terra. Estes deviam ser enfrentados um a um. Basta a cada dia o seu mal. Por permitirem que Deus lhes indicasse a obra a fazer numa base diária, a sua fé não foi destruída e a obra avançou com sucesso. Quão diferente teria sido a sua história se tivessem feito a mesma coisa em Cades!

Cristo, durante a Sua missão terrestre foi um seguidor exemplar dos caminhos de Deus. Ele ficava completamente satisfeito por Seu Pai Lhe revelar as responsabilidades diárias à medida que esse dia chegava. Ele não estava preocupado por causa do Seu futuro não ser aberto ao imediato conhecimento. Por isso escapou à inquietude de espírito que teria resultado se Ele tivesse obtido esta informação. Ao recusar exigir *como fazem os homens*, que o futuro fosse revelado perante Ele antes de avançar, caminhou seguramente nos caminhos de Deus, passo a passo.

Está a ser feita aqui uma diferença entre as revelações do futuro dadas na profecia, e uma pessoal descrição detalhada da história do indivíduo na história futura. Cristo, por exemplo, sabia que seria traído e crucificado, exactamente como o povo de Deus sabe acerca da imagem da besta que está para vir e as terríveis perseguições que a assistirão para a elevar ao poder. Estar informado acerca destes acontecimentos iminentes é uma coisa, mas por excelentes razões, Deus acha melhor dar a conhecer a cada pessoa onde ela estará e que perseguições cairão sobre si quando a altura chegar. Enquanto este é o método de Deus para nos dar visões gerais do futuro, como nosso Mestre Ele não dá uma antevisão de todas as responsabilidades e cargas antes da hora chegar.

É verdade, evidentemente, que antes de deixar o Céu, o então onisciente olho de Cristo viu cada passo que daria na Terra, juntamente com a oposição de cada força que seria arregimentada contra Ele. Porém, quando deixou a Sua divindade e veio à Terra como homem, aceitou as limitações daqueles a quem veio salvar e não mais possuía a presciência do Seu futuro. Tornou-se tão dependente do Seu Pai como qualquer filho de Deus devia ser.

Com Deus, a possessão do completo pré-conhecimento não é perigoso, porque Ele não tem problema de fé como o homem. Jeová tem a capacidade de saber tudo o que está para suceder, tanto bom como mau, sem risco para Si mesmo. O homem não está nesta posição. Ele não pode

suportar a completa revelação do seu futuro. Portanto, Deus, na Sua sabedoria, amor, e misericórdia ordenou os caminhos dos homens segundo as limitações deste. Se o homem se desviar da organização divina, com certeza trará desastre sobre si próprio. Não foi só por causa dos israelitas se fazerem planeadores no lugar de Deus que a sua fé falhou em Cades. Eles também procuraram uma total visão da terra antes de avançarem.

Os dois pecados vão juntamente. Desde que uma pessoa determine tomar para si o papel de planeador, tem que obter tanta informação quanto possível para formular aquilo que espera ser um esquema bem sucedido ou solução. Por isso uma vez que os israelitas tinham cometido o primeiro pecado de se fazerem planeadores, o inevitável passo a seguir era acumular tanta informação quanto possível acerca do que estava perante eles.

Antes da sua chegada a Cades, havia sido dada ampla oportunidade a Israel para conhecer os caminhos de Deus a este respeito. Quando partiram do Egito, Deus não lhes forneceu um detalhado resumo da rota a ser seguida, que distância tinham que viajar, ou dos perigos a enfrentar no caminho. Quando acordavam de manhã, não sabiam o rumo que tomariam, que distância deviam viajar, ou mesmo se levantariam o acampamento. Tudo o que eles podiam fazer era olhar para a nuvem em busca de instruções. Se ela se levantasse, preparavam-se para marchar. Se o não fizesse, permaneciam onde estavam por enquanto. Era uma questão de submissa, confiante obediência Àquele que não comete erros. Não tinham necessidade de estar preocupados acerca do futuro. Ele estava seguro nas mãos d'Aquele que conhece o fim desde o princípio e que ama os Seus filhos com demasiado apreço para os guiar "de maneira diferente da que eles escolheriam se pudessem ver o fim desde o princípio, e discernir a glória do propósito que estão realizando como Seus colaboradores". *A Ciência do Bom Viver*, 479.

Nunca esta lição foi mais maravilhosamente ensinada do que na travessia do Mar Vermelho. Ao trazer os israelitas até à margem das águas, Deus não os informou da mudança nos corações dos egípcios e a iminente perseguição. Eles deveriam tomar conhecimento disso em breve. Não havia utilidade em saber isto antes de precisarem, porque isso só originaria preocupação desnecessária. Nem Deus lhes explicou exactamente como trataria com o problema aparentemente insolúvel. Ele simplesmente lhes disse "Avançai". *Êxodo* 14:15.

Quando esta ordem foi dada, não havia caminho seguro através do mar, nem qualquer evidência visível que haveria. Mas esse caminho não seria necessário senão quando chegassem junto da água. A sua parte era marchar para o mar e deixar o resultado para Deus. Obedeceram tal como lhes havia sido ordenado sem pedirem compreensivas revelações do futuro. Deus estava dando mais do que salvação dos seus inimigos. Ele estava a ensinar-lhes através de uma poderosa demonstração, os princípios da cooperação com Ele. Mesmo apesar de esquecerem rapidamente a lição, fizeram o que estava certo nesse dia com os correspondentes resultados maravilhosos.

"A grande lição ensinada é para todos os tempos. Freqüentemente a vida cristã é assediada de perigos, e o dever parece difícil de cumprir-se. A imaginação desenha uma ruína iminente perante nós, e, atrás, o cativeiro ou a morte. Contudo, a voz de Deus fala claramente: 'Avante!' Devemos obedecer a esta ordem mesmo que nossos olhares não possam penetrar nas trevas, e sintamos as frias vagas ao redor de nossos pés. Os obstáculos que embaraçam o nosso progresso nunca desaparecerão diante de um espírito que se detém ou duvida. *Aqueles que adiam a obediência até que toda a sombra da incerteza desapareça e não fique perigo algum de fracasso ou derrota, nunca absolutamente obedecerão.* A incredulidade fala ao nosso ouvido: 'Esperemos até que os impedimentos sejam removidos, e possamos ver claramente nosso caminho'; mas a fé corajosamente insiste em avançar, esperando tudo, em tudo crendo." *Patriarcas e Profetas*, 294.

Em Cades, Israel confirmou a verdade destas palavras. Em vez de obedecer à ordem de Deus para entrar na terra prometida, adiaram a obediência até terem obtido uma completa inspecção do que estava perante eles, confiantes, desafiando a Palavra de Deus, que, quando tivessem



obtido esta informação, avançariam. Mas “aqueles que adiam a obediência até que toda a sombra da incerteza desapareça e não fique perigo algum de fracasso ou derrota, nunca absolutamente obedecerão”. Essa é a instrução de Deus e, como provou ser o caso, é infalivelmente verdade. Aqueles que estão procurando entrar no Seu repouso têm que aprender estes princípios do Supremo Mestre e praticá-los fielmente.



*O Senhor guiou Israel dia a dia. Eles seguiram a nuvem para onde quer que ela fosse, sem saber onde ela os levaria no dia seguinte.*

Sempre que Deus expõe verdades probantes ao Seu povo, este problema levanta-se de novo. Não é o método de Deus desvendar todos os pormenores de uma nova luz numa única revelação, mas qual é o professor que o faz? No primeiro dia de escola de um estudante, o professor não tenta explicar todos os problemas que pertencem ao assunto. Ele expõe os princípios básicos e o estudante tem que compreender estes antes de qualquer tentativa ser feita para compreender mais avançadas dificuldades. Espera-se que o estudante confie no discernimento do professor estudando o que lhe é atribuído cada dia e deixando as áreas desconhecidas em paz até que o professor as traga.

Deus ensina da mesma maneira. Consequentemente, os Seus filhos têm que ter fé n'Ele como Professor. Devem estabelecer-se no princípio que *aquilo* que deverá ser aprendido e *o momento de ser*, é a decisão do Senhor, não sua, porque “Deus é o Mestre de Seu povo”. O Mestre deseja instruir os membros do Seu corpo como um todo coordenado, não como unidades individuais,

dispersas. Ele não deseja que eles se movam em várias direcções independentes. Por esta razão, quando chega a altura de lhes comunicar certas verdades, Ele chama um mensageiro para transmitir estes tesouros. Ele então espera que os crentes aprendam o que Ele lhes está a enviar.

Ao mesmo tempo, o Senhor fornece abundante evidência para mostrar que a mensagem é d'Ele de modo que o estudante pode confiantemente colocar a sua confiança no Ominisciente Educador e nos canais que Ele escolheu usar. Isto não quer dizer que o aprendiz deve aceitar tudo o que ouve do mensageiro sem cuidadosamente compará-lo com as Escrituras. Pelo contrário, ele deve cavar profundamente em busca de tesouros escondidos até a mensagem se tornar propriamente sua. Se ele fizer isto, a luz aumentará de um nível de brilho para outro.

“Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.” *Provérbios 4:18*.

Nunca chegará o tempo em que seres criados terão conhecimento infinito. A própria eternidade não exaurirá os tesouros ainda por desvendar perante a ávida, mente investigadora. A necessidade de exercer fé permanecerá, pois haverá mais que é desconhecido do que o conhecido acerca de Deus. Será ainda necessário avançar sob a orientação do Supremo Mestre enquanto aquelas coisas não reveladas são deixadas com confiança até ao momento que Cristo julgue que podem ser tornadas conhecidas.

Mas há sempre aquelas mentes que não compreendem e aceitam estes princípios. Elas não compreendem que as verdades de Deus vêm pela revelação, porque é impossível ao homem pela investigação encontrar Deus. Isto não quer dizer que ele não tem parte a desempenhar, ou esforço a fazer no estudo da verdade de Deus. Quando o tempo determinado vem, Deus envia mensageiros com a Sua mensagem. Excelentes exemplos destes são João Baptista, Cristo, os reformadores, William Miller, e Waggoner e Jones. Nenhum destes pregou o que tinham procurado por si mesmos. Eles não trabalharam para investigarem uma mensagem das Escrituras a fim de se apontarem como pregadores ou mensageiros. Pelo contrário, enquanto estudavam as Escrituras, faziam-no sob a orientação de Deus e activa cooperação com Ele. Eram alunos aos pés do Supremo Mestre deram aos outros tal como Ele ordenou.

A comissão de Deus a Jeremias claramente define este princípio de operação.

“Mas o Senhor me disse, Não digas: eu sou uma criança; porque aonde quer que Eu te enviar irás; e tudo quanto te mandar dirás.” *Jeremias 1:7*.

Jeremias foi o dom do Senhor para Israel mas lamentavelmente, eles recusaram ver isto. Consequentemente, recusaram aprender do divino Mestre através do Seu mensageiro. Jeremias foi fiel ao seu chamamento. Ele não tentou “promover” uma mensagem mas ensinar ao povo aquilo que o Senhor lhe disse para lhes ensinar, independentemente de quais fossem as consequências ou recompensa.

Quando ele e outros mensageiros estiveram perante o povo, não tiveram inicialmente todas as respostas para qualquer assunto dado, nem mesmo falaram acerca de muitos assuntos que mais tarde vieram a ser compreendidos. Porém havia suficiente evidência dada por Deus para mostrar que a mensagem apresentada era a verdade. O Senhor esperava que os ouvintes se virassem para as Escrituras e cuidadosamente estudassem sob a Sua tutela aquilo que tinha sido revelado, sem se preocuparem com o que ainda não tinha sido desvendado. O Revelador da Verdade sabe o que está a fazer. Portanto, quando, na Sua infinita sabedoria, determina revelar certas verdades num certo tempo, não é necessário nem seguro para o Seu povo preocupar-se acerca do que Ele ainda não achou indicado revelar. Aqueles que recusam crer até que a questão seja respondida, toda a objecção enfrentada, sem ficar qualquer dificuldade, nunca chegarão a ver e obedecer à verdade.

Para dar um exemplo específico, voltaremos à história da revelação da verdade acerca do carácter de Deus.

Quando a mensagem que Deus enviou através dos Seus mensageiros escolhidos, pastores Waggoner e Jones, foi de novo trazida à luz nos anos 50 e aceite por um crescente número de pessoas em todo o mundo, a porta foi aberta para o desenvolvimento da mensagem de assunto em assunto. Na devida altura escolhida por Deus, a verdadeira luz do Seu carácter começou a brilhar em meados da década de 70.

Há muitos textos e testemunhos difíceis ligados a este assunto. O povo mostrou uma determinada disposição para se incomodar com estes, mas o Supremo Mestre guiou os crentes aos princípios básicos que confirmam que Ele não é um destruidor.

O primeiro destes é que Deus não emprega a força para solucionar o grande conflito. “Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” *O Desejado de Todas as Nações*, 728, 729.

Se poder compulsor ou uso da força só se encontra sob o governo de Satanás, então *nunca* se encontra sob o governo de Deus. Visto que a força é necessária para executar o pecador, esta verdade exclui qualquer possibilidade de Jeová destruir os ímpios ou qualquer outra coisa. Por isso um princípio básico foi estabelecido, não obstante a presença de muitos testemunhos que parecem dizer o contrário.

A vida de Cristo sobre a Terra é uma perfeita exemplificação da verdade que o poder compulsor só é encontrado sob o governo de Satanás. Deus enviou o Seu Filho ao mundo para demonstrar como Ele se relaciona a Si mesmo com o pecado e com os pecadores. Com fidelidade, Jesus testemunhou a maravilhosa verdade que não é Deus que aniquila o transgressor, mas Satanás e o pecado que faz esta obra. A mais completa manifestação deste carácter de amor foi dada no Calvário onde tanto Cristo como Satanás revelaram a plenitude dos seus caracteres opostos. Ali Cristo suportou a punição devida pelo homem caído e que cairá no final sobre o não arrependido. Não executando Cristo quando estava suspenso no lugar do homem, Deus declarou que não é o Seu caminho executar o pecador. Exactamente como Ele foi forçado a retirar-Se de Cristo e a deixá-l’O para perecer pelo poder destruidor do pecado, assim deixará a raça humana quando não Lhe for deixada qualquer escolha. Então o pecado executará a sua última tarefa. Por conseguinte, a cruz tornou-se a suprema e última declaração do perfeito carácter e caminhos de Deus.

Foi maravilhoso e refrescante chegar à possessão de tão elevados conceitos acerca do carácter de Deus, mas nesta fase, muitos problemas foram deixados por resolver. Apesar da revelação dada por Cristo, havia numerosos casos em que as Escrituras declaravam que Deus derramou fogo e enxofre sobre as desprotegidas cabeças do impenitente, inundou a Terra com um dilúvio, e destruiu os ímpios de diversas outras formas. Falava-se d’Ele como sendo um Deus de ira consumidora e terrível indignação. O testemunho no Antigo Testamento parecia contradizer o testemunho de Deus que Cristo deu no Novo Testamento.

Uma vez mais nos encontramos com o que parece ser sérias contradições. Esta foi uma prova de tal severidade para alguns que não puderam descansar até que estes textos “difíceis” fossem explicados. Mas não era o plano de Deus destruir a paz e confiança deles. Tudo o que eles precisavam fazer era reconhecer como verdade aquilo que o Senhor tinha revelado até ali e confiar que, no Seu próprio tempo, Deus daria as respostas para as aparentes contradições. A pior atitude que eles podiam tomar era desviar-se da contemplação e absorção daquilo que tinha sido revelado e tentar resolver o problema do que ainda não era conhecido. Em constante submissão, todo o crente devia lembrar que Deus é o Mestre e ele o estudante.

Quando os estudantes se matriculam numa escola, não determinam o programa de estudo. Numa progressão ordenada o professor guia-os de um nível para outro. Ele começa por estabelecer princípios básicos sem fazer qualquer tentativa para resolver as questões difíceis

associadas com o assunto, pois ele espera que os estudantes aguardem até ao tempo apropriado para estas serem solucionadas. Eles sabem e aceitam isto. Seria bom se os filhos de Deus reconhecessem e repousassem nestes princípios. Eles têm a tendência para sentir que se devem ensinar a si mesmos e que por conseguinte a decisão daquilo que estudar é deles.

Quando, durante os anos setenta, nos encontramos perante muitos mistérios inexplicáveis que pareciam negar os maravilhosos princípios desvendados acerca do nosso maravilhoso Pai celestial, várias classes de pessoas começaram a aparecer. Foi um tempo de prova que separou os que estavam determinados a seguir os caminhos de Deus daqueles que estavam inclinados para outro caminho.

Alguns estavam contentes por esperar até que o divino Mestre, no Seu próprio bom tempo, esclarecesse as dificuldades. Eles não esperaram em ociosidade mas concentraram-se nas lições que tinham à mão, crendo que o Senhor estava e está guiando o movimento, e que o programa de ensinamento devia ser confiante e pacientemente deixado nas Suas mãos.

Uma segunda classe prestou pouca atenção ao que o Senhor havia revelado. Toda a sua preocupação estava com a porção não revelada. Era notório que não creriam qualquer parte da mensagem a menos que estas dificuldades fossem esclarecidas para sua inteira satisfação. A sua tomada de posição era de incredulidade. Eles adiaram a aceitação da mensagem até que toda a sombra de incerteza desaparecesse e nenhum risco de fracasso ou derrota ficasse. Naturalmente, nunca receberam a mensagem. Na altura em que os cheios de fé progrediram até ao ponto onde o grande Mestre respondeu a todos aqueles problemas difíceis, eles estavam fora do movimento sem possibilidade de regresso. Pela incredulidade privaram-se da vida eterna.

Havia também uma terceira classe que foi em primeiro lugar entusiasmada com a nova visão da justiça de Deus. Estes eram estudantes felizes, aprendendo a verdade como Deus a tinha revelado. Então alguns da segunda classe começaram a abalar a sua fé agitando todas as difíceis questões não respondidas. Isto inquietou aquelas almas sinceras até que uma delas disse, “Eu não posso fazer mais progresso espiritual até que estas questões sejam respondidas. Eu vou para casa estudar a minha Bíblia e o Espírito de Profecia até encontrar as respostas”.

Rogou-se-lhe que não fizesse isto. Foi-lhe indicado que estava a atribuir a si própria lições para estudar, em vez de esperar até que o Supremo Mestre fizesse isto por ela. Foi encorajada a crer que o Senhor responderia a todas estas questões quando Ele estivesse preparado. Ela apenas necessitava confiar em Deus e, entretanto, seguir onde Ele a guiasse pelo estudo que nos deu para estudar.

Porém ela não ouviria estes apelos. Pelo contrário, abandonou a mensagem já dada e concentrou-se nas áreas ainda não reveladas. Procurou muito diligentemente e em oração, mas com procedimentos que estavam absolutamente errados. Apenas era possível um resultado e isso aconteceu-lhe — chegou a uma solução de sua própria imaginação completamente em desacordo com a verdade como ela é em Jesus. Desnecessário é dizer, que ela há muito está separada daqueles que amam esta mensagem e estão avançando com ela.

Fé é sempre um elemento vital e por isso é diligente esforço sincero, mas se está misturada com procedimentos errados o efeito será a destruição da fé e a separação de Deus. Toda a alma deve lembrar que não é o método de Deus revelar todo o futuro aos Seus filhos em qualquer ponto de tempo. Aqueles que insistem, como os israelitas em Cades, em saberem o que reserva o futuro estão preparados para avançar, demonstrando que não conhecem os caminhos de Deus e não estão em harmonia com Ele. O único resultado possível é a morte da fé e a separação de Deus. Isso, por seu lado, significa fracasso e inquietação que priva uma pessoa da paz de Deus, a paz que transmite entendimento.

“Deus é o Mestre de Seu povo.”

Que o povo, portanto, seja estudante *ensinado por Deus*. Procurar entrar no repouso de Deus envolve compreender os princípios inerentes a esta verdade. Devem encontrar o canal através

do qual Deus está derramando a Sua luz e ir à escola sob os mensageiros apontados por Deus. À medida que as lições são mostradas, a atenção deve ser focada nelas, não importa quantas questões por resolver possam requerer solução. As pessoas devem deixar aquelas dificuldades com o Mestre Educador. Ele conhece-as totalmente e já tem planejado como tratar com elas na altura devida. Este é o único procedimento seguro a seguir. A nossa história do passado mostra que aqueles que concentram os seus esforços em aprenderem a compreender o que Deus revelou, estão prontos para a lição seguinte quando ela vier. Isso prosseguirá de um avançado ponto de luz para outro até que caminham na glória do dia perfeito.

Não é natural para a humanidade deixar o desconhecido no competente cuidado de Deus. É preciso fé iluminada para alcançar isto.

## Retrocessos Dispendiosos

**O** estudo das experiências de Israel como até aqui, estabeleceu a verdade que somente quando é Deus que faz as ordens gerais e as ordens específicas pode a Sua obra ser finalizada. Quando os homens de qualquer maneira assumem este papel, a obra de Deus deixa de avançar e perda terrível é experimentada pelo Seu povo. Estas lições, portanto, chamam a atenção daqueles que professam seguir o Senhor para tomar maior cuidado para não usurparem a Sua posição.

Apesar da convincente clareza destes testemunhos, alguns têm a tendência para considerar esta posição com preocupação, receando que aqueles que aceitam estes princípios sejam reduzidos a meros autómatos nas mãos do Senhor. Eles sentem que lhes é negado exercício adequado das suas capacidades para organizar, planejar e executar — um esquema do qual estão certos não só usurpará os seus direitos, mas também os reduzirá a menos do que seres humanos. Vêem isto como o fim de todo o desenvolvimento real, atrofiamento de mente e do crescimento espiritual.

Estes receios levá-los-ão a rejeitar a mensagem antes de a terem investigado profundamente. Verão no repouso do sábado uma coisa que, na sua cegueira, pensarão perigoso, e fortalecer-se-ão na resistência a ele.

Esses receios são inteiramente infundados. O resultado oposto será experimentado, porque longe de acanhar e limitar a capacidade humana e sua realização, os caminhos de Deus oferecem oportunidades para ilimitado desenvolvimento e pleno gozo. Há um lugar para o planeamento humano na obra de Deus, mas não é fazer as ordens gerais ou as ordens específicas. Antes de considerar o papel do agente humano, contudo, será empreendido um estudo da bem sucedida conquista final dos inimigos que ocupavam a prometida herança dos israelitas.

Israel falhou em Cades-Barneia por uma razão — eles não conheciam nem seguiam os caminhos de Deus. Foi deixado à geração seguinte o gozo do sucesso que os seus pais tinham esperado alcançar. Os que por fim entraram nele, fizeram-no porque conheciam e seguiam os procedimentos de Deus. Jeová e a Sua lei não tinham mudado entretanto, nem as condições para entrar.

Todavia, à medida que os peregrinos se dirigiam de novo para perto de Cades-Barneia, a situação parecia longe de ser prometedora. Antes que pudessem continuar, foi trazido um teste

sobre eles para verificar até que ponto a fé viva estava presente. Eles falharam neste teste miseravelmente, convencendo Moisés que os filhos não eram melhores do que os pais.

“Antes que Deus lhes permitisse entrar em Canaã, deviam mostrar que criam em Sua promessa. A água cessou antes que chegassem a Edom. Ali estava uma oportunidade para andarem por algum tempo, pela fé em vez de pela vista. Mas a primeira prova suscitou o mesmo espírito turbulento e ingrato, manifestado por seus pais. Mal se ouviu no acampamento o clamor por água, se esqueceram da mão que durante tantos anos lhes supria as necessidades; e, em vez de volverem a Deus em busca de auxílio, murmuraram contra Ele, exclamando em seu desespero: ‘Oxalá tivéssemos expirado quando expiraram nossos irmãos perante o Senhor;’ isto é, desejavam ter sido do número dos que foram destruídos na rebelião de Coré.” *Patriarcas e Profetas*, 436, 437.

Moisés e Arão consideraram este desenvolvimento com profunda preocupação porque ele lhes oferecia a aterradora probabilidade de mais demora na sua entrada na terra prometida. Eles pacientemente suportaram o castigo injustamente imposto sobre eles pelo povo, sempre mantendo pela esperança que quando os quarenta anos terminassem entrariam finalmente. Mas, para seu desapontamento viram os filhos exibirem o mesmo incrédulo e rebelde, espírito de murmuração que havia mantido os seus pais fora de Canaã. Toda a evidência visível anunciando que não havia mais esperança para esta geração entrar do que para a anterior. Irado e impaciente com o povo porque afinal estavam a privá-lo da sua entrada na terra prometida Moisés bateu na rocha em vez de lhe falar conforme o Senhor tinha explicitamente indicado.

Contudo, as coisas não estavam tão graves como pareciam, doutro modo Deus tê-los-ia enviado ao deserto para morrerem como aconteceu com a geração anterior. O Senhor previu que, apesar deste sério lapso de confiança n’Ele, eles alcançariam ainda o padrão de fé e seguiriam os procedimentos correctos para os qualificar para avançar contra os cananeus.

Mas o estado de incredulidade mostrado quando a água faltou, realmente causou uma demora, e impôs sobre eles mais um desvio. Enquanto expressavam os seus enraivecidos sentimentos sobre a perda do seu abastecedor de água, Satanás estava agitando os corações dos edomitas. Quando Israel por fim solicitou permissão para atravessar a sua terra, o pedido foi recusado, forçando a multidão a desviar-se à volta da extremidade sul do Mar Morto antes de seguir para o norte para um ponto diferente de entrada em Canaã. Tivessem eles actuado prontamente quando Deus lhes disse para avançar, em vez de se comportarem mal quando a água parou, teriam tido permissão para passar através de Edom e assim sido poupados da cansativa jornada pelo deserto à volta do Mar Morto.

“Se o povo houvesse confiado em Deus, ao ser trazido à prova, o Capitão da hoste do Senhor tê-los-ia levado através de Edom, e o temor deles teria repousado sobre os habitantes da terra, de modo que, em vez de mostrarem hostilidade, ter-lhes-iam mostrado favor. Mas os israelitas não agiram de pronto conforme a Palavra de Deus e, enquanto estavam a queixar-se e a murmurar passou-se a áurea oportunidade. Quando finalmente estavam prontos para apresentar ao rei seu pedido, este não foi atendido. Sempre, desde que saíram do Egipto, estivera Satanás constantemente em actividade para lançar estorvos e tentações em seu caminho a fim de não herdarem Canaã. E pela sua incredulidade lhe haviam repetidas vezes aberto a porta para resistir ao propósito de Deus.” *Idem*, 444.

Impossibilitadas de passar pela terra ocupada pelos edomitas, as doze tribos foram desviadas na direcção sul em redor de Edom depois em direcção ao norte do lado este do Mar Morto. Finalmente entraram em Canaã atravessando o rio Jordão.

Pouco depois de começarem este desvio, o antigo espírito de murmuração criado por má incredulidade, surgiu outra vez, expondo-os aos perigosos ataques das serpentes. Enquanto este acontecimento ainda mais indicou a sua falta de preparação para vencer os seus inimigos, o Senhor foi capaz de alcançar dois valiosos objectivos através desta experiência. Primeiramente,

os fechados na incredulidade foram eliminados quando recusaram olhar para o símbolo de bronze do seu Salvador, enquanto foi ensinado ao restante uma valiosa lição em fé. Este acontecimento teve lugar quando a sua peregrinação no deserto com todas as suas lições estavam por detrás deles e deviam ter mostrado evidência de ter aprendido através do que tinham passado. Em vez disso, as suas respostas foram as mais desanimadoras. Não admira que Moisés fosse desencorajado pelo que testemunhou.

Mas então, surpreendentemente, uma mudança começou a afirmar-se. Duas grandes batalhas foram travadas, a primeira contra os amorreus, a segunda contra Seom, o grande gigante que governava sobre Basã. A palavra foi enviada aos amorreus requerendo uma passagem pacífica pela sua terra, mas eles recusaram como fizeram os edomitas. Isto foi apoiado pelo ajuntamento do exército amorreu, o número e força do qual “aterrorizou os israelitas, que estavam mal preparados para um encontro com forças bem armadas e disciplinadas. Tanto quanto dizia respeito à perícia na guerra, os seus inimigos tinham a vantagem. Segundo toda a aparência humana, Israel teria um fim imediato”. *Patriarcas e Profetas*, 457.

Porém a desigualdade do poder militar e a falta de preparação não devia preocupar Israel. Mesmo apesar de ser necessário fazerem um desvio por causa da sua incredulidade, eles estiveram sob a divina liderança quando confrontados por esta ameaça. Era o privilégio deles repousar na certeza que o Senhor não foi apanhado de surpresa quando enfrentou esta emergência. Ele tinha uma correcta avaliação das forças inimigas e da incapacidade de Israel para os enfrentar, e tinha concebido uma perfeita solução antes do problema ter mesmo aparecido. Eles tinham somente que colocar toda a sua confiança n’Ele, esperar as Suas instruções específicas, e segui-las com exactidão.

Tudo dependia deles seguirem cuidadosamente este procedimento. Em nenhuma circunstância deviam fazer planos para a crise. Por surpreendente que pareça depois de todos os desvios, nesta ocasião seguiram as instruções do Senhor em simples fé. O factor que os estabeleceu nos caminhos de Deus foi a positiva liderança de Moisés. Ele manteve os seus olhos na coluna de nuvem e encorajou Israel com as evidências da contínua presença e condução de Jeová. Isto efectivamente estabeleceu a sua fé e salvaguardou-os da confiança própria, assim deixando Deus livre para lhes comunicar as ordens específicas. A sua ordem para avançar sobre o rio Arnom foi inquestionavelmente obedecida por todos sem qualquer tentativa para conceber um plano propriamente seu. O resultado foi vitória total para os israelitas.

“Mas Moisés conservava seu olhar fixo na coluna de nuvem, e acorçoava o povo com o pensamento de que o sinal da presença de Deus ainda estava com eles. Ao mesmo tempo determinou-lhes fazerem tudo que a força humana podia fazer no preparo para a guerra. Seus inimigos estavam ávidos de batalhar, e confiantes em que exterminariam da terra os israelitas, que não estavam preparados. Mas, do Possuidor de toda a Terra, havia saído o mando para o chefe de Israel: ‘Levantai-vos, parti e passai o ribeiro de Arnom; eis aqui na tua mão tenho dado Seom, amorreu, rei de Hesbom, e a sua terra; começa a possuí-la, e contende com eles em peleja. Este dia começarei a pôr um terror e um temor de ti diante dos povos que estão debaixo de todo o céu: os que ouvirem a tua fama tremerão diante de ti e se angustiarão....

“Os israelitas atravessaram o rio Arnom e avançaram contra o adversário. Travou-se um combate, no qual os exércitos de Israel foram vitoriosos; e prosseguindo com a vantagem adquirida, logo ficaram de posse do país dos amorreus. Foi o Capitão do exército do Senhor que venceu os inimigos de Seu povo; e teria feito o mesmo trinta e oito anos antes, se Israel houvesse n’Ele confiado.” *Idem*, 457, 458.

Aparentemente, esta animadora experiência não os encheu de confiança própria, porque foram capazes de avançar contra Ogue, rei de Basã, sob os mesmos termos que tinham trazido vitória sobre os amorreus. A sua fé foi aumentada e fielmente seguiram a coluna para a batalha. Assim apenas se moveram segundo os planos de Deus.



“A fé calma de seu chefe inspirava ao povo confiança em Deus. Em tudo contavam com Seu onipotente braço, e Ele os não desamparou. Nem poderosos gigantes, nem cidades muradas, exércitos armados, nem pétreas fortalezas, poderiam subsistir perante o Capitão das hostes do Senhor. O Senhor guiou o exército; o Senhor desbaratou o inimigo; o Senhor venceu em prol de Israel. O rei gigante e seu exército foram destruídos; e os israelitas logo tomaram posse de todo o país. Assim se obliterou da terra aquele povo estranho, que se dera à iniquidade e à idolatria abominável.” *Idem*, 459.

Com estas maravilhosas experiências por detrás deles, prosseguiram vigorosamente com coragem e confiança, crendo completamente que lhes seria dada a sua herança. Contudo, Satanás foi bem sucedido em seduzi-los em terrível apostasia junto ao rio Jordão em cujas margens distantes estava a terra da esperança. Terríveis juízos purificaram ainda mais o acampamento da incredulidade, depois do que o restante severamente punido atravessou o Jordão em terra seca na estação das inundações, e preparou-se para a séria tarefa de submeter os seus idólatras opositores. As forças lançadas contra eles estavam entre as mais poderosas do mundo desse tempo, e tinham-se encerrado em fortalezas construídas com pedra maciça. Do ponto de vista humano, os israelitas enfrentavam tarefa impossível, mas nesta altura não enviaram uma comissão de homens a fim de espiarem a terra e elaborar os planos para o ataque. Pelo contrário, Josué retirou-se solitário para obter as ordens específicas para a batalha.

“Submeter Jericó era considerado por Josué o primeiro passo na conquista de Canaã. Mas antes de tudo procurou certeza de guia divina; e esta lhe foi concedida.” *Idem*, 516, 517.

Assim Josué deixou toda a responsabilidade do plano de invasão a Deus. Nem ele, nem o resto de Israel fizeram qualquer tentativa para encontrar uma solução para o problema. Tendo oportunidade para demonstrar os Seus métodos de operação, o Senhor demonstrou que não tinha mudado no mínimo desde que a multidão foi liberta do Egípto. Tal como Ele não disse a Moisés para reunir os anciãos e dizer-lhes para formarem um plano de fuga, assim não disse a Josué, “volta ao acampamento e reúne uma comissão de anciãos. Que orem muito diligentemente por guia divina e em seguida formem um plano de ataque. Depois disto feito, apresentai-o para que Eu o abençoe”.

Nunca uma só vez na história das suas peregrinações do Egípto até este momento o Senhor operou desse modo, porque esse não é o Seu caminho. Ele não é o *auxiliador* dos planeadores e solucionadores de problemas humanos, pois Ele é o Planeador e Solucionador de problemas.

Exactamente como Ele tinha feito na fuga do Egípto, assim fez outra vez na queda de Jericó. Sem consultar agentes humanos, Ele simplesmente deu os planos e requeria que eles os cumprissem sem duvidar ou pôr em causa. Eles deviam reunir-se num tempo determinado cada dia e em completo silêncio marchar à volta da cidade uma vez por dia durante seis dias. No sétimo dia, deviam multiplicar as voltas silenciosas por sete, no final das quais os sacerdotes deviam tocar a trombeta, seguido por um poderoso grito de todo o exército.

(Alguns frequentemente perguntam se a marcha foi feita no sábado visto que estavam envolvidos sete dias, mas deve ser compreendido que Deus nunca lhes daria instruções que envolvessem a transgressão da lei. Portanto, os seis dias eram dias de trabalho e o sétimo era o sétimo dia de trabalho ou oitavo desde que a marcha começou.)

Para a mente humana, estas instruções específicas eram ilógicas e loucas. Nenhum general na história jamais aceitou ou executou um tal plano, mesmo depois da sua bem sucedida operação em Jericó. Obviamente, se os anciãos de Israel em comissão tivessem concebido uma estratégia nunca teriam pensado num esquema desses. Se um deles o tivesse proposto, os restantes teriam pensado que ele estava a sofrer de uma perturbação mental ou pior.

Contudo, aquilo que nenhuma mente humana jamais poderia ter formulado, era o escolhido pelo Altíssimo como meios eficazes para derrotar as fortificações de Jericó. Não havia um único traço de concepção humana naquele esquema. Da parte de Israel exigia-se uma fé incontestável

na sabedoria de Deus e poder para aceitarem e executarem estas instruções. Quando uma pessoa considera a invulgar e aparentemente disparatada natureza daquelas instruções, pode apreciar melhor a espécie de fé requerida para as levar a cabo. Teria havido também a forte tendência para se sentirem um tanto loucos quando pensaram acerca dos cananeus, observando das altas muralhas as suas marchas silenciosas em baixo. Mas eles criam em Deus e executaram as Suas ordens exactamente como Ele as deu. Não fizeram perguntas, simplesmente obedeceram pela fé. Assim a verdadeira fé e as obras de Deus combinam-se para manterem viva e fortalecerem a fé e garantirem inqualificável sucesso.

O que fez o teste da fé mais severo foi o facto que Deus não comunicou o plano directamente ao povo, nem eles sequer O viram comunicá-lo a Josué. Portanto, a fé requerida para derrubar os muros tinha que incluir completa confiança em que Josué fosse o homem designado por Deus e que estava realmente a dizer-lhes exactamente o que o Senhor lhe havia comunicado.

“Pela fé caíram os muros de Jericó’. O Capitão do exército do Senhor comunicou-Se apenas com Josué; Ele não Se revelou a toda a congregação, e tocava a esta crer nas palavras de Josué ou duvidar das mesmas, obedecer aos mandos por ele dados em nome do Senhor, ou negar-lhe a autoridade. *Não podiam ver* a hoste de anjos que os acompanhava sob a chefia do Filho de Deus. Poderiam ter raciocinado: ‘que movimentos sem significação são esses, e quão ridícula é a realização de uma marcha diária em torno dos muros da cidade, tocando trombetas de cornos de carneiros! Isto não pode ter efeito algum sobre aquelas proeminentes fortificações’. Mas o próprio plano de continuar esta cerimónia durante tanto tempo antes da subversão final dos muros proporcionou oportunidade para o desenvolvimento da fé entre os israelitas. Deveriam impressionar-se com o facto de que sua força não estava na sabedoria do homem, nem em seu poder mas unicamente no Deus de sua salvação. Deviam assim acostumar-se a depositar inteira confiança em Seu divino Chefe.” *Patriarcas e Profetas*, 520, 521.

Comparai o fracasso total em Cades com o completo sucesso em Jericó. No primeiro, o homem concebeu os planos mas no último este papel foi deixado inteiramente a Deus. A mensagem era tão clara que não podia evitar-se e é verdadeira para todos os tempos, o relato da Escrituras confirma isto. Examinai-os bem e será verificado que quando os homens são os planeadores e os solucionadores dos problemas a obra de Deus sofre apenas perda e derrota. Contudo, quando as responsabilidades são entregues a Deus, o Seu povo não conhece “coisa como fracasso, perda, impossibilidade ou derrota.” *O Desejado de Todas as Nações*, 474.

Não há relato de que qualquer israelita tenha perdido a sua vida no ataque. Por outro lado, toda a população cananeaia excepto Raabe e a sua casa foi exterminada. Os israelitas não podiam ter obtido uma vitória mais convincente. Nada perderam e ninguém pereceu, tudo era possível para eles, e obtiveram completa possessão sobre a cidade e a sua riqueza. Este é o resultado da fé *com as obras de Deus*. Fé e obediência é a chave do sucesso na vida e na causa de Deus. Só assim pode a obra ser finalizada. A razão para a longa demora no regresso de Cristo, é o povo de Deus nunca chegar à compreensão de quais são as obras de Deus, de onde devem elas vir e quão implicitamente devem ser obedecidas em simples, submissa, incondicional fé. Chegou a altura para estas coisas serem compreendidas.

“Tem que haver contínua fé e confiança no Capitão da nossa salvação. Devemos obedecer às Suas ordens. Os muros de Jericó caíram como um resultado da obediência às ordens.” *S.D.A. Bible Commentary* 2:996.

Durante os séculos passados, os seguidores de Deus não conheceram vidas em que não houve “coisa como fracasso, perda, impossibilidade ou derrota”. Portanto, chegamos a considerar como normal a experiência de uma vida cristã em que há muitos fracassos, perdas, impossibilidades e derrotas. Mas isto não é a vida cristã como Deus pretende que ela seja e com certeza não como ela será quando os filhos e filhas de Deus aprendem a reconhecerem-l’O como a Fonte, e por isso o Solucionador dos problemas, Planeador, e Portador de cargas, entre outros papéis importantes.

O cantar a maravilhosa canção, “Ele é tudo para mim”, tem que ir além de meras palavras, à expressão de realidades vivas na experiência da vida.

“Deus fará grandes coisas por aqueles que n’Ele confiam. A razão pela qual Seu povo professo não tem maior força, é que confiam tanto em sua própria sabedoria e não dão ao Senhor oportunidade para revelar Seu poder em favor deles. Ele auxiliará os Seus filhos crentes em toda a emergência, se n’Ele puserem toda a confiança, e fielmente Lhe obedecerem.” *Idem*, 521.

A repetição da tragédia humana é que enquanto há singulares ocasiões em que as coisas são feitas do modo de Deus, elas são na maioria feitas de acordo com a imaginação humana. Bastante frequentemente a única razão para entregar o problema a Deus é que o indivíduo se encontra a si mesmo perante uma perda total para pensar em qualquer solução que resulte. No seu desespero volta-se para o Senhor, que, no Seu grande amor e misericórdia, maravilhosa e adequadamente resolve o problema. Mas quando outras dificuldades se apresentam, a tendência é regressar às invenções humanas deixando Deus ser o último recurso desesperado. Apesar disto Ele nunca falha em desembaraçar da dificuldade desde que o problema Lhe tenha sido entregue. Quanto melhor seria se, em vez de ser o último recurso, Deus fosse o primeiro e único apelo.

A experiência dos discípulos durante a terrível tempestade no lago é um excelente exemplo do modelo da prática humana. Quando a tempestade irrompeu sobre eles, mesmo apesar de Cristo estar fisicamente ali, não dedicaram pensamento algum a deixar a questão ao Seu cuidado. Pelo contrário, primeiro exauriram todo o recurso ao seu alcance até que estavam a ponto de serem destruídos. Só então, como uma última medida desesperada, se voltaram para o Salvador. No momento em que a necessidade Lhe foi entregue calma e eficazmente Ele impõe a ordem.

“Quantas vezes se repete em nós a experiência dos discípulos! Quando as tempestades das tentações se levantam, e fuzilam os terríveis relâmpagos, e as ondas se avolumam por sobre nossa cabeça, sozinhos combatemos contra a tormenta, esquecendo-nos de que existe Alguém que nos pode valer. Confiamos em nossa própria força até que nos foge a esperança, e vemo-nos prestes a perecer. Lembramo-nos então de Jesus, e se O invocarmos para nos salvar, não o faremos em vão. Embora nos reprove magoado a incredulidade e a confiança em nós mesmos, nunca deixa de nos conceder o auxílio de que necessitamos. Seja em terra ou no mar, se temos no coração o Salvador, nada há a temer. A fé viva no Redentor serena o mar da vida, e Ele nos guardará do perigo pela maneira que sabe ser melhor.” *O Desejado de Todas as Nações*, 319.

Deus colocou-Se à disposição como Solucionador de problemas não só para os grandes e desesperados problemas, mas para tudo. Ele não é portanto o último, mas o primeiro e único recurso para quem o cristão deve voltar-se. Deus não deixa os Seus filhos resolverem situações “fáceis” enquanto Ele toma conta das “difíceis”.

Inevitavelmente, nos processos de aprendizagem da vida, os principiantes cometerão o erro de confiarem em si mesmos em vez de fazerem de Deus a sua resposta. Este não é o problema grave. O que é lamentável é a persistente tendência para se apegarem aos métodos humanos. O desejo de Deus é que o crente quer pela aprendizagem do princípio de operação divino nas Escrituras, quer forçados pelas circunstâncias a entregar todo o problema a Deus, tornar-se-ão firmemente dedicados aos Seus caminhos para sempre ao verem a maravilhosa e completa maneira em que o Senhor trata as suas dificuldades. Mas o homem não responde assim. Da próxima vez em que se encontra em dificuldade, regressa à fórmula do fracasso. É ilógico e incrível, mas um facto. Um dia, de uma maneira ou de outra, Deus sarará um piedoso remanescente desta persistente tendência de voltar à fórmula do fracasso. Quando Ele o fizer, será capaz de executar, através deles, o Seu plano há muito concebido mas nunca realizado para finalizar a obra. Que alívio será para a Infinita Mente quando a Sua igreja finalmente entrar numa relação de verdadeira cooperação com Ele.

Homens, notáveis, experientes, e piedosos como foi Josué, sucumbiram mais do que uma vez a este triste caminho de retrocesso depois da entrada em Canaã. Para um homem de tão

avançada maturidade espiritual e intelectual que havia sido abençoado com amplas revelações de Deus e dos Seus caminhos, isto não pareceria possível, mas apesar de tudo aconteceu.

Ele havia repetidamente testemunhado os infalíveis resultados alcançados quando Deus era o Guia. Ele tinha-O visto a operar na partida do Egito, na travessia do Mar Vermelho, na entrega da lei, e no planeamento e edificação do santuário. Ele conhecia a perfeição manifestada na direcção provida por Cristo na nuvem durante o dia e no fogo durante a noite. Estava presente nos dias finais da bem sucedida marcha que os levou a Cades, onde viu como tudo mudou por causa do povo retirar a Deus o Seu papel como Planeador e se colocarem a si mesmos no lugar d'Ele.

Durante os quarenta longos anos no deserto, tivera a oportunidade para meditar na razão pela qual estavam ali. A conexão entre a fé sem as obras de Deus devia seguramente tornar-se visível para ele. A grande caminhada terminava à medida que se aproximavam da sua herança pela segunda vez. Testemunhou o emprego dos caminhos de Deus na derrota dos amorreus, Ogue rei de Basã e seu povo, e finalmente Jericó. Nestas lutas e seu bem sucedido resultado, só Deus foi o Planeador.

Depois de ver tanto dos maravilhosos caminhos de Deus, pensar-se-ia que este homem nunca mais seguiria outra senão a divinamente apontada fórmula de sucesso. Mas quando a memória da vitória sobre Jericó estava fresca na sua mente, enfrentou o problema de tratar com Ai. Desta vez não levou o problema ao Solucionador de problemas. Não se voltou para o seu Comandante em busca de ordens. Pelo contrário, concebeu um plano envolvendo o envio de dois espias para examinar a cidade e trazer de volta uma estratégia para o ataque a Ai.

“Enviando pois Josué, de Jericó, alguns homens a Ai, que está junto a Bete-Aven, da banda do oriente de Betel, falou-lhes dizendo: Subi, e espiai a terra. Subiram, pois, aqueles homens, e espriaram a Ai.

“E voltaram a Josué, e disseram-lhe: Não suba todo o povo; subam alguns dois mil, ou três mil homens, a ferir a Ai. Não fatigues ali a todo o povo, porque poucos são.

“Assim, subiram lá do povo alguns três mil homens, os quais fugiram diante dos homens de Ai.” *Josué 7:2-4.*

“Logo depois da queda de Jericó, Josué decidiu atacar Ai, pequena cidade entre barrancos a poucos quilómetros ao oeste do vale do Jordão. Espias enviados àquele lugar trouxeram a notícia de que poucos eram os habitantes, e que unicamente uma pequena força seria necessária para transtorná-la.

“A grande vitória que Deus lhes havia ganho, tornara os israelitas confiantes em si mesmos. Porque Ele lhes tivesse prometido a terra de Canaã, achavam-se livres de perigo, e deixaram de compenetrar-se de que só o auxílio divino lhes poderia dar êxito. Mesmo Josué fez seus planos para a conquista de Ai, sem procurar conselho da parte de Deus.” *Patriarcas e Profetas*, 521.

Não havia diferença entre a actuação adoptada por Josué antes do ataque a Ai e a acção de Israel em enviar dez espias a Cades-Barneia. Em ambos os casos foram seleccionados e enviados com o encargo de investigar a situação e trazer um plano concebido na base daquelas observações. Em Ai, como em Cades, houve a introdução de uma nova ordem em que homens de novo substituíram o Senhor. Isso naturalmente resultou na mesma consequência.

Os espias regressaram a Cades com um relatório desanimador, mas aqueles que voltaram de Ai estavam muito auto-confiantes. Aceitando o plano deles, o povo avançou contra a fortaleza, seguindo uma estratégia em que não havia planeamento divino. Credo que estavam a seguir as ordens gerais de Deus, estavam bastante satisfeitos por estarem a fazer a Sua obra e que Ele estava contente com eles. Sentiram-se seguros de uma rápida conquista quando deviam ter reconhecido que não tinham possibilidade de sucesso. Para Josué e para o povo, havia um inexplicável e inexcusável retrocesso ao caminho errado — a fórmula que garante o fracasso.

O resultado não foi surpreendente. A sortida foi um desastre, com os entusiasmados e confiantes israelitas postos em fuga e sofrendo a baixa de trinta e seis bons guerreiros. Aqueles que saíram para dar boas vindas de heróis ao exército que regressava, encontraram batalhões de homens feridos e desanimados. Tinham experimentado nada mais do que “fracasso, perda, impossibilidade” e “derrota”. Não vendo razões óbvias para este trágico resultado, seriam tentados a sentir que Deus estava caprichosamente brincando com eles, mas isto teria sido julgar mal Aquele “em Quem não há mudança, nem sombra de variação” *Tiago 1:17*. A falta era inteiramente deles, não d’Ele.

A partir deste ponto a história ter-se-ia desenvolvido exactamente como aconteceu em Cades se não fosse uma vital característica remidora a respeito de Josué. Ele não seguiu o padrão habitual associado com os fracassos causados pelo planeamento humano que recorre ainda mais às suas próprias obras na suposição que se tanto esforço não produziu sucesso, então teriam que trabalhar mais diligentemente de acordo com estas linhas para o alcançar. Isto parece muito lógico mas é um raciocínio falso. A verdade é que se tanta quantidade das nossas próprias obras produzem fracasso então mais das mesmas apenas trará maior fracasso e perda.

Teria sido portanto um pensamento natural e humano Josué dizer “bom, é óbvio que cometemos um erro em enviar somente três mil. Subestimámos a força, preparação e determinação dos nossos inimigos. Por isso desta vez vamos conceber outro plano que envolva todo o exército. Ele com certeza triunfará onde o outro falhou”.

Felizmente, Josué não fez isto. Ele compreendeu que o resultado não foi o que deveria ter sido, portanto alguma coisa estava errada. O que era, ele não podia ver, mas o Senhor sabia e dir-lhe-ia se ele perguntasse em arrependimento e fé.

“Então Josué rasgou os vestidos e se prostrou em terra sobre o seu rosto perante a arca do Senhor até à tarde, ele e os anciãos de Israel; e deitaram pó sobre as suas cabeças.

“E disse Josué: Ah Senhor Jeová! Porque, com efeito, fizeste passar a este povo o Jordão, para nos dares nas mãos os amorreus, para nos fazerem perecer? Oxalá nos contentáramos com ficarmos dalém do Jordão.

“Ah Senhor! Que direi? Pois Israel virou as costas diante dos seus inimigos!

“Ouvindo isto os cananeus, e todos os moradores da terra, nos cercarão e nos desarraigarão o nosso nome da terra; e então que farás ao Teu grande nome?” *Josué 7:6-9*.

Isto poderá parecer a alguns como se Josué estivesse acusando Deus de infidelidade, mas não é assim. Houve uma causa para o seu fracasso e esta origem tinha que ser discernida e extirpada se os israelitas quisessem fazer caminhos direitos para os seus pés. Josué tomou o único sábio e seguro caminho a tomar numa situação como esta. Bom seria se a multidão que pereceu no deserto tivesse feito a mesma coisa quarenta anos antes.

Pode ser argumentado que a razão da derrota em Ai era a presença do pecador, Acã, no acampamento e não por causa de terem feito os seus próprios planos para o assalto à cidade. A purificação do arraial era só uma parte do plano de Deus para a campanha. Tivesse Josué ido a Deus procurando instrução para o ataque sobre Ai como fez antes da investida sobre Jericó, as primeiras ordens específicas ter-lhe-iam indicado que procurasse e eliminasse o pecado de Acã. Isto teria sido seguido pelas especificações para avançar sobre o campo inimigo. Isto é, de facto, exactamente o que o Senhor fez quando um Josué castigado, por fim deixou o problema nas Suas mãos. Devemos lembrar sempre que enquanto Deus não tiver o problema não o pode resolver, mesmo apesar de ter a solução apropriada somente esperando para ser suprida.

O plano que veio de Deus não coincidia com o que veio dos dois espias e aceite por Josué e pelo povo. Este plano não exigia três mil soldados mas todo o exército. Envolvia uma emboscada colocada atrás da cidade, enquanto a força principal atraía os habitantes, deixando assim a fortaleza vulnerável para o ataque. Desta vez por crerem no poder de Deus e seguirem um plano

onde não havia traço de invenção humana “não conheceram coisa como fracasso, perda, impossibilidade ou derrota”.

Uma vez mais, Josué recebeu uma lição notável das fórmulas do sucesso e do fracasso. Esperar-se-ia que daqui em diante ele estivesse seguro para quaisquer outros retrocessos. Espantosamente isto não foi assim. Não passou muito pouco até que o próximo incidente em que uma vez mais dependeram da sua própria sabedoria para orientação e de novo sofreram miserável fracasso.

Pouco depois da queda de Ai, os gibeonitas chegaram com um problema que necessitava de solução. Eles mostraram vestimentas usadas e pão bolorento como evidência da distância que tinham viajado a fim de entrarem em aliança com Israel.

Por conseguinte Josué encontrava-se perante um problema que precisava ser resolvido. O procedimento correcto teria sido entregar o assunto nas mãos do grande Solucionador de problemas e esperar a Sua resposta. Depois das experiências pelas quais tinham passado e a lição importante que desse modo deviam ter aprendido, esperar-se-ia que eles evitassem cuidadosamente qualquer afastamento como seu Solucionador de problemas. Mas foi como se nada tivessem aprendido do passado. Prontamente regressaram aos caminhos dos homens outra vez como relata a Escritura:

“Então aqueles homens tomaram da sua provisão e *não pediram conselho à boca do Senhor.*”  
*Josué 9:14.*

A aliança com os gibeonitas não era a coisa mais grave que poderia ter acontecido aos israelitas, mas não foi um bom plano. A nação foi punida por causa disso com dificuldades por muito tempo desde essa altura. Em Gilgal “foi feito com os gibeonitas aquele tratado *que puniu a negligência de Israel de aconselhar-se com Deus.*” *Patriarcas e Profetas*, 657, 658.

A história da vida de Josué contém lições de grande importância para os que vivem no tempo presente. Não é uma questão de julgar ou criticar esse grande homem notável e piedoso, mas da correcta avaliação do resultado e dos movimentos que ele fez. É para a edificação e guia do povo de Deus que o relato é preservado. O próprio Josué não o teria feito de outro modo.

À medida que a sua vida é estudada, as lições contidas nela deviam varrer todo o sentido de auto-suficiência e introduzir um “temamos pois que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fica para trás”. *Hebreus 4:1.*

Se um poderoso homem do calibre espiritual de Josué que tinha pessoalmente visto Cristo na forma de um homem de guerra, presenciado obras tão maravilhosas do poder de Deus durante um longo período, testemunhou os maus efeitos do planeamento humano, e viu os resultados opostos de deixar Deus ser o Planeador, Solucionador de problemas, e Portador de fardos, podia retroceder repetidamente como fez, então não estamos nós também num tão grande perigo de fazer a mesma coisa? Temos toda a causa para rezear que a promessa não se cumpra para nós. Com intensa diligência necessitamos estudar repetidamente estas histórias até a lição ter sido gravada a fogo na nossa mais profunda consciência espiritual pelo Espírito Santo, e verdadeiramente conhecer e seguir os caminhos de Deus.

Toda a experiência estudada até agora confirma o facto que quando o povo de Deus aceitar as Suas ordens gerais e em seguida prosseguir para fazer os seus próprios planos específicos, o resultado é fracasso, perda, impossibilidade, e derrota. A obra em vez de avançar em poder para destruir o reino das trevas e do mal, as forças da iniquidade triunfam e a causa de Deus recua décadas e por vezes séculos. Em toda a ilustração, o triunfo final está agora atrasado quase seis milénios.

Contudo, em toda a ocasião em que as ordens gerais e as ordens específicas foram aceites e seguidas, *não houve coisa como* fracasso, perda, impossibilidade, ou derrota.



O que é verdade acerca do passado é verdade acerca do presente, porque os métodos de Deus nunca mudaram. Não temos desculpa para não conhecer aqueles métodos, porque estão repetidamente escritos nas Escrituras. Deus é a Fonte, Cristo é a Ligação, e nós os recebedores.

“Eu sei, ó Senhor, que não é *do* homem o seu caminho nem do homem que caminha o dirigir os seus passos.” (Jeremias 10:23).

Não temos sabedoria para planejar as nossas vidas, porque não está em nós dirigir os nossos planos com sucesso. Portanto, o papel de planeador, solucionador de problemas, e transportador de fardos não é nosso. Esse é o lugar de Deus e só Ele pode satisfatoriamente ocupar aquelas posições. Se tomamos essa obra sobre nós mesmos, estamos a substituir Deus. Isto rompe a conexão vital com o Altíssimo e expõe-nos à destruição. Ninguém pode adoptar um curso mais louco, porque nenhum repouso permanente se encontra nele, nem os que seguem este padrão têm o abençoado sábado de Deus.

Quando Josué chegou ao fim da jornada da sua vida, a obra do desarraigamento de toda a nação apóstata da terra ainda não tinha sido completamente realizada. As instruções de Deus ao povo era que não deviam descansar até que tivessem limpo totalmente o país. Todavia, os israelitas não viram a sabedoria do caminho de Deus. Eles não aceitaram o facto que embora os planos que Deus lhes havia dado fossem, no seu ponto de vista, bastante ilógicos ou desnecessariamente urgentes, tinham que ser obedecidos sem duvidar na consciente e inteligente fé que esses eram os *únicos* planos que podiam produzir os resultados desejados. Não havia segurança em qualquer outro procedimento.

Aqueles que viveram depois que Josué morreu não tiveram essa fé. Depois de tudo aquilo pelo que passaram, ainda não tinham aprendido as lições. As instruções de Deus, que envolviam estarem ocupados em longas e duras lutas com os inimigos enquanto as suas quintas, hortas, vinhas, animais, e famílias eram negligenciados, eram desagradáveis e mal recebidas. Olharam

para a sua própria força comparada com a fraqueza do inimigo e decidiram que não havia urgência em obter a exterminação destas tribos.

A inclinação humana ditou um caminho contrário às ordens de Deus. Sentiram que seria muito mais prudente e mais proveitoso permanecer em casa, desenvolver as suas propriedades, gozar o amor e companhia das suas mulheres e filhos, e assim, entrar em repouso. Aqueles, que ganharam a terra pela fiel aderência às ordens gerais e específicas, pensaram retê-la preferindo as suas próprias invenções às de Deus. Isto foi outro retrocesso. Deus não era planeador! Eles eram!

No início os seus planos pareciam resultar muito bem. Foram aliviados da dureza da guerra, gozavam a edificação das suas possessões, podiam comungar com as suas famílias, e as tribos fronteiriças não lhes davam problemas. Isto era repouso e eles amavam-no.

Porém a inexorável lei do Céu que ninguém pode com sucesso ignorar ou defraudar, declara que aqueles que não conhecem os caminhos de Deus não entrarão no Seu permanente repouso. A única forma pela qual o povo que viveu depois de Josué podia ter obtido o repouso que era pelo abençoado fruto da obediência anterior, era continuar a viver pelos princípios do repouso do sábado. Quando falhassem em fazer isto, o resultado era a rápida perda da sua agradável condição.

Em breve as tribos que os circundavam aumentaram a sua força e invadiram a terra. O povo de Deus foi expulso das suas possessões, as suas colheitas foram colhidas por estranhos, os lares ocupados pelos adoradores de Baal, o serviço do santuário interrompido, e foram forçados a encontrar miserável refúgio nas cavernas e retiros das montanhas. Era isto repouso? Tinha este povo, que fielmente havia observado todo o sétimo dia como sábado, o repouso do sábado propriamente? Obviamente que não, porque só os que conhecem e seguem os caminhos de Deus têm o genuíno sábado. É preciso muito mais para ter o repouso do sábado de Deus do que meramente observar um dia em sete como o período de cessação da tarefa terrestre.

Forçados a uma posição de completo desespero sem capacidade para se salvarem, não tinham opção senão entregarem o problema à Infinita Fonte da vida e salvação. Isto deu liberdade a Deus para operar por eles, pois Ele não podia fazê-lo enquanto o problema não tivesse realmente sido entregue nas Suas mãos. Logo que este Lhe foi entregue, Ele colocou em movimento forças que rapidamente restauraram a liberdade deles.

Ele levantou uma série de campeões, o primeiro dos quais foi Otniel. Outros que se seguiram entre a morte de Josué e o chamamento Eúde, Débora, e Baraque, Gideão, Jefté, Sansão, e alguns outros de menor fama.

Não importa quão maus se tornaram nem quantas vezes retrocederam, o Senhor perdoou-lhes e resolveu os seus problemas logo que eles Lhe foram entregues de novo. Porém depois de cada libertação, isso não estava longe de mais um retrocesso, passavam para o domínio do poder dos seus inimigos, perdiam a sua paz e repouso, e precisavam de ser libertos outra vez. Deus apareceu sempre como um maravilhoso Perdoador e Restaurador, enquanto eles demonstravam uma persistente incapacidade para aprender a seguir os métodos de Deus. É uma história incrível de entorpecidas percepções espirituais, mas esta disposição não é exclusiva deles. Olhando para a sua história, vemos um espelho da nossa própria história. Até ao ponto em que seguimos o mesmo padrão, somos mais culpados do que eles, porque temos as lições da história que estavam a ser escritas no seu tempo, que são conselhos que nos abençoam se os aprendermos, mas condenam-nos se não os aprendermos.



Se bem que tivesse toda a razão para estar, Deus recusou desanimar por causa destes repetidos retrocessos. Eles foram ilógicos, insensíveis, e ingratos, contudo com infalível certeza restaurou a sua paz todas as vezes que entregaram a obra da libertação nas Suas mãos.

Devidamente compreendidas, estas histórias são uma poderosa indicação da acção a ser seguida por aqueles que esperam ser instrumentos de Deus para acabar com o reino do pecado. Eles revelam uma relação muito consistente entre o caminho de Deus e o sucesso, e entre o caminho do homem e o fracasso. Estes resultados são tão fidedignos que se é mostrado a alguém os procedimentos usados num particular ponto de tempo, uma pessoa pode predizer com infalível certeza se o sucesso ou fracasso é a consequência.

Estes resultados não são manipulados por Deus para estabelecer a Sua autoridade e liderança. Eles são a simples operação da lei. Só Ele tem a capacidade para planejar e solucionar. Portanto, só Ele pode gozar sucesso neste campo. Quando os homens tomam sobre si a obra, provam pelos seus consequentes fracassos a simples verdade que não tinham capacidade para tomar conta da responsabilidade.

À medida que estas grandes lições são manifestadas e as fórmulas do sucesso e do fracasso são respectivamente reveladas, cada alma verdadeiramente sincera, será seguramente motivada para compreender e estabelecer um método de Deus na sua vida. Ela responderá ao apelo de Paulo, “*Procuramos pois entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência*”. *Hebreus 4:11*.

Nesta fase muitas questões não foram respondidas, mas sê-lo-ão antes dos últimos capítulos serem escritos. Entretanto, muitos imaginarão como podem positivamente saber quais os planos de Deus para si, qual o efeito que este sistema terá no carácter e personalidade e se há qualquer obra organizada absolutamente para o agente humano fazer.

Estas são questões extremamente importantes, mas não há necessidade para esperar até que todas elas sejam respondidas antes de fazer uma entrega ao trabalho de *procurar* entrar nesse repouso. “Aqueles que adiam a obediência até que toda a sombra da incerteza desapareça, e não fique perigo algum de fracasso ou derrota, *nunca absolutamente obedecerão*”. *Patriarcas e Profetas*, 294. Mais do que suficiente evidência com a qual tomar uma decisão já foi dada até agora.

O professo seguidor de Cristo precisa compreender que tem uma positiva responsabilidade para fazer uma entrega total aos métodos de Deus ou deixar completamente o serviço do Senhor. Não podemos marchar com Cristo nos *nossos* termos. Isso está fora de questão. Ele delineou a fórmula do sucesso e aqueles que desejam ser bem sucedidos têm que seguir esses caminhos. O próprio facto que uma pessoa se juntou ao corpo de Cristo é na realidade uma consagração para aprender e seguir os caminhos de Deus, não importa qual o custo pessoal que isso possa ter.

Alguns que parecem gostar de se agarrar aos seus próprios caminhos, têm a tendência para rejeitar esta mensagem por crerem que ela os reduzirá a menos do que o seu verdadeiro potencial. Argumentam que Deus lhes deu a capacidade de planejar, organizar, dirigir, e resolver. Afirmam que se não exercitarem estes talentos, deixarão de ser seres humanos reais e tornar-se-ão meros autómatos nas mãos do Altíssimo.

Imaginemos por um momento que estes receios realmente tinham um fundamento — o que não acontece — o professo filho de Deus ainda tem a responsabilidade de aceitar o caminho de Deus, mesmo com estas supostas consequências, ou deixa de ser um professo filho de Deus. Ele submeter-se-ia inteiramente ao caminho de Deus ou escolheria deixar a causa e juntar-se-ia ao mundo. Em nenhuma circunstância permaneceria com a igreja enquanto recusasse reconhecer e seguir os caminhos de Deus. Contudo isto é exactamente o que tantos têm feito desde a queda,

e é a causa do fracasso da igreja para ver a obra finalizada. A coisa que acima de todas as outras tem marcado a história da igreja de Deus é a insistência dos membros em estabelecer os seus métodos no lugar de Jeová. Por isso Babilónia é construída. Deste modo o papado é estabelecido. Assim a obra de Deus é retardada e negada a sua gloriosa consumação.

Durante quase seis mil anos esta triste situação tem continuado. Quem responderá aos longos apelos de Deus, sacudindo esta cega, teimosa, determinação de misturar no corpo de Deus as miseráveis invenções dos homens? Quando Deus encontrar um povo que por fim reconheça que ser membros de um corpo envolve viver pelos Seus procedimentos e princípios, “finalizará a obra e abreviá-la-á em justiça”. *Romanos 9:28*.

Sejamos esse povo!

“Procuremos entrar naquele repouso para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência.” *Hebreus 4.11*.

## O Lugar dos Nossos Planos

Como a tarefa deste livro é estabelecer Deus no Seu devido lugar como Planeador, Solucionador de problemas, Portador de fardos, Arquitecto e Fonte, o perigo é que almas de inclinação prática cheguem a considerá-lo como uma obra desequilibrada. Alguns concluirão que se os argumentos aqui apresentados estão correctos, então o homem é reduzido a um autómato sem poder para pensar, planear, ou organizar.

Contudo, a verdade de Deus nem é desproporcionada nem inconsistente. O Senhor colocou certas capacidades na humanidade que estão sujeitas aos mais elevados desenvolvimentos, e estas devem ser usadas no seu tempo e lugar apropriados. O homem não é um autómato. Ele é um ser altamente inteligente capaz de tomar decisões e bem capaz de organizar as suas actividades. Deus nunca dotaria os homens com estas capacidades a fim de negar o seu exercício, nem é o nosso objectivo argumentar que Ele o faz.

O problema do homem é que ele não conhece as suas limitações, com o resultado que se introduz no domínio pertencente a Deus somente. Nisto ele é essencialmente diferente de Deus, que, mesmo apesar de ser o Senhor e dono do Universo, nunca tirará qualquer parte da obra que atribuiu à humanidade.

“O que o poder humano pode fazer, o divino não é solicitado a realizar, Deus não dispensa o auxílio humano.” *O Desejado de Todas as Nações*, 511.

As alturas de realização que Deus determinou que o homem aspirasse, podem apenas ser obtidas através da cooperação do divino com o humano. Há uma parte que apenas Deus pode desempenhar, e há a responsabilidade que o homem deve suportar. É óbvio que para uma colaboração ser bem sucedida, cada participante no esquema deve compreender exactamente qual é a sua função e executá-la com fidelidade e completamente. Quando um deixa o seu lugar vago e procura assumir o do outro, a coordenação acaba e o fracasso substitui o sucesso.

Por exemplo, houve uma ocasião quando uma grande orquestra sinfónica estava a ensaiar para um concerto próximo. Havia uma grande variedade de instrumentos presentes, desde os grandes violinos de contrabaixo ao mais metálico de todos, o flautim. Quando estavam a tocar uma passagem, o tocador do flautim começou a meditar na pequenez do instrumento de prata que estava nas suas mãos. Ele não tinha mais do que algumas polegadas de comprimento e podia facilmente ser colocado no bolso do casaco e ali desaparecer completamente da vista.

Os seus olhos percorreram as grandes trompas de bronze e prata, as proporções do tubo do belo fagote com os seus ricos, tons sonoros, as longas flautas esguias, os grandes tambores baixo, e os outros membros da família da orquestra. Não lhe foi difícil reconhecer quão significantes estes grandes e importantes instrumentos eram, mas o seu pequeno flautim com as suas notas de tom elevado tão insignificante que não devia ser importante e necessário. Ficou tão absorto com estas cogitações que involuntariamente deixou de tocar as suas notas. Passaram apenas alguns segundos antes que o maestro batesse no pódio com a sua batuta e perguntasse, “Onde está o flautim?”

A obra da orquestra foi estragada pelo silêncio do seu mais pequeno membro. O maestro rapidamente deu pela falta e chamou o tocador do flautim para continuar a sua obra outra vez como havia sido planeado para ele.

Assim é na causa de Deus. Cada pessoa tem a sua tarefa designada e um lugar. Se a atribuição é grande ou pequena não é importante. O que interessa é que isso deve ser feito como e onde foi ordenado pelo Supremo Planeador. O fracasso de qualquer elemento no plano formado por Deus, torna a obra ineficaz, especialmente se esse fracasso está unido com auto-nomeação para outra posição e obra.

Por isso a necessidade é compreender claramente onde a responsabilidade humana termina e a divina começa. Isto requer cuidadoso estudo, nas fases iniciais da qual pode sentir-se que o problema é confuso e inexplicável. Porém, à medida que o tempo passa, as dificuldades desaparecerão e simples princípios orientadores tomarão lugar desde que Deus seja o Mestre.

Como um exemplo do que pode em primeiro lugar parecer confuso, são comparados os dois parágrafos que se seguem.

“Tão plenamente vazio do próprio eu era Jesus, que não elaborava planos para Si mesmo. Aceitava os que Deus fazia a Seu respeito, e o Pai os desdobrava dia a dia.” *Idem*, 187.

“O Grande Mestre fez planos para a Sua obra. Estudai estes planos. Descubri-l’O-emos a viajar de um lado para outro, seguido por multidões de ávidos ouvintes. Quando podia, guiava-os para fora das cidades cheias de gente, para a calma do campo. Ali orava com eles, e falava-lhes das verdades eternas.” *Medical Ministry*, 299.

O primeiro testemunho declara que Cristo não fez planos para Si mesmo. Ele simplesmente recebia do Seu Pai celestial o programa diário. Porém o segundo declara que Ele fez planos para a Sua obra. Parece que aqui está uma directa contradição, mas isto não pode ser, porque não há tal coisa na Palavra de Deus. Todas as verdades ali existentes são perfeitamente consistentes entre si.

Considerando cuidadosamente a própria redacção de cada testemunho será visto que certas distinções importantes necessitam ser feitas a fim de compreender o que está a ser dito. O primeiro declara a verdade que Cristo não fez as Suas próprias ordens gerais e específicas. Foi Deus que decidiu qual era a Sua obra dia após dia e deu-Lhe instruções de acordo com isso. Mas uma vez recebida a obra do Pai para Si, era então a Sua responsabilidade planear a execução dessa obra.

Uma simples ilustração desta distinção é dada na conquista de Jericó. O próprio plano de ataque foi formado pelo Supremo Mestre e entregue ao povo através de Josué. Eles então, sabiam o que tinham a fazer, mas daí em diante, era a responsabilidade deles organizarem-se na execução da obra que lhes foi apontada.

A marcha no sétimo dia começou com o enfileiramento do exército ao despontar da primeira luz. Depois de saberem isto, era com cada homem organizar ou planear os seus preparativos de modo que estivesse pronto na hora apontada. Teriam que usar as capacidades mentais que o Senhor lhes deu para calcular o tempo necessário para fazer as suas abluções, vestir, culto matinal, pequeno almoço, afivelar a armadura, e apresentação na parada. Então saberia quando necessitava acordar. A sua preparação tinha que ser organizada de modo a serem cumpridas

calma e eficientemente. Deus não faria nada disto por eles. Isso era onde o indivíduo tinha que fazer planos sábios para a sua obra, exactamente como Cristo fez.

A coisa importante nisto é que o povo não determinou a obra para si mesmo. Essa veio de Deus e uma vez isso feito a responsabilidade deles começou.

A mesma verdade é ilustrada na ressurreição de Lázaro. Antes de Cristo dizer as palavras chamando o morto à vida, a pedra tinha que ser retirada da entrada do sepulcro.



*“Assim queria Cristo mostrar que a humanidade tem de cooperar com a divindade. O que o poder humano pode fazer, o divino não é solicitado a realizar. Deus não dispensa o auxílio humano. Fortalece-o, cooperando com ele, ao servir-se das faculdades e aptidões que lhe foram dadas.”*

*O Desejado de Todas as Nações, 511.*

“Tirai vós a pedra’. Cristo podia ter ordenado à pedra que se deslocasse por si mesma, e ela Lhe teria obedecido à voz. Poderia ter mandado aos anjos que se Lhe achavam ao lado, que fizessem isso. Ao Seu mando, mãos invisíveis teriam removido a pedra. Mas ela devia ser retirada por mãos humanas. Assim queria Cristo mostrar que a humanidade tem de cooperar com a divindade. O que o poder humano pode fazer, o divino não é solicitado a realizar. Deus não dispensa o auxílio humano. Fortalece-o, cooperando com ele, ao servir-se das faculdades e aptidões que lhe foram dadas.” *O Desejado de Todas as Nações, 511.*

Tivessem aqueles homens avançado a fim de remover a pedra sem a ordem de Cristo, então estariam a usurpar a Sua posição, fazendo planos que não tinham direito de fazer. Mas Deus, através de Cristo, deu a ordem específica de retirar a pedra e eles obedeceram à ordem. Uma vez dada a ordem, pertencia a eles

planear a sua execução. Podiam precisar de algumas ferramentas tal como alavancas a fim de vencer o grande peso, ou talvez fosse preciso dois homens empurrando e outro puxando para a mover. O que quer que fosse preciso cabia a eles saber e realizar.

Cristo podia ter chamado os anjos para o fazer ou usar o grandioso poder do Seu Pai para simplesmente falar e removê-la, mas Ele não privaria os homens do seu lugar apontado no maravilhoso esquema das coisas. Assim houve uma simples, mas bem sucedida cooperação do divino e do humano. “A ordem é obedecida. Retiraram a pedra.” *Idem.*

Algum espaço foi dedicado aos procedimentos adoptados por Israel em Cades. A história conta o que eles realmente fizeram ali, porém consideremos o que deviam ter feito a fim de determinar o lugar para a sua organização na sua obra.

Quando a ordem para eles ocuparem a terra veio de Deus, deviam simplesmente ter esperado pelas ordens específicas levando-os a tomar uma certa rota e a enfrentar na ordem escolhida por

Deus, as cidades que deviam atacar. Quando aquelas ordens fossem entregues teriam então tido a sua responsabilidade de assegurar que os preparativos fossem perfeitamente executados, as suas armaduras examinadas, as suas armas afiadas, e eles mesmos bem treinados no uso do seu equipamento. O acampamento teria que ser ordenado e tudo pelo que eles eram responsáveis completamente executado. Deus não faria estas coisas por eles, nem Ele aceitaria ou compensaria as deficiências devidas à inexcusável ineficiência. Deus espera o total desenvolvimento de todas as capacidades com que dotou os Seus filhos.

É óbvio que se não há lugar para o uso das capacidades que Deus deu à humanidade, seria inútil estes dons serem dados. O Senhor deu-os para serem usados e Ele espera a sábia aplicação de todos estes talentos. Ele não fará por nós o que podemos fazer por nós mesmos, mas Ele operará juntamente com a humanidade a fim de produzir a obra acabada. A produção deste livro é uma ilustração capaz destes princípios.

A decisão de produzir o livro é legitimamente de Deus apenas. Se a ideia é concebida na mente humana, então é o homem a tomar o lugar de Deus como planeador. Não só é a prerrogativa de Deus decidir se o livro seria escrito, mas também determinar quando seria escrito e quem seria o escritor.

A pessoa designada será um mensageiro a quem o Senhor tenha revelado a luz a ser imortalizada em matéria impressa. Ele ou ela será dotado da capacidade de escrever, tendo também um sólido conhecimento da língua em que o livro deverá ser escrito, quando o instrumento humano compreende esta tarefa, o Senhor não lhe dita o livro palavra por palavra. As ordens gerais e específicas foram dadas para fazer a obra. É agora a responsabilidade humana organizar a tarefa que lhe foi atribuída. Ele pode recorrer a todas as faculdades e capacidades em seu poder a fim de exprimir a mensagem na forma mais poderosa e eficaz. Isto não quer dizer que o Senhor considera a Sua parte completa quando dá a instrução ao obreiro. A parte de Deus nunca termina. Desde o ponto onde a missão é dada e o começo da própria obra, Deus e o homem devem ser colaboradores. O verdadeiro escritor cristão está consciente e continuamente dependente da sua necessidade de sabedoria e orientação divina. Ele nunca começa a escrever sem primeiro pedir a Deus que o guie e abençoe e sempre que um problema aparece, dirige outra oração ao Altíssimo, assim a obra avança até estar finalizada.

Alguns anos passam durante os quais a primeira edição é totalmente distribuída e surge a necessidade de imprimir uma segunda. Durante aqueles anos as capacidades do escritor aumentam. Ele aprendeu muitas lições na arte de escrever, em adição ao que o seu conhecimento do assunto cresceu grandemente. Isto significa que ele é capaz de produzir um resultado muito melhor do que quando o livro foi originalmente editado. De acordo com isso, antes de aparecer a segunda edição trabalha numa revisão cuidadosa.

Quando o manuscrito foi completado, não é ainda considerado pronto para o compositor. Outra pessoa lê toda a cópia, examinando a gramática e a redacção, e anotando muitas passagens que necessitam de alteração. Algumas secções são escritas de novo. Mesmo assim, o autor desejava que mais tempo fosse passado a polir e a aperfeiçoar.

Se, contudo, fosse o método de Deus ditar as palavras a escrever, então não importava quão experiente ou inexperiente o agente humano fosse. O livro seria perfeito e não necessitava de aperfeiçoamento. Não haveria lugar para o talento humano ou desenvolvimento e por conseguinte não havia razão para Deus dar estas capacidades ao homem nem fazer provisão para o seu crescimento. Estes princípios permanecem verdadeiros não importa quão próximo a caminhada possa ser com Deus como é provado pelos resultados das comunicações de Deus com os profetas. Certamente, há grande vantagem em estabelecer uma íntima comunhão com Deus, pois isto permite-lhe dar adicionais revelações mais ricas da verdade ao homem que doutro modo não seria possível. Mas o facto que cada escritor da Bíblia produziu um livro com um estilo característico a si mesmo, prova que Deus não ditou as palavras. Ele revelou as mensagens a ser

relatadas, mas foi a responsabilidade do instrumento humano usar todas as capacidades e talentos em seu poder, santificado pela presença e poder de Deus, para apresentar o testemunho de Jesus na melhor forma possível sob estas circunstâncias.

“A Bíblia aponta a Deus como seu autor; no entanto foi escrita por mãos humanas, e no variado estilo de seus diferentes livros apresenta os característicos dos diversos escritores. As verdades reveladas são todas dadas por inspiração de Deus (2 Timóteo 3:16); acham-se, contudo, expressas em palavras de homens. O Ser infinito, por meio de Seu Santo Espírito derramou luz na mente de Seus servos. Deu sonhos e visões símbolos e figuras; e aqueles a quem a verdade foi assim revelada corporificam, eles próprios, o pensamento em linguagem humana.

“Os Dez Mandamentos foram proferidos pelo próprio Deus, e escritos por Sua própria mão. São de composição divina e não humana. Mas a Bíblia, com Suas verdades dadas por Deus expressas na linguagem dos homens apresentam uma união do divino com o humano. Tal união existia na natureza de Cristo que era o Filho de Deus e o Filho do homem. Assim, é verdade quanto à Bíblia como acerca de Cristo, que ‘o Verbo Se fez carne, e habitou entre nós’. (João 1:14).

“Escritos em diferentes séculos, por homens que diferiam largamente em posições e ocupação, bem como nos dotes mentais e espirituais, os livros da Bíblia apresentam vasto contraste no estilo, assim como diversidade quanto à natureza dos assuntos desenvolvidos. Formas diferentes de expressão foram empregadas pelos vários escritores; muitas vezes a mesma verdade é apresentada de maneira mais impressionante por um que por outro. E ao apresentarem vários escritores um assunto sob diversos aspectos e relações, poderá talvez ao leitor superficial, descuidoso ou possuído de preconceitos, ser discrepância ou contradição, aquilo em que o estudioso reflectido reverente, de mais clara visão, discerne o fundamento harmônico.” *Mensagens Escolhidas* 1:25; *The Great Controversy* v, vi.

“A Bíblia é escrita por homens inspirados, mas não é a maneira de pensar e exprimir-se de Deus. Esta é da humanidade. Deus, como escritor, não Se acha representado. Os homens dirão muitas vezes que tal expressão não é própria de Deus. Ele, porém, não Se pôs à prova na Bíblia em palavras, em lógica, em retórica. Os escritores da Bíblia foram os instrumentos de Deus, não Sua pena. Olhai os diversos escritores.

“Não são as palavras da Bíblia que são inspiradas, mas os homens é que o foram. A inspiração não actua nas palavras do homem ou em suas expressões, mas no próprio homem que sob a influência do Espírito Santo, é possuído de pensamentos. As palavras, porém, recebem o cunho da mente individual. A mente divina é difusa. A mente divina, bem como Sua vontade, é combinada com a mente e vontade humanas; assim as declarações do homem são a Palavra de Deus.” *Mensagens Escolhidas* 1:21.

“Mediante a inspiração de Seu Espírito o Senhor deu a Seus apóstolos uma verdade a ser expressa segundo o desenvolvimento de sua mente pelo Espírito Santo. A mente, porém, não é tolhida, como se forçada em determinado molde.” *Idem*, 22.

Não há diferença entre os procedimentos pelos quais Deus opera com uma pessoa sobre a qual está o dom profético, tal como Paulo ou Isaías, os mensageiros sem este elevado nível de inspiração tal como Martinho Lutero, William Miller, Alonzo Jones, E.J. Waggoner, vós e eu. Deus pode dar e dá maiores revelações aos que estão na primeira classe por causa das ligações mais íntimas estabelecidas, mas em nenhum caso Ele dá inspiração verbal, pois este não é o Seu método.

Consequentemente, repousa sobre cada um dos filhos de Deus, a solene responsabilidade de desenvolver ao mais elevado grau toda a capacidade que o Senhor investiu nele. Ele deve visar o alcance dos maiores níveis de eficiência e produtividade de modo que executará as tarefas que lhe foram atribuídas para Deus e sua própria satisfação. Como o Obreiro Mestre quando esteve sobre a Terra, o cristão fará planos sábios e bem organizados a fim de os levar a cabo. Ao mesmo tempo, essa pessoa guardar-se-á muito cuidadosamente contra o entrar no papel de planeador,

portador de fardos e solucionador de problemas. Aqueles são os ofícios de Deus dos quais Ele não pode abrir mão em favor dos homens, porque Ele sabe que está para além da capacidade humana desempenhá-los. É lamentável que os homens sejam tão lentos em aprender esta verdade e não deixam Deus fazer a Sua obra enquanto eles fazem a deles.

Alguns estão prontos a queixar-se que estes princípios deixam os homens com pouco para fazer. Isto é dificilmente realista, porque qualquer pessoa que devote a sua vida ao desenvolvimento dos talentos que lhe foram confiados, constrói um carácter apto para a eternidade e cumprindo a obra que Deus lhe determinou, verificará que não tem momentos livres para planear a sua vida. Ela estará mais do que preenchida. Desejaria com muito gosto que não houvesse tanto a exigir a sua atenção.

Outro testemunho a ser considerado nesta ligação lê-se como segue:

“Consagrai-vos a Deus pela manhã; seja esse o vosso primeiro cuidado. Seja a vossa oração: ‘Toma-me, Senhor, como Tua propriedade exclusiva. A Teus pés deponho todos os meus planos. Emprega-me hoje ao Teu serviço. Permanece em mim, e permite que toda a minha obra se faça em Ti’. Isto devemos fazer quotidianamente. Cada manhã consagrai-vos a Deus para esse dia. Submetei-Lhe todos os vossos planos, para que se executem ou deixem de executar, segundo o que Deus dispuser. Entregando assim dia a dia a vossa vida nas mãos de Deus, ela se moldará mais conforme à vida de Jesus Cristo.” *Aos Pés de Cristo*, 73, 74.

A conclusão que o cristão deve ser o planeador e Deus o que aprova ou reprova, podia ser tirada disto se este fosse o único testemunho a orientar-nos. Porém uma tal interpretação não seria consistente com as outras evidências nas Escrituras. Portanto, estas palavras de conselho devem ser consideradas na luz global sobre o assunto.

A admoestação é “submetei-Lhe *todos* os vossos planos...” Isto inclui os dois tipos de planos — os que Deus faz para os Seus filhos e os que eles fazem para levar a cabo a obra que Ele planeou para eles. Alguns podem argumentar que os planos que Deus faz para os Seus filhos não são os planos deles mas Seus. É verdade que eles têm origem em Deus, mas depois de entregues aos Seus servos, tornam-se deles. Isto é simplesmente verificado pela presença da mesma verdade na justiça dos santos. Em *Apocalipse* 19:8 está declarado que o “linho fino é a justiça *dos santos*”. É dito que a justiça é deles mas ninguém concluiria daqui que ela teve origem neles. Deus era a sua fonte, mas, uma vez que ela lhes tenha sido dada, torna-se sua, assim pode ser correctamente declarado que ela é “a justiça *dos santos*”.

Semelhantemente, Deus é a fonte de todos os planos para a obra que o cristão tem que fazer, mas desde que esses planos tenham sido entregues ao obreiro, eles são então *os seus planos*. Por isso os planos que não tiveram origem no indivíduo tornam-se seus. Ao despontar de cada dia, o verdadeiro filho de Deus que aprendeu a ouvir a Sua voz recebeu os planos de Deus para esse dia. Isto deve ser submetido de novo a Deus “para que se executem ou deixem de executar, segundo o que Deus dispuser”. *Aos Pés de Cristo*, 74.

Seria natural concluir que nenhum plano feito por Deus para nós necessita deixar de executar-se, porque os planos de Deus são perfeitos. Contudo, por vezes eles têm que deixar de executar-se por causa de outras pessoas, também envolvidas no plano, terem agido tão fora da harmonia com o Senhor que os planos têm que ser abandonados. Uma ilustração que vem facilmente à mente é a experiência de Moisés, Arão, Josué, e Calebe. O plano de Deus para eles era a sua imediata entrada em Canaã. Eles estavam em harmonia com Deus e preparados para entrar na terra prometida, mas, por causa da insurreição do povo, tiveram que abandonar o maravilhoso plano feito para eles. Por conseguinte, seria perigoso concluir que uma vez que Deus tenha formado um plano e entregue, então em nenhuma circunstância pode esse plano deixar de executar-se. Moisés, Arão e os outros dois teriam errado se insistissem em entrar na terra prometida sem o resto de Israel.



Outra razão para a necessidade de entregar todos os planos de volta a Deus é proteger o crente dos planos que lhe são dados por Satanás que tem o poder de fazer parecer como se viessem directamente do Céu. Deus é completamente capaz de identificar a sua origem e torná-los sem efeito, desde que eles Lhe sejam entregues.

A terceira razão é dar uma constante advertência para o indivíduo que Deus é a Fonte da qual ele está continuamente dependente em todas as coisas. Isto salvaguarda-o contra a auto-suficiência e esquecimento de Deus, o problema que trouxe tanta perda e tristeza à igreja no passado. Isto é especialmente necessário a respeito dos planos para os quais temos que organizar a execução da obra que Deus nos deu. Devemos lembrar-nos constantemente que em cada passo dado tem que haver a mais próxima colaboração entre o divino e humano.

Uma questão natural que se levanta neste ponto é, como comunica Deus os Seus planos aos seres humanos hoje, de modo a sabermos sem dúvida o que Deus disse? Parecia demasiado fácil compreender quando havia um profeta vivo em Israel, porque Deus nessa altura tinha um reconhecido canal através de quem Ele falava. Todavia, as coisas não eram realmente diferentes, pois não era dado ao profeta todos os planos para cada indivíduo na igreja. Ele era encarregado de instruir a igreja como um todo. Houve ocasiões em que indivíduos receberam mensagens de Deus, mas não no que dizia respeito à sua obra geral. Por exemplo, Deus não mandou a profetiza informar Waggoner e Jones que deviam pregar a luz especial do quarto anjo. Ele comunicou estas instruções directamente a eles. Se uma pessoa devesse ir a um profeta perguntar-lhe quais os planos de Deus para a sua vida, o profeta quase com certeza lhe diria, “isso não te posso dizer, deves perguntar ao Senhor e esperar que Ele te diga”.

Nesta fase não é ainda altura para discutir os procedimentos a seguir a fim de encontrar e provar as ordens específicas de Deus. Isso virá mais tarde. Porque agora é suficiente assegurar a cada leitor que Deus com certeza comunicará a Sua vontade àqueles que d’Ele se aproximam da forma correcta.

“E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará os teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas nunca faltam.” *Isaías 58:11*.


“Os que decidem não fazer, em qualquer sentido, coisa alguma que desagrade a Deus, depois de Lhe apresentarem seu caso saberão a orientação que hão de tomar.” *O Desejado de Todas as Nações*, 643.

“Os que aceitam como único princípio tornar o serviço e a honra de Deus o supremo objectivo, hão de ver desvanecidas as perplexidades, e uma estrada plana diante de seus pés.” *O Desejado de Todas as Nações*, 313.

Que a fé alcance a certeza da promessa que a voz de Deus será ouvida e o Seu desejo conhecido desde que os correctos procedimentos sejam seguidos. Seria inútil Deus estabelecer o princípio que Ele é o Planeador se não houvesse possibilidade d’Ele comunicar aqueles planos aos Seus obreiros. Por seu lado eles devem conhecer em que área Deus deve ser o Planeador, Solucionador de problemas e Portador de fardos, e onde devem eles planear a obra desde que ela lhes tenha sido dada.

Inicialmente, as distinções permanecem obscuras, mas é surpreendente como em breve a névoa afastar-se-á e as diferenças são discernidas.

## Problemas na Primitiva Igreja

 medida que se lêem os primeiros quatro capítulos de *Hebreus*, é gerado um conhecimento de que Paulo estava a escrever acerca da profunda preocupação pelo povo do seu tempo e pelo bem estar da igreja em geral. Dentro da igreja ele apercebeu-se da pressão de grandes forças operando para colocar homens como planeadores no lugar de Deus. Ele viu o grau de significativo sucesso que já tinham alcançado, e as lições do passado mostravam-lhe um certo resultado deste modo de proceder. Sabendo que a menos que estes erros fossem completa e permanentemente corrigidos, a igreja falharia na sua missão, lançou as advertências e apelos recordados nos primeiros quatro capítulos de *Hebreus*.

O trágico testemunho da história recente é que os seus apelos não foram atendidos com o resultado que terríveis consequências sucederam à igreja e ao mundo. Aqueles que estavam determinados a instituir planeamento humano no lugar do divino, foram bem sucedidos, e a inexprimível Idade das Trevas caiu sobre a Terra.

Actualmente há muitos religiosos que negam que Paulo foi o autor de *Hebreus*, mas o Espírito de Profecia inequivocamente reconhece a sua autoria da epístola como é confirmado nas seguintes passagens:

*O Grande Conflito*, 346, 410-412, 414, 419, 511; *Patriarcas e Profetas*, 370; *Testimonies* 1:679, 5:651, 8:79,80.

Embora seja impossível determinar a data exacta dos escritos aos *Hebreus*, evidência válida confirma que eles foram escritos depois do aprisionamento de Paulo. “Acerca da data de *Hebreus* há uma igual quantidade de incerteza. Clemente de Roma foi reconhecido pela carta de aproximadamente 95 d.C., porque ao escrever aos coríntios dessa altura ele citou *Hebreus* 1:3-14. (Clement *First Epistle to the Corinthians*, 36). Isto não só prova que a carta era conhecida em Roma antes do fim do primeiro século, mas também que a sua origem deve ser procurada na era apostólica. De facto, há evidências sugerindo que a epístola foi escrita antes da destruição do templo em Jerusalém no ano 70 d.C. Doutra modo pareceria que o autor que dá ênfase à nulidade e inutilidade do antigo concerto e seu serviço típico, como o autor de *Hebreus* faz, certamente teria apontado para a cessação dos rituais ligados com o serviço se o templo já tivesse sido destruído. Estes acontecimentos, se estivessem situados no passado, teriam sublinhado os argumentos do autor de *Hebreus* tão convincentemente que ele muito certamente os teria usado para provar o seu ponto. Contudo, uma vez que ele indica que o serviço no templo ainda era

realizado (vede capítulo 9:6, onde 'entravam' é melhor traduzido por 'estão entrando') e que o antigo concerto estava 'perto de acabar' (capítulo 8:13), parece provável que o templo ainda não tinha sido destruído quando *Hebreus* foi escrito. Estas considerações tornam possível a data da origem da carta aos *Hebreus* nos dias da vida de Paulo cuja morte ocorreu cerca de 67 d.C.

"O ano 63 d.C. tem sido tomado como a data de *Hebreus* e Roma o lugar da sua origem, sem prejuízo de outras datas e lugares compatíveis com o padrão de interpretação seguido por este comentário. Isto colocaria a carta no final do primeiro aprisionamento de Paulo em Roma." *S.D.A. Bible Commentary* 6:106-107, das notas dos compiladores na Cronologia do Novo Testamento.

Estas evidências confirmam que *Hebreus* foi escrito pouco depois de Paulo ter completado a sua última jornada a Jerusalém, ser preso, e transportado para Roma. Por esta altura ele viu tanto a significação da sua acção em render-se à incessante pressão dos dirigentes da igreja para colocá-lo sobre o seu controlo pessoal, como os males desenvolvidos na igreja como resultado da sua remoção dela. Profundamente arrependido por causa do seu caro erro escreveu os poderosos apelos contidos nos primeiros quatro capítulos, num esforço de despertar a igreja para a necessidade de inverter os seus caminhos.

Tragicamente, os dirigentes desse tempo não estavam dispostos e, portanto, incapazes de discernir a verdadeira natureza do que estavam a fazer. Por isso nenhum arrependimento surgiu, não deixando outra possibilidade senão descer à escravidão espiritual e apostasia.

O aprisionamento de Paulo foi muito mais do que um acontecimento histórico, foi o resultado de uma determinada recusa dos dirigentes da igreja de Jerusalém em permitir que Cristo fosse a verdadeira e única Cabeça da igreja, e da momentânea rendição de Paulo às suas exigências. Foi uma acção que garantiu a criação desse terrível monstro anticristão de alma e corpo destruidor, o papado.

Pessoas bem relacionadas hoje permanecem no mesmo perigo terrível, pouco compreendendo até que ponto a futura prosperidade da causa de Deus depende de aprenderem as lições contidas na história da Igreja Cristã. Aqueles que, no seu louvável zelo para avançar a causa de Deus tentam fazê-lo do modo como os homens fizeram, construirão o papado com a mesma certeza. Embora absolutamente confiantes de que estão a construir o reino de Deus, estarão, de facto, a construir o de Satanás. Devia haver um tão concentrado estudo e uma profunda compreensão destas experiências, como da experiência de Israel no deserto.

Foi no fim da sua terceira viagem missionária que Paulo voltou a Jerusalém pela última vez, levando um testemunho vivo das maravilhosas obras de Deus entre os crentes na Ásia Menor e grande soma de contribuições para a obra.

"E, logo que chegamos a Jerusalém, os irmãos nos receberam de muito boa vontade.

"E no dia seguinte Paulo entrou connosco em casa de Tiago, e todos os anciãos vieram ali.

"E, havendo-os saudado, contou-lhes por miúdo o que por seu ministério Deus fizera aos gentios."

"E, ouvindo-os eles, glorificaram ao Senhor..." *Actos* 21:17-20.

"Nesta ocasião, Paulo e seus companheiros formalmente apresentaram aos dirigentes da obra em Jerusalém as contribuições que haviam custado ao apóstolo e a seus coobreiros, muito dispêndio de tempo, profunda ansiedade e afanoso trabalho. A importância, que excedia de muito à expectativa dos anciãos de Jerusalém, representava muitos sacrifícios e mesmo severas privações da parte dos crentes gentios.

"Essas ofertas voluntárias traduziam a lealdade dos conversos gentios para com a obra de Deus organizada em todo o mundo, e deviam ter sido por todos recebidas com grato reconhecimento; entretanto, era manifesto a Paulo e seus coobreiros que mesmo dentre aqueles diante de quem agora estavam havia alguns que eram incapazes de apreciar o espírito de amor fraternal que prodigalizara as ofertas." *Actos dos Apóstolos*, 399, 400.

Quando Paulo estava perante os crentes em Jerusalém, estava consciente da existência de um espírito muito diferente naqueles homens dirigentes daquele que se encontrava entre os crentes de quem estas generosas, abnegadas dádivas tinham vindo, ele não estava enganado nas suas percepções. Havia um impressionante contraste entre os dois. Uma tão lamentável condição não existia sem causa, nem se havia desenvolvido num momento. Era o resultado de anos de desvio na direcção errada.

Na sua forma menos madura tinha sido apresentada dentro deles quando saíram da organização judaica sem deixarem tudo o que tinham adquirido ali no seu passado. Isto não era anormal, porque ninguém é liberto instantaneamente de todas as ideias e teorias erradas inculcadas pelas influências educacionais do ambiente básico de onde veio. O único tipo de organização conhecido para aqueles homens enquanto foram membros da igreja judaica era o domínio do homem. Cristo não tinha lugar nela. Portanto, tinham que lhes ser ensinados os princípios de operação muito diferentes que deviam ser estabelecidos na Igreja Cristã. Essa aprendizagem não se faz facilmente. As velhas ideias e hábitos lutam pela supremacia, especialmente quando se requer grande fé para abandoná-los em favor dos princípios de operação de Deus.

Para compreender a infeliz atitude e espírito no interior dos dirigentes que, na ocasião da última visita de Paulo a Jerusalém, recebeu o apóstolo e as ofertas que ele trouxe do campo missionário, devemos voltar atrás ao relato daqueles primeiros dias em que a igreja se separou do judaísmo, e traçar os subsequentes desenvolvimentos desde então até Paulo ser detido e levado para Roma.

“Nos primeiros anos da obra do evangelho entre os gentios, alguns dos irmãos dirigentes de Jerusalém, apegando-se a anteriores preconceitos e modos de pensar, não haviam cooperado sinceramente com Paulo e seus companheiros. Em sua ansiedade por preservar umas poucas formas e cerimónias insignificantes, tinham perdido de vista as bênçãos que poderiam advir a eles e à causa que amavam, mediante um esforço para unir numa só todas as partes da obra do Senhor. Embora desejosos de salvaguardar os melhores interesses da igreja cristã, tinham deixado de manter-se a passo com as progressivas providências de Deus, e em sua humana sabedoria tinham procurado entrar os obreiros com muitas restrições desnecessárias. Dessa maneira surgiu ali um grupo de homens que não estavam familiarizados pessoalmente com as circunstâncias mutáveis e peculiares necessidades enfrentadas pelos obreiros de campos distantes, e que, entretanto, sustentavam ter autoridade para levar seus irmãos nesses campos a seguir certos e determinados métodos de trabalho. Julgavam que a obra de pregar o evangelho pudesse ser levada avante em harmonia com suas opiniões.” *Actos dos Apóstolos*, 400.

Este parágrafo revela as vestes do lobo e da ovelha na qual ele estava vestido e pelas quais aqueles dirigentes foram enganados. O mal era a sua insistência que tinham autoridade para dirigir os seus irmãos segundo os métodos que usavam e os lugares em que eles deviam trabalhar. “Sentiram como se a obra da pregação do evangelho devesse ser conduzida de harmonia com as suas opiniões.” Eles estavam a exigir o lugar de Cristo na igreja para si mesmos. Não há lobo mais devorador do que este.

A veste de ovelha era “o lugar” ou posição em que estavam e o motivo que os controlava. Eram membros de elevada posição na verdadeira igreja, verdadeiramente amavam a causa, e estavam “desejosos de salvaguardar os melhores interesses da igreja Cristã”. Eram inteiramente genuínos e seriam os últimos a fazer qualquer movimento que prejudicasse o movimento. Estavam confiantes que havia pouco perigo acerca disto por que motivo haveriam eles que tinham tanto a recomendá-los, instigar qualquer coisa que fosse contra a igreja? Era fácil persuadir-se a si mesmos que, com os motivos que tinham, o que quer que fizessem estavam certos. A veste de ovelha era muito convincente. Eles não analisaram o seu espírito e obra, nem leram correctamente as lições do Antigo Testamento. Não foram capazes de compreender a causa de

Israel continuar escravo dos romanos. Não discerniram que os judeus se tinham colocado a si mesmos nesta terrível situação pela sua determinação em se estabelecerem como cabeças da igreja no lugar de Cristo. Se o tivessem feito, teriam compreendido que se, na igreja cristã, tivessem continuado os mesmos princípios de operação que havia provado ser desastroso para Israel, trariam a mesma sorte sobre a Igreja Apostólica. Nenhuma quantidade de consagração, sacrifício, boas intenções, trabalho diligente, podia compensar, ou anular, os maus resultados do procedimento errado. A única igreja que está segura é aquela sobre a qual Cristo é verdadeiramente uma e única cabeça. Todas as outras acabam como Babilónia.

A.T. Jones explicou os princípios envolvidos em *Lessons from the Reformation*, 138, 139.

“Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e *todos vós sois irmãos.*’ ‘Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo.’ (Mateus 23:8, 10).

“Portanto, ‘Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que recebereis mais duro juízo’. (Tiago 3:1). Muitos mestres significa maior condenação. *Quisquer* mestres significa condenação.

“Não há exercício de autoridade, não há lugar para domínio, *entre os cristãos*: nem pelos cristãos sobre outros cristãos, nem pelos cristãos sobre *os que não são cristãos*.

“Porque está escrito: ‘Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. *Não será assim entre vós.*’ (Mateus 20:25).

“Notai que é o ‘príncipe dos gentios’ que exerce domínio e autoridade sobre o povo; e são ‘eles’ — os gentios — sobre quem este domínio e autoridade é exercido.

“E mesmo apesar de domínio e autoridade ser exercido por *homens na ‘igreja’*, são ainda ‘os príncipes dos gentios’ que o fazem. *Os cristãos* não fazem isso, porque ‘*não será assim entre vós*’.

“E mesmo apesar de serem membros da ‘igreja’, por quem e sobre quem este domínio e autoridade são exercidos, e os que permitem que isso seja exercido sobre ‘si’, são gentios da mesma maneira. Os cristãos não permitem que isso seja feito: porque, ‘*Não será assim entre vós*’.

“Não é outro senão os príncipes dos gentios que faz isso, não são outros senão os gentios que o fazem: e não é outro senão o gentio *que permite* que isso seja feito sobre ele e por ele, na igreja.

“Não pode ser feito sobre os *cristãos* ou por eles: porque estes têm a palavra do seu ‘Guia e Comandante’, ‘*Não será assim entre vós*’.

“Nenhum homem pode ser leal a Cristo, nem fiel à Sua palavra, que permita que qualquer homem *na ‘igreja’* ou no campo da religião e da fé exerça qualquer domínio ou autoridade sobre si e por si. Porque Cristo ordenou, ‘*não será assim entre vós*’.

“Quem quer que entre os cristãos exerça tal domínio ou autoridade coloca-se a si mesmo no lugar de Cristo. E quem quer que permita que isso lhe seja feito, permite que o *homem* esteja para si no lugar de Cristo.

“‘Fostes comprados por bom preço; não vos façais servos do homem.’ (1 Coríntios 7:23).

“Onde quer que tal coisa apareça, aquele por quem aparece é um príncipe dos gentios; e um príncipe dos gentios *no lugar de Cristo*. Quem se submeta a isso é um gentio, e submete-se a um príncipe dos gentios no lugar de Cristo.

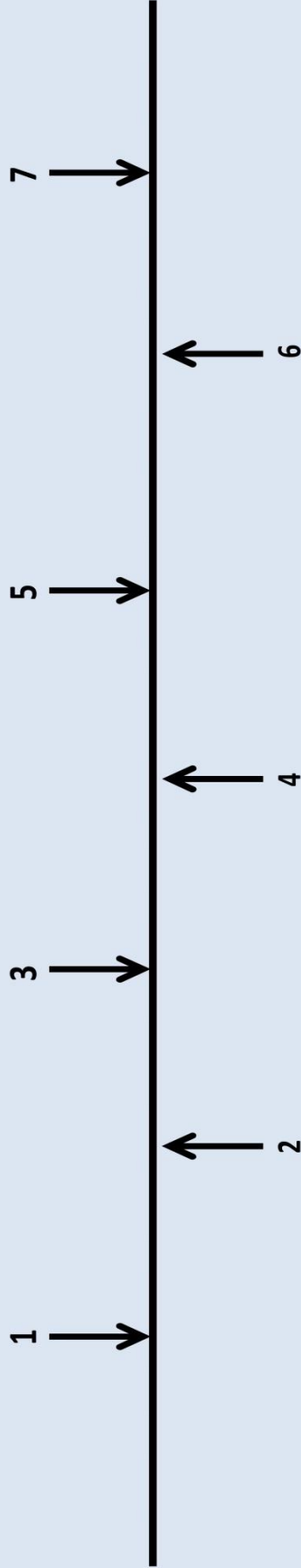
“Essa é toda a história do papado. E onde quer que isso se manifeste em qualquer igreja, é na mesma medida o papado ali.

“É um princípio fundamental da Reforma que ‘o poder eclesiástico é exercido *somente* pelo *ministério da Palavra*’.

“Qualquer poder eclesiástico em qualquer ocasião, em qualquer lugar, que seja exercido sob qualquer outra forma que não ‘*somente pelo ministério da Palavra*’ não é cristão, não é Reforma, mas é papal.

## DESENVOLVIMENTOS NA PRIMITIVA IGREJA

Do seu passado judeu os primeiros dirigentes trouxeram a disposição de dominar.	Como resultado a Igreja foi preparada, e muitas almas foram acrescentadas	Eles exigiram que Paulo os reconhecesse como cabeça, o que ele, infelizmente, fez.	O mistério da iniquidade, cresceu na igreja, e a Idade das Trevas desenvolveu-se.
---	---	--	---



No concílio de Jerusalém Deus corrigiu estes erros	Os dirigentes retrocederam mais do que antes	Paulo é preso e o seu testemunho é silenciado
--	--	---

**SE OS DIRIGENTES EM JERUSALÉM PUDESSEM TER VISTO O SEGURO RESULTADO DA SUA ACÇÃO,  
NUNCA TERIAM FEITO O QUE FIZERAM.**

“Entre os cristãos o único governo no qual o homem tem algum comando para agir é o governo-*próprio*. Cada um governa-se a si mesmo *apenas*, no campo do seu próprio espírito. E ‘O coração do sábio instrui a sua boca, e acrescenta doutrina aos seus lábios’. (Provérbios 16:23).

“Cada um governa-se a si mesmo em Deus através de Cristo pelo Espírito Santo segundo a vontade de Deus, não há espaço para qualquer outro governo. (Actos 24:25).

“E qualquer que professe o nome de cristão mas não é cristão e por isso não pode governar-se em justiça, mas tem que ser governado de fora, há um estabelecido e divinamente reconhecido ‘poder’ para o governar — o ‘poder’ de ‘César’.

“E nas Escrituras em nenhum lado é reconhecido qualquer terceiro poder além de Deus e César, mas esse não é de Deus nem de César, para sair e juntar pessoas que não podem governar-se a si mesmas e por isso precisam ser ‘governadas’ por este intruso que não é Deus nem César mas tenta ser Deus e César e por isso pode apenas desempenhar o papel de diabo.

“Todo o dever que sempre deve ser cumprido pelos homens ou pertence a Deus ou a César, e deve ser prestado respectivamente a estes conformemente: Apenas a *estes dois*. Não há outro. (Mateus 22:21).

“Para além deste governo de si próprio por cada indivíduo, a única actividade dos cristãos está em adorar a Deus e *servir* Deus e aos *homens*.”

Estes são os ensinamentos que Jesus procurava diariamente inculcar nas mentes e corações dos Seus seguidores, mas apesar da clareza destes princípios, aqueles que foram designados para posições de liderança na jovem igreja cristã não tinham sido totalmente libertados do princípio babilónico de homens dominarem sobre homens. Por isso, quando deixaram o judaísmo e foram para a religião cristã, ainda tinham muito do papado dentro de si e naturalmente procuraram continuar este sistema na sua nova fé. Eles honestamente creram ser seu direito e sua responsabilidade exercer domínio sobre os seus conservos. Obviamente, este mal tinha que ser arrancado para que Deus fosse o único Planeador da igreja e o inexperiente movimento fugisse do naufrágio do Israel anterior.

Deus no Seu grande amor e misericórdia, compreendeu a sua perigosa situação e bondosamente operou a fim de estabelecê-los de novo no caminho certo. A oportunidade apresentou-se quando o primeiro grande concílio foi convocado em Jerusalém para discutir o delicado assunto da lei cerimonial. O povo que tinha estado por tanto tempo mergulhado no ritualismo do código legal, encontrou dificuldade em abandonar este tradicionalismo, mesmo apesar de terem abraçado os princípios do evangelho. Consequentemente, a classe de pessoas que eram mais lentas em manter o passo com a progressiva luz, eram fortes na sua exigência que os gentios convertidos deviam observar a lei cerimonial. Para evitar divisões que ameaçavam a igreja, foi convocado o grande concílio em Jerusalém.

Quando se reuniram, abordaram o problema num estilo tipicamente humano. Cada pessoa chegou com uma ideia definida sobre o que *ela* pensava serem os procedimentos aceitáveis, e a determinação de o reforçar, em vez de olhar para Deus como o perfeito Solucionador de problemas. Por isso a reunião foi aberta com homens a lutarem contra homens pela supremacia. Cada indicação apontava o desenvolvimento de um sistema babilónico. Era a triste mas contínua ilustração dos homens num esforço para se estabelecerem no lugar de Deus dentro da igreja enquanto pensavam ser abençoados por Deus ao fazê-lo.

Qual a evidência escriturística que dá a conhecer ser na verdade este o caso? É conhecido pelo facto que quando eles se reuniram, houve “muita contenda”. *Actos 15:7*.

Contenda somente ocorre quando indivíduos estão tentando estabelecer os pontos de vista contrários. Isso nunca será encontrado entre aqueles que se juntam a fim de em profunda oração colocarem os seus problemas perante Deus e confiantemente esperar o Seu juízo, em cuja circunstância há repouso e paz em vez de altas, intrusas, e muitas vezes iradas vozes daqueles

que contendem pelas suas convicções particulares contra pessoas com pontos de vista igualmente opostos.

Foi bom para a jovem igreja de Deus ter presente pelo menos um servo fiel através de quem Ele podia apelar. Doutra modo a reunião teria sido interrompida em desunião. Embora a fragmentação da igreja pudesse ser evitada pelos membros que aceitaram a decisão maioritária, teria havido grave divisão de sentimentos e profunda intranquilidade. O pior de tudo, era que a disposição dos homens de se exaltarem a si mesmos na igreja teria sido incomensuravelmente fortalecida. Foi um momento crítico na história. A única esperança dos acontecimentos caminharem para a direcção certa, era que alguns sob a directa orientação de Deus se levantassem e apontassem os princípios correctos a serem seguidos. Pedro provou ser o homem.

“E, havendo grande contenda, levantou-se Pedro e disse-lhes: Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem.

“E Deus, que conhece os corações lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós;

“E não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé.

“Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar?

“Mas cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também.” *Actos* 15:7-11.

Este argumento que Pedro apresentou provou ser completamente eficaz, pois a Escritura afirma que “... toda a multidão se calou”. versículo 12.

Qual era o ponto vital no argumento de Pedro, que tão rapidamente resolveu a dificuldade?

“Ele arrazoou que o *Espírito Santo* havia decidido o assunto em discussão ao descer com igual poder sobre os gentios incircuncisos e sobre os circuncisos judeus.” *Actos dos Apóstolos*, 193.

Ele simplesmente colocou perante eles o princípio que não eram eles que tomavam decisões ou solucionavam os problemas no corpo de Cristo, a igreja. Portanto, não é a sua responsabilidade disputarem o que pensavam devia ser a resposta. O seu dever era abrir os seus ouvidos à voz de Deus que já tinha dado a resposta.

Aqueles homens e mulheres eram crentes com forte fé e convicções profundas. Amavam a causa de Deus e nada mais queriam senão vê-la prosperar. Porém quando se reuniram, o seu procedimento foi tão errado como foi o dos seus antepassados em Cades, e estavam igualmente cegos para o facto. Tempo valioso foi desperdiçado em disputa inútil, procurando uma solução para os problemas já resolvidos. Quanto tempo isto se prolongou não é relatado. Podia ter durado horas sem estarem mais perto de qualquer solução do que no princípio, mas quando desistiram deste procedimento e ouviram a voz de Deus, a resposta foi imediata.

Assim o encontro do grande concílio de Jerusalém pode ser dividido em duas partes. A primeira parte foi durante o período em que procuravam uma solução através dos processos humanos normais. Presentes estavam aqueles que defendiam fortemente a conservação do sistema cerimonial. Estavam preparados para lutar tenazmente por aquilo que sinceramente criam ser recto. Também havia alguns cujos olhos tinham sido abertos para a verdade como Deus a vê e tinham portanto deixado de observar os serviços sacrificais. Outros ficaram perplexos pela controvérsia e estavam indecisos acerca do que era correcto.

Seguir o normal procedimento humano, envolvia diferentes formas de agir de todas as três partes. Os que eram fortemente pela continuação da lei cerimonial, estavam ali para determinantemente argumentar pelo seu ponto de vista. Nada menos os satisfaria senão a aceitação da sua posição.





*As ovelhas não discutem entre si qual o caminho a seguir. É a responsabilidade do pastor escolher o caminho. Assim, na igreja de Deus, o Seu povo deve ir onde Ele ordena.*

Os que tinham a verdade sobre o assunto teriam devota e humildemente argumentado em favor da sua posição, profundamente preocupados que a igreja regressasse às trevas quando havia uma tal liberdade e luz à sua disposição.

Finalmente, os indecisos teriam ouvido os argumentos propostos por cada lado, e tentariam chegar à decisão na base daquilo que tinham ouvido destas fontes humanas.

O plano divino que os crentes estejam intimamente unidos nunca pode ser alcançado por este sistema pela simples razão que um único corpo teria muitas cabeças, cada uma dirigida segundo as suas próprias ideias.

A segunda parte do concílio foi iniciada quando, sob a inspiração do Espírito Santo, Pedro argumentou que eles estavam a seguir procedimentos errados. Ele declarou que não havia necessidade para debater a questão. Era a responsabilidade de Deus anunciar o que lhes faltava e tudo o que tinham a fazer era ouvir. De facto, o Espírito Santo já tinha tornado a resposta conhecida.

A profunda sinceridade e sincera consagração daqueles crentes foi demonstrada pela sua disposição de aceitar este conselho. Uma imediata mudança teve lugar. Toda a disputa cessou quando cada um e todos permitiram que Deus fosse o Solucionador de problemas e seguiram a instrução que lhes foi enviada pelo Espírito Santo. A igreja tinha tomado o rumo certo. Se ela pudesse ser mantida na mesma vereda a partir de então, a rápida e bem sucedida realização da sua missão estava assegurada.

Apenas uma pessoa falou nessa reunião, mas essa voz mudou completamente a corrente. Quando cada crente aprender a apreciar o que isto significa, terá um sentido maior da sua responsabilidade individual de saber e manter-se firme pelos princípios do repouso do sábado.

O tempo virá em que Deus precisará da voz de cada um dos Seus filhos para mudar o rumo da corrente na direcção certa. Para determinado indivíduo, a ocasião pode vir apenas uma vez em toda a sua vida, ou pode vir várias vezes. Sempre que ela vem, ele deve estar preparado tal como Pedro estava. Se, num dado momento crítico, ele não disser as palavras de conselho acertadas sob a orientação directa do Espírito Santo, então os acontecimentos serão lançados na direcção errada e pode atrasar a obra por décadas.

Não há garantia que se as palavras adequadas forem ditas no momento exacto, o rumo da corrente seja mudado. O povo pode estar tão determinado a ter o seu próprio caminho que não acolha os conselhos divinos. Um exemplo disto foi quando Samuel insistiu com Israel sobre as terríveis consequências da escolha de um rei semelhantemente às outras nações que os cercava. Mas pelo menos a responsabilidade desse fracasso não repousa sobre Samuel.

Pedro não é a única pessoa cujo chamamento salvou a igreja da derrota e do atraso. Enquanto os israelitas pela segunda vez estavam avançando em direcção ao Jordão e entraram na terra prometida, enfrentaram tal como foi notado no capítulo oito, o temível poder militar dos amorreus e Ogue, rei de Basã. Estas forças "... encheram os israelitas de terror, que estavam mal preparados para um encontro com forças bem armadas e disciplinadas". *Patriarcas e Profetas*, 457. A multidão olhou para o poder do inimigo e comparou-o com os seus recursos e capacidades e sentiram que estavam perdidos. Por fazerem isso, demonstraram tão grande ignorância acerca dos caminhos de Deus como fizeram os seus pais em Cades.

O que deviam ter feito era calmamente raciocinar que o Senhor era o seu Guia; que os tinha trazido a este lugar; Ele não foi apanhado de surpresa pela posição e poder do inimigo; e portanto havia feito total provisão para tratar a situação. Naquelas circunstâncias teria tranquilamente esperado até que o Senhor revelasse o Seu plano, e então teriam avançado em fé para lhe obedecer à letra.

Pelo contrário, na sua incredulidade, estavam no limiar de fazer os seus próprios planos a fim de enfrentar a crise. Isto teria sido um desastre para a causa, com outra geração a voltar atrás para perecer no deserto e outra longa espera imposta à obra.

Neste momento crítico houve um homem, apenas um, que não participou dos sentimentos do povo. Esse homem foi Moisés — o guia de Israel divinamente apontado que não comparou a força do inimigo com Israel, mas com Deus.

"Mas Moisés conservava seu olhar fixo na coluna de nuvem, e acoroçoava o povo com o pensamento de que o sinal da presença de Deus ainda estava com eles." *Idem*, 457.

Isto teve o mesmo efeito sobre o povo que o discurso de Pedro teve na primeira Igreja Cristã. Isso mudou toda a cena da dúvida e desânimo para a coragem e esperança.

"A fé calma de seu chefe inspirava ao povo confiança em Deus. Em tudo contavam com Seu onipotente braço, e Ele os não desamparou. Nem poderosos gigantes, nem cidades muradas, exércitos armados, nem pétreas fortalezas, poderiam subsistir perante o Capitão das hostes do Senhor. O Senhor guiou o exército; o Senhor desbaratou o inimigo; O Senhor venceu em prol de Israel. O rei gigante e seu exército foram destruídos; e os israelitas logo tomaram posse de todo o país. Assim se obliterou da terra aquele povo estranho, que se dera à iniquidade e à idolatria abominável." *Idem*, 459.

Assim uma voz vibrante de fé e operando em íntima harmonia com os princípios divinos, exerceu uma influência que voltou o curso da história para o correcto canal e afastou outra longa espera.

Isto indica o que podia ter sucedido se Moisés adoptasse o mesmo caminho quando o povo em Cades propôs que os espias espiassem a terra e planeassem o ataque. Quando o povo trouxe

o pedido a Moisés, a sua voz podia ter sido ouvida apelando à congregação para lembrar a forma como Deus tão fiel e vitoriosamente os levou até ali, como Ele tinha já formado o plano de invasão, e o dever deles era simplesmente receber e executar os planos que Ele tinha formado para eles. Moisés podia tê-los instruído sobre a terrível natureza do pecado de usurpar o lugar de Deus e das terríveis consequências de uma tal acção.

Isto é o que ele podia ter feito mas não fez nesse momento de oportunidade. É completamente possível que o povo tivesse dado ouvidos a tais conselhos lógicos e escriturísticos. Eles sabiam pela experiência do passado o que Deus era capaz de fazer e a Sua maravilhosa capacidade para solucionar os seus problemas. Portanto eles podiam ter-se relacionado com o que Moisés lhes *podia* ter dito. Mas quando não o fez, colocou os pés deles inexoravelmente na vereda das invenções humanas com todas as assombrosas consequências que isso ocasionava.

Alguns podem perguntar porque o próprio Deus não argumentou estes pontos com o povo. O Senhor não podia falar com eles directamente. Ele dependia de Moisés como Seu porta-voz e quando Moisés falhou em adoptar o procedimento correcto, então Deus foi deixado sem escolha senão conceder ao povo o que ele queria. Que tragédia foi essa apenas por causa da falta de uma clara, sonante voz de positiva convicção, uma geração inteira foi perdida no deserto e quarenta anos de atraso foram impostos à obra de Deus.

Contudo, isto não quer dizer que a culpa repousa somente sobre Moisés. O próprio povo devia ter aprendido muito tempo antes quais eram os caminhos de Deus e devia tê-los seguido fielmente. Mas quando demonstraram que não aprenderam, então a responsabilidade de Moisés era manter-se firme pelos procedimentos de Deus e encorajou o povo a fazê-lo do mesmo modo. Teria então sido a sua influência que podia ter invertido o curso da história na direcção certa. A responsabilidade final repousou sobre ele.

O concílio em Jerusalém realizou muito mais do que estabelecer a disputa sobre a circuncisão e outros elementos da lei cerimonial. Ele abriu os olhos aos dirigentes em Jerusalém para o princípio que Deus é o Guia do Seu povo; "... que Seus obreiros devem ser talhados e moldados, não segundo as idéias do homem, mas segundo a semelhança divina". *Actos dos Apóstolos*, 402.

Deus verdadeiramente realizou uma maravilhosa obra nesse concílio. Os dirigentes que tinham estado tão determinados a dirigir a obra em favor de Deus, viram que estavam a seguir procedimentos que teriam prejudicado em vez de ajudar a obra e eles profundamente se arrependeram do caminho errado.

"Havia entre os presentes a essa reunião, alguns que haviam criticado severamente os métodos de trabalho seguidos pelos apóstolos sobre quem repousava o principal encargo de levar o evangelho ao mundo gentio. Mas durante o concílio, sua visão do propósito de Deus se tinha ampliado, e eles se uniram a seus irmãos em fazer sábias decisões que tornaram possível a unificação de todo o corpo de crentes." *Actos dos Apóstolos*, 401.

Assim no concílio, houve uma maravilhosa libertação das antigas ideias e teorias. O povo deu o passo gigante para fora de Babilónia. A forma do homem dirigir a igreja em que ele é o director, solucionador de problemas, planeador, e portador de fardos, foi abdicado em favor do método de Deus. A correcção da sua escolha foi justificada pelo maravilhoso avanço na causa de Deus que imediatamente se seguiu. Grande luz adicional foi recebida, o evangelho penetrou novas regiões, e milhares foram acrescentados ao movimento. Toda a promessa dessa igreja entrar no repouso de uma completa finalização da obra, estava no processo de cumprimento. Eles tinham sido colocados no caminho certo e estavam salvos enquanto fielmente se guardassem contra qualquer retrocesso. Porém, se permitissem que esse problema mortal se levantasse, estavam condenados ao fracasso.

Deus não esperou que os primeiros cristãos estivessem completamente convertidos dos caminhos babilônicos antes de os dotar com o Espírito Santo e estabelecê-los no Seu movimento. Evidentemente, ter-Lhe-ia sido impossível fazer tudo isto se eles não Lhe tivessem dado até certo ponto o Seu legítimo lugar como Planeador. O Seu propósito era conduzi-los até os Seus caminhos estarem completamente estabelecidos entre eles e completamente separados de Babilónia, depois do que era a sagrada responsabilidade deles assegurar que não houvesse retrocessos. Para alcançar isto Ele usou a oportunidade fornecida no concílio e na disposição de Pedro ser o Seu porta-voz. Nessa ocasião, os crentes aprenderam bem a lição. Todavia, o trágico resultado foi que quando tiveram a mais pequena desculpa para regressar aos seus próprios caminhos outra vez, regressaram, e, fazendo-o, mudaram o curso da história de uma vitória divina para assegurar o certo desenvolvimento de Babilónia e a longa demora no regresso de Cristo.

## Outro Retrocesso

Já foi referido que quando Paulo regressou a Jerusalém no final da sua última viagem missionária, detectou um espírito nos dirigentes da igreja que estava fora da harmonia com o que tinha encontrado entre os crentes gentios. Esta condição não se tinha desenvolvido num momento, mas tinha-se arrastado insidiosamente durante alguns anos. Embora as suas vítimas não compreendessem o que tinha acontecido dentro de si, isto não tornou o mal menos real ou destruidor. É importante que nós que vivemos nos dias finais profundamente compreendamos tanto a natureza do problema como a forma como ele se desenvolveu.

Quando, no concílio em Jerusalém, os dirigentes viram os princípios e os aceitaram, tinham começado a mover-se na direcção certa. A sua futura prosperidade agora dependia de manterem esse caminho não importava quais as pressões que fossem colocadas sobre eles. Muitas almas foram ganhas e o evangelho penetrou em regiões até aí não penetradas. Estes desenvolvimentos confirmaram a correcção da nova tomada de posição, e devia tê-los selado para sempre de quaisquer retrocessos.

Neste ponto, eles teriam sido grandemente ajudados se tivessem visto a sua experiência em relação com acontecimentos na sua própria história em vez de um incidente isolado, porque então teriam compreendido que o resultante aumento de tensão futuro na igreja não era mera coincidência, mas a segura operação da lei divina. A sua própria experiência teria confirmado o testemunho dado por Deus no tratamento com os seus antepassados que os Seus caminhos são totalmente dignos de confiança. As Escrituras não revelam se eles viram esta ilustração mais ampla ou não. A evidência contida na sua história posterior indica que não viram, ou, se viram, muito depressa esqueceram a lição.

Isto é provado por terem seguido o familiar padrão adoptado por Josué e muitos outros, de retrocederem dos caminhos de Deus para os seus próprios caminhos quando, como de costume, não havia desculpa para o fazerem. Se a obra tivesse sofrido graves contrariedades e sido assediada por problemas aparentemente insolúveis, talvez houvesse razão para pôr em causa os procedimentos que tinham sido colocados em operação, mas quando o verdadeiramente oposto tinha resultado, nenhuma justificação foi dada para retroceder aos métodos que tinham manifestamente restringido a obra exactamente como a história tinha testemunhado que eles fariam.

Aqui está o relato desse retrocesso e a altura em que isso aconteceu.

“Posteriormente, quando se tornou claro que os conversos dentre os gentios estavam aumentando rapidamente, houve alguns poucos dentre os irmãos dirigentes em Jerusalém que começaram de novo a acariciar seus anteriores preconceitos contra os métodos de Paulo e seus companheiros. Esses preconceitos se fortaleceram com o passar dos anos, até que alguns dos dirigentes determinaram que a obra de pregar o evangelho devia daí por diante ser dirigida de acordo com as suas próprias ideias. Se Paulo conformasse seus métodos a certa orientação por eles advogada, reconheceriam sua obra e a sustentariam; de outra sorte não mais a veriam com favor nem lhe concederiam a manutenção.” *Actos dos Apóstolos*, 401.

As impressões celestiais recebidas por aqueles homens no concílio em Jerusalém que os havia levado a reconhecer Deus como Planeador e Guia de cada obreiro diminuiu à medida que o tempo ia passando. A velha disposição papal de governar os seus conservos reafirmou-se até estarem *decididos* que a obra do evangelho devia ser levada avante de acordo com as suas próprias ideias. Estavam possuídos de um propósito para dominar e dirigir os obreiros na igreja. Eles criam que eram pessoalmente responsáveis perante Deus para fazerem isto e que a igreja cairia rapidamente na ruína se eles não o fizessem. Estavam cegos para a gravidade da posição que tinham tomado, pouco compreendendo que estavam directamente a usurpar o lugar de Deus entre o Seu povo. Eles estavam a semear aquelas sementes más que dariam uma sinistra colheita na terrível era de domínio papal durante a Idade das Trevas.

“Esses homens haviam perdido de vista o facto de que Deus é o Mestre de Seu povo; que cada obreiro em Sua causa deve alcançar uma experiência pessoal em seguir o divino Líder, e não em buscar dos homens guia directa; que Seus obreiros devem ser talhados e moldados, não segundo as ideias do homem, mas segundo a semelhança divina.” *Idem*.

A perda da sua capacidade de avaliar correctamente a verdadeira natureza da sua obra não diminuiu o mal nela contido. Quando um homem bebe um copo de veneno, o efeito mortal não é anulado pela sua ignorância do que ele é. De uma maneira ou de outra ele morre agonizando. Por isso quando aqueles homens introduziram os princípios papais do homem acima do homem no lugar de Deus, ameaçaram a igreja com perigo terrível. Se os dirigentes não se arrependessem depois de tomada esta posição, a única esperança para a igreja em geral era rejeitar a sua autoridade.

Aqueles dirigentes tinham perdido de vista os princípios contidos no ministério de Cristo e estavam trabalhando para estabelecer no seu lugar o mistério da iniquidade. Apesar de não estarem *conscientemente* em guerra contra a causa de Deus, isto é o que eles *de facto* estavam a fazer. Eles estavam “*desejosos* de salvaguardar os melhores interesses da igreja cristã...” *Idem*, 400. Porém o que eles desejavam fazer não alterava o que estavam a fazer realmente. Um dos enganos mais eficazes usados por Satanás é a sua persuasão que o zelo pela causa de Deus que leva uma pessoa a entregar as suas melhores energias e a devotar os seus recursos à promoção da obra é garantia positiva que é um filho de Deus. Os verdadeiros seguidores do Senhor manifestam verdadeiramente este espírito, mas é possível “ter o zelo de Deus, mas não com entendimento”. *Romanos* 10:2.

Quando o zelo por Deus não é acompanhado por esse conhecimento e sabedoria que vêm de cima, o engano é aumentado pelo aparente sucesso conseguido. O movimento crescerá em força numérica e financeira mas apenas porque atrai uma classe de povo que ama uma religião que lhes oferece o céu como recompensa das suas próprias obras. Não será o tipo de sucesso que se seguiu ao grande concílio em Jerusalém quando almas verdadeiramente espirituais eram acrescentadas à igreja.

Será difícil para muitos distinguir os resultados obtidos de seguir os procedimentos de Deus e os conseguidos pela adopção dos procedimentos do homem. Por esta razão não é seguro usar estes resultados como prova que os métodos adoptados são certos. O único caminho seguro é tornar-se profundamente conhecedor dos caminhos de Deus e segui-los independentemente de

qual seja o resultado. Nenhuma responsabilidade repousa sobre o crente por qualquer consequência que resulte da estrita obediência às ordens celestiais. Mas quando os membros da igreja tomam sobre si mesmos o planeamento da obra, então todo o mal que se segue é-lhes atribuído.

“Os embaixadores de Cristo nada têm que ver com as consequências. Devem cumprir seu dever e deixar os resultados com Deus.” *O Grande Conflito*, 608.

Em primeiro lugar, então, o cristão que compreende os princípios do repouso do sábado não determinará alcançar objectivos particulares em número de contactos missionários, estudos bíblicos dados, almas “salvas”, ou dinheiro conseguido. Ele concentrar-se-á na aprendizagem de como compreender e seguir o programa de Deus para a sua vida. Depois de saber que está a fazer a vontade do seu Mestre, pode compreender que o sucesso resultante é uma confirmação dos procedimentos seguidos. Ele compreenderá que apenas quando o sucesso é o resultado do correcto procedimento pode ser garantida a presença e bênção de Deus.

Deus, no Seu grande amor e misericórdia, ensinou estas coisas aos dirigentes da igreja nos dias de Paulo e era o seu dever nunca as esquecer. Eles eram homens zelosos e diligentes, mas quando viram a reacção hostil dos judeus à mensagem e métodos de Paulo, sentiram que ele e os seus coobreiros estavam a colocar a igreja em perigo. Isto tentou-os a tomarem o assunto sob a sua própria autoridade e operaram com todo o seu poder para solucionar estas dificuldades. Esqueceram que não tinham nada a ver com as consequências; que a sua responsabilidade terminava com o conhecimento e execução da vontade do seu divino Guia.

Formaram soluções nas suas próprias mentes as quais insistiam que deviam ser seguidas pelos obreiros no campo. Inicialmente, acariciaram a ideia que a autoridade e respeito pela sua posição levaria os obreiros a conformarem-se com as suas directivas, mas, quando isto não aconteceu, recorreram ao uso da força tanto quanto estava ao seu alcance, na crescente determinação de “salvar a igreja”. Ameaçaram retirar o apoio a Paulo e seus seguidores.

“Se Paulo conformasse seus métodos a certa orientação por eles advogada, reconheceriam sua obra e a sustentariam; de outra sorte, não mais a veriam com favor nem lhe concederiam a manutenção.” *Actos dos Apóstolos*, 401.

Estas tácticas têm encontrado considerável sucesso sempre que são usadas. As únicas almas que podem resistir a tais pressões são aquelas que têm um sólido conhecimento dos caminhos de Deus e uma inflexível determinação de os seguir. Homens que recorrem a estes métodos são desse modo identificados como inimigos de Deus e da Sua igreja, não importa quão bem relacionados, sinceros, zelosos, abnegados, ou diligentes eles possam ser.

Essa foi a posição a que aqueles homens permitiram ser impelidos sob a subtil orientação de Satanás. Uma vez que o povo geralmente partilhava consigo a crença que eles eram os modelos da justiça, estavam realmente servindo o inimigo pondo a igreja em perigo.

Pelo seu curso de acção, Deus estava a ser substituído como Cabeça do Seu próprio corpo. Assim repetiram o pecado cometido pelos seus pais operando para colocar o homem na igreja no lugar de Jeová e, ao fazerem isso, literalmente lançaram os fundamentos sobre os quais Babilónia edificaria o seu poder. Tão enganados estavam, que não puderam ver como o caminho que aos seus olhos libertaria a igreja desses homens “perigosos” como Paulo, seria pelo contrário a garantia da sua total conversão ao serviço de Satanás. Do brando e terno servo de Deus, seria transformado no mais cruel opressor que a história já conheceu — o papado.

Enquanto este espírito se desenvolvia nos dirigentes, o Supremo Mestre estava a operar através de Paulo para contrariar estas influências. Ao inspirado apóstolo eram dadas maravilhosas revelações sobre o mistério de Deus que, se fielmente seguidas, assegurariam a rápida conclusão da missão da igreja. Quebraria o poder dos homens dirigentes e libertaria os crentes da sua influência.

Assim duas poderosas forças estavam contendendo pela supremacia na igreja primitiva. Dum lado estava Cristo que estava operando através dos Seus delegados mensageiros — Paulo e seus fiéis seguidores — para estabelecer o todo-poderoso mistério de Deus. Por outro lado, Satanás, tendo enganado os dirigentes da igreja, estava a trabalhar a fim de estabelecer o mistério da iniquidade. O futuro da igreja dependia de qual destas forças em contenda ganhasse a supremacia. Se Cristo prevalecesse, a igreja rapidamente cumpriria a sua tarefa, o fim viria, e o Salvador regressaria. Contudo, se as forças das trevas ganhassem o controlo, uma longa espera seria imposta durante a qual a humanidade estaria sujeita a inexprimível opressão e ignorância.

Para a causa de Deus ter êxito, era essencial que Paulo e os outros obreiros mantivessem a correcta relação com o seu divino Guia olhando para Ele somente em busca das suas ordens gerais e específicas. Nunca deviam ter-se submetido à autoridade dos dirigentes que estavam determinados a tomar para si o lugar de Deus. Durante anos Paulo permaneceu fiel a este princípio, em que durante esse período a sua obra foi marcada com maravilhoso sucesso e estava a salvo das maquinações dos seus inimigos.

“Em seu ministério, o apóstolo Paulo tinha ensinado o povo não com ‘palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder’. As verdades que proclamava tinham-lhe sido reveladas pelo Espírito Santo; ‘porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. As quais’, declara Paulo, ‘também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as coisas espirituais’.

“Através de seu ministério, Paulo tinha buscado de Deus guia directa. Ao mesmo tempo, tinha sido muito cuidadoso em trabalhar em harmonia com as decisões do concílio geral de Jerusalém; e como resultado, as igrejas ‘eram confirmadas na fé, e cada dia cresciam em número’. E agora, não obstante a falta de simpatia mostrada por alguns, encontrava conforto na tranquila consciência de que havia cumprido seu dever ao encorajar em seus conversos um espírito de lealdade, generosidade e amor fraternal, como se revelou nessa ocasião nas contribuições liberais que lhe foi possível colocar diante dos anciãos judeus.” *Idem*, 402.

Assim Paulo testificou que nada pregou que viesse de si mesmo mas apenas aquilo que lhe tinha sido dado de cima. Ele foi um servo fiel, nunca esquecendo a sua correcta relação com o Pai celestial. Em nenhuma circunstância ele se colocaria no lugar de Deus, nem permitiria que outros se pusessem entre ele e o seu divino Guia. Sendo cuidadoso em trabalhar em harmonia com as decisões do concílio geral em Jerusalém não havia violação deste princípio da sua parte, mesmo apesar de alguns citarem este facto para defender a afirmação que os membros da igreja devem obedecer fielmente às decisões tomadas pelos irmãos dirigentes. Nesse concílio, os delegados nada mais tinham feito do que reconhecer e aceitar as decisões apresentadas por Jeová. Paulo, portanto, naturalmente trabalhou em estrita harmonia com as posições ali tomadas; um caminho que ele não teria prosseguido se o concílio tivesse defendido as maquinações humanas.

A sua tomada de posição é um exemplo que ensina a necessidade de prestar atenção apenas àqueles conselhos que são recebidos do Mestre Arquitecto. Por esta razão, uma pessoa pode achar-se capaz de trabalhar em harmonia com as decisões tomadas pelos dirigentes da igreja numa dada altura mas não noutras.

Este é o motivo pelo qual o testemunho que se segue foi escrito:

“Que estes homens deviam manter-se num sagrado lugar, para serem como vozes de Deus para o povo, tal como cremos que a Conferência Geral devia ser, — isso é passado.” *General Conference Bulletin*, 3 de Abril de 1901.

Era Paulo que estava certo — não os dirigentes que incessantemente o criticavam e culpavam das dificuldades da igreja. Ele caminhava pela vereda que Deus lhe tinha indicado, e, como um



resultado directo, “as igrejas eram ‘estabelecidas na fé, e cresciam em número diariamente’”. *Actos dos Apóstolos*, 402.

O movimento estava avançando em direcção ao sucesso final apesar da bem-intencionada, mas prejudicial tomada de posição dos dirigentes centrais. Mesmo apesar de conscientes da liderança, protecção, e bênção de Deus, Paulo sentiu muito vivamente a desunião entre ele e estes homens. O seu brando espírito terno clamava por harmonia entre si e eles, especialmente quando se tratava de Tiago o irmão de Cristo.

Durante alguns anos a batalha continuou sem que uma das partes alcançasse por si a autoridade. Quando Paulo regressou a Jerusalém pela última vez para apresentar as ofertas liberais do campo e relatar as maravilhosas providências de Deus, o Espírito Santo aproveitou a oportunidade para apelar uma vez mais para estes bons, mas mal orientados homens. Ele desejou restaurar neles o que tinham recebido previamente no grande concílio mas que tinha sido perdido quando retrocederam para os princípios humanos outra vez.

Esse é o maravilhoso amor de Deus que está sempre a procurar perdoar e restaurar. Aqueles homens estavam sem desculpa, exactamente como nós estamos hoje. Tinham experimentado a mão orientadora do Senhor, sabiam que Paulo fora especialmente escolhido para pregar o evangelho entre os gentios e que ele estava actuando sob directa inspiração, e por conseguinte, devia ser deixado ao cuidado da Cabeça da igreja que o tinha chamado e comissionado. Contudo, apesar da voluntária rejeição destes princípios, o Senhor ainda desejava salvá-los se pudesse. Esta foi a razão pela qual, quando Paulo estava na presença deles, o Espírito Santo falou com um poder e franqueza que não podia ser ignorado.

“Após a apresentação das ofertas, Paulo ‘contou-lhes por miúdo o que por seu ministério Deus fizera entre os gentios’. Esta exposição de factos levou aos corações de todos, mesmo dos que tinham estado a duvidar, a convicção de que a bênção do Céu tinha acompanhado o seu trabalho ‘e ouvindo-o eles, glorificaram ao Senhor’. Eles sentiram que os métodos de trabalho seguidos pelo apóstolo levavam o sinete do Céu. As liberais contribuições que tinham perante si, acrescentavam peso ao testemunho do apóstolo no tocante à fidelidade das novas igrejas estabelecidas entre os gentios. Os homens que embora contados entre os que tinham o encargo da obra em Jerusalém, tinham insistido em que se adoptassem arbitrárias medidas de controle, viram o ministério de Paulo sob nova luz, e ficaram convencidos de que seu próprio procedimento tinha sido errado, que haviam estado escravizados pelas tradições e costumes judaicos, e que a obra do evangelho tinha sido grandemente embaraçada por não haverem reconhecido que o muro de separação entre judeus e gentios tinha sido derribado pela morte de Cristo.” *Actos dos Apóstolos*, 403.

O Espírito Santo não pediu que as partes em conflito percorressem apenas metade do caminho. A posição de Paulo estava em total harmonia com os caminhos de Deus, assim o Senhor exigia que não houvesse concessões da parte dele mesmo embora com o seu espírito verdadeiramente cristão, tivesse uma maior disposição de as fazer, enquanto eles, com o espírito que tinham, não mostraram inclinação para abandonar os seus erros. Isto foi provado pelo facto que Paulo cedeu às suas exigências até certo ponto, enquanto eles não mostraram verdadeira vontade de responder às convicções geradas dentro de si pelo Espírito Santo. A terrível consequência foi desastre para a igreja e para todo o mundo.

Qualquer que fosse a extensão da obra deles era o fruto da invenção humana, aqueles dirigentes não tinham contribuição a dar à obra de Deus. Pelo contrário, eles retardaram e prejudicaram a causa.

Falhar em compreender este ponto cria problemas de tal amplitude que privará muitos do reino, porque nenhum ensinamento, prática, teoria, ou ideia, tem qualquer lugar no movimento de Deus se tiver origem em invenções humanas. Isto não é por Deus ter reservado a posição de planeador para Si somente, mas porque o homem não possui a capacidade para planejar a obra

do Senhor por Ele. Contudo é prática comum as pessoas dedicadas apontarem-se para a posição de solucionador de problemas, e depois lutarem a fim de imporem as suas soluções aos outros. O curso deste desenvolvimento frequentemente funciona como se segue:

Durante o declínio do antigo movimento, alguns dos seus membros, ficam cada vez mais preocupados por causa da multiplicação dos males que se fortalecem na igreja, mas inicialmente nada fazem porque têm inabalável confiança que os dirigentes colocarão tudo em ordem.

Contudo, a compreensão eventualmente falta de que os dirigentes, embora sejam dedicados e sinceros, são incapazes de inverter a descida. Completamente alarmados e violentamente despertados, um pequeno número é convencido que algo tem que ser feito. Sentem que é imperativo que uma reforma se inicie no nível inferior da organização sob a competente direcção de alguém que não o presidente e seus oficiais. Os membros da igreja são chamados à estrita obediência a todos os mandamentos de Deus.

Por toda a terra, pequenos grupos surgem, cada com um auto-designado dirigente como sua cabeça. A sua implacável condenação dos pecados da igreja requer que eles obedeçam a todos os mandamentos irrepreensivelmente, e a isto eles se dedicam. Ignorantes da salvadora verdade que só aqueles que foram transformados pela residente presença de Cristo podem obedecer à lei, desenvolvem um sistema de rígido legalismo — a religião dos fariseus — uma tentativa de justiça pelas suas próprias obras. Isso não traz satisfação nem física nem espiritual. Consequentemente, os seus aderentes estão sempre a procurar fazer algo que possa ainda ser acrescentado para tornar a sua obra completa.

Entretanto, Deus chama o Seu próprio mensageiro, equipando-o não com uma mensagem de condenação, mas com um salvador, restaurador evangelho de Jesus Cristo, e envia-o a proclamar a única solução para os problemas da humanidade. Esta vigorosa descrição do caminho da salvação de Deus atrai a atenção e provoca o interesse dos grupos reformadores. Eles saem a fim de ouvir, e são agitados com o que ouvem, mas falham em compreender que não podem aceitar o evangelho e continuar a reter sua própria mensagem. Eles tomam a posição que também têm uma mensagem e que portanto, as duas deviam ceder metade. Eles fazem saber que se o pregador do evangelho aceitar as suas reformas, ficam satisfeitos por aceitar a sua mensagem.

Eles crêem que o verdadeiro mensageiro do Senhor está a pregar uma mensagem desproporcionada que dá ênfase ao evangelho à custa da obediência à lei. Portanto, eles consideram que ele deve aceitar a sua posição e trabalhar a fim de dar à lei o seu lugar devido.

Mas o verdadeiro povo de Deus não tem concessão a fazer aos assim chamados reformadores. A religião dos fariseus não tem mais lugar entre os fiéis filhos de Deus agora do que tinha nos dias de Cristo. Humilhante como possa ser para o seu orgulho, o facto é que não têm contribuição a fazer à causa de Deus, nem têm qualquer intenção real de juntar o verdadeiro evangelho ao seu movimento. As pessoas nunca aceitam o evangelho vivo na condição que outro receba algo que eles estejam ensinando. A verdade deve ser incorporada na vida por nenhuma outra razão senão por ser a verdade. Nenhuma honra é concedida ao evangelho quando os homens declaram que o aceitarão desde que o portador da verdade vá ter com eles a meio caminho, aceitando algo que eles tenham “descoberto”. Isso é um insulto para a palavra de Deus pois manifesta um orgulho e arrogância humano que é uma abominação ao Senhor.

Não era necessário que Paulo fizesse qualquer compromisso, ou qualquer concessão aos dirigentes em Jerusalém. Pelo contrário, como baluarte contra a disseminação do mistério da iniquidade na igreja, Deus dependia dele para se manter firme contra os esforços dos dirigentes para o colocar sob a sua jurisdição. De nenhuma maneira devia ele render-se às suas exigências aceitando as soluções deles para os problemas na igreja.

Ele devia olhar para a sua Divina Cabeça e nenhuma outra, tal como tinha feito até essa altura.

Hoje, Deus semelhantemente espera que o Seu povo a quem deu a última mensagem de advertência, recuse fazer qualquer compromisso com outros movimentos cujas origens são o

produto da invenção humana. A viva verdade não vem através destes grupos, porque Deus não usa como Seus canais aqueles que seguem procedimentos humanos para edificar a Sua obra.

Quando Paulo, perante os dirigentes em Jerusalém, apresentou as ofertas liberais dos crentes gentios e testificou as coisas maravilhosas que o Senhor tinha feito, os poderes da luz e das trevas chegaram a uma directa confrontação. O mistério de Deus e o mistério da iniquidade estavam face a face. Foi um momento crítico na história, porque o futuro estava a ser decidido.

Das várias possibilidades que podiam acontecer a mais desejável era que sob o convincente poder do Espírito Santo, os anciãos humildemente reconhecessem o seu erro, abandonassem pela segunda e última vez os princípios papais do homem sobre o homem em lugar de Deus na igreja e se unissem a Paulo e a outros obreiros. Isto contribuía para uma retumbante derrota para Satanás e suas forças, conseqüente morte do ministério da iniquidade na igreja e eventualmente em todo o mundo. Rapidamente a obra seria terminada e Cristo teria regressado.

Foi dada a estes homens toda a oportunidade de darem este passo. O Espírito Santo, poderosamente presente, foi capaz de lhes revelar a verdadeira natureza da sua posição e convencê-los da sua necessidade de arrependimento e abandono de seu pecado. Foram deixados sem desculpa para não adoptarem o caminho certo.

“Foi esta uma áurea oportunidade para todos irmãos dirigentes francamente confessarem que Deus operara por Paulo e que haviam por vezes errado, permitindo que os boatos do inimigo despertassem neles inveja e preconceito.” *Idem*, 403.

Com grande amor e habilidade, Deus trouxe aos dirigentes esta oportunidade para obterem total libertação dos grilhões do pecado que os prendiam. Tivessem eles feito a escolha correcta, quão diferente teria sido a história tanto da igreja como do mundo.

“Mas em vez de se unirem num esforço a fim de fazer justiça àquele que fora ofendido, deram-lhe um conselho que revelava nutrirem ainda a ideia de que Paulo devesse ser em grande parte responsabilizado pelos preconceitos existentes. Não se puseram nobremente ao lado dele para defendê-lo, esforçando-se por mostrar aos desgostados irmãos onde eles próprios estiveram errados, mas procuraram criar um compromisso aconselhando-o a seguir um caminho que na opinião deles removeria toda causa de equívoco.

“‘Bem vês, irmão,’ disseram em resposta a seu testemunho, ‘quantos milhares de judeus há que crêem, e todos são zeladores da lei. E já acerca de ti foram informados de que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem circuncidar seus filhos nem andar segundo o costume da lei. Que faremos pois? Em todo o caso é necessário que a multidão se ajunte; porque terão ouvido que já és vindo. Faze pois o que te dizemos: Temos quatro varões que fizeram voto. Toma estes contigo, e santifica-te com eles, e faze por eles os gastos para que rapem a cabeça, e todos ficarão sabendo que nada há naquilo de que foram informados acerca de ti, mas que também tu mesmo andas guardando a lei. Todavia, quanto aos que crêem dos gentios, já nós havemos escrito, e achado por bem, que nada disto observem; mas que só guardem do que se sacrifica aos ídolos, e do sangue, e do sufocado e da prostituição.’” *Idem*, 403.

Excepto durante um pequeno período depois do concílio de Jerusalém, por toda a sua experiência na igreja cristã, estes homens foram guiados por uma determinação de dirigir ou controlar estes homens entre eles Paulo. Eles não viam que aquilo que estavam a fazer era errado, porque consideraram isso como sendo a sua sagrada responsabilidade, embora isto em nenhum sentido os desculpe ou torne correcto o seu procedimento. Que eles deviam emergir da igreja judaica com estas ideias era compreensível mas, que devessem persistir depois do Espírito de Deus lhes ter mostrado duas vezes o erro dos seus caminhos, demonstraram que não estavam dispostos a serem ensinados por Deus.

Quando Deus os convenceu pela primeira vez, mudaram os seus caminhos e viram os maravilhosos resultados no rápido aumento de membros e maiores revelações da verdade.

Quando esta segunda convicção veio devia tê-los sacudido na compreensão que tinham uma vez mais retrocedido dos caminhos de Deus para os seus. Eles deviam então ter-se arrependido rápida e profundamente do mal e dito a Paulo que dali em diante nunca interfeririam de novo com a sua missão divinamente apontada, nem se preocupariam com as consequências para a igreja, da pregação de Paulo que Deus lhe deu para pregar.

Mas tal como as suas palavras revelam, apegaram-se à sua determinação de colocar Paulo sob o seu domínio quando lhe disseram, “Faz portanto isto que *te dizemos*” em vez de lhe indicarem para fazer o que quer que *o Senhor* lhe ordenasse que fizesse.

A sua declaração era uma exigência directa que Paulo os aceitasse como seu planeador no lugar de Deus. Portanto, mesmo apesar de não compreenderem isto e seriam até os últimos a admiti-lo, estavam dedicados à construção do papado e destruição do mistério de Deus. No seu ponto de vista, era Paulo quem ameaçava a futura prosperidade e sucesso da igreja, não eles.

Repetidamente, por toda a história, Satanás tem ganho a vantagem na luta, simplesmente porque os filhos de Deus não têm sido capazes de perceber a verdadeira natureza do caminho que seguem. A última pessoa a quem eles pensavam estar a servir era o diabo. Consideravam-se a si mesmos os seguidores mais leais que o Senhor tinha. Assim os cristãos precisam estar bem cientes que estão em guerra — uma guerra em que eles devem ter a percepção espiritual para reconhecer as obras do inimigo. O facto que no passado não tiveram esta consciência espiritual tem levado muitos a trágicas derrotas.

Deus não deixa os Seus discípulos em trevas quando Satanás os pode enganar. Tal como fez pelos dirigentes na primitiva igreja cristã, Ele dá toda a luz necessária para manter os seus pés firmes no caminho certo. É a recusa deles em humilharem os seus corações, abandonarem as invenções humanas e caminhar na vereda que Senhor tão claramente traçou, que dá a vantagem ao inimigo.

Quando os dirigentes em Jerusalém sufocaram as convicções do Espírito, não havia forma de eles abandonarem os princípios errados e unirem-se aos apóstolos e seu Deus. Isto significava que a primeira e mais desejável alternativa já não era possível. Mas nem tudo estava perdido ainda. A opção seguinte era Paulo recusar resolutamente o compromisso com eles. O seu solene dever perante Deus era com gentileza, amabilidade, e respeito, informar aqueles homens que como só Deus era o seu Planeador, não podia fazer o que eles exigiam dele.

Paulo era o campeão do mistério de Deus. O Pai Eterno tinha especialmente dotado o apóstolo com a luz neste tema e tinha-o encarregado de proclamá-la em todo o mundo. Sobre este homem de Deus repousava a pesada responsabilidade de nunca permitir que o mistério da iniquidade influenciasse a sua vida. Satanás estava sempre em acção, procurando estabelecer uma cultura oposta na igreja, e Deus necessitava de um homem que compreendesse e resistisse às maquinações mortais do inimigo. Paulo era esse instrumento escolhido. Ele sabia isto e declarou-o em *Efésios* 3:1-11.

“Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios;

“Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;

“Como me foi este mistério manifestado pela revelação como acima em pouco vos escrevi;

“Pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo,

“O qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas;

“A saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho;

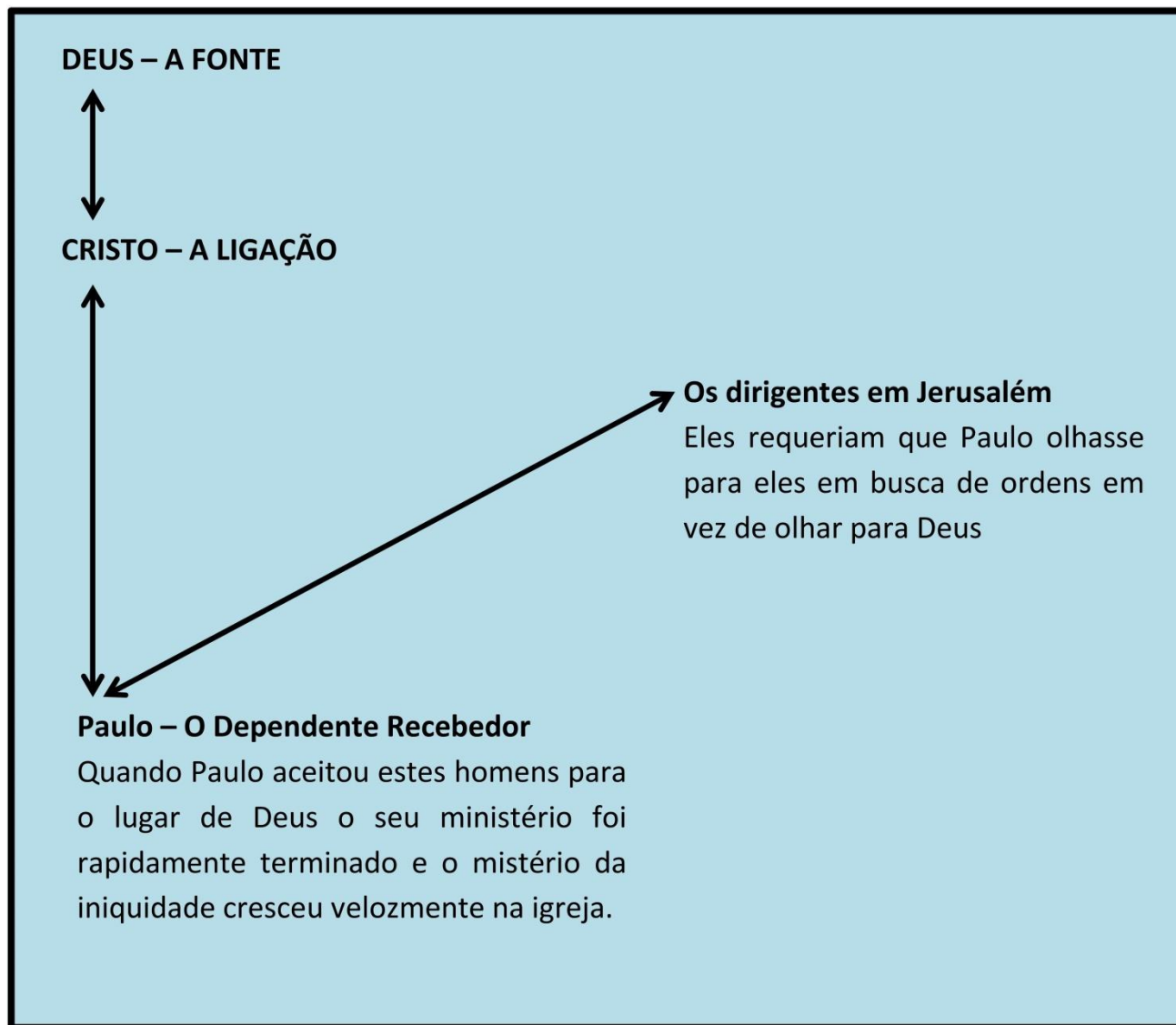
“Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do Seu poder.

“A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo.

“E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou;

“Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus,

“Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor.”



Durante o seu ministério, Paulo exerceu uma poderosa influência sobre a igreja. Enquanto ele continuasse a cumprir a sua missão divinamente apontada, não era possível o mistério da iniquidade tornar-se completamente estabelecido. Mas a oposição estava estrategicamente colocada e solidamente entrincheirada. Os campeões de Satanás não eram outros senão os dirigentes em Jerusalém. Que melhores agentes poderia ele ter recrutado? Estes eram homens de grande autoridade na igreja cristã e gozavam dum tremendo respeito dos crentes e davam toda a aparência de estarem totalmente comissionados ao serviço de Deus. Qualquer sugestão aos membros em geral que estes homens estavam trabalhando ao serviço de Satanás teria encontrado total espanto e descrença. Nada podia ter servido melhor o arqui-rebelde, porque, através destes homens ele estava determinado a destruir a obra de Deus pela instituição do sistema papal dentro da igreja. Ele podia fazer isto com muito sucesso se as pessoas relacionadas não estivessem cientes dos seus enganos.

Durante um número de anos enquanto Satanás fortalecia as suas forças na igreja levando os homens a uma maior e mais determinada posição, era incapaz de estabelecer a indiscutível supremacia porque Paulo consistentemente recusava aceitar os homens como seus planeadores no lugar de Deus. Durante este período, Paulo estava a maior parte das vezes separado dos irmãos dirigentes, estando muito distante nos limites da missão enquanto eles estavam em Jerusalém no centro da obra. Mas quando Paulo regressava dos postos da missão, havia uma confrontação directa entre eles. Eles não mostravam, evidentemente, um espírito hostil. Paulo exibia uma atitude de respeito por eles enquanto eles mantinham um comportamento muito digno e educado. Observadores teriam concluído que as relações entre as duas partes eram boas.

Era um momento historicamente crítico. Os dirigentes tinham tomado a sua decisão de não render o seu orgulho e vontade própria, por isso a total responsabilidade repousava sobre Paulo permanecer inabalável pelo direito. Se ele falhasse em fazer isto a segunda opção estaria perdida, ele seria removido da sua posição como baluarte contra a injustiça, e a igreja e o mundo estariam condenados às forças opressoras.

Tragicamente a segunda opção também foi perdida. Paulo não informou firmemente os dirigentes que não os podia aceitar como planeadores no lugar de Deus. Não lhes disse que deviam perguntar ao Senhor o que fazer, e então, após o recebimento dessas instruções divinas, obedecer-lhes somente. Isso é o que ele devia ter feito, mas não fez.

Ora, foi deixada apenas a terceira possibilidade que envolvia a aceitação por parte de Paulo das instruções deles para cumprir um voto no templo. Terríveis e duradouras deviam ser as consequências.

O cumprimento do voto no templo não era em si um grande e significativo acto, mas as suas implicações eram. A questão não era se a lei cerimonial devia ser obedecida, mas se Cristo ou o homem devia ser a cabeça da igreja. Do resultado desta decisão dependia o futuro do mundo para bem ou para mal.

Porque foi que aqueles preocupados e responsáveis dirigentes por um lado, e Paulo por outro, tomaram o caminho que tomaram?

Já foi mostrado que os homens dirigentes estavam mais dispostos a confiar nas suas próprias capacidades para dirigir a obra de Deus do que no poder de Deus para o fazer. Para eles, o ministério de Paulo tinha criado graves problemas que, sentiam eles, requeria soluções urgentes. Ele tinha gerado uma intensa hostilidade nos fariseus e nos saduceus que ameaçava explodir em terríveis perseguições. Muitos crentes morreriam, enquanto outros seriam desalojados e espalhados. Os dirigentes sabiam que eles mesmos não escapariam da ruína e sofrimento, e, na sua natureza humana, fugiram da provação.

Em Paulo, eles viam a causa de todos estes problemas, porque ele corajosamente proclamava a abolição da lei cerimonial e a sua substituição pelo antítipo do sacrifício e ministério sacerdotal de Cristo. Nenhum outro ensinamento com certeza inflamaria mais a animosidade dos judeus e iniciaria o seu implacável ataque à igreja Cristã do que este. Ignorando o facto que Deus, não Paulo, era o único responsável pelo que estava a ser proclamado, determinaram forçar o apóstolo a pregar como eles pensavam que ele devia. Havia definidamente um problema, mas em vez de o colocar inteiramente nas mãos de Deus decidiram eles mesmos tratar a dificuldade, confiando que Jeová aprovaria o seu zelo para proteger a Sua igreja dos efeitos das “imprudentes” actividades de Paulo.

Por isso foi idealizado um plano em que eles esperavam, daria aos judeus um diferente ponto de vista da posição e ensinamentos de Paulo. Indo ao antigo templo e realizando ali um rito da lei cerimonial, Paulo devia demonstrar que não queria dizer realmente o que ensinava. Pensava-se que isto tranquilizaria as multidões e evitava que a perseguição se soltasse, mas o povo não foi enganado. Não havia engano no claro ensinamento do apóstolo que eles reconheceram

correctamente como sendo um ataque aos antigos ritos judaicos. Foi uma solução humana para um problema da igreja e não resultou.

“Os irmãos esperavam que, seguindo Paulo o procedimento sugerido, pudesse contrariar de maneira decisiva as falsas notícias concernentes a ele. Asseguraram-lhe que a decisão do concílio anterior no tocante aos conversos gentios e à lei cerimonial, ainda vigorava. Mas o conselho agora dado não estava em harmonia com aquela decisão. O Espírito de Deus não ratificou esta instrução; foi ela fruto da covardia. Os líderes da igreja em Jerusalém sabiam que por se não conformarem com a lei cerimonial, os cristãos atrairiam sobre si o ódio dos judeus, e se exporiam à perseguição. O sínédrio estava fazendo o máximo para deter o progresso do evangelho. Por ele foram escolhidos homens para seguirem os apóstolos, especialmente Paulo, e por toda a maneira possível opor-se a sua obra. Se os crentes em Cristo fossem condenados pelo Sinédrio como quebrantadores da lei, seriam levados a sofrer imediata e severa punição como apóstatas da fé judaica.” *Actos dos Apóstolos*, 404, 405.

Estes homens estavam totalmente preocupados com as consequências. Ao fazerem isso tomaram sobre si mesmos a responsabilidade que pertence a Deus somente. “Os embaixadores de Cristo nada têm que ver com as consequências. Devem cumprir seu dever e deixar os resultados com Deus.” *O Grande Conflito*, 608.

A única questão que os devia ter preocupado era se estavam ou não a fazer a vontade de Deus. Em vez de tentarem controlar os resultados do fiel cumprimento de Paulo das ordens gerais e específicas, ter-lhe-iam dado todo o estímulo para continuar a sua obra com coragem e fortaleza de espírito. Era a responsabilidade deles darem-lhe apoio com as suas orações e meios enquanto corajosamente partilhavam com ele quaisquer perseguições e provações resultantes da sua obra.

“Os embaixadores de Cristo nada têm que ver com as consequências.” *Idem*.

Quando os membros da igreja de Deus finalmente reconhecerem e aceitarem este princípio em pleno, a obra avançará rapidamente até à finalização. Com demasiada frequência, os crentes têm aceite do Pai Celestial entusiasticamente a sua obra até verem uma grande tempestade ser gerada pelas suas actividades. Apreensivos, permitem que a sua atenção seja transferida das ordens de Deus e focada nos perigos que os ameaçam. Então ficam preocupados não com a sua responsabilidade de fazer o que Deus lhes deu para fazer, mas em resolver as consequências dessa obra. Nenhum erro maior podia ser cometido; nenhum caminho mais certo para retardar a obra.

Não importa quão aterradoras sejam as perspectivas, os cristãos nada têm que ver com as consequências. A única questão que lhes diz respeito é “O que é que Deus me destinou para fazer?” Isso não é fácil para os seres humanos, porque esta reacção vem apenas como um resultado de educação, e é retido pela protecção contra o persistente perigo de retrocesso.

Os dirigentes em Jerusalém não tinham aprendido essas lições. Não confiavam implicitamente em Deus, mas sentiram que Ele precisava deles para proteger a igreja do desastre. Por isso deram instruções a Paulo sobre o que ele devia fazer. Tinham um problema e fizeram-se solucionadores de problemas em vez de deixarem esta obra onde ela pertencia — nas aptas mãos de Deus. Assim eles falharam em responder aos rogos do Espírito de Deus e colocaram-se a si mesmos onde, tanto quanto mostram os relatos, nunca teriam nova oportunidade para alterar os seus maus caminhos.

Por outro lado, Paulo também tinha um problema.

“Muitos dos judeus que haviam aceito o evangelho acariciavam ainda certa deferência pela lei cerimonial, e estavam demasiado dispostos a fazer desavisadas concessões, esperando assim ganhar a confiança de seus concidadãos, remover seus preceitos e ganhá-los para a fé em Cristo como o Redentor do mundo. Paulo compreendeu que por todo o tempo em que muitos dos principiais membros da igreja em Jerusalém continuassem a manter o preconceito contra ele, procurariam constantemente prejudicar sua influência. Acreditava que se por alguma concessão

razoável pudesse ganhá-los para a verdade, removeria um grande obstáculo ao êxito do evangelho em outros lugares. Não se achava, porém, autorizado por Deus para ceder tanto quanto pediam.” *Idem*, 405.

Sempre que Deus envia uma mensagem através do Seu mensageiro escolhido, há os que o aceitam até certo ponto mas que são tardios em seguir todo o caminho. Antigos preconceitos continuam a batalhar pela supremacia e alguns, na sua disposição para renunciar ao passado, lutam para casar o novo com o velho. Inevitavelmente, isto leva-os a comprometer a verdade presente para evitar “ofender” os membros de quem se separaram que ainda desejam conquistar. Esta atitude que estava largamente espalhada nos dias de Paulo impôs sobre ele um severo fardo de tentação. Ele desejou a completa unidade com os irmãos dirigentes, vendo nesta realização a remoção de significativos obstáculos que travavam o avanço da obra. Ele sem dúvida tinha a tendência de se culpar a si mesmo por causa da necessidade e sentia que devia fazer alguma coisa a fim de ir ao encontro destes homens. Isto saiu de um profundo e humilde amor pelos seus irmãos e pela causa que o fez sentir compelido a fazer as concessões que fez.

Admiráveis como eram os motivos de Paulo, havia um caminho muito melhor para ele seguir. Ele devia ter cuidadosamente recordado o tratamento do Senhor com ele no passado e visto de novo como nada tinha feito senão o que lhe tinha sido dito para fazer. Ele não era responsável pela atitude dos dirigentes em que o espírito deles resultou da resistência à verdade presente. Paulo não tinha mudanças a fazer. A falta era inteiramente dos dirigentes.

Contudo foi o humilde, terno, dedicado, semelhante a Cristo Paulo que estava preparado para mudar, enquanto os dirigentes que deviam ter feito o ajustamento, não mostraram disposição para o fazer. Nesta ocasião crítica, aquele que tinha tão resolutamente recusado aceitar outra cabeça senão Cristo, afastou-se da vereda do estreito princípio e aceitou os planos que outros fizeram para ele. Assim ele entregou a sua posição como campeão do mistério de Deus e deu a vantagem aos opositores do Senhor. Ele mudou de direcção para ajudar na construção do papado.

Ao fazer isso, os motivos do espírito de Paulo eram indiscutivelmente puros e nobres. Ninguém pode julgá-lo nem julgar os dirigentes que o fizeram tropeçar, mas a natureza das decisões tomadas e os caminhos seguidos devem ser analisados de modo que os mesmos erros possam ser evitados nestes dias finais, pois conhecer os perigos que assediam a vereda é mais do que metade da batalha travada e ganha.

“Quando pensamos no grande desejo de Paulo em harmonizar-se com seus irmãos, sua bondade para com os fracos na fé, sua reverência pelos apóstolos que haviam estado com Cristo, e por Tiago, o irmão do Senhor, e seu propósito de tornar-se tanto quanto possível tudo para com todos sem sacrificar princípios — quando pensamos em tudo isto, surpreende menos que ele tenha sido constrangido a se desviar do caminho firme e decidido que até aí seguira.” *Idem*.

A pureza e justiça dos motivos de Paulo, não o salvaram nem à igreja das terríveis consequências dos seus compromissos. Este é um princípio importante. Todo o crente precisa de afastar a ideia que pureza de motivos santificará o procedimento errado, porque isto nunca pode ser verdade.

O plano indicado pelos dirigentes e seguido por Paulo era tão cheio de invenção humana como o formado por Israel em Cades-Barneia, e estava condenado ao fracasso. Nem Paulo nem os dirigentes alcançaram os seus objectivos. Eles apenas colocaram em movimento mais vigoroso as forças que deviam por fim reduzir a igreja à total apostasia e separação de Deus.

“Mas em vez de alcançar o objectivo desejado, seus esforços pela conciliação apenas precipitaram a crise, apressaram os sofrimentos que lhe estavam preditos, e resultaram em separá-lo de seus irmãos, privando a igreja de uma de suas mais fortes colunas, e levando a tristeza aos corações cristãos em toda a parte.” *Idem*.





*Uma pequena semente pode crescer numa terrível planta. A decisão dos anciãos em Jerusalém levou às trevas e perseguição da Idade Média.*

Quando esta crise chegou à igreja, as pessoas envolvidas não tinham ideia do mal que resultaria. Olhando para trás da posição vantajosa da visão do passado, podemos ver, como eles não podiam, o inevitável resultado de tomar uma decisão errada. Espera-se que nós correctamente leiamos e aprendamos as lições assim providas, exactamente como eles deviam ter lido correctamente as lições do seu passado. Se tivessem, teriam compreendido o seguro resultado do curso errado que estavam a seguir e parado antes de cometer um erro tão terrível. Aqueles que falham em aprender as lições da história estarão condenados a revivê-la.

Quais são, então, os terríveis resultados do caminho seguido ali no passado?

Primeiramente, trouxe um súbito fim ao ministério de Paulo. O plano de Deus para o apóstolo e para a igreja era que ele continuasse no serviço activo por alguns anos depois dessa altura, mas quando ele aceitou a insistência dos dirigentes em serem os seus directores espirituais, a questão era tirada das mãos de Deus. Ele não podia operar e não operaria um milagre para revogar os seus erros.

“O mesmo espírito está ainda produzindo os mesmos resultados.” *idem*, 417.

Esta somente era a maior tragédia, mas não era o pior que estava para vir. Quando uma pessoa deixa vago o posto que lhe foi atribuído pela escolha deliberada ou provocada pelo pecado, resultará sempre em grave perda para a igreja com obtenção de significativa vantagem por parte do inimigo. Isto é verdadeiro não só acerca dos obreiros de Deus na Terra, mas também acerca dos anjos celestiais. Por exemplo, quando Gabriel foi comissionado para lutar com o rei persa, não podia deixar esse lugar de dever a fim de responder à oração de Daniel até que o Senhor pudesse libertá-lo por algum tempo. Tivesse Gabriel deixado o seu posto, Satanás ter-se-ia

aproveitado da oportunidade proporcionada pela sua ausência para endurecer o coração do rei persa contra o plano de Deus para libertar o Seu povo.

“Seres celestiais são designados para responder às orações daqueles que estão trabalhando de modo altruísta para os interesses da causa de Deus. Os anjos mais elevados nas cortes celestiais são apontados para realizar as orações que estão ascendendo a Deus para o avanço da causa de Deus. Cada anjo tem o seu particular posto de dever, do qual não lhe é permitido partir para qualquer outro lugar. Se ele partisse, os poderes da trevas ganhariam vantagem....” *S.D.A. Bible Commentary 4:1173.*

A remoção de Paulo do seu posto de dever deu a Satanás uma tremenda vantagem. Ele estava jubiloso, porque percebeu que isto garantia o estabelecimento do papado no lugar da verdadeira igreja. Ele sabia que o tempo seria grandemente alargado e a possibilidade da sua obtenção da vitória no grande conflito, marcadamente aumentada.

O afastamento de Paulo não tirou apenas maior defesa contra as incursões do mistério da iniquidade — encorajou este mal. Os dirigentes da igreja tinham sempre mantido que Paulo estava errado e com o seu aprisionamento veriam a confirmação das suas convicções. Eles raciocinaram que Deus teria protegido Paulo de ser tomado pelos judeus e entregue aos romanos se estivesse sempre certo. Portanto, para a sua forma de pensar, o seu aprisionamento era evidência certa que Deus se tinha desagradado dele.

Por outro lado, ninguém do grupo deles teria sido preso ou removido do ofício que, criam eles, teria sido o caso se eles, e não Paulo, tivessem estado em erro.

Estes desenvolvimentos foram aceites como uma ordem para trabalhar com ainda maior determinação para reforçar a sua autoridade na igreja e isto conduziu ao aumento da separação de Deus. À medida que a espiritualidade na igreja diminuía, o poder dos dirigentes sobre o povo aumentava até o papado florescer completamente. Por isso Satanás foi bem sucedido em estabelecer o mistério da iniquidade na igreja, desse modo condenando a humanidade ao horror do longo reinado da supremacia babilónica. A transição não teve lugar de um dia para outro. Ele tão subtilmente se insinuou a si mesmo que poucos reconheceram a sua presença e perigo.

Um dos que reconheceu, foi o idoso apóstolo João. Depois da morte de Paulo escreveu dizendo: “... E este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há-de vir, e eis que está já no mundo.” *1 João 4:3.*

Nesta Escritura, João está a fazer uma directa referência ao ensinamento que nega que Jesus Cristo veio em carne. Alguns podem imaginar qual a relação existente entre isto e os acontecimentos que levaram ao aprisionamento de Paulo. Há uma relação muito íntima. Aqueles que negam que Cristo veio em carne, removem-n’O do Seu lugar de Ligação entre Deus e o homem, e por isso da Sua posição legítima como Cabeça da igreja. Feito isso, o passo inevitável é substituí-lo pelos homens, e isto é o espírito do anticristo. É a construção do papado.

Uma terrível responsabilidade repousa sobre os dirigentes da igreja Cristã, Deus esperava que eles compreendessem que Ele é o Mestre do Seu povo, que devessem educar o povo a olhar para Deus somente em busca de orientação, e que reconhecessem, apreciassem, respeitassem, e apoiassem, o dom de Deus, de Paulo, e em Paulo, para a igreja.

O apóstolo, também, tinha uma grande obrigação de permanecer firme contra as pressões exercidas sobre ele.

Tivessem todos aqueles que estavam implicados, cuidadosamente seguido o caminho de Deus, nunca teria havido o martírio de milhões de pessoas, a terrível perda de almas, e a ignorância, superstição, trevas e crueldade da Idade das Trevas. Pelo contrário uma igreja unida, triunfante, vitoriosa teria cumprido a sua missão e o fim teria vindo rapidamente.

Quando uma pessoa compreende a ligação directa entre as decisões tomadas na primitiva igreja Cristã e as terríveis, duradouras consequências que inevitavelmente ocorreram, é compelida a confessar que o preço de não seguir os caminhos de Deus não vale a pena.

Os dirigentes da igreja Cristã daquela altura estavam determinados a terem o seu próprio caminho em vez do caminho de Deus, apesar dos Seus ternos esforços para os salvar da sua loucura. Os princípios não mudaram. “O mesmo espírito está ainda produzindo os mesmos resultados.” *Actos dos Apóstolos*, 417.

Por conseguinte, o sucesso do movimento através do qual Deus finalizará a Sua obra, depende da total recusa dos seus membros em caminhar na vereda que os dirigentes na primitiva igreja Cristã tomaram, ou tomarem qualquer decisão imprudente como fez Paulo. Deve ser recordado que uma vez estabelecido o mistério da iniquidade num movimento, nenhuma recuperação jamais é feita. No passado, todo o movimento semelhante teve que ser substituído por um novo remanescente. Assim será hoje. Todo o crente deve determinar que não permitirá que estes maus princípios tenham qualquer parte na sua vida ou na sua igreja. Não há segurança e sucesso em qualquer outro caminho.

## Uma Repetição da história

**A** pesar da clareza das lições dadas na experiência de Paulo e na advertência contida nas terríveis consequências que se seguiram, os mesmos erros estão sendo repetidos hoje. As pessoas que, acima de todas as outras, estão dedicadas a promover a obra, estão tomando o caminho que garantirá a destruição da mesma. As lições da história são ignoradas. Consequentemente, aqueles que têm falhado em lê-las correctamente estão condenados a repeti-las.

É uma questão simples quando comparando os testemunhos escritos a respeito da igreja Apostólica com aqueles escritos sobre a igreja Adventista do Sétimo-Dia, se vê o mesmo problema que desenvolveu na primeira igreja assim como também se estabeleceu na última na primeira parte deste século. Em ambos os casos, os homens dirigentes acreditaram ser a sua responsabilidade controlar e dirigir os obreiros no campo e ameaçá-los com a retirada do apoio se eles não se submetem à sua autoridade. O mesmo espírito conduzirá sempre aos mesmos resultados. Portanto, a história da primitiva igreja Cristã é uma exacta predição do futuro da igreja Adventista a menos que, antes de ser finalmente demasiado tarde, o mal possa ser visto e o processo invertido. Nenhum movimento no passado jamais escapou do mistério da iniquidade desde que ele se estabeleceu entre eles. Nada há que indique algo diferente na presente situação.

Em 1909, as seguintes palavras de advertência estavam a soar ao povo adventista.

### **“Jeová É o Nosso Rei**

“Deus me revelou muitas coisas e me ordenou dá-las a Seu povo tanto pela pena como pela voz. Por essa mensagem do Espírito Santo são dadas ao povo de Deus sagradas instruções quanto a seu dever para com Deus e para os seus semelhantes.

“Estranha coisa tem penetrado em nossas igrejas. Homens que são colocados em posições de responsabilidade, para que possam ser sábios ajudadores de seus companheiros de trabalho, chegaram a supor que foram colocados nas igrejas como reis e governadores, para dizer a um irmão: Faça isto: Faça aquilo; e a mais um outro: Cuide de trabalhar de tal e tal maneira. Lugares há em que se disse a obreiros que se não seguissem as instruções desses homens de responsabilidade, seria retirado o seu salário da Associação.

“É certo os obreiros consultarem-se uns aos outros; mas o homem que se esforça por levar seus coobreiros a buscar o seu conselho e parecer individuais quanto aos detalhes de seu trabalho, e a dele aprender qual é o seu dever, está em perigosa situação, e precisa saber quais as responsabilidades compreendidas realmente em seu dever. Deus não determinou que nenhum homem fosse consciência para seu semelhante. Não é sensato colocar tanta responsabilidade sobre um oficial que ele se sinta forçado a ser um ditador.

### **“Um Perigo Constante**

“Durante anos tem havido a crescente tendência de homens que estão colocados em posições de responsabilidade governarem despoticamente sobre a herança de Deus, removendo assim dos membros da igreja o seu vivo senso da necessidade de instrução divina e de apreciar o privilégio de buscar o conselho de Deus quanto a seu dever. Tal ordem de coisas deve mudar. Deve haver uma reforma. Homens que não têm abundante medida dessa sabedoria que vem de cima, não devem ser convidados a servir em posições em que sua influência tanto signifique para os membros da igreja.

“Em minhas primeiras experiências na mensagem, fui chamada para enfrentar esse mal. Durante meus labores na Europa e na Austrália, e, mais recentemente, na reunião campal de São José, em 1905, tive de dar contra isso meu testemunho de advertência, porque almas eram levadas a se voltarem para o homem em busca de sabedoria, em vez de buscarem a sabedoria de Deus, que é nossa sabedoria, nossa santificação e nossa justiça. E agora me é dada novamente a mesma mensagem, mais definida e decisiva, porque tem havido mais grave ofensa ao Espírito de Deus.

### **“Um Exaltado Privilégio**

“Deus é o Mestre de Seu povo. Todos os que diante d’Ele humilharem o coração, serão ensinados de Deus. ‘Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.’ O Senhor deseja que todo o membro da igreja ore fervorosamente por sabedoria, para que saiba o que o Senhor quer que ele faça. É privilégio de todo o crente obter uma experiência individual aprendendo a levar a Deus os seus cuidados e perplexidades. Está escrito: ‘Chegai-vos a Deus, e Ele Se chegará a vós.’” *Testemunhos para Ministros*, 477, 478.

### **“Todo o Jugo Deve ser Quebrado**

“Escrevo isto na íntegra, porque me foi mostrado que tanto ministros como povo são tentados a confiar cada vez mais no homem finito, visando alcançar sabedoria, e a fazer da carne o seu braço. Aos presidentes de Associações, e aos homens que estão em lugares de responsabilidade, dou esta mensagem: Rompei as ligaduras e quebrai os grilhões que têm sido colocados sobre o povo de Deus. A vós é dada esta ordem: Despedaçai todo o jugo. A menos que deixeis a obra de tornar o homem responsável para com o homem, a menos que vos torneis humildes de coração e que vós mesmos aprendais o caminho do Senhor como criancinhas, Ele vos afastará de Seu trabalho. Devemos tratar-nos mutuamente como irmãos, como coobreiros, como homens e como mulheres que conosco buscam a luz e procuram compreender os caminhos do Senhor, e que são ciosos de Sua glória.

“Deus declara: ‘Serei glorificado em Meu povo;’ mas o manejo de homens, cheios de confiança própria, resulta em pôr a Deus de lado e aceitar as ideias dos homens. Se permitirdes que isso continue, vossa fé logo se extinguirá. Deus está em todo o lugar, contemplando a conduta do povo

que professa representar os princípios de Sua Palavra. Ele pede que se faça uma mudança. Deseja que Seu povo não seja formado e amoldado segundo as ideias dos homens, mas à semelhança de Deus. Rogo que examineis as Escrituras como nunca dantes, para que possais conhecer o caminho e a vontade do Senhor. Oh, se toda a alma se impressionasse com essa mensagem e afastasse o erro!" *Idem*, 480, 481.

Neste testemunho, Deus estava expressando profunda preocupação pelo que estava a acontecer na igreja e dando uma urgente advertência das terríveis consequências que se seguiriam se os Seus conselhos não fossem atendidos e os Seus caminhos estabelecidos. Esta análise da sua situação revela que a igreja adventista tinha chegado ao mesmo lugar onde a igreja do tempo de Paulo havia chegado. Para reforçar esta lição, os pontos chave do testemunho anterior serão comparados com as suas contrapartidas dos testemunhos a respeito da primeira igreja Cristã.

Na igreja Adventista do Sétimo-Dia, havia homens que sentiram seu dever dirigir os seus conservos em como eles deviam trabalhar nos vários campos.

"Estranha coisa tem penetrado em nossas igrejas. Homens que são colocados em posições de responsabilidade, para que possam ser sábios ajudadores de seus companheiros de trabalho, chegaram a supor que foram colocados nas igrejas como reis e governadores, para dizer a um irmão: Faça isto; a outro: Faça aquilo; e a mais um outro: Cuide de trabalhar de tal e tal maneira....

"Durante anos tem havido a crescente tendência de homens que estão colocados em posições de responsabilidade governarem despoticamente sobre a herança de Deus, removendo assim dos membros da igreja o seu vivo senso da necessidade de instrução divina e de apreciar o privilégio de buscar o conselho de Deus quanto a seu dever." *Idem* 477, 478.

Isto exactamente duplicou a situação existente nos dias de Paulo, como o testemunho comparativo que se segue de *Actos dos Apóstolos* confirmará.

"Embora desejosos de salvaguardar os melhores interesses da igreja Cristã, tinham deixado de manter-se a passo com as progressivas providências de Deus, e em sua humana sabedoria tinham procurado entrar os obreiros com muitas restrições desnecessárias. Dessa maneira surgiu ali um grupo de homens que não estavam familiarizados pessoalmente com as circunstâncias mutáveis e peculiares necessidades enfrentadas pelos obreiros em campos distantes, e que, entretanto, sustentavam ter autoridade para levar seus irmãos nesses campos a seguir certos e determinados métodos de trabalho. Julgavam que a obra de pregar o evangelho pudesse ser levada avante em harmonia com suas opiniões....

"Esses preconceitos se fortaleceram com o passar dos anos, até que alguns dos dirigentes determinaram que a obra de pregar o evangelho devia daí por diante ser dirigida de acordo com suas próprias ideias." *Actos dos Apóstolos*, 400, 401.

Os dirigentes na igreja Adventista estavam tão determinados a impor a sua vontade e métodos sobre os obreiros que ameaçaram retirar o apoio financeiro se não se submetessem à sua vontade.

"Lugares há em que se disse a obreiros que se não seguissem as instruções desses homens de responsabilidade, seria retirado o seu salário da Associação." *Testemunhos para Ministros*, 477.

A mesma ameaça foi lançada contra Paulo.

"Se Paulo conformasse seus métodos a certa orientação por eles advogada, reconheceriam sua obra e a sustentariam; de outra sorte, não mais a veriam com favor nem lhe concederiam a manutenção." *Actos dos Apóstolos*, 401.

O povo adventista tinha perdido de vista o princípio que Deus é o Mestre e Guia do Seu povo e que os homens tomarem estas posições, é um acto de usurpação.

"Deus é Mestre do Seu povo. Todos os que diante d'Ele humilhararem o coração, serão ensinados de Deus. 'Se algum de vós tem falta de sabedoria peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.' O Senhor deseja que todo o membro da

igreja ore fervorosamente por sabedoria, para que saiba o que o Senhor quer que ele faça. É privilégio de todo o crente obter uma experiência individual, aprendendo a levar a Deus os seus cuidados e perplexidades. Está escrito: ‘Chegai-vos a Deus, e Ele Se chegará a vós.’” *Testemunhos para Ministros*, 478.

Nos dias de Paulo a igreja tinha semelhantemente perdido de vista este princípio vital e estava usurpando o lugar de Deus na organização.

“Esses homens haviam perdido de vista o facto de que Deus é o Mestre de Seu povo; que cada obreiro em Sua causa deve alcançar uma experiência pessoal em seguir o divino Líder, e não em buscar dos homens guia directa; que Seus obreiros devem ser talhados e moldados, não segundo as ideias do homem, mas segundo a semelhança divina.” *Actos dos Apóstolos*, 401.

Percebendo que o seu caminho estava a lançá-los num desastre certo, Deus plenamente declarou:

“Tal ordem de coisas deve mudar. Deve haver uma reforma. Homens que não têm uma abundante medida dessa sabedoria que vem de cima, não devem ser convidados a servir em posições em que sua influência tanto signifique para os membros da igreja.” *Testemunhos para Ministros*, 478.

Deus estava do mesmo modo decido a corrigir as coisas nos dias de Paulo. A Sua primeira tentativa foi durante o grande concílio em Jerusalém quando a questão da lei cerimonial foi esclarecida. Nessa altura os dirigentes viram o erro dos seus caminhos, responderam à voz do Senhor, e, por algum tempo emendaram as suas práticas. A tragédia foi que mais tarde retrocederam outra vez aos procedimentos destruidores.

“Havia entre os presentes a essa reunião, alguns que haviam criticado severamente os métodos de trabalho seguidos pelos apóstolos sobre quem repousava o principal encargo de levar o evangelho ao mundo gentio. Mas durante o concílio, sua visão do propósito de Deus se tinha ampliado, e eles se uniram a seus irmãos em fazer sábias decisões que tornaram possível a unificação de todo o corpo de crentes.” *Actos dos Apóstolos*, 401.

Quando eles apostataram desta posição, o Senhor, no Seu grande amor e misericórdia, enviou o poderoso Espírito Santo para insistir uma vez mais com eles. Tão bem sucedida foi esta operação, que foram levados a ver a real natureza das suas actividades, mas infelizmente, eles não permitiram que o Senhor os levasse ao genuíno arrependimento e verdadeira confissão. Obstinadamente determinados a continuar nos seus próprios caminhos, confirmaram para sempre a sua decisão de substituir Deus por eles mesmos. Não há relato de ter vindo um terceiro chamamento para eles, e com certeza nenhuma descrição de que eles tivessem mudado os seus caminhos.

Aqui está o relato da sua segunda e última oportunidade.

“As liberais contribuições que tinham perante si, acrescentavam peso ao testemunho do apóstolo no tocante à fidelidade das novas igrejas estabelecidas entre os gentios. Os homens que, embora contados entre os que tinham o encargo da obra em Jerusalém, tinham insistido em que se adoptassem arbitrarias medidas de controle, viram o ministério de Paulo sob nova luz, e ficaram convencidos de que seu próprio procedimento tinha sido errado, que haviam estado escravizados pelas condições e costumes judaicos, e que a obra do evangelho tinha sido grandemente embaraçada por não haverem reconhecido que o muro de separação entre judeus e gentios tinha sido derribado pela morte de Cristo.” *Idem*, 403.

Para os dirigentes adventistas, a advertência soou em duas ocasiões distintas, a primeira em 1905 e a segunda em 1909.

“Em minhas primeiras experiências na mensagem, fui chamada para enfrentar esse mal. Durante meus labores na Europa e na Austrália, e, mais recentemente, na reunião campal de São José, em 1905, tive de dar contra isso meu testemunho de advertência, porque almas eram levadas a se voltarem para o homem em busca de sabedoria, em vez de buscarem a sabedoria de

Deus, que é nossa sabedoria, nossa santificação e nossa justiça. E agora me é dada novamente a mesma mensagem, mais definida e decisiva, porque tem havido mais grave ofensa ao Espírito de Deus.” *Testemunhos para Ministros*, 478.

Antes do erro do povo adventista, Deus lançou um inequívoco ultimato — ou quebravam todo o jugo e aprendiam os Seus caminhos, ou divorciar-se-iam da Sua obra. Isto não foi um tratamento inútil. O Altíssimo queria fazer tudo o que cada palavra significava, porque não havia possibilidade desta errada forma de agir trazer um resultado mais feliz para a igreja adventista do que havia feito pelas passadas organizações que tinham semelhantemente falhado em aprender e seguir os caminhos de Deus.

Separar-se da obra de Deus é muito grave, pois literalmente significa que aqueles que são assim separados d’Ele deixam de ser o Seu povo. Quando esta condição é alcançada, Ele chama outro movimento para fazer aquilo que o anterior podia ter feito.

Esta separação não é um acto arbitrário infligido por um Deus ofendido. Pelo contrário, é o resultado que não pode evitar-se da determinação do homem governar os seus conselhos. Os homens separam-se a si mesmos de Deus, nunca Deus do homem.

Aqui está o Seu ultimato tal como ele foi entregue ao povo adventista em 1909.

“Escrevo isto na íntegra, porque me foi mostrado que tanto ministros como povo são tentados a confiar *cada vez mais* no homem finito, visando alcançar sabedoria, e a fazer da carne o seu braço. Aos presidentes de Associações, e aos homens que estão em lugares de responsabilidade, dou esta mensagem: Rompei as ligaduras e quebrai os grilhões que têm sido colocados sobre o povo de Deus. A vós é dada a ordem: Despedaçai todo o jugo. *A menos* que deixeis a obra de tornar o homem responsável para com o homem, *a menos* que vos torneis humildes de coração e que vós mesmos aprendais *o caminho do Senhor* como criancinhas, *Ele vos afastará de Seu trabalho*. Devemos tratar-nos mutuamente como irmãos, como coobreiros, como homens e mulheres que conosco buscam a luz e procuram compreender os caminhos do Senhor, e que são ciosos de Sua glória.” *Testemunhos para Ministros*, 480, 481.

Os dirigentes na primitiva igreja Cristã recusaram quebrar este jugo e o Senhor separou-os da Sua obra. O seu castiçal foi removido do seu lugar e a obra que eles podiam ter feito foi dada a outro. E agora, apesar das claras lições da história e sinceros apelos de Deus, os actuais dirigentes continuavam a acariciar a ideia que podiam preencher o lugar de Deus na igreja mais eficientemente do que Ele. Esta é uma razão para o longo atraso na finalização da obra e da segunda vinda de Cristo.

O povo adventista recebeu adicional advertência de que se não fizesse mudanças a sua fé em breve se extinguiria. A fé, não importa quão poderosa, extinguir-se-á sempre se estiver casada com as obras do homem, pois só com as obras de Deus pode a fé sobreviver e crescer. Portanto, isto foi um aviso aos adventistas acerca do resultado natural do que eles estavam a fazer.

“Deus declara: ‘Serei glorificado em Meu povo;’ mas o manejo de homens, cheios de confiança própria, resulta em pôr a Deus de lado e aceitar as idéias dos homens. Se permitirdes que isso continue, *vossa fé logo se extinguirá.*” *Idem*, 481.

Nunca houve uma escassez de obras na organização adventista. Operando com grande diligência para pregar a sua mensagem, publicar os seus livros, e levar os triunfos da igreja a toda a nação da Terra, é um povo tão activo quanto pode ser encontrado no mundo religioso. Eles têm ganho o respeito das outras igrejas pela sua diligência e actividade.

Estas qualidades são altamente recomendáveis desde que sejam aplicadas da forma correcta, mas se forem usadas para edificarem a igreja de acordo com os procedimentos humanos, inevitavelmente resultarão na destruição da fé. Sem fé é impossível à igreja cumprir a sua missão ou continuar a caminhar com o Senhor. Os seus caminhos tornam-se os de Babilónia e ela eventualmente unir-se-á completamente com as formas já amadurecidas do grande anticristo para despedaçar e destruir o verdadeiro povo de Deus.



Contudo, tão subtis são os enganos de Satanás que as vítimas da sua obra não sabem que perderam a fé. O novo tipo de fé substitui a genuína, iluminada fé em Deus. Em vez de crerem que Deus tem todo o poder e sabedoria para dirigir a Sua obra, os homens tornam-se completamente confiantes que Ele aceitará e abençoará as *suas* obras para levar a cabo os planos *deles*. Por isso, continuam a ter fé em Deus e estão satisfeitos com esta substituição sem valor da coisa verdadeira.

Os dirigentes na primitiva igreja nunca mudaram os seus caminhos depois de Paulo ter sido enviado para a prisão. Os séculos sucessivos deram testemunho da estrutura de uma igreja em que os homens, não Deus, eram os governadores. Assim, entre 1909 e o momento presente, seria impossível afirmar que as coisas que o Senhor afirmou em 1909, mudaram. A mesma suserania de homens sobre homens continua. Ainda não foi dado a Deus o Seu legítimo lugar, por isso o resultado final pode apenas ser outro papado totalmente formado. Para apreciar esta certeza, é apenas necessário rever o progresso do desenvolvimento papal na primitiva igreja.

Quando Paulo foi aprisionado, existia uma Babilónia completamente amadurecida na forma do império romano. Ao mesmo tempo havia uma jovem mas vigorosamente crescente Babilónia dentro da própria igreja Cristã. Isso adaptava-se bem ao propósito de Satanás para eles permanecerem separados e mutuamente hostis até ele estar pronto para os casar. Inevitavelmente a jovem forma na igreja Cristã cresceu em força e maturidade. À medida que o fazia, tornava-se de modo crescente como um fruto amadurecido até as duas acharem a confederação um passo natural.

Isto está profeticamente predito em *Daniel*.

“Porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza; e voltará, e se indignará contra o santo concerto, e fará como lhes apraz; e ainda voltará e atenderá aos que tiverem desamparado o santo concerto.” *Daniel* 11:30.

O poder que é objecto desta profecia é o Império Romano. Os navios de Quitim que vieram contra “ele” eram as tribos bárbaras que invadiram o Império e forçaram as legiões a retirarem das fronteiras do domínio romano para a cidade no rio Tibre. Nesta retirada da força imperial, Satanás viu a perda de um poderoso agente através do qual ele tinha estado a operar com sucesso, e a conseqüente necessidade de desenvolver uma alternativa eficiente. Esta eventualidade não o apanhou de surpresa, porque ele compreendia tanto o resultado da lei como as profecias predizendo o colapso da Roma pagã. Ele tinha-se preparado para isso com séculos de avanço, de modo que, por altura em que estas coisas aconteceram ele estava pronto a instalar a sua substituição.

No sistema satânico há morte. Nenhum movimento que o diabo levante pode durar para sempre. Ele sabe isto e já está a preparar um substituto para quando lançar as suas forças para a batalha. Por isso o reino medo-persa já estava a formar-se quando Babilónia chegou ao poder, e Roma pagã estava a crescer em força quando os gregos tomaram o ceptro do domínio do mundo. Mas a maior obra prima de manipulação diabólica foi o casamento entre a força enfraquecida de Roma e a vigorosa, apostatada, igreja Cristã. Isso produziu a mais duradoura, cruel e despótica versão de todas — o papado, que, uma vez que tivesse assumido o poder, prosseguiria para lançar a Europa num lamentável estado de degradação e corrupção durante os próximos doze a treze séculos que se seguiram.

Apostatar de Deus pode ser descrito de muitas maneiras, mas nenhuma é mais apta do que a escolhida pelo profeta — o abandono do santo concerto. Para apreciar totalmente isto devemos considerar o velho e o novo concerto, o último dos quais é o “santo concerto”.

Estas distinções entre o velho e o novo concerto são ilustradas pelas experiências através das quais Abraão e Sara passaram. Paulo chama a nossa atenção para isto em *Gálatas* 4:21-26.

“Dizei-me, os que quereis estar debaixo da lei, não ouvis vós a lei?

“Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre.

“Todavia o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa.

“O que se entende por alegoria: porque estes são os dois concertos: um, do monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é Agar.

“Ora esta Agar é Sinai, um monte da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos.

“Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós.”

Há aqueles que servem Deus e os que *supõem* fazê-lo. Os primeiros fazem-no sob os procedimentos do novo concerto e os últimos sob o velho. Pessoas mundanas que estão preocupadas apenas com o serviço ao eu, não trabalham sob o velho nem sob o novo concerto.

Aqueles que *supõem* que estão servindo a Deus enquanto trabalham sob os procedimentos do velho concerto, estão tragicamente enganados. Não é difícil estarem enganados, porque há muito nas acções do serviço ao velho concerto que inteligentemente imitam o verdadeiro serviço cristão. Em ambos os casos, há um zelo por Deus, crença na verdade presente, um desejo para promover os melhores interesses da igreja, e uma disposição para fazer os maiores sacrifícios para o Senhor.

Em que ponto, então reside a diferença?

No novo concerto o crente compreende quais são as suas responsabilidades e o que Deus prometeu fazer por ele e através dele. Consequentemente, ele não faz qualquer tentativa para cumprir as promessas de Deus ou para de qualquer forma planejar a obra do Senhor. Ele olha para Deus como Solucionador dos problemas e Planeador.

Sob o outro plano em que não há eterna salvação, o indivíduo toma sobre si mesmo a obra e espera que Deus aprove e lhes acrescente o Seu poder.

Paulo declara que Abraão e Sara seguiram os métodos do velho concerto quando geraram Ismael, um filho que de modo nenhum cumpria os propósitos de Deus.

Estas pessoas maravilhosas, exibiram todas as características usuais que acompanham os planos de trabalho humano. Eles amavam Deus e a Sua causa, e deixaram pela fé o seu próprio país para residirem numa terra estranha. Eles creram na certeza que um filho da promessa nasceria deles e estavam preparados para fazerem qualquer sacrifício pelo Senhor. Todos os dias, adoravam Jeová nas ofertas da manhã e da tarde, e Abrão foi reconhecido pelos pagãos à volta dele como um servo do Deus Altíssimo.

Todo aquele que se entrega a si mesmo para servir a Deus quer pelos procedimentos do velho quer pelo procedimento do novo concerto, começará com grande fé no Altíssimo.

Foi requerida forte confiança de Abrão e Sara para deixar a sua terra, familiar, próspera, segura em Ur, para ir habitar num país distante, desconhecido.

“Pela fé Abraão sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia.” *Hebreus* 11:8.

Semelhantemente quando Deus lhes disse que haviam de ter um filho, creram n’Ele. A fé de Abraão nesta promessa foi renovada quando Deus o informou que a promessa não devia ser cumprida através de Eleazar de Damasco mas que ele, Abraão, seria pessoalmente o pai do filho prometido. “E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça.” *Génesis* 15:6.

Apesar do anúncio de Deus nenhum filho aparecia. Isto não se reflectiu na segura palavra de Deus, mas na incapacidade deles de se elevarem a esse nível de fé onde podiam descansar em Deus como Dador da vida com a capacidade de colocar vida em Sara onde estava morte. Eles começaram a experimentar a tentação de resolverem o problema por si mesmos. À medida que os anos passavam, a pressão aumentava até que eles sucumbiram a ela. Sara passou da idade em que podia ter filhos e havia o perigo de Abraão, também se tornar impotente. Sentiram que se alguma coisa não fosse feita em breve, nunca veriam a promessa. Esta era uma perspectiva inaceitável, pois o plano de salvação dependia do nascimento de um filho. Por isso eles levaram

a cabo a tarefa de realizar a promessa de Deus no lugar d'Ele ao formarem um plano pelo qual Abraão podia tornar-se pai de um filho.

O facto não pode ser passado por alto que a motivação que impulsionava estas encantadoras pessoas era irrepreensível. Nem pode o espírito de sacrifício e devoção que eles mostraram ser posto em dúvida. Sara demonstrou uma disposição para fazer os mais elevados sacrifícios que uma mulher pode fazer. Nomeadamente o ficar de lado enquanto outra mulher cria um filho do seu marido. O que estava errado eram os procedimentos que eles seguiram na sua sincera procura para resolver o problema.

Eles perderam de vista a simples, verdade básica que quando Deus faz uma promessa é a Sua responsabilidade cumpri-la. Se há uma espera prolongada, grande cuidado deve ser tomado para que não venha a ansiedade de tomar a responsabilidade de cumprir a promessa por Ele. O procedimento correcto é continuamente rever os caminhos de Deus e completamente recusar ser desviado deles. Um cuidadoso exame deve também ser feito da fé e da experiência para assegurar que não há elementos que tenham privado o Senhor de operar. Mas não importa qual a pressão, os verdadeiros filhos de Deus nunca devem permitir o seu propósito de enfraquecer e assim dar vantagem ao inimigo.

“Quando tomamos em nossas mãos o manejo das coisas com que temos de lidar, e confiamos em nossa própria sabedoria quanto ao êxito, chamamos sobre nós um fardo que Deus não nos deu, e estamos a levá-lo sem Sua ajuda. Estamos tomando sobre nós mesmos a responsabilidade que pertence a Deus, pondo-nos, na verdade, assim, em Seu lugar. Podemos bem ter ansiedade e antecipar perigos e perdas; pois isto é certo sobrevir-nos. Mas quando deveras acreditamos que Deus nos ama, e nos quer fazer bem, cessamos de afligir-nos a respeito do futuro. Confiaremos em Deus assim como uma criança confia em um amoroso pai. Então desaparecerão nossas turbações e tormentos; pois nossa vontade fundir-se-á com a vontade de Deus.” *O Maior Discurso de Cristo*, 100, 101.

Abraão e Sara tomaram nas suas próprias mãos a gestão de coisas com as quais eles tinham que fazer, e, por este meio entraram na experiência do velho concerto onde o planeamento humano substitui as obras de Deus. Ao fazerem isso, colocaram-se no lugar de Jeová e estavam assim literalmente a construir o mistério da iniquidade.

A sua fé devia ter repousado na doce, calma certeza que quando Deus fez esta promessa decisiva, estava totalmente ciente de todos os obstáculos que se levantavam no caminho da sua realização, e não havia necessidade das suas maquinações para tornar o Seu plano eficaz. Eles tinham apenas que fazer como tinham sido convidados e tomarem cuidado que nada houvesse neles que impedisse o Senhor de fazer a Sua vontade à Sua própria maneira e tempo.

Contudo, isto é muito mais facilmente dito do que feito, porque é a disposição natural do homem tornar-se impaciente com Deus. Quando confrontado com problemas, ele volta às suas próprias invenções, para formular uma solução. Por isso Sara propôs por fim ao seu marido que lhe desse um filho através de Agar. No subsequente nascimento de Ismael, eles sentiram a alegre certeza que o seu plano tinha resultado e naturalmente esperavam a aprovação de Deus crendo completamente que tinham feito uma grande obra para Deus quando ela era na verdade, uma obra em que Ele não tinha parte e não podia aceitar.

Eles representam essa vasta classe que virá ao julgamento com uma vida de árduo labor *para* Deus atrás de si, não compreendendo que o nosso concerto cristão não sai para fazer uma obra *para* Deus, mas coloca-se à disposição de Deus de modo que Ele pode fazer uma obra através dele. Eles virão perante Deus esperando tanto a Sua aprovação pelas suas actividades passadas como um lugar no reino, mas não receberão um nem outro.

“Nem todos quantos professam Seu nome e Lhe usam a insígnia são de Cristo. Muitos que ensinaram em Meu nome disse Jesus, serão afinal achados em falta. ‘Muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu nome? e em Teu nome não expulsamos

demónios? e em Teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade.’

“Pessoas há que acreditam estar direito, quando estão erradas. Ao passo que pretendem ter a Cristo por Seu Senhor, e professam fazer grandes obras em Seu nome, são obreiras da iniquidade. ‘Lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza.’ A Palavra de Deus é para eles ‘como uma canção de amores, canção de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as Tuas palavras, mas não as põem por obra’. Ezequiel 33:31, 32.” *O Maior Discurso de Cristo*, 145, 146.

Felizmente para Abraão e Sara que por fim chegaram a ver o erro do caminho que tinham seguido. Mas, entretanto, Deus não forçou a Sua vontade sobre eles. Deu-lhes perfeita liberdade para fazer o que supunham ser correcto, esperando com infinita e terna paciência pelo envelhecimento do casal para chegarem ao lugar onde estivessem preparados para a revelação da verdade necessária a fim de os libertar dos procedimentos do velho concerto para o novo.

A história encontra-se relatada em *Génesis* 17.

Primeiro Deus anunciou que faria o Seu concerto com Abraão, e, no cumprimento das Suas promessas nesse concerto, Abraão seria pai de muitos povos. Através dele todas as nações seriam abençoadas. Nisto, Abraão leu correctamente a promessa que, depois de muitas gerações, o Messias seria a sua descendência.

“Sendo pois Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o Senhor a Abrão, e disse-lhe: Eu Sou o Deus Todo-poderoso; anda em Minha presença e sê perfeito;

“E porei o Meu concerto entre Mim e ti, e te multiplicarei grandissimamente.

“Então caiu Abrão sobre o seu rosto, e falou Deus com ele, dizendo:

“Quanto a Mim, eis o Meu concerto contigo é: e serás o pai de uma multidão de nações;

“E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome porque por pai da multidão de nações te tenho posto;

“E te farei frutificar grandissimamente, e de ti farei nações, e reis sairão de ti;

“E estabelecerei o Meu concerto entre Mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações, por concerto perpétuo, para te ser a ti por Deus, e à tua semente depois de ti.

“E te darei a ti, e à tua semente depois de ti, a terra de Canaã em perpétua possessão, e ser-lhes-ei o seu Deus.” *Génesis* 17:1, 8.

Enquanto Deus estava a falar com ele, Abraão naturalmente pensou que todas estas promessas deviam ser cumpridas através de Ismael, absolutamente descurando o facto que Deus não disse que *fez* mas que *faria*, um concerto com Abraão. Nas primeiras fases da conversação, Abraão deve ter-se enchido de satisfação pelos resultados da acção do velho concerto em gerar Ismael.

Este sentimento foi quebrado quando Deus fez o chocante anúncio que Sara daria à luz um filho, e que as promessas do concerto deviam ser cumpridas através deste filho.

Abraão imediatamente leu as implicações desta revelação. Ele viu os anos desperdiçados gastos com Ismael, pois Deus não o aceitou como filho da promessa. A sua fé agora tinha alcançado o ponto onde ele podia crer que nasceria de uma estéril mulher idosa e de um impotente homem idoso.

Estava a ser-lhe mostrada a verdade que os humanos são incapazes de fazer quaisquer planos que avançarão a obra do Senhor. Por este motivo, Deus não tinha escolha senão reclamar a completa rejeição de todas as invenções humanas, com a aceitação em seu lugar dos Seus planos.

A primeira reacção foi rejeitar a avaliação e requisito de Deus. Ele riu-se perante a ideia que ele e Sara pudessem gerar um filho, e depois clamou pela aceitação de Ismael.

“Então caiu Abraão sobre o seu rosto, e riu-se, e disse no seu coração: A um homem de cem anos há-de nascer um filho? E conceberá Sara da idade de noventa anos?

“E disse Abraão a Deus: Oxalá que viva Ismael diante de Teu rosto!” *Génesis* 17:1-8.

Abraão amava Ismael muito profundamente por muitas razões. O normal amor de pai por um filho foi intensificado pelo facto que Ismael era o tão longamente esperado filho da sua velhice, e Abraão passou treze anos de dedicado amor na sua preparação para a posição que ele estava certo Ismael ocuparia. Em adição a estes factores, Abraão amava Ismael por causa do sistema que ele representava. O concerto das obras é um suposto caminho de salvação que Abraão podia compreender, aceitar e com o qual podia trabalhar. Se Deus rejeitasse Ismael, então o único caminho de salvação que Abraão conhecia e confiava era destruído, e ele podia ver-se confrontado com perdição eterna. A libertação apenas podia vir com aquele nível de fé que o capacitaria para ver que Deus é o Dador da vida que pode colocar, e coloca vida onde há morte.

Sempre que Deus vem ao Seu povo, como fez a Abraão, e lhes pede que abandonem as suas próprias obras e entrem no Seu repouso, eles resistirão com o clamor, “oh que Ismael possa viver perante Ti!” Muito frequentemente, este desejo é tão insistente que eles não desistirão dos seus próprios caminhos em troca dos caminhos do Senhor. Quando os dirigentes em Jerusalém enfrentaram este mesmo chamamento, recusaram entregar o velho concerto. O teste era superior àquilo que eles estavam preparados para suportar. Toda a alma está no perigo mortal de fazer a mesma coisa, por isso é importante que todo aquele que sinceramente deseja servir ao Senhor, aqui e na eternidade, se assegure que compreende a diferença entre as obras humanas para Deus, e as Suas obras através deles.

A resposta de Deus ao rogo de Abraão em favor de Ismael foi totalmente intransigente. Ele declarou plenamente que o concerto seria com Isaque não com Ismael. Apesar de agonizante como seria a rendição, Abraão tinha que mandar embora Ismael da posição que tinha ocupado durante treze anos e colocar outro que havia de nascer no seu lugar. Felizmente, o amor e confiança de Abraão por Deus eram tão grandes que ele foi capaz de o fazer.

“E disse Deus: Na verdade, Sara tua mulher te dará um filho, e chamarás o seu nome Isaque, e com ele estabelecerei o Meu concerto, por concerto perpétuo para a sua semente depois dele.

“E quanto a Ismael, também te tenho ouvido; eis aqui o tenho abençoado, e fá-lo-ei frutificar, e fá-lo-ei multiplicar grandissimamente; doze príncipes gerará, e dele farei uma grande nação.

“O Meu concerto, porém, estabelecerei com Isaque, o qual Sara te dará neste tempo determinado, no ano seguinte.” *Génesis 17:19-21.*

Nesse dia, Deus falou com absoluta peremptoriedade não só a Abraão, mas a toda a pessoa que aspira ao serviço de Deus. Ele fez saber que não há lugar para invenção humana na Sua causa. Tudo o que Ismael representava tinha que desaparecer. O homem tem que deixar as suas próprias obras se deseja entrar no repouso de Deus. Esta é a mensagem a aprender por todo aquele que deseja ser um vencedor e caminhar nas ruas de ouro. Paulo repetiu isto em *Gálatas 4:30*.

“Mas que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre.”

Por outras palavras Paulo estava a dizer “rejeitai o velho programa onde os homens pelos seus planos procuram avançar a causa de Deus, pois este sistema não tem lugar no reino de Deus”. Esta verdade não pode ser declarada em termos mais claros.

O rogo de Abraão por Ismael não fez com que Deus estendesse uma bênção a Ismael. Em Sua declaração acerca da futura prosperidade de Ismael, Deus estava meramente a predizer o resultado da persistente determinação humana para tomar o lugar de Deus na igreja. Todo o Ismael espiritual de hoje é de longe em maior número que os verdadeiros filhos da promessa, e continuarão a ser até ao fim do tempo. Ismael tem-se tornado verdadeiramente uma grande nação por causa do rogo de Abraão em favor do seu filho ilegítimo, quando repetido pelas multidões, não é seguido pelo despedimento da escrava e seu filho.

Quando o Senhor informou Abraão que Isaque nasceria, instituiu o símbolo da circuncisão como um sinal do novo e santo concerto. A remoção do prepúcio simboliza o corte na vida de

todas as actividades que não estavam sob a direcção pessoal de Deus, e a consagração do homem àqueles serviços que o Senhor tinha planeado e ordenado. O rito em si mesmo não tinha mérito excepto se representasse esta determinação da parte daquele que entrava nele. Isto é onde os judeus cometeram um erro colossal, pois eles acreditavam que a remoção física da sua carne era tudo o que se requeria para automaticamente numerá-los como povo peculiar de Deus.

Mas não foi assim com Abraão. Embora ele à primeira vista não pudesse ver o cumprimento da promessa e clamou pela aceitação de Ismael, fé viva em breve brotou dentro de si. Ele viu o erro do seu passado e com alegria entrou no santo concerto, testificando o abandono das suas próprias obras, realizando a circuncisão em si mesmo e em toda a sua casa.

Imediatamente, o Senhor ficou livre para cumprir a Sua promessa, e um ano mais tarde o maravilhoso filho nasceu. Por isso Abraão e Sara saíram do velho concerto para o novo, desse modo reconhecendo Deus como a fonte, Cristo como a ligação e eles como recebedores dependentes. Decidiram nunca mais tentar cumprir as promessas de Deus, mas trabalhar fielmente sob a Sua direcção enquanto O deixariam desempenhar as Suas responsabilidades. Ao entrar no santo concerto, deram um passo gigante para sair de Babilónia.

Contudo, nos dias de Paulo, os dirigentes moveram-se na direcção oposta. Deus tinha-lhes ensinado a importância de deixar os obreiros sob a divina direcção e, por algum tempo eles submeteram-se a isto. Mas, por fim, regressaram aos seus próprios caminhos. Sob o disfarce de ter os melhores interesses da igreja no coração, foram levados por Satanás a tomarem sobre si mesmos as responsabilidades que pertenciam a Deus somente. Ao fazerem isso, abandonaram o santo concerto, como predito em *Daniel*, tornaram-se assim no povo que tinha entendimento com Roma pagã.

Quando eles começaram esta obra, involuntariamente começaram a construção de Babilónia dentro da igreja cristã. Nessa altura, não estavam ainda preparados para terem entendimento com o totalmente formado homem do pecado, todavia isto veio mais tarde quando as legiões romanas estavam em total retirada dos limites mais longínquos do Império. O espírito de domínio de um homem sobre outro tinha-se agora desenvolvido ao ponto em que era tão pronunciado na igreja como na própria Roma, assim era natural e simples que as duas forças tivessem entendimento entre si e por isso se confederaram.

É extremamente importante compreender como o papado foi construído. Astuciosa e bem sucedidamente engendrado pela mente superior de Satanás, foi uma fusão entre um sistema babilónico totalmente desenvolvido e os apostatados na igreja que se tinham afastado do santo concerto e desse modo puseram em prática os mesmos procedimentos tal como eram encontrados no sistema mais vasto. Para este esquema ser bem sucedido, Satanás tinha que iludir aqueles que na igreja o deviam servir, levando-os a pensar que eram verdadeiros filhos de Jeová. Para alcançar isto, desviou a atenção deles da necessidade de compreenderem e seguirem os caminhos de Deus, para o seu zelo por Ele, o seu espírito de sacrifício, o seu desejo de promover a causa, a sua diligência no serviço, e os esplêndidos resultados obtidos no aumento de membros, maior poder financeiro, e uma maior influência com o mundo.

À medida que os dirigentes consideravam estas evidências, era-lhes reafirmado que estavam servindo verdadeiramente a Deus e que o estabelecimento do reino não podia estar muito longe. Tal como muitos outros, caíram na armadilha de permitirem que as evidências exteriores cancelassem o testemunho da Palavra de Deus, que declara que o Senhor abençoa somente aquelas actividades que estão de acordo com os Seus procedimentos. Independentemente da sinceridade e sacrifício com isso associado, todos os outros procedimentos são edificadores de Babilónia. Por estas táticas enganadoras, Satanás é capaz de usar aqueles que se crêem dedicados à destruição de Babilónia, para a construir sem que saibam que ela foi construída. Seria bom se os membros do corpo de Cristo tivessem um respeito maior pelas capacidades de Satanás e sua

incansável aplicação a elas. Aqueles que desenvolvam um saudável respeito pela obra de Satanás obtendo um conhecimento dos seus sofismas serão menos susceptíveis de cair nos seus enganos.

As pessoas através das quais Satanás estabeleceu o mistério da iniquidade na igreja Cristã eram homens de profunda piedade, impecável moralidade, e zelo consumidor pela “obra”. Nada havia acerca das suas actividades ou aparência para sugerir que eles eram os rebeldes que realmente eram.

Todavia, as suas boas intenções não podiam salvá-los dos maus efeitos do curso escolhido. Tão seguramente como homens se estabeleceram sobre outros homens na igreja de Deus, foram as sementes do papado semeadas. Vigoroso crescimento se seguiu, até que por fim os apóstatas se confederaram com o visível homem do pecado. Aqueles que abandonam o santo concerto farão sempre isto no fim, não importa quão intrepidamente neguem a possibilidade. A confederação não tomará lugar no tempo de vida dos primeiros a desviar-se dos rectos princípios, mas os filhos dos seus filhos vê-la-ão.

Este é o único resultado possível para a igreja Adventista do Sétimo-Dia. Tal como demonstrámos anteriormente, os mesmos procedimentos que entraram na governação da primitiva igreja, têm sido reproduzidos dentro da moderna. Exactamente como o Império Romano se manteve como a Babilónia completamente formada nessa altura, assim a igreja Católica Romana e o Protestantismo apostatado se manterão nessa posição hoje. Em 1905 e 1909, quando este mal na igreja adventista era ainda jovem, nem havia entendimento, com, nem conversação entre, a igreja Adventista e Babilónia. Presentemente há. Num futuro próximo estas duas forças compreender-se-ão exactamente como aconteceu nos primeiros séculos. A história do passado será repetida, porque as mesmas causas sempre levarão a idênticos resultados.

Os que ainda se lembram da firme linha adoptada pelos primeiros adventistas contra o sistema papal, verificarão difícil crer que uma união possa ser formada, mas aqueles que compreendem o testemunho da história e o seguro resultado das causas estabelecidas, sabem que não há agora outra possibilidade. O que aconteceu aos que abandonaram o santo concerto a fim de se juntarem ao homem do pecado nos primeiros séculos, mostram qual o destino que espera o povo adventista hoje. A mesma infra-estrutura está lançada, a mesma semente semeada e os mesmos procedimentos adoptados. O resultado final não pode ser diferente.

Negar isto, é rejeitar os princípios da causa e efeito, e considerar inválido o testemunho da história. É adoptar a imprudente e perigosa atitude “que isto não nos pode acontecer” quando, de facto, já aconteceu pelas mesmas razões que aconteceu ali no passado. Tomar uma tão descuidada posição é cometer suicídio espiritual rendendo-se ao poder do inimigo. O custo não vale isso.

Mais apoio para estas contendas é dado na comparação dos procedimentos organizacionais encontrados na igreja Adventista, igreja Católica Romana, os governos nacionais das várias nações, tal como Austrália ou Estados Unidos. Excepto para diferenças sem importância, a estrutura e procedimentos operacionais de cada um são idênticos. Todos são sistemas onde o homem é o planeador, o solucionador de problemas e o portador de fardos.

Alguns podem fazer objecções a isto na base que os problemas na igreja Adventista são resolvidos por comissões que não se aconselham sobre qualquer problema sem terem pedido orientação de Deus nas suas tomadas de decisão. É digno de nota que o Congresso dos Estados Unidos e o Parlamento Federal Australiano semelhantemente não começam os seus debates antes de orarem a Deus pedindo direcção nas suas deliberações.

Mas claramente avaliados na sua relação com Deus, uma comissão da igreja é a usurpação da posição de Deus como Solucionador de problemas. Os membros reúnem-se com o expresso propósito de encontrarem soluções por si mesmos. Eles prosseguem fazendo isto, e, depois de muita discussão determinam o curso a ser adoptado pela votação da maioria. Não se reúnem para em oração entregar o problema a Deus e esperar a revelação da Sua perfeita solução.

A devotas orações tão solenemente proferidas para abrir e encerrar as reuniões, satisfazem os membros uma vez que foi dado a Deus o devido respeito e o Seu devido lugar, e que Ele de acordo com isso os honrou com a Sua bênção e presença.

Mas Deus não pode responder a estas orações, porque fazer isso requeria que Ele ocupasse a posição de auxiliar a Si atribuída por meros mortais. Em vez de eles O seguirem, invocam-Lhe que os siga. Os homens, não Deus, são as cabeças neste tipo de sistema.

Membros de comissões são completamente ignorantes acerca das implicações do que estão fazendo, e considerariam estas afirmações como absurdas. Em adição escarnecedoramente perguntariam que alternativa havia. Esta era a questão na mente Abrão quando Deus o chamou para abandonar as suas próprias obras, mas ele não fez mais essa pergunta quando encontrou alternativa. Há um caminho melhor; o caminho do Senhor. Ele apenas pode ser encontrado por pessoas com grande e esclarecida fé, que, tendo abandonado os seus próprios caminhos, entraram no propósito de Deus.

Quando homens tomam o lugar de Deus como Solucionador de problemas e Lhe pedem que os siga estão a virar as coisas ao contrário. Deus não pode participar nesta estrutura, um facto que, para surpresa daqueles que confiam neste sistema, será descoberto quando for demasiado tarde para corrigir o erro.

Todas as organizações em investigação aqui são hierárquicas na estrutura tendo um só homem de grande poder e autoridade no cimo. Na igreja católica ele é chamado o papa. No governo dos Estados Unidos e da igreja Adventista ele é o presidente. Onde o sistema britânico é seguido ele é chamado o primeiro ministro.

Cada um destes é directamente assistido na sua obra por uma comissão de várias maneiras denominadas por curia, comissão da Conferência-Geral e comissão executiva. Entre o vertice da pirâmide e a base estão vários níveis de poder. Na igreja isto compreende divisões, uniões, conferências, igrejas, membros. No governo dos Estados Unidos inclui departamentos federais, autoridades estatais, distritos, cidades, cidadãos. A igreja Católica tem arquidiocese, episcopado, paróquias e leigos.

Todavia, o mais importante é a forma como as decisões são tomadas em todos os três tipos de organizações. Para todas elas, o homem é quem toma as decisões, aquele que forma os planos e elabora as soluções. Nas organizações mais democráticas, o povo em geral expressa a sua vontade através do sistema de votação. Nas mais ditatoriais, o poder de decisão é limitado a uma minoria, mas quer por poucos ou por muitos, o princípio é o mesmo.

Dentro da igreja Católica Romana, a necessidade de eleger um pontífice surge cada vez que um papa morre. A igreja afirma que o papa é Deus sobre esta Terra e possui a virtude da infalibilidade quando decreta verdades espirituais. Deus é tão superior ao homem que não devia haver dificuldade em reconhecer quem Ele é quando caminha entre os homens sobre esta Terra. Contudo, a fim de “descobrir” quem deve ser o novo senhor da igreja, o colégio dos cardeais reúne-se, e, depois dos ritos de solenes orações invocando a direcção do “Altíssimo Deus”, os cardeais entregam-se à tarefa de eleger um novo papa. Votações atrás de votações são feitas, o processo por vezes estende-se durante dias.

Entretanto, vários jornais diários e semanários discutem as considerações políticas e religiosas que orientam os membros votantes do concílio designado para escolher o novo dirigente. Os cardeais olham-se entre si à procura do homem que melhor servirá o propósito no tempo específico em que ele se senta na cadeira pontifical. Porém estas coisas não deviam ser uma consideração, pois, se ele é verdadeiramente Deus na Terra, automaticamente será a pessoa exacta para a posição. Além disso, estes cardeais que supostamente caminham mais perto de Deus do que qualquer homem sobre esta Terra, não teriam dificuldade em reconhecer “Deus” quando “O” encontrassem. Mas de modo algum estão de acordo acerca de quem é a ilustre



pessoa, e é necessária votação após votação antes de uma suficiente maioria estabelecer a questão.

É este o método pelo qual Moisés, Josué, Samuel, Daniel, João Baptista, Paulo, e outros apóstolos foram escolhidos e comissionados?

Obviamente que não!

Eles foram pessoal e directamente apontados para a sua obra pelo próprio Deus. Não houve comissões envolvidas, nenhuma votação e nenhuma eleição humana. Na igreja da qual Cristo é a Cabeça, será sempre o mesmo.

A igreja Católica não pode operar sob os princípios de Deus, porque há muito tempo ela elegeu o homem como cabeça da igreja no lugar de Cristo. Privado da Sua posição legítima e autoridade o Senhor obviamente não pode ser Aquele que toma as decisões nessas organizações.

É espantoso ver que homens e mulheres inteligentes crêem que o romano pontífice é realmente Deus na Terra. O próprio facto que ele morre depois de officiar durante um certo período, devia ser suficiente para convencer qualquer um que ele não é o imortal Deus eterno. Se ele fosse realmente Deus não morreria, e nunca seria preciso haver uma eleição a fim de encontrar um substituto.

Obviamente, todo o sistema é o derradeiro mistério da iniquidade em que o homem tem substituído tão completamente Deus que afirma ser o próprio Deus. Nenhuma prova mais forte podia ser dada que a igreja papal é o anticristo. Como tal ela é a mais desenvolvida expressão da vontade e métodos de Satanás na Terra, por isso a forma de organização e procedimentos seguidos ali são a expressão dos seus caminhos, não os de Deus. Aqueles que desejam saber como Satanás teria a igreja organizada, precisam apenas estudar o método pelo qual a igreja Católica Romana é governada.

A última coisa que um verdadeiro filho de Deus alguma vez queria ver é a igreja de Deus organizada como a igreja de Satanás, contudo, as igrejas Protestante e Adventista operam pelo mesmo sistema. Naturalmente, a última não foi tão longe como a primeira, mas eles estão a aproximar-se disso todos os dias, em breve todas aquelas organizações que têm seguido os métodos de Roma confederar-se-ão numa vasta organização contra Deus e o Seu povo. Aquilo que todos eles têm em comum é a sua instituição do homem no lugar de Deus na igreja. Os procedimentos pelos quais a igreja é governada, são uma clara revelação de onde ela permanece em relação a Deus. Portanto se educada a fim de saber para onde olhar, uma pessoa pode rapidamente determinar qual é a igreja de Deus e qual a que não é. Ela tem apenas que determinar se o movimento a ser investigado é organizado com os métodos da igreja Católica e governos mundanos, para saber que Deus não está ali.

Anteriormente neste capítulo foram citados alguns testemunhos de *Testemunhos para Ministros* a fim de mostrar que os princípios papais do domínio humano sobre outros foram também estabelecidos na igreja Adventista durante a primeira década deste século. A advertência soou claramente naquela altura em que, se esta ordem de coisas não fosse mudada o Senhor separá-los-ia da obra. Isso com certeza não mudou desde então, por conseguinte, não há real diferença entre a igreja Adventista, governos do mundo e igreja Católica Romana. Portanto, tal como ela está hoje, Deus não espera mais finalizar a obra através da igreja Adventista do que, através de qualquer uma das outras organizações mencionadas acima.

Contudo, por muito estranho que pareça, o povo adventista apontará para a própria estrutura organizacional que exclui qualquer possibilidade de Deus operar através dela, como garantia que Ele operará.

Para apoiar as suas convicções que têm a correcta forma de organização, citarão testemunhos como o que se segue para “provar” que a estrutura organizacional na igreja foi designada e ordenada pelo próprio Deus.

“Faz já quarenta anos que foi introduzida a organização entre nós, como um povo. Fiz parte daqueles que tiveram experiência ao estabelecê-la desde o princípio. Conheço as dificuldades que tiveram de ser enfrentadas, os males que ela se destina a corrigir, e tenho notado sua influência em relação com o crescimento da causa. Na fase inicial da obra, Deus nos proporcionou luz especial sobre este ponto, e esta luz, juntamente com as lições que a experiência nos ensinou, deveria ser tida em cuidadosa consideração.” *Testemunhos para Ministros*, 24.

O leitor superficial aceita imediatamente isto como uma total aprovação do esquema existente pelo qual comissões e conselhos de administração controlam e dirigem a igreja. Porém, uma cuidadosa consideração deste parágrafo revelará alguns pontos que foram completamente passados por alto.

Estas palavras foram escritas em 1901. Quarenta anos antes disto estava-se no início da década de 1860 quando a igreja Adventista do Sétimo-Dia foi organizada pela primeira vez segundo estas linhas que instituíram homens nos lugares de decisão. Muitos opuseram-se às mudanças do que existia antes, mas o Senhor salientou a necessidade delas. As pessoas hoje por isso concluem que este é o divinamente apontado *ideal* para a organização da igreja que não deve ser abandonado até ao fim.

Mas se este é o sistema ideal, então porque esperou Deus trinta anos desde que o novo movimento começou, para o instituir?

Durante aqueles trinta anos, a obra não estava desorganizada. Cristo era a Cabeça e conduzia os assuntos com grande eficiência. Não havia presidentes, comissões directivas, ou comissões. À parte da possibilidade dos obreiros enviados de moto-próprio procurando introduzir-se a si mesmos no campo, os obreiros eram escolhidos por Deus e trabalhavam sob a Sua direcção. Tal como seria de esperar, a obra prosperou maravilhosamente durante este período, com dezenas de milhar de almas sendo convencidas e levadas ao arrependimento e confissão.

Obviamente, durante este tempo, o grande segundo movimento do advento não estava organizado como as igrejas protestantes, papal, ou mesmo como os governos da Terra. Ela transportava todos os sinais de ser estruturada segundo os métodos de Jeová.

Porque, então, chamou Deus a uma mudança deste sistema, para a forma encontrada no mundo e igrejas mundanas? Tinha que haver uma boa razão.

Alguns diriam que enquanto o movimento anterior a este tempo era pequeno, o aumento de membros exigia uma “mais eficiente” estrutura organizacional.

Mas esta não é a razão dada no parágrafo citado acima, nem é lógico supor que os métodos de Deus apenas podem tratar de pequenos grupos de pessoas enquanto os métodos dos homens devem ser introduzidos para dirigir corpos maiores. Esta posição inteiramente justifica a estrutura da igreja Católica e governos mundanos.

A nova ordem introduzida sob a ordem pessoal de Deus em 1863 destinava-se a corrigir certos males que tinham aparecido. Quando isso é compreendido, pode ser visto que esta medida foi o último recurso que Deus usou apenas quando a solução que devia ter sido aplicada, foi rejeitada.

Aqueles males não existiam durante os primeiros tempos do movimento, e eles não foram o resultado duma organização de planeamento humano. Eles surgiram em consequência da apostasia da verdade.

Os métodos de Deus apenas operarão quando o Seu povo O tem em seus corações. Ele não pode ser a Cabeça da igreja se não é a Cabeça dos indivíduos que constituem a igreja. Os primeiros dirigentes adventistas conheciam, experimentavam, e ensinavam o evangelho de Jesus Cristo, e enquanto o fizessem, Deus podia governar a Sua igreja segundo os Seus princípios.

Mas subsequente ao grande desapontamento, apesar dos numerosos testemunhos de advertência, o povo do advento foi levado à apostasia até ser lançado na condição laodicense. Isto é confirmado pelo seguinte testemunho escrito em 1859.<sup>4</sup>

“Foi-me mostrado que o testemunho aos laodicensês se aplica ao povo de Deus no tempo presente....” *Testimonies* 1:186.



*As abelhas não têm eleições, comissões ou administrações,  
contudo, a sua organização é perfeita.*

Os laodicensês são um povo simbolicamente sem ouro, vestes brancas, e colírio, e, portanto, literalmente sem o que estas coisas representam — justificação pela fé, a justiça de Cristo, e o discernimento espiritual. Os indivíduos nesta condição perderam o evangelho e não mais têm Cristo dentro de si, a esperança da glória. Por isso os adventistas perderam a sua verdadeira Cabeça sem a qual o sistema de Deus não pode operar. Inevitavelmente, graves males brotaram na igreja à medida que cada homem procurava estabelecer-se a si mesmo como a sua própria cabeça e cabeça dos outros.

A solução perfeita para este problema era um regresso a uma verdadeira, ligação espiritual com Cristo, mas apesar dos diligentes esforços propostos por Deus, o povo não se arrependeria nem purificaria a sua vida. Tal como fizeram os israelitas do passado, manifestaram a mesma cega determinação de considerar o seu estado espiritual como sendo muito melhor do que era.

Quando se tornou visível que não havia possibilidade do povo aceitar a solução apropriada, a igreja foi confrontada com a anarquia, divisão, e multiplicados males. O melhor que Deus podia fazer para conter estes problemas sob as presentes circunstâncias, era dar ao povo uma

---

<sup>4</sup> Vede Destino de Um Movimento, capítulo 17, por F.T. Wright, publicado pela Destiny Press

organização em que existissem visíveis cabeças humanas. Deus estava a operar sob os mesmos princípios de amor que manifestou quando orientou Israel no uso de armas destruidoras.<sup>5</sup>

“Não era Seu propósito que eles (os israelitas) conquistassem a terra pela guerra, mas pela estrita obediência aos Seus mandamentos.” *Patriarcas e Profetas*, 392. Nem era o propósito de Deus que os adventistas se organizassem segundo os métodos do mundo, mas quando perderam a sua ligação espiritual Consigo, Ele reconheceu que um plano humano organizado era melhor que anarquia. Foi a Sua forma de minimizar os maus efeitos daquilo que eles tinham escolhido contra a Sua vontade. Por isso depois de 1863 Ele deu ao povo adventista uma organização modificada para os salvar da total desorganização. Mesmo apesar de saber que eles nunca podiam finalizar a obra enquanto trabalhassem sob este sistema.

Entretanto, Ele estava continuamente chamando-os para que regressassem a um verdadeiro relacionamento espiritual Consigo. Se estes esforços fossem bem sucedidos, a organização divina teria sido instituída de novo. Não havia esperança que a igreja Adventista como um todo respondesse aos Seus esforços, mas no fim Deus terá sucesso em juntar um grupo que afastará toda a influência e prática babilónica. Ele operará sob a total liderança da única verdadeira Cabeça da igreja, Jesus Cristo.

No movimento final, não haverá traço de planeamento humano. Todos serão de Deus como está escrito:

“Permiti-me dizer-vos que o Senhor trabalhará nesta última obra de um modo muito fora da comum ordem de coisas e de um modo que será contrário a qualquer planeamento humano. Haverá entre nós os que sempre desejarão dominar a obra de Deus, para ditar até que movimentos se farão quando a obra avançar sob a direção do anjo que se une ao terceiro anjo na mensagem a ser dada ao mundo. Deus usará maneiras e meios pelos quais se verá que Ele está tomando as rédeas em Suas próprias mãos. Surpreender-se-ão os obreiros com os meios simples que Ele usará para efetuar e aperfeiçoar sua obra de justiça. Aqueles que são considerados bons obreiros, necessitarão apegar-se mais a Deus, necessitarão do toque divino. Precisarão beber de maneira mais profunda e contínua da fonte da água viva, a fim de poderem discernir a obra de Deus em cada ponto. Podem os obreiros cometer enganos, mas vós lhe devíeis dar uma oportunidade de corrigir seus erros, dar-lhes a oportunidade de aprender a acautelar-se, deixando a obra em suas mãos.” *Testemunhos para Ministros*, 300.

Esta é uma maravilhosa profecia daquilo que está para vir. Nas últimas operações finalizadoras, Deus operará “de um modo que será contrário a qualquer planeamento humano”, de modo que não haverá lugar para planos humanos nesse dia. Presidentes, comissões, administrações, ou qualquer outra forma de homens dirigirem outros homens, não será então encontrada entre os verdadeiros filhos de Deus. Será um completo e total regresso aos caminhos de Deus. Por esta razão, entre outras, a obra será por fim terminada com sucesso.

@Deus terá por fim os reinos seguros nas Suas próprias mãos, não os adquirindo pela força, mas porque o Seu povo, tendo sido completamente curado de qualquer disposição para dirigir a Sua obra em Seu lugar, com satisfação os entregará.

É claro que na história do adventismo, há três períodos distintos. O primeiro foi desde 1831 até o laodiceanismo tomar a dianteira. Durante este tempo, Cristo foi a Cabeça da igreja e não havia corpos humanos, centros de decisão para planear a obra, por isso a igreja prosperou grandemente e chegou muito perto da trasladação.

O segundo período foi introduzido pela entrada numa apostasia laodicense que necessitava de uma ordem de coisas que pelo menos preservasse o movimento do caos. Com a perda da sua verdadeira Cabeça, o planeamento humano já estava estabelecido entre o povo, e Deus, na Sua

<sup>5</sup> Vede *Eis Aqui o Vosso Deus*, 315-377, por F.T. Wright à disposição na Destiny Press.

sabedoria, reconheceu que isto estava melhor organizado em vez de desorganizado ou caótico. Isto parou a tendência para a fragmentação da igreja, mas não a equipou para finalizar a obra.

O terceiro e último período do adventismo será marcado por um completo regresso à posição original em que não havia tal coisa como planeamento humano, presidentes, comissões, ou coisa semelhante. Isto não quer dizer que toda a organização adventista abandonará a actual estrutura e regressará completamente aos caminhos de Deus, porque este não será o caso. A vasta maioria continuará exactamente como está agora, até ao fim, e, no conflito final, terá total entendimento com o homem do pecado. Mas aqueles que restam dos devotos compreenderão estes princípios e abandonarão todo o caminho babilónico. Quando Deus tiver tal exército, a obra será rapidamente finalizada, mas não antes.

A tragédia é que as pessoas hoje já não têm mais disposição para aprenderem pela história do passado do que os judeus da antiguidade. A ignorância não salvou os judeus da terrível consequência dos seus erros, e não salvará ninguém hoje.

A história do passado está a repetir-se. As mesmas forças terríveis entrincheiradas nas igrejas podem apenas resultar em iminente ruína. Um toda ela, a doce, amorosa voz de Jesus suplica a todos “fugi do meio de Babilónia, e livre cada um a sua alma; não vos destruais a vós mesmos na sua maldade; porque este é o tempo da vingança do Senhor; Ele lhe dará a sua recompensa.

“Babilónia era um copo de ouro na mão do Senhor, o qual embriagava toda a Terra; do seu vinho beberam as nações, por isso as nações enlouqueceram.

“Num momento caiu Babilónia, e ficou arruinada; gemei sobre ela, tomai bálsamo para a sua dor, porventura sarará.

“Queríamos sarar Babilónia, mas ela não sarou; deixai-a, e vá cada um para a sua terra, porque o seu juízo chegou até ao céu, e se elevou até as mais altas nuvens.

“O Senhor trouxe a nossa justiça à luz; vinde e contemos em Sião a obra do Senhor, nosso Deus.” *Jeremias 51:6-10.*

## A Tragédia dos Judeus

Um dos mais tristes e extraordinário registo na história é a rejeição da nação judaica do seu Messias. Durante séculos, eles esperaram a Sua vinda como a mais brilhante esperança do seu futuro, a promessa da libertação da suserania romana, e o seu estabelecimento como o povo escolhido acima de todas as nações na Terra. As profecias relacionadas com a Sua vinda eram o contínuo assunto de estudo e ensino. Desde o primeiro despontar da inteligência, as crianças ouviam e conheciam o Ser Prometido.

“Por mais de mil anos aguardara o povo judeu a vinda do Salvador. Nesse acontecimento fundamentara suas mais gloriosas esperanças. No cântico e na profecia, no ritual do templo as suas orações domésticas, haviam envolvido o Seu nome.” *O Desejado de Todas as Nações*, 23.

Eles sabiam o próprio ano em que O deviam esperar, pois as profecias dadas a Daniel tinham estipulado que seriam sessenta e nove semanas ou quatrocentos e oitenta e três anos desde a ordem para restaurar e reconstruir Jerusalém até à vinda do Messias. Bastava apenas um simples cálculo para determinar a data.

Pequena maravilha então essa quando o Salvador e os Seus discípulos vieram pregando que “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está às portas”, baseados na profecia de *Daniel 9...*” *O Grande Conflito*, 352, 353, um interesse imediato foi gerado no seu ministério. Isto foi acentuado pelos espantosos milagres que Ele realizou e pela mensagem que trouxe. Durante algum tempo Ele foi bem recebido e milhares após milhares eram convencidos que Ele era o Messias.

Mas chegou uma altura em que a Sua popularidade com o povo subitamente desapareceu, e a oposição contra Ele foi intensificada até que quase toda a nação gritou pela Sua crucificação. A nação que Deus tinha chamado para ser o Seu povo peculiar e através de quem as mais maravilhosas bênçãos deviam ser canalizadas para o mundo, perdeu a sua ligação com o Céu, a sua esperança de vida eterna, e o seu lugar no mundo.

Estas coisas não aconteceram sem uma boa razão. Porque é que este povo que tinha tão forte fé que o Salvador, quando viesse, havia de resolver todos os seus problemas, que estudava as Escrituras continuamente e estavam preparados para fazer qualquer sacrifício pela causa, se tornou tão completamente hostil ao Filho de Deus e aos princípios da justiça?

Foi simplesmente por causa de terem deposto Deus do Seu lugar como Solucionador de problemas. Eles não conheciam os caminhos de Deus e por isso não podiam entrar no Seu repouso. A fé que eles tinham, extinguiu-se totalmente, e eles caíram “no exemplo de incredulidade” *Hebreus 4:11*, como os seus pais no deserto.

Durante os séculos que precederam o primeiro advento, os judeus tinham um terrível problema, e conheciam-no. Estavam na escravidão de inimigos poderosos, o último dos quais eram os romanos, e a razão para esta situação difícil era a sua insistência em tirar Deus do Seu lugar como Solucionador de problemas. Isto começou pouco tempo depois deles deixarem o Egito, quando, contra o plano de Deus para eles, recolheram as armas dos egípcios mortos nas margens do Mar Vermelho. Em Cades-Barneia, avançaram mais um passo designando uma comissão para espiar a terra e as nações à volta deles, e por isso enterraram-se mais profundamente em dificuldades.

Quando estavam perante o desastre do ataque de Nabucodonosor, Deus ofereceu-lhes completa libertação precisamente até eles estarem finalmente subjugados se apenas permitissem que Ele tratasse dos seus problemas, mas orgulhosa e obstinadamente recusaram. Aqueles que vieram do cativeiro mostraram que a história nada lhes tinha ensinado, pois a seguir colocaram-se a si mesmos sob o domínio romano. Pela sua persistente recusa em deixar Deus ter o Seu legítimo lugar entre eles, sempre tornaram as suas dificuldades piores, porque nunca pareciam aprender que se obras humanas trazem tantas dificuldades, então mais das mesmas apenas as aumentará para sua angústia.

Não modificados e não arrependidos, esperavam o advento do Messias. Não pensavam acerca d’Ele como o Solucionador de problemas, mas como Aquele que acrescentaria o Seu grandioso poder às soluções que eles tinham formado. Eles lançaram o amado Salvador no papel de auxiliar ou ajudante deles, não reconhecendo que as posições tinham que ser invertidas.

Naturalmente, eles podiam apenas pensar em termos de uma solução militar, pois esta é a direcção em que as mentes não santificadas sempre funcionarão. As vitórias obtidas por Davi sobre os filisteus foram modelo dos seus planos para os romanos, mas eles eram impotentes para implementar estes esquemas por si próprios, assim olharam para o Messias a fim de usar o Seu grandioso poder para levar a cabo o que tinham planeado. Pretendiam a cruel matança dos romanos, o estabelecimento de Jerusalém como capital do mundo, e eles mesmos o povo mais poderoso e mais rico da Terra. Como isso servia com perfeição aos seus propósitos, Satanás alimentou estes sonhos até eles se tornarem uma feroz e inegável obsessão com os judeus.

Quando finalmente apareceu, os judeus não estavam interessados n’Ele como Planeador e Solucionador de problemas, nem tinham qualquer disposição para O aceitar como tal. Portanto, eles não conheciam os caminhos de Deus, não podiam entrar no Seu repouso, e não podiam ser os fiéis observadores do sábado de que se orgulhavam a si mesmos de ser.

Quão contrário isto era do curso de acção que eles deviam ter seguido! O testemunho da história devia ter-lhes dito que não podiam fazer planos que resolveriam os seus problemas com sucesso. Profundamente arrependidos pelos erros do passado, deviam esvaziar as suas mentes de todos os esquemas e submeterem as dificuldades ao Messias, enquanto deviam estar completamente dispostos a aceitar qualquer solução que Ele pudesse oferecer. Tivessem eles feito isto, a sua história teria sido grandemente diferente.

Pelo contrário, antes de Cristo vir, *eles* tinham todos os planos *para Ele*. Na sua opinião, tudo o que Ele tinha que fazer era adicionar o Seu poder aos esquemas deles e o sucesso estava garantido. Os supostos messias, apenas demasiado dispostos a apoiar os planos formados pelo povo, tinham vindo e desaparecido antes d’Ele chegar, mas nenhum deles possuía as maravilhosas capacidades mostradas por Cristo. O povo cedo se convenceu que Ele podia fazer tudo o que eles queriam e avidamente O seguiram, pedindo que Ele desempenhasse o papel que *eles* Lhe tinham designado.

Sendo Cristo um judeu, esperavam que Ele odiasse os romanos tão intensa e implacavelmente como eles. Se fossem tão dotados como Cristo era, sabiam o que fazer aos seus inimigos, e portanto exigiam que Ele, como filho de Abraão, fizesse o mesmo. Não tinha Ele sido enviado por Deus, que, imaginavam eles, os favoreceu exclusivamente? Falhar em honrar a causa nacional apenas podia ser considerado como um crime de traição. Falhar em agir como *eles* tinham decretado que o enviado de Deus devia agir, era considerado como o maior crime. Pelo primeiro condenaram-n'O à morte. Pelo segundo, acrescentaram a ignomínia da crucificação. Foi como um traidor ao princípio do planeamento humano no lugar de Deus que Cristo morreu.

Um cuidadoso estudo dos desenvolvimentos que levaram à Sua execução fornece lições de grande valor a todo o que deseja ter qualquer desejo de servir verdadeiramente a Deus de acordo com os Seus caminhos e princípios.

Antes do Sermão da Montanha, um número de acontecimentos tiveram lugar que deram coragem à crença que a libertação estava às portas. Cristo tinha transformado a água em vinho, juntou a Si um pequeno grupo de doze apóstolos, purificou o templo, realizou alguns espantosos milagres de cura, desafiou a autoridade do sinédrio acerca do Seu direito de curar no dia de sábado, e anunciou que o reino de Deus estava próximo. Não admira, então, que os discípulos e o povo se juntassem no Sermão da Montanha com grande expectativa de ouvir anunciar a respeito de um reino livre de domínio romano. Os discípulos tomaram o seu lugar junto do Salvador, entre Ele e a vasta multidão que avidamente esperava a declaração que o império universal judeu estava prestes a ser estabelecido.

“Com a impressão de que podiam esperar qualquer coisa acima do comum, apertaram-se todos em volta do Mestre. Acreditavam que o reino seria em breve estabelecido, e em vista dos acontecimentos daquela manhã, convenceram-se de que seria feita alguma declaração a esse respeito. Também a multidão estava em atitude de expectativa, e a ansiedade das fisionomias atestava o profundo interesse. Ao sentar-se o povo na verdejante encosta, aguardando as palavras do divino Mestre, tinham o coração cheio de pensamentos quanto à glória futura. Havia escribas e fariseus que esperavam o dia em que lhes seria dado domínio sobre os odiados romanos, e possuíssem as riquezas do grande império do mundo. Os pobres campónios e pescadores esperavam ouvir a certeza de que suas míseras choças, o escasso alimento, a vida de árduo labutar e o temor da necessidade, deviam ser trocados por mansões onde reinassem abundância e dias de sossego. Em lugar da ordinária vestimenta que os abrigava de dia, e do cobertor que os agasalhava à noite, esperavam, Cristo lhes daria os ricos e custosos trajes de seus conquistadores. Todos os corações fremiam à orgulhosa esperança de que Israel seria em breve honrado ante as nações como os escolhidos do Senhor, e Jerusalém exaltada como a sede do reino universal.” *O Desejado de Todas as Nações*, 282.

Cristo não tinha vindo para dar-lhes súbita riqueza e poder. Isto seria a pior coisa que Ele podia fazer por eles. O que eles precisavam era de uma mudança de carácter. Somente quando tivessem sido transformados no coração de modo que verdadeiramente amassem mesmo os seus piores inimigos, podia com segurança ser-lhes confiado riqueza e poder.

Contudo, o Seu único sonho era uma súbita projecção da pobreza para a riqueza, e eles estavam confiantes que isto lhes traria ilimitada felicidade.

As pessoas hoje procuram os mesmos objectivos investindo continuamente em lotarias, futebol, apostas, e outros esquemas para “ficarem rapidamente ricas”. Ocasionalmente, os delirantemente felizes vencedores são falados nas notícias, para inveja dos que não tiveram tanta “sorte”. Mas geralmente, aqueles que estavam sujeitos à pobreza são incapazes de tratar dos problemas e responsabilidades associadas com uma súbita aquisição de riqueza e poder, e alguns chegam a amaldiçoar o dia em que foram “abençoados” com a imediata riqueza. A sua vida posterior tem sido destruída por divórcios, homicídios, raptos, assaltos, roubos, e outras



dificuldades, até desejarem continuar a comum pessoa pobre que tinham sido antes da “boa sorte” chegar para eles.

Assim com Israel, no princípio tudo pareceria muito prometedora enquanto avançavam unidos contra o seu inimigo comum, os romanos. Durante esta fase, estariam preocupados demais para se incomodarem com a distribuição da riqueza e poder, mas logo que o inimigo fosse vencido, começariam a lutar entre si sobre os despojos. Todo o traço mau — cobiça, luxúria, inveja, orgulho, ódio, etc. — teriam sido estimulados a um grau terrível. Corrupção, violência, e dificuldade teriam amaldiçoado a terra e o povo assim como cada pessoa individualmente lutaria para ganhar o máximo para si mesmo. Os israelitas estavam bastante incapacitados para ver o terrível resultado dos seus planos, mas o Salvador podia amá-los, e amava-os com demasiado apreço para permitir que o Seu poder fosse usado para trazer um resultado tão horrível.

Esta não foi a única razão porque Cristo achou impossível aceitar e executar os planos deles. Os judeus não tinham ideia do verdadeiro carácter de Deus. Para eles, como para muitos, Ele era um destruidor que impiedosamente chacinava os Seus inimigos. Acariciando a ideia que eram os favoritos do Céu, estavam certos que Deus odiava os romanos tanto como eles os odiavam e os aniquilaria em seu favor. Eles não sabiam que Ele amava os romanos tanto como os judeus e Ele não estava prestes a exterminar uma nação para agradar a outra com a qual as Suas afeições estavam igualmente ligadas. Cristo tinha vindo para salvar o mundo inteiro, não apenas os israelitas. Isto estava para além da compreensão deles, embora pudessem ter aprendido se estivessem dispostos.

Outra razão pela qual os seus planos não podiam ser aceites era que o Altíssimo não usa a força para resolver os problemas.

“Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” *O Desejado de Todas as Nações*, 728.

Estes factores colocaram Cristo na posição onde *não aceitaria nem executaria* os planos dos judeus porque *não podia*. Além disso, Ele não precisava dos planos defeituosos porque o Seu Pai já tinha encontrado soluções para todos os problemas do mundo. Tivesse Cristo se desviado de qualquer forma do esquema divino, não teria havido razão para a Sua vinda à Terra. Mas felizmente, apesar da interminável pressão colocada sobre Ele pelo povo entre o qual viveu e trabalhou, completamente recusou operar fora dos propósitos da vontade de Seu Pai. “A única lei da Sua vida era a vontade de Seu Pai.” *O Desejado de Todas as Nações*, 469.

A natureza e princípios do reino que o Pai tinha enviado a estabelecer foram claramente expostos no Sermão do Monte. Foi uma maravilhosa e gloriosa revelação da luz e poder divinos, mas não era o que o povo esperava ouvir.

“Cristo decepcionou essa esperança de mundana grandeza. No sermão do monte, procurou desfazer a obra da falsa educação, dando a Seus ouvintes conceito exacto de Seu reino, bem como de Seu próprio carácter. Não atacou, todavia, directamente os erros do povo. Via as misérias do mundo em razão do pecado, mas não lhes apresentou um quadro vivo de sua desgraça. Ensinou-lhes alguma coisa infinitamente melhor do que haviam conhecido. Sem lhes combater as ideias acerca do reino de Deus, disse-lhes as condições de entrada ali, deixando-os tirar suas próprias conclusões quanto à natureza do mesmo. As verdades que ensinou não são menos importantes para nós que para a multidão que O seguia. Não menos do que eles necessitamos nós de aprender os princípios fundamentais do reino de Deus.” *O Desejado de Todas as Nações*, 282.

O povo estava confundido. Tinham vindo para ouvir um discurso reivindicativo contra os romanos com a promessa que muito em breve a “guerra santa” seria iniciada, o inimigo vencido, e os judeus exaltados ao domínio mundial. Pelo contrário, ouviram os maravilhosos ideais de amor, paz, e pureza, e acharam difícil reconciliar isto com as suas expectativas estabelecidas.

Teria sido interessante ouvir as conversas à refeição nessa noite. Pais teriam sido os recipientes das investigadoras questões dos outros membros da família perguntando como podia este homem ser o Messias quando no final nada disse acerca da “verdadeira” missão do Messias. Alguns terão respondido apontando que um tal Libertador teria que exercer extrema precaução por causa dos espias e soldados romanos presentes que foram relatar às autoridades toda a palavra proferida. Por isso Ele obviamente não lhes podia dizer as coisas que gostaria de ter dito, portanto, a verdadeira intenção da Sua missão foi cuidadosamente ocultada por detrás das inofensivas e maravilhosas expressões nesse dia. Seria muito lamentável para a causa se os romanos tomassem conhecimento prematuramente do verdadeiro propósito do advento do Salvador, declarariam estes homens solene e judiciosamente.

Essa lógica satisfaz o povo por algum tempo, por isso continuaram a seguir Cristo com a contínua expectativa que Ele um dia afirmaria a Sua autoridade, exercendo os Seus espantosos poderes, e pondo os planos deles em prática. Em todo o milagre realizado, viram a certeza que o longamente — desejado momento estava a aproximar-se rapidamente. Entretanto, Cristo prosseguiu o Seu invariável curso de fidelidade aos planos de Deus, inabalável perante a crescente pressão do povo que se apegava aos seus sonhos com inflexível determinação.

Esta situação não podia continuar para sempre. Uma altura tinha que chegar em que a verdade desceria sobre as suas mentes, e o chocante desapontamento que Cristo não faria como eles esperavam e exigiam d’Ele, os esmagaria. Esta altura chegou quando os cinco mil foram alimentados. Durante esse longo dia, Cristo tinha falado da palavra viva que tanto os atraía e agitou que nem sequer deram pelas horas da refeição. O pôr-do-sol indicou o fim do dia e a manifestação da fome física fez-se sentir. No seu grande amor e misericórdia, Cristo não os despediria com fome, assim, tomando quanta comida havia — cinco pães de cevada e dois peixes pequenos — multiplicou o magro suprimento até alimentar toda a multidão.

“Sentado na relvosa planície, ao crepúsculo de uma tarde de primavera, comeu o povo do alimento que Cristo provera. As palavras por eles ouvidas, naquele dia, soaram-lhes aos ouvidos como a voz de Deus. As obras de cura que presenciaram eram tais, que só o poder divino as poderia realizar. Mas o milagre dos pães tocou a todos naquela vasta multidão. Todos participaram de seus benefícios. Nos dias de Moisés, Deus alimentara Israel com o maná do deserto; e quem era este que os alimentara naquele dia, senão Aquele de quem Moisés tinha profetizado? Poder algum humano poderia criar, de cinco pães de cevada e dois peixinhos, alimento bastante para saciar milhares de criaturas famintas. E disseram uns aos outros: ‘Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo.’” *O Desejado de Todas as Nações*, 358.

O povo e os discípulos ficaram agora convencidos que Cristo era o Messias. Toda a dúvida havia sido removida e a sua fé em Cristo era sem mácula nesse momento. Semelhante à fresca brisa do oceano sobre a terra num dia escaldante, convicção e entusiasmo espalhou-se através da vasta multidão. Com intenso e ávido excitamento as palavras foram pronunciadas pelos seus lábios, “Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”. *João* 6:14.

“Durante todo o dia essa convicção se robustecera. Aquele ato, que tudo coroou, é a afirmação de que o longamente esperado Libertador Se acha entre entre eles. As esperanças do povo vão subindo de ponto. É este Aquele que há-de tornar a Judeia um paraíso terrestre, uma terra que mana leite e mel. Pode satisfazer todo o desejo. Pode derribar o poder dos odiados romanos. Pode libertar Judá e Jerusalém. Pode curar os soldados feridos na batalha. Abastecer exércitos inteiros de alimento. Conquistar as nações, e dar a Israel o domínio longamente ambicionado.” *O Desejado de Todas as Nações*, 358.

A base da fé é visão, e só quando os homens alcançam uma visão das ilimitadas capacidades de Deus terão eles fé no Altíssimo. Nesse dia, o povo viu o poder que Jesus possuía e sabiam que Ele podia fazer tudo o que eles necessitassem. Ele tinha o poder *físico* para “fazer da Judeia um paraíso terrestre”, “satisfazer todo o desejo”, “quebrar o poder dos odiados romanos”, “libertar

Judá e Jerusalém”, “curar os soldados feridos na batalha”, “suprir todos os exércitos com alimento”, “conquistar as nações”, e “dar a Israel o domínio tão longamente desejado”.

Do ponto de vista da possessão de poder *físico*, Cristo podia com certeza fazer cada uma destas coisas, mas o Seu carácter de infinito amor, justiça e rectidão impedia que Ele fizesse a maioria delas. Por exemplo, Ele podia ter curado os soldados feridos na batalha, desde que eles tivessem a fé requerida e não desejassem a cura meramente para voltar a matar os seus inimigos. Do ponto de vista humanitário, Ele teria curado as tropas de ambos os lados com igual imparcialidade. Obviamente Ele não podia ter saído para conquistar as nações à cabeça do exército judeu.

Mas o povo não compreendeu isto. Nas suas mentes, a responsabilidade como filho de Abraão era usar esse maravilhoso poder como eles o empregariam se o tivessem na sua posse. Não fazer assim só podia ser considerado como traição ao nacional, e portanto sagrado depósito; um crime garantindo a pena de morte. Eles estavam certos que Cristo não os desapontaria, e esperavam que Ele desse sinais que o tempo estava próximo.

Porém Cristo não mostrou disposição de declarar a Sua liderança nacional, ou chacinar os romanos. Eles concluíram que Ele era tão humilde, gentil e modesto que nunca cumpriria a Sua “missão”.

Por isso ali estavam eles.

Tinham os planos para a libertação dos romanos.

Ele tinha o poder.

Eles tinham esperado que Ele juntasse estes dois elementos, mas tornou-se crescentemente evidente que Ele não iria fazê-lo desse modo. Um sério problema os defrontou. Eles sentiram que a todo custo Cristo devia acrescentar o Seu poder aos seus planos, por isso a pressão estava neles para tomarem as coisas nas suas próprias mãos e forçar Cristo a aceitar a dignidade real.

Satanás gosta especialmente de planejar tais situações. Abraão e Sara sentiram e sucumbiram a esta tentação quando viram a sua oportunidade de terem um filho fugir deles; assim fez Rebeca e Jacó quando Isaque prosseguiu na determinação de dar o sagrado direito de primogenitura a Esaú. Satanás sabe que esta tentação pode apenas ser resistida com sucesso por aqueles que são profundamente educados nos princípios da divina ordem e organização.

Havia apenas um caminho correcto para os judeus seguirem depois dos cinco mil terem sido alimentados. Tinham que reconhecer que Cristo estava sob a direcção pessoal do Seu Pai e assim devia ser deixado a fim de executar aquelas instruções. Eles tinham que aceitar quaisquer planos que o Senhor fizesse para eles e não se agarrarem às suas acariciadas determinações em acabar com os romanos.

Todavia, eles estavam a operar sob princípios diferentes, pois não tinham intenção de permitir que uma tão maravilhosa oportunidade se escapasse, sendo unânimes em que algo tinha que ser feito. Assim abordaram o problema numa forma tipicamente humana levando a cabo uma enorme assembleia, e depressa alcançaram a decisão unânime que, para “a glória de Deus e avanço do Seu reino”, deviam levar Cristo pela força e obrigá-l’O a ser rei.

“Consultando-se entre si, concordaram em apoderar-se d’Ele por força, e proclamá-l’O rei de Israel. Os discípulos unem-se à multidão em declarar que o trono de Davi é a legítima herança de seu Mestre. É a modéstia de Cristo, dizem, que O faz recusar essa honra. Que o povo exalte seu Libertador. Que os arrogantes sacerdotes e principais sejam forçados a honrar Aquele que vem revestido de autoridade divina.” *O Desejado de Todas as Nações*, 358, 359.

Por conseguinte, formaram um esquema destinado a garantir que os seus planos para o engrandecimento mundano fossem levados a cabo. Nesse plano não havia um traço de planeamento divino, por isso era contrário às intenções de Deus.

Cristo não podia possivelmente agir de acordo com as indicações deles sem destruir toda a Sua missão pela aceitação de homens no lugar de Deus como seus planeadores. Ele teria abandonado o santo concerto e aliado ao mistério da iniquidade, desse modo entregando a

completa vitória a Satanás e seus anjos. Que gritos de exultação deviam ter soado por todo o reino satânico se Cristo tivesse cometido semelhante erro fatal.

Os judeus e os apóstolos não podiam ter adoptado um caminho pior. Estavam a fazer precisamente o que o diabo queria que eles fizessem, e agradou-lhe especialmente vê-los tão profundamente enganados pensando que estavam servindo a Deus totalmente.

A pressão trazida para Cristo suportar neste ponto foi idêntica à posterior dirigida a Paulo, quando os dirigentes na igreja Cristã em Jerusalém, depois de passarem anos a tentarem induzi-lo a submeter-se a eles como seus directores, por fim conseguiram que ele sucumbisse. Foi requerido que Paulo olhasse para eles em lugar de Deus, sendo exactamente o que os judeus queriam que Cristo fizesse.

Paulo rendeu-se às suas exigências no seu sincero desejo de terminar a desunião no movimento, mas terríveis consequências se seguiram. A causa de Deus foi atrasada por mais de um milénio, à igreja desse tempo foi negada a trasladação, e incrível degradação e sofrimento foram impostos às gerações que se seguiram.

É lamentável que Paulo se rendesse, mas muito mais louvável Cristo não o fazer. Tivesse o Salvador feito qualquer concessão às exigências feitas por essa comissão apressadamente reunida, teria sacrificado a Sua missão e destruído toda a esperança de salvação para a raça humana, Satanás teria triunfado, não numa passageira e limitada escala como quando Paulo permitiu aos dirigentes serem os seus planeadores e os orientadores da sua conduta numa área, mas na totalidade. O cancro consumidor teria estendido os seus tentáculos em círculos sempre crescentes em direcção ao final envolvimento e aniquilação do Universo. O impedimento deste terrível resultado dependia da completa recusa de Cristo nesse dia na permissão de que qualquer outro senão Deus fosse o Seu Planeador. Enquanto a multidão e os discípulos avidamente se movimentavam para fazer o que tinham decidido, Cristo reconheceu com cristalina clareza os princípios que eles estavam a violar e as ameaçadoras consequências que se seguiriam às suas acções, recusou ser participante no esquema deles.

“Tomam ansiosamente providências para executar seu desígnio; mas Jesus vê o que está em andamento e compreende, como eles não o podem fazer, o resultado desse movimento. Mesmo então estavam os sacerdotes e principais a Lhe buscar a vida. Acusavam-n’O de desviar deles o povo. Violência e insurreição seguir-se-iam a qualquer esforço para O colocar no trono, e prejudicar-se-ia a obra do reino espiritual. O plano deveria ser impedido sem demora. Chamando os discípulos, Jesus ordena-lhes que tomem o barco e voltem imediatamente para Cafarnaum, deixando-O para despedir a multidão.” *Idem*, 359.

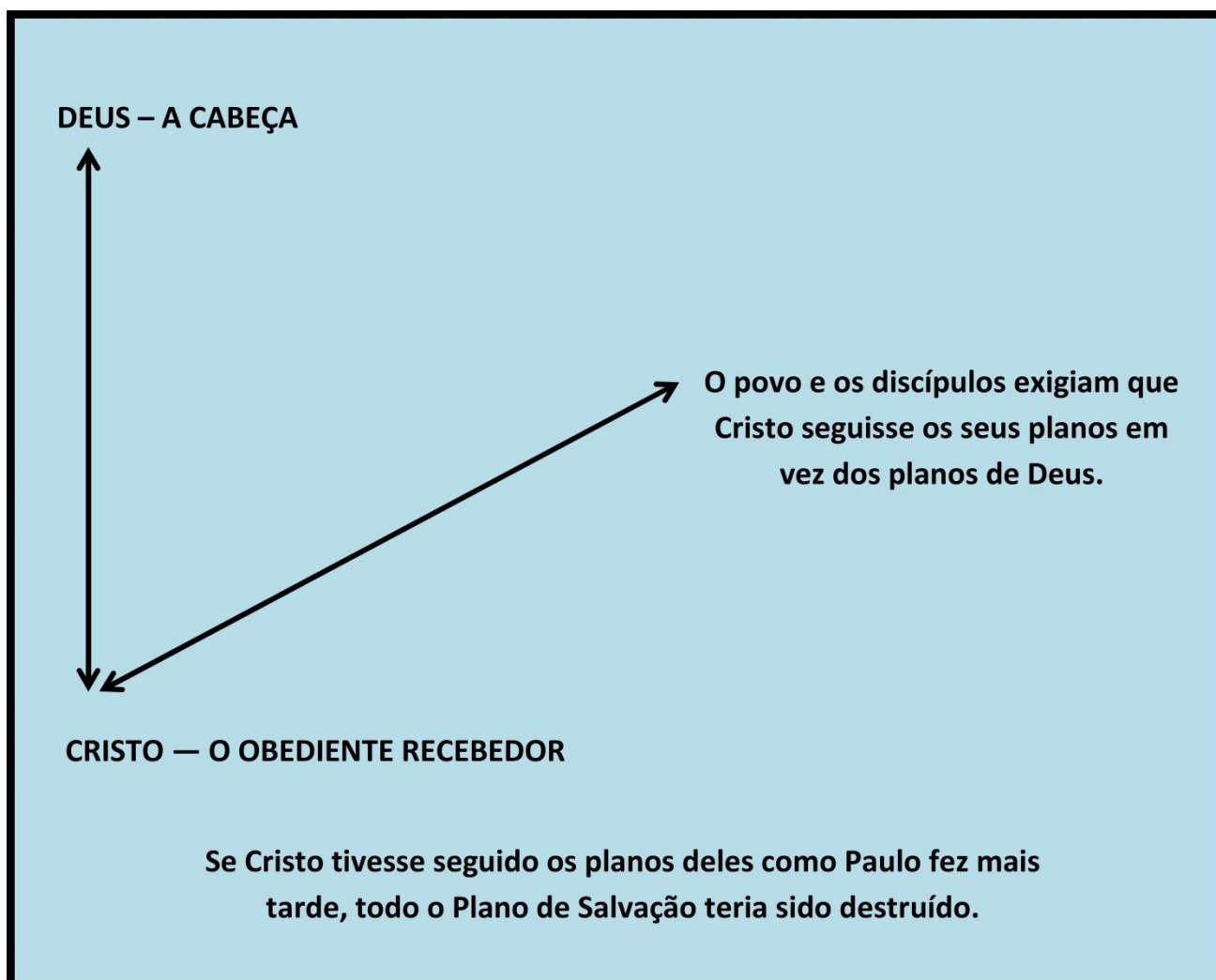
Nesse dia, Cristo permaneceu completamente só. Nem mesmo os discípulos que tinham recebido o directo benefício do Seu ministério, partilharam a Sua compreensão do mistério de Deus contra o mistério da iniquidade. O mínimo que podiam ter feito por Ele era tomar uma posição neutra, e o melhor era ter apontado à multidão a natureza exacta das suas transgressões e avisá-la acerca do correcto procedimento a seguir. Porém fizeram o pior encorajando a multidão a forçar o Seu Mestre a ser rei. Fizeram isto não por serem maus de coração ou desejassem destruir a obra de Cristo, mas porque não compreenderam a natureza do que estava envolvido.

O facto de Cristo permanecer completamente só não O influenciou de modo algum. A Sua preocupação era a vontade do Pai. Ele levaria a cabo os planos de Deus mesmo que só Ele os visse e compreendesse, e para fazer isso Ele devia opor-Se aos decididos esforços de todo o mundo, enfrentar o aparente fracasso da Sua missão, e ser levado a uma injusta e cruel morte. Mas Cristo, sendo um verdadeiro servo do Altíssimo, não se preocupava com as consequências. Ele fielmente cumpriu o Seu dever e deixou todas as consequências com Deus. Não havia factor, pressão, ou argumento no Céu ou na Terra que O induzisse a modificar os Seus princípios sob qualquer aspecto.

Para os discípulos, a tomada de posição, se bem que aceitavelmente idealista, parecia próxima da insanidade. Nada havia de lógico nisso, pois eles podiam ver o descer do dia cheio de oportunidade, escapar-se-lhes sem tirar vantagem dele, e isto, era um terrível pensamento para eles. É importante manter sempre em mente que os caminhos de Deus são ilógicos para os homens. Este facto é tão pouco apreciado, que os homens têm a tendência de rejeitar as instruções de Deus que não podem compreender, em favor das suas próprias invenções as quais sentem e podem compreender e que para eles parecem lógicas e práticas. Se eles apenas compreendessem que estavam a rejeitar aquilo que operaria com sucesso, em troca daquilo que não pode de modo algum ser bem sucedido, com certeza mudariam os seus caminhos.

Cristo não negava ao povo a liberdade de fazer o que desejasse, excepto uma coisa. Ele não lhes daria o direito de O dirigirem. Por esta razão deu ordem aos Seus discípulos que embarcassem para Cafarnaum enquanto despedia a multidão.

“Nunca dantes uma ordem de Cristo parecera tão impossível de cumprir. Os discípulos haviam de há muito esperado um movimento popular para colocar Jesus no trono; não podiam suportar a ideia de que todo esse entusiasmo viesse a dar em nada. As multidões que estavam congregando para assistir à Páscoa, achavam-se ansiosas por ver o novo profeta. A seus seguidores esta se afigurava a oportunidade áurea de estabelecer seu amado Mestre no trono de Israel. No ardor dessa nova ambição, duro lhes era afastar-se e deixarem Jesus sozinho naquela desolada praia. Protestaram contra essa medida; mas Jesus falou então com uma autoridade que nunca dantes assumira para com eles. Sabiam que seria inútil qualquer oposição de sua parte, e, silenciosos, dirigiram-se para o mar.” *Idem*, 359.



Para o seu próprio bem, era essencial que os discípulos se separassem da cena. Por isso, Cristo mandou-os embora primeiro, pelo que ficou livre para tratar com a multidão como um elemento separado.

“Cristo manda então à massa que se disperse; e tão incisiva é Sua maneira, que não Lhe ousam desobedecer. As palavras de exaltação e louvor morrem-lhes nos lábios. No próprio acto de avançar para d’Ele se apoderarem, são-lhes detidos os passos, e o alegre e ansioso olhar amortece-lhes no semblante. Há naquela multidão homens de espírito vigoroso e firme determinação; o régio porte de Jesus, porém, e Suas breves e serenas palavras de ordem, aquietam o tumulto, frustrando-lhes os desígnios. N’Ele reconhecem poder superior a toda terrena autoridade, e, sem uma réplica, submetem-se.” Idem, 359.

Tal como o povo triste e aborrecido partiu, eles compreenderam que não havia a mínima esperança dos seus planos receberem a aprovação de Cristo, e estes receios foram completamente confirmados no dia seguinte.

A sua experiência é uma ilustração da verdade que “fé sem as obras é morta”. Tiago2:20.

Tal como foi já dito no capítulo seis, fé misturada com as obras *do homem*, sendo fé sem as obras *de Deus*, é fé sem obras nos termos desta Escritura. O único resultado de uma tal combinação, é uma fé decadente, que é negra incredulidade. O caminho mais seguro para destruir uma experiência de fé viva, vibrante, é misturar as obras, planos e soluções do homem com ela. Esta combinação é garantia de destruição mesmo da melhor fé. A história a ser estudada prova isto tão fortemente como a experiência de Israel em Cades-Barneia.

Quando os cinco mil foram miraculosamente alimentados, a sua fé em Cristo como Messias era muito forte. Nenhuma dúvida diminuía a sua visão e sentiam-se seguros que o Prometido estava verdadeiramente entre eles. “Este é *na verdade* o Profeta que havia de vir ao mundo,” disseram. Estavam entusiasmados e confiantes, excitados e felizes. O futuro parecia cheio de brilhantes perspectivas. Não tinham dúvidas acerca das maravilhosas capacidades de Cristo e estavam certos que Ele tinha poder para levar a cabo mais do que os “esplêndidos” planos que tinham formado em Seu favor.

Se eles apenas tivessem aceite as obras de Deus neste ponto e a combinassem com a sua fé, os resultados teriam sido muito maravilhosos. Porém eles não o fizeram. Nos planos que formaram nesse dia, não havia um único elemento de divina participação. Eram totalmente seus nada de Deus. Pior ainda, mesmo apesar de não saberem (pois pensavam que estavam a fazer grandes coisas para Deus), os seus planos estavam em oposição directa aos Seus propósitos.

O resultado natural disto, apenas podia ser a morte da sua fé. Por isso quando os discípulos remavam para a margem oposta, grande treva espiritual caiu sobre eles até estarem prontos a crer que Cristo era no fundo um impostor, tal como os fariseus tinham afirmado.

Mandar os discípulos embora não resolveu imediatamente o problema dentro deles, embora acalmasse a situação geral. Enquanto entravam no barco e remavam em direcção ao seu destino, um espírito muito mau estava neles e estavam aborrecidos consigo mesmos por falharem em exercer a sua autoridade sobre Cristo. Em nenhum sentido tinham sido libertos da sua disposição de tomar Cristo pela força e fazê-lo rei contra a Sua vontade e a de Seu Pai. O seu caminho estava a construir incredulidade dentro de si, e a separá-los do Seu Mestre que só podia juntar-se de novo a eles quando com corações verdadeiramente arrependidos, compreendessem a sua necessidade de regressar aos caminhos de Deus.

A lição contida na separação de Cristo nesta altura não deve ser passada por alto. A substituição dos caminhos de Deus pelos caminhos do homem, *separará sempre pessoas e movimentos de Deus*. Satanás sabe isto melhor do que nós e está portanto sempre a operar a fim

de instituir procedimentos humanos no lugar dos divinos. Sempre que sentimos uma separação de Deus, faríamos bem em examinar os nossos procedimentos para ver se eles estão de acordo com os caminhos de Deus. Se não estão, construirão um sempre crescente abismo entre nós e o nosso Mestre. Por isso, tal como os discípulos saíram da margem do rio com a incredulidade a edificar-se nos seus corações, ficaram cada vez mais separados de Cristo.

“Deixaram Jesus com o coração mal satisfeito, mais impacientes com Ele do que nunca, desde que O tinham reconhecido como Seu Senhor. Murmuravam por não lhes haver sido permitido proclamá-l’O rei. Exprobravam-se a si mesmos por se terem tão prontamente submetido às Suas ordens. Raciocinavam que, houvessem sido mais persistentes, e teriam talvez conseguido o seu desígnio.” *Idem*, 360.

Eles naturalmente viram-se a si mesmos como aqueles que amavam Deus e Israel e que eram zelosos no estabelecimento do reino, ao passo que Cristo parecia totalmente indiferente a estes interesses. Começaram a perguntar de que lado Ele estava e se era um impostor. Enquanto o seu zelo pela causa de Deus deve ser totalmente reconhecido, é evidente que eles não compreendiam a natureza do reino os procedimentos pelos quais ele havia de ser construído. Esta ignorância não os salvava das más consequências do seu rumo, mesmo apesar do Senhor vigiar por eles e fazer o Seu melhor para os proteger de si mesmos. Temos que aprender bem esta lição, pois os humanos têm a tendência de sentir que, se os seus motivos são bons e têm as melhores intenções, isto compensará, e mesmo santificará, procedimentos errados. Mas isto nunca acontecerá.

Para os discípulos, as más consequências foi a destruição da sua fé e separação de Deus.

“A incredulidade se estava apoderando de seu espírito e coração. Cegava-os o amor da honra. Sabiam que Jesus era odiado pelos fariseus, e estavam ansiosos por vê-l’O exaltado como pensavam que devia ser. Estarem ligados a um mestre que podia operar tão grandes milagres, e ainda serem injuriados como enganadores, era provação que mal podiam suportar. Deveriam ser sempre considerados seguidores de um falso profeta? Não haveria Cristo nunca de afirmar Sua autoridade como rei? Por que não havia Ele, que possuía tal poder, de revelar-Se em Seu verdadeiro carácter e tornar-lhes a eles o caminho menos penoso? Por que não salvara João Batista de uma morte violenta? Assim raciocinavam os discípulos, até que trouxeram sobre si mesmos grande treva espiritual. Perguntavam: Poderia ser Jesus um impostor, como afirmavam os fariseus?” *Idem*, 361, 362.

Que transição foi esta da fé e entusiasmo exibido apenas algumas horas antes. Nessa altura tinham dito, “Este é na verdade o Profeta que havia de vir ao mundo”. Agora estavam a dizer. É Ele um impostor como afirmam os fariseus?

Esta é uma notável demonstração dos efeitos mortais da mistura de obras humanas com fé viva. Se desejamos destruir quanta fé tivermos, há um caminho seguro para fazer isso! Simplesmente necessitamos de acrescentar as nossas obras à nossa fé e a morte está garantida. O sistema está totalmente provado.

Os discípulos estavam profundamente perturbados por causa de, aos seus olhos, Cristo não “... Se revelar em Seu verdadeiro carácter”. Mas isso era o que Ele estava de facto a fazer. A sua incapacidade para ver que isso era devido aos seus pontos de vista errados acerca da obra e carácter do Salvador. Apesar disto, não tinham desculpa para caírem na satânica armadilha preparada para eles, pois total protecção estava ao seu dispor nos simples princípios de deixar Cristo fazer a vontade de Seu Pai, completamente livre de qualquer pressão ou interferência por parte deles. Quando não foram bem sucedidos em influenciá-l’O para que executasse os seus desejos, acariciaram e cultivaram as trevas, com pensamentos de reprovação contra Ele, em vez de habitarem nas abençoadas verdades que tinham aprendido nesse dia.

“Os discípulos haviam testemunhado naquele dia as maravilhosas obras de Cristo. Dir-se-ia que o Céu baixara à Terra. A lembrança daquele dia precioso, glorioso, deveria tê-los enchido de fé e esperança. Houvessem, da abundância de seu coração, estado a conversar entre si a respeito dessas coisas, e não teriam caído em tentação. Sua decepção, porém, lhes absorvera os pensamentos. Esqueceram-se das palavras de Cristo: ‘recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca.’ Foram horas de grandes bênçãos para os discípulos, aquelas, mas tudo olvidaram. Achavam-se em meio das turbadas águas. Tinham os pensamentos tempestuosos e desarrazoados, e o Senhor lhes deu alguma coisa mais para lhes afligir a alma e ocupar a mente. Deus assim faz muitas vezes, quando os homens criam preocupações e aflições para si mesmos. Os discípulos não tinham necessidade de criar perturbação. Já se avizinhava o perigo.” *Idem*.

Tal como a multidão, eles partiram igualmente descontentes. No dia seguinte seguiram Jesus para Cafarnaum onde argumentaram com Ele para determinar de uma vez por todas se alguma vez Se submeteria às ordens deles. Era uma directa confrontação entre o mistério de Deus e o mistério da iniquidade. O relato escriturístico disso encontra-se em *João 6:22-25*. Quando o povo falava com Cristo Ele renovava os Seus esforços para abrir as Suas mentes para a compreensão da verdadeira natureza do Seu reino, a qualificação essencial para o qual era a possessão de um carácter semelhante ao de Deus em vez de poder material, militar ou físico.

Porém, eles tinham feito os seus planos para Cristo e estavam decididos a afirmar a sua autoridade sobre Ele. Por isso, a questão entre Cristo e os judeus era simplesmente uma questão de quem era a cabeça da igreja — Deus ou o homem? Devia Cristo aceitar as direcções do Seu onisciente Pai, ou as dos judeus cuja história mostrava que nada podiam fazer certo? Quem devia ser Planeador, Solucionador de problemas e Portador de fardos na igreja? Em resumo, quem devia ser Deus a Fonte e quem deviam ser os dependentes recebedores?

No que diz respeito a Cristo não *havia* dúvida. Ele compreendia a estrutura do reino de Deus, a relação que cada ser criado devia manter com o Infinito e a razão para a qual este sistema não devia ser subvertido. Portanto, Ele estava total e eternamente entregue aos caminhos de Seu Pai. Por nenhum outro procedimento podia Ele cumprir a Sua missão com sucesso.

Nem tão pouco havia dúvida nas mentes dos obstinados, insensatos judeus que viviam na Palestina. Babilónios eram e babilónios permaneceriam. Pela recusa em dar a Deus o Seu legítimo lugar entre si, os judeus estavam a confirmar a sua eterna separação d’Ele e a garantir a sua condição como povo. Desejavam salvação nos seus próprios termos ou não a teriam absolutamente. Eles desprezaram e rejeitaram a solução maravilhosa e totalmente eficaz que tinha sido formada no infinito amor e sabedoria de Deus e enviado a eles pelo mais auspicioso de todos os mensageiros — Cristo, o Unigénito de Deus.

“A prova era demasiado grande. Arrefeceu o entusiasmo dos que O tinham querido arrebatado para fazer rei. Este discurso na sinagoga, diziam, abria-lhes os olhos. Agora estavam desenganados. Em seu espírito, as palavras d’Ele era uma positiva confissão de que não era o Messias e nenhuma recompensa terrestre podia provir de se unirem a Ele. Havia saudado o poder que possuía de operar milagres; estavam ansiosos de ser libertados de doenças e sofrimentos; não se poderiam, porém, coadunar com Sua vida de abnegação. Não se importavam com o misterioso reino espiritual de que falava. O insincero, o egoísta que O tinha buscado, não mais O desejou. Se não consagrava Seu poder e influência a obter sua libertação dos romanos, não queriam ter nada com Ele.” *Idem*, 374.

A última frase é a chave da situação. “*Se Ele não devotasse o Seu poder e influência para obter a sua libertação dos romanos, não queriam ter nada com Ele.*” Os problemas de Israel começaram no momento em que se estabeleceram a si mesmos como planeadores no lugar de Deus, mas eles



não podiam ver isto. Consequentemente, tornaram-se cada vez mais firmes na sua rejeição dos caminhos de Deus até que voltaram as costas ao único que podia ajudá-los.

Eles justificaram a sua rejeição de Cristo na base que os Seus caminhos nunca libertariam Israel, mas a sua nação, que pensavam salvar por esta sua decisão, foi destruída por causa dela. Os seus objectivos era obter a completa libertação dos romanos e serem exaltados ao pináculo da grandeza mundana. Pelo contrário, foram destruídos pelos romanos e a sua amada cidade totalmente arrasada. Tornaram-se num povo espalhado e perseguido sem terra a que chamassem sua. Pior ainda, desligaram-se totalmente do Céu e perderam o inestimável dom da vida eterna. Um preço elevado pela duvidosa honra de serem planeadores no lugar de Deus.

Quando os judeus usurparam o papel de Deus como Planeador, tornaram-se tão obcecados com o pensamento de exercer autoridade sobre Cristo que não se contentaram meramente em rejeitá-l'O. Quando compreenderam que Ele não os serviria da forma que queriam, ficaram cheios de um medo terrível que, se Lhe fosse permitido viver, Ele destruiria para sempre as suas esperanças e aspirações, assim era tão necessário que eles O dominassem quando Ele não tivesse utilidade para eles como quando pensaram que Ele acederia às suas propostas. Se não O pudessem forçar a ser rei, forçá-l'O-iam a morrer. A nova situação exigia novo conjunto de planos, mas ao fazê-los, não havia mudança na sua determinação de serem os planeadores em vez de Cristo.

Aqui, uma vez mais, encontraram-se a si mesmos destituídos de poder para levar a cabo os seus planos. Como não eram um estado soberano, não podiam sentenciar o amado Salvador à morte e executá-l'O. Tinham então que procurar alguma fonte de poder, que unida aos seus esquemas lhes permitisse destruir Cristo.

Isto apenas podia ser obtido de um lugar e esse era dos odiados romanos. Eles governavam a Terra e, tinham a espada do poder nas suas mãos nesta altura. Por estarem primeiramente tão decididos a exterminar os romanos, os judeus, como questão de princípio deviam ter rejeitado a ideia de usar o poder romano para realizar os seus objectivos.

Porém, princípio e honra nem sequer foram considerados. Conveniência era tudo o que interessava. Para eles, o fim a ser alcançado era tão importante que qualquer meio era justificado, não importando quão ausente de escrúpulos. A sua acção era a revelação das profundidades de inconsistência e iniquidade do fim a que a determinação de ter o seu próprio caminho, levará o homem.

Mais do que conveniência estava a levar os judeus a crucificar Cristo. Eles estavam sedentos de vingança. Tinham colocado todas as suas esperanças n'Ele. Nasceu judeu tal como eles; possuía todo o poder necessário para realizar a missão que Lhe tinham designado; veio no tempo prometido; e afirmava ser o Messias. Mas Ele não havia cumprido as suas expectativas. Sentiram a intensa dor do amargo desapontamento, traição e troça. Por causa disto, vê-l'O-iam pagar. Com profunda satisfação vê-l'O-iam morrer de uma interminável, lenta, agonizante morte, rejeitado e odiado por todos. Troçariam d'Ele quando transportasse o "fracasso" dos Seus caminhos e a "superioridade" dos caminhos deles. Concentrados no que fizeram a Cristo no Seu sofrimento final e morte, estava todo o mal que é o resultado natural da satânica e humana disposição de governar sobre Deus e uns sobre os outros. O Calvário testifica a enormidade deste mal ao mostrar a que extensão ele levará os filhos de Deus se alguma vez permitirem que ele os domine.

Os judeus foram bem sucedidos em obter o poder romano para condenar e crucificar o Salvador, mas em vista da profunda hostilidade entre eles, quanto eram eles capazes de fazer? Esperar-se-ia que os romanos não tivessem qualquer interesse na vingança particular dos judeus

contra Cristo, tendo a tendência para O protegerem e honrar por causa da Sua firme recusa em tomar o lado dos judeus no seu esquema para destruir os seus suseranos.

Havia uma boa razão para a decisão dos romanos participarem com os judeus na condenação de Cristo.

Enquanto em muitas áreas estas duas nações não podiam encontrar um terreno comum, estavam unidas numa área básica. Ambas partilhavam da mesma estrutura de organização; a mesma determinação que homens substituíssem o Altíssimo como governadores nesta Terra. Ambos os reinos eram manifestações do mistério da iniquidade. Satanás não se importa particularmente com aquilo que os povos crêem e fazem desde que estejam construindo o mistério da iniquidade. Por isso, não operou para unir os judeus e os romanos na doutrina, mas no propósito comum de lutarem contra o sistema de governo de Deus.

O mistério de Deus que Cristo tinha vindo estabelecer não encontrou terreno comum nem com os judeus nem com os romanos, nem ele faria compromisso ou se conformaria com eles de alguma maneira. A mensagem de Cristo exigia como condição prévia para O receber, uma completa rejeição dos procedimentos por tanto tempo acariciados. Ele advertiu em termos inequívocos que o vinho novo não podia ser colocado em odres velhos; que não podia haver casamento entre os dois sistemas. Estas eram as condições e transformações que nem os judeus nem os romanos estavam dispostos a aceitar. Em primeiro lugar os romanos deixaram os judeus discutirem isto com Cristo, mas quando se provou que eles não eram capazes de o fazer, os romanos estavam preparados para juntar o seu poder à luta.

Os judeus teriam de bom grado recebido Cristo como seu Rei se Ele estivesse preparado para substituir o Império Romano por outro com o mesmo tipo de organização, com a diferença que os judeus seriam agora a classe dominante. Quando os despotismos terrestres são vencidos, os novos governantes não são diferentes dos que foram vencidos, pois eles operam pelos mesmos métodos, são tão despóticos, cruéis, e impiedosos e precisamente tão determinados a estabelecer o princípio do homem como planeador e orientador dos seus destinos no lugar de Deus. A vereda do poder mundano está sempre molhada com o sangue de outros.

Era a determinação de Cristo construir um reino diferente dos reinos deste mundo, que deu luta ao ódio dos judeus e fez com que eles O rejeitassem. Não O repudiaram meramente como pessoa. Foi o sistema que Ele representava e os procedimentos que Ele defendia, que estavam rejeitando. Eles escolheram voltar as suas costas ao maravilhoso mistério de Deus salvador de almas, em favor do mistério da iniquidade. Cristo era o palpável, visível representante dos caminhos de Deus, e César, no glorioso trono de Roma, era o símbolo vivo dos caminhos do homem. Quando os judeus rejeitaram totalmente os caminhos de Deus em favor dos seus, escolheram o sistema do qual César era a cabeça. Por uma vez, eles falaram a verdade quando disseram, “não temos por rei senão César”. *João 19:15.*

Tendo solicitado com sucesso o poder romano, o plano judeu para crucificar Cristo foi tornado possível. Eles não ficavam satisfeitos meramente com a Sua execução. Ele devia ser humilhado ao máximo sendo crucificado na cruz, o símbolo especificamente escolhido pelo sistema babilónico. A Sua morte seria o seu testemunho proclamado para todas as gerações futuras e os impulsionadores habitantes do universo para ouvir, que o sistema que Cristo representava nunca podia prevalecer sobre o superior caminho do mundo. Esta demonstração devia mostrar que os procedimentos de Deus acabavam apenas em fracasso, enquanto os caminhos dos israelitas eram os únicos para a glória e felicidade.

Enquanto a sua vítima a sangrar expirava em agonia, eles, na sua loucura e desespero, não discernida inconsistência, jovialmente se congratulavam na aparente prova convincente dos

seus argumentos. Parecia certificado para sempre que os caminhos de Deus eram um fracasso e os deles um sucesso. Doutro modo, eles raciocinariam, como podia a “vitória sobre Cristo” ter sido tão absoluta que foram capazes de extrair o último sacrifício d’Ele? Melhor ainda, do seu ponto de vista, eles tinham exterminado o expoente máximo do Seu sistema. No Seu desaparecimento, ninguém havia sido deixado para continuar a Sua obra, pois Ele tinha morrido só, rejeitado pela maioria e abandonado pelo restante. Estavam confiantes que nunca outra vez seriam perturbados pelo propósito com que Cristo tinha morrido. Mesmo se eles estivessem preparados para admitir que era maravilhoso e idealista, era demasiado impraticável para resultar. Portanto, não havia lugar para isso na ordem de coisas terrestres.

Mas isto não é tudo o que eles tinham a dizer na cruz. Eles deram a Cristo uma demonstração pessoal do que esperavam que Ele fizesse aos romanos. No seu amargo desapontamento, sentimentos de traição e desejo de vingança eles operaram vingança sobre Ele por causa da Sua recusa em submeter-se ao *seu* controlo e esmagar os romanos.

Todavia, a cruz do Calvário disse muito mais do que eles pretendiam, embora não vissem na luz adicional que brilhava desse “madeiro de tortura” muito mais do que compreendiam das verdadeiras implicações do que estavam fazendo. Eles estavam a manifestar as furiosas paixões das suas naturezas más, para a maioria inconsciente do que estavam a declarar certamente esquecidos daquilo que Deus estava a dizer.

O Calvário é a última revelação da extensão a que o planeamento humano leva o povo, especialmente se ele se decide por estes procedimentos a construir o reino de Deus por Ele. Todo o religioso solenemente afirma que o único caminho que qualquer crente deve seguir é a vontade de Deus. Contudo, em termos práticos, isto normalmente significa que a igreja determinará como a obra de Deus deve ser levada avante e depois apontam-se a si mesmos como responsáveis pela execução do plano. À medida que tudo isto é feito para o Senhor e em Seu nome, os membros da igreja estão confiantes que estão a fazer a vontade de Deus. De facto, eles estão a fazer a sua própria vontade. Nada há que se compare com o frustrado acesso de cólera desta classe quando descobrirem que Deus não reconhecerá nem aceitará as suas obras. A demonstração da enfurecida paixão no Calvário é manifestação, para todos os que a vêem, da reacção esperada dos religiosos quando esta indesejável verdade lhes for mostrada claramente.

Foram os religiosos judeus, pensando que estavam a servir a Deus ao fazer planos para a construção do Seu reino, que instigaram a crucificação de Cristo, não os romanos ou os pagãos. Os judeus pensaram ver-se livres d’Aquele que os perturbava por causa de imaginarem que Ele estava a privá-los da paz que procuravam, mas apenas complicaram os seus problemas e rejeitaram a paz de Deus para sempre. Eles não entraram no repouso, porque recusaram aprender os caminhos de Deus. Cristo veio para lhes ensinar a aceitar o Altíssimo como seu Planeador, mas recusaram abandonar a missão que eles mesmos apontaram para si de fazer planos para Deus executar.

Que noite de aflição eles trouxeram sobre si mesmos. Procurados, odiados, e perseguidos desde então, morreram aos milhões às mãos daqueles que ganharam domínio sobre eles. Só na queda de Jerusalém pereceu mais de um milhão. Várias perseguições na Inglaterra e Europa levaram milhões mais, sem nada dizer dos que pereceram às mãos de Hitler durante a Segunda Grande Guerra. Não têm tido repouso pela simples razão que recusaram aprender os caminhos de Deus.

Não há maior tragédia do que a da nação judaica. A vinda do Messias prometia total emancipação das forças do pecado dentro deles e dos romanos sobre eles. Oferecia completa

libertação de toda a enfermidade, e prometia-lhes a certeza de vida eterna. Nada mais havia que eles pudessem ter desejado.

Com certeza tudo isto teria sido seu se eles tivessem satisfeito duas condições vitais. Primeiramente, necessitavam de implícita fé no poder de Deus para cumprir as Suas promessas, e em segundo lugar, tinham que deixar que Ele fizesse os planos. Tivessem eles satisfeito estes dois requisitos, possivelmente não teriam falhado em receber a plenitude das promessas. Não satisfazer as condições tornou-lhe impossível evitar perder tudo.

Nunca na história, o fruto do planeamento humano mostrou mais claramente o terrível custo a ser pago por aqueles que nele insistem. A grandeza da perda dos judeus somente pode ser apreciada quando vista à luz do que poderia ter acontecido. Ponderai a glória dos judeus como nação totalmente entregue à justiça, espalhando-se por todo o mundo e continuando como o canal através do qual toda a luz e bênção devia ser transmitida ao necessitado mundo. Observai-os não como a cauda, mas como a cabeça, uma nação santa, um sacerdócio real, a menina do olho de Deus. Considerai quão diferente se teria revelado a história sem o horror da Idade das Trevas, os rios de sangue correndo dos mártires ou a ignorância e superstição que tem afligido cada geração desde o Calvário.

Que potencial desperdiçado!

Eles lançaram tudo isso fora ao lutar pelo direito de dirigir os assuntos de Deus, os seus, e os das outras pessoas. A teimosia natural do coração humano prevaleceu contra os repetidos esforços de os canalizar para veredas seguras e eles pagaram todo o preço pela escolha feita. Ninguém podia pagar mais por tão pouco — vida eterna pelo direito de fazer o que de qualquer modo não tinham capacidade para fazer. Na realidade *pagaram tudo por nada*.

A experiência deles teria sido um desperdício total se não fosse uma característica redentora. A geração actual pode tirar proveito destas lições contidas nos erros que eles cometeram. Os princípios não mudaram. As mesmas escolhas hoje levarão aos mesmos resultados. Nada pode mudar este facto.

O povo através do qual Deus por fim finalizará a Sua obra é aquele que profundamente tem estudado o desastre judaico, de modo que compreende exactamente quais os procedimentos a seguir e o que evitar a fim de ver a obra completada rapidamente e com sucesso. Desde o colapso da oportunidade dos judeus, Deus tem estendido um convite para o preenchimento do lugar deles a geração após geração, mas nenhuma ainda aprendeu o caminho e obteve a vitória. Falta ainda ver se o Senhor pode encontrar entre aqueles que se contam a si mesmos como Seu povo hoje, um grupo piedoso que “seguirá o Cordeiro para onde quer Ele vá”, em vez de insistir que Ele os siga para onde quer que eles queiram que Ele vá.

Se puder ser encontrado um tal povo dedicado e iluminado, a obra em breve será finalizada, se não puder, então a oportunidade deve ser dada a outra geração. Que não haja mais demoras.

## Orações Cristãs e Orações Babilônicas

**T**al como definido na mensagem do segundo anjo, um moderno Babilônio é aquele que tem rejeitado a mensagem do terceiro anjo, como está escrito: “as igrejas denominacionais são Babilônia.” *Testemunhos para Ministros*, 91.

Especificamente o que é um babilônio?

Uma quantidade de respostas podem ser dadas. Um babilônio é um anticristo, aquele que rejeita a verdade presente, o que crê que Cristo veio em carne e sangue sem pecado, etc. Contudo, ao contrário dos ateístas que abertamente rejeitam Deus e estão dedicados à construção dos reinos do homem segundo os métodos do homem, os babilônios ardentemente *professam* servir o Deus vivo. O que torna o seu serviço inaceitável é que eles procuram construir o reino de Deus segundo os métodos do homem. Tal como os judeus, esperam que Deus acrescente o Seu poder aos planos deles. Solicitam este poder através da oração e confiantemente esperam que Ele louve a sua dedicação respondendo às suas orações.

Aqueles que sabem que não há ligação entre Deus e estas pessoas, ficam surpreendidos e confundidos quando vêem eles receberem notáveis respostas às suas orações. Brillantes testemunhos fluem de lábios babilônios falando acerca das grandiosas coisas que “Deus tem feito” por eles.

Os cristãos, tendo ainda muito para aprender a respeito da verdadeira ciência da oração, muitas vezes verificam que os seus próprios testemunhos acerca da resposta às orações têm a falta de vitalidade, eficácia, e poder testemunhado pelas pessoas nas igrejas caídas. Parece que Jeová está mais interessado em responder às orações de outros que não são o Seu próprio povo. Até o motivo desta aparente inconsistência estar esclarecido, o crente caminhará numa vereda perturbada durante a vida. Há uma diferença entre as orações babilônicas e as cristãs.

A primeira vez que isto me causou impressão foi quando chegava a Norma, Oklahoma, em Novembro de 1979. Tinham ido buscar-me ao aeroporto e viajava em direcção ao meu compromisso seguinte quando passei por uma igreja denominacional apostatada. Anunciado em

grandes letras pretas num quadro em frente do edifício estavam as palavras, “Deus não faz uma promessa e depois falta em cumpri-la”.

Esta positiva expressão de confiança no Altíssimo captou a minha atenção e fez-me pensar. O pregador que tinha exposto a notícia provalvemente fê-lo com uma certeza apoiada pela sua própria experiência satisfatória na resposta à oração. Lembrei-me dos testemunhos que ouvi e li acerca desses homens, sobre respostas à oração tão notáveis que ultrapassavam todos os que tenho ouvido daqueles que sabia serem verdadeiros filhos de Deus. Isto era incompreensível pois os babilónios não deviam, de facto, receber quaisquer respostas de Deus, por isso entreguei a questão ao grande Solucionador de problemas, e num surpreendente curto espaço de tempo veio ao entendimento qual a diferença entre uma oração cristã e uma babilónica.

Os babilónios trazem soluções e planos a Deus; os cristãos trazem problemas.

Uma típica oração babilónica vem de uma pessoa que se encontra a si mesma perante um problema que requer uma solução preferivelmente imediata. A sua primeira reacção é formar planos e procedimentos que melhor sirvam os seus próprios interesses assim como a obra do Senhor, se ela mais tarde estiver envolvida. Ela sabe que não tem poder para executar as suas invenções, mas que Deus tem, por isso apresenta estes planos a Deus com o rogo que leve a cabo o seu esquema.

Uma pessoa não precisa continuar como membro de uma denominação a fim de se aproximar de Deus deste modo, porque, em maior ou menor grau, todos os que deixaram essa organização, trazem esta prática babilónica com eles. Um momento de reflexão analítica da estrutura das nossas orações do passado, devia tornar isto claro.

Quando colocados em frente de um problema, a nossa primeira resposta tem sido operar a melhor solução. Somente quando um plano foi formado, vamos a Deus em oração, trazendo a proposta solução connosco para Deus executar. Neste ponto, a fé que Deus tinha o grandioso poder para executar os nossos planos e o usaria segundo as nossas instruções é muito forte. Tendo dito a Deus exactamente o que queríamos e como isso devia ser feito, nenhum espaço Lhe foi deixado para aplicar a Sua solução para o problema. Não analisar claramente a estrutura das nossas orações não faz qualquer diferença à sua natureza e ineficácia. Não há diferença entre esta aproximação e a que foi feita pelos judeus e pelos discípulos de Cristo depois dos cinco mil terem sido alimentados.

Infelizmente, esta é a forma muito comum em que pessoas sinceras se chegam a Deus em oração. Ele não pode responder a estas petições porque elas requerem que Ele faça coisas contrárias aos princípios que nos trarão o bem e nos preservará do mal, e Ele é por demais sábio e terno para nos trair desta maneira. Mas até ser iluminado com os princípios do repouso do sábado, o professo povo de Deus não compreende a diferença entre a forma correcta e a errada de orar, por isso quando as designadas respostas não aparecem, a sua fé cede e Deus é visto como Aquele que não cumpre as Suas promessas.

Não há verdadeira justificação para esta acusação contra Deus. Ele nunca prometeu acrescentar o Seu poder aos planos humanos. Ele claramente mostrou que não pode seguir tais procedimentos. Portanto, Ele não quebra qualquer promessa quando recusa responder às nossas orações da forma como tão cuidadosamente as temos planeado. Aqueles que claramente compreendem o que Deus tem e o que não tem prometido realizar e que formaram as suas orações de acordo com isso, não só evitaram muita perplexidade e perda de fé, mas também vêem poderosas respostas às suas petições.

Os cristãos iluminados não desperdiçam tempo e energia formulando uma solução uma vez que sabem que Deus já encontrou uma. Além disso, eles sabem que por não poderem estar na posse de todos os factos, nem predizer o futuro, ou ter a necessária sabedoria, qualquer plano que pudessem formar estaria condenado ao fracasso.

Contudo, por causa do nosso passado, tem sido construído dentro da nossa humanidade a disposição para imediatamente começar a pensar acerca de como resolver um problema no momento em que ele se manifesta. O cristão educado reconhecerá que a presença de tais ideias é uma perigosa preocupação da sua mente, e pedirá a Deus que o purifique delas de modo que o Senhor possa estar no total controlo da situação.

Feito isto, o cristão, reconhecendo Deus como o único solucionador de problemas, entrega a dificuldade nas Suas mãos e deixa-a ali, satisfeito com qualquer solução que o Senhor dê. Ele levanta-se dos seus joelhos sabendo que Deus, que nunca falha, tem a questão segura à Sua guarda e que mais cedo ou mais tarde, verá as Suas maravilhosas obras. Isto confirma a sua fé, que é reavivada e fortalecida pela experiência. Ao contrário dos babilónios que trazem soluções a Deus, ele apenas trouxe o problema, e ao entregá-lo a Ele, reconheceu e respeitou a Sua legítima posição.

Deus nunca responde à oração babilónica, sejam os babilónios ou os cristãos a dizê-la. Como, então, podem os primeiros testificarem notáveis respostas às suas petições? É muito simples. Satanás é um ser possuído de grande poder pelo qual é capaz de satisfazer muito do que os babilónios pedem. Isso serve muito bem o seu propósito para fortalecer a fé no sistema que promove o homem a planeador. Tendo ensinado estas coisas aos seus, ele volta-se para o exercício de manifestações do sistema. Assim, quando estas pessoas pensam que é Deus que ouve e lhes responde, é de facto, Satanás como é provado pelo seguinte testemunho:

“Voltei-me para ver o grupo que estava ainda curvado perante o trono; eles não sabiam que Jesus o havia deixado. Satanás parecia estar junto ao trono, procurando conduzir a obra de Deus. Vi-os erguer os olhos para o trono e orar: ‘Pai, dá-nos o Teu Espírito.’ Satanás inspirava-lhes uma influência malévola; nela havia luz e muito poder, mas não suave amor, gozo e paz. O objectivo de Satanás era mantê-los enganados e atrair de novo e enganar os filhos de Deus.” *Primeiros Escritos*, 56.

Esta referência descreve uma situação que se desenvolveu em 1844 quando as igrejas denominacionais rejeitaram a luz que apontava à transição de Cristo do lugar santo para o lugar santíssimo do santuário celestial. Aqueles que não seguiram Cristo nesta mudança, perderam o contacto com Ele. Satanás então interpôs-se para responder às orações deles, assim enganando-os em crer que Deus ainda estava com eles.

Por este meio, Satanás é capaz de fazer parecer que Deus está realizando maravilhosos milagres entre os babilónios, quando de facto “... A obra é de outro espírito.” *O Grande Conflito*, 464.

Em vez de se alegrarem com o resultado, aqueles que estão a receber maravilhosas respostas à oração tipicamente babilónica deviam encher-se de profundo mau presságio, pois é Satanás que lhes está respondendo, não Deus. Embora o resultado imediato tenha aparência de bom, os efeitos finais são maus e indesejáveis.

Estes factos também explicam por que razão os babilónios parecem receber respostas muito mais rápidas e notáveis do que os cristãos. Quando os últimos dirigem as suas orações a Deus, estão de facto a fazer as súplicas a Satanás ao serviço de quem têm estado totalmente envolvidos. Entre estas pessoas ele tem completa liberdade para responder às suas orações numa forma em que parecerá que Deus aprova completamente o planeamento humano. Experimentando pouca ou nenhuma restrição ao exercício da sua vontade, ele é capaz de satisfazer os seus seguidores com respostas rápidas.

Por outro lado, mesmo apesar dos filhos de Deus terem muito a aprender a respeito da verdadeira ciência da oração, as suas petições são de facto dirigidas a Deus e desfrutam da Sua protecção dos enganamentos de Satanás. Assim, embora muito mais frequentemente façam orações do tipo babilónico, Satanás raramente é capaz de lhes responder. Ao mesmo tempo, nem o Senhor pode, portanto, até que eles aprendam a fazer a verdadeira oração cristã, certamente sofrerão

desânimo e frustração. Isto é mais difícil de suportar quando se observa a sua parte babilónica obter as respostas que eles sentem que deviam receber.

Enquanto esteve na Terra, Cristo foi um cristão exemplar. Portanto, se os princípios estabelecidos até aqui são verdadeiros, Ele fez a perfeita oração cristã, o que significa que Ele nunca apresentou soluções a Deus, apenas problemas. Para verificar isto temos apenas que estudar aquelas Suas orações que estão relatadas nas Escrituras.

No último capítulo foi debatido, o problema que se deparou a Cristo depois de ter alimentado os cinco mil. Os apóstolos tinham-se unido à multidão num determinado esforço para O forçar a aceitar o tipo de reino do mundo. Assim tinha-se desenvolvido entre os seguidores de Cristo um problema suficientemente grave que ameaçava o futuro da igreja. Já era bastante mau que a multidão agisse deste modo, mas era muito pior quando aqueles que Ele escolheu para continuar a igreja depois da Sua partida, também praticassem estes maus princípios.

Grandes mudanças tinham que acontecer nos discípulos e na multidão antes de poderem participar na construção do reino de Cristo. O povo ou entrava na linha dos princípios divinos ou era rejeitado e substituído por outros.

Por isso Cristo precisava de uma solução eficaz a qual apenas podia ser obtida de Seu Pai através da oração. Se houvesse qualquer traço do procedimento papal nessa oração, ela não podia ser bem sucedida. Tinha que ser uma verdadeira petição cristã, e portanto, um exemplo de como todo o crente deve desenhar as suas orações.

Logo que pôde dispersar a multidão e mandar os discípulos embora, Cristo foi ao Seu Pai com o problema. Uma descrição desta sincera sessão de oração permanece relatada como uma revelação da forma correcta de aproximação a Deus. Cristo não apresentou ao Altíssimo a Sua solução cuidadosamente planeada para o problema, esperando que Seu Pai adicionasse o Seu infinito poder a fim de assegurar o seu sucesso. Pelo contrário, Ele trouxe o problema, entregou-o ao Senhor, e deixou-O decidir o que devia ser feito.

O problema no interior dos discípulos não podia ser resolvido a menos que fossem colocados numa posição que os forçasse a ver o seu total desamparo, incapacidade para dirigir os assuntos de Deus ou os seus, e necessitavam do divino Solucionador de problemas.

Isto foi efectuado quando Deus permitiu que uma violenta tempestade os ferisse até os seus corpos exaustos não poderem lutar mais. Então, compreendendo completamente o desespero da sua situação, entenderam a sua necessidade de um Salvador, e, por agora, estavam preparados para trabalhar em harmonia com os Seus caminhos.

A solução realizou o efeito desejado, mas não foi Cristo, o homem, que a formulou. Ele sabia que o Seu Pai já tinha previsto a dificuldade e elaborou uma perfeita solução para ela, por isso Ele repousou na sabedoria e poder de Deus. Em parte, alguma O encontramos esboçando um caminho para o Pai seguir. Aqui está o relato inspirado dessa oração.

“Quando a sós, Jesus ‘subiu ao monte para orar à parte’. Durante horas continuou a suplicar perante Deus. Não por Si mesmo, mas pelos homens, eram aquelas orações. Rogava poder para revelar aos mesmos o divino carácter de Sua missão, a fim de que Satanás não lhes cegasse o entendimento e pervertesse o juízo. O Salvador sabia que Seus dias de ministério pessoal na Terra em breve chegariam ao termo, e que poucos O receberiam como seu Redentor. Em angústia e lutas de alma, orava pelos discípulos. Havia de ser duramente provados. Suas esperanças, tão longamente acariciadas, baseadas numa ilusão popular haviam de lhes trazer a mais dolorosa e humilhante decepção. Em lugar de Sua exaltação ao trono de Davi, haveriam de testemunhar-Lhe a crucifixão. Essa deveria, na verdade ser Sua coroação. No entanto, não o percebiam e, em consequência, grandes seriam as tentações a sobrevirem-lhes, as quais difícil lhes seria reconhecer como tentações. Sem o Espírito Santo para iluminar a mente e ampliar a compreensão, a fé dos discípulos faleceria. Penoso era a Jesus ver que o conceito deles quanto a Seu reino se limitasse, em tão grande parte, ao engrandecimento e honra mundanos. Oprimia-O



o peso da preocupação por eles, e derramava Suas súplicas com acerba angústia e lágrimas.” *O Desejado de Todas as Nações*, 360.

Na Sua oração, Cristo compreensivamente cobriu o complexo problema: — a necessidade de poder para mostrar aos homens o divino carácter da Sua missão; a brevidade da Sua restante permanência na Terra; o facto que tão poucos O receberiam como seu Redentor; o iminente desapontamento esmagador resultante do seu fracasso em discernir a verdadeira natureza da sua missão; e a sua incapacidade de reconhecer as fortes tentações como sendo tentações.

Cristo descreveu tudo isto e muito mais perante o Seu Solucionador de problemas celestial, mas nada disse acerca de permitir que uma violenta tempestade surpreendesse os discípulos e os reduzisse à sua dependência d’Ele. Não há indicação que Cristo trouxesse qualquer solução ao Seu Pai.

Jesus sabia que desde a eternidade, o Seu Pai já conhecia e resolveu estes problemas antes deles aparecerem. Portanto, Ele não precisava preocupar-se com a procura de uma solução quando uma já tinha sido preparada. Ele somente tinha que colocar o problema seguramente nas mãos de Jeová e deixá-l’O aplicar o Seu perfeito remédio.

Enquanto Cristo agonizava pelos Seus amados discípulos, eles estavam no lago agitado cheios de amargos pensamentos. Longe de estarem arrependidos da sua tentativa de tomarem Cristo pela força a fim de O fazerem rei, acariciavam uma determinação de renovar os seus esforços quando a oportunidade o permitisse. Se Cristo estivesse com eles no barco nessa altura, teriam exercido toda a pressão que podiam num esforço para O compelirem a tornar-se rei de Israel e do mundo. Nem por um momento compreenderam que estavam a viver o princípio babilónico do homem ser planeador de Deus, no lugar de Deus. Tivessem eles discernido isto teriam compreendido porque Cristo não podia tomar parte no esquema deles e teriam, esperamos, rapidamente abandonado estes procedimentos.

A experiência de Israel em Cades-Barneia confirma que a fé com as obras humanas é morta porque é fé sem as obras de Deus. A reacção dos discípulos à recusa de Cristo em levar a cabo os planos deles também demonstrou esta verdade. Quando Cristo alimentou a multidão com os cinco pães e dois peixes pequenos, a sua fé cresceu até grandes alturas como expresso na sua entusiástica e unânime declaração, “Este é na verdade o verdadeiro profeta que havia de vir ao mundo”. *João 6:14*.

Mas por causa de terem misturado obras babilónicas com a sua fé, estavam condenados à destruição. Somente quando algumas horas depois de terem aclamado Cristo como o verdadeiro Messias, estavam sombriamente questionando se Ele era, afinal de contas, um impostor como os fariseus acusavam.

Eles sabiam que tinham problemas mas eram incapazes de os analisar correctamente. Eles viram Cristo, não eles próprios, como sendo o problema, e desejaram modificá-l’O, quando eram eles que necessitavam de reforma. Sem compreender qual a sua verdadeira necessidade, não podiam orar por si mesmos, assim era muito propício que o seu amado Mestre orasse por eles. Ignorantes do facto que Cristo tinha entregue o problema ao Solucionador de problemas celestial, foram completamente apanhados de surpresa quando a solução chegou na forma de uma furiosa tempestade.

“Violenta tempestade se viera imperceptivelmente aproximando deles, e não estavam preparados para ela. Era um súbito contraste, pois o dia fora perfeito; e, quando o vento soprou sobre eles, atemorizaram-se. Esqueceram o aborrecimento, a incredulidade e impaciência. Todos trabalharam para impedir que o barco fosse a pique. Era pequena a distância, por mar, de Betsaida para o ponto em que esperavam encontrar-se com Jesus, e com um tempo normal não levava senão poucas horas; agora, porém, eram tangidos cada vez mais longe do local que buscavam. Até a quarta vigília da noite, pelejaram com remos. Então, deram-se por perdidos. O

mar, tempestuoso, imerso em trevas, fizera-os sentir seu desamparo, e anelavam a presença de seu Senhor.” *Idem*, 361.

Os homens são muito confiantes em efectuar soluções em áreas com as quais estão muito familiarizados, e não havia lugar onde os discípulos eram mais experientes do que no lago. Eles conheciam todos os seus lugares, tendo navegado nele em toda a espécie de tempo dia e noite, assim quando a tempestade de início irrompeu sobre eles, naturalmente voltaram-se para os seus próprios recursos para lutar com o perigo. Mas esta não era uma tempestade vulgar, e em breve verificaram que estava para além do seu poder manterem-se vivos em tais condições. Desse modo tiveram que compreender o seu verdadeiro desamparo e a sua desesperada necessidade de um Salvador. Todo o pensamento de auto-suficiência e interesse em fazer pressão sobre Cristo para que aceitasse a realeza tinha desaparecido, e desejavam a Sua presença e salvadora misericórdia.

Nenhuma solução podia ter sido mais perfeitamente designada para remover os discípulos da sua imaginada altura de segurança própria e transformá-los em humildes e arrependidos investigadores da solução de Deus para o seu problema.

Contudo, Deus não provocou a tempestade. Essa foi uma obra de Satanás que tinha agitado os elementos, não para salvar aqueles homens do que eles eram, mas para os destruir. Ele sabia que o seu ambicioso esquema os tinha separado de Cristo e reclamava o direito de os matar. Usando todo o conhecimento e habilidade de que era capaz, manipulou as forças da natureza para este propósito.

Não há dúvida que não foi Deus mas Satanás que dirigiu essa violenta tempestade para o lago nessa noite. A própria revelação de Cristo acerca do maravilhoso carácter de amor, justiça, e rectidão de Seu Pai prova que Satanás é sempre o destruidor enquanto Deus o Restaurador. A maior responsabilidade de Cristo na vinda a esta Terra era demonstrar a verdadeira essência do carácter de Jeová e expor tanto a natureza do espírito de Satanás como a mentira que ele tinha perpetrado contra o Altíssimo.<sup>6</sup>

Alguém pode pôr em dúvida a ideia que Satanás tem poder para controlar os elementos, mas o facto é, que ele tem. O seu conhecimento das leis da natureza ultrapassa o possuído pela humanidade e ele usa-o para destruir tão extensivamente quanto pode. Mas se não fosse o poder limitador de Deus há muito que ele tinha obliterado a Terra e os seus habitantes. Por isso quando os homens, pela sua rejeição de Deus e dos Seus caminhos, se removem a si mesmos da protecção de Deus, Satanás é capaz de trazer cada vez maiores desastres naturais sobre eles.

“Satanás também opera por meio dos elementos a fim de enceleirar sua messe de almas desprevenidas. Estudou os segredos dos laboratórios da Natureza, e emprega todo o seu poder para dirigir os elementos tanto quanto o permite Deus. Quando lhe foi permitido afligir a Jó, quão rapidamente rebanhos e gado, servos, casas, filhos, foram assolados, seguindo-se em um momento uma desgraça a outra! É Deus que protege as Suas criaturas, guardando-as do poder do destruidor. Mas o mundo cristão mostrou desdém pela lei de Jeová; e o Senhor fará exactamente o que declarou que faria: retirará Suas bênçãos da Terra removendo Seu cuidado protector dos que se estão rebelando contra a Sua lei, e ensinando e forçando outros a fazerem o mesmo. Satanás exerce domínio sobre todos os que Deus não guarda especialmente. Ajudará e fará prosperar alguns, a fim de favorecer seus próprios intuitos; trará calamidade sobre outros, e levará os homens a crer que é Deus que os aflige.

“Ao mesmo tempo em que aparece aos filhos dos homens como grande médico que pode curar todas as enfermidades, trará moléstias e desgraças até que cidades populosas se reduzam à ruína e desolação. Mesmo agora está ele em actividade. Nos acidentes e calamidades no mar e em terra, nos grandes incêndios, nos violentos furacões e terríveis saraivadas, nas tempestades,

---

<sup>6</sup> Para um estudo compreensivo do carácter de Deus, vede *Eis Aqui o Vosso Deus*, por F.T. Wright, que pode ser obtido na Publicadora Destiny Press.

inundações, ciclones, ressacas e terremotos, em toda parte e sob milhares de formas, Satanás está exercendo o seu poder. Destrói a seara que está a amadurecer, e seguem-se fome, angústia. Comunica ao ar infecção mortal, e milhares perecem pela pestilência. Estas visitas devem tornar-se mais e mais frequentes e desastrosas. A destruição será tanto sobre o homem como sobre os animais. 'A Terra pranteia e se murcha,' 'enfraquecem os mais altos dos povos... Na verdade a Terra está contaminada por causa dos seus moradores; porquanto transgridem as leis, mudam os estatutos e quebram a aliança eterna'. (Isaías 24:4, 5)." *O Grande Conflito*, 588, 589.

Isto não deixa dúvida que foi Satanás que originou a tempestade que caiu sobre os discípulos nessa terrível noite. Ele odiava e temia esses homens, porque sabia que o tempo estava a chegar em que transformados pela vida e ensinamentos de Jesus, levariam o evangelho ao próprio coração do seu reino, fazendo recuar a sua obra durante séculos, e ameaçando a sua existência. Portanto, ele estava determinado a destruí-los antes que eles pudessem fazer isto.

A verdadeira questão é, como pode ser afirmado que a tempestade que veio era a solução de Deus para o problema quando ela realmente foi originada e enviada por Satanás? Isto parece implicar que Deus e Satanás estão operando em aliança um com o outro, quando de facto, isto não é assim.

Deus prevê Satanás tirando partido do resultado da rebelião humana. Por isso Ele sabia que Satanás tentaria destruir os discípulos trazendo uma terrível tempestade sobre eles, à medida que, pela sua persistente incredulidade e resistência aos princípios divinos, afastassem a protecção do Céu. Longe de organizar esta situação, o Senhor tinha feito o Seu melhor para a evitar.

Contudo, quando os acontecimentos se tinham desenvolvido até ao ponto a que tinham chegado, apesar dos melhores esforços de Jeová, nem tudo estava perdido, porque a menos que Satanás fosse capaz de os destruir instantaneamente, os seus próprios esforços operariam contra ele. Os discípulos seriam forçados a reconhecer o seu desesperado desamparo, seriam humilhados pelas forças da sua incredulidade e agiriam, e seriam levados a lançar-se a si mesmos nas mãos misericordiosas do seu Poderoso Libertador. Uma vez que tivessem feito isso, então, não importava quão indignos e culpados pudessem ser, os poderes do Céu viriam em sua salvação e Satanás seria enganado pela sua presa.

Um poderoso factor na concretização da salvação dos discípulos nessa noite foi a poderosa oração mediadora de Cristo, que teve um efeito duplo. Primeiro, manteve os anjos guardadores à volta da frágil embarcação para dar tempo às forças destruidoras de Satanás tocá-los até à sua vital necessidade do Salvador.

Em segundo lugar, projectou uma força espiritual que penetrou as trevas que rodeavam os discípulos, fazendo com que eles desviassem o olhar de si mesmos para Cristo.

Bom seria se o professo povo de Deus compreendesse o poder que existe na oração intercessória. Em vez de se lançarem na procura da aplicação de uma solução quando problemas surgem nas vidas dos outros, os crentes deviam chegar-se a Deus e colocar os problemas perante Ele como Jesus fez. As horas passadas em tais orações trarão divinas soluções que encherão os corações de todos com louvor e gratidão pela divina sabedoria, rectidão, justiça e amor de Deus.

As medidas usadas por Satanás para destruir os discípulos serviram assim para mudar a sua relação com Deus, de modo que esqueceram as suas más intenções para com Cristo e arrependem-se profundamente, expressando a sua desesperada necessidade que Ele os libertasse. Até esse momento, aparte de qualquer protecção que Ele tinha sido capaz de lhes dar e da projecção da influência espiritual, Deus não havia sido directamente envolvido nos acontecimentos. Ele tinha simplesmente permitido que o resultado da rebelião alcançasse a primeira parte da solução — a mudança na atitude dos discípulos. Uma vez que isto tivesse sido realizado, o caminho estava preparado para Deus tomar acção directa para acalmar a tempestade.

Entretanto, mesmo apesar de desesperadamente necessitarem d'Ele, Cristo não foi para junto dos discípulos em perigo enquanto não reconheceram a sua necessidade. Ele esperou até que o resultado da solução de Deus tivesse realizado a necessária obra de preparação. Então foi para junto deles. Durante as horas de oração e espera, Ele desejou ir imediatamente para junto deles, mas entregue à obediência dos mandamentos de Deus, Ele não se moveria senão em harmonia com os planos de Jeová. Ele era um cristão, não um babilônio.

“Jesus não os esquecerá. O Vigia vira, da praia, aqueles homens possuídos de temor, em luta com a tempestade. Nem por um momento perdeu de vista os discípulos. Com a mais profunda solicitude acompanhavam Seus olhos o batel, sacudido pela tempestade, com sua preciosa carga; pois esses homens deviam ser a luz do mundo. Como a mãe amorosa a velar o filho, assim cuidava dos discípulos o compassivo Mestre. Rendidos os corações, acalmadas as ambições profanas, e pedindo eles humildemente auxílio, este lhes foi dado.” *O Desejado de Todas as Nações*, 361, 362.

Como um homem, Cristo não podia saber exactamente quando era o momento exacto. Mas Ele confiou tão implicitamente no Seu Pai celestial como perfeito Planeador, que simplesmente esperou até que a divina inteligência Lhe comunicasse a altura de ir. Então, somente então, se pôs em movimento. Consequentemente, Ele experimentou maravilhoso sucesso em satisfazer as necessidades dos discípulos na altura certa e da forma correcta.

Algum tempo depois disto, os homens não fizeram esforço para forçarem Cristo a aceitar ser rei. Eles re-asseguraram-se do Seu divino carácter e missão, e, apesar de continuarem enganados nos seus conceitos acerca do reino, seguiram-n'O com maior devoção do que jamais anteriormente. Eles estavam também muito mais dispostos a morrer por Ele do que antes.

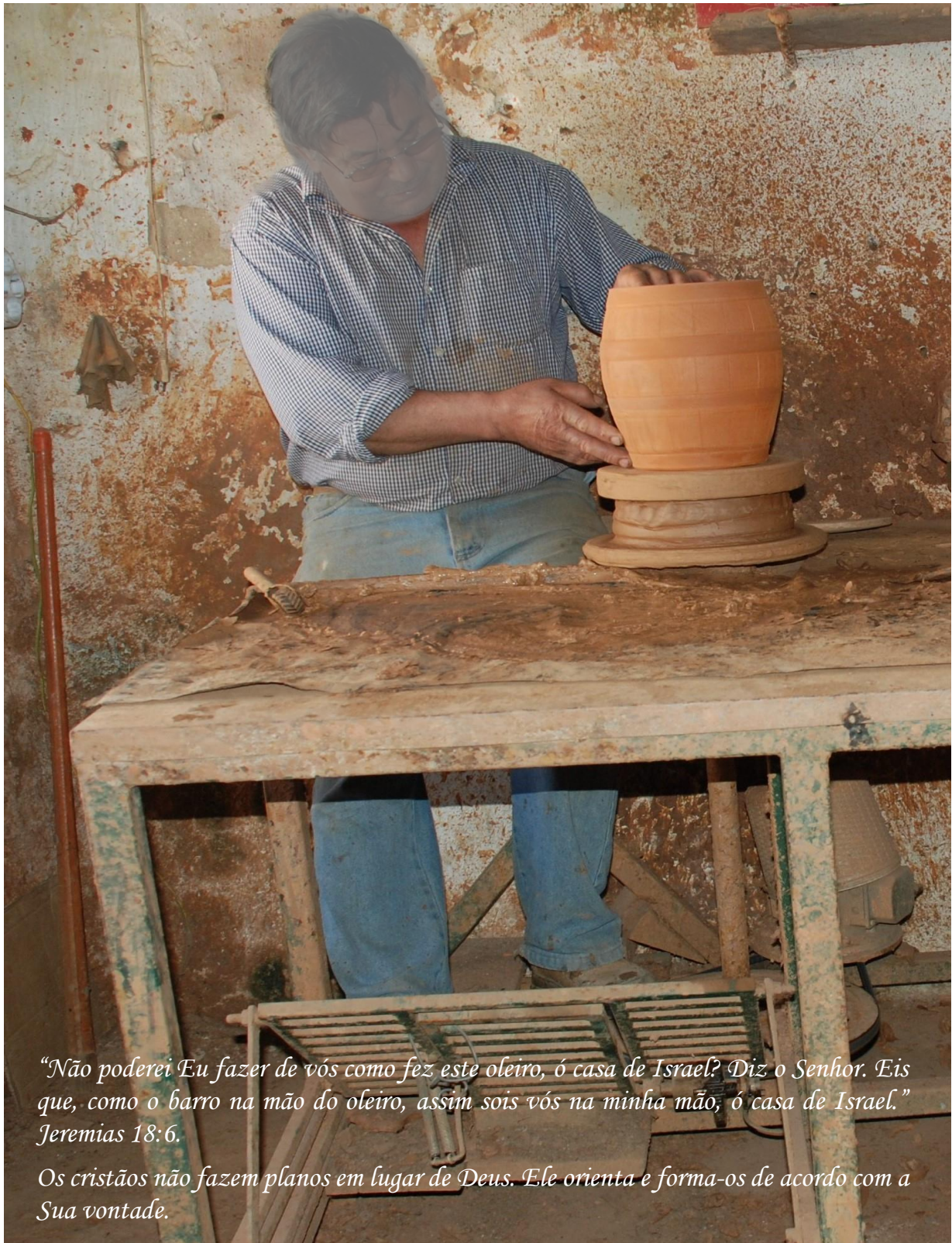
O sucesso que Cristo obteve em contraste com os repetidos fracassos experimentados pelos Seus seguidores, foi devido ao Seu conhecimento de como fazer uma verdadeira oração cristã, e a Sua capacidade e disposição para pacientemente esperar até que o Senhor desse ordem para prosseguir. Ele tinha a paciência dos santos, em verdade. Em nenhuma circunstância seria Ele um babilónico trazendo soluções e planos ao Pai, esperando que Ele os implementasse através do Seu magnífico poder. Quanto mais as pessoas orarem a Deus, mais satisfeito está Satanás, desde que o façam da forma babilónica. Portanto, desde os primeiros dias da criança ele opera para inculcar na sua mente os princípios errados. Ele é rapidamente assistido nesta obra tanto pela disposição natural da humanidade para governar sobre os outros como pela ignorância dos pais.

Considerai a seguinte situação comum.

Um grupo de crianças está a brincar juntamente e uma delas pretende dominar sobre as outras. Mas, apesar do seu determinado esforço para dirigir as operações, ou ser o planeador do resto, verifica que tem pouco poder para impor isto. As outras, com igual determinação, estão a procurar estabelecer-se a si mesmas no mesmo papel. Segue-se luta pela supremacia. Não é difícil ver que esta foi a mesma situação em que os judeus se encontravam quando tinham planeado vencer os romanos mas faltava-lhes o poder para o levar a cabo.

Quando os judeus viram em Jesus a fonte de poder para tornar os seus planos possíveis, assim os filhos lançam os pais no mesmo papel. Quando a situação exige o exercício de poderes que não possuem, expectantemente voltam-se para a mãe ou para o pai, que sabem ter maiores poderes do que os seus, para defender a sua causa.

O natural instinto paternal é proteger a sua descendência e dar-lhe toda a vantagem possível na vida. Isto é bom se as acções tomadas em resposta a estes movimentos são governadas pela sabedoria e compreensão. Aquelas mesmas emoções estavam presentes no Salvador à medida que se preocupava com os Seus filhos espirituais dia a dia, mas onde os pais em geral têm falta de sabedoria necessária para equilibrar e controlar estes instintos, Cristo, guiado pela protectora sabedoria de Deus, não cometeu erros.



Quando, em obediência à Sua natural disposição, os pais acrescentam a sua simpatia e poder às campanhas dos filhos pela supremacia, estão educando a jovem mente a esperar que Deus se relacione com ela da mesma maneira. Nenhuma educação pior podia ser dada. O indivíduo cresce com a ideia que o Deus todo-poderoso favorecerá e executará as suas ideias. Ele é educado para viver o caminho babilônico e o destruidor está satisfeito com a sua obra.

Quando uma situação dessas se levanta, pais prudentes reconhecerão a oportunidade de educar a jovem mente nas linhas rectas. Eles explicarão ao filho os princípios envolvidos, e mostram que eles não podem, para o seu próprio bem, automaticamente agir de acordo com as suas exigências. Haverá ocasiões em que a causa é justa e apropriada, mas isto será a excepção em vez da regra. Mesmo quando é uma boa causa, o pequeno não deve ser ensinado a lutar pelos seus direitos mas a suportar o desapontamento e a perda com fortaleza de espírito. Assim a vida em desenvolvimento será crescentemente moldada segundo o padrão divino.

O bem-estar presente e eterno do cristão depende da sua aprendizagem da verdadeira ciência da oração. Ou continua no caminho babilónico ou aprende a orar como Cristo orava. A oração babilónica é identificada pelo seu carácter. Os babilónicos levam *soluções* e *planos* a Deus, esperando que Ele honre os seus pedidos acrescentando o Seu grandioso poder aos seus esquemas.

Os cristãos não fazem isto. Eles trazem a Deus os seus *problemas* e deixam-nos com Ele, sabendo que a solução que já foi encontrada desde a eternidade, será aplicada quando e onde Deus achar melhor. Aqueles que aprendem a fazer isto, nunca conhecerão o fracasso, perda, impossibilidade, ou derrota enquanto continuarem neste caminho.

## As Testemunhas de Deus

**A** aceitação de Deus como Planeador envolve a total submissão do crente a tudo o que o Pai eterno, no Seu infinito amor e sabedoria, possa escolher enviar ou permitir. Muitas vezes, aquilo que o Senhor permite que o Seu povo sofra é o oposto daquilo que eles planeariam para si mesmos. Se Deus tivesse dito ao jovem José, “senta-te e traça um plano para Me servires”, ele certamente não teria incluído um período de servidão no Egito, seguido pelo aprisionamento num imundo calabouço.

Semelhantemente, Daniel e os seus três companheiros nunca teriam pensado num tempo de vida gasto em Babilónia quando desenhassem o seu futuro. João Baptista não teria feito provisão para uma prisão romana nem a decapitação. O apóstolo Paulo não teria escolhido a enfermidade dos seus olhos, e Jó nunca teria pensado que as suas possessões fossem destruídas, os seus filhos aniquilados, e a sua saúde tirada até sofrer tanto como poucos jamais sofreram.

Os seres humanos, por causa de nunca planearem estas coisas para si mesmos nem para os seus filhos amados, acariciam o pensamento que Deus nunca permite que tais coisas lhes aconteça também. Apesar da clara evidência que Ele o faz, alguns vão tão longe que dizem que a única coisa que Deus fará pelos Seus filhos é abençoá-los com saúde, prosperidade, e vida. Eles raciocinam que por causa de Deus ser todo-poderoso e todo-amor nunca permitirá que o sofrimento e morte levem os Seus filhos a menos que a perda da sua fé não O deixe exercer a Sua vontade. Consequentemente, se um crente morre, ou sofre enfermidade e infortúnio, concluem que a única razão para este sofrimento é a presença de incredulidade ou do pecado escondido ou ambos. Por conseguinte, aos seus olhos, todo o cristão que tem morrido através dos tempos, incluindo os grandiosos apóstolos e profetas, é suposto que foram destituídos de fé e justiça.

Enquanto semelhante erro for mantido, é impossível a Deus verdadeiramente atingir o Seu profundo, maravilhoso, e contudo misterioso propósito nos crentes, que consequentemente falham em entrar no Seu repouso. Perda, sofrimentos, e privação para o que a sua crença não dá lugar, confundi-los-á e perturbá-los-á, levando-os a duvidar da bondade, misericórdia, e amor do seu Pai celestial. Eles sentirão que Ele está a operar contra eles, não a favor deles; que Ele não é um Deus cumpridor do concerto; e que faz promessas e não as cumpre. Até este problema estar resolvido pela correcção deste pensamento errado, a verdadeira paz e repouso não serão encontrados pelos filhos de Deus.

É verdade que Deus é todo-amor e todo-poderoso e que Ele não deseja ver os Seus filhos sofrerem e morrerem. Ele deseja um grupo de crentes vivos através dos quais possa finalizar a obra, e, por fim, terá esse grupo.

Mas, entretanto, a questão não é aquilo que Deus quer ou não quer, mas o que o grande conflito exige. O simples facto é que o conflito dos séculos não pode ser ganho sem o sacrificial sofrimento de todos os Seus filhos. Isto variará em grau de caso para caso, dependendo das circunstâncias e necessidades que surgem delas. Para alguns dos filhos de Deus (João Baptista, Lázaro, e os mártires sendo os primeiros exemplos) o sacrifício teve que ser total. Se um crente não está disposto a dar tudo o que o conflito exige, então a vitória final para a causa é atrasada e o tempo prolongado.

Nenhum exemplo melhor pode ser encontrado acerca da diferença entre o que Deus quer e o que Ele tem que aceitar, do que na relutância do Pai em aceitar o sacrifício de Cristo pelos pecadores. Nada havia que o Altíssimo desejasse menos do que ver Cristo deixar a Sua presença, vir a esta Terra, e passar através duma vida de terrível sofrimento e humilhação que devia terminar numa cruel e não merecida morte às mãos dos próprios a quem veio salvar. Deus submeteu-Se a isso somente depois de terrível luta Consigo mesmo.

“Disse o anjo: ‘Pensais que o Pai entregou Seu mui amado Filho sem esforço? Não, absolutamente. Foi mesmo uma luta, para o Deus do Céu, decidir se deixaria o homem culpado perecer, ou dar Seu amado Filho para morrer por ele.’” *Primeiros Escritos*, 151.

Se houvesse alguma maneira pela qual Deus pudesse ter terminado o grande conflito e efectuasse a salvação do homem sem que Cristo ou os Seus filhos sofressem e morressem, Ele muito certamente tê-la-ia usado. Mas não havia alternativa. A decisão de Deus para resolver o problema do pecado comprometeu Cristo e aqueles que participam das bênçãos da redenção, seja qual for o sofrimento e morte necessário para derrotar o inimigo.

Não é um caso dos fins justificarem os meios. Deus não está a sacrificar pessoas a fim de estabelecer a Sua honra e o Seu reino. Não é Ele que exige este sacrifício. Ele tem que aceitar o simples facto que tem que ser dessa maneira ou não há solução para o problema do pecado. Ninguém pode entrar na paz do repouso do sábado de Deus a menos que compreenda este princípio. Doutro modo, seria seriamente perturbado na mente e no espírito quando as calamidades e dificuldades caíssem sobre si.

Os seguidores de Cristo entram nas fileiras do Seu exército com o único propósito de serem recipientes de poder curador e protecção. Todos são *salvos para servir*, ser Suas testemunhas de que Ele é verdadeiro, justo, terno, e recto, e para participar com Ele na Sua nobre obra de terminar com a rebelião em todo o Universo. Esta obra não pode ser feita sem que sejam participantes com Ele nos Seus sofrimentos. “Porque a vós foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer n’Ele, como também padecer por Ele.” *Filipenses* 1:29.

“E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência.

“E a paciência a experiência, e a experiência a esperança.” *Romanos* 5:3-4.

A presença da adversidade e sofrimento na vida de Paulo não perturbou a sua paz por um momento. Compreendendo o carácter e operação de Deus, reconheceu que ela ocupava um lugar essencial no serviço de Deus e seus semelhantes. Ele conhecia o seu valor no desenvolvimento da experiência cristã e na natureza do testemunho que podia dar sob estas condições. Ele sabia que lhe havia sido concedido o privilégio que nem mesmo os anjos tinham. Portanto, não só aceitou as tribulações em paz, mas realmente alegrou-se com o sofrimento. Esta atitude será partilhada por todo aquele que entrar no repouso do sábado de Deus.

Estes princípios são claramente revelados na história de Jó. Houve uma ocasião em que Satanás, como príncipe deste mundo, se apresentou num concílio dos filhos de Deus. Jeová



dirigiu-se a ele para explicar como a perfeita obediência de Jó se enquadrava na afirmação de Satanás que a lei não podia ser guardada pelos seres criados.

“E vindo um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles.

“Então o Senhor disse a Satanás. Donde vens? E Satanás respondeu ao Senhor, e disse: De rodear a terra, e passear por ela.

“Disse o Senhor a Satanás. Observaste tu a Meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero e recto, temente a Deus, e desviando-se do mal.” *Jó 1:6-8*.

Foi em amor para com Satanás que Deus se lhe dirigiu desta maneira. O diabo consistentemente argumentava que a lei de Deus não podia ser guardada, e que ela não tinha sido feita para bênção e benefício do homem, mas era um jugo de escravidão destinada a acorrentar todos os seres criados à despótica vontade de Deus.

“Satanás apresenta a divina lei de amor como uma lei de egoísmo. Declara que nos é impossível obedecer-lhe aos preceitos.” *O Desejado de Todas as Nações*, 20.

“Por meio dos defeitos do carácter, trabalha para obter o domínio da mente toda, e sabe que, se esses defeitos forem acariciados, será bem sucedido. Portanto, está constantemente procurando enganar os seguidores de Cristo com seu fatal sofisma de que lhes é impossível vencer.” *O Grande Conflito*, 489.

Estas duas referências são tipo de outras que podem ser citadas. Todas elas confirmam que Satanás defende que a santa lei de Deus não pode ser guardada pelos seres criados, e ainda menos pelo homem caído. A vida de Jó demonstrou a falsidade destas afirmações, porque se um homem que habitava na caída, pecaminosa, carne mortal, podia obedecer à lei em perfeição, então outros podiam fazê-lo também. E, se os caídos podiam guardá-la, então os puros habitantes do Universo certamente não têm desculpa para a rebelião. Acima de tudo, o próprio procedimento de Satanás foi particularmente condenado pela justiça do patriarca.

A fiel obediência de Jó deu a Deus um poderoso argumento com o qual apelar ternamente para Satanás num esforço para o induzir a render o seu orgulho e vontade própria. O que teria sido o mais eficaz argumento de todos era a própria experiência de Lúcifer. Por um desconhecido período provavelmente milhões de anos, ele tinha fielmente obedecido a todo o princípio de justiça e verdade, e tinha conseqüentemente experimentado nada mais do que maravilhosa bênção e desenvolvimento. Portanto, esta experiência como Lúcifer, o querubim cobridor, negava a afirmação de Satanás que a lei não podia ser guardada pelos seres criados.

Aparte disso, existia a contínua lealdade dos anjos não caídos e dos habitantes de miríades de sistemas solares por todo o Universo. A sua imaculada obediência era clara prova que a lei podia ser guardada pelos filhos de Deus.

Estas evidências eram tão poderosas que uma pessoa pensaria que elas eram suficientes para resolver a controvérsia. Não eram os anjos abençoados com toda a felicidade, perfeita saúde, e liberdade de sofrer dor e morte? Nem um elemento de tristeza ou perda tinha sido produzido pelo sistema, mas Satanás recusou ficar satisfeito. Ele negou que sob outras circunstâncias, que não as encontradas no perfeito ambiente celestial, a lealdade a Deus era o único caminho para a felicidade.

Antes da rebelião de Satanás, os caminhos de Deus nunca tinham sido desafiados. Agora que tinham sido, a paz não podia voltar ao Universo até que os acontecimentos estivessem resolvidos para completa satisfação de todos. Como isto não podia ser feito apenas pela declaração, a natureza da controvérsia exigia que uma demonstração fosse dada por alguém que não vivesse no perfeito ambiente do Paraíso, mas neste mundo pecaminoso. Jó foi esse homem.

Este fiel patriarca estava servindo a Deus sob condições muito mais difíceis do que as experimentadas pelos habitantes dos reinos sem pecado. Diariamente assaltado pelas tentações

e revestido pela fraca, caída, pecaminosa, carne mortal, Jó continuamente testemunhava a certeza que as leis de Deus foram feitas para a bênção e protecção de todas as criaturas.

Portanto, quando Deus levou Satanás a considerar a obediência de Jó, Ele estava a perguntar-lhe que mais provas precisava para acabar com o argumento.

Não fazendo tentativa para negar a sua anterior obediência ou a dos anjos não caídos e dos outros seres não caídos que ainda eram leais a Deus, Satanás concordou que Jó era obediente. “É verdade que Jó Te obedece, mas não de balde,” foi a resposta:

“Então respondeu Satanás ao Senhor, e disse: Porventura teme Jó a Deus de balde?

“Porventura não o cercaste Tu de bens a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste e o seu gado está aumentando na terra.

“Mas estende a Tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema de Ti na Tua face!” *Jó 1:9-11.*

Aqui, Satanás expôs precisamente a sua posição, que não era, como se esperaria, que a lei não podia ser guardada absolutamente, mas que ela pode ser guardada somente sob limitadas circunstâncias. Satanás argumentou que, favorecido pela prosperidade e protecção, Jó podia guardar e realmente guardava os mandamentos, mas se aquelas condições fossem mudadas para adversidade e sofrimento, Jó também mudaria para a impiedade. Esta é a mensagem continuamente projectada através da obra de ficção onde o bom obedece à lei até que crê que ela deve ser quebrada a fim de destruir os praticantes do mal.

Não há outra forma de Satanás explicar a sua irrepreensível justiça até ao momento em que ele caiu, e a similar fidelidade dos anjos que ainda são leais a Deus, do que argumentar que a obediência apenas pode ser prestada sob circunstâncias limitadas, favoráveis. Aos factos que não podem ser negados ele dá uma explicação satisfatória. Ele é extremamente hábil ao fazer isto. Aqueles que entrarem totalmente no repouso do sábado de Deus devem estar familiarizados com as suas invenções e saber como opor-se a elas.

À medida que a controvérsia aumentava, Satanás tornou clara a sua posição ainda mais através dos seus porta-vozes, Elifaz o temanita e os seus amigos. Elifaz afirmava ter recebido a sua informação por directa inspiração de Deus.

“Uma palavra se me disse em segredo, e os meus ouvidos perceberam um sussurro dela.

“Entre pensamentos e visões da noite, quando cai sobre os homens o sono profundo.

“Sobreveio-me o espanto e o temor e todos os meus ossos estremeceram.

“Então um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos da minha carne.

“Parou ele, mas não conheci a sua feição; um vulto estava diante dos meus olhos; e, calando-me, ouvi uma voz que dizia...” *Jó 4:12-16.*

Por isso Elifaz alegava falar por inspiração, mas era satânica, não divina. Deus negou ser a fonte da sua inspiração quando, no fim do drama, acusou Elifaz dizendo que aquilo não era verdade a Seu respeito. Se Deus não era fonte, então Satanás com certeza que era. Por isso podemos estar certos que Elifaz era agente de Satanás quando disse:

“Seria porventura o homem mais justo do que Deus?

“Seria porventura o varão mais puro do que o Seu Criador?

“Eis que nos Seus servos não confia, e nos Seus anjos encontra loucura;

“Quanto menos naqueles que habitam em casas de lodo,

“cujo fundamento está no pó, e são machucados como a traça!” *Jó 4:17-19.*

O elemento chave nas acusações lançadas aqui é que Deus não confia nos Seus servos nem nos Seus anjos. O grande enganador argumenta que Deus pode apenas esperar obediência dos Seus súbditos se os mantiver dentro de um contexto limitado. Fora disso, Ele não pode *confiar* que eles Lhe permaneçam fiéis. Assim Satanás procurou justificar a sua própria separação do governo de Deus. Ele argumentou que, por incontáveis milénios, Deus tinha escondido a informação que não podia confiar que ele soubesse. “Sem luz” durante esse período, havia

servido Deus com inteira atenção. Contudo, uma vez que tinha “exposto” o que Deus cuidadosamente mantinha “secreto” ele não foi deixado com outra opção senão rebelar-se.

Então decidiu que o único curso possível que ele podia seguir era cortar toda a ligação com Deus enquanto se esforçava, em “terna, abnegada consideração” pelos anjos que continuavam leais, iluminar as suas mentes para o verdadeiro carácter de um “enganador, desconfiado” Deus. Ele afirmou que a única razão pela qual os anjos sem pecado que ainda continuavam no Céu mantinham a sua fidelidade, era que eles ainda não tinham aprendido os factos reais, e eles não lhes seriam ensinados. Eles continuavam ainda, argumentava Satanás, no contexto da prosperidade e ignorância onde continuariam a guardar a lei. Mas fossem eles transferidos para outra situação, como a que ele agora se encontrava, e rebelar-se-iam como ele se rebelou.

Embora os anjos leais não se “submetessem” a esta filosofia, Eva estava pronta a ouvir e aceitá-la. Satanás com sucesso apresentou o argumento que Deus não confiava nela, o que ele disse era provado pelo facto de Deus ter dado tanto a ela como ao seu marido uma falsa informação acerca da árvore da ciência do bem e do mal. A aproximação de Satanás dela é uma clara revelação dos seus argumentos contra o governo de Deus.

Ao atrair a atenção dela para a árvore proibida, imediatamente levantou a questão da proibição de Deus no que respeitava a ela.

“E esta disse para a mulher: ‘É assim que Deus disse: não comereis de toda a árvore do Jardim?’” *Génesis 3:1*.

Ela foi rápida em responder que podia comer de todas menos de uma, isto tinha sido proibido porque comer dela era morrer. Satanás foi directo ao assunto, declarando que esta não era de modo algum a verdadeira razão. Ele disse: “certamente não morrereis.” *Génesis 3:4*.

Isto era acusar Deus de ser um mentiroso, o que, por outro lado, queria dizer que Ele não *confiava neles*. Era uma declaração que aqui estava uma maravilhosa árvore com o poder mágico para os elevar à igualdade com Deus — um desenvolvimento que Deus receava mais do que qualquer outro. Deus, ensinou Satanás, não podia *confiar que eles* soubessem isto e continuar a impedir que eles partilhassem do fruto proibido, então Ele tinha-lhes dito uma mentira para lhes impedir que tocassem nela.

Assim Satanás tinha em mente levar Adão e Eva para o mesmo caminho que os seus pés tinham trilhado. O seu objectivo era convencê-los que apenas seguiam a Deus cegamente porque Deus, desconfiando deles, tinha cuidadosamente escondido deles a verdade real acerca de Si mesmo. Satanás estava confiante que se colocasse Adão e Eva numa situação diferente da idílica em que Deus os tinha colocado, não mais manteriam a sua obediência.

Ele não ficou desapontado, pois eles realmente retiraram a sua obediência a Deus, e deram o seu apoio aos sofismas de Satanás. Uma vez aceite a sua acusação que o Criador não confiava neles, era inevitável que se juntassem a ele na sua obra de rebelião, porém eles não tinham razão justificada nem desculpa aceitável para a sua apostasia. Satanás jubilava, pois deu-se-lhe assim aquilo que *ele* considerava prova irrefutável de que sua contenda era correcta.

Mas o eterno Pai tomou o decididamente diferente ponto de vista que o argumento de Satanás não tinha de modo algum sido provado. Era verdade que Adão e Eva tinham aceite os seus argumentos e tomado lugar do seu lado, mas isto não provava que as afirmações eram correctas. Tudo o que a decisão deles mostrava era que, se uma pessoa é persuadida pelos sofismas de Satanás cessará de caminhar com Deus. A acção deles não negou que a lei podia ser guardada sob más circunstâncias assim como em circunstâncias favoráveis.

Nem o seu procedimento deu real apoio à acusação que Deus tinha escondido informação por não poder ter *confiança* neles. Deus não tinha ocultado qualquer luz. Ela foi colocada completamente à disposição para eles assim como para nós também, se bem que ninguém tenha ainda atingido o seu total conhecimento e aplicação, isso virá no tempo devido. Uma das maiores bênçãos concedidas aos filhos de Deus é a oportunidade de estarem sempre a crescer em

conhecimento e entendimento. A eternidade em si mesma não exaurirá os campos de estudo abertos aos remidos e mundos não caídos.

Quando Deus estava perante as acusações mentirosas de Satanás no encontro onde a obediência de Jó se tornou um assunto de debate, Ele sabia que, estando perfeitamente correcto na Sua posição, não necessitava de fazer concessões a Satanás. Os Seus conselhos e juízos foram feitos em absoluta justiça e portanto são imutáveis. Se não fosse assim, então o Pai eterno nunca teria aceite a proposta que lhe permitia colocar Jó numa situação diferente daquela onde Deus o tinha colocado. Satanás tinha audaciosamente afirmado que Jó continuaria a obediência apenas enquanto gozasse protecção especial e prosperidade, mas se isto fosse tirado, o patriarca blasfemaria de Deus na Sua face.

Mas Deus sabia que os Seus princípios eram rectos e que podia *confiar* em Jó para demonstrá-los mesmo assim, para prover o testemunho necessário, Jó tinha que pagar um preço terrível na perda dos seus amados, da saúde e bens pessoais. De acordo com isso, Jeová confiantemente submeteu Jó ao poder do diabo. Satanás então removeu Jó muito rapidamente da protegida prosperidade para trágica pobreza e sofrimento. Nada disto foi o resultado dos pecados de Jó, nem foi a obra de Deus, mesmo apesar da Sua causa ser grandemente abençoada pelo testemunho de Jó.

A fortaleza de espírito e fidelidade de Jó no sofrimento forneceu o testemunho que confirmava a posição de Deus e por isso demonstrou a verdade do Seu carácter. Foi um *meio* pelo qual o *fim* foi alcançado.

Isto dá a *aparência* que os fins justificam os meios, mas um pouco de reflexão mostrará que não foi assim. Deus nunca opera por estes princípios. Ele usa somente aqueles procedimentos que são rectos em si mesmos. Apesar de não sermos capazes de compreender a justiça dos caminhos de Deus, devemos crer que eles são justos, pela simples razão que Ele não opera doutro modo. Portanto, Deus ao permitir que Satanás afligisse Jó foi inteiramente justo e verdadeiro. Nenhuma falta Lhe pode ser apontada por isso. Os filhos de Deus devem crer nisto, não importa quais os argumentos que possam ser apresentados em contrário, nem quão convincente toda a aparência possa declarar outra coisa. Fazer isso é rejeitar Deus como mentiroso e lançar-nos a nós mesmos no lado de Satanás.

Não havia injustiça da parte de Deus, nenhum recurso a meios injustos simplesmente porque os fins o justificam. O que Deus e Jó fizeram em associação era apenas o resultado da operação de princípios justos — a lei do amor que se sacrifica a si próprio, do espírito de abnegação e amor altruísta. Esta é a lei da vida tanto no Céu como na Terra. Na escola de cima, como nas profundezas no plano da salvação tornou-se mais claro, “que a glória que resplandece na face de Jesus Cristo é a glória do abnegado amor. À luz do Calvário se patenteará que a lei do amor que renuncia é a lei da vida para a Terra e o Céu; que o amor que ‘não busca os seus interesses’ tem a sua fonte no coração de Deus; e que no manso e humilde Jesus se manifesta o carácter d’Aquele que habita na luz inacessível ao homem.” *O Desejado de Todas as Nações*, 15.

Quando o pecado entrou no Universo, rejeitou o princípio do serviço aos outros sem levar em conta o custo para o eu, e instituiu a lei da exaltação própria independentemente do custo que isso pudesse ter para outros. Desse ponto em diante cada habitante do Universo tem manifestado um ou outro destes dois princípios.

Quando o carácter de Cristo está formado no crente, o espírito do abnegado amor torna-se o operante princípio da sua vida, à medida que compreende o que está em jogo no grande conflito, sabe que a situação, não Deus, exigirá considerável sacrifício-próprio na forma de perda, sofrimento, e mesmo morte. Voluntariamente ele paga o preço, sabendo que isso trará bênção aos outros e a si mesmo.

Deus nunca negará aos Seus filhos o elevado privilégio, bênção, e educação obtida por viverem pela lei do abnegado amor. Portanto, quando as circunstâncias se levantaram que

providenciaram a Jó a oportunidade de sofrer para o bem de outros e para a causa ele amava, o Senhor ao manter um muro de protecção, não retiraria do Seu servo a mais importante confiança e a mais elevada honra — o dom da “comunhão com Cristo em Seus sofrimentos”. *O Desejado de Todas as Nações*, 206.

É quando estes princípios são compreendidos que a paz do crente é preservada, não importa quão severa seja a provação que Deus lhe permita suportar. Portanto, Satanás continuamente procura roubar ao crente estes princípios de modo a privá-lo de entrar no repouso de Deus. No livro de *Jó*, as suas tácticas estão expostas para todos na sua verdadeira luz.

Satanás estava determinado a destruir a paz de Jó. Ele tentou alcançar isto convencendo Jó que as suas dificuldades eram o resultado directo da sua pecaminosidade — não porque ele o estava afligindo. Agindo através dos seus três agentes, que, como seria de esperar “eram reconhecidas autoridades” em questões religiosas, operou para impressionar o patriarca com a convicção que Deus estava iradamente afligindo-o por causa da sua “grande impiedade pessoal”. Os argumentos deles eram baseados na simplificada lógica, que como o pecado causa doença e a doença traz morte, então, onde quer que se encontre o sofrimento, tem que haver pecado visível ou não. Como Jó foi grandemente afligido, eles raciocinaram que o pecado devia ser excessivamente mau.

Aqui está um exemplo dos seus argumentos como Elifaz os exprimiu:

“Se intentarmos falar-te, enfadar-te-ás?

“Mas quem poderá conter as palavras?

“Eis que ensinaste a muitos

“e esforçaste as mãos fracas.

“As tuas palavras levantaram os que tropeçavam,

“e os joelhos desfalecentes fortificaste.

“Mas agora a ti te vem, e te enfadas;

“e, tocando-te a ti, te perturbas.

“Porventura não era o teu temor de Deus a tua confiança,

“e a tua esperança a sinceridade dos teus caminhos?

“Lembra-te agora de qual é o inocente que jamais percesse?

“E onde foram os sinceros destruídos?

“Segundo eu tenho visto, os que lavram iniquidade

“e semeiam o mal cegam isso mesmo.

“Com o hálito de Deus perecem;

“e com o assopro da Sua ira se consomem.” *Jó 4:2-9*.

Sob inspiração e direcção de Satanás, os homens continuaram a insistir com estes argumentos sobre Jó, e, categoricamente este recusou aceitá-los. Eles foram tão longe que disseram, “sabe que Deus exige de ti menos do que merece a tua iniquidade”. *Jó 11:6*.

Como de costume o inimigo apresentou um lado da verdade para apoiar a sua causa. É verdade que “... O que planta iniquidade e semeia tempestade colhe o mesmo”, mas não é verdade que o *inocente* nunca perecerá e o *justo* nunca será tirado. A real verdade é que, enquanto o ímpio perece por causa da sua impiedade, em muitos casos os filhos de Deus morreram por causa da sua justiça. De facto, quanto mais justos são, maior é a possibilidade de poderem ser chamados a servir a causa fazendo o supremo sacrifício.

Estes factos e as suas razões devem ser claramente compreendidos se o povo de Deus quiser uma experiência do repouso do sábado em face da adversidade e da morte, pois elas são uma parte essencial da luta cristã. Sem este conhecimento, o Seu povo falhará quando Ele mais deles precisar.

Um factor vital no sucesso de Jó como testemunha de Deus era o conhecimento que tanto o ímpio como o justo perecem; o ímpio em consequência da sua impiedade e o justo por causa da sua justiça. Jó declarou as suas convicções do seguinte modo:<sup>7</sup>

“A cousa é esta; por isso eu digo,  
 “que Ele consome ao recto e ao ímpio.  
 “Matando o açoite de repente,  
 “então se ri da prova dos inocentes.” *Jó 9:22, 23.*

O seguro conhecimento de Jó que doença, sofrimento, perda, e morte não estão reservados somente aos ímpios, mas tem um propósito muito importante na luta do cristão, tornou-lhe possível repousar na certeza da sua posição com o seu Pai celestial. Apesar da incessante insistência dos seus “amigos” que o seu sofrimento só podia indicar que ele era uma pessoa extremamente ímpia, ele firmemente testificou o contrário, porque ele era um homem justo que guardava os mandamentos de Deus. Alguns podem interpretar o seu testemunho como uma jactanciosa justiça própria mas isto não era assim. Foi um doce e vivo testemunho do que Deus tinha feito por Jó, nele, e através dele. Não foi uma exaltação própria, mas uma demonstração de Deus.

“E prosseguindo Jó em sua parábola, disse:  
 “Vive Deus, que desviou a minha causa,  
 “e o Todo-Poderoso que amargurou a minha alma.  
 “Enquanto em mim houver alento,  
 “e o Espírito de Deus no meu nariz,  
 “Não falarão os meus lábios iniquidade,  
 “nem a minha língua pronunciará engano.  
 “Longe de mim que eu vos justifique;  
 “até que eu expire, nunca apartarei de mim a minha sinceridade.  
 “À minha justiça me apegarei e não a largarei;  
 “não remorderá o meu coração em toda a minha vida.” *Jó 27:1-6.*

Todo o cristão precisa saber o que Jó compreendeu; nomeadamente, que apesar do pecado trazer a doença, sofrimento, e morte, não é a única causa de tais problemas. Satanás é capaz de afligir com estas coisas mesmo as pessoas mais justas, e há alturas em que Deus lhe permite fazê-lo. O caso de Jó prova isso. A defesa pessoal de Deus da posição tomada por Jó confirma isto ainda mais.

“Há impiedade no nosso mundo, mas nem todo o sofrimento é o resultado de um pervertido modo de vida. Jó é colocado distintamente perante nós como um homem a quem o Senhor permitiu que Satanás afligisse. O inimigo tirou-lhe tudo o que ele possuía; os seus laços familiares foram quebrados; os seus filhos foram-lhe tirados. Por algum tempo o seu corpo foi coberto por repugnantes chagas, e ele sofreu grandemente. Os seus inimigos vieram para confortá-lo, mas tentaram fazer com que ele visse que era o responsável, por causa do seu curso pecaminoso, pelas suas aflições. Mas ele defendeu-se e negou a acusação, declarando: ‘Miseráveis confortadores vós sois.’ Procurando torná-lo culpado perante Deus, e merecedor da sua punição,

<sup>7</sup> O livro de Jó está incluído nos Sagrados Escritos para ensinar uma predominante lição, que é a responsabilidade do estudante da Bíblia compreender qual é a primeira lição e a mais importante.

Essa lição é que, sofrimento, perseguição, e morte, não são positivas indicações que há pecado na vida. Jó sofreu terrivelmente, mas foi um homem justo, e quem quer que argumente o contrário está a tomar a mesma posição que tomaram os homens que Satanás usou na sua tentativa para destruir a fé de Jó e para o privar da sua justiça. Jó passou o teste brilhantemente e isto qualificou-o para receber a revelação da perfeição e poder de Deus para além daquilo que ele tinha testemunhado antes. Nos capítulos 38-41, Deus abriu o livro da natureza e abençoou o patriarca com maravilhosas visões da Sua perfeição e do Seu amor. Jó em resposta viu a sua própria insignificância em comparação com a majestade e poder de Deus, e foi assim capacitado para avançar mais um passo na continuação do seu desenvolvimento espiritual.

trouxeram sobre ele uma prova difícil, e representaram Deus sob uma falsa luz; mas Jó não se desviou na sua lealdade, e Deus recompensou o Seu servo fiel.” *S.D.A. Bible Commentary* 3:1140.

Os mesmos erros promovidos pelos “confortadores” de Jó eram ensinados pelos judeus nos dias de Cristo. Eles tornaram-se conhecidos quando Jesus curou o cego de quem os discípulos, reflectindo erroneamente a teologia judaica, perguntaram: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?”

“Jesus respondeu, nem ele pecou, nem seus pais, mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus.” *João* 9:2, 3.

“Geralmente, acreditavam os judeus que o pecado é punido nesta vida. Toda a enfermidade era considerada como o castigo de qualquer mau procedimento, fosse da própria pessoa, fosse dos seus pais. É verdade que todo o sofrimento é resultado da transgressão da lei divina, mas esta verdade fora pervertida. Satanás, o autor do pecado e todas as suas consequências, levava os homens a considerarem a doença e a morte como procedentes de Deus — como castigos arbitrariamente infligidos por causa do pecado. Daí, aquele sobre quem caíra grande aflição ou calamidade, sofria além disso o ser olhado como grande pecador.

“Assim estava preparado o caminho para os judeus rejeitarem a Jesus. Aquele que ‘tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores’, era considerado pelos judeus como ‘aflito, ferido de Deus, e oprimido’; e d’Ele escondiam o rosto. (Isaías 53:4, 3).

“Deus dera uma lição destinada a evitar isso. A história de Jó mostrara que o sofrimento é infligido por Satanás, mas Deus predomina sobre ele para fins misericordiosos. Mas Israel não entendera a lição. O mesmo erro pelo qual Deus reprovava os amigos de Jó, repetiu-se nos judeus em sua rejeição de Cristo.” *O Desejado de Todas as Nações*, 455.

Se bem que os amigos de Jó não compreendessem estes princípios, ele certamente compreendia. Ele, por conseguinte, representava o lado de Deus no conflito enquanto eles tomavam o lado de Satanás. Durante o tempo em que estiveram juntos, este foi o assunto debatido entre eles. No fim, Deus disse a última palavra dando a Sua aprovação à posição de Jó e à Sua condenação à posição tomada pelos seus “amigos”.

Tivessem aqueles homens tido sucesso em convencer Jó que todo o sofrimento é o resultado dos próprios pecados da pessoa, ter-lhe-iam roubado o seu repouso do sábado. Felizmente, eles não foram capazes de fazer isto, o patriarca foi assim capaz de manter a sua correcta relação com Deus.

A história de Jó plenamente demonstra que enquanto é vitalmente importante confessar o pecado quando ele é uma parte de nós, é igualmente importante recusar confessá-lo quando ele não existe. Satanás gosta de trazer perante nós o pecado já confessado e afastado, insistindo connosco para confessar tudo de novo. Fazer isto é duvidar daquelas promessas pelas quais Deus nos assegura que Ele tomou o pecado e o colocou longe, no santuário.

Mas porque um Deus de amor que tem o poder necessário para proteger os Seus filhos dos seus inimigos, realmente permite Satanás fazer estas coisas terríveis?

Há diversas razões. Uma das que melhor se compreende é que Deus usa estas provas como agentes para moldar o carácter à semelhança divina e assim preparar a alma para o Céu. Muitas, senão a maioria, destas provações são trazidas sobre nós pela nossa própria forma de agir, contudo, elas servem para revelar-nos as fraquezas e deficiências que precisam ser corrigidas. Essas revelações, mesmo apesar de virem da maneira pior, são uma bênção e deviam ser consideradas como tal.

Neste estudo, mais atenção será dada a outra altamente importante razão para se permitir a Satanás afligir alguns do povo de Deus com doença e morte. Esta é a razão particular que se aplica aos casos de Jó, João Baptista e Lázaro.

Deus não requer que o Seu povo sofra e Ele somente permite o sofrimento e morte por causa dos termos do grande conflito exigirem estes sacrifícios. Não há alternativa porque a vitória não pode ser ganha de outro modo.

No grande conflito, Deus e Satanás ocupam posições opostas. Os esforços do diabo estão concentrados em lançar sobre Deus uma falsa luz, especialmente a respeito da Sua santa lei. É a afirmação de Satanás que a lei apenas pode ser guardada dentro de um certo limitado contexto, fora do qual a desobediência é a única possibilidade. Deus, negando isto, afirma que em nenhuma circunstância ou condições é a transgressão da lei justificada ou necessária.

Infelizmente, este conflito não pode ser resolvido pela declaração. Ele tinha que ser submetido à verdadeira confrontação em que ambos os lados, sob o escrutínio de todos os seres criados, demonstrassem a verdadeira natureza das suas reivindicações. É espantoso que a simples autoridade da palavra de Deus não evite esta necessidade, mas o próprio facto que ela não o fez, claramente prova que o problema não podia ser resolvido desta maneira. Mesmo agora, depois de quase seis mil anos de demonstração e contra-demonstração, o acontecimento ainda não está completa e finalmente resolvido.

Deus não pode dar esta demonstração por Si mesmo. Ele necessita ter seres criados através dos quais ela possa ser dada. Eles precisam estar numa posição onde possam experimentar prosperidade *ou* adversidade, saúde *ou* doença, vida *ou* morte. Obviamente, os únicos seres qualificados são aqueles que habitam nesta Terra. Para ilustrar este ponto, imaginai que Deus publicou um anúncio a pedir testemunhas voluntárias que Ele é o Deus da verdade e justiça quando diz que a lei pode ser guardada em qualquer situação. Alegremente, um brilhante e santo anjo responde e anuncia o seu desejo de ser essa testemunha.

Deus diz-lhe: “Tenho que fazer-te algumas perguntas para ver se estás qualificado. Primeiramente, és tu capaz de experimentar pobreza e fadiga?”

A isto, o anjo tem que responder negativamente tal como tem que fazer às perguntas seguintes.

“Podes adoecer?”

“Podes enfrentar a morte?”

“Podes ser física e mentalmente torturado por causa da tua fé?”

A honesta resposta do anjo deixa Deus sem opção senão amavelmente recusar a sua oferta na base que ele não está qualificado.

A este respeito, é concedido aos seres humanos um privilégio que os anjos nunca conhecerão. Eles podem fornecer um testemunho para Deus que a hoste celestial, sem pecado, estando completamente separados da pobreza, angústia, enfermidade, perseguição, e morte, nunca pode dar. O que torna isto um privilégio de maior significado é que ele é tão essencial para a causa de Deus que o conflito não pode ser finalizado sem ele. Esta é a razão pela qual Deus declara que nós somos Suas testemunhas, chamadas a demonstrar pela declaração e demonstração que Ele é verdadeiro.

“Vós sois as Minhas testemunhas, diz o Senhor, e o Meu servo, a quem escolhi; para que o saibais, e Me creiais, e entendais que Eu sou o mesmo, e que antes de Mim deus nenhum se formou, e depois de Mim nenhum haverá.

“Eu, Eu sou o Senhor, e fora de Mim não há Salvador.

“Eu anunciei, e Eu salvei, e Eu o fiz ouvir, e deus estranho não houve entre vós, pois vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor; Eu sou Deus.” *Isaías 43:10-12.*

Infelizmente, o professo cristão em geral pensa que testemunhar é nada mais do que *falar* em defesa de Deus, exactamente como os defensores políticos fazem discursos em favor dos seus candidatos. Se isto fosse assim, os filhos de Deus nunca precisariam de ser colocados em situações difíceis. Mas apesar de pregar a Palavra ser uma parte vital do testemunho do cristão, não é o mais importante. O que Deus requer mais do que tudo, são as vidas que provam pela



demonstração que a lei pode ser observada para bem-estar, não importa quais possam ser as circunstâncias físicas.

É por esta razão que o Senhor permite que Satanás aflija os Seus filhos de vez em quando. Este é o motivo pelo qual Ele permitiu Satanás tirar os bens de Jó, matar os seus filhos, e tirar-lhe a saúde. Sob estes termos, João Baptista pereceu, Lázaro foi atingido com enfermidade fatal, e os mártires fielmente demonstraram que a terrível pressão da perseguição e morte não podia alterar o seu serviço a Deus. Todas estas pessoas compreenderam numa maior ou menor extensão que era para isto que estavam no mundo — ser testemunhas de Deus — não apenas ser recipientes da Sua salvação.

Quanto melhor compreenderam estes princípios e mais profunda foi a sua consagração a este tipo de serviço, mais estável eram em manter uma paz não perturbada mesmo através das mais negras, mais probantes horas. De facto, verificaram que podiam rejubilar porque sabiam que eram privilegiadas para dar um testemunho vital à causa de Deus e sua própria salvação, que nem mesmo os anjos podiam dar. Deus permitindo a Satanás afligi-las não era mistério para si. Isso era simplesmente uma parte daquele impecável plano pelo qual Deus por fim termina o reinado do pecado. Alegraram-se entregando os seus corpos a qualquer sofrimento permitido por Deus como necessário para alcançar estes objectivos, e esta foi a razão pela qual confundiram os seus perseguidores indo a cantar para a morte.

A última geração de cristãos tem que aprender a andar nas suas passadas a fim de cumprir a sua missão divinamente apontada. Um tal despertar entre os filhos de Deus elevará o seu pensamento acima do baixo nível da ignorância que não dá lugar aos propósitos de Deus em permitir que Satanás os aflija com enfermidade e morte. Quando esta iluminação for experimentada, eles docemente repousarão na certeza pessoal do Senhor que “Deus nunca dirige Seus filhos da maneira diversa daquela por que eles próprios haveriam de preferir ser guiados, se pudesse ver o fim desde o princípio, e perscrutar a *glória do desígnio* que estão realizando como *colaboradores* Seus”. *O Desejado de Todas as Nações*, 206.

É desnecessário dizer, que leva tempo mesmo para os cristãos sacudirem os conceitos errados adquiridos na escola de Satanás, e despertar para os profundos e maravilhosos princípios que constituem o reino de Deus. De facto, para muitos, as obras do reino de Deus são um mistério que tem a tendência de os encher com agitada dúvida e perplexidade.

“A misteriosa providência que permite sofrerem os justos perseguição às mãos dos ímpios, tem sido causa de grande perplexidade a muitos que são fracos na fé. Alguns se dispõem mesmo a lançar de si a confiança em Deus, por permitir Ele que os mais vis dos homens prosperem, enquanto os melhores e mais puros são afligidos e atormentados pelo cruel poder daqueles. Como, pergunta-se, pode Aquele que é justo e misericordioso, e que também é de poder infinito, tolerar tal injustiça e opressão? É esta uma questão com que nada temos que ver. Deus deu suficientes evidências de Seu amor, e não devemos duvidar de Sua bondade por não podermos compreender a operação de Sua providência. Disse o Salvador a Seus discípulos, prevendo as dúvidas que lhes oprimiam a alma nos dias de provação e trevas: ‘Lembraí-vos da palavra que vos disse: Não é o servo maior do que o seu Senhor. Se a Mim Me perseguiram, também vos perseguirão a vós.’ João 15:20. Jesus sofreu por nós mais do que qualquer de Seus seguidores poderá sofrer pela crueldade de homens ímpios. Os que são chamados a suportar a tortura e o martírio não estão senão seguindo as pegadas do dilecto Filho de Deus.

“O Senhor não tarda a Sua promessa.’ 2 Pedro 3:9. Ele não Se esquece de Seus filhos, nem os negligencia; mas permite que os ímpios prosperem e revelem seu verdadeiro carácter, para que ninguém que deseje fazer Sua vontade possa ser iludido com relação a eles. Outrossim, os justos são postos na fornalha da aflição para que eles próprios possam ser purificados, para que seu exemplo possa convencer a outros da realidade da fé e piedade, e também para que sua coerente conduta possa condenar os ímpios e incrédulos.



**PRONTO PARA AMBOS**

“Deus permite que os ímpios prosperem e revelem inimizade para com Ele, a fim de que, quando encherem a medida de sua iniquidade, todos possam, em sua completa destruição, ver a justiça e misericórdia divinas. Apressa-se o dia de Sua vingança, no qual todos os que transgrediram a lei divina e oprimiram o povo de Deus receberão a justa recompensa de suas acções; em que todo o acto de crueldade e injustiça para com os fiéis será punido como se fosse feito ao próprio Cristo.” *O Grande Conflito*, 43-45.

Uma compreensão satisfatória destes princípios pode ser adquirida apenas por profundo e constante estudo dos acontecimentos contidos no coração do grande conflito. É encorajador saber que tal investigação provará ser um poderoso factor no estabelecimento do repouso do sábado de Deus na alma. As provações da vida passarão então do campo do mistério para uma área de maravilhoso e cheio de significado propósito. O que anteriormente tinha sido causa para desencorajamento, dúvida, e descontentamento, agora torna-se causa para a mais profunda alegria e santa gratidão.

João Baptista aprendeu estas verdades muito claramente enquanto esteve na prisão de Herodes. Ele tinha fielmente cumprido a sua missão divinamente apontada apenas para ser recompensada, assim parecia, com o ser deixado a definhar num calabouço romano. Satanás viu a oportunidade para o assediar com dúvidas acerca da missão de Cristo e portanto, da sua própria obra.

“A vida de João fora de activo labor, e as sombras e a inactividade da prisão pesavam fortemente sobre ele. Ao passar semana após semana, sem fazer nenhuma mudança, o acabrunhamento e a dúvida se foram subtilmente apoderando dele. Seus discípulos não o abandonaram. Era-lhes permitida entrada na prisão; levaram-lhe notícias das obras de Jesus, e disseram-lhe como o povo se estava aglomerando em torno d’Ele. Mas indagava porque, se esse novo Mestre era o Messias, não fazia nada para que João fosse solto? Como podia Ele permitir a Seu fiel precursor fosse privado da liberdade e talvez da vida?” *O Desejado de Todas as Nações*, 194.

Os discípulos de João revelaram uma deficiência de conhecimento que é comum nos filhos de Deus. Eles não pensaram em termos de servir a Deus através do sofrimento e da morte. Isto era particularmente compreensível no seu caso devido aos falsos conceitos a respeito do reino de Cristo. Consistente com as suas ideias acerca do antecipado reino messiânico, estava a sua expectativa que Cristo libertaria João da prisão, vendo que Ele tinha poder para o fazer. Se eles tivessem recebido a luz de Deus sobre este assunto, teriam encorajado João assegurando-lhe que a única razão para Deus permitir a Satanás colocá-lo numa cela romana e mantê-lo ali, era para operar um propósito muito maravilhoso no avanço da causa que eles amavam tanto. Em vez de estarem inquietos com dúvidas, incerteza, e questões perturbadoras acerca do carácter e missão de Cristo, teriam repousado calmamente e com alegria na vontade de Deus.

“Estas perguntas não deixaram de produzir efeito. Dúvidas que, do contrário, nunca teriam sido suscitadas, foram então sugeridas a João. Satanás regozijou-se em ouvir as palavras desses discípulos, e ver como elas quebrantavam a alma do mensageiro do Senhor. Oh! Quantas vezes os que se julgam amigos de um homem bom, e anseiam mostrar sua fidelidade para com ele, se demonstram os mais perigosos inimigos! Quantas vezes, em lugar de lhe fortalecer a fé, suas palavras deprimem e desanimam!” *O Desejado de Todas as Nações*, 194, 195.

A própria má compreensão de João acerca do Messias levou-o a concordar pelo menos em parte, com os sentimentos dos seus discípulos.

“Como os discípulos do Salvador, João Baptista não compreendia a natureza do reino de Cristo. Esperava que Jesus tomasse o trono de Davi; e, ao passar o tempo, e o Salvador não reclamar nenhuma autoridade real, João ficou perplexo e turbado. Declarara ao povo que, a fim de o caminho ser preparado diante do Senhor, a profecia de Isaías devia ser cumprida, os montes e os outeiros se deviam abaixar, endireitar os caminhos tortuosos, e os lugares ásperos ser

aplainados. Esperava que as elevações do orgulho e do poder humanos fossem derribadas. Apresentavam um Messias como Aquele cuja pá estava em Sua mão, e que limparia inteiramente Sua eira, ajuntaria o trigo no celeiro, e queimaria a palha com o fogo que não se apagaria. Como o profeta Elias, em cujo espírito e poder ele próprio viera a Israel, esperava que o Senhor Se revelasse como um Deus que responde por fogo.

“O Baptista fora, em sua missão, um destemido reprovador da iniquidade, tanto nos lugares elevados como nos humildes. Ousara enfrentar o rei Herodes com a positiva repreensão do pecado. Não tivera a vida por preciosa, contanto que cumprisse a missão que lhe fora designada. E agora, de sua prisão, aguardava que o Leão da tribo de Judá abatesse o orgulho do opressor e libertasse o pobre e o que clamava. Mas Jesus parecia contentar-Se com reunir discípulos em volta de Si, curar e ensinar o povo. Comia à mesa dos publicanos, ao passo que dia a dia mais pesado se tornava o jugo romano sobre Israel, o rei Herodes e a vil amante faziam a sua vontade, e o clamor do pobre e sofredor subia ao Céu.

“Ao profeta do deserto tudo isso se afigurava um mistério além de sua penetração. Havia horas em que os cochichos dos demónios lhe torturavam o espírito, e a sombra de um terrível temor dele se apoderava. Poder-se-ia dar que o longamente esperado Libertador ainda não houvesse aparecido? Então, que significaria a mensagem que ele próprio fora compelido a anunciar? João sentira-se cruelmente decepcionado com o resultado de sua missão. Esperara que a mensagem de Deus tivesse o mesmo efeito que produzira a leitura da lei nos dias de Josias e de Esdras; 2 Crónicas 34; Neemias 8 e 9; que se seguiria duma profunda obra de arrependimento e volta ao Senhor. Ao êxito dessa obra, toda a sua existência fora sacrificada. Havia isso sido em vão?” *O Desejado de Todas as Nações*, 195, 196.

Não havia necessidade real para João ter sofrido esta angústia excepto porque não tinha sido inteiramente liberto dos ensinoss erróneos por tanto tempo proclamados pelos dirigentes judeus. Mas foi prudente não complicar o seu problema discutindo-o com os seus discípulos. “João não queria discutir suas dúvidas e ansiedades com os companheiros. Decidiu enviar mensageiros a indagar de Jesus.” *O Desejado de Todas as Nações*, 196.

Ele confiou isto a dois dos seus discípulos que foram apresentar a Jesus a pergunta:

“És Tu Aquele que havia de vir, ou esperamos outro?” *Mateus* 11:3.

Cristo não lhes respondeu por declaração mas por demonstração. Ele pediu-lhes que observassem a Sua obra durante todo o dia. Tudo o que viram, levaram de volta ao solitário prisioneiro, que desse modo ganhou uma renovada e mais exacta compreensão do carácter e obra de Cristo. Quando João viu que a sua própria vida de serviço abnegado era apenas uma reflexão do espírito e obra de Cristo, compreendeu que o Mestre construiria um reino muito diferente daquele que era geralmente esperado.

“O princípio da própria vida do Baptista, a abnegação, era o princípio do reino do Messias. João bem sabia quão estranho era tudo isso aos princípios e esperanças do guias de Israel. Aquilo que para ele era convincente testemunho da divindade de Cristo, não seria prova nenhuma para eles. Estavam aguardando um Messias que não fora prometido. João viu que a missão do Salvador deles só podia granjear ódio e condenação. Ele, o precursor, não estava senão bebendo do cálice que o próprio Cristo havia de esgotar até às fezes.” *O Desejado de Todas as Nações*, 199.

A natureza que o Espírito Santo tinha formado em João, estava respondendo à natureza de Cristo e a libertá-lo do falso conceito acerca da missão do Salvador. Pela contemplação foi modificado mais à divina semelhança, e à medida que assim entrava num campo mais elevado, uma calorosa resposta a estas santas influências fluiu de dentro dele.

Isso veio na forma de uma consagração a Deus numa dimensão mais ampla do que ele havia conhecido antes. A natureza dessa nova e viva dedicação é digna de concentrado estudo, porque ela é uma clara revelação da direcção a que uma mais acurada compreensão dos caminhos de Deus nos levará.

“Compreendendo mais claramente agora a natureza da missão de Cristo, entregou-se a Deus para a vida e *para a morte*, segundo melhor conviesse aos interesses da causa que amava.” *O Desejado de Todas as Nações*, 198.

Esta é uma verdadeira entrega cristã ao serviço vivo. Ele não escolhe o seu futuro. Ele nunca assenta no seu coração não ficar doente, de sempre ser liberto do sofrimento e morte. Reconhece que é testemunha de Deus, chamado a manifestar justiça sob quaisquer condições que o Senhor possa escolher para si. Ele pode servir ao Senhor até ser muito velho como fizeram Moisés e Abraão, ou pode morrer violentamente numa idade relativamente jovem como aconteceu a João Baptista. Ele podia mesmo ser chamado a passar tempo em escravidão e na prisão como aconteceu a José, ou servir em palácios reais como Daniel e os seus companheiros. Pode não ser célebre ou conhecido, ou famoso como foram os apóstolos e os grandes heróis da Bíblia do Antigo e Novo Testamentos. Se ele é um dos 144.000 será como Enoque e Elias trasladado para o Céu sem ver a morte.

Tal como na cerimónia do casamento, os casais contraentes prometem amar-se, honrar-se e estimar na doença e na saúde, na prosperidade ou na adversidade, e por toda a vida até à morte, assim o verdadeiro cristão oferece-se a si mesmo ao serviço de Deus nos mesmos termos. É Deus que decide como.

Em nenhuma circunstância é dado ao homem escolher onde ou como servirá Deus agora ou no futuro. Estas decisões apenas o Mestre Arquitecto pode tomar, porque apenas Ele sabe o que fará a obra prosperar e o que a embarçará. Sem dúvida, todos prefeririam servir a Deus com uma longa e próspera vida, mas, fosse esta a sorte de todos, o testemunho essencial para o vitorioso término do reino do pecado nunca seria dado. Alguns têm que sofrer a morte pela causa, sendo a sua obra tão importante como a realizada por aqueles que são chamados a dar uma longa vida de serviço. O curto período passado por João Baptista em activo labor não foi menos importante do que o longo período dado por Moisés.

Somente aquela vida que está totalmente submetida à escolha de Deus para saúde ou enfermidade, prosperidade ou adversidade vida ou morte, se harmoniza com o princípio do repouso do sábado de Deus. Um tal espírito submisso pode ser mantido somente quando o crente inteligentemente compreende e aceita que é testemunha de Deus sobre quem é permitido a Satanás trazer aflições, enfermidades, adversidade, perda, e morte. É incumbência de todos os professos seguidores de Deus compreender estes princípios e viver por eles, porque, se não o fizerem, muito certamente seguirão a outra alternativa de procurar planejar a obra de Deus no lugar d’Ele. Isto repudia os princípios do repouso do sábado e estabelece o papado no coração, vida, e prática.

Teria sido muito simples para Deus ter salvo João Baptista da prisão de Herodes. A Sua capacidade para o fazer foi demonstrada alguns anos mais tarde quando Pedro foi libertado da sua cela no meio da noite. O precursor de Cristo podia ter sido liberto da mesma maneira, mas ele foi deixado para perecer porque Deus especificamente escolheu permitir que essa sorte o tomasse.

As razões para Deus deixar João perecer não inclui qualquer infidelidade da parte de João, porque não há relato de pecado contra o profeta. Deus permitiu que Satanás açoitasse João com sofrimento e morte pelas mesmas razões e nos mesmos termos que Ele permitiu Satanás despojar Jó dos seus filhos, bens, e saúde. A ambos os homens foi concedido o maravilhoso privilégio de dar testemunho da verdadeira posição de Deus que a lei podia ser guardada, não importava em que condições físicas fossem colocados.

O testemunho da fidelidade de João até ao fim, serviu a causa de Deus muito melhor do que se ele tivesse sido liberto do seu escuro cárcere. Devia chegar a altura em que milhares de crentes morreriam pela verdade durante a Idade das Trevas. Enquanto suportavam a tortura e enfrentavam a execução, eram animados pela recordação que João tinha morrido nas mesmas

circunstâncias, merecendo e recebendo o testemunho pessoal de Cristo sobre o seu dedicado e incontaminado serviço. Sabendo isto, aqueles que pereceram sob o domínio papal foram capazes de enfrentar as mentirosas acusações de Satanás conscientes que morreram, não por causa de serem transgressores da lei de Deus, mas por causa de serem fiéis a ela.

“Jesus não Se interpôs para livrar Seu servo. Sabia que João havia de suportar a prova. De boa vontade teria o Salvador ido ter com João, para, com Sua presença, aclarar-lhe as sombras do cárcere. Mas não Se devia colocar nas mãos dos inimigos e pôr em perigo Sua própria missão. Com prazer teria libertado Seu fiel servo. Mas por amor de milhares que haveriam em anos posteriores, de passar da prisão para a morte, João devia beber o cálice do martírio. Ao haverem os seguidores de Jesus de definharem em solitárias celas, ou perecer pela espada, e pela tortura, ou na fogueira, aparentemente abandonados de Deus e do homem, que esteio não lhes seria ao coração o pensamento de que João Baptista, de cuja fidelidade o próprio Cristo dera testemunho, passara por idêntica experiência!

“Foi permitido a Satanás abreviar a vida terrena do mensageiro de Deus; mas aquela vida que ‘está escondida com Cristo em Deus’, o destruidor não podia atingir. (Colossenses 3:3). Exultou por haver ocasionado aflição a Jesus, mas fracassara em vencer a João. A morte em si mesma apenas o colocara para sempre além do poder da tentação. Nessa contenda Satanás estava revelando o próprio carácter. Manifestou, em presença do expectante Universo, sua inimizade para com Deus e o homem.

“Conquanto nenhum miraculoso livramento fosse proporcionado a João, ele não fora abandonado. Tivera sempre a companhia dos anjos celestiais, que lhe abriram as profecias concernentes a Cristo, e as preciosas promessas da Escritura. Estas foram seu sustentáculo, como haviam de ser do povo de Deus nos séculos por vir. A João Baptista, como aos que vieram depois dele, foi dada a segurança: ‘Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.’ Mateus 28:20.

“Deus nunca dirige Seus filhos de maneira diversa daquela por que eles próprios haveriam de preferir ser guiados, se pudessem ver o fim desde o princípio, e perscrutar a glória do desígnio que estão realizando como colaboradores Seus. Nem Enoque, que foi trasladado ao Céu, nem Elias, que ascendeu num carro de fogo, foi maior ou mais honrado que João Baptista, que pereceu sozinho na prisão. ‘A vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer n’Ele, como também padecer por Ele.’ (Filipenses 1:29). E de todos os dons que o Céu pode conceder aos homens, a participação com Cristo em Seus sofrimentos é o mais importante depósito e a mais elevada honra.” *O Desejado de Todas as Nações*, 205, 206.

Uma distinção deve ser feita entre as aflições que vêm sobre o indivíduo por causa da sua iniquidade e aquelas que o Senhor permite que Satanás imponha sobre o justo. Para a maior parte, Deus promete curar as primeiras, mas as últimas não serão tiradas até que a prova esteja completa. Por conseguinte, os cristãos devem ser capazes de distinguir entre males que vêm sobre eles por causa dos seus pecados e aqueles que vêm por causa da sua justiça. Eles então saberão como se relacionar com cada uma delas quando vêm.

É por causa de estarmos no mundo como fiéis testemunhas de Deus que Ele nem sempre responde à oração por física restauração ou para alívio de tribulação com a mesma urgência concedida às súplicas pela libertação do pecado.

“Em alguns casos de cura, Jesus não concedeu imediatamente a bênção buscada. No caso da lepra, todavia, tão depressa foi feito o apelo, seguiu-se a promessa. Quando pedimos bênçãos terrestres, a resposta à nossa oração talvez seja retardada, ou Deus nos dê outra coisa que não aquilo que pedimos; não é assim, porém, quando pedimos livramento do pecado.” *O Desejado de Todas as Nações*, 244.

Qual é então a justificação de Deus para fazer esta distinção?

Muito simplesmente, porque nunca podemos dar um testemunho de obediência sem a libertação do pecado, atendendo a que, por vezes, realmente precisamos de permanecer numa situação de adversidade ou enfermidade a fim de testificar pela demonstração que a lei pode ainda ser obedecida sob aquelas circunstâncias.

A beleza sem mancha do perfeito repouso do sábado é a maravilhosa experiência à espera de todo o que chega à compreensão, aceita, e vive segundo estes princípios. Perplexidades desaparecerão e eles encontrarão uma vereda plana para os seus pés. Eles verdadeiramente serão capazes de rejubilar no sofrimento, sabendo que, desde que não seja o resultado da sua própria desobediência, é-lhes concedido o privilégio de serem testemunhas de Deus num nível desconhecido mesmo para os santos Anjos. Se todos os filhos de Deus estivessem totalmente entregues a esta qualidade de serviço, quão breve o fim viria!

## A Ressurreição de Lázaro

**N**enhuma história bíblica se adapta melhor para abalar a fé no julgamento e planeamento humanos do que a narrativa das acções e oposições de Cristo e dos discípulos durante a doença, morte, e ressurreição de Lázaro. O plano seguido por Cristo enquanto obedecia à vontade de Seu Pai, confundiu e perturbou os discípulos por causa da sua ignorância dos procedimentos em que Deus opera. Eles reagiram formando planos para Cristo e para si mesmos que pudessem compreender, mas quando Cristo não seguiu estes planos como eles esperavam que Ele fizesse, ficaram ainda mais perturbados e confusos.

O que torna a história mais significativa e, portanto, mais impressionante, é a natureza crítica dos acontecimentos envolvidos nessa altura. Não era uma situação onde, por causa da recusa humana em adoptar as directivas de Deus, o fracasso era desculpável, como era o caso quando Israel retrocedeu em Cades-Barneia. Então, Deus foi capaz de organizar outra oportunidade quarenta anos mais tarde, altura em que eles alcançaram o que bem podiam ter alcançado na data anterior. Na morte e ressurreição de Lázaro, os acontecimentos eram críticos. A afirmação de Cristo de ser o Filho de Deus devia ser estabelecida para sempre ou eternamente obliterada, como está escrito:

“E tendo dito isto, clamou com grande voz: Lázaro sai para fora.’ Sua voz, clara e penetrante, soa aos ouvidos do morto. Ao falar, a divindade irrompe através da humanidade. Em Seu rosto, iluminado pela glória de Deus, vê o povo a certeza de Seu poder. Todos os olhos se acham fixos na entrada do sepulcro. Todos os ouvintes, atentos ao mais leve som. Com intenso e doloroso interesse, aguardam todos a *prova* da divindade de Cristo, o *testemunho que há de consubstanciar Sua declaração de ser o Filho de Deus, ou para sempre extinguir a esperança.*” *O Desejado de Todas as Nações*, 512.

Felizmente para todos nós, que o propósito de Deus não falhou, a evidência da divindade de Cristo foi dada, e o sucesso do plano de salvação foi assegurado. Os propósitos de Deus avançaram com cada passo que Cristo deu em obediência às instruções de Seu Pai. Se o plano tivesse falhado, a humanidade estaria condenada. Tudo dependia da exacta execução das instruções. Esquemas humanos têm substituído as reveladas intenções de Deus em muitas ocasiões com o resultante fracasso e demora, mas tem havido alguma esperança de recuperação, porque Deus ainda tem tido a oportunidade de avançar planos de substituição que, nas mãos de



agentes verdadeiramente obedientes, têm sido bem sucedidos. Mas nesta ocasião não haveria futura oportunidade. Era uma situação de “tudo ganhar ou tudo perder”.

Por que razão era tão vital que esta confirmação da afirmação de Cristo ser o Filho de Deus fosse dada?

Em contraste directo com os terríveis destruidores — Satanás e o pecado — Deus é o Dador da vida, Salvador da vida, e Sustentador da vida. A questão acerca desta grande, maravilhosa verdade é que Satanás acusou Deus de ser o oposto, declarando que Ele não era um dador da vida, mas de facto, o único responsável por todas as mortes sofridas no mundo. Tão poderosos e subtis eram os argumentos de Satanás que a questão não podia ser resolvida apenas pela declaração. Ela também requeria demonstração.

Portanto, quando Cristo estava na Terra, tinha que dar uma demonstração visível do poder de Deus como Dador da vida. Para fazer isto, Ele devia devolver a vida ao morto. Vezes sem conta tinha Ele feito isto ao libertar pessoas mortas em ofensas e pecados para a novidade da vida espiritual. Apesar de perfeitas e completas como foram estas manifestações do carácter de Deus, ainda não eram suficientes. Aqueles cujas mentes estavam obscurecidas pelo pecado não podiam discernir este maravilhoso poder, porque eles podiam ver e compreender apenas coisas físicas. Por conseguinte, Cristo tinha que ressuscitar corpos físicos mortos a fim de dar um testemunho conclusivo tanto da Sua filiação com Deus como do carácter do Seu Pai que nunca deixa de amar.

Antes da morte de Lázaro, Ele já tinha feito isto duas vezes nos casos do filho da viúva de Naum e da filha de Jairo. Mas nenhum destes tinha satisfeito a necessidade porque ambos ocorreram sob circunstâncias que os fariseus e saduceus podiam explicar. O filho da viúva estava morto há algumas horas quando o cortejo fúnebre se encontrou com Cristo mesmo à saída da vila, porque naqueles dias, quando os pobres que não tinham os recursos necessários para adquirir óleos de embalsamamento, não se atreviam a adiar o funeral muito tempo por causa dos primeiros sintomas de decomposição. Os fariseus teriam argumentado que Naum era uma pequena e obscura vila onde não havia testemunhas competentes para confirmar que o jovem estava realmente morto. Teriam defendido que o jovem tinha simplesmente caído num coma profundo que era aceite pelos “ignorantes aldeãos” como estando realmente morto, assim a chegada de Cristo à cena era o oportuno momento em que o jovem estava a readquirir a consciência. Teriam maliciosamente acusado Jesus de ter reconhecido e aproveitado a oportunidade para fazer parecer que possuía o poder para ressuscitar os mortos.

Neste curso de acção estava a maravilhosa evidência da supremacia de Cristo sobre a morte e a sepultura não teve qualquer efeito.

Os mesmos argumentos, sem dúvida, circularam a respeito da ressurreição da menina. Ela esteve morta apenas alguns minutos, toda a questão se desenrolou sem a presença de qualquer especialista, e por isso não havia prova irrefutável de que uma verdadeira restauração da vida tinha sido efectuada.

Portanto, à medida que o tempo de Cristo se dirigia para o seu fim, faltava ainda dar a demonstração vital que o Salvador devia apresentar antes que o Seu ministério pudesse ser completado.

Obviamente, outra ressurreição era requerida sob circunstâncias muito diferentes das outras duas. Uma vez que tinham sido realizadas fora da vista geral, esta ressurreição devia estar sob total exame público e a pessoa envolvida devia ser bem conhecida. (Não teria significado, por exemplo, ter ressuscitado Abraão ou David, porque ninguém podia positivamente identificá-los). Finalmente, a evidência da morte tinha que ser absoluta de modo que ninguém pudesse pô-la em causa.

Uma vez que as especificações tinham sido estabelecidas, faltava apenas determinar o indivíduo a quem Cristo concederia este dom da vida. Em alguns aspectos João Baptista estaria

qualificado. Ele era uma figura bem conhecida que estava sem dúvida morto, pois nenhum ser humano pode sobreviver a uma decapitação.

Mas João tinha morrido numa área fora do centro do poder judeu e da resistência a Cristo. De acordo com Josephus, o famoso historiador judeu, o profeta do deserto foi aprisionado e executado na fortaleza de Macherus, que estava localizada no lado leste do Mar Morto.

“Agora, quando [muitos] outros que vinham para se juntarem à sua [João Baptista] volta, porque eram grandemente movidos (ou satisfeitos) ao ouvirem as suas palavras, Herodes, que receava que a grande influência que João tinha sobre o povo pudesse levá-lo a levantar uma rebelião, (pois eles pareciam estar prontos a fazer tudo o que ele aconselhasse), pensou que era melhor matá-lo, a fim de evitar qualquer dano que ele pudesse causar, e não trazer sobre si mesmo dificuldades, ao poupar um homem que podia fazê-lo arrepender-se disso quando fosse demasiado tarde. De acordo com isso ele foi enviado como prisioneiro, para longe do receoso temperamento de Herodes, a Macherus, o castelo que mencionei anteriormente, e foi ali morto.” *Antiquities of the Jews*, Livro XVIII, capítulo V, Parágrafo 2.

O corpo mutilado de João foi entregue aos seus discípulos e estes sepultaram-no, mas não há evidência positiva do lugar. De acordo com a *Enciclopédia Britânica*, foi ensinado desde 360 d.C., que João foi sepultado em Aenon por Salim, mas não há positiva confirmação disto.

Quer fosse perto do forte onde ele esteve preso ou nalgum lugar próximo, era demasiado longe do local onde o milagre devia ser realizado. Além disso, o Eterno Pai tinha outros planos para João. Ele devia ser ressuscitado e levado para o Céu com os outros “... que haviam colaborado com Deus, e que à custa da sua própria vida tinham dado testemunho da verdade”. *O Desejado de Todas as Nações*, 754.

Lázaro, contudo, satisfez todas as especificações requeridas. Ele viveu, morreu, e foi sepultado em Betânia, a menos de duas milhas de distância de Jerusalém; e era uma figura bem conhecida por causa da sua identificação com Cristo; ele era totalmente dedicado à vontade de Deus; por causa de ter sido dado tempo para o seu corpo começar a decompôr-se, não podia ser negado que uma real ressurreição tinha sido realizada.

*Pareceria* portanto, que Deus planeou a morte de Lázaro a fim de consumir um propósito que não podia ser alcançado de qualquer outra maneira. Mas se isto é assim, então Deus é um destruidor que tira a vida dos Seus melhores filhos por nenhuma outra razão senão conveniência. Esta não é uma acusação nova contra Deus, porque ela tem sido lançada sobre Ele desde que o grande conflito eclodiu.

Antes do pecado aparecer, argumentam alguns, faltava a Deus a oportunidade para completamente expor todas as maravilhas da Sua sabedoria, amor, e poder, assim para suprir esta deficiência, deliberadamente introduziu o pecado de modo que Ele seria chamado a demonstrar estes poderes e qualidades que de outro modo permaneceriam para sempre ocultos. Por conseguinte, é insinuado que o propósito real de Deus era atrair adoração pessoal, e desse modo impressionar as Suas criaturas com a infinita superioridade de maneira que a Sua autoridade seria inquestionável. Portanto, Ele é acusado de estar egoistamente preocupado com a Sua própria exaltação e segurança, não importa o que isso possa custar a outros.

É verdade que o aparecimento do pecado trouxe revelações do maravilhoso carácter de Deus que doutro modo nunca teriam sido possíveis. As operações de Deus no tratamento do problema do pecado tem aberto portas para investigação e aprendizagem que manterá os remidos e os seres não caídos ocupados na eternidade, porque eles nunca chegarão ao fim do conhecimento de Deus.

Mas concluir que Deus deliberadamente engendrou esta situação a fim de tirar vantagem para Si mesmo à custa de terrível preço para outros, é atribuir-Lhe o carácter mais ignóbil. É o método de Satanás e dos homens pecaminosos satisfazerem as suas ambições egoístas desta maneira. Na cruz, Satanás exibiu este espírito na sua forma mais avançada e má, declarando que ele teria

o seu caminho mesmo se o custo fosse a vida do amado Deus que lhe tinha dado tudo o que possuía.

Essa é a manifestação do carácter de Satanás, mas não do carácter de Deus. Em Cristo, o Pai eterno mostrou a que extensão de abnegado sacrifício pessoal Ele irá a fim de trazer vida e felicidade aos outros. Quão totalmente opostos estes dois princípios são!

É impossível, então, tirar a conclusão que Deus deliberadamente engendrou o aparecimento do pecado, ou a morte de Lázaro, e, ao mesmo tempo, crer que as Escrituras são a infalível revelação da verdade. Está escrito na Bíblia que Deus é amor num grau infinito, o que quer dizer que n'Ele não há o mais leve traço de egoísmo. *Portanto, Ele nada fez em tempo algum para promover os Seus próprios interesses à custa de outros.* Na base deste princípio, podemos descansar seguros que Deus nunca planeou a entrada do pecado nem a morte de Lázaro.

Mas apesar de não *planear* uma ou outra, porque no Seu infinito conhecimento Ele viu estas coisas muito tempo antes delas acontecerem, fez provisão *para* elas. Ele operou perfeitas soluções para estes problemas de modo que os tramas de Satanás para a destruição do Seu reino e povo, serviram para fortalecer em vez de destruir a Sua obra.

Na morte de Lázaro, Deus permitiu que Satanás revelasse o seu carácter como destruidor da vida, enquanto o Criador foi revelado como Dador da vida. Esta é a história do grande conflito — Satanás praticando o seu mal enquanto Deus opera para o neutralizar.

Está plenamente escrito que Satanás, não Deus, puniu Lázaro com a enfermidade que causou a sua morte.

“Se Cristo se achara no quarto do doente, este não teria morrido; pois Satanás nenhum poder sobre ele exerceria. A morte não alvejaria a Lázaro com seu dardo, em presença do Doador da vida. Portanto, Cristo Se conservou distante. Consentiu que o maligno exercesse seu poder, a fim de o fazer recuar como um inimigo vencido. Permitiu que Lázaro passasse pelo poder da morte; e as consternadas irmãs viram seu amado ser deposto no sepulcro.” *O Desejado de Todas as Nações*, 505.

Porque foi Lázaro escolhido por Satanás como sua vítima?

Para responder a esta pergunta, devemos considerar o tipo da experiência vivida por Lázaro e suas duas irmãs. Eles viviam juntamente na pequena vila de Betânia, localizada a menos de duas milhas de Jerusalém. Nenhuma menção é feita aos seus pais, por isso ambos devem ter morrido. Aparentemente também nenhum do trio teria casado, mas viviam juntamente como uma devota e feliz família. Aceitaram a Jesus como o Messias e entraram no espírito da Sua vida e ensinamentos.

Jesus amava visitar aquele lar, porque encontrava ali um amor e comunhão não disponível para Ele noutra parte.

“No lar de Lázaro encontrara Jesus muitas vezes repouso. O Salvador não tinha lar próprio; dependia da hospitalidade de amigos e discípulos; e frequentemente, quando cansado, sequiioso de companhia humana, alegrara-Se de poder escapar para esse pacífico ambiente de família, longe das suspeitas e invejas dos raivosos fariseus. Ali recebia sincero acolhimento, pura e santa amizade. Ali podia falar com simplicidade e liberdade perfeitas, sabendo que Suas palavras seriam compreendidas e entesouradas.” *O Desejado de Todas as Nações*, 501.

A paz e compreensão que Cristo encontrava neste lar, testemunhava a profundidade e amplitude que os seus membros tinham alcançado nos Seus princípios. O trio tinha entrado no repouso do sábado de Deus como os Seus próprios discípulos, que tinham a vantagem de estarem diariamente na Sua presença, não tinham feito. Longe de lhes roubar esta bênção, o juízo probante que estava perante elas na doença e morte de Lázaro, serviu apenas para adicionar glória e graça à maravilhosa, confiante relação entre elas e o eterno Planeador. Quando a aparente tragédia surgiu, elas não duvidaram da sabedoria e amor do Pai, nem entraram num espírito de queixa contra Ele, como fizeram os discípulos de Cristo.

Mesmo mais positiva evidência acerca da sua devoção aos caminhos de Deus é dada no tipo de oração dirigida a Jesus logo que viram a severidade da doença que afligia o seu irmão. Elas simplesmente enviaram a mensagem, “Senhor, eis que está enfermo aquele que Tu amas”. *João 11:3*.

Esta foi uma verdadeira oração cristã que não continha elementos babilônicos. Ela simplesmente entregou o problema ao Senhor e deixou que Ele aplicasse qualquer que fosse a solução que Ele pudesse escolher. Não havia exigência para Deus seguir um plano humano ou solução. Estas duas irmãs tinham entrado no repouso do sábado o suficiente para compreender qual era a parte de Deus e qual era a delas e estavam determinadas a não usurpar a Sua posição. Não admira que o Salvador encontrasse uma tal doce comunhão naquele lar e amava visitá-lo tanto quanto possível.

Com profunda alegria e satisfação devia Cristo ter recebido as palavras dessa oração simples, mas cristã. Ela disse-lhe que não haveria dificuldade em alcançar o propósito de Deus, porque o submisso espírito da família envolvida assegurava isto. Deus apenas pode cumprir os Seus desígnios quando os Seus escolhidos servos levam a cabo os Seus planos exactamente como Ele os formou. Portanto, Cristo podia responder que não só a enfermidade não era para morte, mas para glória de Deus.

“E Jesus, ouvindo isto, disse: Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus; para que o Filho de Deus seja glorificado por ela.” *João 11:4*.

Teria sido natural que as irmãs interpretassem por estas palavras que Lázaro não morreria. A declaração de Cristo acrescentou a promessa da Sua palavra às promessas de amor e poder que elas já tinham.

O seu conhecimento sobre o profundo amor de Cristo por elas e o infinito poder sob o Seu comando, encheu-as de confiança que Ele prontamente faria o que quer que fosse necessário. Se bem que não fizessem planos para o Salvador, elas naturalmente teriam esperado que Ele viesse imediatamente com o Seu poder restaurador.

Contudo, apesar das fortes certezas que estas promessas lhes davam, Lázaro morreu. Este triste acontecimento testou e provou a sua devoção pelos princípios do repouso do sábado que elas tinham aprendido de Jesus. Durante esta hora sombria, elas mantiveram a mesma doce, confiante fé em Cristo que tinha sido desenvolvida em tempos felizes. Se dúvidas, incertezas, e murmuração as tivesse possuído, teria sido uma clara indicação que elas não estavam firmemente dedicadas aos santos caminhos de Deus e teriam provado que não eram diferentes do restante Israel.

Todavia elas suportaram a prova.

“Quando Lázaro morreu, ficaram cruelmente decepcionadas; sentiam-se, porém, sustidas pela graça de Cristo, e isso as guardou de lançar qualquer censura ao Salvador.” *O Desejado de Todas as Nações*, 503.

Lázaro e suas irmãs eram pessoas raras em que, ao contrário das multidões e mesmo dos discípulos, não faziam planos para o Mestre e depois faziam pressão para que Ele fizesse as coisas à sua maneira. Eles eram o tipo de seguidores que Cristo necessitava ver muito mais. Nada era tão penoso e desencorajador para Ele como o espírito de suficiência própria que levava praticamente todas as pessoas nos dias de Cristo a procurar os seus próprios caminhos em vez dos caminhos de Deus. Encontrar estes três com um espírito diferente, era como chegar a um oásis no deserto. Enquanto as massas O esgotavam, esta família dava-lhe repouso e encorajamento. Ele encontrava ali uma unidade de espírito e propósito com o qual podia identificar-Se. Os seus corações respondiam ao Seu com fervorosa amizade e comunhão que Ele, manifestamente, não encontrava noutra local em Israel.

Embora fosse verdade que o Salvador tirava força de cima através da íntima comunhão com Deus e com a natureza, necessitava também da amizade humana. Quando isto era negado, não

Lhe causava o fracasso, mas acrescentava um fardo muito difícil que aumentava o risco. Isto é, talvez, melhor ilustrado no Getsêmane do que em qualquer outro local quando pediu aos Seus discípulos para orarem com Ele. De cada vez que Ele regressava para receber a certeza que eles estavam comungando com Ele na Sua agonia, achou-os fechados num torpor.

“O coração humano anseia simpatia no sofrimento. Esse anseio, experimentou-o Cristo até ao mais profundo do Seu ser. Na suprema angústia de Sua alma, foi ter com os discípulos, com o aflito desejo de ouvir algumas palavras reconfortantes daqueles a quem tantas vezes concedera bênçãos e conforto, e escudara na dor e na aflição. Aquele que para eles tivera sempre expressões de simpatia, sofria agora sobre-humana dor, e almejava saber que estavam orando por Ele e por si mesmos. Quão negra se Lhe afigurava a malignidade do pecado! Terrível foi a tentação de deixar que a raça humana sofresse as consequências de sua própria culpa, e ficasse Ele inocente diante de Deus. Se tão somente soubesse que os discípulos compreendiam e avaliavam isso, seria fortalecido.

“Erguendo-Se num doloroso esforço, dirigiu-Se cambaleante ao lugar onde deixara os companheiros. Mas ‘achou-os adormecidos’. Houvesse-os encontrado em oração, e ter-Se-ia sentido aliviado. Estivessem buscando refúgio em Deus, para que as forças satânicas não prevalecessem sobre eles, e Jesus Se teria sentido confortado por sua firme fé.” *Idem*, 660, 661.

Alguém pode admirar-se porque devia Cristo sentir tal necessidade. Esperar-se-ia que Ele recebesse de Seu Pai tudo o que jamais precisasse a este respeito, mas deve ser recordado que Deus representa apenas um lado da vida de Cristo, enquanto os seres criados constituem a outra. Somente quando um maravilhoso pulsar de harmonia bate por todo o universo, pode a satisfação e alegria de Cristo ser completa. É difícil conceber o isolamento e a privação que Ele deve ter suportado enquanto habitou entre os seres dos quais apenas um ou dois participaram alguma coisa do Seu carácter e espírito, mas que inspiração e conforto aqueles poucos que estavam em harmonia com Ele, devem ter sido.

Foi como um ser humano que Cristo suportou a tentação. Portanto, a ilustração que se segue servirá para explicar a necessidade de Cristo.

Podia imaginar-se uma pessoa enviada como missionária para algum lugar longínquo onde os habitantes estão mergulhados e presos na tradição e preconceito numa falsa religião. Ela deixa para trás a comunhão da sua família que ama e os seus discípulos para sofrer o isolamento e privação de uma terra primitiva e hostil. Durante alguns anos trabalha diligentemente, e finalmente tem sucesso conseguindo um converso. O novo crente é transformado pela mensagem até que ele e o missionário partilham uma amizade e esperança comuns.

Que conforto e bênção este converso seria para a pessoa que se encontrava tão longe do lar e dos amigos. De tempos a tempos, seria a sua alegria voltar da sua luta com os incrédulos para repousar e comungar com o seu discípulo. Destes períodos, voltaria revigorada e encorajada para o campo uma vez mais. Obviamente, Satanás, que nunca descansa na sua determinação de embaraçar e destruir a obra de Deus, procuraria eliminar esta fonte de força e conforto matando o crente ou fazendo que ele apostatasse.

Cristo igualmente encontrou no lar em Betânia uma amizade que O refrescava e encorajava. Ali Ele regozijava-Se de ver o verdadeiro fruto dos Seus labores e foi encorajado pela convicção que a Sua obra não seria em vão. Ele ansiava com inexplicável desejo ver os mesmos resultados na vida de todos os homens, mas em vez disso sofreu tortura de espírito quando a maioria, na sua cegueira e lentidão para aprender ou na sua teimosa rejeição da Sua graça e amor, permaneceram onde não podiam entrar em comunhão com Ele. Só aqueles em quem o Seu infinito amor estava sendo reproduzido podia Cristo contar como o verdadeiro fruto do Seu ministério. Quando havia tão poucos que podiam realmente entrar em íntima comunhão com Ele, Cristo sabia que a obra estava a mover-se lentamente e desejava que ela terminasse rapidamente.

Cristo conhecia mais do que esperar compreensão e amizade do incrédulo mundo pagão, mas Ele tinha o direito de olhar para os judeus e seus dirigentes, e, sobretudo, para os Seus discípulos em busca disso. Mas o povo escolhido tinha-se entregue tanto a si mesmo como planejador, que agora nada de comum tinham com o Salvador. Nem os Seus discípulos compreenderam e apreciaram os princípios que Ele tinha vindo estabelecer, mesmo apesar de terem abandonado tudo para O seguirem. Eles pensaram que Ele construiria um reino como o das nações que os cercavam, de modo que começaram a fazer planos para um reino desse tipo, esperando que Ele acrescentasse o Seu poder aos planos deles. Quando Ele não o fez, ficaram desgostosos e procuraram remediar o “problema” exercendo sobre Ele toda a pressão que podiam.

Quão diferente deste era o espírito encontrado no lar em Betânia. Ele nunca deixou esse lar sem ser revigorado, fortalecido, e encorajado. O trio estava a fazer uma contribuição para a causa de Deus que eles apreciavam muito pouco, porque viam Cristo como uma bênção para eles em vez de serem o mesmo para Ele.

Satanás deu conta disto e determinou eliminar este factor que estava operando para sua desvantagem. Tendo falhado em induzir Cristo a trocar as instruções de Deus pelas Suas próprias invenções, Satanás determinou isolá-l’O mantendo tantos quantos ele pudesse em servidão às suas próprias obras, destruindo a fé daqueles que lhe escapavam, e matando os que não se rendessem. Por isso Lázaro e as suas irmãs tornaram-se pessoas marcadas. Eles deviam sofrer, não por causa do pecado existente em si mesmos, mas por causa da sua justiça.

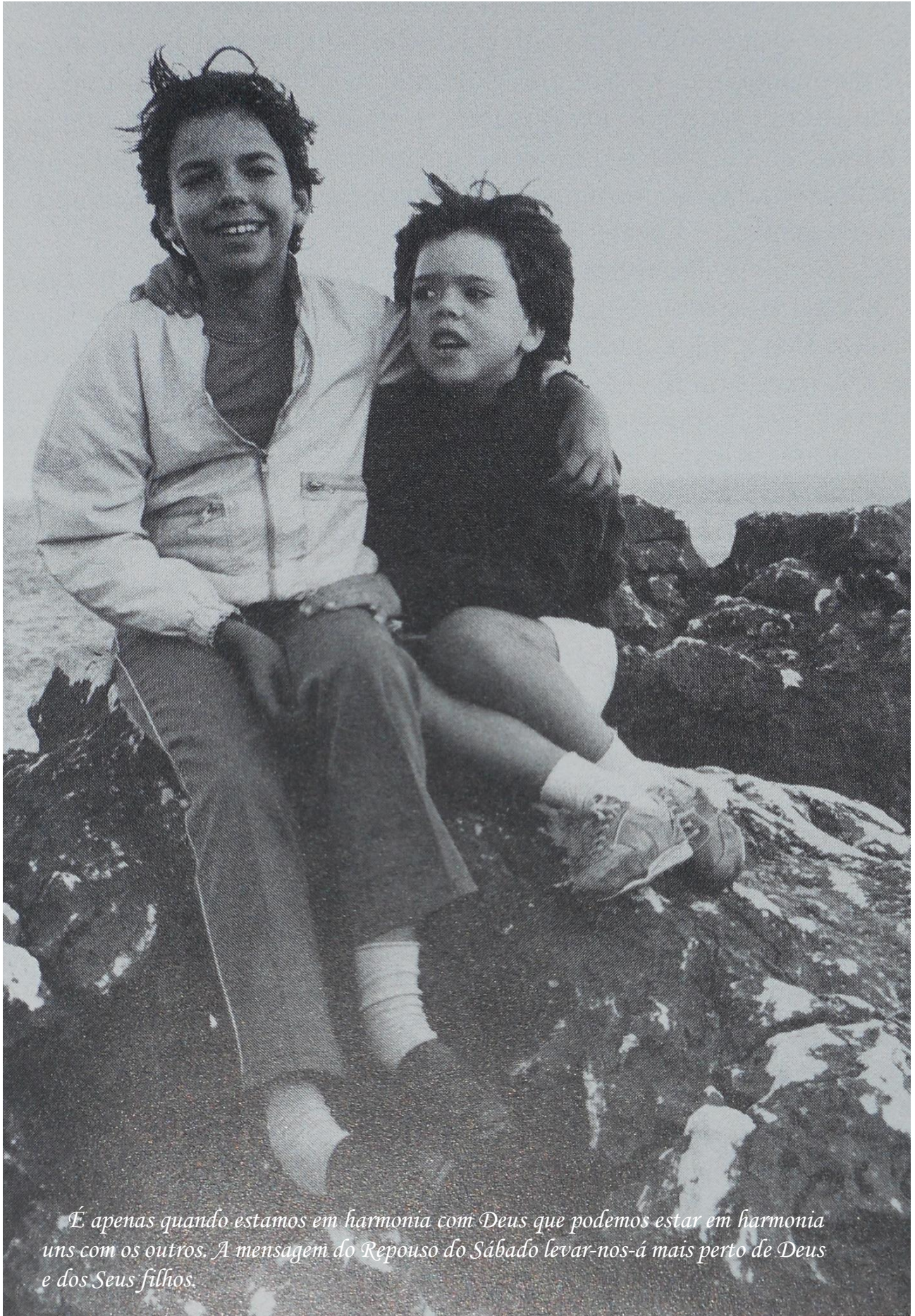
Assim tinha sido com João Baptista. Tal como Lázaro, ele tinha chegado à compreensão da verdadeira natureza da missão de Cristo e isto tinha-o levado a consagrar-se a si mesmo para a vida ou para a morte como melhor servisse a causa que ele tanto amava. Esta manifestação de abnegação era algo que o diabo não podia suportar. Por uma coisa, Satanás sabia que isso encorajava e fortalecia o Salvador, e assim determinou eliminar João. O seu sucesso deu-lhe confiança para crer que ele podia semelhantemente remover Lázaro. Ele nunca sonhou que Cristo pudesse ressuscitá-lo e desse modo desferir um terrível golpe à sua causa.

Por conseguinte, foi Satanás que infligiu sobre Lázaro a doença fatal, e Deus quem permitiu. Deus nunca o planeou, mas sabendo o que estava para vir, fez planos para isso. Sob a direcção pessoal de Deus, Cristo deliberadamente permaneceu afastado do quarto do doente, certificando assim que Lázaro morreria.

Tal como os discípulos, muitas pessoas acharam isto um mistério.

“A misteriosa providência que permite sofrerem os justos perseguição às mãos dos ímpios, tem sido causa de grande perplexidade a muitos que são fracos na fé. Alguns se dispõem mesmo a lançar de si a confiança em Deus, por permitir Ele que os mais vis dos homens prosperem, enquanto os melhores e mais puros são afligidos e atormentados pelo cruel poder daqueles. Como, pergunta-se, pode Aquele que é justo e misericordioso, e que também é de poder infinito, tolerar tal injustiça e opressão? É esta uma questão com que nada temos que ver. Deus deu suficientes evidências de Seu amor, e não devemos duvidar de Sua bondade por não podermos compreender a operação de Sua providência. Disse o Salvador a Seus discípulos, prevendo as dúvidas que lhes oprimiriam a alma nos dias de provação e trevas: ‘Lembra-vos da palavra que vos disse: Não é o servo maior que o seu Senhor. Se a Mim Me perseguiram, também vos perseguirão a vós.’ Jesus sofreu por nós mais do que qualquer de Seus seguidores poderá sofrer pela crueldade de homens ímpios. Os que são chamados a suportar a tortura e o martírio não estão senão seguindo as pegadas do dileto Filho de Deus.” *O Grande Conflito*, 43, 44.

“Durante dois dias, Cristo parecia haver alijado da mente a notícia; pois não falava em Lázaro. Os discípulos lembraram-se de João Baptista, o precursor de Jesus. Haviam-se admirado de que, com o poder de que dispunha para operar milagres maravilhosos, Cristo houvesse permitido que João definhasse no cárcere e morresse de morte violenta. Possuindo tal poder, por que não salvara a vida de João? Essa pergunta fora muitas vezes feita pelos fariseus, que a apresentavam



*É apenas quando estamos em harmonia com Deus que podemos estar em harmonia uns com os outros. A mensagem do Repouso do Sábado levar-nos-á mais perto de Deus e dos Seus filhos.*

como irrefutável argumento contra a afirmação de Cristo, de ser o Filho de Deus. O Salvador advertira os discípulos de provações, perdas e perseguições. Abandoná-los-ia na provação?

“Por dois dias Se demorou no lugar em que Se achava. Essa demora era um *mistério* para os discípulos. Que conforto Sua presença seria para a aflita família! Pensavam. Era bem conhecida dos discípulos Sua grande afeição pela família de Betânia, e surpreenderam-se de que Ele não atendesse à triste mensagem: ‘Eis que está enfermo aquele que Tu amas.’” *O Desejado de Todas as Nações*, 503.

Teria sido muito simples para Cristo ter feito a jornada para Betânia a tempo de salvar Lázaro da morte, e, tal como os discípulos, muitas pessoas pensariam que este era o único caminho a seguir.

O que leva as pessoas a pensar deste modo?

Está fixada na mente humana a ideia que a primeira e única consideração é salvar uma vida humana se isso for de todo possível. De facto, falhar pôr em prática todos o esforço para evitar a morte, é considerado como um acto criminoso sujeito a processo de tribunal e pesadas penalidades.

Os homens, por causa de formarem as suas expectativas sobre o comportamento de Deus à luz do que eles responderiam nas mesmas circunstâncias e exigem que Deus realize das suas libertações da morte e doença a Sua única consideração. Quando Ele, que é o possuidor do grandioso poder, não usa essa assombrosa força da forma como eles pensam que Ele devia, duvidam da justiça do Seu carácter e albergam dúvidas quanto ao Seu amor por eles. Por isso, mesmo os mais devotos seguidores de Cristo se privam a si mesmos do elevado privilégio de serem participantes com Cristo no Seu ministério de sofrimento.

“Deus nunca dirige Seus filhos de maneira diversa daquela por que eles próprios haveriam de preferir ser guiados, se pudessem ver o fim desde o princípio, e perscrutar *a glória do desígnio* que estão realizando como colaboradores Seus.” *Idem*, 206.

Quando todo o drama estava terminado, e Lázaro e suas irmãs viram o que tinha sido realizado pela sua doença, morte, e ressurreição, regozijaram-se por terem tido o privilégio de participar com Cristo na Sua grandiosa obra de libertar a Terra do pecado revelando a perfeição e poder no carácter de amor e justiça de Deus. Eles estavam gratos por terem sido instrumentos através dos quais uma tal significativa e vital vitória foi ganha.

É, evidentemente, lamentável que eles tivessem que esperar até que a questão estivesse finalizada para se regozijarem. A mesma alegria que tiveram pela vista quando Lázaro ressuscitou dos mortos, devia ter sido sua pela fé quando ele estava doente e a morrer. Foi altamente louvável as irmãs não lançarem qualquer censura sobre Cristo ou Seu Pai por não ir para junto do seu amado enfermo tal como pensaram que Ele faria, mas havia ainda um nível mais elevado de fé para elas alcançarem. Essa fé, baseada numa clara compreensão dos princípios que os filhos de Deus são chamados a serem Suas testemunhas na doença ou na saúde, na vida ou na morte, teria trazido alegria aos seus corações mesmo no meio destas provas. Eles ter-se-iam encorajado uns aos outros com o inspirado pensamento que, apesar de Deus não os ter informado do glorioso propósito a ser alcançado através da sua dor e sacrifício, foram instrumentos escolhidos sem os quais o Senhor não podia levar a cabo o avanço da Sua obra. Podiam olhar para o futuro com feliz antecipação para o tempo em que veriam as operações dos propósitos de Deus.

Pode ser seguramente dito, então, que a atitude de uma pessoa durante dias de sofrimento, dano, e perda é uma indicação para si mesma, se é suficientemente sábia para ver isso, do nível de fé que alcançou. Muito poucas pessoas realmente consideram isto, porque na aflição e dificuldade, muitas vezes pensam que Deus está a operar contra elas. De facto, o oposto é a verdade.



“Deus efectua os Seus planos, embora aos olhos humanos estejam velados em mistério. Os homens não podem compreender os caminhos de Deus; e, olhando às aparências, interpretam os transe, provações e experiências que Deus permite que venham sobre eles, como coisas que contra eles são, e que apenas farão a sua ruína.” *Patriarcas e Profetas*, 720.

Aqueles que tomam esta atitude estão no mais baixo nível da fé. Para eles, as provações e fardos da vida são um mistério, trazendo-lhes perplexidade, confusão e dúvida acerca do carácter e métodos de Deus. Por não poderem ver Deus operando para sua bênção e salvação, voltam-se para os seus próprios planos, esperando que Deus acrescente o Seu grande poder aos seus esquemas. Esta classe de pessoas não conhece o repouso do sábado, nem são instrumentos através dos quais Deus pode operar. Gastam as suas vidas fazendo uma obra para Ele apontada por si mesmas, em vez de Deus fazer a Sua obra através delas. Pessoas que honestamente se encontrem nesta categoria, devem reconhecer a necessidade de se elevarem a mais altos níveis de compreensão e fé. Precisam de “... *Procurar* pois entrar naquele repouso...” *Hebreus* 4:11. Não deviam permitir a si próprias descanso até alcançarem os caminhos de Deus e a confiança nas Suas obras possibilitando-lhes repousar durante os severos testes e perplexidades.

Enquanto a família de Betânia tinha caminhado uma longa distância nesta direcção, os discípulos tinham ainda muito que aprender, sendo o maior obstáculo à sua aquisição desta experiência o seu contínuo conceito errado acerca da natureza da missão de Cristo.

Ao contrário dos Seus discípulos, o Salvador operava nos mais elevados níveis de fé e submissão aos planos divinos. Quando a mensagem chegou até Ele que Lázaro estava doente, reconheceu imediatamente que o Seu Pai tinha estabelecido um plano de grande importância, de modo que o acontecimento não era um mistério para Ele, nem foi qualquer causa de tristeza e treva. Consequentemente, Ele não demonstrou preocupação nem tristeza quando o mensageiro de Betânia chegou.

Quando Lázaro morreu, Cristo foi tão longe ao ponto de dizer que estava contente por não ter estado no quarto do doente.

“Então Jesus disse-lhes claramente: Lázaro está morto;

“E folgo por amor de vós, de que Eu não estivesse, para que acrediteis; mas vamos ter com ele.” *João* 11:14, 15.

Estava para além da compreensão dos discípulos entender como podia Cristo dizer que estava contente por estar ausente durante o tempo em que podia ter restituído a saúde a Lázaro outra vez. Eles esperaram que Ele reagisse numa normal forma humana com uma exibição de tristeza e inquietação, e deixasse todas as outras obrigações para apressar a ida para Betânia. Quando não viram isto, interpretaram o Seu espírito de repouso em Deus como sendo de fria indiferença, e começaram a imaginar se o Seu amor pela família, agora que os seus membros estavam em dificuldade, era verdadeiramente real.

“Quando Cristo ouviu a notícia, os discípulos julgaram que a recebera friamente. Não manifestou o pesar que esperavam. Olhando para eles disse: ‘Esta enfermidade não é para morte, mas para a glória de Deus; para que o Filho de Deus seja glorificado por ela.’” *O Desejado de Todas as Nações*, 503.

Cristo compreendeu os seus pensamentos e deu uma explicação para o Seu comportamento que, se pudessem ter compreendido e aceite, era mais do que satisfatório. Apesar de não lhes dar a conhecer os planos fê-los saber que toda a questão estava nas perfeitamente capazes mãos de Deus. Portanto, eles nada tinham que lamentar ou estar inquietos, mais do que Ele. A Sua atitude, não a deles, era a correcta, e é um exemplo para todos.

Mas os discípulos ignoravam o princípio que os filhos de Deus são chamados a ser Suas testemunhas sob uma larga variedade de circunstâncias. Portanto, não havia lugar no seu pensamento para o facto que Lázaro estava servindo a Deus na doença e na morte. Eles não podiam ver bom propósito a ser alcançado, de modo que inevitavelmente começaram a formar

planos para Cristo, em vez de repousarem em perfeita fé na sabedoria de Deus. Decidida e unanimemente sentiram que Cristo devia ir de imediato para Betânia para levantar Lázaro do seu leito de doença.

Se os discípulos pudessem fazer impor as suas vontades como planeadores, como estavam com certeza dispostos a fazer, Cristo tinha sido imediatamente enviando para restaurar Lázaro. Incapazes de influenciar Cristo, que, na aparentemente alegre indiferença, não fez movimentos para fazer o que eles planeavam para Ele, ficaram perplexos, confusos, e cheios de dúvidas. Eles certamente não gozavam doce e repousante paz, nem estavam a olhar para o futuro com feliz antecipação da vitória a ser ganha, mesmo apesar do Salvador lhes assegurar que um importante propósito estava para ser atingido.

“Durante os dois dias, Cristo parecia haver alijado da mente a notícia; pois não falava em Lázaro. Os discípulos lembraram-se de João Baptista, o precursor de Jesus. Haviam-se admirado de que, com o poder de que dispunha para operar milagres maravilhosos, Cristo houvesse permitido que João definhasse no cárcere e morresse de morte violenta. Possuindo tal poder, por que não salvara a vida de João? Essa pergunta fora muitas vezes feita pelos fariseus, que a apresentavam como irrefutável argumento contra a afirmação de Cristo, de ser o Filho de Deus. O Salvador advertira os discípulos de provações, perdas e perseguições. Abandoná-los-ia na provação? Alguns cogitaram se se haviam enganado a respeito de Sua missão. Todos ficaram profundamente perturbados.” *O Desejado de Todas as Nações*, 503.

Por conseguinte, se o pensamento *deles* tivesse sido seguido, Cristo teria ido para Betânia quando era importante para o cumprimento dos propósitos de Deus que Ele ficasse afastado. No tempo oportuno, era igualmente essencial que Ele fosse para Betânia, mas quando este tempo chegou, os discípulos insistiram que Ele não devia ir.

“Depois de esperar dois dias, disse Jesus aos discípulos: ‘Vamos outra vez para a Judeia.’ Os discípulos reflexionavam por que, se Jesus ia para a Judeia, esperara dois dias? Mas a ansiedade por Cristo e por eles próprios tomou então o primeiro plano no espírito deles. Não podiam ver senão perigos no passo que Ele ia dar. ‘Rabi’, disseram, ‘ainda agora os judeus procuravam apedrejar-Te, e tornas para lá? Jesus respondeu: Não há doze horas no dia?’ Acho-Me sob a direcção de Meu Pai; enquanto fizer Sua vontade, Minha vida está segura. As doze horas do Meu dia ainda não findaram. Entrei em suas últimas horas; mas enquanto restar algumas delas, acho-Me a salvo.” *Idem*, 503, 504.

Que felicidade não ter sido introduzido qualquer traço de invenção humana nos movimentos de Cristo durante estes dias cruciais. Ele apenas tinha ouvidos para as instruções de Seu Pai que seguiu com firme fidelidade. Tudo o que era necessário para o bem sucedido avanço do reino foi assim alcançado.

Se o plano formado e avançado pelos discípulos tivesse sido a ordem do dia, a obra de Deus teria sido completamente frustrada, porque eles decidiram caminhos que eram exactamente contrários à vontade de Deus. Quando Cristo tinha que permanecer afastado de Betânia, eles exigiam-Lhe que fosse. Quando Ele tinha que ir, disseram-Lhe para ficar afastado. Se estivessem dedicados a derrotar a missão de Cristo, não podiam ter feito escolhas mais eficazes. O facto real era, evidentemente, que amavam a causa de Deus e estavam dedicados a fazer tudo o que podiam para o seu avanço, mas não tinham aprendido que só Deus é o Planeador e Solucionador de problemas, e que não era a tarefa deles determinar como a Sua obra devia ser conduzida.

Eles não tinham desculpa para não saberem estas coisas, porque tinham a história do passado para os guiar. Cuidadoso estudo acompanhado de oração, ter-lhes-ia mostrado que sempre que o povo de Deus, no seu profundo desejo de ver a obra avançar, tinha deixado a execução dos planos para Deus, nada podia correr mal, ao passo que, tão cedo quanto começaram a usurpar este papel, o sucesso rapidamente mudou para fracasso.

O seu amor e zelo pela causa de Deus não compensaram o caminho errado tomado. Boas intenções e sinceridade de propósitos não transformam os procedimentos errados em bem sucedidos. Esta lição tem que ser aprendida profundamente por todos os que são membros do corpo de Cristo.

A incapacidade dos discípulos para compreender o que Cristo estava fazendo, não justifica as suas dúvidas, suas acusações contra Ele, e a conseqüente inquietação. Nem ela foi razão para formar planos alternativos e exercer pressão sobre Ele para os aceitar. Era-lhes requerido que confiassem em Deus na ignorância por causa daquilo que tinham aprendido d'Ele no conhecimento, e deixar a obra do planeamento e resolução dos problemas para Ele somente, não importa quão caótica a situação pudesse parecer. Tivessem eles feito isto, teriam repousado na perfeita confiança que o Mestre Arquitecto sabia exactamente o que estava a fazer, que tudo estava sob a Sua atenção e cuidado, e que Cristo estava operando em perfeita harmonia com o Seu Pai. Sob estas condições, nada podia correr mal. Tudo o que os discípulos tinham a fazer era seguir as instruções enquanto esperavam em alegre antecipação, os maravilhosos resultados dos planos de Deus.

Mas eles não tinham obviamente aprendido a caminhar e trabalhar em harmonia com estes princípios. Isto foi revelado pela sua atitude em relação a Cristo quando, ao contrário das suas convicções, Ele não foi para Betânia a fim de curar Lázaro, e pelo fracasso em chegar a acordo com a acção de Cristo em aparentemente abandonar João Baptista a uma aparentemente desnecessária execução. Cristo tinha sábia, terna, e diligentemente trabalhado para reeducar as suas mentes em harmonia com a Sua, mas eles não tinham aprendido as lições. Satanás estava preparado para tirar o maior proveito e usou os fariseus e saduceus para incutir nos discípulos as mesmas dúvidas que eles já estavam nutrindo, de modo que não admira que eles não pudessem responder aos seus inimigos e defender a acção que Cristo estava seguindo!

Os apóstolos podiam facilmente ter respondido às acusações lançadas contra Cristo pelos judeus acerca da morte de João Baptista. Precisavam apenas declarar que o reino de Deus é construído sobre princípios muito diferentes daqueles que constroem os do mundo, porque o governo de Deus é fundado em princípios de total altruísmo, ao passo que os impérios mundanos são estabelecidos através da aplicação de total egoísmo. No sistema de Deus, o Rei nada requer de Seu povo que Ele mesmo não esteja preparado para dar. Em Cristo, Deus provou isto fazendo o maior sacrifício pessoal de todos. João Baptista havia compreendido e vivido estes princípios entregando-se a si mesmo para a vida e para a morte como melhor servisse a causa que ele tanto amava. Quando morreu, estava exemplificando estes ideais, participando dos sofrimentos de Cristo, e seria assim seguramente participante com Ele na Sua glória. João demonstrou que não estava preocupado com este transitório reino terrestre, mas com aquela gloriosa terra onde não há morte, sofrimento e decadência. Tivessem os discípulos corajosamente respondido aos judeus com estes argumentos, teriam fortalecido a sua própria fé e silenciado os seus opositores.

Mas os discípulos estavam numa situação peculiar. Se bem que tivessem sacrificado tudo pelo Mestre e abertamente se identificassem com Ele, permaneciam em grande parte em simpatia com os fariseus no que diz respeito às suas ideias acerca da edificação do reino. Não podiam encontrar amizade com os judeus que nada tinham a ver com eles em virtude da sua relação com Cristo, e não podiam entrar em íntima comunhão com o Salvador porque não compreendiam os procedimentos de Deus. Por isso, demasiadas vezes não operaram em coordenação com Ele, mas com objectivos contrários a Ele.

Isto é ainda um problema com muitas pessoas hoje. Na palavra de Deus, lêem acerca da íntima, doce ligação a ser experimentada na vida cristã e diligentemente procuram entrar nesta alegria, mas apesar das sinceras orações, o resultado desejado não é alcançado. Isto é uma prova para a sua fé, porque elas não podem ver razão para que as promessas falhem, e, tal como os discípulos, começam a murmurar contra Deus nos seus corações, enquanto têm a tendência para confiar

cada vez mais nas suas obras. Isto leva a uma maior separação de Cristo com menor possibilidade de verdadeira associação. Elas não vêm que apenas quando compreendem e praticam estes princípios do repouso do sábado, podem entrar em doce comunhão com Cristo.

As pessoas que realmente compreendem e praticam os princípios do repouso do sábado verificarão que isto efectivamente as une com os crentes que têm a mesma fé, enquanto as divide daquelas que não o têm. Esta divisão é inevitável, porque os dois grupos se situam nos lados opostos da grande controvérsia, e nunca podem reconciliar-se um com o outro. O lugar da pessoa nessa luta titânica é determinado pelos procedimentos que ela segue ao procurar construir o reino de Deus ou o seu.

Por causa dos discípulos terem falhado em aprender aqueles princípios, Cristo caminhou muito sozinho. Ele não podia encontrar verdadeira comunhão com nenhum dos que trabalhavam directamente com Ele. Que perda foi esta para os discípulos e que tragédia para a causa de Deus. Quando eles podiam ter gozado rica e inteligente comunhão com Ele, estavam às apalpadelas na miserável treva da dúvida e inquietação. O desenvolvimento do seu carácter, o treino para a sua obra futura, e a preparação para um eventual lugar no reino de Deus, foram seriamente retardados.

Tal como fazem muitas pessoas, os discípulos, não tendo saído completamente de Babilónia, continuavam à espera que a obra de Cristo fosse organizada de forma mundana, que é a forma geralmente aceite de organizar uma igreja. Se isso fosse assim, os discípulos teriam sido os membros da comissão executiva — a administração, corpo central de decisão para guiar o movimento. Dum ponto de vista mundano, os discípulos reivindicavam uma elegibilidade para esta função acima de qualquer outro por causa da sua dedicação à causa de Cristo ser tal que deixaram todos os interesses pessoais e laços familiares para devotar todo o seu tempo à Sua causa. Não se mantiveram firmes do lado d'Ele quando todos os outros O abandonaram? Não suportaram eles por Sua causa, oposição, ridículo, dissensão e perseguição? Não eram eles os mais próximos d'Ele e não estavam os seus interesses ligados aos Seus de modo que podiam tomar decisões importantes?

Para os discípulos estas eram elevadas pretensões, mas Deus não os via na mesma luz, porque Ele não aceitaria estas ou outras capacidades que os homens pudessem ter como qualificações para administrar a Sua obra. Operar através de comissões humanas não foi o Seu método de governação quando libertou Israel do Egipto, os levou através do deserto, e os trouxe a Cades-Barneia. Não foi o Seu caminho em Jericó, Ai, na edificação do santuário, ou na organização da Igreja Apostólica, nem foi o Seu sistema durante o ministério de Cristo na Terra.

Tivesse sido esse o caminho durante a doença e morte de Lázaro, que desastre teria sido para obra de Deus. Os discípulos eram unânimes na sua decisão que Cristo devia ir quando Ele tinha que ficar, e que devia ficar quando tinha que ir. Os seus juízos eram exactamente opostos àqueles que eram requeridos pela obra num tempo em que decisões correctas eram vitais. Eles não podiam ver para além da imediata necessidade de pôr Lázaro de pé, sendo incapazes de perceber que “Houvesse-o Ele [Cristo] restabelecido à saúde, e não se teria realizado o milagre que é a mais positiva prova de Seu carácter divino”. *O Desejado de Todas as Nações*, 505.

À luz desta história, que acrescenta o seu poderoso testemunho a outras evidências Escriturísticas, como podia alguma vez ser colocada de novo confiança nos planos humanos? Somente a Jesus Cristo entrega Deus realmente a orientação da Sua obra, porque o Pai “... sujeitou todas as coisas a Seus pés, e colocou-o como Cabeça sobre todas as coisas na igreja.

“Que é o Seu corpo, a plenitude d'Aquele que cumpre tudo em todos.” *Efésios* 1:22, 23.

Não pode haver outro caminho na igreja de Deus. Quando Deus, através de Cristo, é o Planeador, *nada pode correr mal*. Mas quando os homens tomam este papel, então, não importa quão profunda seja a sua experiência espiritual, quão sincero o seu propósito, quão altruístas os seus objectivos, quão longo e amplo o seu treino administrativo, ou quão dedicados estejam ao

avanço da causa de Deus, *nada pode correr bem*. Eles continuamente tomam decisões que consideram obras-primas da sabedoria, mas que são exactamente o contrário para o propósito divino.

Alguns podem apontar os maravilhosos “sucessos” resultantes do planeamento humano como prova que é uma afirmação demasiado forte dizer que quando homens *consagrados* são os que tomam as decisões, *nada* pode ir certo. Enquanto admitem que os homens cometem terríveis enganos, reivindicarão que houve ocasiões em que os homens tomaram boas decisões que avançaram notavelmente a obra.

Mas não vos deixeis enganar, porque as aparências podem ser muito enganadoras. Invariavelmente, aquilo que para o julgamento humano é o melhor para a causa, é o pior na avaliação de Deus, enquanto que aquilo que os homens olham como desastre, pode ser a vereda da vitória.

Por exemplo, se tivessem sido os apóstolos a tomar as decisões, Cristo teria ido para Betânia e libertado Lázaro da enfermidade e morte. Os discípulos teriam olhado para este resultado não só com grande satisfação, mas como confirmação que tinham escolhido um caminho que verdadeiramente avançaria a causa de Deus. Isto é como lhes *pareceria*, quando, de facto, teria sido o curso mais desastroso possível. Por outro lado, o procedimento adoptado por Cristo pareceu-lhes o pior que podia acontecer à jovem igreja.

O facto é que o homem é incapaz de planear a obra de Deus, ou de acuradamente avaliar qual é o resultado para o seu melhor. Somente o Senhor é capaz de determinar essas questões. Portanto, ninguém precisa raciocinar que por causa dos resultados serem considerados pela mente humana como certos, isto prove que os homens possam por vezes fazer planos sábios para a obra de Deus.

O único caminho seguro para avaliar os desenvolvimentos, é perguntar como é que eles apareceram. Se resultaram de planos humanos, então não importa quão desejáveis e maravilhosos possam parecer, tudo está errado. Por outro lado, se a resolução dos problemas é deixada inteiramente para Deus, e as Suas perfeitas directivas são seguidas implicitamente, então tudo tem corrido certo. É difícil para o povo de Deus aceitar isto, porque no homem há uma disposição natural para ser a força que decide tanto nos seus assuntos como nos assuntos de Deus. Além disso, quando ele alcança um resultado que, na *sua própria avaliação*, é vantajoso para a causa, é encorajado a repetir o erro. Infelizmente, quando isto é feito, ele nunca sabe o que teria acontecido se Deus tivesse tido a permissão de ocupar o Seu lugar legítimo como Planeador. Nem os discípulos nem nós mesmos, por exemplo, teríamos visto o real cumprimento dos propósitos de Deus se Cristo, em resposta às insistências dos companheiros, tivesse descido a Betânia e curado Lázaro antes de morrer. Voltando-se para a sua própria resolução do problema, os homens privam-se a si mesmos das maravilhas de Deus. A sua satisfação própria acerca deste bom trabalho que *pensaram* ter feito para Deus, transformar-se-ia em desânimo e remorso se pelo menos pudessem ver o que têm realmente feito na frustração e atraso na obra de Deus.

Satanás fica contente quando os homens determinam qual a acção a ser seguida e então, sob todas as aparências, obtêm um resultado excelente. Ele fica ainda mais contente quando os membros da igreja apontam estas realizações como justificação para o procedimento que adoptaram. Ele observa com satisfação a tendência da mente humana para avaliar um acontecimento sem a devida referência ao contexto em que ele aconteceu. Por exemplo, visto isoladamente, o propósito de libertar Lázaro da enfermidade seria uma coisa “boa”, mas no contexto do propósito de Deus, era positivamente mau.

Nunca houve um tempo mais apropriado para Cristo transmitir esta verdade aos Seus discípulos do que depois do triste fracasso deles no assunto de Lázaro. Quando eles insistiam que era desnecessário Ele expor-Se a Si mesmo e a eles ao perigo de voltar à Judeia uma vez que

Lázaro tinha morrido, “Jesus respondeu: Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo;

“Mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.” *João 11:9, 10.*

As fórmulas para garantir o sucesso e o fracasso certo são dadas nesta instrução. Aqueles que sinceramente desejam o primeiro e querem escapar ao último, deviam prestar muita atenção a estes ensinamentos d’Aquele que, juntamente com Seu Pai, é a mais elevada autoridade no universo.

“‘Se alguém andar de dia,’ continuou, ‘não tropeça, porque vê a luz deste mundo’. Aquele que faz a vontade de Deus, que anda na vereda por Ele indicada, não pode tropeçar nem cair. A luz do Espírito de Deus, a guiá-lo, dá-lhe clara percepção de seu dever, conduzindo-o direito até ao fim de sua obra. ‘Mas se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.’ Aquele que anda em caminho de sua própria escolha, ao qual Deus não o chamou, tropeçará. Para esse o dia se torna em noite, e onde quer que esteja, não se acha seguro.” *O Desejado de Todas as Nações*, 504.

Aqui está uma poderosa certeza que aquele que faz a vontade de Deus, não pode tropeçar e cair. Muitos possuem um louvável desejo de fazer a vontade de Deus mas muito poucos compreendem como. O procedimento comum é uma pessoa apontar para si mesma uma obra de Deus então crê que, por causa de estar a fazer as “boas” obras que Deus pede, está a executar a vontade de Deus. Este testemunho define qual é essa vontade acrescentando as palavras, “... Aquele que anda na vereda por Ele indicada”, como distinta de caminhar “... num caminho da sua própria escolha”. Por outras palavras, tendo aceite as ordens gerais de Deus, espera pacientemente para receber as Suas ordens específicas.

“Os obreiros de Cristo devem obedecer-Lhe implicitamente às instruções. A obra é de Deus e, se queremos beneficiar a outros, é mister seguir-Lhe os planos. O próprio eu não se pode tornar um centro; o eu não pode receber honra. Se planejarmos segundo nossas próprias ideias, o Senhor nos abandonará a nossos erros. Quando, porém, havendo seguido Sua guia, somos colocados em situação difícil, Ele nos livrará.” *Idem*, 352, 353.

Estes maravilhosos princípios de operação não podem ser mais claramente declarados do que estão aqui. Devemos obedecer implicitamente às instruções de *Cristo*. Se queremos beneficiar outros, *os Seus planos* têm que ser seguidos. Tal como ali não há lugar para o eu, não há lugar para os planos humanos na obra de Deus. No coração, ninguém deseja ser contado entre aqueles que passarão toda a vida fazendo aquilo que pensam ser a vontade de Deus, para no fim apenas lhes ser dito que o Senhor nunca os conheceu, que as suas obras nunca serão aceites, e que não lhes foi dado um lugar no reino.

“Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos Céus.

“Muitos Me dirão naquele dia; Senhor, Senhor, não profetizámos nós em Teu nome? Em Teu nome não expulsámos demónios? E em Teu nome não fizemos muitas maravilhas?

“E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade.” *Mateus 9:21-23.*

Que triste sorte será esta para as multidões de diligentes obreiros de igrejas que sacrificaram todas as suas vidas fazendo aquilo que acreditavam ser a vontade de Deus para eles, quando em todo esse tempo a obra era realmente de sua própria escolha. Que terrível choque os espera quando descobrirem que Deus apenas pode classificá-los como obreiros da iniquidade. Quão cuidadoso cada um deve ser hoje para assegurar que os princípios correctos estão a operar nas suas vidas de modo que o caminho de Deus é o único conhecido e praticado. Deus tem dado ampla advertência deste perigo, portanto, não há desculpa para ser enganado e perdido.

Valiosas são na verdade as lições ensinadas na história de Lázaro de Betânia. Os procedimentos seguidos por Cristo, Lázaro e suas irmãs, e os discípulos revelam a segura verdade que “... não é do homem o seu caminho, nem do homem que caminha dirigir os seus

passos". *Jeremias* 10:23. "Não temos sabedoria suficiente para planejar nossa vida. Não nos compete determinar o futuro." *A Ciência do Bom Viver*, 478.

Cristo demonstrou esta verdade quando recusou confiar na Sua própria sabedoria, dependendo em vez disso dos conselhos do Altíssimo. Lázaro e suas irmãs foram recompensados com significativos papéis que envolveram o fantástico milagre duma ressurreição e da absoluta confirmação que Cristo era na verdade o Filho do Deus vivo.

Os discípulos deram testemunho do lado oposto da questão. Como não tinham ainda aprendido as lições exemplificadas por Cristo e pela família de Betânia, planejaram enviar Cristo a Betânia quando era imperativo que Ele não fosse, e planejaram que Ele devia ficar afastado quando era vital que Ele fosse.

Pensavam que a sua dedicação à construção do reino do Messias e os grandes sacrifícios que tinham feito, os qualificava para serem juízes no movimento, e este é o erro cometido pelos dirigentes e membros da igreja desde o início do grande conflito. Mas quando alguém considera as desastrosas consequências que resultaria se qualquer concessão tivesse sido feita aos planos deles, e quando uma pessoa vê que a missão de Cristo teria falhado e tudo estaria perdido, perderá a fé nos planejadores humanos e repousará em Jeová. Quando essas lições forem aprendidas, a obra pode rapidamente ser trazida ao seu final.

-

## Libertação Imerecida

“**É** ardil especial de Satanás levar o homem ao pecado, e, então, deixá-lo desamparado e trememente, receando suplicar perdão.” *Parábolas de Jesus*, 156.

Satanás é um hábil mestre. Ele sabe como seduzir os homens para planearem a obra de Deus e as suas próprias vidas, e depois, quando resultam problemas sérios opera para os convencer que não podem esperar que Deus dê solução à dificuldade que eles arranjaram. Primeiramente, argumenta ele, os homens devem resolver os problemas que criaram, e depois virem a Deus com uma lista limpa.

Este conselho apela à humanidade. A pessoa em erro sente a separação que o seu pecado fez entre ela e Deus e é assim levada a crer que não há esperança de regressar ao favor divino a menos que resolva os problemas que criou.

Satanás faz parecer que há apoio escriturístico para este conflito. É verdade que o pecador deve fazer algumas coisas como condição para receber o perdão, mas estender isto até ao ponto em que ele deve desfazer o mal que o enredou, é requerer mais dele do que aquilo que Deus espera, porque isso está para além da capacidade humana.

Estas mentiras enganadoras de Satanás, se bem que pronta e amplamente aceites, destinam-se a manter a alma afastada de Deus. Elas apenas complicam um problema existente. Como foram os planos humanos que primeiramente causaram a dificuldade, então mais dos planos humanos para remover o problema apenas tornará a situação pior. Por isso a única solução é deixar completamente os procedimentos que causaram a dificuldade à partida e confiar somente em Deus como Solucionador do problema.

Contudo, quando uma pessoa está em séria dificuldade e sabe claramente que foi a causadora devido à sua imprudente forma de agir, não é fácil vir perante Deus e entregar-Lhe a solução do enredamento. Tal como o fariseu na parábola, os homens preferem apresentar-se perante o Altíssimo com recomendável justiça em vez de aparecerem na vergonha da sua iniquidade, como fez o pobre publicano. Mas devemos lembrar-nos sempre que foi o publicano — não o fariseu — quem voltou para casa liberto dos seus fardos.

Não só está o homem relutante em aparecer perante Deus tal como é; como está também receoso de se aproximar. Por causa da incorrecta ideia do carácter de Deus que Satanás tem promovido desde que se rebelou no Céu, os homens têm a tendência para ver Deus como sendo de magnificente justiça e estrita rectidão que executará punições por cada erro cometido. Os



homens são assim levados a crer que Deus não os livrará dos seus problemas até terem sofrido o que merecem. Naturalmente, aqueles que são enganados por estes sofismas não terão fé nem coragem para lançar os seus fardos sobre o Portador de fardos.

Se Deus fosse o Solucionador de problemas apenas para aqueles que merecem este serviço, então os homens raramente, se alguma vez, receberiam esta bênção. Contudo, as misericórdias de Deus não são concedidas ao povo por causa do seu merecimento, mas por causa do Seu grande amor. Desde que os homens cumpram as simples condições, nada pode evitar o derramamento da graça divina sobre o necessitado. Deus anseia que toda a alma entre no Seu repouso de sábado, mas Ele sabe que eles nunca entrarão a menos que aprendam a afastar os argumentos de Satanás e venham a Ele tal como são, com todos os seus problemas.

É na Sua poderosa e eficaz capacidade e disposição para socorrer as vítimas de Satanás, que Deus é repetidamente revelado nas Escrituras. Nenhuma história ilustra isto melhor do que a história de Davi. Vez após vez, Davi recorreu às suas próprias invenções até um complexo, ameaçador, e aparentemente insolúvel problema se acumular. O que estava prestes a vir sobre ele justificava absolutamente deixá-lo simplesmente sofrer as consequências. Mas quando Davi finalmente entregou o desesperado impasse a Deus, Ele resolveu-o por ele com a suavidade, simplicidade, e perfeição que ninguém esperaria para uma pessoa culpada. A libertação de Davi do perigo e recriminação foi tão total como imerecida.

O que Jeová fez por Davi, fará por todos os Seus filhos se eles apenas lançarem os seus problemas sobre Ele e os deixarem ali. Vale a pena o tempo e o estudo para nos familiarizarmos com as respostas do Altíssimo ao indigno Davi, a fim de desenvolver a fé e coragem para nos chegarmos a Ele quando mais d'Ele necessitarmos. Houve uma ocasião em que eu realmente necessitei conhecer o que Deus tinha feito por Davi. Como o errante rei eleito, eu tinha criado para mim uma terrível teia para a qual parecia não haver solução. Eu sabia que merecia tudo o que estava para cair sobre mim, mas também sabia pela experiência de Davi como abordar Deus numa altura dessas e o que esperar d'Ele. Foi com calma certeza em vez de perturbada incerteza, que apresentei as minhas dificuldades ao Altíssimo, e eu não fui desapontado. À luz dessa experiência faço a mais forte recomendação que todo o crente se familiarize profundamente com a forma como o Senhor libertou o Seu povo no passado, e assegurar-se que aquilo que Ele fez por eles, espera fazer por nós se apenas Lhe dermos oportunidade!

Como um jovem nos montes de Belém, Davi desenvolveu uma experiência espiritual muito rica. Não só estudou na Palavra escrita; também viu a perfeição do poder e amor de Deus no maravilhoso livro da natureza. Tão forte a sua fé se tornou que, na ocasião em que um leão e um urso ameaçaram o seu rebanho, ele foi capaz de enfrentá-los sob a direcção pessoal de Deus, e destruir estes poderosos animais ferozes.

Mais tarde foi enviado pelo seu pai à frente de batalha onde tomou conhecimento do problema imposto pelas ameaças de Golias. Saul, para sua consternação e embaraço, não podia encontrar solução para a situação, mas quando Davi descobriu a jactante e desafiadora presença do inimigo, ofereceu-se para descer e lutar com o gigante.

“E Davi disse a Saul: Não desfaleça o coração de ninguém por causa dele: teu servo irá, e pelejará contra este filisteu.

“Porém Saul disse a Davi: Contra este filisteu não poderás ir para pelejar com ele: pois tu ainda és moço e ele homem de guerra desde a sua mocidade.

“Então disse Davi a Saul: Teu servo apascentava as ovelhas de seu pai; e vinha um leão e um urso, e tomava uma ovelha do rebanho;

“E eu saí após ele, e o feri, e librei-a da sua boca: e, levantando-se ele contra mim, lancei-lhe mão da barba, e o feri, e o matei.

“Assim feriu o teu servo o leão como o urso; assim será este incircunciso filisteu como um deles; porquanto afrontou os exércitos do Deus vivo.

“Disse mais Davi: O Senhor me livrou da mão do leão, e da do urso: ele me livrará da mão deste filisteu. Então disse Saul a Davi: Vai-te embora, e o Senhor seja contigo.” *1 Samuel 17:32-37*.

Aparentemente, havia muito pouco que indicasse que Davi entregou o problema a Deus. Muitos têm concluído que Davi compreendeu o problema, mas organizou um plano baseado numa fé suficientemente poderosa para esperar que Deus fizesse a solução resultar, e então avançou para a executar.

Porém, sabemos daquilo que agora tem sido aprendido a respeito dos procedimentos divinos que se Davi tivesse adpotado este curso, nunca teria atacado *com sucesso* o herói filisteu. Ele muito semelhantemente teria perdido a sua vida no encontro ou sido terrivelmente ferido e forçado a fugir. Por isso destas evidências somente, é certo que Davi não elaborou as suas próprias ordens específicas para a batalha, mas recebeu e executou um plano formado no Céu para ele.

Tendo chegado a esta conclusão, um pouco de investigação em breve revela expressões feitas por Davi que confirmam que ele não formou a solução por si mesmo, mas olhou para Deus e recebeu a resposta d’Ele. Quando o gigante desdenhosamente notou a aproximação de Davi, o filho de Jessé testemunhou a forma pela qual ele tinha sido comissionado para lutar com o jactancioso inimigo de Israel.

“Davi porém disse ao filisteu: Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu venho a ti em nome do Senhor dos exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado.

“Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão, e ferir-te-ei, e te tirarei a cabeça e os corpos do arraial dos filisteus darei hoje mesmo às aves do céu e às bestas da terra: e toda a Terra saberá que há Deus em Israel:

“E saberá toda esta congregação que o Senhor salva, não com espada, nem com lança; porque do Senhor é a guerra, e Ele vos entregará na nossa mão.” *1 Samuel 17:45-47*.

Davi não estava a declarar que a batalha era sua e que ele ganhá-la-ia com a ajuda de Deus. Claramente declarou que a batalha, era do Senhor e que *Ele lhe daria* a vitória. As armas são instrumentos usados pelos planeadores humanos e são simbólicos dos seus procedimentos. Quando Davi afirmou que o Senhor “salva não com espada, nem com lança”, declarou a sua convicção que o Senhor não operava através de planos humanos, mas através dos Seus próprios planos. Davi reconheceu que era servo de Deus, e que a vitória podia ser ganha apenas se o Altíssimo fosse o Guia e o Planeador. Ele estava a viver segundo os princípios do repouso do sábado, que explica porque um tal maravilhoso resultado lhe foi concedido.

Apesar dos pormenores não estarem relatados para nossa orientação, a evidência mostra que quando Davi tomou conhecimento do problema que o seu povo enfrentava, deve ter dito imediatamente a Deus a dificuldade e pediu-Lhe ordens específicas. Estas foram-lhe dadas e desde essa altura caminhou em estrita obediência a elas. Como Deus não pode fazer um plano que falhe quando levado a cabo, o assunto terminou vitoriosamente com a exaltação de Deus como Planeador e Solucionador de problemas.

Nos seus primeiros dias, Davi demonstrou assim um profundo e prático conhecimento dos caminhos de Deus o que significa que enquanto ele os seguisse, não podia falhar. Tal como o urso e o leão, o gigante caiu à sua frente. Até onde a vulgar expectativa humana chega, estas são vitórias incríveis para um jovem da sua idade e experiência, mas para Deus, isto é muito normal. Este é o tipo de resultado que Deus pretende que os Seus filhos experimentem continuamente.

Esperar-se-ia que Davi tendo aprendido a fórmula para o seguro sucesso, seria extremamente cuidadoso em nunca se desviar dela, mas, infeliz e inexplicavelmente, tal como Josué, ele retrocedeu para os caminhos humanos e experimentou o fracasso que invariavelmente acompanha esses retrocessos.

O desvio começou quando ele estava em completa fuga do enfurecido Saul. Deixando Jonatas pela última vez, ele fugiu para junto do sumo sacerdote em Nobe.

“Então veio Davi a Nobe, ao sumo sacerdote Aquimeleque; e Aquimeleque, tremendo, saiu ao encontro de Davi, e disse-lhe: Por que vens só, e ninguém contigo?” *1 Samuel 21:1*.

Davi agora enfrentou um sério problema. Ele sabia que o poder do rei levaria todos os homens a traí-lo, não por terem qualquer coisa contra ele, mas porque recebiam a ira do monarca se não lhe obedecessem. Portanto, Davi sentiu que não podia confiar em ninguém, nem mesmo no sumo sacerdote. Ele não tinha desejo de cair nas mãos assassinas do invejoso monarca enfurecido, e estava desejoso de dar quaisquer que fossem os passos necessários para evitar esse desagradável resultado.

Por conseguinte, este era um problema que requeria urgentemente uma solução. Ele tinha a escolha de encontrar uma por si mesmo, ou olhar para Deus em busca dela. Tivesse ele escolhido a última, então nada podia ter saído errado, mas olhando para si mesmo, desastre era o resultado seguro. Neste ponto Davi, esqueceu os procedimentos que tão fiel e corajosamente seguiu quando matou o leão, o urso, e o gigante filisteu. Regressando aos métodos humanos outra vez, confiou nos seus próprios recursos em vez de lançar todo o fardo sobre o Senhor para esperar as Suas ordens específicas.

Havia apenas dois enganos ao seu alcance a que ele podia recorrer para se salvar a si próprio. Um era força; o outro, mentira. Força era inútil, porque a sua força pessoal era mínima comparada com a de Saul, que tinha à sua disposição dezenas de milhar de guerreiros bem treinados, e Davi não tinha ilusões acerca do resultado de qualquer confronto com eles.

Mas ele podia recorrer à mentira. Incapaz de confiar no próprio sumo-sacerdote com receio que ele o denunciasse ao rei, deu-lhe uma resposta enganadora à embaraçadora pergunta que este homem de Deus lhe fez.

“E disse Davi ao sacerdote Aquimeleque: O rei me encomendou um negócio, e me disse: Ninguém saiba deste negócio, pelo qual eu te envie, e o qual ordenei: quanto aos mancebos, apontei-lhes tal e tal lugar.” *1 Samuel 21:2*.

Não havia uma palavra de verdade nisto, contudo, uma vez que Davi falhou em entregar o problema ao Senhor e deixá-lo ali, não podia fazer outra coisa senão mentir. Todos precisamos ter conhecimento disto. Os problemas requerem soluções que têm que vir de algum lado, e se o crente não confia em Deus como total responsável pela sua segurança, verificará que é deixado com ela. Sob essas circunstâncias, tem que usar os poderes que lhe são válidos, e estes normalmente limitam-se à força do engano. Consequentemente, um filho de Deus encontra imunidade do pecado apenas se os princípios do repouso do sábado forem aplicados a toda a situação. Doutro modo, independentemente de quão fielmente ele possa ter-se mantido firme pela verdade e praticado os correctos procedimentos no passado, cairá em pecado se não lançar o seu fardo sobre o divino Portador de fardos.

De momento, parecia que Davi tinha garantido a sua segurança, mas terríveis na verdade foram as consequências. Oitenta e cinco membros da casa do sacerdote morreriam, acrescido da destruição de toda a vida e propriedade em Nobe, porque chegou o tempo em que Doegue, o edomita, relatou a Saul que Davi tinha vindo ao sumo sacerdote, recebeu a espada de Golias, e recebeu pão para a sua jornada. O irado rei interpretou isto como se Aquimeleque estivesse conspirando com Davi contra ele e chamou-o à sua presença.

“E disse Saul: Ouve, peço-te, filho de Aitube. E ele disse: Eis-me aqui, senhor meu.

“Então lhe disse Saul: Por que conspirastes contra mim, tu e o filho de Jessé? pois deste-lhe pão e espada, e consultaste por ele a Deus para que se levantasse contra mim a armar-me ciladas, como se vê neste dia?

“E respondeu Aquimeleque ao rei, e disse: E quem, entre todos os teus criados, há tão fiel como Davi, o genro do rei, pronto na sua obediência, e honrado na tua casa?

“Comecei, porventura, hoje a consultar por ele a Deus? longe de mim tal! Não impute o rei cousa nenhuma a seu servo, nem toda a casa de meu pai, pois o teu servo não soube nada de tudo isso, nem muito nem pouco.

“Porém o rei disse: Aquimeleque, morrerás certamente, tu e toda a casa de teu pai.

“E disse o rei aos da sua guarda, que estavam com ele: Virai-vos, e matai os sacerdotes do Senhor, porque também a sua mão é com Davi, e porque souberam que fugiu e não mo fizeram saber. Porém os criados do rei não quiseram estender as suas mãos para arremeter contra os sacerdotes do Senhor.

“Então disse o rei a Doegue: Vira-te tu, e arremete contra os sacerdotes. Então se virou Doegue, o idumeu, e arremeteu contra os sacerdotes, e matou naquele dia oitenta e cinco homens que vestiam éfode de linho.

“Também a Nobe, cidade destes sacerdotes, passou a fio de espada, desde o homem até à mulher, desde os meninos até aos de mama e até os bois, jumentos e ovelhas passou a fio de espada.” *1 Samuel 22:12-19*.

Tivesse Davi deixado Deus ser o solucionador do problema isto nunca teria acontecido. “Davi disse ao sacerdote que fora enviado pelo rei com uma incumbência secreta, a qual exigia a máxima diligência. Nisto manifestou falta de fé em Deus, e seu pecado resultou em ocasionar a morte do sumo sacerdote. Tivesse declarado plenamente os factos, e teria Aquimeleque sabido o que fazer para lhe preservar a vida. Deus exige que a veracidade distinga Seu povo, mesmo no maior perigo. Davi pediu ao sacerdote cinco pães. Nada havia senão pão consagrado em poder do homem de Deus; mas Davi conseguiu remover seus escrúpulos e obteve os pães para matar a fome.” *Patriarcas e Profetas, 703*.

Este incidente claramente demonstra uma vez mais as más consequências para a causa de Deus quando os homens recorrem às suas próprias soluções para resolver os problemas. Cada um desses repetidos testemunhos devia fazer aqueles que investigam as Escrituras fugirem de tais procedimentos como de uma praga. Seguramente, se Davi tivesse previsto o resultado do que tinha feito, nunca teria recorrido a esses métodos. Infelizmente, quando a decisão tem que ser tomada, ninguém sabe exactamente quais serão as consequências, por isso a única segurança está em deixar Deus determinar como o problema será enfrentado.

De Nobe, Davi fugiu para o único lugar onde, no seu juízo, podia encontrar segurança — a terra dos filisteus. Deus com certeza não estava no comando destes movimentos, pois Ele nunca teria enviado Davi para os seus inimigos. Os próprios processos lógicos de Davi deviam estar em completa confusão para ele imaginar que podia andar em segurança entre o povo cujo campeão ele tinha humilhado e destruído. Não era o carácter ou espírito dos filisteus esquecer uma injúria feita ou perder a oportunidade de exercer vingança, não importava quanto tempo tivessem que esperar.

Por isso Davi criou outro problema para si mesmo, porque quando chegou a Gate, verificou que a sua vida estava em perigo.

“Davi fugiu para Aquis, rei de Gate; pois achava que havia mais segurança no meio dos inimigos de seu povo do que nos domínios de Saul. Mas, referiu-se a Aquis que Davi era o homem que matara o campeão filisteu anos antes; e agora aquele que procurara refúgio entre os adversários de Israel, achou-se em grande perigo. Fingindo, porém, loucura, enganou seus inimigos, e assim escapou.” *Idem, 704*.

Deus não interferiu com Davi. Embora ele escolhesse ser o seu próprio Solucionador de problemas, o Senhor simplesmente Se afastou até o Seu servo Lhe dar de novo a Sua legítima posição. Entretanto, Davi estava a passar de um perigo para outro maior, activamente acrescentando confusão a confusão.

“O primeiro erro de Davi foi a sua falta de confiança em Deus, em Nobe, e o segundo seu engano diante de Aquis. Davi havia ostentado nobres traços de carácter, e seu valor moral

conquistara-lhe favor entre o povo; mas, quando lhe sobreveio a provação, sua fé se abalou, e apareceu a fraqueza humana. Via em cada homem um espião e traidor. Em uma difícil emergência Davi olhara para Deus, com os olhos perseverantes da fé, e vencera o gigante filisteu. Acreditava em Deus, e avançou em Seu nome. Mas, ao ser acossado e perseguido, a perplexidade e angústia quase lhe esconderam da vista o Pai celestial.

“Contudo, esta experiência estava servindo para ensinar sabedoria a Davi; pois levava-o a compenetrar-se de sua fraqueza, e da necessidade de constante dependência de Deus. Oh, quão preciosa é a doce influência do Espírito de Deus vindo ela às almas deprimidas e desesperançadas, encorajando os desfalecidos, fortalecendo os fracos, e comunicando coragem e auxílio aos provados servos do Senhor! Oh, que Deus é nosso Deus, o qual trata mansamente com os que erram, e manifesta Sua paciência e ternura na adversidade e quando somos vencidos por alguma grande tristeza!”

“Todo o fracasso por parte dos filhos de Deus é devido à sua falta de fé. Quando sombras rodeiam a alma, quando precisamos de luz e guia, devemos olhar para cima; há luz além das trevas. Davi não devia ter perdido a confiança em Deus por um momento sequer. Tinha motivos para confiar n’Ele; era o ungido do Senhor, e em meio de perigo havia sido protegido pelos anjos de Deus; fora armado de coragem para fazer coisas maravilhosas; e, se *tão-somente afastasse* seu espírito da situação angustiosa em que se achava colocado, e tivesse lembrança do poder e majestade de Deus, teria estado em paz mesmo em meio das sombras da morte; podia com confiança ter repetido a promessa do Senhor: ‘As montanhas se desviarão, e os outeiros tremerão; mas a Minha benignidade não se desviará de ti, e o concerto da Minha paz não mudará.’” *Idem*, 704, 705.

É extremamente reconfortante saber que apesar de Davi trazer todas estas dificuldades sobre si mesmo, Deus pensou nele não em termos de condenação, mas em termos de educação. O amoroso Pai viu a oportunidade para lhe ensinar lições que evitariam o reaparecimento destes dispendiosos erros. Consistente com a habitual resposta humana à obra educacional de Deus Davi provou ser um lento mas eficaz aluno.

Um fracasso em *afastar a mente* do imediato e exigente testemunho da vista e circunstâncias, e focá-la em vez disso nas maravilhosas promessas de Deus e Seu fiel cumprimento delas no passado, é comum a todas as experiências de derrota dos filhos de Deus em tempos de prova. Cada crente tem alguma coisa dessa experiência que pode recordar, e há também grandes revelações das obras de Deus relatadas nas Escrituras. Nunca devemos esquecer que aquilo que o Senhor fez por esses extraordinários homens e mulheres, está ansiosamente esperando fazer por nós hoje.

Remover a sua mente da situação aflitiva em que está colocado e pensar em vez disso no poder e majestade de Deus, é algo que o crente deve fazer por si mesmo. Deus não fará isto por ele, embora Ele trabalhe muito activamente para o influenciar e animar a fazê-lo. Sem excepção, a vitória sobre o pecado e Satanás depende deste passo. O cristão não deve permitir que a sua atenção seja presa nas condições desagradáveis que o rodeiam, porque, se o fizer, *com certeza falhará*. Todo o leitor é encorajado a estudar as vidas dos grandes homens de Deus para ver como as experiências deles provam este ponto.

*Todas as vezes* que estes homens desviaram o olhar das suas aflitivas e perigosas situações e focaram a sua atenção no poder e majestade de Deus tal como o conheceram nas suas experiências do passado, Deus foi capaz de alcançar maravilhosas vitórias por eles e através deles. As experiências que eles cuidadosamente e com oração recordavam incluindo as que Deus havia feito por eles pessoalmente, e o que sabiam que Ele havia feito nas vidas dos caracteres bíblicos e amigos pessoais. Pelo consistente estudo da Bíblia e recordação do seu próprio passado, mantiveram estas coisas presentes, vivas, e válidas, de modo que ao chegar a hora da aflição e da tentação, estavam armados para o conflito.

Porém, com igual consistência, *sempre* que falharam em retirar a sua mente da situação, ficaram sob o controlo de Satanás e seguiram as suas instruções. Isto foi o que aconteceu a Israel em Cades-Barneia. Quando a ameaçadora perspectiva de tentar tirar a terra aos cananeus lhes foi apresentada, não afastaram as suas mentes desta sombria ilustração.

Quando os espias primeiramente voltaram da terra e o povo antecipava um brilhante relato do país, estava cheio de feliz expectativa, mas quando os espias relataram o poder dos seus inimigos e a solidez das suas fortificações, era importante que o povo desviasse a sua mente da desencorajadora situação que os confrontava e pensasse em termos da fiel protecção e direcção de Deus até esse ponto. Se tivessem feito isto, o poder dos seus inimigos enchê-los-ia com júbilo na perspectiva de uma manifestação ainda maior do poder e amor de Deus. Todavia, eles falharam em fazer isto.

“Agora a cena mudou. A esperança e o ânimo deram lugar ao desespero covarde, ao proferirem os espias os sentimentos de seu coração incrédulo, que estava cheio de desânimo inspirado por Satanás. Sua incredulidade lançou lúgubre sombra à congregação, e o grande poder de Deus, tantas vezes manifesto em prol da nação eleita, foi esquecido. O povo não se deteve a refletir; não raciocinou que Aquele que os trouxera até ali certamente lhes daria a terra; não se lembravam de quão maravilhosamente Deus os libertara de seus opressores, abrindo caminho através do mar, e destruindo as hostes perseguidoras de Faraó. Puseram a Deus fora da questão, e agiram como se devessem confiar apenas no poder das armas.” *Idem*, 406.

Se simplesmente tivessem parado um pouco e *desviassem as suas mentes* de um assunto para outro, nunca se teriam levantado em rebelião, afastados da posse da terra, e colocados de novo na terrível marcha mortal do deserto. Tudo dependia de seguirem esse correcto procedimento, e como não o fizeram, as suas vidas mudaram de felizes habitantes numa bela e agradável terra, para mortais peregrinos através das areias escaldantes do deserto.

Se as lições forem correctamente lidas, esta história, juntamente com a de Davi e outros filhos de Deus, devem impressionar profundamente a mente com a vital importância de dar os passos correctos na hora da tentação. Conquanto não seja o único factor envolvido, é verdade que tudo depende do *afastamento dos pensamentos* das trevas para a luz. Todo o cristão, com persistente diligência, deve colaborar com Cristo no treino da mente para reagir correctamente quando a dificuldade vem. Isto é *esforçar-se* para entrar no repouso de Deus. Entre outras coisas, isso envolve um profundo conhecimento das histórias do Antigo e do Novo Testamentos que apresentam as vitórias e os fracassos do povo de Deus. Na hora da tentação, a recordação destes acontecimentos servirá de guia e fortalecer-nos-á.

Na altura em que Davi fugiu de Saul para Nobe e depois para a Filístia, foi um momento difícil. Ele não gozava paz e sossego durante estas experiências, pela simples razão que não olhou para o Senhor como Solucionador.

Depois da sua apertada fuga dos filisteus, que estavam desejosos de exercer vingança pela execução de Golias, encontrou refúgio nos montes da Judeia. Ali juntaram-se-lhe outros fugitivos como ele próprio, vivendo como errantes fugitivos da ira de Saul.

Antes deste período, Davi tinha primeiramente demonstrado uma inalterável fidelidade aos princípios do repouso do sábado, marcado por grandes feitos como a morte do urso, do leão, e do gigante filisteu. Não há relato de fracasso durante este tempo. Mas isto foi seguido pelo grave fracasso da fé quando ele fugiu para Nobe e Filístia. Estas lições deviam ensinar-lhe a diferença entre a segurança encontrada com Deus e o perigoso fracasso a ser esperado quando ele era o planeador, contudo, durante os dias passados como fugitivo nos montes da Judeia, ele misturou os dois procedimentos. Por vezes ele foi inabalável na sua lealdade a Deus; noutras, ele voltou às suas próprias invenções para livramento.

Qualquer filho de Deus que medita na sua vida passada, compreenderá que esta mesma mistura tem estado presente. Nalgumas ocasiões, foi concedido a Deus o Seu lugar legítimo como

Comandante, embora Ele tenha na maioria dos casos sido relegado para o papel de Auxiliar do homem. Suplementar análise convincentemente demonstra que todas as vezes que os problemas foram totalmente entregues a Deus, então, não importa quão complexos ou ameaçadores eles eram, Ele foi capaz de os resolver com uma naturalidade e eficiência que é muito impressionante. Quando, como era usualmente o caso, o indivíduo assumiu a responsabilidade de solucionador, o problema apenas foi aumentado e alargado.

Uma tal análise devia convencer o professo povo de Deus que uma mudança devia tomar lugar. Em vez de recorrerem a Deus *algumas vezes*, todo o cuidado devia ser lançado sobre Ele como o primeiro e único recurso. Então, em vez de experimentar libertação parte do tempo, pode ser a sua feliz condição *todo o tempo*.

À medida que o tratamento de Deus com uma pessoa na vida passada é recordado, a pessoa é profundamente impressionada com o Seu carácter de amor, pois Ele é guiado por uma infinita compulsão para salvar fazendo tudo quanto é possível. Muitas pessoas têm a impressão que Deus está esperando e vigiando para condenar, mas isto não é assim. Enquanto os homens estão ocupados em complicar os seus problemas tomando os assuntos nas suas mãos e esperando que Deus os auxiliasse na sua obra, Ele está pacientemente esperando pelo dia em que compreendam o mal dos seus métodos e Lhe entreguem a tarefa de resolver os problemas por eles.

Quando o verdadeiro carácter de Deus é visto, o crente fica maravilhado e torna-se humilde ao verificar que Ele não tem espírito de retaliação, mas apenas um todo-poderoso desejo de abençoar e restaurar. Esta revelação não pode deixar de extrair da alma uma resposta de adoração e amor. Este é o efeito que isso teve sobre Davi, que deu expressão aos seus sentimentos nos maravilhosos salmos relatados para nosso benefício e bênção. É lamentável que Davi tivesse que aprender estas coisas maravilhosas acerca do seu Pai celestial seguindo procedimentos errados. Abençoados na verdade, serão os estudantes que aprendem pelos erros de Davi em vez de o fazerem através dos seus.

Em relação ao período em que Davi alternou entre o seu próprio caminho e os caminhos de Deus, consideraremos primeiramente as situações em que o fez da maneira correcta, e depois aquelas onde ele usou procedimentos errados.

A palavra chegou a Davi, não muito tempo depois de se refugiar na caverna de Adulão, que os filisteus estavam a atacar a cidade de Queila. Reconhecendo isto como um grave problema, Davi não tornou para si mesmo como solucionador, mas para o Senhor. Ele especificamente perguntou a Deus o que devia fazer, e depois prosseguiu para obedecer às ordens específicas de Deus.

“E foi anunciado a Davi, dizendo: Eis que os filisteus pelejam contra Queila, e saqueiam as eiras.

“E consultou Davi ao Senhor, dizendo: Irei eu, e ferirei a estes filisteus? E disse o Senhor a Davi: Vai, e ferirás aos filisteus, e livrarás a Queila.” *1 Samuel 23:1, 2.*

Um novo problema imediatamente se levantou. Os homens de Davi não estavam preparados para ir a esta batalha, porque viam nela apenas dificuldade e perda. Davi simplesmente foi a Deus por causa disso segunda vez, pois ele não estava preparado para se mover sem ordens específicas do grande Solucionador de problemas.

“Porém os homens de Davi lhe disseram: Eis que tememos aqui em Judá, quanto mais indo a Queila contra os esquadrões dos filisteus.

“Então Davi tornou a consultar ao Senhor, e o Senhor lhe respondeu, e disse: Levanta-te, desce a Queila, porque te dou os filisteus na tua mão.” Versículos 3 e 4.

Com ordens específicas tão claras não contendo traço de invenção humana, Davi sabia o que devia fazer na certeza que o perigoso empreendimento não podia possivelmente falhar. Assim eles foram e ganharam uma completa vitória sobre os filisteus.

“Então Davi partiu com os seus homens a Queila, e pelejou contra os filisteus, e levou os gados, e fez grande estrago entre eles; e Davi livrou os moradores de Queila.” Versículo 5.

Tivesse Davi seguido estes procedimentos no encontro com o sumo sacerdote e na escolha do lugar para fugir, teria gozado o mesmo sucesso obtido aqui contra os filisteus.

Nenhuma falta pode ser encontrada no modo como Davi tratou os assuntos do Senhor quando libertou Queila. Isso representou uma recuperação de um período em que ele havia caído nas suas próprias invenções e tinha sido amaldiçoado com maus resultados.

Contudo, muitos acharão a resposta de Deus surpreendente e que de algum modo causa perplexidade. Eles sentem que antes de Deus ganhar completa confiança em Davi e manifestar o Seu poder em favor dele, Davi devia demonstrar, durante um longo período de provação que era digno das bênçãos de Jeová.

Isto é como os homens tratam os seus semelhantes, mas não é como Deus Se relaciona com os Seus filhos. Tudo o que Davi tinha que fazer era reconhecer o seu pecado, fazer uma contrita confissão dele, restaurar onde possível o que ele tinha tomado, e seguir os correctos procedimentos quando procurasse uma solução para os seus problemas. Logo que ele desse esse passo, o Senhor imediatamente operaria por ele, tratando o Seu servo como se ele nunca tivesse pecado. Tal é o amor e compaixão do nosso Pai celestial.

Em breve, um teste ainda maior devia vir a Davi. Foi relatado a Saul que Davi estava escondido no deserto de Engedi.

“Então tomou Saul três mil homens, escolhidos dentre todo o Israel, e foi à busca de Davi e dos seus homens, até aos cumes das penhas das cabras monteses.

“E chegou a uns currais de ovelhas no caminho, onde estava uma caverna, e entrou nela Saul, a cobrir seus pés; e Davi e os seus homens estavam aos lados da caverna.” *1 Samuel 24:2, 3.*

Ignorando qualquer perigo, Saul entrou na própria caverna onde estava escondido Davi, enquanto as suas tropas esperavam no exterior.

“Quando os homens de Davi viram isto, insistiram com seu chefe para que matasse Saul. O facto de que o rei estava agora em seu poder, era por eles interpretado como prova certa de que Deus mesmo entregara o inimigo em suas mãos, para que pudessem destruí-lo. Davi foi tentado a assumir esta opinião a tal respeito; mas a voz da consciência falou-lhe, dizendo: ‘Não toques no ungido do Senhor.’” *Patriarcas e Profetas, 710, 711.*

Saul era um tremendo problema não só para Davi mas para todo o Israel. Ele estava oprimindo o povo, levando-o para longe do Senhor e assim pondo em risco a causa de Deus. Parecia que alguém que o matasse estaria prestando um bom serviço tanto a Deus como ao homem. Para Davi pessoalmente, a morte de Saul teria trazido um maravilhoso alívio da desagradável vida de fugitivo. Além disso o ímpio rei merecia a pena de morte por injustamente matar o sumo-sacerdote e a sua casa.

O testemunho das circunstâncias parecia declarar que Deus estava abertamente a convidar Davi como Seu instrumento escolhido para executar Saul. Os seguidores de Davi com certeza interpretaram os acontecimentos nessa luz e insistiram com ele para actuar imediatamente.

Foi uma tentação habilmente organizada, mas Davi não caiu nela. Mesmo apesar de ter falhado noutras situações, aqui ele foi capaz de distinguir o princípio orientador envolvido, na atraente proposta que Satanás lhe estava a fazer. Ele compreendeu que era sua responsabilidade detectar a natureza desta proposta, e, ela não se media pelos princípios de operação de Deus, e eles nada tinham que ver com ela. Ele agiu com muita fidelidade nesta ocasião.

Os conselhos e advertências contidos aqui são de grande importância para os filhos de Deus. Satanás sabe quão dedicados eles são à causa e interesses do Senhor, e ele constrói as suas tentações de modo que os cristãos não as reconhecerão como tal, pois parecem ser maravilhosas oportunidades dadas por Deus para avançar a causa que eles tanto amam. Satanás pretende que eles creiam que estão obedecendo ao Altíssimo, quando, de facto, estão executando os seus



ímpios desígnios. Portanto, o cristão deve cuidadosamente pôr à prova toda a instrução que chega a si, para compreender a sua verdadeira natureza e fonte. Tão amplas são as advertências e exemplos dados nas Escrituras que os filhos de Deus não têm desculpa para serem enganados. Se Davi tivesse morto Saul naquele dia, nenhuma súplica podia ser oferecida que tivesse sido aceite por Deus como justificação para o que ele teria feito.

A fonte do plano para matar Saul nessa caverna, foi revelada pela própria natureza do plano, pois ele requeria que Davi assumisse o papel de Deus para cumprir as promessas que tinha feito. Jeová ungira Davi para ser eleito rei de Israel e era a Sua responsabilidade, não de Davi, remover o apostatado rei de Israel que estava no caminho do cumprimento desta profecia. O único caminho correcto para Davi seguir, era esperar pacientemente que o Senhor fizesse a Sua parte. Outros antes de Davi tinham falhado neste ponto. Abraão e Sara, e mais tarde Rebeca e Jacó, tinham feito uma tentativa para realizar as promessas de Deus em vez d'Ele.

Mas neste exemplo, Davi tinha visão muito clara acerca do que devia fazer, e, mesmo apesar dos seus soldados verem a oportunidade para executar Saul como providência de Deus, ele sabia que não devia tirar a vida do rei. Ele não se submeteu à tentação de resolver os problemas de Deus por Ele. Deixaria a obra de Deus para Deus e faria apenas aquilo que o Senhor lhe indicasse. A única concessão que Davi fez foi cortar uma porção da veste de Saul para apresentar como prova ao rei que ele tinha estado totalmente à sua mercê. Assim que fez isto a sua consciência disse-lhe que mesmo isso foi dar um passo demasiado longe.

Os soldados de Davi interpretaram completamente mal o propósito de Deus neste acontecimento. Olharam a questão do seu próprio ponto de vista e não da posição do grande amor de Deus pelo qual procurava dar a Saul outra oportunidade para ver a verdadeira natureza do seu mau coração e arrepender-se dos seus pecados.

Para que Deus desse outra oportunidade a Saul, Davi, em vez de tirar a vida do rei tinha que desempenhar a parte divinamente ordenada de demonstrar a disposição cristã de não retaliar nem procurar vingança. Assim Saul seria levado a ver que a sua convicção que Davi estava devotado à sua destruição era falsa, que o seu espírito estava em desacordo com Deus, e que ele não estava apto para governar. Através do ministério de amor e justiça de Davi, Deus apelou poderosamente para o ímpio governante para se arrepender e ser convertido. Mesmo apesar do rei merecer ser destruído, o seu dia de provação ainda não tinha terminado e Deus, inclinado para o salvar se isso fosse de algum modo possível, operou incansavelmente a fim de realizar isto. O Pai eterno ficou satisfeito quando as percepções de justiça de Davi e a sua submissão à orientação de Deus Lhe tornou possível falar poderosa e convincentemente ao soberano de Israel.

“Quando Saul ouviu as palavras de Davi, ficou humilhado, e não pôde admitir a veracidade das mesmas. Seus sentimentos foram profundamente abalados, ao compenetrar-se de quão completamente estivera em poder do homem cuja vida procurava. Davi estava em pé diante dele, cômico de sua inocência. Com um espírito abrandado, Saul exclamou: ‘É esta a tua voz, meu filho Davi? Então Saul alçou a sua voz e chorou.’ Declarou agora a Davi: ‘Mais justo és do que eu: pois tu me recompensaste com bem, e eu te recompensei com mal ... Por que, quem há que, encontrando o seu inimigo, o deixaria ir por bom caminho? O Senhor pois te pague com bem, pelo que hoje me fizeste. Agora, pois, eis que certamente hás de reinar, e que o reino de Israel há de ser firme na tua mão.’ E Davi fez um concerto com Saul, para que quando isto tivesse lugar ele considerasse favoravelmente a casa de Saul, e não suprimisse o seu nome.” *Patriarcas e Profetas*, 711, 712.

A confissão de Saul confirma que Deus realizou uma poderosa obra nele nesse dia; uma obra que requeria que Davi reconhecesse e aceitasse o Seu Senhor como o Solucionador de problemas e Planeador. Quão trágico teria sido se Davi tomasse sobre si estes papéis e morto o rei antes da sua provação terminar.

Evidentemente que é lamentável que o arrependimento de Saul durasse pouco. Ele seguiu o padrão tão geralmente revelado por muitos que se colocam sob a influência do Espírito Santo. Quando na presença desse divino poder, tornam-se brandos, submissos, contritos, e aparentemente arrependidos, mas quando removidos da sagrada atmosfera, voltam de novo a uma manifestação ainda pior do mesmo mau estado em que estavam antes de serem condenados. Assim foi com Israel na primeira coroação de um rei.

“A inimizade que é alimentada para com os servos de Deus por aqueles que se renderam ao poder de Satanás, modifica-se por vezes em um sentimento de reconciliação e favor; mas a mudança nem sempre se mostra duradoura. Depois que homens mal-intencionados se empenharam em fazer e dizer coisas ruins contra os servos do Senhor, a convicção de que estiveram em erro apodera-se algumas vezes profundamente de seus espíritos. O Espírito do Senhor trabalha com eles, humilham seus corações diante de Deus e diante daqueles cuja influência procuram destruir, e podem modificar sua conduta em relação aos mesmos. Mas, abrindo novamente a porta às sugestões do maligno, revivem as velhas dúvidas, desperta-se a velha inimizade, e eles voltam a empenhar-se na mesma obra de que se arrependeram e que por algum tempo abandonaram. Novamente falam mal, acusando e condenando da maneira mais acrimoniosa os mesmos a quem fizeram a mais humilde confissão. Satanás pode usar tais almas com muito maior poder, depois que tal conduta haja sido seguida, do que o poderia antes, pois que pecaram contra uma luz maior.” *Patriarcas e Profetas*, 712.

Davi totalmente consciente que o arrependimento de Saul seria breve, escolheu garantir a sua segurança permanecendo nas fortalezas naturais do deserto em vez de regressar às áreas povoadas uma vez mais. Ele sabia que quando o rei revertesse a um estado ainda pior, seria de longe mais perigoso estar entre o povo, do que entre as montanhas. Durante um curto período desfrutou alívio do ódio e perseguição de Saul, mas logo que Samuel morreu, Saul renovou os seus esforços para o encontrar e destruir.

Davi obteve informação da renovada campanha e começou a descobrir a localização e dimensão das forças do seu inimigo. Aproximando-se do acampamento de noite e encontrando todos fechados em sono profundo, com Abisai penetrou até à presença do rei adormecido. Uma vez mais o monarca estava à sua mercê, exactamente como havia estado na caverna. Outra vez, parecia que Deus tinha convenientemente planeado a execução do ímpio rei, e o companheiro de Davi insistia na destruição do seu inimigo, argumentando que era aquilo que Deus queria e esperava deles.

“Vieram pois Davi e Abisai de noite ao povo, e eis que Saul estava deitado, dormindo dentro do lugar dos carros, e a sua lança estava pregada na terra à sua cabeceira; e Abner e o povo estavam deitados ao redor dele.

“Então disse Abisai a Davi: Deus te entregou hoje nas mãos a teu inimigo; deixa-mo pois agora encravar com a lança duma vez na terra, e não o ferirei segunda vez.

“E disse Davi a Abisai: Nenhum dano lhe faças: porque quem estendeu a sua mão contra o ungido do Senhor, e ficou inocente?

“Disse mais Davi: Vive o Senhor, que o Senhor o ferirá, ou o seu dia chegará em que morra, ou descerá para a batalha e perecerá;

“O Senhor me guarde, de que eu estenda a mão contra o ungido do Senhor: agora porém toma lá a lança que está à sua cabeceira e a bilha da água, e vamo-nos.

“Tomou pois Davi a lança e a bilha da água, da cabeceira de Saul, e foram-se: e ninguém houve que o visse, nem que o advertisse nem que acordasse; porque todos estavam dormindo pois havia caído sobre eles um sono profundo, sono do Senhor.” *1 Samuel 26:7-12*.

Uma vez mais Davi estava sob prova para ver se conhecia e seguia os caminhos de Deus, ou sucumbiria à tentação para cumprir as promessas de Deus por si mesmo. Porém ele não vacilou da vontade divina. Como se visse o caminho de Deus ainda mais claramente do que da primeira



*“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onnipotente  
descansará.” Salmo 91:1.*

vez, explicou ao seu amigo com maior detalhe não só a convicção que não devia tocar no unguido do Senhor, mas que o Altíssimo eliminaria Saul quando o seu dia de graça terminasse. Entretanto, eles só podiam esperar e confiar. De novo o testemunho que Davi o tinha poupado, trouxe o rei ao arrependimento e confissão.

“Este segundo exemplo do respeito de Davi pela vida de seu soberano, produziu impressão ainda mais profunda no espírito de Saul, e alcançou dele um reconhecimento mais humilde de sua falta. ficou admirado e vencido com tal manifestação de bondade. Despedindo-se de Davi, Saul exclamou: ‘Bendito sejas tu, meu filho Davi; pois grandes coisas farás, e também prevalecerás.’ Mas o filho de Jessé não tinha esperança que o rei continuasse muito tempo nesta disposição de espírito.” *Patriarcas e Profetas*, 719, 720.

Nestas experiências, Davi demonstrou o seu conhecimento e harmonia com os caminhos de Deus. Mesmo apesar de instigado a tomar a questão nas suas próprias mãos pelos que estavam mais próximos dele, foi resoluto na sua recusa de tomar o lugar de Deus como o Solucionador de problemas. Em resposta, Deus operou maravilhosamente por ele, e, mesmo apesar de Saul com as suas poderosas forças e vasta rede de espias, continuamente procurarem a sua vida, Davi gozou completa protecção e foi capaz de humilhar e envergonhar o violento Saul. O simples facto era que enquanto ele andasse nos caminhos de Deus o monarca não podia de modo algum tirar-lhe a vida.

A paz mental de Davi teria sido assegurada se ele tivesse continuamente recordado que quando Jeová o designou e ungiu para ser rei de Israel, tinha-o feito no completo conhecimento antecipado de todos os perigos que Davi encontraria no caminho para o trono. Ele teria então compreendido que Deus que nunca é apanhado de surpresa, tinha feito total provisão para todas estas exigências, e certamente alcançaria o Seu propósito de coroar Davi rei. Davi não precisava de preocupar-se ou dar passos para assegurar que as promessas de Deus a seu respeito fossem cumpridas.

Liberto de toda a ansiedade por estes factos, era privilégio de Davi, entretanto, gozar a sua vida. Em cada novo ataque sobre ele, devia ver a promessa que Deus estava prestes a dar outra maravilhosa demonstração do Seu poder protector, que Saul devia sofrer outra derrota, e o tempo estava diariamente mais próximo em que a promessa seria cumprida para ele. Por conseguinte, em vez dos acontecimentos da vida o encherem de receio, aprofundariam e alargariam o seu repouso de sábado.

Isto é como Deus pretende que todo o cristão se relacione com as ameaças e lutas da vida. Eles não devem ver nelas uma estrada de ruína, mas a oportunidade de Deus manifestar a Sua incrível capacidade para resolver qualquer problema, e derrotar qualquer esquema que Satanás possa inventar, não importa quão complexo e bem estabelecido ele possa ser. Toda a situação perigosa devia encher o Seu povo com estremecimento ao saber que, se for fiel e crer, elas devem ser uma demonstração muito agradável das obras de Deus. Nada perturbará a sua paz, porque eles habitarão “... no esconderijo do Altíssimo” e “à sombra do Omnipotente”. *Salmo 91:1*.

Quando Satanás vê o povo de Deus abrigado dentro do impenetrável círculo da Sua protecção, não desiste da luta para os destruir, mas continua a obra com incansável determinação para atraí-lo desta segurança à área mortal das suas próprias obras, onde ele pode derrotar e espera destruí-los. Demasiado frequentemente, ele tem sido bem sucedido. Apesar de não ter havido a mínima desculpa para os cristãos reverterem aos seus próprios caminhos, Satanás os tem seduzido a fazerem isto mesmo. Josué no Antigo Testamento, e os dirigentes na Igreja Cristã na era do Novo Testamento, são exemplos disto os quais já estudámos.

Semelhantemente Davi caiu vítima do mesmo mal. Depois da série de infalíveis livramentos efectuados por Deus em seu favor quando Saul procurava a sua vida, Davi devia ter sido fortalecido para continuar nos caminhos de Deus. Ele não devia ter dado ouvidos ao apelo de Satanás para que abandonasse os conselhos do Altíssimo em preferência dos seus. Contudo, isto

foi o que ele fez. Na própria altura em que Saul foi forçado a voltar ao seu palácio humilhado e envergonhado, Davi, fatigado do incessante trato da sua existência, procurou as suas próprias soluções para o problema e levou-as a cabo.

Em muito pouco tempo, isto levou-o ao desesperado enredamento numa teia em que ele mesmo se enredou, em que merecia ser abandonado por Deus à sua sorte. Ele teria perecido se não fosse o espantoso amor e salvador espírito do seu, e nosso, maravilhoso Pai celestial. Estudaremos agora este retrocesso na vida de Davi, as más consequências que isso gerou, e a incrível resposta no livramento de Davi quando ele menos o merecia.

## Enredado e Libertado

**P**ara avaliar quão injustificado foi Davi voltar-se para os filisteus em busca de protecção depois do seu último encontro com Saul, é necessário uma adequada avaliação da extensão a que Deus o livrou das intenções de Saul.

Davi estava em contínuo perigo desde o momento em que fugiu da presença de Saul, porque o monarca não estava disposto a brincar. Ele estava consumido por um furioso desejo de destruir o filho de Jessé a qualquer preço. Nem misericórdia nem benignidade existiam no seu coração, pois o fogo ardente da malícia, ódio, e intenções assassinas bramiam ali. Sob seu comando estavam forças militares vastamente superiores às que defendiam Davi, e numerosos informadores mantinham-no ao corrente do local onde se encontravam os fugitivos. Todo o testemunho da vista e circunstâncias declaravam convincentemente, embora erradamente, que Davi tinha um futuro limitado.

Mas Saul não contava com o papel de Deus como Solucionador de problemas de Davi. Ele era guiado pelos seus próprios planos e pensou que Davi era dirigido do mesmo modo. Por conseguinte ele pensou que era simplesmente um homem e as suas forças, contra outro e seus exércitos e concluiu que seria uma questão relativamente simples encontrar e destruir o desesperado fugitivo. O que ele não compreendeu foi que o Onnipotente tinha tomado a causa do seu inimigo, que Ele era Solucionador dos problemas de Davi, e que Saul portanto não tinha esperança de alcançar os seus objectivos homicidas.

Em vez disso, contemplai o espantoso espectáculo do rei carpindo a sua confissão a Davi na presença dos seus espantados guerreiros quando estavam no exterior da caverna! O que o rei tinha planeado como uma sangrenta matança do seu suposto inimigo, tornou-se numa contrita confissão em que admitiu as suas acções erradas e a justiça do homem que ele procurava destruir. Nem um único golpe foi desferido nem uma gota de sangue derramada. Quem podia ter predito que Deus faria essas coisas maravilhosas?

Todo o grupo de Davi podia ter previsto que Deus operaria poderosamente por eles, porque isto não era uma nova actuação da parte d'Ele. Olhai para a submissão de Esaú que estava determinado a destruir Jacó como Saul estava em matar Davi! Vede o grandioso êxodo do Egipto, a travessia do Mar Vermelho, e a maravilhosa protecção concedida aos israelitas em todas as suas peregrinações! E o que podia ser dito de Gideão, Débora e Baruque, e incontáveis outros heróis vitoriosos na história da igreja!

Estas são as grandiosas obras que Deus se deleita em fazer pelo Seu povo e é desapontado e roubado na Sua glória, quando, na sua incredulidade, os Seus professos seguidores procuram salvar-se a si mesmos.

Quando o monarca foi em busca de Davi pela segunda vez, Deus de novo contrariou os planos do rei, e de novo nenhum golpe foi desferido nenhum sangue derramado. Uma vez mais o rei humildemente confessou o mal dos seus caminhos em vez de dar livre curso aos seus sentimentos em sangrenta carnificina. Foi tão maravilhoso que mesmo apesar de Davi já ter visto isto acontecer, não podia deixar de ficar admirado. Ele deu expressão aos seus sentimentos nestas palavras:

“... Que Deus é tão grande como o nosso Deus?

“Tu és o Deus que fazes maravilhas: Tu fizeste notória a Tua força entre os povos.

“Com o Teu braço remiste o Teu povo, os filhos de Jacó e de José.

“As águas Te viram, ó Deus, as águas Te viram, e tremeram; os abismos também se abalaram.

“Grossas nuvens se desfizeram em água; os céus retumbaram: as Tuas frechas correram duma para outra parte.

“A voz do Teu trovão repercutiu-se nos ares; os relâmpagos alumiam o mundo; a terra se abalou e tremeu.

“Pelo mar foi Teu caminho, e Tuas veredas pelas grandes águas; e as Tuas pegadas não se conheceram.

“Guiaste o Teu povo, como a um rebanho, pela mão de Moisés e de Aarão.” *Salmo 77:13-20.*

Deus tenciona que o crente, pela devota meditação nas Suas maravilhosas obras, seja educado no conhecimento dos Seus caminhos e seja liberto de qualquer perigo de retroceder às soluções e planeamento humanos.

Assim devia ser com Davi, mas logo que o rei regressou ao seu palácio, o fugitivo, aparentemente esquecendo tudo o que o Senhor tinha feito por ele, começou a formar os seus planos para assegurar segurança, para si mesmo e seus defensores. Ele estava correcto em supor que o rei não era de confiança para abandonar a sua determinação de o destruir; isso não seria muito tempo antes em que ele estaria outra vez evitando o vingativo governante; e que nada melhor do que uma prorrogação temporária lhe havia sido concedida, mas nada disto devia ser para si causa de preocupação. Não tinha Deus habilmente demonstrado a Sua capacidade para preservar a sua vida independentemente da ira do rei? Que evidência havia para apoiar qualquer noção que Deus estava prestes a mudar, e a abandoná-lo?

Deus não tinha intenção de desamparar o Seu servo, e o que tornou a acção de Davi particularmente injustificada foi o facto que ele o fez quando a manifestação do caminho de Deus era tão recente na sua experiência. Se Deus tivesse falhado para com ele, poderia ter havido alguma desculpa, mas Davi não podia apontar uma tal ocasião, pois Deus nunca faltou a alguém. Desastres vêm apenas quando os homens negam a Deus o Seu legítimo lugar enquanto procuram salvação para si dos seus enredamentos.

“Disse porém Davi no seu coração: Ora ainda algum dia perecerei pela mão de Saul; não há cousa melhor para mim do que escapar apressadamente para a terra dos filisteus, para que Saul perca a esperança de mim, e cesse de me buscar por todos os termos de Israel; e assim escaparei da sua mão.” *1 Samuel 27:1.*

“Davi não esperava uma reconciliação com Saul. Parecia inevitável que finalmente ele tombasse como vítima da malícia do rei; e resolveu de novo buscar refúgio na terra dos filisteus. Com os seiscentos homens sob o seu comando, passou-se para Aquis, rei de Gate.” *Patriarcas e Profetas, 720.*

Quando Davi disse, “Ora ainda algum dia perecerei pela mão de Saul”, cometeu um erro terrível — perdeu a sua fé em Deus. Ele não tinha razão para chegar a esta conclusão, porque havia abundante evidência para lhe assegurar que não era a vontade de Deus a seu respeito que

ele morresse às mãos do rei. Ao ungir Davi para ser rei *depois* de Saul, Deus, que vê o fim desde o princípio com infalível certeza, já tinha predito que ele sobreviveria ao rei. A convicção de Davi que Saul o mataria era uma especulação ilógica que substituía as predições de Deus para o seu futuro.

Contudo, ele tinha perdido de vista o plano de Deus para esse futuro e, em vez disso, viu Deus como Aquele que estava a deixá-lo perecer. Ele não estava inclinado a submeter-se a uma morte sacrificial precisamente nessa altura, e assim naturalmente voltou-se para si mesmo como solucionador do problema. Havendo cometido o primeiro erro, o segundo inevitavelmente se seguiria.

“A conclusão de Davi, de que Saul certamente cumpriria seu intuito assassino, foi formulada sem o conselho de Deus. Mesmo quando Saul estava tramando e procurando levar a efeito a sua destruição, o Senhor agia com o fim de assegurar a Davi o reino. Deus efectua Seus planos, embora aos olhos humanos estejam velados em mistério. Os homens não podem compreender os caminhos de Deus; e, olhando às aparências, interpretam os tranSES, provações e experiências que Deus permite que venham sobre eles, como coisas que contra eles são, e que apenas farão a sua ruína. Assim Davi olhava para as aparências, e não para as promessas de Deus. Duvidava que algum dia viesse a ocupar o trono. Longas provações lhe tinham cansado a fé e exaurido a paciência.” *Idem*.

Por isso o ofício de planeador foi transferido de Deus para Davi. Inevitavelmente, dificuldades muito sérias caíram sobre o filho de Jessé e seus seiscentos. Levou algum tempo para que isto se desenvolvesse, durante o intervalo do qual as vantagens ganhas pareciam confirmar a “sabedoria” da decisão tomada.

“Davi foi cordialmente recebido pelo rei dos filisteus. O calor desta recepção foi em parte devido ao facto de que o rei o admirava, e em parte ao facto de lisonjear à sua vaidade que um hebreu procurasse sua protecção. Davi sentia-se livre de perigo de traição nos domínios de Aquis. Levava sua família, sua casa e suas posses, e o mesmo fizeram seus homens; e segundo toda a aparência ali chegara ele a fim de fixar-se permanentemente na terra de Filístia. Tudo isto satisfazia Aquis, que prometeu proteger os israelitas fugitivos.” *Idem*, 721.

Não é difícil imaginar a satisfação com que Davi olhou os resultados do seu plano. Era impossível para Saul alcançá-lo a menos que atingisse uma maior vitória sobre os filisteus, e eles eram demasiado poderosos para serem subjugados a este ponto. Assim ele podia descontraír-se e gozar a vida sem ter que suspeitar de todo o homem à sua volta ser um possível espião. Uma vez mais tinha o prazer da companhia das suas mulheres e filhos, e a ameaça de uma morte precoce fora removida. Ele parecia ter toda a razão para crer que um passo muito sábio tinha sido dado.

Contudo, não havia um único traço de planeamento divino no seu plano. Era inteiramente de origem humana. Portanto, nada podia ir certo, mesmo apesar de parecer à primeira vista. Qualquer paz e repouso que Davi e os seus homens gozassem não era o repouso de Deus, não lhes dava a verdadeira observância do sábado, e era, de facto, a calma antes da terrível tempestade durante a qual Satanás enreda a alma na preparação para soltar as acumuladas tempestades. O tempo em breve viria em que Davi devia ver onde tinha errado, e lamentaria a sua decisão do fundo do seu ser. Ele devia ver que os resultados que tinha julgado bons, eram considerados à vista de Deus como sendo mal da pior espécie.

“O Senhor não mandou Davi, à busca de protecção, aos filisteus, os piores adversários de Israel. Esta nação, precisamente, estaria entre seus piores inimigos, até ao fim, e no entanto fugira para eles à procura de auxílio em seu tempo de necessidade. Tendo perdido toda a confiança em Saul e nos que o serviam, lançou-se à mercê dos inimigos de seu povo. Davi era um bravo general, e tinha-se demonstrado guerreiro prudente e bem sucedido; mas estava a agir directamente contra seus próprios interesses quando foi aos filisteus. Deus o havia designado



para levantar Seu estandarte na terra de Judá, e foi a falta de fé que o levou a abandonar seu posto de dever sem ordem da parte do Senhor.

“Deus foi desonrado pela incredulidade de Davi. Os filisteus tinham temido a Davi mais do que a Saul e seus exércitos; e, colocando-se sob a protecção dos filisteus, Davi patenteara-lhes a fraqueza de seu povo. Destarte ele animou esses implacáveis adversários a oprimirem Israel. Davi tinha sido ungido para ficar na defesa do povo de Deus; e o Senhor não queria que Seu servo animasse os ímpios, descobrindo-lhes a fraqueza de seu povo, ou dando uma aparência de indiferença pelo bem-estar do mesmo. Ademais, receberam seus irmãos a impressão de que ele fora aos gentios para servir aos seus deuses. Por meio deste acto deu motivo a que fossem mal-interpretados os seus intuitos, e muitos foram levados a entreter preconceito contra ele. A própria coisa que Satanás desejava que ele fizesse, foi levado a fazer; pois, procurando refúgio entre os filisteus, Davi proporcionou grande exultação aos inimigos de Deus e de Seu povo. Davi não renunciou ao culto a Deus, nem cessou a devoção para com a Sua causa; mas sacrificou a confiança n’Ele pela sua segurança pessoal, e assim deslustrou o carácter recto e fiel que Deus requer que Seus servos possuam.” *Idem*, 720, 721.

Quão diferente era a avaliação de Deus da acção de Davi da sua! Enquanto Davi estava cheio de satisfação acerca dos resultados dos seus planos, o Altíssimo estava triste, desapontado, e frustrado nos Seus esforços para rapidamente dar o trono ao Seu eleito. Além disso, mesmo apesar de ele não poder ver isso ainda, a acção de Davi estava gerando uma tempestade de dificuldades que, não fora a salvadora graça de Deus, destruí-lo-ia completamente.

As Escrituras revelam frequentemente esta diferença entre o julgamento humano e o divino. O que os Seus filhos consideram ser o melhor curso, Deus reconhece como o pior. O tempo sempre tem confirmado que quando os homens tomam sobre si a responsabilidade de planejar a obra de Deus, desastre tem sido o resultado certo. Com muitos exemplos relatados acerca disto, os cristãos deviam estar para sempre libertos de qualquer disposição para elaborar as decisões, contudo, quão frequentemente cada geração sucessora, ignorando as lições da história, repete os erros do passado!

Os cristãos precisam compreender que a responsabilidade de conduzir a obra de Deus não repousa sobre eles. Essa é a posição do Senhor. As suas obrigações são totalmente satisfeitas quando obtêm as suas instruções de Deus e levá-las a cabo segundo as Suas especificações exactas. Aqueles que se empenham em obedecer desta maneira, frequentemente encontrar-se-ão em frente de aparentes fracassos e fortemente tentados a seguir um caminho alternativo, que, no seu julgamento, evitarão as reincidências e perdas que aparentemente os ameaçavam, mas sob nenhuma circunstância deviam eles submeter-se a esta disposição. Com os olhos fixos nas infinitas capacidades e confiante lealdade, devem confinar-se a si mesmos à estrita obediência das Suas instruções. Se Davi tivesse sido cuidadoso acerca disto, teria sido salvo de uma grande quantidade de angústia e dificuldade.

Uma característica daqueles que tomam o papel de tomar decisões na causa de Deus é que permanecem “leais” a ela, e embora estejam realmente a trabalhar contra Deus não se entregam aos caminhos dos incrédulos. De acordo com isso, quando Davi chegou à Filístia, não se estabeleceu na capital amaldiçoada pelo pecado onde ele e especialmente os seus seguidores estariam sob contínua tentação para completamente capitular na sua lealdade a Deus em troca de uma vida de idolatria. Pelo contrário, ele pediu um sossegado retiro afastado da cidade, onde ele e o seu grupo podiam manter a sua adoração ao verdadeiro Deus. Assim o rei deu-lhes Ziclague, um pequeno centro a leste de Gate.

Tendo-se colocado sob a protecção dos filisteus, era importante que Davi mantivesse essa protecção assegurada. Ele tinha que fazer parecer que estava verdadeira e finalmente desligado do seu próprio povo. Portanto, quando ele saía a investir contra os aliados dos filisteus ao sul,

relatava ao rei que tinha devastado o território israelita. Isto era uma mentira directa da qual Deus não era certamente o autor.

“E subia Davi com os seus homens, e deram sobre os gesuritas e os gersitas, e os amalequitas: porque antigamente eram estes os moradores da terra desde como quem vai para Sur até à terra do Egipto.

“E Davi feria aquela terra, e não dava vida nem a homem nem a mulher, e tomava ovelhas, e vacas, e jumentos, e camelos, e vestidos; e voltava, e vinha a Aquis.

“E dizendo Aquis: Sobre onde destes hoje? Davi dizia: Sobre o sul de Judá, e sobre o sul dos jerameleus, e sobre o sul dos queueus.

“E Davi não dava vida nem a homem nem a mulher, para trazê-los a Gate, dizendo: Para que porventura não nos denunciem, dizendo: Assim Davi o fazia. E este era o seu costume por todos os dias que habitou na terra dos filisteus.

“E Aquis confiava em Davi, dizendo: Fez-se ele por certo aborrecível para com o seu povo em Israel; pelo que me será por servo para sempre.” *1 Samuel 27:8-12.*

Como Davi viu que o rei aceitou os seus relatos, tinha razão para estar satisfeito com os meios que estava a usar para convencer o governante que podia confiar nele. Não sabemos quantas vezes estas mentiras foram repetidas, mas seriam tantas vezes quantas Davi saiu a destruir os inimigos de Israel durante o período de “um ano e quatro meses”. Versículo 7. A consciência de Davi deve tê-lo acusado todas as vezes que enganou o seu amigo, o rei, mas sem dúvida silenciou a voz interior com o argumento que os fins justificam os meios.

Pode compreender-se como uma pessoa minta sob a pressão de súbita inesperada tentação, mas é mais difícil compreender Davi que sabia muito tempo antes que diria as mesmas mentiras ao rei sempre que voltasse da batalha. O facto era que Davi se tinha privado de qualquer outra escolha. Uma vez que tinha tomado a responsabilidade de tomar as decisões, tinha que resolver os problemas que criasse fossem quais fossem os meios ao seu alcance, e estes limitavam-se, à força e engano. Como o primeiro era obviamente inadequado e indesejável foi deixado com o último. *Sob todas as aparências*, o procedimento operou com muito sucesso, pois o rei acreditava e confiava nele.

Satanás viu os procedimentos com grande satisfação. Ele tinha induzido o filho de Jessé a deixar as suas responsabilidades divinamente apontadas em Judá e a procurar protecção na terra dos seus inimigos mais mortais, os filisteus. Ali, induziu Davi a convencer o rei que era um aliado leal e que era de confiança para lutar pela causa do rei em tempo de guerra, particularmente contra o seu próprio povo, os israelitas. Por conseguinte, todo o movimento que Davi planeava estava a dar possibilidade a Satanás para emaranhá-lo num terrível enredamento destinado a destruí-lo.

Se a guerra tivesse sido contra os amalequitas ou outras nações amaldiçoadas desse tempo, Davi não teria estado em dificuldade, porque podia ir lutar contra esses povos. Porém, os filisteus não estavam interessados em tais campanhas. Eles estavam determinados a destruir Israel. Por conseguinte, Davi e os seus homens viram-se subitamente solicitados a juntarem-se a Aquis numa guerra contra o povo de Deus, que era algo que ele nunca podia fazer.

“E sucedeu naqueles dias que, juntando os filisteus os seus exércitos para a peleja, para fazer guerra contra Israel, disse Aquis a Davi: sabe decerto que comigo sairás ao arraial, tu e os teus homens.” *1 Samuel 28:1.*

Com que angústia deve Davi ter ouvido as palavras de Aquis a quem não se atrevia a trair os seus verdadeiros sentimentos ou limitações. Ele imediatamente viu a situação em que ele próprio se tinha colocado. Ao dar a ideia que tinha abandonado Israel para sempre e era agora um com os filisteus, Davi tinha naturalmente levado o monarca a esperar o seu apoio nesta guerra contra Israel. De facto, o rei provavelmente sentiu que Davi consideraria bem-vinda a oportunidade de se defender de Saul.

Mas apesar da sua transferência de confiança em algumas áreas, de Jeová para si próprio, continuava a ser um filho de Deus, e no coração era leal à causa e interesses de Deus. Portanto, ele nunca podia sair e lutar contra o seu próprio povo, mas ele não podia dizer isto ao rei a quem tinha sido dada uma ideia muito diferente. Tudo o que ele podia fazer era procurar ganhar tempo na esperança que algum livramento se manifestasse. Assim respondeu ao rei evasivamente, mas de uma forma que deixou o monarca com a impressão que iria consigo lutar contra os israelitas.

“Então disse Davi a Aquis: Assim saberás tu o que fará o teu servo. E disse Aquis a Davi: Por isso te terei por guarda da minha cabeça para sempre.” Versículo 2.

“Aquis compreendeu estas palavras como uma promessa de auxílio na guerra que se aproximava, e comprometeu sua palavra a conferir a Davi grande honra, e dar-lhe elevado cargo na corte filisteia.” *Patriarcas e Profetas*, 722.

Em que situação embaraçosa se encontrava Davi!

Se recusasse ir lutar, o monarca rapidamente daria conta da natureza enganadora do seu procedimento. Um enganador declarado é um homem perigoso. Aquis, assim como todos os potentados antigos, mantinha o seu poder pela implacável eliminação de todo aquele que o ameaçasse, teria sumariamente executado Davi de imediato, e decretava a morte de todos os seus seguidores e famílias.

Por outro lado, se ele fosse lutar, teria sido um traidor de Deus e do seu país. Ter-se-ia excluído do trono prometido e estabelecido como inimigo de Deus e do seu povo. Isto ter-lhe-ia custado o maior preço de todos — a vida eterna. Sem dúvida, o futuro rei de Israel, o arquitecto dos próprios problemas, enfrentava agora a maior crise da sua carreira.

Se ele tivesse permanecido em Judá onde Deus o tinha colocado, nem Saul nem Aquis lhe teriam pedido que participasse na guerra. Teria sido um espectador neutro do lado de fora, observando Deus em operação para o colocar no trono. Não se teria achado obrigado a enganar Aquis e este não teria sido falsamente levado a esperar grandes coisas dele.

Foi por causa dele se fazer planeador, que se achou nesta terrível posição onde, não importava o caminho que seguisse, perderia tudo. Este é mais um testemunho bíblico acrescentado ao número que já mencionámos, testificando o resultado certo do planeamento humano. À medida que testemunho após testemunho é assim chamado, deve convencer *aqueles que estão prontos a aprender*, que não há segurança em tais procedimentos, e que é o único com capacidade para planear para nós em Sua obra.

Davi certamente merecia ser deixado a sofrer todas as consequências das suas decisões. Ele próprio se tinha colocado onde estava, e justiça, de acordo com a definição do homem, exigia que Davi fosse severamente punido “para lhe ser ensinada uma profunda lição”. Era uma oportunidade para Deus dizer, *se este fosse o Seu caminho*: “Davi se tu Me tivesses dado ouvidos e seguisse as Minhas instruções nunca estarias na situação em que agora te encontras. É altura de cuidadosamente aprenderes esta lição. Vou deixar-te para realmente sofreres de modo que no futuro te lembrarás de onde os teus planos podem vir.”

Este é o carácter com que Satanás sempre procura apresentar Deus. Tendo levado o crente a confiar nos seus próprios métodos e assim cair em pecado, argumenta que a punição é merecida e que o errante dificilmente pode esperar que Deus o livre do enredamento em que ele próprio se enredou. Primeiramente, Satanás diz ao pecador que deve desenredar-se a si mesmo da dificuldade como um testemunho das boas intenções, antes de vir a Deus com a esperança de perdão e bênção. Isto é um engano no qual milhares tem caído, com triste resultado que quanto mais tentam resolver os problemas, mais complicados se tornam.

Se alguma vez houve um tempo em que o crente necessitasse de saber como Deus Se relacionaria com a situação, foi quando os próprios planos dos cristãos o colocaram em sério problema. Este conhecimento, adquirido pelo estudo de tais exemplos como Deus deu no tratamento com o errante Davi, encherá o crente de coragem para entregar todas as suas

dificuldades merecidas ao Altíssimo, e instruí-lo-á nos procedimentos a serem seguidos para assim fazer. Sábio é o filho de Deus que diligentemente estuda como Deus operou com Davi e outros heróis bíblicos.

Obviamente Deus podia fazer pouco ou nada por Davi, se, no seu embaraço, ele mesmo tivesse procurado desesperadamente resolver o problema embora pedisse a Deus que o ajudasse a fazê-lo. Temos verificado que tanta quantidade de planeamento próprio lhe causou tanta dificuldade, mais desse planeamento apenas produziria ainda mais dificuldade.

Felizmente, Davi não cometeu este erro. Totalmente conhecedor da gravidade da situação e que os seus próprios planos eram a causa do seu dilema, sabia que manter o seu anterior caminho era render-se completamente ao poder de Satanás. A sua única esperança era entregar todo o fardo ao Senhor e deixá-lo ali para que Ele o resolvesse. Tendo feito isto, Davi então prosseguiu construindo uma forte e activa fé e tomou a solene determinação que, não importava qual o custo, não uniria forças com Aquis contra o povo de Deus.

Já foi mencionado que todas as vezes que o povo de Deus *desvia a sua mente*, quando rodeado pelo perigo, das desencorajadoras circunstâncias à sua volta e fixa os seus pensamentos no carácter, obras, e promessas de Deus, saem da situação mais do que vencedores. Tem sido salientado que este é o factor chave que faz a diferença entre a derrota e a vitória.

Nesta ocasião, quando Davi se encontrou realmente marchando com os filisteus em direcção à frente de batalha, foi isto que ele fez. Tão seguramente como o fez, assim o seu livramento foi garantido.

“Mas, embora a fé de Davi tivesse vacilado um tanto nas promessas de Deus, ele ainda se lembrou de que Samuel o ungira rei de Israel. *Recordou* as vitórias que no passado Deus lhe havia dado sobre seus inimigos. *Reviu* a grande misericórdia de Deus, guardando-o das mãos de Saul, e resolveu não trair um encargo sagrado. Mesmo que o rei de Israel tivesse procurado sua vida, ele não uniria suas forças com os inimigos de seu povo.” *Idem*, 722.

Desde que Davi tivesse afastado a sua mente das desencorajadoras circunstâncias nas quais estava colocado, e passasse o seu tempo recordando a fidelidade de Deus na sua experiência passada, a sua fé não tinha outro remédio senão crescer. Quando ele acrescentou a decisão que não trairia o seu Pai celestial porque o poder solucionador de Deus o tornaria possível, então *nada podia possivelmente sair errado*, e nada saiu.

Deus não necessitou de lançar dardos de condenação pessoal contra Davi, pois Davi viu com grande clareza onde tinha retribuído a Deus mal por bem.

“Davi foi levado a compenetrar-se de que tinha errado seu caminho. Muito melhor ter-lhe-ia sido refugiar-se nas potentes fortalezas de Deus, nas montanhas, do que entre os declarados inimigos de Jeová e Seu povo.” *Idem*, 739

Por isso, à medida que ele *recordava* as suas experiências passadas e *relembrava* a forma como Deus o tinha guiado e protegido tão fielmente quando Lhe foi dada a oportunidade, compreendeu os graves erros que havia cometido e quanto tinha prejudicado a obra do Senhor. Ele sabia que merecia o castigo mais severo e não teria culpado Deus em nada se os céus se tivessem aberto e derramado fogo sobre a sua desprotegida cabeça. Em profundo arrependimento, fervorosamente desejou nunca ter permitido a si mesmo afastar-se dos caminhos do Senhor, e solenemente decidiu que guardaria a sua alma com grande cuidado no futuro.

“Mas o Senhor, em Sua grande misericórdia, não castigou este erro de Seu servo, deixando-o entregue a si mesmo em sua angústia e perplexidade; pois, embora Davi, perdendo seu apego ao poder divino, houvesse vacilado, e se desviado da senda da estrita integridade, era ainda o propósito de seu coração ser fiel a Deus. Enquanto Satanás e sua hoste estavam ocupados, auxiliando os adversários de Deus e de Israel a fazerem planos contra um rei que abandonara a Deus, os anjos do Senhor estavam agindo para livrarem Davi do perigo em que caíra.

Mensageiros celestiais actuavam nos príncipes filisteus para que protestassem contra a presença de Davi e sua força no exército, no conflito que se aproximava.” *Idem*, 739, 740.

O pecado de Davi havia sido fazer os seus próprios planos em vez de procurar orientação de Deus. Este parágrafo iguala este procedimento com o afastamento “da vereda de estrita integridade”, que é o caminho da fiel aceitação dos procedimentos de Deus. Quer aprecie ou não, quando uma pessoa entra no serviço de Deus, compromete-se a operar dentro desse serviço de harmonia com os princípios divinos. Qualquer desvio destes procedimentos é um afastamento da estrita integridade — infidelidade às condições do contrato do serviço. Mentir a Aquis, não era afastamento, porque Davi já tinha deixado a vereda antes de enganar o rei. Isso era apenas o fruto de ter deixado os caminhos de Deus em troca dos seus.

Do lado do crédito, estava ainda no coração de Davi ser leal a Deus, mesmo apesar dele o procurar de forma errada. Como esta era a predominante disposição no interior de Davi, Deus era capaz de operar poderosamente desde que o problema Lhe fosse entregue. O futuro rei de Israel não tinha ideia de como Deus pudesse possivelmente libertá-lo, mas sabia que Deus não era apanhado de surpresa, e tinha já operado uma perfeita solução. Ele apenas tinha que esperar pacientemente pelo seu livramento.

Aconteceu então que os nobres filisteus estavam tão perturbados com receio que foram protestar junto do rei.

“Que fazem aqui estes hebreus?” exclamaram os príncipes filisteus, acercando-se de Aquis. Este, não querendo desfazer-se de um aliado tão importante, respondeu: ‘Não é este Davi, o criado de Saul, rei de Israel, que esteve comigo há alguns dias ou anos? e coisa nenhuma achei nele desde o dia em que se revoltou, até ao dia de hoje?’

“Mas os príncipes iradamente persistiram em seu pedido: ‘Faze voltar a este homem, e torne ao seu lugar em que tu o puseste, e não desça connosco à batalha, para que não se nos torne na batalha em adversário: porque com que aplacaria este a seu senhor? Porventura não seria com as cabeças destes homens? Não é este aquele Davi, de quem uns aos outros respondiam nas danças, dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém Davi as suas dezenas de milhares?’ A morte de seu famoso campeão e a vitória de Israel naquela ocasião ainda estavam vivos na memória dos príncipes filisteus. Não criam que Davi combatesse contra seu próprio povo; e, caso tomasse, no calor do combate, o lado deles, poderia infligir maior dano aos filisteus do que faria o exército todo de Saul.” *Idem*, 740.

À medida que os dias passavam e eles marchavam cada vez mais perto da frente de batalha, Davi viu o tempo a esgotar-se sem ver qualquer evidência que Deus estivesse a fazer alguma coisa para o salvar. É assim quando a pressão para regressar às suas próprias obras vem pesadamente sobre o agente humano. Isto é quando ele deve *manter a sua mente afastada* do seu perigo e continuar a *relembrar* o passado e a *recordar* as maravilhosas capacidades de Deus, caminhos, e fidelidade em que se pode confiar, enquanto resolutamente recusa tomar os assuntos nas suas próprias mãos outra vez.

Embora Davi não pudesse ver isso, Deus estava a operar diligentemente por si e ele necessitava apenas esperar pacientemente que essas obras se desenvolvessem. Isso não aconteceu até à vespera da batalha em que o divino Salvador foi capaz de voltar as coisas a favor de Davi. Entretanto, o ungido do Senhor tinha que preservar em simples fé enquanto toda a visível evidência afirmava que o seu caso não tinha remédio. Contudo, os nobres finalmente convenceram o rei o qual foi compelido a informar Davi da falta de confiança deles a seu respeito.

“Assim Aquis foi obrigado a ceder, e, chamando a Davi, disse-lhe: ‘Vive o Senhor, que tu és recto, e que a tua entrada e a tua saída comigo no arraial é boa aos meus olhos: porque nenhum mal em ti achei, desde o dia em que a mim vieste, até ao dia de hoje: porém aos olhos dos príncipes não agradas. Volta pois agora, e volta em paz: para que não faças mal aos olhos dos príncipes dos filisteus.’



*Nós podemos olhar para o Senhor em busca de auxílio mesmo na pior situação.  
Ali encontraremos sempre ajuda.*

“Davi, receando trair seus verdadeiros sentimentos, respondeu: ‘Por quê? que fiz? ou que achaste no teu servo desde o dia em que estive diante de ti, até ao dia de hoje, para que não vá e peleje contra os inimigos do rei meu senhor?’

“Em resposta Aquis deve ter produzido um estremecimento de vergonha e remorso no coração de Davi, ao pensar quão indignos de um servo de Jeová eram os enganos a que se rebaixara. ‘Bem o sei; e que na verdade aos meus olhos és bom como um anjo de Deus,’ disse o rei, ‘porém disseram os príncipes dos filisteus: Não suba este connosco à batalha. Agora pois amanhã de madrugada levanta-te com os criados do teu senhor, que têm vindo contigo: e, levantando-vos pela manhã de madrugada, e havendo luz, parti.’ Deste modo a cilada em que Davi se enredara, rompera-se, e ele ficou livre.” *Idem*, 740, 741.

Que perfeito Solucionador de problemas é Deus!

Aqui, nas Suas relações com Davi, está a revelação da perfeição dos caminhos do nosso Pai celestial; a demonstração de como Ele pode desenredar e desenredará as piores dificuldades, desde que o problema seja entregue nas Suas mãos. Tão total foi a libertação de Davi que mesmo Aquis permaneceu ignorante dos enganos praticados sobre si. Procura-se em vão pelo mais pequeno castigo imposto sobre Davi, mas ele regressou da frente de batalha tão completamente livre como se nunca tivesse pecado contra Deus ou contra o rei. Deve ter parecido demasiado bom para ser verdade, mas era suficientemente real. Com que adoração e louvor pelo maravilhoso Libertador deve Davi ter marchado de regresso a Ziclague outra vez.

Esta história fornece um contraste entre o resultado dos planos e soluções humanos e divinos. Quando as diferenças são vistas, elas deviam prover a cura para o persistente problema do homem substituir Deus neste papel. Se ele o fizesse, então quão depressa a obra de Deus seria finalizada e Jesus regressaria!

É a intenção de Deus que o relato das experiências de Davi nos ensinem a loucura de seguir os nossos próprios caminhos, e a infalível perfeição dos Seus procedimentos. O Senhor quer que nós saibamos quando, devido à nossa mal orientada loucura, nos metemos em águas profundas, o único caminho de escape é lançar o problema nas Suas mãos. Uma vez que isso Lhe tenha sido totalmente entregue, Ele pode rapidamente resolvê-lo. Ao fazê-lo, exporá a mentira de Satanás que Jeová volta as Suas costas àqueles que buscam o Seu livramento das dificuldades trazidas sobre si pelas suas próprias maquinações. Satanás deseja que nós creiamos que Deus obtém grande satisfação vendo os Seus filhos sofrerem as consequências de sua desobediência.

Eu estou profunda e sinceramente grato a Deus pela preservação dos relatos do tratamento de Deus com Davi tanto no seu pecado como na sua recuperação. O conhecimento dos caminhos de Deus obtido desse modo, literalmente salvou a minha vida. Isso aconteceu como se segue:

A minha vida, tal como a de Davi havia sido uma mistura de planos humanos com planos divinos. Algumas vezes eu olhava para Deus com firme admiração, mas outras eu mesmo tomava a obra. Por algum tempo, eu parecia agir bem ao resolver os meus assuntos, mas chegou inevitavelmente a altura em que as minhas dificuldades se acumularam e amadureceram. Então verifiquei que as coisas que eu pensei como movimentos favoráveis eram simplesmente uma marcha do inimigo para a batalha. Tendo-se colocado em terreno vantajoso, estava pronto a estender a sua armadilha bem preparada.

Eu não podia ver saída do dilema. A ruína estava na minha frente. Eu vi o fim da minha carreira e a precipitação de muita tristeza e angústia sobre os meus amados, amigos e discípulos. Foi um tempo de grande dificuldade e terrível preocupação. Eu olhei com pesar para o meu procedimento anterior e desejei viver a minha vida de novo com a sabedoria obtida através da experiência. Eu sabia, contudo, que nenhum livramento podia ser encontrado nesta direcção.

Eu também sabia que merecia completamente a punição prestes a cair sobre mim como resultado de seguir os meus próprios caminhos, e estava quase resignado a sofrê-la. Não perdi tempo em justificação própria, pois estava totalmente ciente que não podia honestamente culpar

alguém senão eu mesmo. Este humilde reconhecimento da situação removeu qualquer disposição de procurar salvação. Pelo contrário, eu estava resignado à minha merecida sorte.

Todavia, o que profundamente me preocupava era o reconhecimento que eu não sofria a punição sozinho. A causa de Deus e muitas pessoas inocentes — membros da família, membros da igreja como eu — também sofreriam terrivelmente. Quando vi a extensão em que o inocente seria levado a sofrer com o culpado, então fui impulsionado a procurar salvação, não por minha causa, mas pelos outros.

Satanás, evidentemente, tinha decidido que o máximo dano fosse causado a todos os intervenientes, e foi pronto em argumentar que eu não podia esperar misericórdia de Deus e que Ele com certeza não me livraria. O inimigo disse-me que eu próprio me coloquei neste enredamento e eu devia libertar-me primeiro, e depois ir a Deus, confessar os meus erros, suplicar o Seu perdão, e deixá-l'O ser o planeador daí em diante.

Satanás sabia perfeitamente que se eu acrescentasse mais dos meus planos e soluções ao que me tinha trazido tanta dificuldade como aquela que eu estava a enfrentar, seria lançado numa situação mais desesperada ainda, porque Deus não pode salvar-nos quando estamos a trabalhar para nos salvarmos a nós mesmos. Os únicos problemas que Ele pode solucionar, são aqueles que Lhe são totalmente confiados.

Não conhecesse eu os maravilhosos caminhos do Senhor como estão revelados no seu tratamento com Davi, quando este abandonou todas as tentativas para resolver as dificuldades por si mesmo e entregou todo o problema a Deus, seguramente teria seguido as sugestões de Satanás. Se tivesse sido este o caso, com certeza não estaria a escrever este testemunho hoje. Ruína para a vida, tal como a que Davi enfrentou, teria sido a minha sorte.

Vendo a completa loucura de tentar solucionar eu mesmo o problema, decidi que, mesmo se tivesse que perecer, não regressaria às minhas próprias obras para obter libertação. Se Deus não me salvasse, ninguém o faria, tão total foi a minha entrega aos princípios do repouso do sábado.

Compreendendo como nunca antes os males dos planos humanos, fui capaz de confessar com uma extraordinária profundidade de contrição os pecados que tinham maculado o meu procedimento anterior. Eu reconheci que a dificuldade que me esmagava era inteiramente provocada por mim próprio e que eu merecia completamente toda a perda, tristeza, e sofrimento que estava a ameaçar-me. Supliquei ao Senhor para o adiar, não por minha causa mas por causa das partes *inocentes* que sofreriam pelos meus pecados, e em virtude da causa de Deus sobre quem um mau reflexo seria lançado.

E eu orei com uma forte e activa recordação do que Deus tinha feito por Davi, e argumentei para mim mesmo que aquilo que Deus fez por ele era a revelação e a promessa do que faria por mim. Pela fé, lancei-me nas graças de um Redentor perdoador do pecado que se deleita em solucionar os problemas que Lhe são levados, não importa quão indigno o suplicante possa ser.

Quando assim fiz, um plano formou-se na minha mente, não como um resultado das minhas próprias invenções, mas de outra e mais poderosa inteligência. Foi um plano maravilhoso, requerendo que eu adoptasse um certo curso de acção, enquanto outros, não incitados por mim, teriam que simultaneamente dar passos cruciais para o sucesso da solução sem conhecerem tanto o problema para a solução do qual estavam a contribuir, como não sabiam porque motivo estavam fazendo o que faziam.

O equivalente a isto na experiência de Davi foi a acção dos nobres que protestaram junto do rei sem compreenderem que eles eram os principais instrumentos na realização da libertação de Davi. É uma experiência incrível observar os outros a executarem a vontade de Deus desta forma sem saberem o significado das suas acções. Produz profunda apreciação das capacidades do Senhor como Solucionador de problemas.

Quando Deus utiliza indivíduos, tal como os nobres filisteus, para desempenharem uma parte vital na solução de um problema, Ele deve operar dentro de certos limites específicos. Como Ele



nunca emprega a força para alcançar os Seus objectivos, não pode realmente tomar o controlo das pessoas envolvidas. Mas ele está completamente conhecedor dos receios, desejos, e necessidades de pessoas diferentes, e sabe até que ponto responderão às sugestões que lhes são transmitidas pelo Espírito Santo com toda esta informação ao Seu dispor compreende exactamente o que pode e não pode ser feito através dos recursos disponíveis e então escolhe a solução que, sob as circunstâncias melhor pode ser executada.

No caso de Davi, Jeová compreendeu os receios que profundamente perturbavam os nobres filisteus. Ele sabia que os seus argumentos combinados convenceriam o rei, e que agiriam quando o Espírito Santo estimulasse os seus receios lembrando-lhes, através do ministério dos santos anjos, o perigo que acompanhava a presença de Davi entre eles. Deus não os forçou a irem ao rei. Ele simplesmente os ajudou a compreenderem mais completamente a verdadeira natureza da ameaça que os acompanhava. Na ida ao rei, eles foram totalmente motivados pelo interesse próprio e não sabiam o maravilhoso serviço que estavam simultaneamente prestando à causa de Deus.

O plano resultou tão bem que estamos no perigo de pensar que Deus arbitrariamente escolheu uma solução, e depois manipulou cada participante para desempenhar a sua parte designada quisesse ou não, mas Deus nunca opera desse modo. Ele seleccionou e rejeitou todas as possibilidades que não podiam resultar e depois escolheu aquela que, sob as circunstâncias, não podia falhar.

No meu caso, quando o plano se formou na minha mente, compreendi que Deus ou Satanás eram a sua fonte, se bem que, nessa altura, não podia decidir quem. Eu estava alerta para o perigo que Satanás tem o poder para dar soluções que têm toda a aparência de terem origem divina, sendo o seu propósito desviar o cristão para o seu serviço, enquanto o mantiver crendo que está servindo a Deus. Somente quando o crente é conhecedor dos enganos de Satanás e mantém uma fiel e devotada vigilância contra eles, pode estar seguro. Essa pessoa sabe que servindo Satanás involuntariamente não diminui a eficácia desse serviço para Satanás e contra Deus. A causa de Senhor nunca é avançada desta maneira. Não importa quão próxima caminhe de Deus, uma pessoa nunca é colocada para além do perigo do engano, como é provado pela experiência no monte da tentação. Ninguém jamais caminhou tão próximo de Deus como o Salvador, contudo, Satanás veio a Ele como um brilhante anjo de luz com um plano que parecia ter sido formado no Céu. Mas Cristo era extremamente prudente para aceitar o oferecimento sem primeiramente fazer-lhe um cuidadoso teste. O enganador foi rapidamente desmascarado e o plano rejeitado.

Todo o plano que aparenta vir de Deus deve ser cuidadosamente testado, especialmente se parece atractivo à nossa humanidade duvidosa. O inimigo, sabendo o que mais fortemente apela ao homem e à mulher, é um perito em esquemas calculados para obter a sua aceitação. Ao mesmo tempo, ele sabe como vestir o lobo com pele de ovelha para tornar a aceitação justificável, e para dissimular, tanto quanto possível, qualquer necessidade de violar princípios. Ele é demasiado astuto nisto, de modo que em muitas ocasiões será impossível detectar qualquer aparente injustiça nos seus esquemas, tornando tudo demasiado fácil para ser aceite como vindo de Deus.

Há, contudo, algumas ocasiões em que Satanás não se preocupa em disfarçar os seus enganos de muito perto, pois ele vê que aquele que está sob perseguição perdeu a sua firmeza na fé viva e está pronto a aceitar qualquer solução que lhe é oferecida. A experiência de Davi em Nobe ilustra este facto. Ele era um homem sem a protecção da lei fugindo do rei e não sabia em quem podia confiar. Enquanto estava sob esta ameaça de morte, um plano foi-lhe sugerido que envolvia dizer uma imediata mentira ao sumo sacerdote. Davi devia ter reconhecido instantaneamente que esta solução era de origem satânica, se soubesse que apenas Satanás é o autor de todas as mentiras e enganos, mas o filho de Jessé estava demasiado preocupado em salvar-se a si mesmo para testar a proposta.

Quando um cristão é vencido pelas tentações que exigem violações óbvias dos princípios, ele mostra uma inexcusável falta de força e discernimento espiritual. Tais necessitam precipitar-se para a divina Presença para ganhar poder espiritual e clareza de percepção.

Contudo, não importa quão penetrante seja o poder e percepção espiritual, há situações em que é impossível dizer se o plano foi mandado por Deus ou por Satanás. Sabendo que Satanás tem poder para vir como um anjo de luz como quem vem em resposta às nossas orações, levanta-se a séria questão de como tais problemas podem ser tratados com segurança. Especialmente naqueles casos onde o crente tem uma parte a desempenhar na resolução do problema, ele deve ser capaz de positivamente determinar se a solução é de origem divina ou satânica.

Não há necessidade de estar ansioso, porque Deus providenciou um caminho de escape de todo o engano de Satanás.

“Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.” *1 Coríntios 10:13.*

Todo o crente necessita conhecer o surpreendentemente simples modo de escapar deste problema.

O primeiro passo é reconhecer que o problema acerca do qual se orou, foi adicionado por outro — a necessidade de identificar positivamente se a resposta recebida é de Deus ou de Satanás.

Por isto ser um problema, deve ser tratado como tal. Entregá-lo directamente nas mãos do Omnipotente Solucionador de problemas e deixá-l’O dar a solução.

Quando isto foi feito, perfeita protecção contra o engano e desvio é assegurada, porque, se o plano veio de Deus, Ele o executará com sucesso, mas se não, Ele rejeitá-lo-á e o esquema dissipar-se. Isto para Ele é uma questão muito simples, desde que o problema esteja nas Suas mãos.

Na perfeita paz do conhecimento que o problema está nas mãos do Senhor, fazei o que há para fazer nesse dia. Se há oportunidade para levar a cabo o plano sem o forçar muito, então fazei-o, mas permaneçei sensíveis e receptivos às indicações da Providência. Se o caminho é fechado, ficai em repouso com o Senhor e na profunda gratidão que o plano se está a desfazer, pois se está a ser posto de lado por Deus é segura evidência que era de Satanás, o destruidor. Permaneçei confiantes que Deus tem toda a questão na mão e que Ele mostrará o caminho quando a altura vier. Se estes procedimentos forem fielmente seguidos, *então absolutamente nada pode sair errado.*

A necessidade de obter um novo plano quando o primeiro falha, não quer dizer que Deus fez uma solução acerca da qual Ele mais tarde pensou doutra maneira. Deus não pode elaborar um mau plano, nem Ele necessita de rescindir um em favor de outro na base de estar efectivamente errado. Ele só tem que introduzir um plano substituto quando os homens arruinam o original. Qualquer plano que falhe em resultar quando devidamente aplicado, vem de outra fonte que não o Altíssimo. Embora possa parecer muito prometedo, no final será a causa de tristeza e prejuízo, por isso é bom estar livre dele.

Estes são os princípios e procedimentos que me guiaram na minha hora de desespero. Tendo entregue de volta a Deus o plano que me foi dado, então prossegui para pô-lo em operação, pronto a abandoná-lo em qualquer momento se o caminho se fechasse para ele. Mas para meu imenso alívio, vi a proposta resultar passo a passo maravilhosamente. O que eu verifiquei ser muito espantoso foi a forma como as outras pessoas fizeram certas coisas essenciais ao sucesso do esquema, sem saberem o significado dos papéis que estavam a desempenhar, exactamente como quando os nobres filisteus serviram Deus sem o saberem.

À medida que o Senhor operava no meu problema, eu vi-o dissolver-se como o orvalho ao sol da manhã. O caminho foi aberto para o total desenredamento, sem deixar fins prejudiciais em qualquer lado. O meu Salvador guardou os segredos da minha vida tão eficazmente como

manteve Aquis na ignorância dos enganos que Davi tinha praticado sobre ele. Eu escapei das punições tão inteiramente merecidas, e isto gerou dentro de mim um serviço de amor que excedeu tudo o que eu previamente tinha imaginado. É inútil tentar convencer-me que Deus é um Deus temperamental e destruidor.

Eu conheço-O muito melhor do que isso. É o pecado que destrói, não Deus.

Estudai os caminhos de Deus tal como revelados no Seu tratamento com Davi e depois, quando as invenções humanas vos tiverem lançado em dificuldade, *desviai a vossa mente* das desencorajadoras circunstâncias em que estais colocados, *recordai*

como o Senhor salvou o Seu servo no passado, e sabei que Ele fará o mesmo por vós hoje. Fechai a vossa mente às subtis sugestões que o Altíssimo não vos perdoará e restaurará porque vós sois os autores das vossas próprias dificuldades. Lançai todo o vosso cuidado sobre Ele que cuida de vós. Quão pouco temos nós ainda experimentado o poder salvador de Deus. Permiti que as fontes do Céu sejam abertas, e suave será o repouso e a paz de Deus nos Seus santos.

Estas lições não mostram que uma pessoa pode descuidada e irresponsavelmente seguir o seu próprio caminho com o pensamento que algum dia no futuro pode regressar para Deus quando isso lhe convier. Obviamente, Deus continuará a manifestar-Se no Seu papel de Salvador, desde que o indivíduo siga os correctos procedimentos misturados com uma verdadeira e viva fé. Mas não há certeza que a pessoa que cede ao pecado sob estas condições encontrará a fé necessária quando ela é precisa. Pecar voluntariamente agora, embora dependente da certeza do perdão futuro, é fazer um jogo perigoso.

## Lição Reforçada

**F**oi dada a Davi uma educação notável na experiência pela qual passou quando marchou com os filisteus para a batalha. Colocado onde não tinha escolha senão confiar o seu caso ao Senhor, foi apresentada uma maravilhosa demonstração dos caminhos de Deus. O divino Mestre mostrou-lhe que Deus não nos trata como merecemos ser tratados, mas segundo a Sua terna bondade e amor perdoador. Era uma lição que Davi nunca devia ter esquecido.

O Senhor dá semelhantes experiências a todos os Seus amados filhos, e, a fim de consolidar o que foi ganho, Ele frequentemente permite que o crente passe pelo mesmo terreno outra vez. Súbita e inesperadamente, o cristão se acha lançado em dificuldades ainda piores do que aquelas das quais acabou de ser salvo. Satanás rapidamente argumenta que este novo enredamento é evidência que o Senhor não o salvou realmente das aflições anteriores; ele apenas teve uma saída feliz, e agora a punição caiu realmente sobre si. Num determinado esforço para separar o crente do seu grande Solucionador de problemas e assim lançá-lo em dificuldades ainda maiores, Satanás insiste consigo para que tome a questão nas suas próprias mãos. Ele argumenta que não há outra solução, pois “Deus não o ajudará até que ele se salve a si mesmo”.

Por conseguinte, quando Davi e os seus homens regressaram a Ziclague, o seu refúgio filisteu, encontrou a cidade fumegando em ruínas, as suas possessões saqueadas, e as suas famílias levadas cativas.

“Sucedeu pois que, chegando Davi e os seus homens ao terceiro dia a Ziclague, já os amalequitas com ímpeto tinham dado sobre o sul, e sobre Ziclague, e tinham ferido a Ziclague e a tinham posto a fogo.

“E levaram cativas as mulheres que estavam nela, porém a ninguém mataram, nem pequenos nem grandes; tão somente os levaram consigo, e foram pelo seu caminho.

“E Davi e os seus homens vieram à cidade, e eis que estava queimada a fogo, e suas mulheres, seus filhos e suas filhas eram levados cativos.

“Então Davi e o povo que se achava com ele alçaram a sua voz, e choraram, até que neles não houve mais força para chorar.” *1 Samuel 30:1-4.*

O caminho normal para os humanos seguirem numa situação como esta, é regressarem à confiança nos seus próprios planos. Nesse momento estão no grande perigo de cometer este desastroso erro, tal como outros antes e depois têm feito. A sua confiança em Deus estava sob

um severo ataque, porque o testemunho da vista e das circunstâncias fortemente declaravam que Deus era caprichoso e portanto, uma fonte de protecção e guia indigna de confiança.

Eles tinham feito as coisas correctamente com Deus antes de marcharem ao lado dos filisteus, tinham sido maravilhosamente libertos, e sem dúvida acalentavam a expectativa que dessa altura em diante, todas as coisas correriam bem para si. Eles provavelmente pensaram mesmo que Deus lhes daria uma vereda fácil por causa do seu arrependimento, mas quando subitamente confrontados com esta inesperada viragem dos acontecimentos, a sua tendência natural teria sido acusar Deus de deslealdade. Tendo perdido a confiança na consistência e fidelidade de Deus o único resultado possível era voltar às suas próprias obras a partir desse momento.

Reagir deste modo, como fizeram os homens de Davi, era demonstrar lamentável ignorância do resultado das leis naturais. Os seus cruéis ataques aos amalequitas tinham suscitado amargo espírito de vingança naquele povo mundano que observava a oportunidade de dar largo curso à sua fúria sobre Davi e seus homens. Quando estes, na sua demasiada confiança, deixaram a cidade desprotegida, estavam a convidar abertamente a dificuldade que estava a aproximar-se tão rapidamente. Atribuírem a um “caprichoso” Deus as suas dificuldades em vez de as imputarem a si próprios, só piorou a sua situação, e, se não fosse a atitude muito diferente de Davi, rapidamente teriam sido entregues nas mãos de Satanás.

O único passo seguro que eles podiam dar inicialmente era francamente reconhecer que estavam ameaçados pela colheita da sua própria sementeira. Uma vez estabelecida esta atitude, era o seu dever fortalecer a sua fé recordando o facto que Deus nunca lhes faltou no passado, e sempre que trouxeram calamidades sobre si mesmos como neste exemplo, o Senhor havia fielmente cumprido o Seu papel como Solucionador de problemas, desde que o problema Lhe tivesse sido entregue. Nunca devemos esquecer que o Senhor não pode resolver problemas que não Lhe sejam específica e realmente entregues.

Se os homens de Davi tivessem fortalecido a sua fé *desviando as suas mentes* das desanimadoras circunstâncias em que foram colocados, e *evocassem e recapitulassem* as maravilhosas obras de Deus no seu passado, não só teriam assegurado que Ele outra vez os livraria, mas que a destruição da sua cidade que Deus tinha permitido, era uma bênção, não uma maldição. Não seria natural nem fácil eles verem isto, nem seria possível até que ampla fé lhes clarificasse a visão.

Se eles tivessem seguido este curso, teriam estado em perfeita paz no meio de terrível adversidade, mas, infelizmente, não adoptaram este seguro procedimento. Pelo contrário, acusaram Deus e Davi das suas dificuldades e desse modo estavam tão enfurecidos que planearam apedrejar Davi até à morte. Aqui eles tinham um motivo, porque a queda de Ziclague era um subsequente resultado da proposta de Davi para encontrar refúgio entre os filisteus. Deus não era de modo algum responsável por esta calamidade.

“Com isto foi Davi de novo castigado pela falta de fé que o levava a colocar-se entre os filisteus. Teve oportunidade de ver quanta segurança poderia obter-se entre os adversários de Deus e de Seu povo. Os seguidores de Davi voltaram-se contra ele, por causa das suas calamidades. Ele tinha provocado a vingança dos amalequitas pelo seu ataque contra eles; todavia, demasiado confiante em sua segurança em meio de seus inimigos, deixara desguarnecida a cidade. Loucos de dor e raiva, seus soldados estavam agora prontos para quaisquer medidas extremas, e ameaçaram mesmo apedrejar seu chefe.” *Patriarcas e Profetas*, 741.

A ímpia incredulidade que tomou posse dos homens de Davi, colocou-o numa situação desesperada e aumentou o fardo da tentação sobre ele. Se houvesse alguma vez um tempo em que ele necessitasse abandonar os seus próprios caminhos em favor dos caminhos de Deus, era essa.

“Davi parecia desligado de todo o apoio humano. Tudo que lhe era caro na Terra, dele havia sido arrebatado. Saul o expulsara de seu país; os filisteus o expulsaram do arraial; os amalequitas

pilharam sua cidade; suas mulheres e filhos haviam sido feitos prisioneiros; e os próprios amigos de seu grupo ligaram-se contra ele, e o ameaçavam mesmo de morte.” *Idem*.

Teria sido natural Davi afirmar a sua autoridade sobre os seus homens e, com eles, fazer planos para a recuperação das suas mulheres, filhos, e possessões. Também seria desastroso para eles se tivesse feito desse modo.

Em vez disso, ele que antes tão frequentemente tinha confiado nos seus próprios recursos para planejar as suas fugas, permaneceu firme na sua lealdade a Deus como seu Planejador e Solucionador de problemas. Ele fez tudo exactamente certo e foi galardoado com uma maravilhosa vitória sobre o inimigo e a recuperação de todos os seus amados. “Nesta hora de maior extremidade, Davi em vez de permitir que seu espírito se ocupasse com tais circunstâncias dolorosas, olhou com fervor a Deus à espera de auxílio. Ele ‘animou-se no Senhor’. *Reviu* sua vida passada, cheia de peripécias. Em que o havia o Senhor abandonado? Sua alma refrigerou-se, lembrando-se das muitas provas do favor de Deus. Os seguidores de Davi, pelo seu descontentamento e impaciência, tornaram sua aflição duplamente atroz; mas o homem de Deus, tendo mesmo maior motivo de pesar, portou-se com fortidão. ‘No dia em que eu temer, hei de confiar em Ti’ — era a expressão de seu coração. *Embora ele mesmo não pudesse divisar um meio para sair da dificuldade, Deus podia vê-lo, e quis ensinar-lhe o que fazer.*” *Idem*, 741, 742.

Esta citação assegura-nos que Davi deu os passos certos neste tempo de prova.

Primeiramente, recusou *permitir* que “seu espírito se ocupasse com tais circunstâncias dolorosas...”.

Em segundo lugar, ele “olhou com fervor a Deus à espera de auxílio”.

Em terceiro lugar, “animou-se no Senhor”. Ele fez isto recordando a sua própria vida do passado, observando onde o Senhor nunca o tinha abandonado, e sendo refrescado à medida que lembrava “as muitas provas do favor de Deus”.

Em quarto lugar, apesar dele não poder ver a saída da dificuldade, a sua confiança cresceu cada vez mais forte que Deus podia ensinar-lhe e ensinou, o que fazer.

Em quinto lugar, ele não fez esforço para elaborar uma solução, mas foi a Deus através de Abiatar, o sacerdote, com a pergunta, “Se eu perseguir este exército, vencê-lo-ei?”

A resposta de Deus foi pronta e positiva, “Persegue-a, porque decerto a alcançarás, tudo libertarás.” *1 Samuel 30:8*.

Imediatamente, o tumulto entre os seus homens cessou e lançaram-se atrás do inimigo. Eles marcharam tão rapidamente que um terço do seu número sucumbiu depois das primeiras trinta milhas. Os restantes quatrocentos apressaram-se. Deus abençoou-os com a descoberta de um escravo egípcio que havia sido abandonado pelo seu senhor amalequita. Quando foi dada a garantia a este homem que não seria entregue ao seu cruel senhor, guiou Davi e os seus homens ao local onde os assaltantes estavam absorvidos numa dissoluta festa de vitória.

“Chegando à vista do arraial, defrontaram seus olhares uma cena de orgia. O exército vitorioso realizava uma grande festa. ‘Estavam espalhados sobre a face de toda a terra, comendo, e bebendo, e dançando, por todo aquele grande despojo que tomaram da terra dos filisteus e da terra de Judá.’ Ordenou-se um ataque imediato, e os perseguidores arremessaram-se ferozmente sobre sua presa. Os amalequitas ficaram surpresos e tomados de confusão. A batalha prolongou-se por toda aquela noite e o dia seguinte, até que quase todo o exército fosse morto. Apenas um grupo de quatrocentos homens, montados em camelos, conseguiram escapar. Cumpriu-se a palavra do Senhor. ‘Livrou Davi tudo quanto tomaram os amalequitas: também as suas duas mulheres livrou Davi. E ninguém lhes faltou, desde o menor até ao maior, e até os filhos e as filhas; e também desde o despojo até tudo quanto lhes tinham tomado, tudo Davi tornou a trazer.’” *Patriarcas e Profetas*, 741, 742.

Davi tinha-se afastado de si mesmo como solucionador de problemas e colocou a responsabilidade nas mãos de Deus. Com a questão completamente no Seu cuidado, Deus foi

capaz de planejar a libertação do Seu servo livre da interferência humana. Conhecendo todos os factores envolvidos — onde os amalequitas tinham ido, o grau da sua confiança própria, o seu falso sentido de segurança, e quando e onde estariam escondidos e sem guarda enquanto se entregavam a si mesmos a dissoluto festejo e bebida — Ele pôde preparar a recuperação com tanto sucesso que Davi e os seus homens recuperaram tudo o que lhes pertencia, e capturaram um imenso despojo como bônus.

Todo o que aprende, como Davi aprendeu, a afastar-se de si próprio como solucionador de problemas e entregar toda a responsabilidade inteiramente a Deus, será abençoado como ele foi, com total libertação dos problemas que os rodeavam. Não importa quão grandes as dificuldades que resultem da colheita da sementeira feita pela própria pessoa, ou quão negra e desesperada a situação possa ser, Deus tem um milhar de formas para resolver as dificuldades das quais o perturbado nada sabe. Tudo o que ele necessita fazer é confessar correctamente o pecado, entregando o problema a Deus, confiar completamente no Salvador, e fazer o que Jeová indica. Se este curso de acção for seguido o resultado só pode ser sucesso.

A coisa que Davi mais devia ter receado era a molestação das suas mulheres e filhos. Eles estiveram completamente sob o poder dos amalequitas durante vários dias, durante os quais os amalequitas tiveram toda a oportunidade de fazer o que desejassem com eles. Quando Davi invadiu o território deles, tinha morto todos os habitantes das cidades que atacou. Nem um foi deixado para levar a notícia a Aquis. Mesmo apesar de não puderem provar nada ao rei filisteu, os amalequitas sabiam que Davi era o culpado, e tinham jurado vingança. Tinham prometido a si mesmos que se alguma vez o povo de Davi ficasse sob o seu poder, sumariamente o executariam na totalidade.

Contudo a coisa espantosa é que quando isto aconteceu, estas intenções não foram levadas a cabo.

Como escapou o povo de Davi à sua sorte?

Eles escaparam por causa de Davi ter entregue a Deus a Sua legítima posição como Solucionador do problema. Ele foi assim capaz de conservar as suas vidas, mesmo apesar de se encontrarem nas mãos dos seus piores inimigos. É um testemunho do poder de Deus para restringir o pagão que nós faríamos bem em recordar durante os vindouros dias terríveis em que sofremos a perseguição dos poderes mortais que procuram destruir o remanescente observador do sábado de Deus. O que Deus fez nos dias de Davi; fá-lo-á outra vez nestes últimos tempos.

“Quando Davi invadira o território dos amalequitas, passara ao fio da espada todos os habitantes que caíram em suas mãos. Se não fosse o poder repressor de Deus, os amalequitas ter-se-iam desferrado da mesma maneira, destruindo o povo de Ziclague. Resolveram poupar os prisioneiros, desejando aumentar a honra do triunfo em virtude de levar para seu país um grande número deles, e tencionando mais tarde vendê-los como escravos. Assim, sem o saber, cumpriram o propósito de Deus, conservando os prisioneiros isentos de qualquer mal, para serem restituídos aos seus maridos e pais.” *Idem*, 743.

Uma vez mais deve ser salientado que Deus não restringiu pela força os amalequitas. Ele sabia quais os pensamentos das suas mentes e foi capaz de escolher aqueles que Ele podia fortalecer pelas Suas divinas influências. Assim foram levados a tomar decisões que preservaram as famílias de Davi e seus homens.

As experiências de Davi na Filístia parecem ter marcado um ponto de retorno na sua carreira. Depois deste triunfante regresso do salvamento daqueles que os amalequitas tinham levado de Ziclague como cativos, ele e o seu povo a princípio lançaram-se ao trabalho de reparar os estragos feitos nas habitações, mas estavam mais preocupados com o resultado da batalha entre os israelitas e os filisteus. Quando a notícia veio finalmente que Saul e Jonatas estavam mortos,

Davi sabia que o caminho para o trono estava agora aberto e que ele podia regressar em segurança ao seu próprio país.

Davi não perdeu tempo a fazer planos para o regresso. Isso era responsabilidade de Deus, não sua. De acordo com isso, ele levou o problema ao Altíssimo e esperou a Sua resposta.

“E sucedeu depois disto que Davi consultou ao Senhor, dizendo: Subirei a alguma das cidades de Judá? E disse-lhe o Senhor: Sobe. E disse Davi: Para onde subirei? E disse: Para Hebrom.” 2 Samuel 2:1.

Se Davi tivesse feito esta pergunta ao Senhor antes de deixar Israel e ir para a Filístia, nunca teria ido a Aquis. Deus teria dito, “não atraveses a fronteira”, e ele teria obedecido. Porém, ele saiu sem perguntar a colheu a messe de dificuldade como resultado.

Quando interrogado se devia voltar à sua própria terra, a pergunta de Davi era geral na natureza e Deus deu-lhe apenas ordens gerais para o regresso. Isto não satisfez Davi, que depois perguntou quase especificamente, “Para onde subirei?”

Em resposta, Deus disse-lhe exactamente para onde ir. “E disse: Para Hebrom.”

Este é o caminho de Deus, o caminho que deve ser aprendido por aqueles que serão bem sucedidos em vencer o jogo da vida. Em resposta às pessoas que procuram as Suas orientações, Deus dá apenas *ordens gerais*. Demasiados ficam satisfeitos com isto e imediatamente se propõem fazer “uma grande obra para Deus”.

Contudo, aqueles que aprenderam os caminhos do Altíssimo, sabem que também devem receber ordens específicas antes de se lançarem em qualquer projecto. Todos devem continuamente recordar que Deus nunca dá ordens *específicas* àqueles que não Lhe pedem. Portanto, a responsabilidade repousa sobre o indivíduo assegurar que recebeu não apenas as ordens *gerais*, mas também as ordens *específicas*.

O Senhor indicou a Davi que regressasse a Hebrom em vez de Jerusalém, pois Ele sabia que a nação precisava de tempo para recuperar da sua lealdade à casa de Saul. Davi obedeceu à explícita instrução que lhe foi dada, e estabeleceu-se em Hebrom de onde reinou sobre Judá durante os primeiros sete anos depois da morte de Saul. Ele não iniciou uma campanha para assegurar o reino para si, mas esperou pacientemente que Deus lho desse. Isto Jeová cumpriu no devido tempo de acordo com a Sua promessa.

Familiaridade com o que Deus fez com Davi quando este cumpriu as condições certas e seguiu os procedimentos correctos, dá uma poderosa certeza da capacidade de Deus para resolver os mais complexos e difíceis problemas. Podemos com certeza saber que aquilo que o Senhor se deleitou fazer por Davi, com satisfação fará por todos os Seus filhos, não só libertando-os da armadilha em que na sua própria loucura, independentemente do curso de acção se enredaram, mas também protegendo-os da contemplação escarnecedora do mundo mantendo as suas culpas secretas escondidas da vista. Ele tão totalmente livra o culpado do abismo do pecado e bem merecida punição dos seus erros acumulados, que é considerado como se nunca tivesse pecado.

As pessoas em geral acham estas verdades sobre o comportamento de Deus tão pouco característica daquilo que seriam levadas a crer, que têm a tendência para as rejeitar como inaceitáveis, impraticáveis, e perigosas. Isto é o que elas seriam, de facto, *se lhes fosse permitido operar na sociedade humana*, porque nesta Terra, se os criminosos não são publicamente julgados e punidos pelos seus crimes, a impiedade, violência, e injustiça multiplicam-se.

Um exemplo específico disto foi relatado nos jornais em 20 de Dezembro de 1981. Um brasileiro, Raul “Doca” Street, deu um tiro na sua amante, afirmando em tribunal que “era a única coisa que qualquer homem de sangue vermelho podia fazer”. O júri concordou e foi estabelecido um precedente. Os homens que eram infelizes com as suas mulheres ou amantes, sabiam que podiam assassiná-las sem serem punidos. Imediatamente, houve um nítido crescimento deste tipo de crime.





*O Senhor oferece-nos sempre uma saída para os nossos problemas, mesmo se ficámos enredados neles por causa dos nossos pecados.*

Um ano depois de Doca Street ser libertado, 772 mulheres — costureiras, empregadas domésticas, economistas, artesãs — foram mortas pelos seus maridos ou amantes somente em São Paulo." *The Sunday Mail*, Brisbane, Queensland, Austrália, 20 de Dezembro de 1981.

Compreensivelmente, as mulheres brasileiras vendo a protecção da lei ser retirada delas, levantaram-se num furioso protesto. Elas viram que a situação era positivamente perigosa, e não tinham intenção de a tolerar. Elas exigiram e obtiveram um segundo julgamento de Raul Street que resultou na sua condenação por homicídio.

Conquanto o espírito de vingança pudesse tê-las motivado, não era tanto como a protecção que procuravam e alcançaram. Os supostos assassinos no Brasil agora pensariam duas vezes antes de se livrarem desta maneira das esposas ou amantes rejeitados.

Sob as circunstâncias, a campanha vitoriosamente sustentada pelo grupo feminista no Brasil, era justa e correcta. Para as mulheres brasileiras cujas vidas estavam ameaçadas pelos companheiros descontentes, é uma coisa boa que a justiça fosse exigida e obtida. Um poderoso desencorajante foi assim introduzido na *sociedade brasileira*. Este incidente mostra a completa necessidade de fazer exemplos públicos dos criminosos a fim de deter outros, e assim manter a lei, ordem, e protecção da população numa sociedade pecaminosa.

Os governos terrestres não têm o poder de mudar os homens da pecaminosidade para a justiça, por isso têm que confiar na restrição imposta pelo receio para refrear as intenções criminosas das pessoas. Quanto mais eficientes as forças policiais e judiciais forem na detecção e punição dos que causam mal aos outros, mais segura e mais estável a sociedade será.

Ninguém devia jamais advogar que os criminosos não devem ser punidos ou que nenhum exemplo público fosse feito com eles, porque se esse procedimento fosse adoptado, apenas resultaria na anarquia e ruína para a nação envolvida.

Tendo discutido porque os reinos terrestres têm que operar como operam, devemos agora ver porque o reino de Deus não funciona da mesma maneira, e porque é essencial que vejamos que o Seu reino é muito diferente dos métodos e procedimentos do homem.

O reino de Deus é composto por cristãos — pessoas dentro das quais Deus implanta a disposição para fazer o bem, não o mal. Ele não depende da punição pública de um ofensor para que ele não repita o erro ou outros copiem o seu exemplo. O Senhor sabe que quando uma pessoa tem o amor de Deus dentro de si, não está no perigo de matar o seu inimigo, porque ela estará preocupada com o fazer tudo ao seu alcance para abençoar e prosperar o seu perseguidor. Os cristãos, tal como o Pai celestial, não trocam mal por mal, apenas bem por bem ou por mal, conforme seja o caso.

Portanto,

desde que uma pessoa seja um cristão;  
e profundamente se arrependa do seu pecado,  
e entregue todo o problema a Deus tão cedo quanto possível;

pode estar segura

que será completamente liberta da armadilha em que ela própria se colocou;  
ela não será forçada a suportar a sua bem merecida punição;  
ela não será feita um exemplo público;  
e Deus protegê-la-á da vergonha que acompanha todo o que reconhece o que fez.

Quando Davi cumpriu aquelas condições, o Senhor fez tudo isto por ele. É também a história daquilo que Deus se deleitará em fazer por todo aquele que segue o procedimento de Davi.

É o que o Senhor teria feito por Israel quando enfrentou o ataque violento dos babilónios. Precisamente até ao último momento, Deus insistiu com eles para que cumprissem estas condições com a promessa que se o fizessem, escapariam ao terrível castigo que lhes era devido e não seriam levados para o cativeiro.

Foi através de Jeremias que o Senhor repetidamente apelou para que Israel cumprisse estas condições e recebessem estes benefícios.

“Assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras, e vos farei habitar neste lugar.

“Não vos fieis em palavras falsas, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este.

“Mas, se deveras melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras fizerdes juízo entre um homem e entre o seu companheiro;

“Se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal:

“Eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, de século em século.” *Jeremias 7:3-7.*

Deste modo Deus assegurou-lhes que mostrassem arrependimento e deixassem a questão nas Suas mãos, nunca sofreriam a punição do cativo em Babilónia. Eles continuariam a habitar a sua própria terra tão seguramente como se nunca tivessem pecado. Mas isto aconteceria apenas se eles cumprissem as condições.

Em vez disso, eles permaneceram um povo com um coração inclinado ao pecado, deixando Deus sem escolha senão permitir que todo o peso da sua punição caísse sobre eles. Sofreram tornando-se um exemplo público para todo o mundo e tendo as suas iniquidades expostas perante a escarnecedora contemplação dos seus amigos e também dos inimigos.

É importante que o cristão se arrependa imediatamente depois de cometer um pecado, porque quanto mais tempo levar, mais tempo há para complicações se desenvolverem. Por exemplo, quando os israelitas recusaram arrepender-se antes da chegada dos babilónios, já não mais era possível a Deus salvá-los da punição do cativo. Pela sua demora tinham-se condenado a sofrer o que a acção anterior teria tornado possível a Deus evitar.

Foi lamentável que Davi não satisfizesse estas condições quando se envolveu com Bate-Seba. Ele arrependeu-se do pecado apenas depois dele se tornar conhecido de Israel, e Bate-Seba se tornar sua mulher. Entretanto, ele não entregou o problema a Deus, mas trabalhou para resolvê-lo por si mesmo, o seu primeiro erro foi chamar Urias da frente de batalha na esperança que ele dormisse com a sua mulher e pensasse que o bebé era seu. Quando isto falhou, o desespero de Davi levou-o a assassinar o seu fiel soldado.

“Todo o esforço que Davi fez para esconder seu crime se mostrou inútil. Ele havia-se entregado ao poder de Satanás; o perigo o rodeava; a desonra, mais amarga do que a morte, estava diante dele. Não havia senão um meio para escapar, e, em seu desespero, apressou-se a acrescentar o assassinio ao adultério. Aquele que tinha tramado a destruição de Saul, procurava levar Davi também à ruína. Embora as tentações fossem diversas, levavam semelhantemente à transgressão da lei de Deus. Davi raciocinava que, se Urias fosse morto pela mão de inimigos na batalha, a culpa de sua morte não poderia ser atribuída ao rei; Bate-Seba estaria livre para ser a esposa de Davi, as suspeitas poderiam ser removidas, e mantida seria a honra real.” *Patriarcas e Profetas, 771.*

Que terrível colheita de punição Davi e outros foram obrigados a suportar por causa de terem falhado em cumprir as condições que os teriam salvo de muitas dificuldades, se não de todas. Obviamente, ele nunca devia ter caído nessa situação difícil à partida, mas, uma vez ali, era imperativo que pronto arrependimento fosse acompanhado pela sua total entrega do problema ao cuidado de Deus. Qualquer outro procedimento apenas levaria a terríveis complicações e subsequentes tragédias, que, de facto, aconteceram.

O inocente e nobre Urias perdeu a sua vida.

Davi teve que enfrentar a terrível vergonha acumulada sobre si quando toda a nação se tornou conhecedora da sua transgressão.

Ele perdeu uma grande quantidade de autoridade paternal e real quando o respeito da família e da nação foi retirado.

Por toda a terra, os pecadores foram encorajados a agir segundo os ditames dos seus maus corações.

A obra de Deus foi retardada e as portas foram abertas para o avanço da terrível apostasia que manchou a história de Israel em anos posteriores.

O próprio Davi só escapou à sentença de morte — a punição exigida pela lei — por causa do povo ter pedido um monarca como os que governavam as nações que os cercavam, e isto colocou-o, tal como a eles, numa posição onde a lei não podia tocar-lhe.

A vida de Davi é na verdade um valioso livro de estudo. Primeiramente, ela salienta a importância de manter a estrita integridade. Quando, contudo, os filhos de Deus sucumbem aos astutos enganos de Satanás e se encontram em complicados enredamentos, como é tão frequentemente o caso, os relatos do tratamento de Deus com Davi são uma demonstração e uma certeza da forma como Ele nos servirá se nós simplesmente cumprirmos as condições. Familiarizando-nos completamente com estes relatos, saberemos exactamente o que esperar de Deus em tempos de crise e podemos desenvolver a coragem e fé para entregar os nossos problemas inteiramente a Ele.

A história de Davi também dá vigorosa advertência da terrível consequência envolvida nos esforços humanos para resolver problemas, quer eles se levantem por causa das nossas próprias más acções ou dos outros. Estas lições têm que ser aprendidas se quisermos entrar no repouso do sábado de Deus e estar entre os que *seguirão* o Cordeiro para onde quer que Ele vá.

## Bons Motivos Maus Resultados

**E**nquanto Satanás fica muito satisfeito quando, pelos seus enganos, adormeceu uma igreja ou um movimento com satisfação e complacência própria, ele também sabe como usar o zelo, amor, e a dedicação à causa de Deus para sua vantagem. Consequentemente, alguns daqueles que o têm servido melhor são pessoas que se têm consagrado à salvaguarda e promoção dos melhores interesses de Deus e Sua igreja, não importa qual o custo para si mesmos. Foi por isto que Cristo advertiu que quando os homens estivessem perseguindo e matando os Seus fiéis seguidores, pensariam que estavam a fazer um serviço a Deus.

“Expulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus.” *João 16:2.*

Obviamente, os que procediam desse modo não conheciam os caminhos de Deus e portanto, não podiam entrar no Seu repouso. Embora eles confiante e zelosamente *pensassem* que estavam a servir o Altíssimo Deus, estavam realmente ao serviço de Satanás.

Jesus disse, “Isto vos farão, porque não conheceram ao Pai nem a Mim”. *João 16:3.*

Quando o verdadeiro filho de Deus lê estes versículos, compreende que eles se aplicam aos que perseguem sistemas evangélicos que afirmam ser de Cristo mas são, de facto, anticristo. Ele não está errado nesta avaliação, mas deve ser cuidadoso em não limitar a aplicação a este grupo somente, porque mesmo os melhores filhos de Deus podem cometer o erro de servir Satanás enquanto pensam que estão servindo ao Senhor. Em qualquer extensão que isto seja verdade, a alma está privada do repouso do sábado de Deus.

Nenhum genuíno filho de Deus executaria *voluntariamente* qualquer serviço que retardasse a causa de Deus enquanto avançava a do inimigo. Portanto, Satanás opera arduamente para manter estes crentes na ignorância do que está realmente a fazer, ao passo que Deus dedica tempo e energia a educá-los nos princípios correctos.

Um conceito que Satanás assiduamente alimenta é a ideia que por causa de uma pessoa fazer o melhor que sabe, amar a causa de Deus com todo o seu coração e alma, estar preparada para fazer qualquer sacrifício para o avanço do reino de Deus, e não ter senão os melhores motivos, então, o que quer que esteja fazendo é para o melhor bem de todos e totalmente aceitável a Deus.

Relatos escriturísticos mostram que esta ideia é falsa; que não importa quão excelentes os motivos ou quão abnegado o zelo, se a obra não é feita segundo os correctos procedimentos, pode unicamente resultar em terrível dano causado a todos os que estão envolvidos. Enquanto

a igreja não estiver totalmente liberta desses conceitos errados, os seus membros não podem entrar no repouso do sábado, nem a obra ser finalizada e o reino estabelecido na eterna glória e infinita justiça.

Examinando um pequeno exemplo de caracteres bíblicos e caminhos que eles seguiram, provará completamente a verdade destas afirmações, e, esperançosamente, despertará todos para a compreensão de quão vital é conhecer os caminhos de Deus e seguir os Seus procedimentos divinamente apontados.

Os primeiros a serem aqui estudados são Abrão e Sarai. Olharemos primeiramente até que ponto eles tinham fé, quão dedicados eram à causa de Deus, em que medida desejavam salvar nada mais do que os melhores interesses do reino, e quão preparados estavam para fazer qualquer sacrifício para ver a obra de Deus avançar. A posse destas virtudes eram altamente recomendáveis, e todo o cristão devia ser rico em tais tesouros, se bem que deva compreender que a presença deles não santifica procedimentos errados, ou cancela as más influências e os maus efeitos. Somente quando o crente é motivado por estas forças poderosas, *e conhece e pratica os caminhos de Deus*, entrará ele no repouso.

Tal como muitos cristãos bem conhecidos, o casal patriarcal era ignorante acerca dos caminhos de Deus e acerca da lei da posição. Consequentemente, deram passos que nunca foram planejados por Deus e que grandemente serviram a causa de Satanás. A intensidade do seu zelo, a pureza dos seus motivos, e o seu sincero desejo de nada fazer para retardar a causa de Deus, em nenhum sentido minimizou os maus efeitos daquilo que fizeram. Mesmo hoje, o curso dessas ações está ainda conosco na luta sem fim entre judeus e árabes.

Abrão era um homem de ampla fé, tal como é evidenciado pela sua completa e inquestionável obediência à ordem de Jeová para abandonar a terra da sua infância, Ur dos Caldeus, e viajar sem saber para onde estava indo. Não era um pequeno sacrifício partir dessa importante capital com inacreditável riqueza e prestígio.

“A escavação de um vasto cemitério do período antecedente a essa dinastia, (século XXVI) expôs sepulturas reais contendo quase inacreditáveis tesouros em ouro, prata, bronze, e pedras semi-preciosas, mostrando não só as riquezas do povo de Ur mas também a sua altamente desenvolvida situação e arte.” *Enciclopédia Britânica Macropédia* Vol. 18:1021, Edição 1975.

Esta cidade, tão estrategicamente localizada no vale do Eufrates, a capital do reino da baixa Mesopotâmia e o centro de férteis terras de pasto e lavoura, oferecia a Abrão e sua casa um brilhante futuro cheio de prosperidade, e prometia a melhor segurança que os homens podem dar.

Ainda mais difícil de quebrar, eram os íntimos laços formados com a família e sócios de negócios a quem não podia explicar a razão para a sua “louca e irracional” partida. Ele estava literalmente dando tudo em troca de nada. Pelo menos, isto é o que parece. Ele apenas tinha a não provada palavra de Deus para lhe assegurar que verdadeira grandeza e eterno galardão deviam ser encontrados longe de Ur.

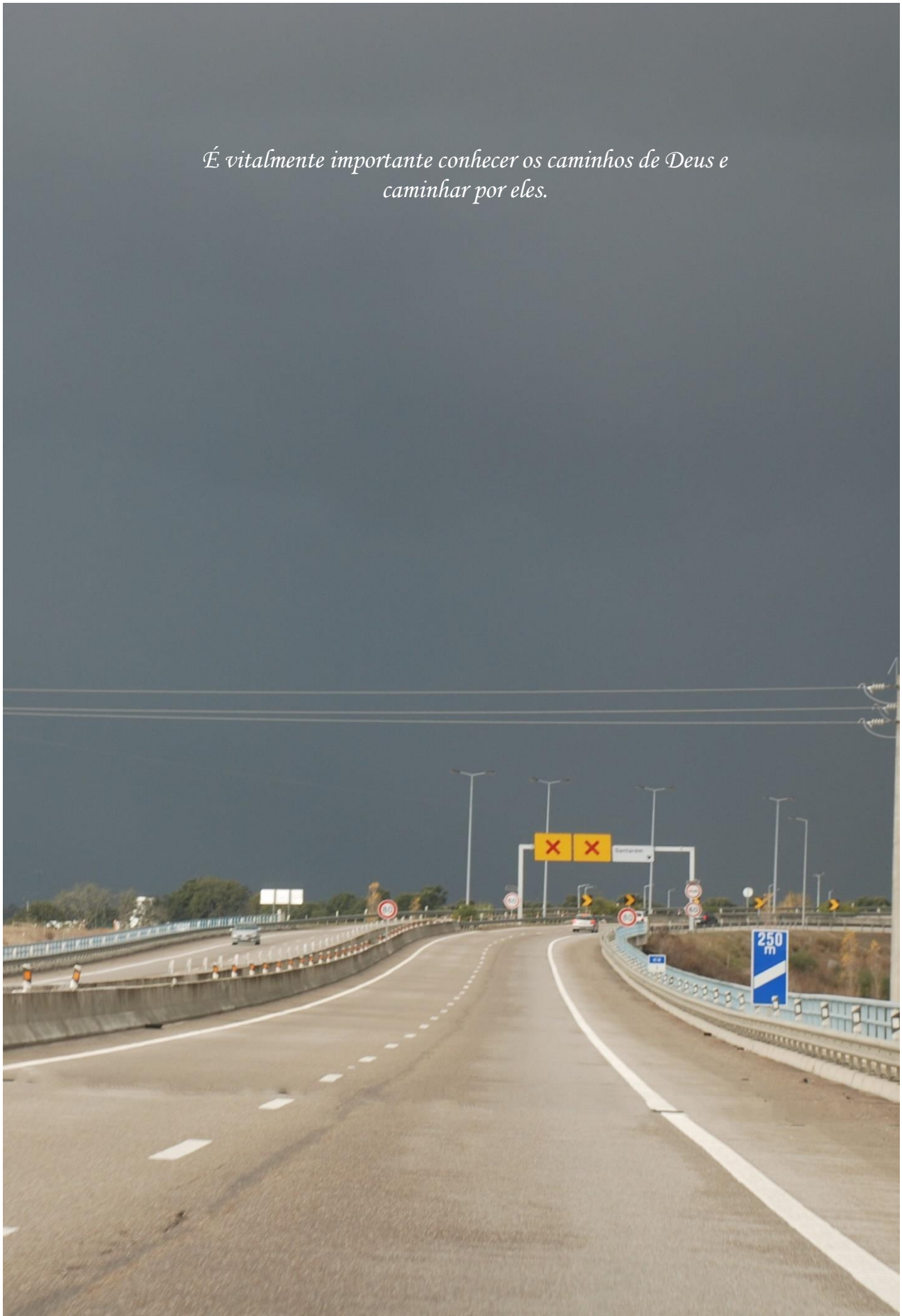
“Ele não podia nem mesmo explicar sua maneira de proceder, de modo que fosse compreendido por seus amigos. As coisas espirituais são discernidas espiritualmente, e seus intuítos e ações não eram entendidos por seus parentes idólatras.” *Patriarcas e Profetas*, 120.

Foi pela viva fé que Abrão e Sarai abandonaram a próspera Ur em favor da terra prometida.

“Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia.” *Hebreus* 11:8.

“Aquela obediência expedita de Abraão é uma das provas mais notáveis de fé a serem encontradas em toda Bíblia. Para ele, a fé era ‘o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem’. *Hebreus* 11:1. Confiando na promessa divina, sem a menor

*É vitalmente importante conhecer os caminhos de Deus e  
caminhar por eles.*



garantia exterior de seu cumprimento, abandonou o lar, a fim de seguir aonde Deus o levasse, 'Pela fé habitou na terra da promessa, como em terra alheia, morando em cabanas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa'. Hebreus 11:9.

"Não fora uma pequena prova aquela a que foi assim submetido Abraão, nem pequeno o sacrifício que dele se exigira. Fortes laços havia para o prender ao seu país, seus parentes, seu lar. Ele, porém, não hesitou em obedecer à chamada. Não teve perguntas a fazer concernentes à terra da promessa — se o solo era fértil, e o clima saudável, se o território oferecia um ambiente agradável, e proporcionava oportunidades para se acumularem riquezas. Deus falara, e Seu servo devia obedecer; o lugar mais feliz da Terra para ele seria aquele em que Deus quisesse que ele se achasse." *Patriarcas e Profetas*, 120.

Nenhuma falta pode ser encontrada na fé de Abraão quando ela o levou a obedecer a Deus implicitamente, não importava qual o sacrifício. A presença de tal fé neste homem de Deus, levaria uma pessoa a esperar que ele fizesse sempre o que estava certo e agradável aos olhos do Senhor. A isto foi acrescentado o facto que ele era um homem de constante oração. "A sua vida foi uma vida de oração. Onde quer que ele armasse a tenda, junto erigia o altar, convocando todos os que faziam parte de seu acampamento para o sacrifício da manhã e da tarde." *Idem*, 122, 123.

Além disso, a sua vida era um maravilhoso testemunho do poder e verdade de Deus porque, onde quer que fosse o pagão era levado a inquirir acerca dos caminhos de Deus. "Quando a tenda era removida, o altar ficava. Nos anos subsequentes, houve os que entre os cananeus errantes receberam instrução de Abraão; e, quando quer que um desses vinha àquele altar, sabia quem havia estado ali antes; e, depois de armar a tenda, reparava o altar, e ali adorava o Deus vivo." *Idem*.

Ele era assim um devotado e bem sucedido missionário a quem o Senhor usou muito eficazmente para semear a semente da verdade por toda a terra de Canaã. O povo reconhecia a íntima ligação que ele tinha com Deus, a superioridade do seu modo de vida, e a eficácia das verdades que ele proclamava. Eles eram assim inspirados a deixar os seus caminhos pagãos e a unir-se a Jeová.

Deus, reconhecendo Abraão como a verdadeira sucessão espiritual da linha patriarcal, solenemente prometeu que através deles nasceria o Messias, e que, em consequência, a sua semente seria tão numerosa como as estrelas. Abraão creu na promessa.

"Então o levou para fora, e disse: Olha agora para os céus, e conta as estrelas, se as podes contar. E disse-lhe: Assim será a tua semente.

"E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça." *Génesis* 15:5, 6.

Nada era mais importante para Abraão e Sara do que o cumprimento desta promessa. Para eles, a glória e honra de Deus eram questões de primeira e mais elevada consequência. Portanto, eles oraram e esperaram pelo cumprimento com intenso desejo, contudo, décadas passaram sem qualquer evidência que Deus jamais cumpriria a Sua palavra, quanto mais longa a espera, maior a pressão que Satanás era capaz de exercer sobre eles para levarem a cabo a obra de Deus à sua própria maneira.

O que todo o filho de Deus necessita compreender aqui, é que quanto mais profunda era a devoção deste casal de Deus, mais intensamente desejava ver a promessa cumprida e a obra de Deus avançada; e quanto maior era o seu espírito de sacrifício mais estavam no perigo de dar passos pelos quais tentaria fazer a obra de Deus à sua maneira. Nós também necessitamos de ver que o mesmo perigo está na frente de todo o verdadeiro cristão porque Satanás é muito hábil em virar os grandiosos poderes que Deus constrói em nós na direcção errada.

Quando Sara finalmente propôs a Abraão que tomasse Agar para mãe do seu filho e Abraão aceitou esta proposta, em nenhum sentido eram eles rebeldes contra o Altíssimo. Eles criam em Deus, amavam a sua causa, estavam preparados para fazer qualquer sacrifício por Ele, passavam



muito tempo em oração, eram dedicados missionários, e desejavam nada mais do que construir o reino de Deus em justiça.

Estes eram atributos maravilhosamente louváveis para Sara e Abraão possuírem e exibirem, mas eles não lhes evitaram construir a causa de Deus à sua própria maneira, nem anularam as más consequências da escolha que fizeram e o caminho que seguiram. A perpétua inimizade entre Ismael e Isaque tem continuado até hoje, e tem ameaçado a paz mundial consecutivamente.

Depois do nascimento de Ismael, Abraão considerou-o com ilimitada afeição, aparentemente nunca duvidando que Deus tinha aceite o seu filho como o cumprimento da promessa. Durante treze anos, Deus nada disse a Abraão. Parecia que ele tomou a ausência de condenação divina como se Jeová tivesse aprovado as suas acções. Quando Deus por fim reapareceu e repetiu a certeza que Abraão seria pai de muitas nações, imediatamente pensou que isto devia ter lugar através de Ismael.

“Quando Abraão tinha quase cem anos de idade, a promessa de um filho foi-lhe repetida, com a asseveração de que o futuro herdeiro seria filho de Sara. Mas Abraão ainda não compreendeu a promessa. Sua mente de pronto voltou para Ismael, apegando-se à crença de que por meio dele os propósitos graciosos de Deus deveriam cumprir-se. Em sua afeição para com o filho exclamou: ‘Oxalá que viva Ismael diante de Teu rosto.’” *Patriarcas e Profetas*, 143.

Havia mais conteúdo na súplica de Abraão do que imediatamente se torna visível. É verdade que Abraão amava este jovem muito profunda e intensamente e, em consequência, desejou que ele tivesse o lugar de honra prometido por Deus. Mas mais do que isto estava em causa o sistema, ou procedimento, pelo qual Ismael havia nascido. Era um chamamento para o modo humano de construir a obra de Deus.

Não era que a questão estivesse claramente definida na sua mente. A divina rejeição de Ismael como filho da promessa despertou confusas respostas emocionais em Abraão que efectivamente o privaram de discernir as implicações da declaração de Deus e a sua própria resposta a ela.

No pensamento de Abraão, Jeová estava realmente a propor o impossível. Ele não podia crer que neste momento ele e Sara pudessem gerar um filho. A sua mulher sempre havia sido estéril e agora tinha chegado à idade em que estava impotente. Ele interrogou porque devia Deus esperar tanto tempo para fazer aquilo que podia ter sido muito mais facilmente cumprido anos antes. Quando Deus disse a promessa que Abraão teria um filho através de Sara, ele “caiu sobre o seu rosto, e riu-se, e disse no seu coração: A um homem de cem anos há de nascer um filho? E conceberá Sara da idade de noventa anos?” *Génese* 17:17.

Foi imediatamente depois dele ter tomado esta inacreditável posição que o clamor escapou dos seus lábios, “Oh que Ismael viva perante Ti”. Versículo 18.

Abraão encontrou-se perante uma terrível situação. Incapaz ainda de alcançar pela fé a verdade que aquilo que Deus tinha prometido era capaz de realizar, ele não podia ver esperança que Isaque nascesse. Se o cumprimento da promessa devesse ser realizado pelo nascimento de outro filho, então, pensou ele, não havia esperança — ele morreria sem o herdeiro prometido. Todas as suas esperanças terminariam com a condenação do plano da salvação.

Todavia, em Ismael ele podia crer. Deus tinha-lhe assegurado especificamente que o filho prometido seria da sua própria carne e sangue mas nunca tinha tão especificamente dito que Sara seria a mãe. Tinha sido um tremendo sacrifício para si mesmo e para Sara deixar Agar gerar o filho. Ele tinha-o feito com um único motivo em mente — avançar a causa da verdade e assim evitar o fracasso das provisões de Deus para a salvação da humanidade. Ele e Sara criam em Deus e Sua obra, estavam confiantes que Ele vitoriosamente baniria o mal do universo, tinham-se separado do paganismo, e foram aceites por Jeová como a verdadeira igreja desse tempo.

Com tudo isto e mais a seu favor, como podia ele ter procedido erradamente? Se ele tivesse, de facto, adoptado alguns procedimentos incorrectos, seguramente os seus bons motivos e carácter justo serviriam para santificar o curso de acção que ele adoptou, e certamente, uma vez

que tudo o que ele tinha feito era para Deus, o ser Onnipotente devia aceitar o produto das suas obras — Ismael!

Pensando assim, Abraão estava a exhibir o falso raciocínio tão comum ao homem. Até esse momento ele tinha falhado em compreender que toda a religião anticristã é um sistema que procura construir o reino de Deus à maneira do homem, e que aqueles que estão envolvidos em tais esforços são indivíduos muito dedicados, estudiosos, abnegados e zelosos. Ele não viu isso senão na altura em que aplicou os seus próprios planos numa tentativa para avançar a causa de Deus, ele tinha estabelecido e alimentado uma falsa religião. Era incapaz de compreender que se Deus aceitasse Ismael estaria a dar reconhecimento a uma forma de religião que é um ministério de morte e através da qual a salvação da raça humana nunca seria alcançada.

Não é suficiente ter ampla fé. Juntamente com ela deve estar a inteligente aplicação dos correctos procedimentos. Apenas deste modo pode o reino de Deus ser construído *à maneira de Deus*. Deus não decretou arbitrariamente que fosse assim, mas simplesmente não há outra forma de ter sucesso.

Na Sua resposta à súplica de Abraão por Ismael e o sistema que o gerou, Deus inflexivelmente recusou conceder a herança prometida ao primeiro filho do patriarca. Fazendo assim, declarou que Ele não tinha parte em qualquer programa que tentasse construir o reino de Deus pelos planos e procedimentos humanos. Somente Ele tinha o poder para cumprir as Suas promessas, e qualquer tentativa humana para o fazer resultaria em desanimador fracasso.

Como é tão necessário que todo o crente esteja totalmente liberto do pensamento que levou Abraão e Sara a interceder por Ismael, a inequívoca resposta que Deus lhe deu precisa ser cuidadosamente estudada. Há uma lamentável tendência humana para apreciar uma mensagem que deixa fugas para pecaminosas invenções humanas e queixas acerca do pregador que aponta que com Deus há apenas um procedimento aceitável. Mas esta foi a forma como Deus Se apresentou a Abraão.

Quando Abraão suplicou a Deus para aceitar Ismael, Deus não lhe fez a mais leve concessão neste sentido. Pelo contrário, Ele disse que Sara daria à luz um filho e que o concerto seria formado com ele, e não com Ismael.

“Disse mais Deus a Abraão: Tu, porém guardarás o Meu concerto, tu, e a tua semente depois de ti, nas suas gerações.” *Génesis 17:9*.

Em parte alguma em toda esta conversação Deus diz que estabeleceria o concerto com Ismael. Isto não quer dizer que Ismael não podia encontrar salvação pessoal, mas nunca podia ser o filho da promessa através de quem o Senhor por fim suscitaria o Messias.

Contudo, Deus predisse que Ismael se multiplicaria até se tornar numa grande nação. A história tem provado que esta predição é verdadeira tanto quanto diz respeito a qualquer cumprimento literal, porque os milhões de árabes que hoje vivem são descendentes de Ismael.

“E quanto a Ismael, também te tenho ouvido; eis aqui o tenho abençoado, e fá-lo-ei frutificar, e fá-lo-ei multiplicar grandissimamente; doze príncipes gerará, e dele farei uma grande nação.” *Génesis 17:20*.

Abraão, na sua profunda afeição pelo seu primogénito, tenderia a ler mais numa promessa como esta do que aquilo que Deus realmente ali colocou. Para assegurar que ele não o fizesse, Deus reiterou o facto que mesmo apesar de Ismael se tornar uma grande nação, o concerto seria *apenas* com Isaque.

“O Meu concerto, porém, estabelecerei com Isaque, o qual Sara te dará neste tempo determinado, no ano seguinte.

“E acabou de falar com ele, e subiu Deus de Abraão.” *Génesis 17:21, 22*.

Portanto, não importa quão dedicados e zelosos eles fossem, Deus não podia aceitar e não aceitou as obras que eram o resultado das tentativas de Abraão e Sara para avançar a causa pelas suas próprias invenções. Mesmo assim Deus contou a fé de Abraão para justiça, isto não santifica

os métodos errados que foram usados. Quando estes princípios são compreendidos, os crentes estarão muito mais inclinados a repousar na ideia que o caminho seguido não é tão importante como as boas intenções. Eles serão mais cuidadosos em verificar que combinam com fé viva e procedimentos correctos, sabendo que a obra de Deus nunca pode ser avançada pelo uso dos métodos humanos.

Não é suficiente ver um cumprimento físico das predições de Deus que Ismael se tornaria uma grande nação. Tanto Isaque como Ismael são tipos — o primeiro retratando aqueles que tentam construir o reino de Deus à maneira de Deus, e o último retratando aqueles que o tentam à maneira do homem. Ambos manifestam a mesma dedicação, zelo, actividade, abnegação e ardente desejo de avançar a causa de Deus, mas somente naqueles que são simbolizados por Isaque se encontra o concerto de Deus.

O grande apóstolo Paulo, que estava profundamente preocupado com as diferenças de religião onde a obra de Deus era feita do Seu modo, e a religião onde os homens tentavam fazer a obra de Deus à maneira deles, viu no nascimento destes dois jovens uma poderosa ilustração dos procedimentos alternativos e o inevitável mas oposto resultado de cada. Isaque era uma representação do primeiro e Ismael do último.

Quando os crentes gálatas foram desviados da verdadeira religião, Paulo dirigiu a atenção deles para o procedimento adoptado por Abraão e Sara quando Ismael nasceu, como uma ilustração da sua própria experiência. Depois mostrou-lhes que a forma como Isaque foi concebido forneceu uma lição do procedimento pelo qual a igreja opera.

“Dizei-me, os que quereis estar debaixo da lei, não ouvis vós a lei?

“Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre.

“Todavia o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas o que era da livre, por promessa.

“O que se entende por alegoria; porque estes são os dois concertos; um, do monte Sinai, gerando dois filhos para a servidão, que é Agar.

“Ora esta Agar é Sinai, um monte da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos.

“Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós.

“Porque está escrito: Alegra-te, estéril, que não dás à luz; esforça-te e clama, tu que não estás de parto; porque os filhos da solitária são mais do que os da que tem marido.

“Mas, nós, irmãos, somos filhos da promessa como Isaque.

“Mas, como então aquele que era gerado segundo a carne perseguia o que o era segundo o Espírito, assim é também agora.

“Mas que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre.

“De maneira que, irmãos, somos filhos, não da escrava, mas da livre.

“Estai pois firmes na liberdade com que Cristo nos libertou, e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.” *Gálatas* 4:21-5:1.

Ismael nasceu segundo a carne, mas Isaque segundo o Espírito. Portanto, o primeiro não tinha parte no concerto, não tinha parte na verdadeira obra de Deus, e não foi aceite por Deus como o filho da promessa. Através dele o Messias não podia nascer.

Nascer segundo a carne significa ser produto de planos humanos. Todo o projecto humano jamais levado a cabo sem primeiro receber instruções de Deus, cai nesta categoria, que tem duas subdivisões. Há esquemas pelos quais os homens procuram avançar os seus próprios impérios, e há outros homens dedicados à construção do reino de Deus. A paternidade de Abraão de Ismael cai na última classificação.

Como os religiosos que vão à igreja são dedicados àquilo que supõem ser serviço para Deus, têm a tendência de ficar separados dos “mundanos” a quem olham como estando egoisticamente devotados aos prazeres carnis. Eles sabem que devia haver uma nítida diferença entre um

membro da igreja e o “pagão”, e crêem que este requisito é satisfeito pelos objectivos opostos em que cada um está respectivamente gastando as suas energias e recursos. Eles cometem o grave erro de falhar em ver que não é suficiente para os cristãos ter objectivos diferentes. Eles também devem seguir procedimentos diferentes. São os *caminhos* do povo de Deus que devem diferir dos *caminhos* dos mundanos. Os cristãos devem aprender que até que aqueles caminhos tenham mudado em conformidade com os procedimentos de Deus, as suas obras, não importa quão lindamente vestidas com zelo, abnegação, e dedicação, não têm mais esperança de serem aceites por Deus do que foi Ismael de ser reconhecido como o filho da promessa.

Obviamente, o professo filho de Deus em geral crê que os seus caminhos são diferentes dos que vivem sem Deus. Ele nota que não come como eles comem, não participam com o mundo nos seus divertimentos e é cuidadoso em não profanar as sagradas horas do sábado. Tudo isto era verdade acerca de Abraão, contudo, nos seus esforços para estabelecer o reino de Deus, seguiu procedimentos que o Senhor não podia aceitar e não aceitou. Apesar de ser bom e necessário os cristãos abandonarem os prazeres do mundo, não devem descansar satisfeitos que estas diferenças são suficientes.

Abraão teve grande dificuldade em aceitar a rejeição de Ismael por parte de Deus. Ele pensou acerca da sua fé, abnegação, devoção à causa de Deus, extensos e bem sucedidos esforços missionários, e o facto que havia feito tudo isso pelo reino de Deus, pelo que estava preparado para fazer qualquer sacrifício. Ele interrogou como podia qualquer coisa que era o produto destes motivos inegavelmente louváveis, ser recusado por Deus.

Contudo, o simples facto é que eles foram!

Assim permanece hoje. Os professos cristãos não podem compreender por que motivo o Altíssimo não aceita as suas obras. Eles olham para o seu zelo, sacrifícios, conhecimento das Escrituras, amplas contribuições financeiras, e a sua devoção à causa de Deus, como absoluta garantia que o Senhor deve aceitar aquilo que têm feito por Ele. Sentem que Ele teria sido muito ingrato em não os aprovar e abençoar bem como aos seus esforços dedicados. Quando eles eventualmente verificam que Ele não o faz, os seus conceitos acerca do carácter d’Ele endurecem consideravelmente. Então olham-n’O como duro, exigente, insensível e caprichoso, quando, na verdade Ele não nada disto.

Isto não é desculpa para se chegar a estas conclusões porque quando Jeová tratou com Abraão, o que Ele podia e o que não podia aceitar, e como operou e porquê, ficou plenamente registado para todos os tempos. Ele confirmou para sempre que o único modo como o Seu reino pode ser construído é de acordo com procedimentos fixos determinados pela lei. Qualquer coisa fora disso não tem lugar, porque, “... Que diz a Escritura? Lança fora a escrava e o seu filho: *porque o filho da escrava não herdará com o filho da livre.*” *Gálatas 4:30.*

Mesmo assim Deus podia profetizar que Ismael se tornaria uma grande nação, contudo, salientou, “Mas o Meu concerto estabelecerei com Isaque..” *Génesis 17:21.*

Contudo, apesar da clareza das lições relatadas, os homens continuam os seus concentrados esforços para construir o reino de Deus à maneira deles ao passo que se interrogam porque não opera Ele poderosamente através deles, para finalizar a missão do evangelho. Aqueles que hoje, tal como Abraão no seu método de gerar Ismael, estão devotados às obras da carne, são muito mais numerosos do que aqueles que, como Isaque, são filhos da fé.

Quando Deus declarou que faria de Ismael uma grande nação, não estava fazendo concessões ao chocado e ofendido patriarca, nem estava acedendo à súplica de Abraão que Ismael pudesse viver perante Ele. Pelo contrário, Ele estava a profetizar o resultado da sempre presente disposição na humanidade de tentar construir o reino de Deus nos seus próprios termos. Somente aqueles que aprenderam e praticam os princípios do repouso do sábado têm escapado a este procedimento. Satanás queria ser participante do reino de Deus, mas nos seus próprios termos e de acordo com os seus próprios procedimentos.

Como não havia mais lugar para isto no Céu do que houve para Ismael ser o filho da promessa, Satanás tinha que ser lançado fora do Céu exactamente como Agar e Ismael foram finalmente separados da casa de Abraão. Esta separação foi difícil de compreender mesmo para os anjos leais, e não foi senão no Calvário que os seus olhos foram por fim abertos para o facto que, não importa quão grande o zelo ou quão dignos os motivos, não há lugar no reino de Deus para aqueles que o constroem à sua própria maneira.

Já observámos que a acção tomada por Abraão e Sara que resultou no nascimento de Ismael, brotou dos melhores motivos, intenso zelo, profunda dedicação à obra, e de um maravilhoso espírito de abnegado amor por Deus e Sua verdade, contudo, nada disto mudou o facto que Ismael nunca podia ser o filho da promessa.

Assim foi com Lúcifer. Quando o seu desafecto começou e ele viajou por todo o Céu para ganhar apoio para a sua causa, ele estava sinceramente, se bem que erradamente, preocupado pelo reino de Deus. Ele cria que Deus estava impondo uma despótica e restritiva lei aos anjos, e que o sistema tinha que ser reformado para o bem de todos. Ele apresentou-se a si próprio como aquele que estava preparado para fazer qualquer sacrifício para o bem dos anjos, e aqueles motivos não continham traço de egoísmo. Isto influenciou-os para concluírem que se os seus motivos eram tão elevados e altruístas, então a sua causa não podia ser outra senão justa e recta.

Este foi o mesmo erro que Abraão cometeu e milhares de outros cristãos desde então. É o erro contra o qual todos necessitam guardar-se. Devemos tomar cuidado para nunca argumentar que a causa e os métodos estão certos porque o zelo, devoção à causa de Deus, espírito de sacrifício, e motivos, estão acima de toda a repreensão. A primeira pergunta a fazer é. Estou eu a fazer isto de harmonia com os métodos de Deus?

Se um cuidadoso exame dos nossos procedimentos mostrar que eles estão em harmonia com os métodos de Jeová, então temos a certeza de entrar no Seu repouso.

## A Luta pela Primogenitura

**P**odia esperar-se que a grande lição que Abraão aprendeu com o nascimento de Isaque; nomeadamente, que somente a fé e os correctos procedimentos construirão o reino de Deus, ter sido tão cuidadosamente ensinada a Isaque que ela seria o assunto mais importante na sua vida a partir de então. Este não foi sempre o caso.

Depois do seu casamento divinamente preparado com Rebeca, os gémeos, Esaú e Jacó, chegaram. Esaú nasceu primeiro, o que o designou para a primogenitura material e espiritual, mas a resposta de Deus à oração de Rebeca informou-a que o mais jovem, não o mais velho, devia excedê-lo. Este foi realmente um testemunho de Jeová que a primogenitura devia ir para Jacó.

“E era Isaque da idade de quarenta anos, quando tomou a Rebeca, filha de Betuel, arameu de Padã-Arã, irmã de Labão arameu, por sua mulher.

“E Isaque orou instantemente ao Senhor por sua mulher, porquanto era estéril; e o Senhor ouviu as suas orações, e Rebeca sua mulher concebeu.

“E os filhos lutavam dentro dela; então disse: Se assim é, por que sou eu assim? E foi-se a perguntar ao Senhor.

“E o Senhor lhe disse: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor.” *Génesis 25:20-23.*

À medida que os rapazes cresciam, exibiam interesses completamente diferentes e desenvolviam carácter oposto.

“Esaú cresceu amando a satisfação própria, e centralizando todo o seu interesse no presente. Não tolerando restrições, deleitava-se na liberdade selvagem da caça, e cedo escolhera a vida de caçador. Contudo, era o favorito do pai. O pastor silencioso e amante da paz era atraído pela ousadia e vigor desse filho mais velho, que destemidamente percorria montanhas e desertos, voltando para casa com caça para seu pai, e com narrativas sensacionais de sua vida aventureira.” *Patriarcas e Profetas*, 175.

Por outro lado, Rebeca amava Jacó por causa da sua entrega às coisas de eterno valor.

“Jacó, ponderado, diligente e cuidadoso, pensando sempre mais no futuro do que no presente, contentava-se com permanecer em casa, ocupado no cuidado dos rebanhos e no cultivo do solo. Sua paciente perseverança, economia e previsão eram apreciadas pela mãe. Sua afeições eram profundas e fortes, e suas atenções gentis e incansáveis contribuía muito mais para a felicidade

dela do que fazia a amabilidade turbulenta e ocasional de Esaú. Para Rebeca, Jacó era o filho mais querido." *Idem*.

A coisa mais importante para Abraão teria sido o avanço da causa de Deus de acordo com as promessas que Jeová lhe havia feito pessoalmente. O mesmo era verdade acerca de Isaque e Rebeca. Consequentemente, eles diligentemente ensinaram aos seus filhos os princípios e propósitos de Deus no concerto eterno, e imprimiram nas suas mentes as sagradas responsabilidades inerentes à primogenitura.

"Foram ensinados a considerar a primogenitura como coisa de grande importância, pois que incluía não somente a herança das riquezas terrestres, mas a preeminência espiritual. Aquele que a recebia devia ser o sacerdote de sua família; e na linhagem de sua posteridade viria o Redentor do mundo. De outro lado, havia obrigações que repousavam sobre o possuidor da primogenitura. Aquele que herdasse suas bênçãos devia dedicar a vida ao serviço de Deus. Como Abraão, devia ser obediente aos mandos divinos. Em seu casamento, nas relações familiares, na vida pública, devia consultar a vontade de Deus." *Idem*, 175, 176.

Esaú, no cumprimento da profecia feita a Rebeca antes dos moços nascerem, não mostrou interesse nas bênçãos espirituais da primogenitura, e desenvolveu um carácter que o excluía de tomar posse dessas responsabilidades. "Propenso à satisfação própria, nada desejava tanto como a liberdade para fazer conforme lhe agradasse. Para ele, poderio e riquezas, festas e orgias, eram felicidade. Ele se gloriava na liberdade sem restrições de sua vida selvagem e errante. Rebeca lembrava-se das palavras do anjo, e lia com mais clara penetração do que o fazia seu marido, o carácter de seus filhos. Estava convicta de que a herança da promessa divina destinava-se a Jacó. Ela repetia a Isaque as palavras do anjo; mas as afeições do pai centralizavam-se no filho mais velho, e ele era inabalável em seu propósito." *Idem*, 176.

Esaú plenamente confirmou a sua inaptidão para a primogenitura quando a vendeu por um prato de alimento e casou com duas mulheres pagãs.

"Sempre sujeito às meras aparências e atrações terrenas, Esaú tomou duas mulheres das filhas de Hete. Eram adoradoras de deuses falsos, e sua idolatria acarretava uma dor amargurada para Isaque e Rebeca. Esaú tinha violado uma das condições do concerto, que proibia o casamento misto entre o povo escolhido e os gentios; Isaque, todavia, ainda estava inabalável em sua intenção de conferir-lhe a primogenitura. O raciocínio de Rebeca, o desejo veemente de Jacó pela bênção, e a indiferença de Esaú pelas obrigações da mesma bênção, não tiveram o efeito de modificar o intuito do pai." *Idem* 179.

Desta maneira, a questão acerca de qual o filho que deveria receber a bênção da promessa produziu um lar dividido, e isto atrasou a concessão da primogenitura. A ocasião em que a cerimónia tinha lugar era sem dúvida muito importante, assistida pelos parentes e também por membros da igreja. O reverente se bem que alegre tom do serviço de investidura pretendia deixar uma impressão para toda a vida tanto na mente do recebedor como das testemunhas.

Por causa da divisão no seu lar, Isaque adiou a proclamação da bênção da primogenitura sobre Esaú até a sua falta de recursos físicos o avisarem que não ousasse adiar mais.

"E aconteceu que, como Isaque envelheceu, e os seus olhos se escureceram, de maneira que não podia ver, chamou a Esaú, seu filho mais velho, e disse-lhe: Meu filho. E ele lhe disse: Eis-me aqui.

"E ele disse: Eis que já agora estou velho, e não sei o dia da minha morte;

"Agora pois, toma as tuas armas, a tua aljava e o teu arco, e sai ao campo, e apanha para mim alguma caça.

"E faze-me um guisado saboroso, como eu gosto, e traze-mo, para que eu coma; para que minha alma te abençoe, antes que morra." *Génesis* 27:1-4.

Todo o plano foi acordado no maior segredo mas Rebeca, que tinha receado uma tal conspiração, nunca diminuiu a sua vigilância. Os muros das tendas não evitavam que se ouvissem

as vozes humanas, não importa quão discretamente as palavras fossem ditas, assim Rebeca pôde ouvir as instruções dadas a Esaú.

Isaque estava errado ao dar estes passos. Apesar de Esaú ser, de facto, o mais velho, e deste ponto de vista designado para a primogenitura, tinha-se desqualificado totalmente para ela pela forma como vivia. O casamento com as suas duas mulheres pagãs tinha fornecido uma conclusiva evidência da sua atitude para com a obra do Senhor. Todavia, o patriarca tinha permitido que as suas emoções governassem sobre a razão e princípios ao ponto em que estava determinado a conferir a primogenitura a uma pessoa ímpia.

“Rebeca adivinhou o seu propósito. Ela estava certa de que isto era contrário ao que Deus revelara como Sua vontade. Isaque estava no perigo de incorrer no desagrado divino, e de privar seu filho mais moço da posição para a qual Deus o chamara.” *Patriarcas e Profetas*, 179.

Por causa do seu intenso amor por Jacó, Rebeca desejou que ele tivesse a primogenitura, mas é duvidoso se esta era a dominante motivação que a orientava. Tal como Sara, Abraão, e o seu próprio amado marido, ela amava a causa de Deus e desejou apenas a sua prosperidade. Além disso, ela recebeu pelo seu marido que estava no perigo de incorrer no desagrado divino.

Estas são as boas qualidades de Rebeca que a levaram a reagir como reagiu, mas apesar do motivo estar acima de repreensão, as acções a que isso levou, estavam inteiramente erradas.

“Debalde procurara ela resultado, argumentando com Isaque; e decidiu-se recorrer ao estratagemas.

“Mal partira Esaú em sua incumbência, Rebeca entregou-se à realização de seu intuito. Contou a Jacó o que acontecera, insistindo na necessidade de acção imediata para impedir a concessão da bênção, de maneira final e irrevogável, a Esaú. E afirmou a seu filho que, se seguisse suas instruções, poderia obtê-la, conforme Deus prometera. Jacó não consentiu facilmente no plano que ela propunha. O pensamento de enganar a seu pai causava-lhe grande angústia. Sentia que tal pecado traria maldição em vez de bênção. Mas seus escrúpulos foram vencidos, e começou a pôr em execução as sugestões de sua mãe. Não era sua intenção proferir uma falsidade directa; mas, uma vez na presença do pai, pareceu-lhe ter ido demasiado longe para voltar, e obteve pela fraude a cobiçada bênção.” *Idem*.

O plano proposto por uma decidida Rebeca e levado a cabo relutantemente por Jacó, envolvia a directa violação da santa lei de Deus. Nesse esquema não havia traço de plano divino. Era especificamente um esforço para proteger e construir o reino de Deus, à maneira do homem.

Quando a ansiosa mãe ouviu Isaque instruir Esaú, ela sabia que a hora de crise tinha chegado e que ela devia fazer alguma coisa. Perante ela havia duas possibilidades. A primeira era cair na tentação de tomar sobre si o papel de solucionador de problemas, que foi, de facto, o que ela fez.

O segundo era reconhecer Deus como o único Solucionador de problemas, a quem ela podia correctamente ir, e assim entregar toda a questão nas Suas mãos, sendo muito cuidadosa para evitar formar quaisquer soluções ou fazer quaisquer planos por si mesma. Ela e Jacó tinham a promessa de Deus que o mais novo seria o herdeiro, e era o seu privilégio repousar nessa palavra. A sua responsabilidade era reclamar a promessa, entregar o problema nas mãos de Deus, e então calmamente esperar que Ele cumprisse o que lhes tinha assegurado que faria. Se houvesse qualquer parte para eles desempenharem além disto, o Altíssimo dar-lhes-ia instruções com ordens específicas.

Quando Deus predisse que Jacó teria a primogenitura, comprometeu-Se no total conhecimento de tudo o que apareceria pelo caminho. A atitude de Isaque não O surpreendeu. Portanto, Ele fez a promessa sabendo exactamente o que era preciso para a cumprir. Ele não foi colocado numa posição onde a questão estava tão fora da Sua mão que precisasse que seres humanos tomassem sobre si o cumprimento da promessa em Seu lugar, pois Ele era mais do que capaz de tratar das coisas por Si mesmo. De facto, Ele tinha a capacidade, enquanto aqueles que tomaram o controlo não tinham.



“Jacó e Rebeca foram bem sucedidos em seu propósito, mas ganharam apenas inquietações e tristezas por seu engano. Deus declarara que Jacó receberia a primogenitura, e Sua palavra ter-se-ia cumprido ao tempo que Lhe aprovesse, se tivessem pela fé esperado por Ele a fim de operar em favor deles. Mas, semelhantes a muitos hoje professam ser filhos de Deus, não estiveram dispostos a deixar esta questão em Suas mãos.” *Idem*.

Ao usurpar o papel de solucionadora de problemas Rebeca cometeu o mesmo pecado que causou a expulsão de Lúcifer do Céu. Ela colocou-se a si mesma no lugar de Deus, e tentou salvar a obra do Senhor à sua própria maneira. Contudo, como no caso de Abraão, os seus motivos e intenções estavam acima de repreensão, e, tal como Abraão, ela obteve o resultado que, por enquanto, a convenceu de que tinha feito o que estava certo.

Contudo, não demorou muito, antes da mãe e seu filho verem quão mau o seu procedimento havia sido e ficarem profundamente arrependidos pelo seu pecado.

“Rebeca arrependera-se amargamente do mau conselho que dera a seu filho; tal fora o meio de separá-lo dela, e nunca mais lhe viu o rosto. Desde a hora em que recebeu a primogenitura, Jacó sentiu sobre si o peso da condenação própria. Tinha pecado contra o pai, o irmão, a própria alma, e contra Deus. Em uma rápida hora, efectuara uma acção para o arrependimento de uma vida. Vívida se achava esta cena diante dele nos anos posteriores, quando o procedimento ímpio de Seus próprios filhos lhe oprimia a alma.” *Idem*.

Não foi senão naquela terrível noite em que Jacó lutou com o Anjo muitos anos depois, que ele finalmente experimentou o abençoado alívio do peso deste pecado. Quando Jacó regressava ao seu próprio país, Esaú, receando que ele viesse reclamar as bênçãos materiais da primogenitura, saiu ao seu encontro com intenções homicidas. Jacó, tendo aprendido as lições do repouso do sábado, não fez tentativa para levar a cabo a defesa do seu grupo, mas confiou tudo isto a Deus. Então retirou-se para o deserto pelo riacho de Jaboque para suplicar pelo seu caso perante o seu maravilhoso Pai celestial, e foi ali que o Anjo do Concerto, Jesus Cristo, desceu para lutar com ele. As horas passaram enquanto Jacó estava atormentado com o pensamento que foi o seu próprio pecado contra Esaú que tinha colocado a sua vida e a de sua família em perigo.

“Jacó ‘lutou com o Anjo, e prevaleceu’. Oseias 12:4. Pela humilhação, arrependimento e entrega de si mesmo, este pecaminoso e falível mortal prevaleceu com a Majestade do Céu. Firmara suas mãos trémulas nas promessas de Deus, e o coração do Amor infinito não podia desviar o rogo do pecado.

“O erro que determinara o pecado de Jacó ao obter pela fraude a primogenitura, achava-se agora apresentado claramente diante dele. Não havia confiado nas promessas de Deus, mas procurara pelos seus próprios esforços efectuar aquilo que Deus teria cumprido no tempo e modo que Lhe aprovesse. Como prova de que fora perdoado, seu nome foi mudado de um nome que lembrava seu pecado para outro que comemorava sua vitória. ‘Não se chamará mais o teu nome Jacó’ [suplantador], disse o Anjo, ‘mas Israel: pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste’. Génesis 32:28.

“Jacó tinha recebido a bênção que sua alma havia anelado. Seu pecado como suplantador e enganador foi perdoado. Era passada a crise de sua vida. A dúvida, a perplexidade e o remorso lhe tinham amargurado a existência, mas agora tudo estava transformado; e doce era a paz de reconciliação com Deus. Jacó não mais receava encontrar seu irmão. Deus, que lhe perdoara o pecado, poderia mover o coração de Esaú também para aceitar sua humilhação e arrependimento.” *Patriarcas e Profetas*, 199.

Por causa de Rebeca e Jacó tomarem a obra de Deus nas próprias mãos, não sabemos como Jeová teria cumprido promessa, mas veremos como uma vez mais, pessoas bem intencionadas e dedicadas, através da falta da adequada educação nos princípios do repouso de sábado, foram levados a dar passos em que Deus não podia tomar parte, e por isso tiveram que experimentar uma obra de arrependimento muito profunda.

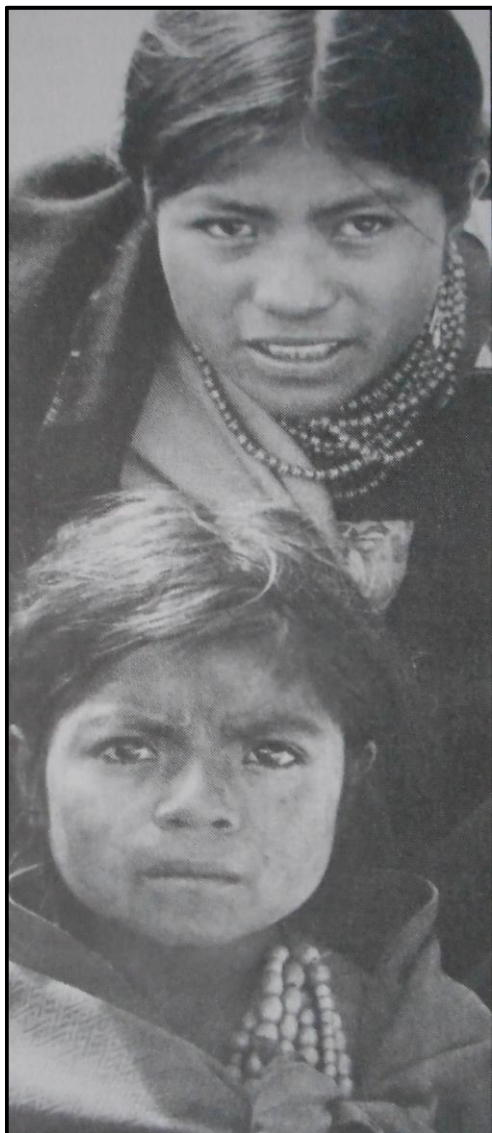


Muitos hoje não estão preparados para resistir à subtil tentação de fazer a obra de Deus à sua própria maneira, porque pensam que somente boas obras podem emanar de uma vida dedicada ao serviço do Senhor, e eles nunca puseram em causa a ideia errada que os motivos puros santificam todas as acções feitas na boa fé.

É verdade que uma boa árvore, que simboliza a vida de Cristo em nós, apenas pode produzir bom fruto. É da presença da vida de Cristo que brotam todas as excelentes qualidades de dedicação ao serviço de Jeová, amor pela causa de Deus, espírito de sacrifício, etc. Estes atributos são grandes poderes que exercem uma poderosa influência nos nossos assuntos, mas eles não podem operar com segurança a menos que sejam controlados por uma mente educada. Nos casos de Abraão, Sara, Isaque, Rebeca, e Jacó, a educação faltava, com o resultado que estes maravilhosos cristãos, tão dedicados e bem-intencionados, entraram em cursos de acção que eram papais em todos os sentidos, e com os quais o nosso Pai celestial não podia ter parte. As boas árvores tinham produzido o bom fruto, mas não tinha sido feito bom uso deles.

Em contraste, na vida terrestre d'Aquela que não conheceu fracasso ou hesitação é dada uma exacta ilustração da relação que o crente deve manter entre as poderosas motivações para proteger o avanço da causa, e a correcta aplicação dessas forças.

Houve muitas ocasiões em que Cristo foi tentado como foram Abraão, Sara, Isaque, e Rebeca, mas nunca uma vez Ele cometeu o erro de permitir que as Suas poderosas emoções O forçassem a fazer a obra de Deus, à maneira do homem. Consequentemente, o Seu Pai celestial foi capaz de aceitar, abençoar, e operar em tudo o que Cristo fez.



*“Por toda parte, ao Seu redor, estavam almas famintas do pão da vida...” O Desejado de Todas as Nações, 486.*

*Apesar da pressão, Jesus recusou deixar a senda que o Seu Pai marcou.*

em Seu caminho a despeito dos temores, decepções e incredulidade dos amados discípulos. Dura coisa era conduzi-los à angústia e desespero que os aguardava em Jerusalém. E Satanás estava a postos para forçar suas tentações sobre o Filho do homem. Por que iria agora a Jerusalém, a uma morte certa? Por toda parte, ao Seu redor, estavam almas famintas do pão da vida. Por todo lado, almas sofredoras a esperar-Lhe a palavra de cura. A obra a ser operada pelo evangelho de Sua graça apenas começara. E Ele Se achava em pleno vigor da primavera da varonilidade. Por que não ir aos vastos campos do mundo com as palavras de Sua graça, o toque de Seu poder de curar? Por que não Se dar a Si mesmo a alegria de conceder luz e satisfação aos entenebrecidos e sofredores milhões de criaturas? Por que deixar a colheita aos discípulos, tão fracos na fé, tão pesados de entendimento, tão tardios para agir? Por que enfrentar a morte agora, e deixar a obra

Uma ocasião em que Cristo foi poderosamente motivado para deixar a vontade de Deus foi quando estava para efectuar a última jornada da Galileia para Jerusalém onde a crucifixão O esperava. Satanás não fez tentativa para apelar para quaisquer tendências más em Cristo, porque ele sabia que nenhuma havia ali. Pelo contrário, ele exerceu todo o seu poder e habilidade para explorar a presença em Cristo do divino amor pelas almas perdidas, total dedicação à construção do reino de Deus, e espírito de abnegação, a fim de O desviar dos planos de Deus para o avanço do reino doutra maneira. Foi o mesmo tipo de tentação que tinha com tanto sucesso vencido Abraão e Rebeca, mas Cristo não caiu como eles caíram.

Uma das coisas mais impressionantes acerca do ministério de Cristo foi a Sua invariável fidelidade em executar apenas a vontade do Seu Pai. Ele nunca permitiu que qualquer coisa O desviasse do Seu dever, sem importar quão grande e persistente fosse a pressão.

Satanás foi incansável nas suas tentativas para desviar Cristo da vontade de Seu Pai tentando-O a levar a cabo a obra de Deus à Sua própria maneira. Quando chegou a altura para o Salvador deixar a província setentrional de Galileia para viajar em direcção a Jerusalém a fim de ser crucificado, Satanás fez parecer que nenhum outro procedimento podia ser mais desastroso para a causa. Ele sugeriu planos alternativos que pudessem dar muito maior promessa de avanço da obra do que aqueles que tinham sido indicados pelo Pai para Cristo seguir. O Salvador estava enfrentando exactamente a mesma tentação que venceu Abrão e Sara, e Rebeca e Jacó. Mas, onde eles sucumbiram à pressão, Ele não. Tivesse Ele feito isso, o plano de Salvação teria sido destruído para sempre e a humanidade estaria perdida.

A total extensão das invenções de Satanás está exposta neste parágrafo.

“Dolorosa coisa era para o coração de Jesus, avançar

ainda em sua infância? O inimigo que no deserto se defrontara com Cristo, assaltou-O então com cruéis e sutis tentações. Houvesse Jesus cedido por um instante, houvesse mudado Sua orientação no mínimo particular para Se salvar a Si mesmo, e os instrumentos de Satanás haveriam triunfado, ficando o mundo perdido.” *O Desejado de Todas as Nações*, 469.

Para uma pessoa tão totalmente devotada à edificação do reino de Deus e cheia de infinito amor como Cristo estava, estas eram na verdade poderosas tentações. O curso planejado cuidadosamente pelo Seu Pai parecia não possuir sabedoria e visão. A única pessoa capaz de construir a igreja nesse tempo era Cristo, enquanto os discípulos mostravam sérias fraquezas e inaptidões. Toda a evidência apontava para a conclusão que se a obra fosse deixada nas suas mãos, caminharia rapidamente para a ruína.

Além disso, nesse momento, as oportunidades para o avanço do reino eram tremendas. Fora do incrédulo mundo judeu estavam milhões de almas preparadas e esperando pelo tipo de ministério que Cristo podia dar. Parecia que se Ele saísse ali e nessa altura, a obra podia ser grandemente alargada num curto espaço de tempo, enquanto que, se não o fizesse, Ele tinha que abandonar os necessitados à morte e destruição.

O inimigo não sugeriu que Cristo rejeitasse a cruz, mas apenas que a adiasse. O que Deus tinha indicado que Ele fizesse agora, Ele podia fazê-lo mais tarde. Entretanto teria mais tempo para preparar os Seus discípulos, a obra seria alargada e consolidada, e o futuro assegurado. Então podia fazer o supremo sacrifício, sabendo que depois da Sua morte, a igreja estaria demasiado forte para ser vencida.

Se uma comissão de homens, totalmente dedicados à edificação do reino, tivesse sido apontada para decidir qual dos dois caminhos devia ser seguido pelo Salvador, podemos estar certos que eles teriam unanimemente decidido adiar a cruz de modo que tirariam maior proveito da oportunidade oferecida ao alargamento do campo missionário, e proporcionaria mais tempo de treino para os discípulos.

Mas o admirável balanço dos detalhes do plano de salvação requeria que a cruz não fosse adiada. A crucifixão tinha que ter lugar numa altura determinada. Qualquer demora teria tornado o plano de salvação de nenhum efeito, desse modo condenando tudo, incluindo os milhões que, por esse adiamento, tivessem ouvido e aceite o evangelho.

Isto não é sugerir que Deus tinha esquecido e descuidava as necessidades das multidões que pereciam. Ele planeou que eles não fossem deixados a perecer. Pouco tempo depois da morte de Cristo, quando a igreja foi investida de poder com a presença do Espírito Santo, o evangelho foi-lhes levado e milhares foram convertidos num dia.

Severa como foi esta prova, não era tão terrível como a pressão exercida sobre Ele no Getsêmane. Ali, por causa do peso do pecado que foi colocado sobre Si, teve um terrível sentido de separação do Seu Pai. Ele foi poderosamente tentado a sentir que havia sido abandonado, e que Ele era o único em quem podia procurar soluções para o Seu esmagador problema. Percebendo a extensão da oportunidade, Satanás operou com todas as suas capacidades e astúcia altamente desenvolvidas para convencer Cristo que devia deixar a submissão de toda a Sua vida ao Seu Pai e tomar Ele próprio o planeamento do Seu futuro.

A submissão à vontade de Deus seria grandemente simplificada se pudéssemos ver todo resultado dos Seus perfeitos e santos propósitos na altura em que os planos nos são dados; se pudéssemos em todos os momentos ouvi-l’O audivelmente falando para nós; e se pudéssemos sempre ver ou sentir a Sua presença próxima. Sob tais circunstâncias, as tentações de Satanás seriam grandemente reduzidas em poder e eficácia.

Nesta última e terrível luta no Jardim do Getsêmane, a questão principal do grande conflito estava em luta. Cristo lutava para manter firme a Sua submissão à Divina Cabeça, enquanto Satanás estava a fazer tudo ao seu alcance para alistar Cristo no lado onde, perdendo Deus de

vista e a fé n'Ele, podia recorrer às Suas próprias invenções para resolver o terrível problema que estava a aproximar-se para aniquilar a Sua vida.

Cristo, ou resistia a Satanás, não importando qual o custo que isso tivesse, ou seguia os mesmos trágicos passos trilhados por Satanás, Adão e Eva, Abraão e Sara, Isaque, Rebeca e Jacó e tantos outros que têm cometido o erro de tentar construir o reino de Deus à sua própria maneira.

Abandonado pelos homens e aparentemente deixado por Deus, Cristo travou a batalha e ganhou, mesmo apesar de fazê-lo ter-Lhe custado a vida.

“Cristo inclinou a cabeça e expirou, mas manteve firme Sua fé em Deus e a Sua submissão a Ele.” *O Desejado de Todas as Nações*, 731.

A Sua vitória foi o manter-Se firme na submissão a Deus. Todos necessitam compreender todo o significado disto, porque então conheceriam a verdadeira natureza dos acontecimentos que estavam em luta ali. Veriam que Cristo provou para sempre que o único modo em que a obra de Jeová pode ser feita, é pela absoluta submissão à vontade e direcção de Deus. A natureza da prova pela qual Cristo passou e a vitória que Ele obteve, devia ser o constante estudo daqueles que estão a preparar-se para ser instrumentos do Senhor na luta final contra os poderes das trevas.

Quando a provação terminar e as forças da luz e das trevas estiverem travando a sua luta final pela supremacia, a natureza humana será colocada sob as mesmas pressões outra vez. O Getsêmane será repetido.

Esta situação desenvolver-se-á como um resultado dos problemas terríveis que, envolvendo o mundo, ameaçará a existência da humanidade. Os enormes problemas exigirão uma solução, mas, em vez de olharem para Deus e Seu método para dar resposta, os homens tentarão fazer a obra do Senhor por Ele. Esta situação será tão desesperada que as nações esquecerão as suas contendas e unir-se-ão sob uma única cabeça por causa da sua sobrevivência. Por causa do domingo ser o símbolo do homem que se senta a si mesmo no lugar de Deus, será exigido a todos que observem este filho do papado como um sinal de lealdade, e conformidade com o grande plano humano para a restauração da prosperidade temporal.

Os verdadeiros filhos de Deus reconhecerão aquilo que os homens julgam ser o único caminho seguro para a saída dos seus problemas, será, de facto, torná-los desesperadamente piores. Eles portanto, no grandioso poder do Espírito Santo, levantarão as suas vozes para advertir os povos de um certo desastre que estão trazendo sobre suas cabeças. Mas, em vez de aceitarem estas advertências, a maioria fará tudo o que puder para obrigar os leais seguidores de Jesus a adoptar os seus planos em vez dos planos d'Ele.

É impossível descrever toda a extensão das pressões que a maioria, com plenos poderes concedidos pelo príncipe das trevas será capaz de trazer sobre os leais filhos de Deus.

“O ‘tempo de angústia como nunca houve’ está prestes a manifestar-se sobre nós; e necessitaremos de uma experiência que agora não possuímos, e que muitos são demasiados indolentes para obter. Dá-se muitas vezes o caso de se supor maior a angústia do que na realidade o é; não se dá isso, porém, com relação à crise diante de nós. A mais vívida descrição não pode atingir a grandeza daquela prova. Naquele tempo de provações, toda alma deverá por si mesma estar em pé perante Deus. ‘Ainda que Noé, Daniel e Jó’ estivessem na Terra, ‘vivo Eu, diz o Senhor Jeová, quem nem filho nem filha eles livrariam, mas só livrariam as suas próprias almas pela sua justiça.’ Ezequiel 14:20.” *O Grande Conflito*, 621.

Somente aqueles que entram nessa prova completamente estabelecidos no princípio que Deus é o Planeador e Solucionador de problemas, terão o poder para se manterem firmes. Se Adão e Eva, Abraão e Sara, Jacó e Rebeca, e milhões de outros, tivessem decidido que o único princípio das suas vidas era permanecerem submissos à vontade do Pai, eles nunca teriam cometido os desastrosos erros que cometeram. Eles deviam ter decidido em todos os momentos

e sob quaisquer circunstâncias, sem se importarem quão grande a pressão para fazerem algo por si mesmos, perguntariam unicamente. Qual o plano e solução de Deus para este problema?

Deus está à espera com inexprimível desejo a formação de um povo em quem Ele possa confiar absolutamente para construir o Seu reino à Sua maneira. Não será antes d'Ele finalmente ter esse exército que os enviará para a batalha. A obra que podia ter acabado há alguns séculos, será então rapidamente finalizada.

## A Circuncisão

**A** circuncisão foi primeiramente introduzida entre o povo de Deus quando o Senhor veio a Abraão a fim de o informar que o Seu concerto não seria com Ismael mas unicamente com Isaque. A altura em que se deu esta introdução é altamente significativa e contém lições espirituais de valor tão imenso que necessitam ser profundamente compreendidas e praticadas por todos os cristãos.

Isto não é dizer que devemos ainda presentemente praticar o rito físico da circuncisão, pois ele foi pregado na cruz juntamente com outras cerimónias do Velho Testamento. É a lição ensinada por este rito que deve ser compreendida e observada actualmente.

Na altura em que o Senhor disse a Abraão para circuncidar todo o macho na sua casa assim como ele devia submeter-se também ao rito, Ismael já tinha treze anos de idade. Este filho havia entrado no mundo como resultado dos procedimentos que nunca podiam qualificá-lo para ser o filho da promessa.

Abraão, até este momento, realmente cria que tinha feito uma grande obra para Deus e que Deus aceitou completamente o seu plano. Porém, se a obra do Senhor tinha que ser feita, o filho que Ele tinha prometido tinha que nascer. Isto só seria possível se Abraão fosse levado a compreender a verdadeira natureza dos procedimentos que tinha seguido, profundamente convencido do erro destes métodos, arrepender-se deles com todo o coração, e depois fazer concerto com Deus para seguir os caminhos de Deus e os Seus somente.

Enquanto estas mudanças não tivessem sido efectuadas, o verdadeiro filho não podia aparecer. Nada disto trouxe o verdadeiro cumprimento da promessa de Deus, mas limpou o caminho de modo que Deus podia fazer o que havia dito que faria.

Em primeiro lugar Abraão resistiu à ordem do Senhor porque o seu coração era incapaz de ver para além das limitações físicas impostas pela sua idade e pela de Sara. Foi quando o Senhor lhe disse que Sara a sua mulher daria à luz um filho que “Abraão caiu sobre o seu rosto, e riu-se, e disse no seu coração: A um homem de cem anos há-de nascer um filho? E conceberá Sara da idade de noventa anos?” *Génesis 17:17*.

Então fez súplica a Deus em favor de Ismael nestas palavras, “Oxalá que viva Ismael diante de Teu rosto!” Versículo 18.

Abraão profundamente amava este filho da sua velhice, mas ele estava suplicando por mais do que Ismael quando disse estas palavras. Ele estava a pedir que Deus reconhecesse e aceitasse

um sistema, o sistema onde os homens procuram construir o reino de Deus por Ele. Mas Abraão tinha que renunciar àqueles procedimentos completamente antes de poder ver a promessa cumprida. Não havia lugar para invenção humana. Neste ponto, Deus não entraria em quaisquer concessões ou compromissos absolutamente, porque apenas nos métodos de Deus pode a verdade ser encontrada.

Nesta confrontação entre Jeová e o patriarca, Deus estava a procurar efectuar dentro do último uma mudança nas convicções tão profunda que resultaria na renúncia total dos procedimentos pelos quais Ismael tinha recebido vida, e a formação de um concerto entre Abraão e o seu Deus limitando o primeiro e toda a sua posteridade que permanecesse fiel ao pacto, aos caminhos de Deus apenas. Se essa mudança pudesse ser efectuada e permanentemente estabelecida, o sucesso da obra de Deus na destronização do pecado e dos pecadores estava assegurada.

Abraão por fim submeteu-se às orientações do Senhor. A grande mudança teve lugar nele e o caminho estava preparado para o nascimento de Isaque. Foi neste ponto que Deus introduziu o rito da circuncisão. Tal como todas as outras cerimónias do Velho Testamento, não devia possuir qualquer virtude em si mesma senão como uma lição e um positivo acto de confirmação da parte do outorgante humano. Aqueles que verdadeiramente recebiam este rito estavam desse modo a colocar o seu selo na presença dentro de si de um espírito de inteira submissão e cooperação com os propósitos e caminhos de Deus. Significava a consagração do instrumento da sua carne ao serviço de Deus cortando dela tudo o que era desnecessário para aqueles propósitos. Os circuncidados estavam a consagrar-se para seguir os caminhos de Deus na construção do Seu reino enquanto resolutamente rejeitavam quaisquer retrocessos aos seus próprios caminhos.

Portanto, o incircunciso no coração nunca podia experimentar o novo nascimento ou participar com Deus na salvação de almas e construção do Seu reino. Esta era a razão porque somente aqueles que eram circuncidados podiam tomar parte no serviço da Páscoa. (Sem dúvida que, fêmeas eram consideradas incircuncisas se os seus maridos e filhos não tivessem recebido o rito.)

Deus declarou enfaticamente que "... nenhum incircunciso comerá dela." *Êxodo* 12:48.

Esta condição era absoluta. Além disso, "o macho com prepúcio, cuja carne do prepúcio não estiver circuncidada, aquela alma será extirpada dos seus povos; quebrantou o Meu concerto." *Génese* 17:14.

Bom seria para os filhos de Deus hoje se eles verdadeiramente compreendessem por que motivo Deus era tão inflexível com esta provisão. Quão frequentemente encontramos pessoas protestando por causa do mensageiro do Senhor não deixar espaço para algo mais do que os específicos procedimentos de Deus, contudo, a lição ensinada pela instrução de Deus, que nenhum incircunciso podia participar da Páscoa, torna claro que com Ele há apenas um caminho. Aqueles que procuram salvação por outro procedimento ficarão eternamente desapontados.

Para apreciar a significação total da proibição de Deus da participação dos incircuncisos na Páscoa, deve ser compreendido que a libertação do Egipto foi uma lição objectiva da redenção. Cada passo que foi especificado para os israelitas na sua fuga da escravidão, encontra a sua contrapartida na emancipação do crente da servidão espiritual.

"A libertação de Israel do Egipto era uma lição objectiva da redenção, que a Páscoa se destinava a conservar na memória." *O Desejado de Todas as Nações*, 66.

"A Páscoa devia ser tanto comemorativa como típica, apontando não somente para o livramento do Egipto, mas, no futuro, para o maior livramento que Cristo cumpriria libertando Seu povo do cativo do pecado." *Patriarcas e Profetas*, 281.

A escolha do cordeiro representava a aceitação de Cristo como Salvador do mundo; a Sua execução às mãos dos israelitas tipificava a crucifixão; o sangue aspergido simbolizava a justiça imputada de Cristo sob a qual todos estão protegidos durante o seu tempo de provação, mesmo



apesar de eles não terem sido libertados ainda da escravidão do pecado; o comer o Cordeiro pascal encontra a sua contrapartida na alimentação da vida na Palavra de Deus e na implantação da semente de Cristo no interior, e a morte do primogénito ensina que a nossa velha natureza espiritual má deve morrer na cruz antes da libertação da supremacia do pecado ser alcançada.

Cada uma destas é uma bênção sem comparação. Cada uma é essencial à salvação, mas nenhuma delas é válida para aqueles que não satisfazem a primeira instrução, pois o Senhor Deus Altíssimo declarou que somente o circuncidado pode receber estas bênçãos.

Uma vez mais, deve ser reiterado que esta condição não é satisfeita pela circuncisão física, nem já alguma vez foi. Infelizmente, quando os judeus degeneraram em espiritualidade, o sinal exterior começou a ser olhado como o requisito completo. Eles falharam em ver que a circuncisão era desprovida de valor a menos que fosse a evidência física que tinham entrado em relação de concerto com Jeová pelo abandono das suas próprias obras e pela aceitação do Seu caminho de salvação.

Ninguém entendeu isto melhor do que o apóstolo Paulo. Ele viveu no tempo em que os judeus tinham desde há muito perdido as suas ligações espirituais com Deus, contudo, eram muito particulares em manter o sinal exterior, supondo erradamente que isto era tudo o que se necessitava para assegurar a sua filiação com Deus. Paulo viu a necessidade de os advertir que se não fizessem concerto com o Senhor nos termos d'Ele, então a circuncisão para nada contava. Até que pudessem ser levados a ver isto, nada podia ser feito para os salvar da destruição e restaurá-los à unidade com o Pai.

“Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão.

“Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura a incircuncisão não será reputada como circuncisão?

“E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, não te julgará porventura a ti, que pela letra e circuncisão és transgressor da lei?

“Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne.

“Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra: cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus.” *Romanos 2:25-29*.

O mesmo princípio continua a ser verdadeiro a respeito do baptismo, a ceia do Senhor, observação do sábado, e qualquer outro serviço que o cristão seja chamado a realizar. A observância exterior não tem significado e é mesmo destruidora, a menos que seja uma expressão da experiência que ela representa. Por esta razão Paulo foi levado a dizer a respeito da ceia do Senhor que “aquele que comer e beber indignamente, come e bebe para sua destruição, não discernindo o corpo do Senhor.

“Por esta causa muitos estão fracos e enfermos entre vós, e muitos dormem.” *1 Coríntios 11:29, 30*.

Apesar de ser importante que ninguém negligencie este princípio, é um triste facto que milhões de pessoas bem-intencionadas através da história têm errado ao fazer da cerimónia o fim em si mesmo. Por fazerem assim, têm perdido as tremendas bênçãos que Deus determinou que tivessem.

Portanto, quando o Senhor declarou que nenhuma pessoa incircuncisa pudesse alguma vez comer a Páscoa, pretendia que fosse compreendido que esta qualificação não devia ser satisfeita simplesmente submetendo-se à remoção física duma porção da sua carne. Todos deviam compreender que o sinal exterior devia ser uma declaração que tinham feito o solene concerto com Deus. Doutro modo, a sua circuncisão era um falso testemunho e estavam vivendo uma mentira.

Hoje, o sinal físico já não é requerido. Ele foi pregado na cruz juntamente com outros requisitos cerimoniais, mas os princípios permanecem. Ninguém pode receber qualquer das bênçãos incorporadas no plano da salvação a menos que seja espiritualmente circuncidado. Esta é a mensagem que passa do Velho Testamento para o Novo.

Portanto, conclui-se que todo o indivíduo que procura atingir a vida eterna deve ter uma compreensão muito clara do que a circuncisão implica, porque sem ela não há esperança de caminhar nas ruas de ouro.

Isto não quer dizer que toda a pessoa que procura obter salvação pode sentar-se e esboçar especificamente o que a circuncisão representa, mas significa realmente que sejam capazes ou não de experimentarem o que a ordenança simboliza. As suas naturezas responderam às conquistadoras influências do Espírito Santo, fizeram o concerto que o rito representa, e foram desse modo capacitados para receber as bênçãos da salvação.

Contudo, aqueles que têm sido adequadamente instruídos no significado e necessidade deste serviço podem entrar mais inteligente e positivamente na sua realização. As pessoas espiritualmente educadas estão melhor preparadas para permanecerem firmes pela verdade suportando as enganadoras tentações que Satanás envia contra elas.

Não obstante, o facto permanece, que ninguém jamais alcançou uma experiência de renascimento a menos que tenha primeiramente sido espiritualmente circuncidado, quer compreenda exactamente o que sucedeu ou não.

Portanto, para o crente hoje, assim como para o de todas as idades, o que está incorporado neste rito?

Para verificar isto devemos estudar o tempo e as circunstâncias sob as quais o rito foi introduzido pela primeira vez. Ele foi dado por Deus a Abraão na altura em que o Senhor estava a chamá-lo a fim de renunciar para sempre aos procedimentos pelos quais Ismael nasceu, e para aceitar os termos sob os quais Isaque podia aparecer.

Jeová estava a dizer com efeito, "Até agora tens tentado alcançar a promessa pelas tuas próprias obras, mas Eu digo-te honestamente, isto é impossível. Tu nunca o farás desta forma. Tenho que informar-te que a promessa nunca poderá realizar-se através de Ismael, não importa quão fortemente acredites que ela possa ser, quão profundamente o ames, ou quão espiritualmente cego estejas acerca da possibilidade de isso ser feito à Minha maneira.

"Além disso, o verdadeiro filho da promessa — Isaque — nunca poderá receber vida enquanto estiveres profundamente convencido do erro residente nos teus caminhos, arrependido do mal, e solenemente faças concerto Comigo que seguirás as especificações que Eu, na Minha infinita sabedoria, tenho planeado. É importante que também compreendas que estes planos não são formados por qualquer determinação da Minha parte para reter o primeiro lugar para Mim mesmo. Eu não decretei arbitrariamente que isto seja assim. Estes são os únicos procedimentos que podem com sucesso salvar a humanidade do pecado e da morte. A imutável e perfeita lei determina que não pode ser doutra maneira."

A questão agora enfrentada por Abraão era se estava ou não preparado para concordar em abandonar os seus próprios caminhos e seguir os de Deus. Até este concerto ser formado entre Abraão e Deus, nada mais podia ser feito em relação ao cumprimento da promessa. O patriarca tinha que chegar ao decisivo ponto mais crítico da sua vida. Tanto o seu futuro como o do reino estavam em jogo.

Até agora, Deus não requerera a circuncisão do Seu povo, mas isto não quer dizer que antes desta data, as condições para receberem a expiação fossem diferentes. Pelo contrário, toda a pessoa antes de Abraão, tal como com todas depois dele, tinham que entrar em relação de solene concerto antes da salvação lhes ser aplicada. Sempre tem havido um só plano de redenção, as condições para o qual nunca mudaram.

À medida que uma pessoa medita nesse maravilhoso dia em que se tornou um verdadeiro filho de Deus, pode argumentar que fez um definido concerto com Deus para colocar de lado as suas próprias obras e aceitar o plano exactamente como Deus o planeou. Isto não é realmente verdade, e o conflito só é continuado porque a pessoa que argumenta não viu verdadeiramente o que fez para receber o dom.

Nós estamos, evidentemente, a falar acerca daqueles que tinham uma genuína experiência. Esses recordarão a longa experiência amarga de *Romanos 7* durante a qual lutaram tão arduamente para ganhar a vitória, somente alcançando constante derrota. Isto aconteceu porque eles tinham tentado alcançar a vitória por outros meios que não os de Deus. Quando os seus olhos foram por fim abertos ver o erro destes procedimentos, abandonaram toda a fé nos caminhos que seguiam, lançando-se a si mesmos sobre a misericórdia de um Salvador que perdoa o pecado, e uma doce libertação chegou.

Uma cuidadosa análise de toda a experiência revelará que entre o período de derrota e a libertação, estava um específico afastamento dos métodos seguidos por tanto tempo com resultados tão infelizes. Uma total perda de fé naqueles procedimentos levaram à completa entrega do problema a Deus. Um acordo foi formado com Deus, e o concerto feito, mesmo apesar do necessitado pecador não reconhecer completamente isso como tal. Este é o passo simbolizado pela circuncisão, que clarificou o caminho para efectuar a verdadeira libertação do pecado.

A razão pela qual Deus introduziu a circuncisão pela primeira vez nos dias de Abraão foi porque os longos séculos de apostasia e rebelião tinham cegado tão completamente o povo que necessitavam de uma visível lição objectiva para penetrar os seus entenebrecidos sentidos. Se eles tivessem fielmente aderido aos princípios de Deus nunca teriam necessidade desta ordenança. Podiam ter visto a verdade sem ela.

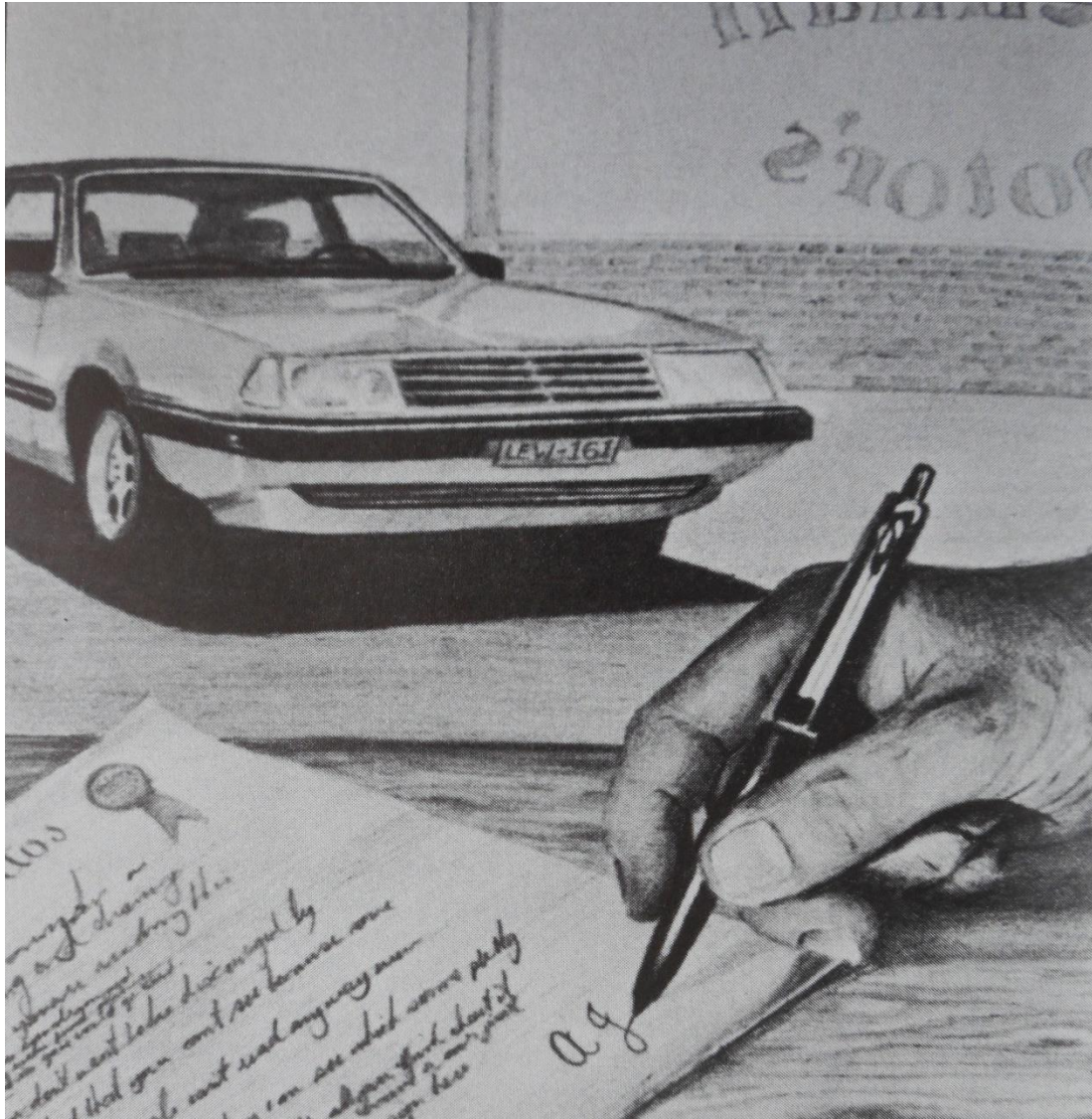
“Se o homem houvesse guardado a lei de Deus conforme fora dada a Adão depois de sua queda, preservada por Noé e observada por Abraão; não teria havido necessidade de se ordenar a circuncisão. E, se os descendentes de Abraão houvessem guardado o concerto, do qual a circuncisão era um sinal, nunca teriam sido induzidos à idolatria; tampouco lhes teria sido necessário sofrer vida de cativo no Egipto; teriam conservado na mente a lei de Deus, e não teria havido necessidade de que ela fosse proclamada no Sinai, nem gravada em tábuas de pedra. E, se o povo houvesse praticado os princípios dos Dez Mandamentos, não teria havido necessidade das instruções adicionais dadas a Moisés.” *Patriarcas e Profetas*, 378.

Como este testemunho diz, a circuncisão era o *símbolo* do concerto como Deus disse a Abraão, “... isto será por *sinal* do concerto entre Mim e vós”. *Génesis 17:11*.

Somente aqueles que tinham feito concerto com Deus para completamente abandonarem os caminhos do homem a fim construir o reino a favor de Deus, podiam verdadeiramente receber o rito. Quando isto era realizado nas crianças, era uma declaração dos seus pais que os filhos cresceriam nos caminhos de Deus de modo que pudessem entrar no Seu repouso.

Sob nenhuma circunstância devia o crente confundir o concerto simbolizado pela circuncisão com as bênçãos que se deviam seguir. O concerto é o contrato ou acordo entre Deus e o necessitado pecador pelo qual o primeiro garante trazer todas as bênçãos da expiação ao crente, desde que o último concorde não introduzir qualquer traço de invenção humana no esquema. Enquanto isto não for realizado, Deus não pode continuar a obra da graça na alma.

A distinção é claramente ilustrada referindo-se aos contratos firmados entre o pretendente a proprietário de uma casa e o construtor que a construirá. Primeiramente, é desenhado um plano e especificações. O construtor e o proprietário em perspectiva então firmam um contrato. O construtor garante edificar a casa por um preço que o outro concorda. Enquanto isto não é estabelecido, nenhuma construção é feita. Quando isso estiver feito, o construtor prossegue construindo a casa segundo o acordo.



*A assinatura do contrato não é o carro. Assim, a circuncisão não é a morte do velho homem. Ela é o compromisso de aceitar a salvação nos termos de Deus.*

Assim é nas coisas espirituais. Somente depois do pecador ter aceite o plano exactamente como Deus designou e perdeu, pelo menos nessa altura, qualquer disposição de introduzir as suas próprias invenções, pode Deus prosseguir para efectuar a obra dentro dele.

Este princípio vital é ilustrado com grande clareza na experiência de Abraão. Durante anos ele tinha procurado cumprir a promessa pelos seus próprios métodos. Durante esse tempo, Deus não podia dar-lhe o verdadeiro filho da promessa. Finalmente, o Senhor disse-lhe positivamente que tinha que deixar partir estes procedimentos e aceitar os Seus caminhos. Para confirmar que ele tinha feito assim, devia realizar o rito da circuncisão em si mesmo e aos da sua casa.

A aceitação de Abraão destas condições é verificada de duas maneiras. A primeira foi a realização do rito como um testemunho que a sua compreensão acerca dos caminhos de Deus tinha mudado, que ele estava convencido da justiça dos caminhos de Deus, e que ele os tinha aceite exactamente como Deus os ofereceu.

“Então tomou Abraão a seu filho Ismael, e a todos os nascidos na sua casa, e a todos os comprados por seu dinheiro, todo o macho entre os homens da casa de Abraão; e circuncidou a carne do seu prepúcio, naquele mesmo dia, como Deus falara com ele.” *Génesis 17:23.*

A segunda confirmação é o facto que Abraão e Sara foram libertos desde essa altura da escravidão da esterilidade e Isaque nasceu, acontecimento que nunca tinha acontecido se Abraão não tivesse entrado no concerto do qual a circuncisão era um sinal.

“E o Senhor visitou a Sara, como tinha dito; e fez o Senhor a Sara como tinha falado.

“E concebeu Sara, e deu a Abraão um filho na sua velhice, ao tempo determinado, que Deus lhe tinha dito.

“E chamou Abraão o nome de seu filho que lhe nascera, que Sara lhe dera, Isaque.

“E Abraão circuncidou o seu filho Isaque, quando era da idade de oito dias, como Deus lhe tinha ordenado.

“E era Abraão da idade de cem anos, quando lhe nasceu Isaque seu filho.” *Génesis 21:1-5*.

A circuncisão de Isaque era um testemunho de duas coisas. A primeira, reconhecia o procedimento pelo qual o filho havia nascido, e a segunda, era uma garantia que os caminhos de Deus seriam ensinados à criança.

A mesma relação entre o fazer o concerto e o recebimento das bênçãos assim tornada possível, é ensinada no serviço da Páscoa. Nenhuma pessoa que não fosse circuncidada podia participar, o que significava que ela não podia escolher o cordeiro pascal, matá-lo, espargir o sangue, comer o cordeiro, ou experimentar o livramento concedido ao fiel através da morte do primogénito. Isto apenas podia significar que ela era incapaz de deixar o Egipto, sendo forçada a ficar e perecer na terra da servidão.

Por conseguinte, aqueles que não abandonam os seus próprios procedimentos e concordam em receber o evangelho sem adicionar ou aceitar um traço de invenção humana, não podem aceitar Cristo, receber a expiação feita na cruz, ficar sob a protecção do sangue espargido, receber dentro de si a vida de Jesus, e experimentar a morte do velho homem. Uma pessoa assim não pode entrar no prometido paraíso celestial, mas tem que ficar para trás no mundo pecaminoso para perecer eternamente. Aqueles que compreendem isto começarão a apreciar quão vital é o concerto para conhecer e seguir os perfeitos procedimentos de Deus. A Páscoa repete e reforça a lição que unicamente aqueles que conhecem os caminhos de Deus entram no Seu repouso.

Se apenas aqueles que fizeram concerto são renascidos, então, reciprocamente, os que verdadeiramente nasceram de novo fizeram o concerto e por isso são circuncidados no coração. O que essa pessoa necessita compreender é que “Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai n’Ele”. *Colossenses 2:6*.

Isto requer que uma pessoa recorde que no passado, o povo de Deus sempre começou tão bem, mas continuou para se separar d’Ele e perder a sua vida eterna. Começaram com completo respeito por Deus como seu Solucionador de problemas, apenas para abandonar o santo concerto pela introdução de mais e mais invenções humanas nas suas vidas. Uma boa razão para isto é a falta duma clara compreensão do concerto que fizeram no início, que os conduziu a um fracasso em reconhecer a relação entre os procedimentos de Deus e os maravilhosos e certos resultados decorrentes de seguir estes caminhos. Aqueles que estão agora a receber uma clara e muito específica revelação dos caminhos de Deus e de como os cristãos devem relacionar-se com eles através da mensagem do repouso do sábado, não têm desculpa para falhar neste ponto.

O concerto simbolizado pela circuncisão não é aplicável unicamente à pessoa não convertida que está prestes a entrar na salvação. Em cada passo de avanço ele deve ser renovado. Isto é especialmente necessário por causa da persistente tendência humana para retroceder aos caminhos dos homens.

Frequentemente, é somente por causa da experiência de *Romanos 7* ter despertado o pecador para o seu desamparo, que ele abandona toda a esperança de obter salvação através dos seus esforços e lança-se a si mesmo na misericórdia do seu Salvador. Uma vez liberto, ele ganha crescente força, a sua confiança própria volta, ele esquece a forma como foi liberto, e começa a

introduzir os seus próprios procedimentos de novo. Mesmo apesar de ser agora um filho de Deus, necessita renovar o concerto do qual a circuncisão é um sinal, pelo qual afirma que trabalhará de acordo com os procedimentos de Deus e não pelos seus. Assim a circuncisão, que tem uma primeira aplicação para o homem não convertido mantém uma contínua aplicação para o convertido.



*“Mas quando deveras acreditamos que Deus nos ama, e nos quer fazer bem, cessamos de afligir-nos a respeito do futuro. Confiaremos em Deus assim como uma criança confia em um amoroso pai.” O Maior Discurso de Cristo, 101.*

Seria bom para todos os que foram libertos da servidão do pecado recordar frequentemente a forma como eles entraram na sua vida, para assegurar que assim como começaram com Cristo, assim devem continuar. Satanás é altamente proficiente em seduzir os que têm colocado toda a sua confiança em Deus a segurarem-se no braço da carne. A história bíblica mostra que todo o movimento que se levantou, tem sucumbido desta maneira.

Começar ou manter esta experiência requer uma profunda e permanente fé. Abraão certamente não foi abençoado com isto quando Deus lhe disse que o concerto nunca seria firmado com Ismael mas com outro filho que ainda devia nascer dele e de Sara. Abraão olhou para o facto que Sara tinha noventa anos de idade, e tinha provado a sua esterilidade nunca dando à luz um filho. Adicionado a isto estava o facto que ele tinha quase cem anos e aparentemente impotente. Ele recordou todos os anos durante os quais Jeová nunca lhes tinha dado o filho prometido e sentiu-se seguro que o cumprimento da Palavra de Deus era impossível. As Escrituras dizem que quando Deus o informou que Sara teria um filho, “Abraão caiu sobre a sua face, e riu-se, e disse no seu coração, a um homem de cem anos há-de nascer um filho? E conceberá Sara da idade de noventa anos?” *Génesis 17:17*.

Se Abraão esperasse que Deus de qualquer forma reconsiderasse e declarasse de novo a proposta, estava completamente enganado, pois o Senhor continuou informando positivamente que isto tinha que ser assim. As mudanças tinham que dar-se na mente de Abraão, não em Deus.

É evidente que os olhos do patriarca foram abertos e grandiosa fé brotou na vida. Nessa maravilhosa maneira em que o Espírito Santo opera, Abraão foi levado a ver a negra natureza da sua incredulidade por um lado, e o maravilhoso poder de Deus por outro. Ele sabia que o Senhor tinha poder para colocar vida onde havia morte e a sua fé alcançou a realidade disso. A beleza e a força dessa fé que o capacitou para entrar no santo concerto é descrita por Paulo nestas palavras:

“Portanto é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é o pai de todos nós.

“(Como está escrito: Por pai de muitas nações te constitui) perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem.

“O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: Assim será a tua descendência.

“E não enfraqueceu na fé, nem atentou para o seu próprio corpo já amortecido, pois era já de quase cem anos, nem tão pouco para o amortecimento do ventre de Sara.

“E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus;

“E estando certíssimo de que o que Ele tinha prometido também era poderoso para o fazer.

“Pelo que isso lhe foi também imputado como justiça.

“Ora não só por causa dele está escrito, que lhe fosse tomado em conta,

“Mas também por nós, a quem será tomado em conta, os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor.

“O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação.” *Romanos 4:16-25*.

Pareceria que Paulo estava dando um testemunho contraditório daquele que é dado no Velho Testamento. Ali está declarado que Abraão riu-se da proposta de Deus, enquanto Paulo assegura que ele não vacilou perante a promessa, mas foi forte na fé, dando glória a Deus.

Não há contradição. *Génesis* informa-nos acerca do estado de incredulidade em que Deus encontrou Abraão quando se dirigiu a ele, enquanto Paulo descreve a maravilhosa transformação que teve lugar no patriarca quando ele alcançou uma visão da capacidade de Deus para fazer o que havia prometido. Quando esta fé o possuía, ele foi capaz de deixar Deus cumprir o que tinha prometido na Sua Palavra. Era uma questão simples então para Abraão fazer o concerto pelo qual não mais tentaria alcançar a promessa do seu filho pelas suas próprias obras.

Assim será sempre. Aqueles que são incapazes de entrar na abençoada experiência do repouso de sábado, são aqueles em quem reside um incrédulo coração mau. É preciso uma positiva e viva fé para alcançar o repouso de Deus. O indivíduo deve crer que o Altíssimo tem o

poder para cumprir as Suas promessas; que Ele é capaz de colocar vida onde apenas há morte. Os incrédulos nunca alcançam a circuncisão do coração.

“A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem. Assim ela nos leva a escolher o Seu caminho em vez do nosso próprio caminho. Em lugar da nossa ignorância, ela aceita a Sua sabedoria; em lugar de nossa fraqueza, aceita a Sua força; em lugar de nossa pecaminosidade, Sua justiça. Nossa vida e nós mesmos somos já Seus; a fé reconhece essa posse e aceita as bênçãos dela. A verdade, correção, e pureza, têm sido designadas como segredos do êxito da vida. É a fé que nos põe na posse destes princípios.” *Educação*, 253.

A circuncisão do coração que é nascida deste tipo de fé, é necessária tanto para iniciar uma relação com Deus como para mantê-la. Sempre que uma alma está confrontada com um problema e escolhe deixar Deus ser o Solucionador de problemas, testifica que cortou na verdade as obras da carne e está a viver pela fé no seu eterno Senhor. Desse modo ela está preparada para figurar naquele grupo que, tendo sido purificado de toda a falsa doutrina, “segue o Cordeiro para onde quer que Ele vá”. *Apocalipse* 14:4.



## Organização da Igreja

**A**s decisões tomadas e o procedimento adoptado por todos os caracteres bíblicos, revelam o resultado da aceitação ou da rejeição dos princípios do repouso do sábado. Contudo, tempo e espaço decretam que não podemos considerar aqui todos os exemplos válidos.

A vida de Daniel, por exemplo, é um testemunho brilhante da eficácia da consistente aplicação destes princípios em todas as situações. Nem por uma vez o grande rei de Babilónia obteve vitória sobre este homem de Deus. Em vez disso, ele mesmo foi convertido para a justiça, e uma vez que manteve a sua fé, estará no reino.

José é outro dos que andaram no caminho de Deus. Apenas numa ocasião, ele recorreu aos seus próprios planos, e isso foi quando pediu ao copeiro-mor para interceder em seu favor junto de Faraó. Foi muito bom para José que o plano tivesse sido esquecido pelo copeiro-mor. O que José esqueceu foi o facto que se o seu caso tivesse sido levado à atenção de Faraó, ele teria muito facilmente enfrentado um destino pior. O monarca naturalmente teria feito uma investigação na qual Potifar teria sido chamado para testificar, e, a fim de justificar o aprisionamento de José, Potifar e a sua esposa tê-lo-iam apresentado na pior luz possível. Isto teria facilmente levado o monarca a sentenciá-lo à morte.

Havia uma possibilidade de ser libertado, mas isto também teria sido contra os propósitos de Deus, pois a sua partida para casa tê-lo-ia removido do lugar exacto onde o Senhor necessitava dele.

Salomão é outro que começou com grande promessa apenas para cair em apostasia. As Escrituras revelam que uma das maiores causas desse afastamento de Deus foi a sua tentativa para fazer o trabalho do Senhor à sua própria maneira. Foi a introdução do seu plano humano na sua vida de trabalho que o levou bem como a toda a nação para uma sombria e terrível rebelião contra Deus, tal como à separação d'Ele.

Todas estas e outras histórias são merecedoras de minucioso e examinador escrutínio, pois elas contêm lições do mais alto valor para os filhos de Deus. Apenas aqueles que, ao se tornarem totalmente firmes nos princípios do sábado de Deus, aprendem a não cometer os erros do passado, serão usados como instrumentos de Deus para acabar a obra.

Por agora, deixaremos estes exemplos para considerar a questão da devida ordem e organização da igreja.

A igreja através da qual Deus acaba a obra será organizada pela ordem divina. Este é um facto com o qual todos podem estar de acordo, se bem que estejam em desacordo quanto a qual será essa estrutura. O verdadeiro povo de Deus que está a ser preparado para formar esse movimento final compreenderá o caminho pelo qual Deus guia o Seu povo, e será movido em conformidade com o plano divino. Desse dia vindouro está escrito:

“A menos que os que podem ajudar em ----- sejam despertados ao senso de seu dever, não reconhecerão a operação de Deus quando se fizer ouvir o alto clamor do terceiro anjo. Quando irradiar a luz para iluminar a Terra, em vez de virem em auxílio do Senhor, desejarão cercar Sua obra para atender as suas acanhadas ideias. Permitti-me dizer-vos que o Senhor trabalhará nesta última obra de um modo muito fora da comum ordem de coisas e de um modo que será contrário a qualquer planeamento humano. Haverá entre nós os que sempre desejarão dominar a obra de Deus, para ditar até que movimentos se farão quando a obra avançar sob a direcção do anjo que se une ao terceiro anjo na mensagem a ser dada ao mundo. Deus usará maneiras e meios pelos quais se verá que Ele está tomando as rédeas em Suas próprias mãos.” *Testemunhos para Ministros*, 300.

Esta profecia confirma que o Senhor operará na obra final dum modo “fora da comum ordem de coisas”.

Qual é a ordem comum das coisas?

Esta questão responde-se simplesmente examinando a composição tanto da igreja como das organizações mundanas de hoje. Será visto que todas estão estruturadas do mesmo modo; quaisquer diferenças são apenas variações técnicas menores do mesmo assunto.

À cabeça está o presidente, o papa, o rei, ou um ditador. Perto dele há uma administração, um corpo de homens que toma as decisões que é identificado por vários nomes de organização para organização, por exemplo, o quadro da administração, a comissão executiva, a comissão da Conferência Geral, a cúria, o gabinete, ou o politburo. Entre esta alta autoridade e a base da estrutura há um número de níveis, cada um dos quais governa o que está mais abaixo é responsável perante o que está acima.

Por exemplo, na organização da Igreja Adventista do Sétimo-Dia a estrutura é como segue:

O Presidente da Conferência Geral é o mais alto oficial da igreja. Assistindo ao presidente na sua responsabilidade de tomar decisões está a Comissão da Conferência Geral. A seguir, o campo mundial está dividido em doze partes; norte-americana, afro-médio oriente, australiana, chinesa, as congregações adventistas do sétimo-dia da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, euro-africana, extremo oriente, inter-americana, norte Europa-África ocidental, sul-africana, norte asiática, e transafricana.

Cada uma destas está subdividida em uniões da conferência. Elas são demasiado numerosas para as citar aqui, de modo que, como exemplo, daremos uma lista da Divisão Australiana. Ela contém a Central Pacific Union Mission, Papua New Guinea Union Mission, Trans-Commonwealth Union Conferência, Trans-Tasman Union Conference, e Western Pacific Union Mission.

Cada uma destas é constituída por Conferências locais. A Trans-Tasman, por exemplo, está dividida em Greater Sidney Conference, North New South Wales Conference, South New Zealand Conference, North New Zealand Conference, North Queensland Conference, e a South Queensland Conference.

Sob a directa jurisdição das Conferências estão as igrejas individuais compostas pelos membros das congregações.

É uma estrutura piramidal onde em cada nível as decisões são tomadas pelo voto das pessoas desse nível. Ninguém das esferas inferiores se move, excepto em harmonia com a vontade e instruções daqueles que estão nas cúpulas mais elevadas do poder, com a Conferência Geral reconhecida como a voz com maior autoridade na igreja.

Esta é uma *comum* ordem de coisas. Um exame da estrutura da Igreja Católica Romana demonstrará que a sua forma de fazer as coisas é a mesma.

Governos nacionais, empresas de negócios, clubes desportivos, e as igrejas em geral, estão organizadas segundo as linhas desta *comum* ordem de coisas, mas o Senhor não operará de acordo com estes princípios na última e finalizadora obra. Isto será assim porque Ele por fim terá um povo que reconhece o seu lugar e que operará em harmonia com Ele como a única Cabeça da igreja.

Nestes sistemas terrestres de “ordens comuns”, todas as posições são determinadas pelos homens. Mesmo em situações onde um homem forte aparece para se colocar a si mesmo no poder, ele apenas tem sucesso por causa de um pequeno exército de apoiantes que foram persuadidos pelas atractivas promessas para o exaltarem à chefia nacional. E mantém a posição apenas enquanto tem suficientes seguidores duros e implacáveis para o manterem ali.

Dentro das igrejas e governos estabelecidos, todas as posições da mais elevada até à mais baixa, é determinada pela eleição humana. Os procedimentos são geralmente os seguintes. É dada consideração às qualificações necessárias para preencher a posição, então as várias possibilidades são escrutinadas até um número de nomes ter sido seleccionado. Cada nome deve ser mudado e substituído. A questão é então levada à votação, com a pessoa que receber o maior número de votos escolhida para posição. O sistema é tão bem conhecido que não precisamos de discuti-lo em detalhe aqui.

Uma vez preenchidas as posições, é necessário formar planos para o avanço da causa. A comissão ou direcção reúne-se, nalguns casos (tal como na igreja e certos governos) oram por divina orientação, e então os problemas que requerem soluções são expostos para discussão. Geralmente, uma frente excelente é mantida para transmitir a impressão que todas as pessoas na sala têm perfeita liberdade para exprimir o seu ponto de vista, mas tal como aqueles que têm trabalhado em comissões conhecem por experiência, um homem normalmente domina a cena. Ele está preocupado apenas com a obtenção da aprovação do resto, assim essas pessoas serão levadas a crer que a decisão foi a da maioria quando por vezes é da minoria. O presidente nunca dirá, “Eu decidi...”. Ele sempre dirá solenemente, “A comissão decidiu...”.

Ninguém devia ter dificuldade em ver que nestes sistemas o homem ocupa a função de solucionador de problemas e planeador. Contudo, muitas, senão todas as igrejas negarão isto. Apontarão a sua prática de nunca começarem uma reunião de comissão ou direcção sem primeiramente oferecerem uma oração em que pedem a Deus que os guie para que tomem as decisões necessárias. Eles declaram solenemente nestas petições que nada desejam fazer fora da Sua vontade. Sem dúvida, os participantes neste ardil firme e sinceramente acreditam que estão a trabalhar em perfeita harmonia com os divinos princípios de organização.

Uma cuidadosa análise destes sistemas cedo revelam se Deus ou o homem é a cabeça. Mesmo apesar das reuniões serem abertas com orações pedindo a divina orientação, é o homem que considera o problema e em seguida passa muito tempo a formular as soluções. Um homem sugere uma coisa e outro surge com uma proposta diferente. Às vezes, como no grande concílio de Jerusalém, quando o presidente da assembleia não é capaz de dominar a cena, haverá muita dissensão à medida que vários membros procuram impor as suas vontades individuais sobre o resto.

Quando o presidente da assembleia crê que já houve suficiente argumentação, chama alguém para propor que a discussão seja terminada e feita a votação. Outro apoiará a moção, a comissão defenderá isto, e a decisão estará então tomada. Alguns podem votar de uma maneira, e o restante de outra. A decisão será a da maioria, mesmo apesar de alguns poderem estar fortemente em desacordo com os planos adoptados.

No final da reunião, todos ajoelham em oração onde uma pessoa é apontada para pedir ao Senhor que abençoe os planos que eles fizeram em Seu favor. Isto, portanto, é um pedido para

Deus aceitar, abençoar, e seguir os planos que eles fizeram. Como é um simples princípio que aquele que é o planejador é a cabeça, enquanto que aqueles que seguem os planos feitos por outro são os servos ou seguidores, este sistema aponta Jeová para a posição de subordinado exaltando o homem como cabeça.

É desnecessário dizer, que o sistema é babilônico, e, tal como deve ser esperado, é aquele que opera em todas as igrejas apostatadas. Qualquer movimento que reivindica ser a verdadeira igreja de Deus e não obstante é organizado segundo as mesmas linhas que o papado, necessita compreender que algo está desesperadamente errado e que a sua reivindicação é, na realidade, vazia e falsa. Contudo, estranhamente curioso a Igreja Adventista do Sétimo-Dia que durante anos tem proclamado ter a missão de expor a verdadeira natureza do papado, está organizada exactamente segundo as mesmas linhas como o sistema que ela condena, sem jamais pôr em causa as terríveis implicações desta semelhança.

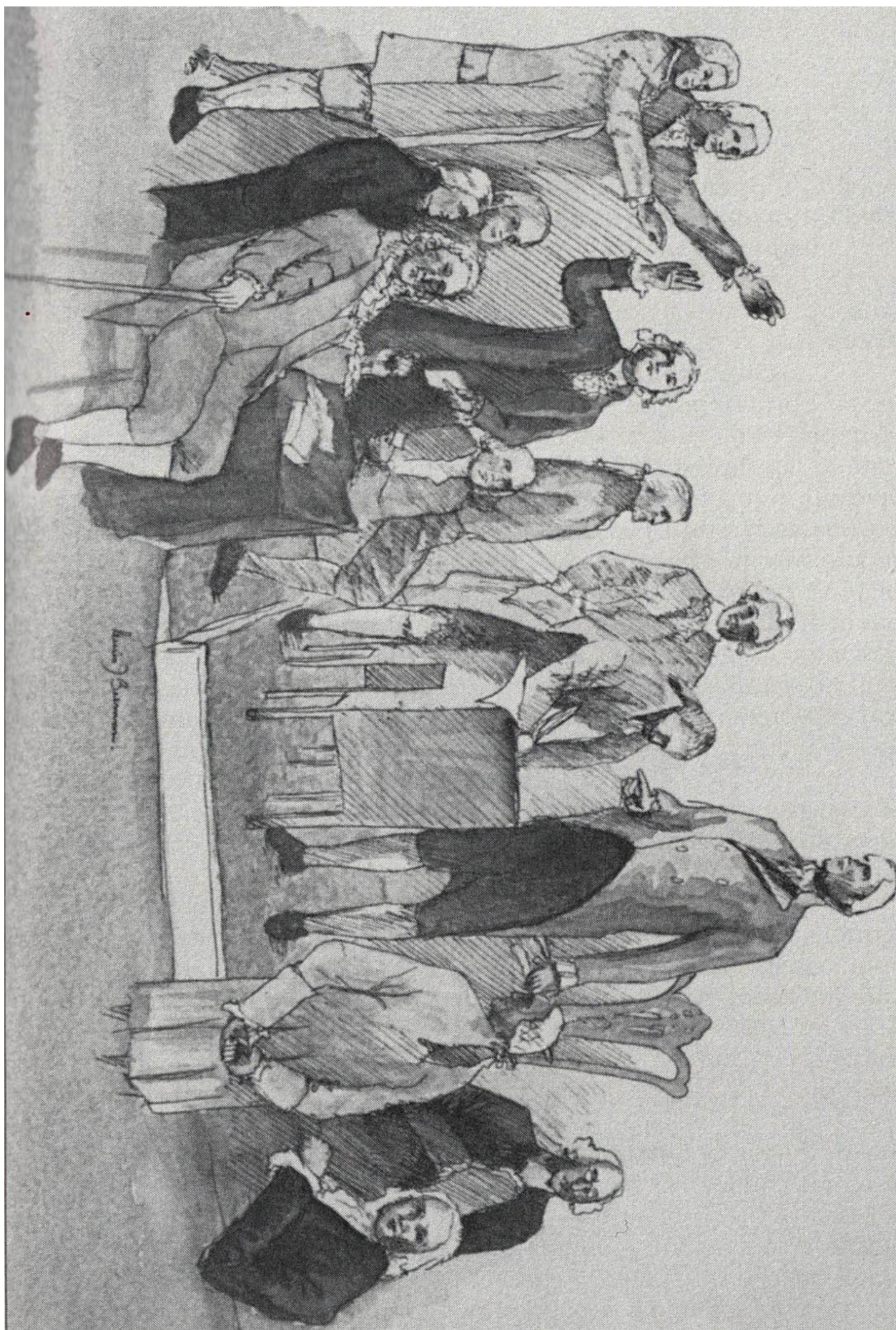
Todas as igrejas babilônicas e instituições mundanas partilham de um sistema comum de organização, tanto que podem ser identificadas por aquilo que são pelo tipo de estrutura de organização segundo a qual operam. A verdadeira igreja de Deus, desde que tenha sido emancipada do caído mundo religioso e educada nas linhas correctas sacudirá os erros comuns dos movimentos mundiais e reconhecerá a única Cabeça, Jesus Cristo. Por conseguinte, tão seguramente como as igrejas babilônicas podem ser identificadas como tal pela forma como são organizadas, assim a verdadeira igreja cristã pode ser reconhecida pela estrutura da sua organização. Por causa dos sistemas mundanos não conhecerem outra forma de organização que não a sua, e não poderem compreender os métodos de operação de Deus, consideram os verdadeiros filhos de Deus como não tendo qualquer organização.

Em toda a Escritura, Deus tem claramente mostrado o Seu modo de operar — o único tipo de estrutura de organização através do qual Ele pode operar. Ele demonstrou isto quando os israelitas foram tirados do Egipto através dum plano que não continha invenção humana. Havia homens capazes entre os anciãos, mas Deus não disse a Moisés para formar uma comissão, fazê-los ajoelhar em oração pedindo a orientação divina, e em seguida discutir e formar um plano para a sua partida. Deus não opera dessa forma porque essa é a ordem *comum* das coisas pela qual Ele não opera.

Pelo contrário, como Cabeça de todas as coisas na Sua igreja, Ele formou planos perfeitos para o êxodo. Ele comunicou isto a Moisés, que por sua vez o transmitiu ao povo. Eles receberam e obedeceram-lhes exactamente como foram dados, e foram desse modo capazes de deixar a terra da servidão sem interferência ou obstáculo. Foi uma obra prima de sucesso, brilhantemente concebida por Aquele que não comete erros, conhece o fim desde o princípio, e o único capaz de solucionar qualquer problema ou formar planos satisfatórios.

À partida, surgiu a necessidade de orientação para a terra prometida. Deus não fez qualquer mudança nos Seus métodos agora que eles estavam livres. Nenhuma comissão foi eleita, nenhum papel de tomar decisões foi entregue a um homem ou a um corpo de homens, e o resultado foi que eles continuaram com sucesso no seu caminho até que por fim chegaram às fronteiras da terra prometida.

Foi então que uma nova ordem de coisas surgiu, a saber, aquilo que se tinha tornado a *comum* ordem de coisas. O povo propôs que fosse formada uma comissão de homens com a missão de espiar a terra e regressar com os planos para o seu assalto e possessão. De harmonia com os Seus princípios de nunca forçar a Sua vontade àqueles que querem seguir o seu próprio caminho, Deus permitiu-lhes fazer o que desejavam, pois Ele sabia que, apesar de resultar em desastrosas consequências para os hebreus, forneceria uma lição para as gerações futuras aprenderem se o desejassem.



À medida que os séculos passavam, foram dadas a Deus frequentes oportunidades para demonstrar as más consequências do emprego da *comum* ordem de coisas, enquanto ocasionalmente Ele foi capaz de operar segundo os Seus caminhos. Sempre que o conseguiu, os resultados foram muito agradáveis e a obra cresceu com maravilhoso sucesso.

É provável que nenhuma pessoa compreendesse estes princípios melhor do que o apóstolo Paulo. Ele constantemente repetiu a verdade que Cristo é a Cabeça sobre todas as coisas na igreja. Ele comparou a igreja com a sua única cabeça e muitos membros diferentes, à idêntica estrutura do corpo humano. Assim todo o crente leva na sua própria pessoa uma perfeita lição objectiva da estrutura da verdadeira Igreja Cristã.

“O corpo é uma unidade, embora formado por muitos membros; e apesar dos seus membros serem muitos, formam um só corpo. Assim é com Cristo. Porque todos fomos baptizados por um Espírito no mesmo corpo — seja judeu ou grego, escravo ou livre — a todos nos foi dado a beber do mesmo Espírito.

“Ora o corpo não é um só membro, mas muitos. Se o pé disser: ‘Porque não sou mão, não sou do corpo;’ não deixará por isso de ser do corpo. Se a orelha disser: ‘Porque não sou olho, não sou do corpo;’ não deixará por isso de ser do corpo. Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfacto? Mas agora Deus colocou todos os membros no corpo, cada um deles como quis. E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Agora pois, há muitos membros, mas um corpo.

“E o olho não pode dizer à mão; ‘não tenho necessidade de ti!’ nem ainda a cabeça aos pés: ‘não tenho necessidade de vós.’ Antes, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários: E os que reputamos ser menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos tratamos com muito mais simplicidade, uma vez que os membros mais honrosos não necessitam de tratamento especial. Mas Deus combinou os membros do corpo e deu maior honra aos que tinham falta dela, de modo que não houvesse divisão no corpo, mas que todos os seus membros pudessem ter igual preocupação entre si. Se um membro sofre, todo o corpo sofre com ele, se um membro é honrado todo o corpo se alegra com ele.

“Vós sois o corpo de Cristo, e cada um de vós é um membro dele. E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois os que têm dons de curar, os que são capazes de socorrer outros, os que têm o dom de governar, e os que têm variedade de línguas. Porventura são todos apóstolos? são todos profetas? são todos doutores? são todos operadores de milagres? Têm todos o dom de curar? falam todos diversas línguas? interpretam todos? Portanto, procurai com zelo os melhores dons e vos mostrarei um caminho mais excelente.” *2 Coríntios 12:14-31 New International Version.*

De maneira melhor ou mais clara podia Paulo ter explicado a relação que deve existir entre Cristo a Cabeça da Igreja Cristã, e cada um de nós como membros desse corpo. A mensagem é tão explícita que não há desculpa para não se compreender exactamente como Deus pretende que a Sua igreja seja organizada. Uma pessoa tem apenas que aceitar o facto que as regras de operação para o corpo humano são igualmente válidas para o espiritual, a igreja. A única

**ILUSTRAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR:**

*Aqui está uma ilustração de um artista de um dos primeiros governos dos Estados Unidos em sessão, onde a comum ordem de coisas para todo o planeamento humano era seguida. Homens, com as melhores intenções, reuniam-se para arranjar soluções para os muitos problemas complexos que os ameaçavam, e, depois de muita disputa, chegavam por fim à decisão da maioria. Somente na verdadeira igreja de Deus onde apenas Cristo é a Cabeça e todo o membro tem uma pessoal ligação viva com Ele, há uma forma diferente de dirigir as coisas.*

diferença é que enquanto os membros do organismo físico não têm alternativa senão funcionar segundo os desígnios de Deus, os indivíduos que são chamados para serem parte do corpo de Cristo têm realmente a escolha de operar em harmonia com os métodos de Deus ou os seus.

Portanto, torna-se a obrigação do crente estudar como deve relacionar-se com a sua divina cabeça, enquanto se comporta em relação aos outros membros do corpo de Cristo exactamente como os seus membros físicos do seu próprio corpo operam em harmonia com as leis de Deus. Se cada pessoa fizesse isto, então a obra de Jeová no mundo avançaria com tremendo sucesso em direcção à sua vitória final, e os santos seriam por fim recebidos no seu eterno lar.

Primeiramente deve ser notado que os membros não podem existir separados do corpo. Há indivíduos cuja confiança nas organizações da igreja, ou disposição para “seguir sozinhos”, é tão forte que sentem dever permanecer separados de qualquer igreja. Porém, é impossível a um membro continuar saudavelmente vivo, separado do corpo. Cortai um dedo da mão, ou um braço do tronco, e ele não só não será capaz de funcionar a partir desse momento, mas morrerá e decompor-se-á.

É verdade que alguns indivíduos têm que viver sozinhos em remotos lugares da Terra, mas este isolamento geográfico não os separa da Cabeça ou do corpo. Quando verdadeiros crentes são assim colocados, guiados pelo Espírito Santo, buscam e encontram outros da mesma fé. Uma vez encontrados, estabelecem comunicação entre si e não descansam enquanto não se encontram face a face.

Deus sempre tem reunidos crentes num movimento claramente definido onde quer que isto tenha sido possível. É o Seu modo de fazer as coisas. Ele não Se agrada quando pessoas demonstram uma disposição para permanecer isoladas do corpo. Aqueles que fazem isto afirmam que têm uma ligação com a Cabeça, mas falham em ver que é impossível estar ligado à cabeça e ao mesmo tempo não fazer parte do corpo.

“Embora seja uma verdade que o Senhor guia os indivíduos, é também verdade que Ele está conduzindo o povo, e não alguns indivíduos separados aqui e acolá, crendo um esta coisa e o outro aquela. Os anjos de Deus fazem a obra que lhes foi confiada. O terceiro anjo está retirando e purificando um povo, e esses devem mover-se unidos com ele.” *Testemunhos para Ministros*, 488.

Todos disseram que há sete anjos através dos quais Deus finalizará a obra nestes últimos dias. Cada anjo representa um coeso movimento de pessoas que diversificam em aptidões e capacidades, movendo-se todas sob a direcção de uma única Cabeça. É apenas porque os membros de tantos quantos destes sete se desenvolveram até agora, se afastaram dos princípios estabelecidos para a operação desses movimentos, que a vinda de Cristo tem sido tão seriamente atrasada.

Apesar destes argumentos serem inteiramente válidos, os dirigentes das igrejas apostatadas empregá-los-ão para insuflar medo aos seus paroquianos. Eles levam os seus ouvintes a presumir que, independentemente de quão longe a igreja se afaste de Deus, qualquer afastamento da igreja em si mesma, resultará em perda da vida eterna.

Os seus erros residem em não indagarem se a igreja à qual pertencem é, de facto, o corpo de Cristo. Se não é, então a sua presença nessa organização é em si mesma a própria separação contra a qual eles são uma sonante advertência. Consequentemente, permanecer dentro desse corpo de morte é assegurar a destruição. Conclui-se que, antes de uma pessoa se separar de um movimento ou juntar-se a outro, deve estar certa que sabe onde está realmente o corpo de Cristo.

No corpo humano há muitos membros diferentes, alguns sendo grandes outros pequenos, alguns sendo importantes enquanto outros desempenham um papel menos importante, mas não importa quão superior um membro possa ser sobre o outro, não tem o direito nem o poder de dirigir outro membro. Esta é a missão reservada à cabeça. Portanto, a mão direita não pode dizer ao pé esquerdo ou ao olho direito o que fazer. Tudo o que a mão direita pode fazer é operar em

resposta às directivas dadas pela cabeça e assim operar em perfeita coordenação com os outros membros.

Do mesmo modo, tem que haver apenas uma única Cabeça na igreja, uma verdade que é salientada e repetida nas Escrituras. Esse papel não pertence a homem algum senão a Jesus Cristo.

“E sujeitou todas as coisas a Seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja.

“Que é o Seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.

“Antes, seguindo a verdade em caridade, crescemos em tudo n’Aquele que é a Cabeça, Cristo.” *Efésios* 1:22, 23; 4:15

“Mas quero que saibais que Cristo é a Cabeça de todo o varão, e o varão a cabeça da mulher; e Deus a Cabeça de Cristo.” *1 Coríntios* 11:3.

Cristo não é a Cabeça nalgum sentido geral mas a directa e única Cabeça de todo o membro do Seu corpo, que é a verdadeira igreja de Deus. A Sua função não está limitada à elaboração de ordens gerais, enquanto comissões e direcções preparam as específicas. A Sua vontade somente é orientar, planear, e solucionar. Algo que não seja d’Ele não será atendido pelos Seus membros, exactamente como a verdadeira ovelha ouve unicamente a voz do verdadeiro pastor. Portanto, não há lugar para qualquer homem assumir a posição de autoridade sobre outro homem na igreja. Tentar isto, é construir Babilónia “a mãe das prostitutas e abominações da Terra”. *Apocalipse* 17:5.

“Os obreiros de Cristo devem obedecer implicitamente às Suas instruções. A obra é de Deus e, se queremos beneficiar a outros, é mister seguir-Lhe os planos. O próprio eu não se pode tornar um centro; o eu não pode receber honra. Se planeamos segundo as nossas próprias ideias, o Senhor nos abandonará a nossos erros.” *The Desire of Ages*, 369, Pacific Press. Vede *O Desejado de Todas as Nações*, 352, 353.

Para aqueles que receiam que essa submissão à vontade de Cristo em todas as coisas degrade ou desumanize, o exemplo de Cristo assegura que isto não será assim. Pelo contrário, n’Ele que nada fez fora daquilo que o Seu Pai planeou para Si, toda a capacidade foi estimulada ao mais alto desenvolvimento.

“[Cristo] glorificava Sua vida por torná-la em tudo submissa à vontade do Seu Pai.” *A Ciência do Bom Viver*, 19.

Aquele que aceita tanto as ordens gerais como as específicas da sua Cabeça divina e lhes obedece exactamente como elas são dadas sem adicionar qualquer plano humano, verificará que está a desenvolver toda a estatura de um homem em Cristo Jesus. Toda a faculdade melhorará, todo o defeito será purificado, e avançará de glória em glória.

A história do mundo fornece ampla evidência do que acontece aos que rejeitam Cristo como a única Cabeça da igreja, crendo que o Senhor os tem dotado com capacidades e aptidões pelas quais têm o poder e responsabilidade de dirigir os seus próprios assuntos e os assuntos de Deus. É prática comum dos dirigentes da igreja aceitar as ordens gerais de Deus, e então fazer as suas próprias ordens específicas.

Observai o estado da raça hoje para ver o efeito destes procedimentos tanto dentro como fora das igrejas. A degradação do homem está a chegar a maiores profundidades diariamente e em breve estará mergulhada no mais profundo abismo. Ninguém que procure governar a sua própria vida — quer para construir o seu próprio reino ou o reino de Deus, jamais obterá vitória no final. Não só perde a vida eterna, mas diariamente está a afastar-se e a morrer como homem.

A autoridade de Cristo alcança o ponto onde somente Ele tem o direito de chamar uma pessoa para qualquer posição na igreja. Isto está de acordo com o facto que apenas Deus designou a cada membro do corpo tanto a sua função como o seu lugar. Isto é uma ilustração muito excelente do modo de Deus operar.



Foi Deus que desenhou o coração, o colocou em posição na caixa, e lhe deu a missão de bombear o sangue através de todo o aparelho circulatório. Semelhantemente, Ele apontou as mãos, cérebro, pés, nariz, olhos, e todos os outros membros para a obra que fazem. Em todas estas nomeações, nós não tivemos qualquer interferência. Deus desenhou o corpo sem a nossa ajuda e espera que nós respeitemos completamente a obra das Suas mãos.

Exactamente da mesma maneira, nenhuma pessoa tem que ter parte na eleição de um membro para qualquer posição na igreja. Por esta razão Paulo escreveu:

“Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um como quis.” *1 Coríntios 12:18.*

Neste texto o apóstolo está a referir-se ao inevitável facto que o corpo humano é divinamente desenhado e que os homens nada têm a dizer absolutamente quanto ao desenho. Ele faz isto para gravar a verdade que o plano da igreja deve também ser livre de qualquer invenção humana. Tão seguramente como Deus colocou os membros no corpo físico, assim Ele os colocou na igreja. “E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedade de línguas.” Versículo 28.

É Deus, não o homem, que aponta os obreiros na igreja. Portanto, não pode haver coisa como eleições pelo homem na verdadeira assembleia dos justos. Os homens tentarem fazer isto é usurpar o lugar que pertence a Cristo somente. Isto é reconstruir o papado e assegurar que Deus não caminhe entre aqueles que seguem este curso.

O reino de Deus não é uma democracia — um governo do povo, para o povo, e pelo povo. É uma teocracia, que é um governo inteira e unicamente de Deus, e dirigido por Ele, embora seja muitíssimo para bênção e benefício do povo.

Se é Deus a dirigir o reino e não o homem, então não é dirigido pela comum ordem dos procedimentos humanos, por isso o sistema de votação não tem lugar nele. Se o fosse, a obra de Deus falharia sempre que ele fosse usado.

Prova facilmente reconhecível que a obra de Deus falharia, é dada na história dos israelitas quando viajavam do Egipto para Canaã. Moisés, em cuja nomeação não havia traço de eleição humana, detinha a maior parte da responsabilidade. O Senhor chamou-o para o Seu ministério e depois informou Israel da posição em que Ele tinha colocado o Seu servo.

À medida que eles viajavam através do desgastante deserto, irado descontentamento irrompeu entre as fileiras diversas vezes, e muitos deles resolveram voltar ao Egipto. Se o Senhor tivesse dito a Moisés nestas ocasiões para reunir o povo, permitir que eles argumentassem as vantagens e desvantagens de um regresso ao Egipto, estabelecesse mesas de voto, e pedisse à multidão que votasse acerca da questão, a maioria teria certamente escolhido o regresso. Uma vez que o assunto tivesse sido sujeito à votação do povo, todos teriam que submeter-se qualquer que fosse a decisão, mesmo Moisés.

É claro que o recurso ao sistema de votação teria levado o povo na direcção oposta àquela que Deus os estava levando, e teriam destruído completamente o plano.

Num futuro muito próximo o alto clamor começará. Quando esse tempo chegar, a maioria na igreja será constituída por virgens loucas, cada uma das quais terá tanto poder de voto como as virgens prudentes. As virgens loucas serão incapazes de praticar grandiosos actos de fé unicamente pelos quais a obra de Deus pode ser avançada em tempos de prova. Portanto, se a decisão da maioria do povo deve ser o meio pelo qual a obra será levada avante então, ela falhará completamente. O único movimento que podia possivelmente servir como instrumento de Deus para finalizar a obra, é o único em que Cristo é a Cabeça no mais completo sentido da palavra.

Mesmo apesar não compreenderem isto, aquelas igrejas que actualmente são dirigidas pela vontade do povo tal como expressa no sistema de votação, estão em servidão dos procedimentos dos quais não podem escapar e que completamente as desqualificará para o alto clamor. A instituição do sistema de voto entrega o poder nas mãos do povo. A organização torna-se um

sistema democrático que é governo do povo e pelo povo, e todas as decisões daí em diante devem ser tomadas por votação. Para devolver este poder a Deus, tem que ser votada a abolição do sistema de votação, mas isto só pode ser feito se a maioria na vasta organização está convencida que deve fazer assim. Até agora na história humana, uma coisa dessas nunca aconteceu e nada há que nos leve a crer que acontecerá.

Será assim demasiado tarde quando o alto clamor vier, para as virgens prudentes verem que a obra não pode ser finalizada enquanto o poder de decisão estiver com o povo. Os filhos de Deus devem libertar-se deste sistema antes desse tempo chegar, ou não estarão preparados para fazer a obra do Senhor quando ela vier. Uma vez obtida esta liberdade, devem guardar-se com zeloso cuidado, decididos que nada jamais os induza outra vez a tomar nas suas próprias mãos a liderança que pertença somente a Cristo. Esta cuidadosa vigilância contra a infiltração do inimigo é especialmente necessária, porque, até ao fim, “Haverá entre nós os que sempre desejarão dominar a obra de Deus, para ditar até que movimentos se farão quando a obra avançar sob a direcção do anjo que se une ao terceiro anjo na mensagem a ser dada ao mundo”. *Testemunhos para Ministros*, 300.

Esta classe é digna de confiança para avançar certos argumentos contra o tipo de organização que o Senhor deseja instituir. Um destes argumentos é baseado na ocasião em que Jetro visitou Moisés e o aconselhou a designar magistrados para o assistir e aliviar nas pesadas responsabilidades judiciais que estavam consumindo tanto do seu tempo e energia. Esses opositores apontam o facto que Moisés aceitou o conselho de outro homem e argumentam que a eleição de juizes pessoalmente por Moisés para as suas posições, é um argumento a favor da eleição humana.

Para alguns isto parece ser um caso fácil “claro e encerrado”, mas não é assim tão simples como tudo isso, porque as circunstâncias em que este conselho foi dado não devem ser negligenciadas. Além disso, nunca deve ser esquecido que os divinos princípios de organização apenas operam onde os membros individuais do movimento não só têm uma viva ligação com a sua Cabeça, mas são educados para compreender a relação que deve existir entre a única cabeça e os numerosos membros.

Quando o movimento é composto por pessoas que têm falta destas qualidades, significa que estão separadas da sua Cabeça o que lhes torna impossível serem guiadas por Cristo. Nenhum membro pode operar sem a cabeça, quer seja a sua própria cabeça quer seja a de outra pessoa. Deus reconhece que quando um homem é a sua própria cabeça, anarquia e desordem são assegurados como resultado. Portanto, sob as circunstâncias onde por causa da incredulidade e ignorância, Deus é destronado do Seu legítimo lugar, é melhor que homens responsáveis governem sobre outros homens. Embora este nunca possa ser um sistema na igreja através da qual Deus operará em poder, é certamente melhor do que a mais degradada desordem.

No caso dos israelitas nos dias de Moisés, é claro que muito poucos tinham alguma vez estabelecido uma vital ligação com Deus. Apesar da clara lição dada que revelou a capacidade de Deus para guiá-los, o povo tinha despojado os corpos mortos dos egípcios das armaduras e armas que tinham dado à praia no Mar Vermelho. Este era um acto muito significativo, porque ele queria dizer que tinham tirado a responsabilidade da ordem civil das mãos de Deus para as suas.

Se o povo tivesse sido abençoado com uma viva e íntima ligação com a Cabeça divina, não teria havido casos civis para Moisés presidir, pois não teria havido lutas, dissensões, ou qualquer coisa para ele julgar.

Portanto, sob tais circunstâncias, a melhor solução era que homens fossem apontados para estabelecer as diferenças entre estas pessoas. Isto era mais desejável do que cada pessoa tratar do seu próprio problema, o que teria conduzido a uma situação onde cada homem era o seu próprio investigador, carcereiro, juiz, e executor. Justiça imparcial não podia ter sido administrada sob estas circunstâncias. Emocionalmente envolvido, cheio de um espírito de

vingança, e levado por um insistente desejo de “ajustar contas”, o ofendido estaria menos preocupado em certificar-se da justiça da sua decisão do que com o aliviar-se dos sobrecarregados sentimentos. Sob estas condições, muitas pessoas inocentes sofreriam pelos crimes de outros.

Moisés era o homem melhor preparado para servir de juiz, mas, devido ao grande número de responsabilidades que o Senhor lhe havia dado, não era certamente prudente que ele gastasse todo o seu tempo e energias na administração destes casos individuais. Jetro deu-lhe o melhor conselho quando sugeriu a eleição de homens que partilhassem as responsabilidades. As Escrituras dizem-nos que “escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os pôs por cabeça de todo o povo: maiores de mil, maiores de cem, maiores de cinquenta, maiores de dez.

“E eles julgaram o povo em todo o tempo; o negócio árduo trouxeram a Moisés, e todo o negócio pequeno julgaram eles.” *Êxodo 18:25, 26.*

Aqueles cujas mentes estão inclinadas em provar que a igreja não pode operar sem eleições e tomadas de decisão humanas, rapidamente interpretam o testemunho que “Moisés escolheu homens capazes”, para significar que ele os seleccionou na base do seu próprio julgamento.

Mas o facto é que as Escrituras não nos dizem exactamente como ele procedeu com o assunto de fazer as nomeações. Embora o povo não tivesse por si mesmo uma íntima ligação com o Senhor, Moisés tinha. Portanto, compreendendo a necessidade de se escolher o homem correcto, não confiaria estas decisões a si mesmo, mas pediria ao Senhor que nomeasse os indivíduos e indicasse a posição exacta para a qual deviam ser designados.

Se este foi o procedimento que ele seguiu, então não foi uma eleição humana, mas uma série de nomeações divinas. O imediato e duradouro sucesso do esquema aponta para Deus ser o Solucionador do problema neste caso.

Mais tarde, houve outro acontecimento que muitos confundem com o atrás mencionado. Foi a ocasião em que setenta anciãos foram apontados por Moisés para o auxiliar na direcção espiritual do povo. Isto foi o fruto da incredulidade de Moisés, e apesar de no princípio trazer bênção ao acampamento, como as medidas humanas normalmente fazem, não foi muito tempo antes de sérios males se desenvolverem a partir desta provisão.

A crise desenvolveu-se quando o povo trouxe grande dificuldade sobre Moisés ao murmurar e queixar-se acerca da comida que o Senhor lhes tinha dado. Isto provou ser demasiado para Moisés.

“Então Moisés ouviu chorar o povo pelas suas famílias, cada qual à porta da sua tenda: e a ira do Senhor grandemente se acendeu; e pareceu mal aos olhos de Moisés.” *Números 11:10.*

Nesta hora de prova, a fé de Moisés falhou e dirigiu as suas murmurações contra Deus.

“E disse Moisés ao Senhor: por que fizeste mal ao Teu servo, e por que não achei graça aos Teus olhos, que pusesses sobre mim o cargo de todo este povo?

“Concebi eu porventura todo este povo? Gerei-o eu para que me dissesses: Leva-o ao teu colo, como o aio leva o que cria, à terra que juraste a seus pais?

“Donde teria eu carne para dar a todo este povo? porquanto contra mim choram, dizendo: Dá-nos carne a comer.

“Eu só não posso levar a todo este povo, porque muito pesado é para mim.

“E se assim fazes comigo, mata-me, eu To peço, se tenho achado graça aos Teus olhos; e não me deixes ver o meu mal.” Versículos 11-15.

Obviamente, Moisés foi comovido até ao ponto em que participou do espírito de murmuração do povo. Essa foi uma exibição de incredulidade que teve consequências muito trágicas para Israel. O Senhor compreendeu como e porquê Moisés se sentiu como sentiu, e, com essa infinita bondade e paciência que caracteriza o Pai eterno, orientou Moisés na escolha por si próprio de homens capazes para o auxiliarem na sua obra.

“E disse o Senhor a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel de quem sabes que são anciãos do povo, e seus oficiais; e os trarás perante a tenda da congregação, e ali se porão contigo.

“Então Eu descerei e ali falarei contigo, e tirarei do espírito que está sobre ti e o porei sobre eles; e contigo levarão o cargo do povo para que tu só o não leves.” Versículos 16, 17.

“O Senhor permitiu a Moisés escolher por si mesmo os homens mais fiéis e aptos para com ele participarem da responsabilidade. Sua influência ajudaria a sustentar a violência do povo e sufocar a insurreição; contudo, graves males resultariam finalmente de sua promoção. Eles nunca teriam sido escolhidos caso Moisés houvesse manifestado uma fé que correspondesse às provas que tivera do poder e bondade de Deus. Mas ele exagerara seus encargos e trabalhos, quase perdendo de vista que era apenas o instrumento pelo qual Deus operara. Não tinha desculpa, por condescender, por pouco que fosse, com o espírito de murmuração, que era a maldição de Israel. Se tivesse depositado inteira confiança em Deus, o Senhor tê-lo-ia guiado continuamente, e lhe teria dado forças para toda emergência.” *Patriarcas e Profetas*, 397.

Esta foi definitivamente uma eleição humana. Moisés foi dirigido por Deus para escolher homens que, no seu julgamento, fossem aptos para levar com ele a pesada responsabilidade da chefia.

Há duas coisas importantes acerca deste exemplo, que não devem ser esquecidas. A primeira é que esta eleição teve lugar por causa da presença da incredulidade em Moisés, e a segunda é que, embora no princípio da sua existência trouxesse bênçãos ao acampamento, foi afinal a causa de graves males. Uma vez estabelecido o sistema era permanente. Nos dias de Cristo, tinha-se tornado no Sinédrio, o corpo dos setenta que condenou Cristo à crucifixão.

Esta experiência nunca pode ser usada para justificar a eleição humana, porque ela testemunha contra tais procedimentos. Isso nunca teria acontecido se Moisés tivesse simplesmente mantido a sua fé em Deus como seu planejador e portador de fardos. O incidente é assim um exemplo do que se deve evitar em vez daquilo que se deve seguir. É uma lição ensinando cada crente a olhar para Deus unicamente a fim de receber a Sua direcção e força para as levar a cabo. Em nenhuma circunstância deve ele jamais queixar-se se o fardo se torna tão pesado que pareça maior do que aquilo que ele pode suportar. Pelo contrário, ele devia ser inspirado a desenvolver o mais alto nível de fé, sabendo que o Senhor nunca colocará sobre ele mais do que aquilo que pode ser suportado.

A eleição humana e o sistema de votação nunca será encontrado na igreja que tem uma viva ligação com a divina Cabeça. Estes procedimentos derivam sempre da incredulidade — tanto que em toda a igreja onde estão estabelecidos, uma pessoa pode assegurar que o homem, não Deus, é a cabeça.

Alonzo T. Jones observou que “Eleições vêm da Grécia, por aqueles gregos que na ‘decadência’, não tinham o Espírito, e por isso tinham perdido a sua Cabeça.

“Nomeações vieram de Roma, quando o sistema político grego nos assuntos da igreja foram imperializados e o bispo de Roma se tornou a cabeça.

“A Reforma libertou-se do greco-romano *naturalismo* político pagão, e restaurou o *princípio espiritual* da divina ordem.

“Mas tem havido outra decadência. Outra vez o princípio espiritual foi perdido. Em toda a denominação de professos protestantes o princípio naturalista greco-romano da eleição e nomeação prevalece.” *Lessons from Reformation*, 109. Uma dessas organizações em que a eleição humana pelo sistema de voto é usado em todos os níveis, é a Igreja Adventista do Sétimo-Dia. Tanto os dirigentes como o povo estão inteiramente persuadidos que estão organizados de acordo com as divinas especificações, e que mudar daquilo que eles são para outra coisa seria apostatar da verdade. Para defender as suas afirmações, podem citar consideravelmente os escritos do Espírito de Profecia.

O testemunho em que os adventistas geralmente confiam para defender a sua disputa que a sua estrutura de organização está segundo a divina ordem, é aquele em que a irmã Ellen White evoca o estabelecimento desta ordem em 1863. Em 1900 ela escreveu:

“Faz já quarenta anos que foi introduzida a organização entre nós como um povo. Fiz parte daqueles que tiveram experiência ao estabelecê-la desde o princípio. Conheço as dificuldades que tiveram de ser enfrentadas, os males que ela se destina a corrigir, e tenho notado sua influência em relação com o crescimento da causa. Na fase inicial da obra, Deus nos proporcionou luz especial sobre este ponto, e esta luz, juntamente com as lições que a experiência nos ensinou, deveria ser tida em cuidadosa consideração.” *Testemunhos para Ministros*, 24.

Há diversos pontos que aqueles que citam este testemunho passam por alto. Por que motivo esperou o Senhor trinta anos de história do advento antes de os instruir a formar este tipo de organização?

Alguns argumentam que o número crescente a tornou necessária, mas o facto é que houve muito mais membros durante o período que levou a 22 de Outubro de 1844, do que havia em 1863.

Outra vez, se esta fosse a perfeita organização, por que razão não será a forma que Deus empregará durante o alto clamor? Alguns podem dizer que os crentes estarão tão espalhados pela perseguição dessa altura, que será impossível para eles operarem numa corporação organizada, mas esta dispersão será apenas por uma pequena porção de tempo perto do fim do tempo.

Deus tinha muito boas razões para introduzir esta forma de organização nessa altura. A chave para estas mentiras está na declaração, “Conheço as dificuldades que tiveram de ser enfrentadas, os males que ela se destina a corrigir”. Por outras palavras, o aparecimento de certos males entre os adventistas necessitou da introdução deste sistema de governo na igreja.

Quais eram esses males e qual a causa do seu aparecimento?

Obviamente eles não tinham estado presentes durante os anteriores trinta anos ou o Senhor teria chamado à introdução desta medida de correcção muito tempo antes.

Como a introdução apresentada no primeiro capítulo mostra, por volta de 1858 o povo adventista tinha caído na condição de laodiceia. Ele tornara-se destituído da fé que opera pelo amor e purifica a alma. Isto apenas podia significar que na sua decadência, eles, tal como os gregos mencionados acima, tinham perdido a sua Cabeça.

Como já foi declarado, é impossível a divina ordem de coisas continuar quando a incredulidade toma posse do povo e este perdeu a ligação com a sua Cabeça. Males certamente se levantarão à medida que cada homem tenha a tendência para se tornar a sua própria cabeça, desse modo ameaçando anarquia e completa ruína.

A introdução desta nova ordem de coisas foi o último recurso. Obviamente, a primeira e mais desejável solução era livrar o povo da sua condição laodicense e fazê-lo regressar a uma viva experiência em fé e justiça. Deus tinha passado um número de anos tentando alcançar isto. Uma pessoa tem apenas que ler a sucessão de capítulos em *Testemunhos*, Volume 1, que leva à proclamação que a condição de laodiceia se aplica ao povo do advento em 1858, para ver quão diligentemente o Senhor enviou mensagem atrás de mensagem de reprovação e advertência durante aqueles anos.

Estes esforços falharam em alcançar o propósito para o qual foram despendidos, confirmando em 1858 que não haveria grande renascimento e reforma entre o povo de Deus nessa altura. Deus permitiu que passassem mais cinco anos antes de os levar a organizarem-se sob a humana direcção em preferência à sua fragmentação em todas as direcções e a tornarem-se presa e divertimento dos seus inimigos.

Assim, as mesmas consequências que acompanharam a queda dos adventistas estiveram presentes no passado sempre que o povo de Deus perdeu a sua ligação com Ele.

Quando Moisés perdeu a fé no caminho para a terra prometida, seguiu-se uma eleição humana, estabelecendo dentro de Israel um corpo de homens que por fim se tornou uma maldição para a causa.

Quando a igreja apostólica foi arrastada para a apostasia, começaram as eleições e nomeações humanas.

A Reforma recuperou a divina ordem até que, por sua vez, caiu e o sistema de votação foi de novo estabelecido.

Os primeiros crentes do advento não trouxeram consigo o sistema de votação quando saíram das igrejas protestantes. William Miller, Joshua V. Himes, Joseph Bates, James White, e certamente Ellen White, todos receberam a sua comissão directamente do Senhor. Nenhum planeamento humano esteve envolvido. Assim continuou a ser até à queda na condição de laodiceia. Com a separação do corpo da Cabeça, já não era possível a vontade da Cabeça ser expressa no corpo. A única alternativa era a organização humana no lugar da divina.

Por causa destes princípios não serem vistos pelos membros da Igreja Adventista do Sétimo-Dia presentemente, olham com orgulho e satisfação o seu vasto e eficiente sistema de organização, em vez de verem nele um comentário da sua destituição espiritual, separação da Cabeça, e desesperada necessidade de recuperar essa fé que tornará possível o restabelecimento da divina ordem entre eles.

É lamentável dizer que a vasta maioria nunca acordará do seu torpor, para regressar aos caminhos do Senhor, e assim entrar no Seu repouso tanto agora como na eternidade. Todavia, louvai o Altíssimo, porque haverá um povo, que embora pequeno em número, recuperará esse íntimo caminhar com o Senhor e verá o estabelecimento da forma de Deus dirigir o Seu povo. Isto acontecerá “quando a obra avançar sob a direcção do anjo que se une ao terceiro anjo na mensagem a ser dada ao mundo”. *Testemunhos para Ministros*, 300.

O mensageiro celeste, que primeiramente apareceu em 1888, está connosco outra vez, e desta vez ele tem sido bem recebido por um crescente número de pessoas em todo o mundo. Um movimento está a ser formado sob o seu comando no qual, em primeiro lugar e acima de tudo, os crentes são educados para se tornarem membros vivos do corpo de Cristo. A necessidade de uma experiência e ligação pessoal com a divina Cabeça é salientada, e muitos testificam deste casamento dador de vida do divino com o humano.

Se este é verdadeiramente o movimento do anjo do *Apocalipse*, então não será organizado segundo a comum ordem de coisas, mas será construído da mesma maneira como foram todos os outros movimentos em que os membros foram acima de tudo chamados por Deus e Cristo, e como continuaram até à sua queda. Nenhum movimento divinamente apontado jamais usou o sistema de votação da eleição e nomeação humana quando saiu das trevas para a maravilhosa luz de Deus. É importante que estes princípios sejam tomados apenas quando os crentes perderem a sua fé e apostatarem.

Portanto, qualquer movimento que estabeleça dentro de si mesmo um governo humano em vez de divino, não é chamado por Deus mesmo que os seus seguidores pensem que têm a ordem divina. Não é do homem, é do diabo. Deus nunca será encontrado nele ou operará através de tais grupos.

Hoje, o Senhor está a reunir o Seu exército final, a Sua última igreja, o movimento através do qual a última advertência será dada à raça humana que perece. Ele deseja livrar os membros do Seu corpo de todo o profanador princípio de exaltação do homem de Babilónia e do mundo em que ela reina. E Ele terá o Seu método, porque a Sua última igreja não será apenas dedicada mas será também iluminada. Os seus membros saberão o que constitui o sistema em Babilónia e estará decidido a não conhecer outra cabeça senão a de Cristo. Eles serão o que o rebanho adventista podia ter sido há cem ou mais anos atrás, e o que a igreja apostólica podia ter sido há cerca de dois mil anos.

Se este é o tipo de igreja através da qual o Senhor pode finalizar a obra, então porque ordenou Ele um outro tipo de organização inferior entre os judeus e os adventistas?

A resposta é encontrada no infinito amor de Deus. Ele não pode e não abandonará um povo enquanto este não O abandonar totalmente. Entretanto, fará tudo o que Lhe é possível fazer para lhes dar oportunidade para despertarem dos seus erros e pecados, e voltarem para Ele. Dando ao povo do advento a melhor das duas opções depois de terem perdido a primeira e melhor, Ele garante a sua sobrevivência como movimento. Sob a responsabilidade da liderança humana, o barco seria mantido navegando até que finalmente naufragasse, ou, recuperando a fé no Piloto celestial, Lhe entregasse o leme de novo.

Cristo —  
O Exemplo Perfeito

**P**ara um mundo que, tanto na sua vida política como espiritual, era totalmente ignorante dos caminhos de Deus e assim não entrou no repouso, Cristo veio para revelar os procedimentos pelos quais o Seu Pai operava. Assim a questão de como o Altíssimo deseja que a Sua igreja seja organizada responde-se simplesmente vendo como Cristo organizou a igreja quando esteve pessoalmente aqui na Terra.

Esta resposta é completamente válida, pois isto é a palavra final em toda a questão que envolve a vontade e os caminhos do Pai. Ele é a revelação do maravilhoso e belo carácter de Deus. Qualquer posição acerca da natureza do Altíssimo é confirmada ou negada comparando-a simplesmente com a vida e ensinamentos do Salvador.

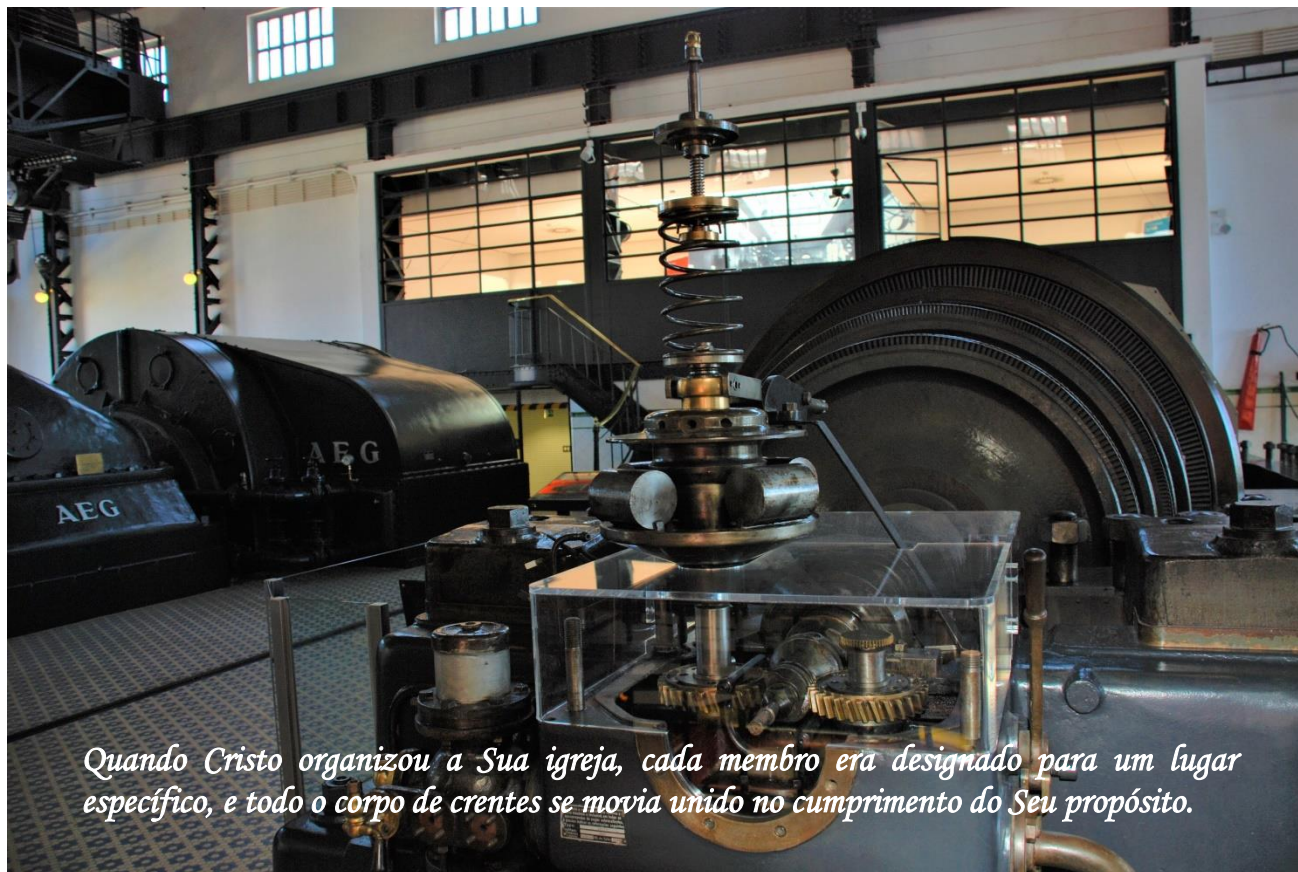
Alguns diriam que o tipo de organização que o Salvador estabeleceu quando esteve entre o homem, resultava apenas sob aquelas condições muitos especiais. Por alguma coisa, argumentam, tinha Ele que estar ali visivelmente para o sistema resultar, e além disso, uma vez removido dentre o Seu povo não mais podia dirigi-lo pessoalmente, mas dependia de homens piedosos que fizessem esta obra por Ele.

Estes são os argumentos da incredulidade. Os factos reais são que Cristo estabeleceu e manteve uma organização que Ele muito mais facilmente dirigiria depois da Sua ascensão do que antes. Na Terra, Ele sofreu as limitações da humanidade física, o que queria dizer que Ele não podia estar pessoalmente com todos os membros ao mesmo tempo, ao passo que agora, que está no Céu, é capaz, através do ministério omnipresente do Espírito Santo encher e dirigir cada verdadeiro cristão momento a momento. Portanto, se a organização que Ele estabeleceu enquanto estava na Terra operou tão eficientemente sob as condições então existentes, operará com o mesmo sucesso em condições mais favoráveis existentes desde a Sua entronização ao lado de Seu Pai.

A chave de todo o assunto é a existência dentro do crente da fé de Jesus. Sem ela o professo povo de Deus não tem relação com a Cabeça, nem possui qualquer capacidade para ver como a ordem divina operará. Os membros da igreja em qualquer lugar precisam reconhecer a verdade destes factos, porque eles serão então levados a ver que todas as vezes que verificarem que



argumentam a favor das eleições humanas, mostram os sintomas da incredulidade, exibem uma ignorância dos caminhos de Deus, e estão privados do Seu doce repouso. Esta compreensão mostrar-lhes-ia a sua necessidade de adquirir uma tão íntima ligação com Deus que, na realidade, seriam membros do Seu corpo, e deste modo capazes de operar de acordo com os Seus caminhos, e entrar no Seu repouso.



Fé viva foi necessária para o estabelecimento e operação da verdadeira organização do evangelho quando Cristo estava sobre a Terra, tal como a mesma qualidade tem que ser apresentada para continuar a funcionar hoje. Uma vez que Cristo disse que quando viesse, dificilmente encontraria alguma fé na Terra, deve esperar-se que muito poucos verão e seguirão os princípios da ordem divina na organização da igreja.

Quão diligentemente, então, deve o verdadeiro cristão cultivar fé viva, estudar a forma de organização que Cristo construiu, e aplicar os princípios na sua própria vida!

Qual era o sistema de operação que o Salvador desenvolveu durante o Seu ministério terrestre?

Esperar-se-ia que estivesse em conformidade com os princípios estabelecidos mais tarde por Paulo, quando comparou a igreja com Cristo como sua única Cabeça, com o harmonioso funcionamento do corpo humano. Assim aconteceu. O movimento a que Cristo deu existência e com fidelidade e êxito guiou não admitia planos humanos.

Alguns podem argumentar que quando o ministério de Cristo começou, não havia membros dos quais os oficiais executivos pudessem ser eleitos, deixando assim Cristo sem escolha a não ser tomar as Suas próprias decisões.

Isto não é verdade.

João Baptista juntou um bom número de crentes fiéis. Se estivesse nos caminhos de Deus depender dos homens para dirigir a Sua obra, Ele podia facilmente procurar para escolher candidatos entre estes convertidos para dirigirem as coisas por Ele.

Mas Ele não fez isto.

Quando chegou a altura de escolher os doze apóstolos, a nenhum membro existente foi dada qualquer autoridade executiva para nomear estes homens. Cristo, a Cabeça da igreja, agindo sob as ordens de Seu Pai foi sobre quem caiu esta responsabilidade. Nesta altura, o Mestre escolheu apenas onze discípulos. O décimo segundo homem, Judas Iscariotes, nomeou-se a si mesmo obtendo entrada pela aprovação dos outros.

“Enquanto Jesus estava preparando os discípulos para sua ordenação, um que não fora chamado se esforçou para ser contado entre eles. Foi Judas Iscariotes, que professava ser seguidor de Cristo. Adiantou-se então, solicitando um lugar nesse círculo mais íntimo de discípulos...

“Os discípulos estavam ansiosos por que Judas fosse contado entre eles. Tinha imponente aparência, era dotado de perspicácia e habilidade executiva, e eles o recomendaram a Jesus como pessoa que Lhe seria de grande utilidade na obra. Surpreenderam-se de que o recebesse tão friamente.” *O Desejado de Todas as Nações*, 276.

Cristo sabia mesmo então que o homem a quem os discípulos unanimemente olhavam como sendo excelente candidato e útil à causa, seria uma contínua fonte de dificuldade para o grupo e no final, iria traí-lo. Ele admitiu Judas porque viu que assim podia ensinar tanto aos discípulos como às futuras gerações uma lição de grande valor a respeito da organização da igreja. A história posterior revela que cada um dos homens que Cristo escolheu seriam fiéis até ao fim e teriam no final seus nomes escritos nos fundamentos da Nova Jerusalém, enquanto que aquele que foi apontado humanamente seria um fracasso e um traidor. Judas operava continuamente contra o Salvador e ameaçava desfazer a fé dos outros doze. Longe de ser útil, ele era uma séria ameaça.

“Houvesse Ele repellido a Judas, e teriam, em seu íntimo, posto em dúvida a sabedoria do Mestre. A história posterior de Judas revelar-lhes-ia o perigo de permitir qualquer consideração mundana influir no julgar a capacidade de homens para a obra de Deus. A cooperação de homens como os que os discípulos estavam ansiosos por conseguir teria entregue a obra nas mãos dos piores inimigos.” *Idem*.

Desde a altura em que os discípulos foram chamados não lhes foi dada qualquer autoridade executiva. Nenhuma comissão foi formada; nenhum sistema de voto foi estabelecido. Dia a dia Cristo recebia as Suas ordens específicas de Seu Pai, e, quando era necessário, comunicava-as aos Seus discípulos. Frequentemente as ideias deles estavam em directo conflito com estas instruções, e exerciam considerável pressão sobre o seu Mestre para trabalhar de acordo com aquilo que eles pensavam que avançaria a causa.

Já discutimos exemplos destas confrontações tal como a ocasião em que, depois dos cinco mil serem alimentados, os discípulos unanimemente concordaram com a multidão que Cristo devia ser feito rei de Israel. Esta decisão não apenas estava em conflito aberto com os planos de Deus para Cristo — também se provaria ser desastroso para a causa, contudo, eles pensaram que Cristo estava a fazer a pior coisa que podia falhando em tirar proveito de “tão esplêndida oportunidade”.

Houve também o tempo em que Lázaro sofria de enfermidade para morte. Quando era imperativo que Cristo permanecesse afastado, concordaram juntos que Ele devia ir a Betânia imediatamente, e quando era do mesmo modo imperativo que Ele fosse insistiram que devia manter-se afastado.

Eles estavam constantemente a tomar decisões para a obra que, se levadas a efeito, teriam destruído o plano da salvação e ter-se-iam condenado a si próprios e aos que de todas as gerações o mereciam, à eterna destruição. É extremamente feliz que enquanto esteve na Terra, Cristo nunca permitiu que a eleição humana tivesse qualquer lugar na obra. Do mesmo modo,

será um dia feliz quando uma vez mais o corpo de Cristo agir apenas segundo a vontade da Sua divina Cabeça, Jesus Cristo.

Nenhuma prova melhor podia ser oferecida para a necessidade de abolir a autoridade executiva humana e estabelecer Cristo como o único Planeador, Solucionador de problemas, Portador de cargas na igreja, que a história da igreja quando Cristo estava pessoalmente na Terra levando-a de vitória em vitória. Aqui está claramente demonstrada a falta de capacidade do homem para saber como dirigir a obra. Ao mesmo tempo, a impecável perfeição dos caminhos de Deus é revelada.

Não admira que Jeremias exclamasse quando viu nos seus dias estes mesmos grandes princípios serem negados. “Eu sei, ó Senhor, que não é do homem o seu caminho nem do homem que caminha o dirigir os seus passos.” *Jeremias 10:23*.

Não temos sabedoria para planejar as nossas vidas, muito menos a obra de Deus.

Contudo, o homem é lento em aprender estas lições. Durante quase quatro anos, Cristo continuamente procurou revelar aos Seus seguidores a verdadeira natureza do Seu reino e a relação que eles devem manter Consigo. Depois da crucifixão, os seus olhos foram abertos, e foram capazes de ver com grande clareza quanto o seu mal dirigido zelo teria destruído o plano da salvação se Cristo tivesse permitido que eles dirigissem a causa. Eles compreenderam quão errado tinha sido forçar a entrada de Judas no seu meio, e profundamente lamentaram o que tinham feito. Podia pensar-se que quando vissem como os onze escolhidos por Cristo provaram ser fiéis apesar da grande crise da crucifixão, enquanto Judas, aquele que eles tinham nomeado, se tinha revelado um vil traidor, teriam aprendido para sempre uma lição que os curaria de tentarem quaisquer eleições posteriormente na igreja.

Mas a natureza humana é extremamente relutante em render a sua determinação de dirigir ou governar. Lições neste campo são aprendidas muito lentamente. Por isso logo que Cristo se ausentou pessoalmente deles, tomaram outra vez a mesma obra iníqua. O que tornou a sua acção inexcusável foi o seu esforço para preencher a mesma posição pela segunda vez. Primeiramente tinham forçado a entrada de Judas no seu meio, e depois, quando o traidor morreu, decidiram eger o seu substituto.

Eles não tentaram isto enquanto Cristo ainda estava consigo, mas esperaram até à Sua ascensão antes de agirem. Foi uma típica eleição humana. Primeiramente, um deles, neste caso Pedro, fez um discurso esboçando a necessidade de ser preenchida a vaga entre os doze, e citou a profecia que anunciava o seu preenchimento. Em seguida, de acordo com as especificações que Pedro havia traçado, foram encontrados dois homens dos quais os discípulos sentiram que satisfaziam as qualificações. Um deles era José, e o outro Matias.

Tudo o que restava era deitar sortes, e isto resultou na eleição de Matias. Evidentemente, eles oraram antes de deitarem sortes, pedindo a Deus que indicasse por este meio qual dos dois era da Sua escolha, quando na realidade, nenhum deles o era.

A forma como eles estabeleceram o seu plano não deixou espaço para uma terceira opção. Dois nomes foram nomeados, e, quando a sorte fosse tirada, um tinha sido escolhido e o outro rejeitado. Não havia possibilidade para as duas escolhas serem eliminadas.

Antes de Cristo regressar ao Céu, Ele tinha dado aos Seus discípulos todas as instruções necessárias para fazerem a obra para a qual foram comissionados, *mas Ele não lhes deu a missão de elegerem um substituto para Judas*. Nem uma palavra para este efeito está escrita nas Escrituras, nem Pedro faz qualquer referência a ordens de Cristo para levar a cabo esta obra, como teria sido feito se essas indicações tivessem sido dadas.

Foi uma responsabilidade assumida, não conferida.

Aqui está o relato escriturístico do acontecimento:

“E naqueles dias, levantando-se Pedro no meio dos discípulos, (ora a multidão junta era de quase cento e vinte pessoas) disse:

“Varões irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo predisse pela boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam a Jesus;

“Porque foi contado connosco e alcançou sorte neste ministério.

“Ora este adquiriu um campo com o galardão da iniquidade; e, precipitando-se, reventou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram.

“E foi notório a todos os que habitam em Jerusalém; de maneira que na sua própria língua esse campo se chama Aceldama, isto é, Campo de sangue.

“Porque no livro dos Salmos está escrito: Fique deserta a sua habitação, e não haja quem nela habite, e tome outro o seu bispado.

“É necessário pois que, dos varões que conviveram connosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu de nós,

“Começando desde o baptismo de João até ao dia em que dentre nós foi recebido em cima, um deles se faça connosco testemunha da Sua ressurreição.

“E apresentaram dois: José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome o Justo, e Matias.

“E, orando, disseram: Tu, Senhor, conhecedor dos corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido,

“Para que tome parte neste ministério e apostolado, de que Judas se desviou, para ir para o seu próprio lugar.

“E lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias. E por voto comum foi contado com os onze apóstolos.” *Actos 1:15-26*.

Aqui está o princípio e o fim da história de Matias. Nunca ele é de novo mencionado no Novo Testamento, embora não seja um conclusivo argumento contra a sua eleição, porque se fosse, então alguns dos outros apóstolos que do mesmo modo nunca são de novo mencionados também seriam desqualificados para o apostolado.

Por outro lado, se esta eleição e ordenação tivesse sido seguida por um poderoso e eficaz ministério abençoado e guiado por Deus, então teríamos que reconhecer a aprovação do Céu do método pelo qual Matias obteve o cargo.

Vale bem a pena compararmos os chamamentos de Matias e de Paulo e os resultados de ambos.

Cristo regressou ao Céu deixando a vaga por preencher, pois Deus tinha ordenado que haveria doze apóstolos no Novo Testamento, tal como havia doze tribos no Velho. Por que motivo Cristo não providenciou isto pessoalmente antes de partir? Ele tinha escolhido os outros onze enquanto estava aqui na Terra e esperar-se-ia que não deixasse a obra incompleta a menos que houvesse uma boa razão para isso.

Obviamente, a razão não era a falta de disponibilidades ou preparação de Matias. Ele tinha estado com eles desde o início do ministério de Cristo, estava completamente convertido ao evangelho, e, aos olhos dos apóstolos, ele qualificava-se para substituir Judas. Se ele estivesse do mesmo modo qualificado no juízo de Cristo, então com certeza a Cabeça da igreja tê-lo-ia ordenado para preencher a vaga. Porém, Ele não fez isto, nem deu comissão aos discípulos para escolherem Matias ou outro para o apostolado.

Ao mesmo tempo, Cristo não podia ordenar Paulo para o sagrado ofício, porque ele não estava preparado para a obra. Esta foi a razão pela qual Ele não fez a designação antes de partir.

A eleição de Matias não tem semelhança com a dos onze ou de Paulo. A máquina eleitoral de Matias requeria uma assembleia de discípulos, um dirigente para fazer o discurso acerca das qualificações, uma investigação para determinar aqueles que satisfaziam as especificações, oração para solicitar orientação divina, e lançar sortes. Nenhum destes elementos esteve presente na nomeação dos onze e de Paulo. Cristo, a divina Cabeça da igreja, pessoalmente os escolheu.

Paulo compreendeu que foi um apóstolo escolhido na mesma categoria dos outros onze. Ele abriu quase todas as epístolas, excepto aos *Filipenses*, *Tessalonissenses* e *Hebreus*, com a declaração que era um apóstolo de Jesus Cristo. O primeiro versículo em *Gálatas* é um exemplo do resto.

“Paulo apóstolo, (não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai que O ressuscitou dos mortos).”

Uma diferença entre um apóstolo, profeta, ou mensageiro divinamente apontado e um crente, é que os primeiros são ensinados por Deus directamente, ao passo que o último é ensinado pelo primeiro, ou por alguém que tenha aprendido do apóstolo, profeta, ou mensageiro. Paulo, juntamente com os outros onze, definitivamente está na categoria que recebe instruções directamente de Deus. Ele foi, no verdadeiro e mais amplo sentido da palavra, um *apóstolo* de Jesus Cristo. Ele confirma isto quando falou aos crentes da Galácia, a quem lembrou o dia em que Cristo o converteu e deu a missão de pregar o evangelho aos gentios.

“Mas quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela Sua graça,

“Revelar Seu Filho em mim, para que O pregasse entre os gentios, não consulte a carne nem o sangue,

“Nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco.

“Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro, e fiquei com ele quinze dias.

“E não vi nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor.

“Ora, acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico que não minto.” *Gálatas* 1:15-20.

Assim Paulo solenemente confirmou que não recebeu a mensagem de outros homens, mas d’Aquele que lhe conferiu o apostolado.

Para Matias ser apontado, primeiramente teve que receber a aprovação dos outros homens, mas não foi assim com Paulo. De facto, na altura em que ele foi escolhido pela Cabeça da igreja, a própria igreja o considerou como o candidato menos apropriado para o ministério. Nem um único membro do corpo de Cristo o teria nomeado. Eles viam-no apenas como um inimigo do evangelho; um vil perseguidor determinado a eliminar os seguidores de Cristo da face da Terra. Como podia uma pessoa assim jamais construir aquilo que estava decidido a destruir? Contudo, ele a quem a igreja nunca teria escolhido, foi quem o Senhor escolheu.

Quando se pensa na tremenda influência para bem exercida por Paulo e as maravilhosas verdades expressas nos seus escritos, pode ser visto qual o prejuízo que a igreja teria sofrido nessa altura e desde então se ele nunca tivesse sido escolhido. Que felicidade por Deus, através de Cristo, colocar Paulo na igreja! Quão gratos podemos estar por esta eleição não ter sido deixada para os homens!

Evidentemente, quando Pedro e os outros discípulos oraram para que o Senhor indicasse através das sortes qual dos dois escolhidos por eles seria o novo discípulo, estavam convencidos que a Cabeça da igreja estava de facto a executar os divinos propósitos da Sua vontade. Os homens sempre pensam isto quando seguem estes procedimentos, pouco compreendendo que é o engano especial de Satanás levá-los e tentar construir o reino de Deus à maneira deles, enquanto pensam que Deus está realmente a construí-lo à Sua maneira.

Quando Cristo ordenou os doze e mais tarde chamou Paulo, mostrou-nos a forma pela qual o reino de Deus é construído, do modo de Deus. Este é o exemplo e o modelo que deve ser seguido até ao fim. É o caminho que será praticado no movimento final quando “o Senhor operar fora da comum ordem de coisas e de um modo que será contrário a qualquer planeamento humano”. *Testemunhos para Ministros*, 300.

Quando regressar o tempo durante o qual Cristo será finalmente a verdadeira Cabeça da igreja a obra pode ser finalizada e sê-lo-á. O Senhor dos exércitos é um Planeador demasiado perfeito e demasiado poderoso na batalha para precisar de milénios para acabar com o problema do pecado. O homem foi o causador do atraso ao tentar fazer a obra de Deus por Ele.

Há um testemunho que alguns apontam para provar que o método pelo qual Matias foi eleito tem a divina aprovação e devia ser seguido actualmente.

“Deus quer que Seu povo seja um povo judicioso. Dispôs Ele as coisas de maneira tal que homens escolhidos sejam enviados como delegados às nossas assembleias. Esses homens devem ser experimentados e provados. Devem ser homens dignos de confiança. A escolha dos delegados para assistirem às nossas assembleias é um assunto importante. Esses homens devem fazer os planos que serão adoptados para o avançamento da obra, pelo que devem ser homens de discernimento, capazes de raciocinar da causa para o efeito.”

Em seguida é citado *Êxodo* 18:13-26. Esta é a Escritura já referida neste capítulo, descrevendo a visita de Jetro a Moisés e relatando o conselho que este homem deu ao seu genro. O testemunho então continua.

“No primeiro capítulo de *Actos*, são-nos também fornecidas instruções quanto à escolha de homens que devem arcar com responsabilidades na igreja. A apostasia de Judas deixara um lugar vago nas fileiras dos apóstolos, e era necessário que fosse escolhido outro para substituí-lo. A esse respeito disse Pedro:

“É necessário pois que, dos varões que conviveram connosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu de nós, começando desde o baptismo de João até ao dia em que dentre nós foi recebido em cima, um deles se faça connosco testemunha da sua ressurreição. E apresentaram dois: José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome o Justo, e Matias. E, orando, disseram: Tu, Senhor, conhecedor dos corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido, para que tome parte neste ministério e apostolado, de que Judas se desviou, para ir para o seu próprio lugar. E lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias. E por voto comum foi contado com os onze apóstolos.’ *Actos* 1:15-26.

“Aprendemos, desses passos das Escrituras, que o Senhor tem certos homens para ocupar determinados cargos. Deus ensinará Seu povo a proceder com cautela e a escolher judiciosamente os homens que não traíam os sagrados encargos. Se nos dias de Cristo foi necessário que os crentes usassem de prudência para a escolha dos homens para os cargos de responsabilidade, nós que vivemos neste tempo certamente precisamos usar de grande discrição. Devemos apresentar a Deus cada caso, e, com oração fervorosa, pedir-Lhe que escolha por nós.” *Testemunhos Selectos* 3:410, 411.

Nada há neste parágrafo que ponha em causa de qualquer maneira a acção dos apóstolos na eleição de Matias. Pelo contrário, o que eles fizeram não só é aprovado, mas tomado como um exemplo para a igreja à qual estes conselhos foram dirigidos na primeira década deste século. Essa igreja foi assim avisada do perigo inerente à escolha errada do homem para preencher posições importantes, e foi apontado o grande zelo exercido pelos apóstolos como um exemplo da cuidadosa necessidade na escolha de homens para preencherem posições de responsabilidade.

Ainda mais, através deste testemunho o Senhor disse-lhes que tinha já escolhido certos homens para preencherem as posições. A responsabilidade deles era pedir-Lhe para designar quais os homens — isto é, deviam orar para que Deus os guiasse de modo a escolherem aqueles que Ele tinha seleccionado. Os homens assim escolhidos deviam estabelecer planos sábios a serem seguidos no avanço da obra.

Isto é uma ilustração dos procedimentos que não são os mesmos praticados por Cristo e tão fortemente defendidos por Paulo. É um sistema no qual membros ocupam a posição da cabeça, tendo a responsabilidade de elaborarem planos para os outros membros. Assim estes

testemunhos aparentam estar em contradição directa com os princípios da organização da igreja seguidos por Jesus, que são ilustrados por Paulo na ordem e organização do corpo humano, e confirmados na maravilhosa verdade que Cristo apenas é a Cabeça do corpo.

Mas não há qualquer conflito. Quando Ele deu o conselho citado atrás de *Testemunhos Selectos*, Deus estava a seguir o mesmo procedimento que sempre havia seguido, que tendo perdido a sua relação com a divina Cabeça, não mais podiam operar de acordo com o exemplo da organização da igreja dada por Cristo e ensinada por Paulo.

Os princípios pelos quais Deus operou neste tipo de situação são examinados em profundidade no livro, *Eis Aqui o Vosso Deus*, 328-355, à disposição na Destiny Press.

A Bíblia contém muitos exemplos de como Deus trabalha de modo diferente com aqueles que estão vitalmente ligados a Ele, dos procedimentos que Ele adopta com aqueles que perderam a sua viva relação com Ele, mas que ainda estão preparados para trabalhar para Si.

Um desses exemplos foi quando Israel exigiu um rei para governar sobre eles. Este foi um pedido do povo para uma diferente ordem de coisas daquela que Deus tinha estabelecido. Foi uma rejeição d'Ele como Cabeça sobre todas as coisas na igreja, se bem que ainda O retivessem como Cabeça sobre algumas coisas.

O amor de Deus pelo Seu povo era tão grande que se um homem devesse governar em Seu lugar desejava que esse homem fosse o melhor que havia. Por esta razão, devido ao facto dos israelitas ainda deixarem Deus fazer alguma coisa, Jeová escolheu pessoalmente o primeiro e o segundo rei de Israel — Saul e depois Davi. Isto não queria dizer que Ele aprovava a mudança, nem a Sua escolha pessoal destes reis salvou Israel das más consequências que se desenvolveram desde o pedido que um homem tomasse o lugar de Deus.

O mais importante de tudo, a vontade de Deus para ficar com esse povo, escolher o rei para eles, e abençoá-los tanto quanto deixassem, não é um argumento aprovando que estabeleçamos hoje uma organização na qual os homens sejam os planeadores no lugar de Deus, mas um grande testemunho contra tal procedimento.

Quando os israelitas deixaram pela primeira vez o Egipto Deus, tornou claro que “não era Seu propósito que adquirissem a terra pela guerra, mas pela obediência estrita aos Seus mandos”. *Patriarcas e Profetas*, 411. Deus nunca pune o homem pelos seus pecados, mas deixa aqueles que rejeitaram totalmente a Sua misericórdia serem destruídos pelas suas iniquidades. Deste modo, Ele teria desapossado os pagãos e dado as suas terras aos israelitas.

Mas o Seu povo perdeu a fé que faz as coisas do modo de Deus, assim, quando veio a oportunidade para se equiparem com armas de guerra, fizeram-no despojando os corpos dos soldados egípcios das suas armaduras depois de terem dado à praia nas margens do Mar Vermelho. Proceder assim foi retirar Deus da Sua legítima posição como Planeador, e instituírem-se a si mesmos no lugar d'Ele. Eles agora obteriam a terra não de acordo com os procedimentos de Deus, mas de harmonia com os seus próprios procedimentos. Eles mesmos fariam as mortes.

Uma vez que isto estava estabelecido, Deus foi deixado com a opção de os abandonar ou dar-lhes conselho destinado a minimizar o mal daquilo que tinham escolhido. Seu grande amor era tal que Ele não podia fazer a primeira enquanto eles continuassem a olhar para Ele como guia em algumas coisas. Portanto, escolheu a mais suave e melhor forma para matarem os pagãos de modo que eles experimentassem a menor degradação e impusessem o menor sofrimento àqueles que eram destruídos.

Isto era o melhor que um Deus de amor podia fazer por todos os que estavam envolvidos nestas circunstâncias, mas ninguém pode apontar a acção de Deus como um argumento que o Seu povo hoje devia tomar as armas e matar os ímpios. Em vez disso, quando alguém compreende o porquê de Deus fazer o que fez, torna-se um forte testemunho contra tal procedimento.

Uma vez que estes princípios divinos sejam compreendidos, não haverá dificuldade em saber porque Deus deu o conselho escrito em *Testemunhos Selectos* 3:410, 411.

O povo a quem estes testemunhos foram escritos, tinha desde há muito caído na condição de laodiceia e recusaram todos os esforços da parte de Deus para os libertar da sua apostasia. A confirmação deste triste estado de coisas é apresentada no primeiro capítulo deste livro.

De acordo com isto, era-lhes impossível serem organizados pelo padrão dado por Cristo, e ensinado por Paulo. Sérios perigos ameaçavam desenvolver-se porque eles tinham perdido a sua ligação com a divina Cabeça, e, para os salvar deles, o Senhor levou-os a estabelecer uma organização na qual homens responsáveis se tornaram os seus planeadores e guias. Devia ser uma igreja na qual os membros mais sábios governavam sobre o resto. Esta era uma melhor alternativa para uma situação anárquica na qual cada homem se torna a sua própria cabeça, deixando a igreja sem cabeça alguma.

Contudo, não deve ser esquecido, que o Senhor chamou cabeças humanas na igreja apenas quando todo o esforço para manter uma verdadeira relação entre a Cabeça e o corpo tinha falhado. Esta forma de organização tornou-se necessária para ir de encontro a perigos que nunca teriam existido se eles tivessem mantido uma viva relação com a sua Cabeça aceitando as muitas advertências dadas contra o cair na apostasia.

Apesar da sua insistência no seu próprio caminho, Deus ainda amava o povo adventista tal como amou Israel apostatado. Portanto, tal como Ele queria o homem adequado para tomar o Seu lugar quando Israel O depôs em troca de um rei terrestre, também desejou os homens mais sábios e responsáveis para tomar o Seu lugar na igreja laodicense. Pela mesma razão que Ele pessoalmente escolheu aqueles dois primeiros reis, escolheu os homens que deviam dirigir a igreja adventista. Eles nunca se podiam comparar com Ele como cabeças e planeadores, mas eles certamente seriam melhores que muitos.

Como o futuro da igreja agora dependia da qualidade dos seus dirigentes humanos, uma tremenda responsabilidade repousava sobre os membros para escolherem o homem certo para a obra. Portanto eles foram lembrados que o Senhor já sabia quais eram os melhores homens e que deviam pedir-Lhe para escolher por eles. Isto era o mínimo que podiam fazer depois de se afastarem do único caminho em que Deus desejava guiar a igreja; isto é, com Ele como única Cabeça.

Nada podia ser mais claro do que, em 1909, a igreja adventista foi organizada segundo a direcção humana por causa da condição laodicense na qual havia caído, e que o conselho que lhe foi dado a respeito das suas operações estavam em harmonia com os caminhos Deus de tratar com este tipo de situação quando os Seus esforços para os restaurar aos Seus ideais tinham falhado.

Para a igreja adventista na condição em que estava em 1909, o exemplo da eleição de Matias foi ideal. Traçou os procedimentos a serem seguidos, o grande sentido de responsabilidade que a igreja necessita ter, o extremo cuidado que devia ser exercido em assegurar que os homens nomeados tinham as qualificações necessárias, o conhecimento de que o Senhor sabia melhor quem seleccionar, e o desejo de deixar a escolha para Ele.

Mas para a igreja através da qual Deus acabará por fim a obra, a nomeação da Matias é um exemplo do que não deve ser feito. Nunca pode ser tomado como orientação de como o Senhor deseja que a Sua igreja seja organizada.

Em lado algum encontramos qualquer relato de que a igreja tenha reconhecido e se arrepeu do erro cometido ao usurpar a posição de Cristo na eleição de Matias. Uma pessoa deve assumir que os membros, especialmente os dirigentes consideravam este homem como substituto de Judas. Isto devia ajudar a explicar porque Paulo nunca foi verdadeiramente aceite por aqueles dirigentes que estavam sempre inclinados em transferi-lo do controlo de Deus para o deles.



Foi a falha deles em verem Paulo como “O apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus” *Efésios* **Erro! A origem da referência não foi encontrada.** 1:1, que precipitou a crise que conduziu ao seu aprisionamento e por fim à morte prematura, e o abandono da igreja aos enganos daqueles que estavam determinados a governar sobre ele no lugar de Deus.

Quando esteve na Terra, o Salvador certamente mostrou o caminho no qual a verdadeira igreja deve ser organizada. Conhecer e seguir estes procedimentos é entrar no repouso de Deus tanto na experiência de hoje, como na rápida admissão no Céu tornada possível se Deus tiver os instrumentos dedicados através de quem Ele possa rapidamente findar o reino do pecado e levar ao perfeito repouso espiritual que deverá ser encontrado no Paraíso restaurado.

Contudo, nunca nos devemos esquecer, que este tipo de organização é apenas possível para aquele que mantém uma relação viva com a divina Cabeça. Portanto, a responsabilidade de cada membro do Seu corpo é assegurar que não perde este relacionamento, mas opera diligentemente para o manter e fortalecer.

A alternativa é operar sob a orientação de cabeças humanas que usurparão cada vez mais e mais autoridade à medida que o tempo passa, até que a igreja esteja tão destituída do Espírito Santo como um deserto está desprovido de água. Quando a rejeição de Deus se torna finalmente completa, Ele chama outros crentes para substituir aqueles que se desligaram totalmente da sua divina Cabeça, perderam-se numa morte da qual não haverá ressurreição.

Quão maravilhoso seria que cada membro do corpo de Cristo compreendesse e vivesse por estes princípios. Quão grande seria a alegria deles, quão maravilhosa a sua eficácia como instrumentos do Senhor e quão rapidamente a obra seria por fim acabada!

## O Caminho de Deus na Obra Missionária

**E**stamos a aproximar-nos rapidamente do tempo em que evangelho alcançará os seus maiores resultados. Fortalecidos pelo poderoso derramamento do Espírito Santo, a luz da verdade penetrará em cada canto do globo. Das mais profundas trevas da selva amazônica às áreas mais iluminadas da civilização moderna, não haverá homem, mulher ou criança que não tenha conhecimento das súplicas de Deus sobre eles. A advertência será dada, será ouvida, e todos serão obrigados a tomar uma decisão negativa ou positiva em relação a ela. O reino das trevas vacilará sob o poder dessa terrível mortandade.

“Revestidos da armadura da justiça de Cristo, a igreja deve entrar em seu conflito final. ‘Formosa como a Luz, brilhante como o Sol, formidável como um exército com bandeiras’ Cantares de Salomão 6:10, deve ela ir a todo o mundo, vencendo e para vencer.” *Profetas e Reis*, 725.

“Ao chegar o tempo para que ela seja dada com o máximo poder, o Senhor operará por meio de humildes instrumentos, dirigindo a mente dos que se consagram ao Seu serviço. Os obreiros serão antes qualificados pela unção de Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino. Homens de fé e oração serão constrangidos a sair com zelo santo, declarando as palavras que Deus lhes dá. Os pecados de Babilônia serão patenteados. Os terríveis resultados da imposição das observâncias da igreja pela autoridade civil, as incursões do espiritismo, os furtivos mas rápidos progressos do poder papal — tudo será desmascarado. Por meio destes solenes avisos o povo será comovido. Milhares de milhares que nunca ouviram palavras como essas, escutá-las-ão. Com espanto ouvirão o testemunho de que Babilônia é a igreja, caída por causa de seus erros e pecados, por causa da sua rejeição da verdade, enviada do Céu a ela. Ao ir o povo a seus antigos ensinadores, com a ávida pergunta — São estas coisas assim? — os ministros apresentam fábulas, profetizam coisas agradáveis, para acalmar-lhes os temores, e silenciar a consciência despertada. Mas, visto que muitos se recusarão a satisfazer-se com a mera autoridade dos homens, pedindo um claro — ‘Assim diz o Senhor’ — o ministério popular, semelhante aos fariseus da antiguidade, cheio de ira por ser posta em dúvida a sua autoridade, denunciará a mensagem como sendo de Satanás, e agitará as multidões amantes do pecado para ultrajar e perseguir os que a proclamam.” *O Grande Conflito*, 605, 606.

Milhares de milhares serão convertidos num dia quando se cumprir pela segunda e última vez a profecia de *Joel*. Ela teve o seu primeiro cumprimento nesse maravilhoso e poderoso tempo em que o Espírito Santo desceu sobre os expectantes discípulos no Pentecostes.

Esta é a vitoriosa história com que os membros do corpo de Cristo sempre sonharam, mas nunca realizaram na totalidade. A maior razão para este desapontamento é a determinação persistente do povo de Deus para alcançar estes resultados pelos seus próprios meios, quando isto é impossível. Portanto, quando a obra final avançar tão poderosa e efectivamente, será porque nenhum outro senão o método de Deus está a ser usado. Não haverá traço de plano humano nessa altura.

Isto quer dizer que o caminho pelo qual os membros levam a cabo a obra missionária então, será diferente dos métodos do homem. Será “muito fora da comum ordem de coisas, e duma forma que será contrária a qualquer plano humano”. *Testemunhos para Ministros*, 300.

Qual é a comum ordem de coisas no esforço missionário? Como é que as várias igrejas começarão a trabalhar realizando a missão de pregar o evangelho em todo o mundo como um testemunho?

Não há diferença básica entre os métodos adoptados pelas várias organizações evangélicas, contudo há, evidentemente, variações na aplicação real desses métodos básicos. Diferentes enganos estão continuamente a ser ensinados a fim de puxar a atenção do público em geral, alguns dos quais originais e inteligentes.

Uma aproximação típica da igreja da obra missionária é a seguinte:

A comissão designada pela igreja escolhe o dirigente missionário, cuja responsabilidade é usar todos os meios que pode imaginar para induzir membros a saírem e “partilhar a sua fé”. Tendo motivado alguns como “voluntários” para o serviço do “Senhor”, é convocada uma reunião para planear a campanha. O território é escolhido, a literatura fornecida, e aos “voluntários” é atribuída a sua área individual de operação.

No tempo indicado eles saem para iniciar uma sistemática visita casa a casa. À medida que cada contacto é feito, o objectivo é gerar um interesse espiritual, manter uma conversação, deixar literatura, e preparar o caminho para uma nova visita. A maior parte das pessoas rejeitam a apresentação com respostas que variam de educadas a ofensivas, mas há ocasionalmente pessoas que mostram algum interesse, e, desta sementeira, alguns eventualmente juntam-se à igreja.

É uma obra dura, desanimadora, mas é o sistema adoptado pelas igrejas evangélicas babilónicas — a comum ordem das coisas. Portanto, sendo os caminhos do homem e não os de Deus, não será praticado por aqueles que estão sob a pessoal orientação de Deus. Estes serão guiados pela divina Cabeça ao fazerem a obra missionária duma forma totalmente diferente.

O próprio facto que estes procedimentos são seguidos pelas igrejas devotadas aos caminhos do homem, é suficiente para levar os verdadeiros seguidores de Cristo a rejeitá-los e investigar qual é o caminho de Deus.

Um claro exemplo do caminho do Senhor é dado na experiência de Filipe e na conversão do eunuco etíope. Nessa altura, Filipe estava ocupado num ministério produtivo na Samaria; Tanto, que Pedro e João foram enviados de Jerusalém para o auxiliarem. Então, quase inesperadamente, ele foi levado a deixar esta área precisamente quando as coisas estavam a ir realmente bem, e a viajar para o sul pela estrada de Gaza.

“E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te e vai para a banda do sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserta.

“E levantou-se, e foi; e eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os tesouros e tinha ido a Jerusalém para adoração,

“Regressava, e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaiás.

“E disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro.” *Actos 8:26-29*.

É óbvio que nenhum traço de invenção humana devia ser encontrado neste plano. Filipe não tinha conhecimento da visita do eunuco a Jerusalém, nem da sua necessidade do evangelho lhe ser explicado. Mas Deus sabia não só da necessidade do homem, mas também do momento exacto e lugar, quando e onde Filipe devia entrar em contacto com ele.

Teria sido extraordinariamente menos árduo e consumiria menos tempo a Filipe ter ido a Jerusalém para se encontrar com este homem, mas o Senhor esperou até que o etíope viajasse grande distância para o sul da cidade no seu regresso a casa. A altura da partida do apóstolo da Samaria foi tão perfeitamente determinada, que ele encontrou o viajante exactamente onde Deus pretendia que ele fosse encontrado.

O encontro resultou na completa conversão do etíope e levou as alegres novas de um Salvador ressuscitado de volta ao seu país. Ali a mensagem foi recebida com alegria. O sábado tornou-se o dia nacional de adoração e assim permaneceu por séculos. J.N. Andrews comenta isto como se segue:

“Em consequência da sua localização em África, os abissínios deixaram de ser conhecidos pelo resto da cristandade cerca do quinto século. Nesta altura, o sábado e o domingo na igreja católica eram como irmãos. Mil anos mais tarde, estas igrejas africanas foram visitadas, e embora rodeadas pelas espessas trevas da superstição pagã e maometana, e de algum modo afectadas por isso, deviam ser encontradas, no final deste período, mantendo o sábado e o primeiro-dia substancialmente como eram defendidos pela igreja católica quando se perdeu o contacto com eles. Os católicos da Europa, pelo contrário, tinham entretanto lançado o antigo sábado por terra. Porquê este contraste? — Simplesmente porque o papa governava sobre a Europa; enquanto a África Central, fosse o que fosse que pudesse ter sofrido, não foi amaldiçoada com a sua presença nem com a sua influência. Mas assim que o papa teve conhecimento das igrejas da Abissínia, procurou ganhar controlo sobre elas, e quando o conseguiu, um dos seus primeiros actos foi suprimir o sábado! No final, os abissínios recuperaram a sua independência, e a partir daí, até agora têm mantido firme o sábado do Senhor.” J.N. Andrews, *History of the Sabbath and First Day of the Week*, 428, 429. Publicado em 1887.

Uma pessoa pode apenas avaliar o resultado deste contacto missionário como sendo eminentemente bem sucedido. O primeiro e imediato galardão foi a conversão e baptismo do eunuco, mas isto foi apenas o princípio. Ele, por sua vez, levou a luz à sua rainha e ao povo, e a nação tornou-se um estandarte da verdade durante séculos.

É muito provável que o vulgar estudante da Bíblia considere a experiência de Filipe como uma maravilhosa excepção à regra geral, nada vendo no incidente que o leve a deixar o Senhor planear todos os seus contactos missionários em vez de o fazer por si mesmo. Com bastante tristeza, ele podia desejar que pudesse ser guiado como Filipe, mas, infelizmente não tendo relação viva com a divina Cabeça, Deus não o pode guiar e não guiará como guiou Filipe.

Deus não pode guiá-lo porque o estudante não está submetido à Sua direcção mas é dirigido por si próprio ou por outra pessoa, de qualquer modo Ele não o guiará porque o estudante não tem mensagem viva para dar ao que perece.

Uma vez mais isto dá ênfase à verdade que o sistema de Deus apenas opera quando os crentes estão na verdade ligados a Ele. Portanto, se algum homem deseja ser um conquistador de almas eficaz, deve assegurar-se de que tem a vida de Cristo em si mesmo. Esta é uma área em que o cristão deve concentrar os seus esforços. Deve passar muito tempo em profunda comunicação com o Senhor ou chegará sem frutos ao grande dia do julgamento.

“O poder do amor estava em todas as curas de Cristo, e unicamente participando desse amor, pela fé, podemos ser instrumentos para Sua obra. Se negligenciarmos pôr-nos em divina ligação com Cristo, a corrente de energia vitalizante não pode fluir em abundantes torrentes de nós para o povo.” *O Desejado de Todas as Nações*, 788.

Não há dúvida que Filipe tinha esta qualificação, que é a razão pela qual o Senhor foi facilmente capaz de guiar todo o caminho, e usá-lo para apresentar com sucesso o evangelho ao etíope.

Para aqueles, que seguem os caminhos de Deus e desejam entrar no Seu repouso e regozijar-se no ministério frutífero, os procedimentos seguidos por Deus ao mandar Filipe ao encontro do etíope são um guia perfeito. Isto está confirmado nas seguintes palavras.

“Este etíope representa uma grande classe que necessita ser ensinada por missionários como Filipe — homens que ouçam a voz de Deus, e vão aonde Ele manda. Muitos há que estão lendo as Escrituras sem compreender-lhes o verdadeiro significado. Em todo o mundo homens e mulheres olham atentamente para o Céu. De almas anelantes de luz, de graça, do Espírito Santo, sobem orações, lágrimas e indagações. Muitos estão no limiar do reino, esperando somente serem recolhidos.” *Actos dos Apóstolos*, 109.

Sobre estas almas o Espírito Santo tinha feito uma obra preliminar sem a qual o esforço humano seria infrutífero. Depois disto realizado, o próximo passo de Deus é escolher o obreiro apropriado como Seu instrumento para explicar as verdades do evangelho ao necessitado. A única espécie de pessoas que podem servir nesta capacidade são os missionários *como Filipe*. Devem ser pessoas que ouçam a voz de Deus e vão onde Ele as envia, não onde o dirigente missionário da igreja as envia, ou onde elas possam enviar-se a si próprias.

Neste ponto, vale a pena recordar como os habituais procedimentos adoptados pelas igrejas efectivamente frustram a obra do Espírito Santo. O dirigente missionário reúne-se com aqueles que estão preparados para trabalhar sob a sua orientação. A cada um é atribuído o seu território e dá início à sua missão. Metodicamente visitando casa a casa, o obreiro não falha uma, e, quando não encontra pessoas em casa, anota o endereço e visita-a outra vez mais tarde. Esta fiel atenção até ao pormenor é muito louvável.

Numa das casas que ele havia recentemente visitado, vive um homem em quem o Espírito Santo está a operar, mas o tempo para o instrumento humano cumprir o seu papel ainda não era chegado. Nesta fase inicial, o convicto não compreende a sua verdadeira necessidade, inquietação e incredulidade em que está encerrado, não tem desejo de ver um obreiro evangélico. Consequentemente, quando o obreiro chega à porta, o homem torna claro que não está interessado em ouvi-lo.

O visitante, julgando por aquilo que vê, decide que este é outro frio, desinteressado amante do mundo e afasta-se convencido que é inútil visitar outra vez este endereço. Porém depois da sua partida, o Espírito Santo pacientemente continua a Sua obra até que a alma é trazida ao profundo arrependimento e deseja que um verdadeiro cristão venha ensinar-lhe o caminho da vida.

Mas desta vez o obreiro evangélico está afastado alguns blocos, metodicamente cumprindo um plano que não só não é idealizado pelo Espírito Santo, mas que também fecha qualquer possibilidade do Espírito o levar atrás onde ele é necessário. Assim o sistema humano priva o necessitado da ajuda no momento crítico.

Mas isto não é tudo. É um sistema extremamente ineficiente. Tão poucos em número são os verdadeiros seguidores de Cristo, que lhes seria fisicamente impossível visitar todas as casas do mundo com o convite do evangelho. Ainda que tivessem os recursos financeiros, não teriam o tempo nem a energia. Mas o Senhor sabe exactamente onde está cada alma preciosa, e prometeu guiar tais missionários como Filipe directamente àqueles que procuram luz e salvação. Ele guiará os Seus seguidores consagrados da porta de tal preciosa ovelha para a porta de outra, ainda que essas portas estejam afastadas milhas ou mesmo países.

Quando são lidos testemunhos acerca do trabalho porta a porta, as pessoas imediatamente assumem que isto quer dizer ir de uma porta à seguinte. Elas assumem isto impensadamente

porque têm sido condicionadas a este raciocínio pela prática evangélica de descerem uma rua sem falharem uma única casa.

Seria muito melhor se os professos seguidores de Cristo aprendessem os Seus caminhos e os praticassem. O seu primeiro e mais importante trabalho é assegurar que têm as qualificações espirituais necessárias, depois do que devem acreditar nas promessas de Deus que lhes asseguram que Ele os levará às almas que necessitam do seu ministério de amor altruísta.

“Um anjo guiou Filipe àquele que procurava a luz, e que estava pronto para receber o evangelho; e hoje anjos guiarão os passos dos obreiros que permitam ao Espírito Santo santificar-lhes a língua, educar e enobrecer-lhes o coração. O anjo enviado a Filipe poderia ter ele próprio feito a obra pelo etíope, mas esta não é a maneira de Deus agir. É Seu plano que os homens trabalhem por seus semelhantes.” *Idem*.

“Há em nosso mundo muitos que estão mais próximos do reino de Deus do que supomos. Neste tenebroso mundo de pecado, o Senhor tem muitas jóias preciosas a quem Ele guiará Seus mensageiros. Há em toda parte os que assumirão sua atitude ao lado de Cristo. Muitos darão mais apreço à sabedoria de Deus do que a qualquer vantagem terrestre, e se tornarão fiéis portadores de luz. Constrangidos pelo amor de Cristo, constrangerão outros a virem a Ele.” *Idem*, 140.

“Como o pastor terrestre conhece as ovelhas, assim o divino Pastor conhece o Seu rebanho, espalhado por todo o mundo. ‘Vós pois, ó ovelhas Minhas, ovelhas do Meu pasto: homens sois, mas Eu sou o vosso Deus, diz o Senhor Jeová.’ Assevera Jesus: ‘Chamei-te pelo teu nome, tu és Meu.’ ‘Nas palmas das Minhas mãos te tenho gravado.’ Ezequiel 34:31; Isaías 43:1; 49:16.

“Jesus nos conhece individualmente, e comove-Se ante nossas fraquezas. Conhece-nos a todos por nome. Sabe até a casa em que moramos, o nome de cada um dos moradores. Tem por vezes dado instruções a Seus servos para irem a determinada rua, em certa cidade, a uma casa designada, a fim de encontrar uma de Suas ovelhas.” *O Desejado de Todas as Nações*, 464.

O que Jesus fazia às vezes ao dar orientações aos Seus servos para irem a uma certa casa e uma certa rua de determinada cidade, fá-lo-ia mais frequentemente se apenas tivesse missionários como Filipe — homens e mulheres que oiçam a Sua voz e vão onde Ele os envie! Quantas mais almas seriam então salvas para o reino!

Eu, pessoalmente, aprendi esta lição há muitos anos. Antes dessa altura, estava empregado como professor num colégio missionário. A luz do evangelho tinha chegado a mim e libertou-me da escravidão do pecado. (Eu relatei esta experiência em *Da Escravidão para a Liberdade*, por isso não repetirei todos os detalhes aqui.)

Surpreendente como possa ser, a minha compreensão da salvação do pecado, foi enfrentado com séria oposição dos dirigentes do colégio e da igreja. Durante alguns anos, eu fui obrigado a participar da minha fé bastante cautelosamente no total conhecimento que as coisas estavam a encaminhar-se para uma crise.

Finalmente, cheguei ao início daquilo que eu sentia ser o meu último ano no colégio. Neste ponto, encontrei-me em face de um dilema. Se eu continuasse a partilhar a minha fé, resultaria numa séria divisão na escola, desviando as mentes dos estudantes das suas lições, e causando um amargo conflito entre os dirigentes e eu próprio.

Seramente interroguei se isto estava certo e imaginava qual o caminho a seguir. Procurando nas Escrituras orientação, fiquei impressionado com a forma como Davi se relacionou com o rei Saul. Ele sabia que o monarca estava num estado de rebelião contra Deus e que o seu reino era ruinoso para Israel. Também compreendeu que ele, Davi, tinha sido ungido para substituir o ímpio governante, mas não levantaria um dedo para depor o rei Saul a fim de salvar Israel ou colocar-se a si mesmo no trono. Mau como era o monarca, o Senhor tinha-o colocado ali, e era da responsabilidade de Deus removê-lo no Seu devido tempo e modo.

Deste exemplo compreendi que não devia fomentar a mensagem na escola. A responsabilidade do bem-estar espiritual educacional dos estudantes estava nas mãos dos dirigentes e não me cabia a mim usurpar a sua posição ou corrigir o seu trabalho instituindo uma grande obra de reforma não importava quão errada a sua influência pudesse ser.

Contudo, li outras histórias, contando acerca do envio de mensageiros pelo Senhor às cortes dos governantes apostatados, com o pedido para abandonarem os seus maus caminhos e aceitarem a luz tão graciosamente enviada pelo Céu.

Em ligação com isto, li o testemunho que diz que nada temos que ver com as consequências, mas devemos preocupar-nos apenas com as ordens de Deus.

“O Senhor dá ao povo uma verdade especial quando este se encontra em situação difícil. Quem ousa recusar-se a publicá-la? Ele ordena a Seus servos que apresentem o último convite de misericórdia ao mundo. Eles não podem permanecer silenciosos, a não ser com perigo de sua alma. Os embaixadores de Cristo nada têm que ver com as consequências. Devem cumprir seu dever e deixar os resultados com Deus.” *O Grande Conflito*, 608.

Em primeiro lugar, este testemunho parecia ser algo oposto aos princípios exemplificados na vida de Davi, e, durante algum tempo, eu estive em perplexidade acerca do que devia fazer nos meses seguintes.

Então o Senhor orientou a minha mente para o facto que Jesus Cristo não é só a nossa justiça, mas também a nossa sabedoria, como está escrito:

“Mas vós sois d’Ele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.” *1 Coríntios* 1:30.

Eu vi que apesar de não ter a sabedoria para saber exactamente o que fazer, o Senhor tinha. Tudo o que eu tinha que fazer era entregar-Lhe o problema e esperar as Suas orientações. Na minha capacidade como professor de trabalhos em madeira, eu vi a minha própria posição em relação às ferramentas nas prateleiras da oficina, tal como uma clara ilustração da posição que eu devia desempenhar em relação à minha Cabeça, Jesus Cristo.

Aquelas ferramentas descansavam nos seus lugares até o operário vir usá-las. Todas elas eram diferentes e nenhuma podia fazer a obra de qualquer outra. Algumas eram muito especializadas e raramente usadas, enquanto outras eram usadas diariamente. Cada uma era utilizada na sua vez quando o operário delas precisava, mas de nenhum outro modo. Entretanto, aquelas que não eram usadas serviam igualmente bem esperando tranquilamente e sem se queixarem até serem necessárias de novo.

Com clareza, eu vi-me como uma ferramenta na mão do Mestre. Não me competia tomar decisões quanto ao levar a cabo certas actividades missionárias. Essa era a responsabilidade pessoal do Obreiro Mestre. Eu tinha apenas que esperar pacientemente até que as Suas instruções acerca da obra chegassem a mim.

Eu fiquei cheio de alegria perante a revelação destes princípios. Algo acerca deles era maravilhoso e atractivo para mim e recebi-as com gratidão. Imediatamente caí sobre os meus joelhos e fazendo uma dedicação a Deus de forma diferente daquela que jamais havia feito antes. Eu disse-Lhe que não faria planos para procurar almas, mas falaria da mensagem apenas àqueles com quem o Senhor me colocasse em contacto. Seria cuidadoso em provar cada encontro para ter a certeza que era o Senhor e não Satanás, que estava dirigindo as coisas.

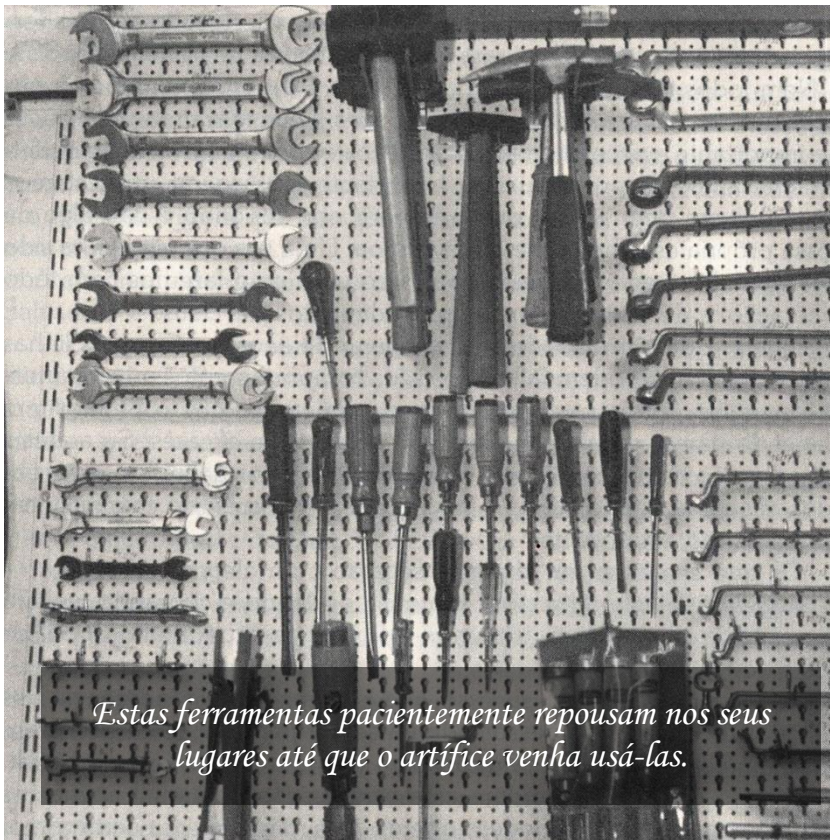
Eu verifiquei que era tão importante ficar quieto e esperar quando Deus assim ordenasse, como era apresentar a verdade. Submissão completa à vontade de Jeová tornou-se a coisa mais importante na minha vida.

Uma vez que a dedicação foi completa verifiquei que, por algumas semanas, o Senhor deixou-me ficar parado esperando. Esse tempo passou sem que uma única oportunidade para obra missionária se apresentasse, se bem que houvesse abundantes tentações para preparar encontros a fim de falar a outros. Eu não fiquei ansioso, nem fui tentado a quebrar o santo

concerto que tinha feito, embora Satanás com certeza colocasse pressão sobre mim para que fizesse alguma coisa. Ele habilmente sugeriu que a ausência de instruções para trabalhar indicava que o Senhor me havia rejeitado, e que, portanto, eu necessitava criar uma actividade missionária na minha vida para “me assegurar de novo” da aceitação e aprovação de Deus.

Olhando para o passado, fiquei convencido que a divina Cabeça estava a provar a força da minha decisão para O servir de acordo com os Seus caminhos, mesmo apesar de não compreender os princípios do repouso do sábado tão distinta e extensivamente como agora. Eu sei que passei esse teste, porque nem uma vez durante o tempo de espera me desviei do meu concerto. Eu tinha perfeito repouso em mim mesmo e estava preparado para passar o resto da minha vida em silêncio se esse fosse o plano de Deus para mim, pois a pessoa que apenas fica quieta e espera também serve o Senhor quando Ele assim o ordena.

Chegou a altura em que o Senhor estava aparentemente satisfeito com a firmeza da minha resolução de operar dentro daquilo que agora viemos a saber ser os princípios do repouso do



*Estas ferramentas pacientemente repousam nos seus lugares até que o artífice venha usá-las.*

sábado, porque ele começou a abrir portas à direita e à esquerda. Algumas destas providências eram bastante notáveis e resultaram em profundas conversões à mensagem.

Cada contacto surgiu de modo diferente, mas sempre foi claro que Deus tinha planeado os encontros.

Vinte e dois anos já passaram desde então, durante os quais a obra tem crescido em proporções globais, mas isto não tem mudado essa consagração e consequente exercício dos procedimentos pelos quais Deus me tem colocado em contacto com muitos que estavam desejando a verdade. Uma ou duas vezes permiti que outros me influenciassem a fazer planos de mim mesmo, e de cada vez o resultado foi prejuízo para a obra. Doutra modo, eu tenho firmemente recusado iniciar quaisquer esquemas ou planear quaisquer procedimentos pelos quais pudesse contactar pessoas e despertar interesse na mensagem. Estas coisas tenho deixado inteiramente para o Senhor. Ele tem-me mantido tão ocupado que não tenho tido necessidade de fazer isto, e, depois de vinte e dois anos verificando a eficácia de Cristo ser a Cabeça e o Planeador, não tenho intenção de trabalhar de outro modo.

Deus pretende que nada de singular exista nas experiências pelas quais tenho passado e na relação que tenho mantido com Ele. Esta é a forma pela qual Ele deseja operar com e através de cada crente. A cada pessoa Ele tem uma obra designada.

Deus pretende que nada de singular exista nas experiências pelas quais tenho passado e na relação que tenho mantido com Ele. Esta é a forma pela qual Ele deseja operar com e através de cada crente. A cada pessoa Ele tem uma obra designada.

“Todos têm seu lugar no plano do Céu. Todos devem colaborar com Cristo para a salvação de almas. Tão certo como nos está preparado um lugar nas mansões celestes, há também um lugar designado aqui na Terra, onde devemos trabalhar para Deus.” *Parábolas de Jesus*, 326, 327.



Nem todos têm que fazer a mesma obra. Há muitos que nunca podiam dar um estudo bíblico, mas para eles Deus tem uma obra que é tão importante e necessária aos Seus olhos e para a qual eles são perfeitamente aptos. A primeira coisa importante é assegurar que estamos ocupados em fazer a obra que o Senhor nos designou e não algo da nossa própria escolha ou de outra pessoa. Uma vez que isto tenha sido determinado, é então deixado connosco ver que o fazemos com todo o coração e de acordo com os procedimentos de Deus.

Aqueles que são cuidadosos em operar de acordo com estas linhas orientadoras não podem falhar nos seus comportamentos missionários. O evangelho é uma poderosa força, e os métodos que o Senhor tem planeado para o proclamar são muito eficientes e eficazes. Se aqueles métodos são compreendidos e seguidos, resultados definidos serão obtidos. As almas serão salvas e a igreja de Deus crescerá maravilhosamente, como está escrito:

“Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria.

“Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará sem dúvida com alegria, trazendo consigo os seus molhos.” *Salmo 126:5, 6.*

Em vista do garantido sucesso que sempre segue à aderência aos métodos de Deus, uma pessoa admira-se porque os homens procuram outros métodos trabalho. A razão para isto não é difícil de encontrar.

Quando os homens perdem essa viva ligação pela qual apenas os procedimentos de Deus podem operar, eles naturalmente começam a inventar outros métodos para alcançar os mesmos resultados. Para os procedimentos de Deus produzirem efeito, os indivíduos envolvidos devem ter uma viva ligação pessoal com a Fonte de toda a luz e verdade. Este facto nunca está debatido em demasia, porque, não importa quão frequentemente uma pessoa seja recordada, o risco de esquecer ainda permanece.

A vida de Cristo é uma perfeita ilustração da eficiência e eficaz resultado da divina presença activa dentro do ser humano. Não Lhe era necessário descobrir métodos e meios de gerar interesse no povo, nem precisava ir à procura dele. Ele era atraído para Ele aos milhares. Por vezes Ele tinha que se ocultar a fim de repousar e comunicar com Deus que Ele reconhecia como sendo tão essencial ao sucesso da Sua obra. Era a compreensão de Cristo destes princípios que O capacitava para dizer que se Ele fosse levantado, atrairia a Si todos os homens.

“E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim.

“E dizia isto, significando de que morte havia de morrer.” *João 12:32, 33.*

Obviamente, Cristo estava a fazer uma referência directa a quando devia ser pendurado, à vista de todos os espectadores, entre a terra e o céu à espera da morte. Mas isto não é tudo o que Ele viu. Essa elevação física aponta para as maravilhosas lições que Ele deseja que todos nós vejamos e compreendamos. É quando o Salvador é levantado na experiência e ensinamento de todo o verdadeiro crente, que Ele atrairá todos os homens a Si mesmo. Os necessitados reconhecem que Ele é o canal da vida e que sem Ele, eles com certeza nada podem fazer, nem ser alguma coisa.

A cruz nada perdeu do seu poder para atrair o pecador culpado ao Salvador.

“A cruz permanece sozinha, como um grande centro no mundo. Ela não encontra amigos, mas fá-los. Ela cria os seus próprios agentes Cristo propõe que os homens se tornem obreiros coobreiros de Deus. Ele faz dos seres humanos os Seus instrumentos porque atrai a Si todos os homens. Um agente divino só está apto através da sua operação nos corações humanos com o seu poder transformador, fazendo homens colaboradores de Deus.” *The Review and Herald*, 29 de Setembro de 1891.

A cruz “cria os seus próprios agentes”, por isso não há necessidade dos homens fazerem esta obra. A responsabilidade do crente é assegurar que o grandioso poder da cruz foi estabelecido e mantido na sua vida e então não terá dificuldade em ser um conquistador de almas bem sucedido.

É extremamente lamentável que os homens, depois de alcançarem uma visão daquilo que eles podiam ser através de íntima e salvadora comunhão com o Pai e durante algum tempo experimentarem um abençoado ministério, então permitam que a comunhão com Deus seja quebrada e a obra da vida seja manchada.

“À medida que andava fazendo o bem, a experiência de cada dia era um transvasar de Sua vida. De uma maneira apenas poderia Ele manter uma vida tal. Jesus vivia na dependência de Deus e em comunhão com Ele.

“Ao lugar secreto do Altíssimo, à sombra do Todo-Poderoso, os homens de quando em quando se refugiam; habitam ali por algum tempo, e o resultado se patenteia nas boas acções; então sua fé falta, interrompe-se a comunhão, e se desmerece a obra daquela vida. A vida de Jesus, porém, foi de constante confiança, mantida por uma comunhão contínua; e Seu serviço em prol do Céu e da Terra foi sem falhas ou defeitos.

“Como homem, implorava ao trono de Deus, de maneira que Sua humanidade veio a saturar-se da corrente celeste que ligava a humanidade com a divindade. Recebendo vida de Deus, comunicava-a aos homens.” *Educação* 80, 81.

Aquelas vidas que são completamente modeladas pela vida de Cristo, serão tão bem sucedidas na actividade missionária como Ele foi. Não necessitarão de imaginar métodos e inventar esquemas para alcançar as multidões dos que perecem, à medida que Cristo é levantado dentro e através de si mesmo. Não será uma questão de como encontrar contactos, mas de como tratar dos números que vêm à procura de vida e ajuda.

É altura para profundo arrependimento do tipo de obra missionária que está segundo a comum ordem de coisas, e de aprender a fazê-la à maneira do Salvador. Então, crentes certamente virão com regozijo, trazendo preciosos molhos consigo. Se os métodos estão certos, a colheita está garantida.

Devemos começar por reunir e crer nas tremendas certezas que aqueles que operam nas linhas correctas não serão desapontados.

“Porque, assim como desce a chuva e a neve dos céus, e para lá não torna, mas rega a terra, e a faz produzir, e brotar, e dar semente ao semeador, e pão ao que come,

“Assim será a palavra que sair da Minha boca: ela não voltará para Mim vazia, antes fará o que Me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei.

“Porque com alegria saireis, e em paz sereis guiados; os montes e os outeiros exclamarão de prazer perante a vossa face, e todas as árvores do campo baterão as palmas.

“Em lugar do espinheiro crescerá a faia, e em lugar da sarça crescerá a murta: o que será para o Senhor por nome, por sinal eterno, que nunca se apagará.” *Isaías* 55:10-13.

Não importa quão longa a seca, quando a chuva regressa o agricultor está seguro que a semente germinará e a colheita seguir-se-á. O Senhor emprega estas operações da natureza para nos assegurar que, tão certo como a semente da semente do evangelho brotará numa colheita. Nada há que Deus mais deseja do que ver o evangelho fazer efeito na humanidade, e Ele o enviou a este mundo amaldiçoado pelo pecado. Vidas serão transformadas tal como simbolizado pela faia que substitui o espinheiro.

Vós que desejais tornar-vos frutíferos servos de Deus deveis meditar nestas maravilhosas palavras. Sempre que a chuva vem, consenti na certeza que ela estimulará o crescimento, fale da mesma certeza que o poder do evangelho para atrair e transformar os pecadores. Absorvei a beleza e poder da promessa em vós mesmos até crerdes implicitamente e saí apenas com pensamentos positivos que não deixem espaço para os pensamentos de fracasso, perda, impossibilidade, ou derrota.

Esta é apenas uma das muitas brilhantes promessas que se encontram nas Escrituras. Buscais e reuni a vossa própria colecção de jóias até que sejais enriquecidos em pedras preciosas. Apoderai-vos de cada abençoada certeza.

Entretanto, estabelecei e aprofundai uma íntima comunhão com os agentes celestiais de modo que haverá uma infusão da divina vida na alma. É apenas quando uma pessoa recebe vida de Deus que pode transmiti-la aos outros.

Consagrai-vos a vós mesmos diariamente, fazendo disto a vossa primeira obra do dia. Colocai-vos à disposição de Deus para falar ou não falar segundo a Sua vontade. Muitos estão dispostos a permanecerem silenciosos se isso for o Seu plano para eles. Eles não compreendem que sejam quais forem as circunstâncias, o silêncio é a única forma de O servir.

Naquelas orações de consagração, subi ao alto pela fé e reivindicai almas para o vosso soldo, quer sejam ganhas pelo silêncio ou falando. Agarraí-vos ao Salvador com a incansável persistência de Elias ou Jacó, recusando deixá-l'O ir até que vos abençoe com os frutos do vosso labor.

Finalmente, não inventai quaisquer esquemas para vos colocardes em contacto com o necessitado. Simplesmente lançai a vossa mão aos deveres mais próximos de vós e o Senhor cuidará do resto.

Por isso a comum ordem de coisas será substituída pelo caminho de Deus, o sucesso seguir-se-á, e encontrar-vos-eis repousando no Senhor e experimentando uma alegria que não conhece quaisquer fronteiras. Centenas de almas serão ganhas onde agora existe apenas uma.

## Em Termos Práticos

**A**té aqui, tem sido dada consideração aos princípios do repouso do sábado, fazendo-se referência às várias histórias da Bíblia para confirmar quer pela evidência positiva quer negativa, a verdade deste princípio.

Alguns podem considerar tudo isto muito bem em teoria, mas põem em causa como pode ser levado a cabo na prática real. Eles argumentam que Deus está longe e não nos comunica as Suas ordens específicas audivelmente ou mesmo por sinais e maravilhas. Eles portanto afirmam que é deixado ao agente humano dirigir as suas próprias actividades. É sentido que não há alternativa a menos que o Senhor pessoal e audivelmente entregue as instruções específicas a cada membro todos os dias. Todos afirmam que se Deus fizesse isto, alegre e instantaneamente obedeceriam a toda a ordem divina.

A história nega que isto aconteceria. Houve uma altura em que Deus podia falar e falou directamente ao Seu povo através do profeta Moisés, mas ele mostrou pouca disposição para seguir estas ordens claras e directas. Consecutivamente se rebelou, determinando ter o seu próprio caminho em preferência aos caminhos de Deus. A natureza humana não mudou. O incrédulo continuará a conduzir o seu próprio caminho, não importa quão claramente o Senhor possa comunicar a Sua vontade.

Obviamente, se Deus deve ser verdadeiramente a Cabeça da igreja desempenhando o papel de Planeador, Solucionador de problemas, Portador de fardos, tem que comunicar com os membros do Seu corpo. Eles com certeza não podem estar sob as Suas orientações se não podem ouvi-l'O a falar-lhes. Por isso é claro que a mensagem deste livro é apenas teoria vazia se o Altíssimo for incapaz de nos alcançar com as Suas instruções específicas.

Apesar de ser verdade, que o Senhor não nos dá um audível resumo todas as manhãs, Ele verdadeiramente instrui aqueles Seus filhos cheios de fé que têm sido treinados para ouvir e reconhecer a Sua voz. Eles chegam a este nível feliz progredindo da verdade para verdade complementar. Primeiramente, aprenderam o princípio que apenas os que conhecem e seguem os caminhos de Deus, entram no Seu repouso. Desde que creiam nisto, apenas poderão concluir que o Senhor é totalmente capaz de lhes comunicar as Suas ordens específicas, e alegremente o fará. Eles então procuram as Escrituras e verificam que o Altíssimo nos tem assegurado uma e outra vez que Ele pessoalmente guiará cada crente que coloca a sua confiança n'Ele. À medida

que descobrem cada uma dessas promessas, crêm implicitamente e fazem dela a experiência das suas vidas.

Todo o crente que deseja viver de acordo com os caminhos de Deus e assim entrar no Seu repouso, deve começar e progredir no mesmo caminho. Portanto, seria bom considerar nesta fase algumas positivas declarações de Deus que Ele tomará o papel de Cabeça de todo o crente.

“E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas nunca faltam.” *Isaías 58:11*.

Contínua, e consistente guia é uma bênção muito preciosa. Quando o marinheiro está navegando na imensidão do oceano sem estradas, não tem necessidade de uma bússola que lhe dê a orientação do caminho apenas parte do tempo. A situação é mesmo mais crítica num avião que viaja a altas velocidades através das nuvens no ocupado espaço aéreo. Desligado de todas as referências do solo, o piloto deve ser capaz de confiar continuamente nos seus instrumentos dos sistemas de orientação.

Do mesmo modo, os verdadeiros filhos de Deus necessitam de orientação para todo o passo do caminho. Eles sabem que não podem confiar no seu próprio juízo defeituoso, porque a sua falta de sabedoria nascida da fraqueza humana e limitada experiência, e a quantidade de conhecimento que têm, os torna incapazes de escolher o seu próprio caminho com segurança.

Deus do fundo dum coração cheio de infinito amor, promete dar exactamente o que é necessário — orientação contínua. Davi conhecia esta bem-aventurança na sua vida e contou-a nestas maravilhosas e inspiradas palavras:

“O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.

“Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas.

“Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do Seu nome.

“Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me consolam.

“Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda.

“Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida, e habitarei na casa do Senhor por longos dias.” *Salmo 23*.

O tipo de guia que Davi deu às suas ovelhas era incansável e de confiança. Nunca houve um momento do dia ou da noite em que a sua vigilância falhasse. Davi viu que, como ele foi para as suas ovelhas, duma maior e ainda mais fiel maneira, o seu Pai celestial era para si. Esta verdade era tão bela e maravilhosa para ele que não podia evitar exprimi-la num salmo de louvor.

Houve alturas em que uma ovelha se perdeu. Ignorando a orientação do pastor, decidiu escolher outras pastagens e invariavelmente trouxe graves dificuldades sobre si mesma. Sempre que um desvio da sua orientação teve lugar, Davi viu nele uma lição mostrando a sorte que o esperava se vagueasse nos caminhos da sua própria escolha. Devia chegar o tempo em que ele cometeria tais erros, e quão caro ele os pagou!

A referência de Davi à vigilância do pastor pelas suas ovelhas como uma ilustração da relação que Deus mantém com o Seu verdadeiro povo, é na verdade apropriada. Nos dias do salmista, o pastor nunca ia atrás das suas ovelhas. Ele ia à frente e elas o seguiam. Elas conheciam a sua voz e ele, por sua vez, conhecia-as pelo nome. As ovelhas não tinham problema em saber exactamente qual o caminho a seguir. Elas colocavam toda a sua confiança no pastor e simplesmente o seguiam para onde quer que ele as levasse.

Do mesmo modo, nós somos ovelhas do pasto de Cristo, e é-nos assegurado pelo Bom Pastor que saberemos exactamente como errantes qual a vereda que devemos seguir dia a dia.

“Como Cristo viveu a lei na humanidade, assim podemos fazer, se nos apegarmos ao Forte em busca de força. Mas não devemos pôr a responsabilidade de nosso dever sobre outros, e esperar

que eles nos digam o que fazer. Não podemos depender da humanidade quanto a conselhos. O Senhor nos ensinará nosso dever com tanta boa vontade como o faz a qualquer outro. Se a Ele nos achegarmos com fé, transmitir-nos-á pessoalmente os Seus mistérios. Nosso coração arderá muitas vezes dentro de nós ao aproximar-Se Alguém para comungar connosco como fez com Enoque. Os que decidem não fazer, em qualquer sentido, coisa alguma que desagrade a Deus, depois de Lhe apresentarem seu caso saberão a orientação que hão de tomar.” *O Desejado de Todas as Nações*, 642, 643.

Que gloriosa certeza é esta! “Os que decidem não fazer, em qualquer sentido, coisa alguma que desagrade a Deus, depois de Lhe apresentarem o seu caso saberão a orientação que hão de tomar.”

Estas são palavras de vida; palavras que devem ser cridas e segundo as quais se deve agir. Não tendes receio de ser demasiado insignificantes para ser notados na multidão, porque, não importa quão vasto possa ser o número no rebanho de Cristo, Ele conhece e cuida de vós como se fosseis a única pessoa em existência.

“Como o pastor terrestre conhece as ovelhas, assim o divino Pastor conhece o Seu rebanho, espalhado por todo o mundo. ‘Vós pois, ó ovelhas Minhas, ovelhas do Meu pasto; homens sois, mas Eu sou o vosso Deus, diz o Senhor Jeová.’ Assevera Jesus: ‘Chamei-te pelo teu nome, tu és Meu.’ ‘Nas palmas das Minhas mãos te tenho gravado.’ (Ezequiel 34:31; Isaías 43:1; 49:16).

“Jesus nos conhece individualmente, e comove-Se ante nossas fraquezas. Conhece-nos a todos por nome. Sabe até a casa onde moramos, o nome de cada um dos moradores. Tem por vezes dado instruções a Seus servos para irem a determinada rua, em certa cidade, a uma casa designada, a fim de encontrar uma de Suas ovelhas.

“Cada alma é tão perfeitamente conhecida a Jesus, como se fora ela a única por quem o Salvador houvesse morrido. As penas de cada uma Lhe tocam o coração. O grito de socorro chega-Lhe ao ouvido. Veio para atrair a Si todos os homens. Ordena-lhes: ‘Segue-Me’, e Seu Espírito lhes comove a alma, atraindo-os para Ele. Muitos recusam ser atraídos. Jesus sabe quem são. Sabe igualmente quais os que Lhe escutam de boa vontade ao chamado, e estão prontos a colocar-se sob Seu pastoral cuidado. Diz Ele: ‘As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz, e Eu conheço-as, e elas Me seguem.’ Cuida de cada uma, como se não houvesse nenhuma outra na face da Terra.” *O Desejado de Todas as Nações*, 464.

O Bom Pastor nada perdeu da Sua capacidade para guiar o Seu rebanho por causa da Sua física separação deles. Pelo contrário, através do ministério do Espírito Santo e dos anjos, Ele é ainda mais capaz de fazer isto do que se estivesse realmente entre eles em pessoa. Portanto, “Os que decidem nada fazer, em qualquer sentido, coisa alguma que desagrade a Deus, depois de Lhe apresentarem o seu caso saberão a orientação que hão de tomar”.

“Os que submetem a vida a Sua direcção e a Seu serviço, jamais se verão colocados numa posição para a qual Ele não haja tomado providências. Seja qual for nossa situação, se somos cumpridores de Sua Palavra, temos um Guia a nos dirigir o caminho; seja qual for nossa perplexidade, temos um seguro Conselheiro; seja qual for nossa tristeza, perda ou solidão, possuímos um Amigo cheio de compassivo interesse.” *A Ciência do Bom Viver*, 248, 249.

Deus nunca é apanhado de surpresa. Ele conhece o fim desde o princípio, e fez total provisão para toda a emergência antes dela aparecer. Nenhum problema pode jamais surgir para o qual Ele não tenha já provido a solução. A certeza disto é-nos dada nas seguintes palavras:

“A ansiedade é cega, e não pode discernir o futuro; mas Jesus vê o fim desde o começo. Em toda a dificuldade tem Ele um caminho preparado para trazer alívio. Nosso Pai celestial tem mil modos de providenciar em nosso favor, modos de que nada sabemos. Os que aceitam como único princípio tornar o serviço e a honra de Deus o supremo objectivo, hão de ver desvanecidas as perplexidades, e uma estrada plana diante de seus pés.” *O Desejado de Todas as Nações*, 313.

“Nossa vida pode parecer um emaranhado; mas ao confiarmos ao sábio Obreiro-Mestre, Ele tirará dali o padrão de vida e carácter que O glorifique. E esse carácter que exprime a glória — o carácter — de Cristo, será aceito no Paraíso de Deus. Uma renovada raça andarà com Ele de vestidos brancos, pois disso são dignos.” *Idem*, 314, 315.

Quão seguras e positivas são estas promessas! “Os que aceitam como único princípio tornar o serviço e a honra de Deus o supremo objectivo, hão de ver desvanecidas as perplexidades, e uma estrada plana diante de seus pés.”

Estes testemunhos não deixam espaço para qualquer suposição que Deus não nos pode comunicar as Suas ordens específicas, desde que cumpramos as simples condições. É importante para cada crente cultivar uma forte e inabalável fé nestas promessas. Cada um deve saber com positiva certeza que Deus tornará conhecida a Sua vontade, e que podemos seguir no caminho que Ele indica. Será tão simples como foi para as ovelhas de Davi seguirem-no de pastagem para pastagem.

Na realidade, não há alternativa satisfatória, porque o homem não tem a capacidade de guiar-se a si mesmo mais do que as ovelhas de Davi. As Escrituras são muito claras nisto.

“Eu, sei ó Senhor, que não é do homem o seu caminho nem do homem que caminha o dirigir os seus passos.” *Jeremias 10:23*.

“Não temos sabedoria suficiente para planejar nossa vida. Não nos compete determinar o futuro. ‘Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia.’ (Hebreus 11:8).

“Cristo, na Sua vida sobre a Terra, não fez planos para Si mesmo. Aceitou os planos de Deus a Seu respeito, e dia após dia o Pai lhos fazia conhecer. De tal maneira devíamos depender de Deus, que nossa vida pudesse ser a simples realização de Sua vontade. Confiando-Lhe nossos caminhos, Ele dirigirá nossos passos.

“Muitos, planejando um futuro brilhante, sofrem um desastre completo. Deixai que Deus faça os Seus planos para vós. Como criancinhas, confiai-vos à guia d’Aquele que ‘guardará os pés dos Seus santos’. 1 Samuel 2:9. Deus não conduz jamais Seus filhos de maneira diferente da que eles escolheriam se pudessem ver o fim desde o princípio, e discernir a glória do propósito que estão realizando como Seus colaboradores.” *A Ciência do Bom Viver*, 478, 479.

“Não temos sabedoria para planejar as nossas vidas”, por isso o conselho é “Deixai que faça os Seus planos para vós. Como criancinhas, confiai-vos à guia d’Aquele que ‘guardará os pés dos Seus santos’”.

Enfrentando a terrível mas real insuficiência humana, somos deixados com a única opção. Isto é:

“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento.

“Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.” *Provérbios 3:5, 6*.

Unicamente os infiéis, auto-suficientes, e os que ignoram os caminhos de Deus, fariam de outro modo.

Tendo aceite os princípios do repouso do sábado e estabelecido a fé nas promessas de Deus, o próximo passo é activamente aplicá-los em todo o aspecto da vida. Isto requer um solene contrato a ser formado entre o crente e o seu Salvador. Nisto, o crente contrata reconhecer Deus, e Deus apenas, na Sua apontada posição de Planeador, Solucionador de Problemas, Portador de fardos, Médico e Guia.

Não é uma entrega fácil de fazer, pois ela requer o abandono de todos os métodos terrestres de guia e libertação, em favor da confiança no Deus invisível. Quando fazeis a oração, “Senhor doravante somente Tu és o meu Planeador, Solucionador de problemas, Portador de fardos, Médico, Guia”, isto é dizer que nenhum homem ocupará estas posições na vossa vida daquele momento em diante. É o compromisso de casamento que requer o abandono de todos os outros

em favor daquele a quem a vossa vida está agora unida. É o fim de um modo de vida em favor de outro. Rica e viva fé é requerida para entrar neste tipo de concerto.

Ninguém devia fazer isso sem cuidadosamente pesar as responsabilidades envolvidas. Uma vez que o concerto tenha sido formado, seguramente virá o tempo em que sérios problemas vos confrontam. Um que pressiona muito fortemente sobre uma pessoa é a falta de saúde. Quando isto se torna uma ameaça para a vida e uma pessoa sabe que o médico está imediatamente disponível, esperando apenas para ser chamado, não é fácil entregar toda a questão nas mãos do Grande Médico. Contudo, isto é aquilo que esta dedicação exige.

(Não estamos a referir aqui aqueles médicos — se esses pudessem ser encontrados nos nossos dias — que têm uma pessoal, ligação viva com o Grande Médico, mas aos muitos, quer no vulgar campo médico ou no mundo dos naturopatas, que nada sabem da posição e obra de Deus como Médico do cristão.)



*“Cada manhã consagrai-vos a Deus.”  
Aos Pés de Cristo, 73.*

Uma vez que o concerto tenha sido formado cada dia deve ser começado com uma total dedicação da vida ao Senhor para esse dia.

“Consagrai-vos a Deus pela manhã; seja esse o vosso primeiro cuidado. Seja a vossa oração: ‘Toma-me, Senhor, como Tua propriedade exclusiva. A Teus pés deponho todos os meus planos. Emprega-me hoje ao Teu serviço. Permanece em mim, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.’ Isto devemos fazer quotidianamente. Cada manhã consagrai-vos a Deus para esse dia. Submetei-Lhe todos os vossos planos, para que se executem ou deixem de executar, segundo o que Deus dispuser. Entregando assim dia a dia a vossa vida nas mãos de Deus, ela se moldará mais conforme à vida de Jesus Cristo.” *Aos Pés de Cristo, 73, 74.*

O conselho neste testemunho para entregar todos os nossos planos a Deus para que se executem ou deixem de executar conforme a Sua providência indicar, não apoia qualquer argumento que nós temos que ser os nossos próprios planeadores. Todas as ordens gerais e



específicas devem vir de Deus, e nenhum homem pode legitimamente tornar-se o autor de tais orientações.

Contudo, ao mesmo tempo, há duas formas nas quais as palavras, “nossos planos” podem ser compreendidas. No primeiro caso, todo o plano formado por Deus e dado aos Seus filhos, torna-se o plano deles, não pelo facto de eles os terem originado, mas porque se tornaram seus possuidores.

Alguns argumentariam que estes não podem ser os planos referidos, pois esses nunca teriam sido abandonados.

Isto não é necessariamente verdade. A bem sucedida execução dos perfeitos planos de Deus por vezes depende dum número de pessoas cumprirem os papéis que lhes foram atribuídos. Se elas falharem em fazer isto, então os planos que Deus deu a um dos Seus filhos fiéis, podem ter que ser abandonados em troca de procedimentos revistos. A experiência de Calebe e Josué é uma ilustração disto. O plano de Deus para eles, tal como para todo o Israel, era uma rápida entrada na terra prometida. Estes dois espias fiéis estavam bastante preparados para irem onde o Senhor os levasse, mas o resto não. Consequentemente, tal como a providência de Deus indicou, estes dois tiveram que deixar os planos dados por Deus para entrarem em Canaã nessa altura.

Por isso todo o verdadeiro filho de Deus iniciará cada dia preparado para renunciar aos maravilhosos planos que Deus tenha feito para ele, se a infidelidade de outros o tornar necessário. Isto pode, obviamente, ser muito desapontador, tal como deve ter sido com Calebe e Josué, e Moisés e Arão, quando, por quarenta anos, tiveram que abandonar os seus planos de entrar na terra prometida.

A outra forma pela qual o testemunho pode ser compreendido, é a respeito dos planos que temos que fazer para organizar a obra que Deus nos tem dado. Estes são os nossos planos, e eles também devem ser deixados ou levados a cabo conforme a Sua providência indique.

Uma vez que esta consagração diária tenha sido feita o crente avança para os conflitos do dia, no decorrer do qual, de tempos a tempos, será confrontado com problemas sérios. Quando isto acontece, a primeira coisa é resistir à inclinação de “encontrar” soluções possíveis para o problema e depois escolher uma delas como a melhor saída, porque essa é a forma de Babilónia formular soluções para problemas e depois pedir ao Senhor para suprir o poder necessário para as efectuar.

Se uma solução foi formada na mente quando o problema apareceu, a primeira obra é pedir ao Senhor que a limpe da mente. Depois disto feito, o movimento seguinte é ir perante Deus em oração e pedir-Lhe para examinar o nosso coração e revelar-nos onde os nossos erros ou pecados trouxeram este problema sobre nós. Por exemplo, foi a fuga de Davi para a Filístia e as suas mentiras ao rei Aquis que desenvolveram o problema que ele enfrentou quando foi obrigado a marchar com os filisteus para a guerra. Tudo isto necessitou de arrependimento e confissão antes que o Senhor o pudesse libertar.

Uma vez esta obra feita, o problema deve ser dado a Deus sem ser acompanhado de condições, deixando-O aplicar qualquer solução que Ele escolha sem a nossa interferência. “Na perfeita conformidade há descanso perfeito.” *O Desejado de Todas as Nações*, 314.

Muitos são relutantes em colocar os seus fardos sobre Cristo, porque sentem que Ele tem algo mais importante para fazer. Esses necessitam compreender que Ele é desapontado e frustrado quando tomam esta atitude, porque “... deseja que Lhe lancemos aos pés as perplexidades e aflições, deixando-as ali”. *A Ciência do Bom Viver*, 249.

Ele convida-nos a lançar “sobre Ele toda a nossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós”. *1 Pedro 5:7*.

Estes convites devem ser obedecidos, não importa que opiniões preconcebidas, falso orgulho, ou disposições pessoais tenham que ser colocadas de lado. O crente tem que reconhecer que está

na posição de um dependente recebedor e que não tem a capacidade para levar estes fardos ou resolver os seus problemas. Apenas Cristo é capaz de fazer esta obra por ele.

Há outros que realmente trazem os seus problemas ao Salvador, mas, depois de Lhe contarem tudo acerca deles, continuam eles próprios a transportá-los. Despojados de qualquer doce, submissiva paz, inquietos e atormentados enquanto continuam a procurar soluções que esperam sejam postas em prática pelo Senhor em seu favor.

O Senhor nunca pode encarregar-se de quaisquer problemas que não são totalmente entregues a Ele. Portanto, nesta fase o crente deve tornar absolutamente seguro que realmente entregou a dificuldade ao Solucionador de problemas, e que isso está inteiramente fora das suas mãos. Uma evidência que isto foi realizado é a presença no crente de uma repousante confiança que a questão está em mãos competentes, e que não tem mais preocupações a respeito disso.

Uma vez que Cristo tenha o caso nas Suas mãos, Ele imediatamente começa a trabalhar no assunto, se bem que possa levar dias, semanas, ou mesmo anos para resolver. Noutras ocasiões a resposta vem imediatamente. Depende dos vários factores envolvidos.

Por exemplo, quando Daniel estava a pleitear com o Senhor por causa das respostas a respeito do futuro de Israel, uma demora na resposta ao profeta foi causada pela necessidade de batalhar com o rei persa. Três semanas passaram antes que Gabriel pudesse ser liberto para comunicar com Daniel.

“Então me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia, em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras, e eu vim por causa das tuas palavras.

“Mas o príncipe do reino da Pérsia se pôs defronte de mim vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia.” *Daniel* 10:12, 13.

A razão porque as imediatas soluções nem sempre podem ser alcançadas é porque o Senhor nunca usa força para atingir os Seus fins. O rei persa era uma pessoa chave no regresso dos israelitas a Jerusalém para a reconstrução do templo, e Satanás estava usando todo o seu poder para impedir que isto acontecesse. Deus tinha que contrariar esta influência com a Sua, e a batalha tornou-se cerrada e severa. A conquista do rei para o lado do Senhor levou tempo, mas uma vez isto realizado, os judeus tiveram permissão para regressar a Jerusalém e reconstruir a cidade e o santuário.

Durante o intervalo entre a entrega do problema ao Salvador e o aparecimento da solução, pode parecer que as nossas orações não foram ouvidas, ou têm sido proteladas e que Deus nada está fazendo acerca da questão. Não devemos ser enganados por estas aparências, mesmo apesar de Satanás estar a fazer o seu melhor para persuadir-nos que as coisas são o que parecem ser. Apesar de não o podermos ver Deus está a operar em toda a capacidade no problema que Lhe foi entregue. A nossa tarefa é repousar na certeza que Ele está, e pacientemente, em repouso, e confiantemente esperar a consumação da Sua obra.

Por vezes isto será difícil, porque parecerá que tudo está a encaminhar-se para o desastre, mas quanto mais negras as coisas estão, mais emocionados e felizes os verdadeiros filhos podem tornar-se no seguro conhecimento que Ele está no comando da situação e está prestes a obsequiá-los com uma maravilhosa demonstração do Seu poder e capacidade. A solução divinamente formulada para o problema pode envolver a nossa participação, ou não.

Um exemplo de quando a participação da pessoa em dificuldade não está envolvida, é o de Davi quando este foi forçado a marchar com os filisteus contra os israelitas. Davi entregou o problema a Deus mas não viu evidência que o Senhor tivesse mesmo respondido às suas orações, nem foi chamado a fazer qualquer coisa a fim de o resolver. Em vez disso, anjos poderosos foram enviados aos senhores filisteus e estes homens fizeram a obra de persuadir o rei em favor de Davi, mesmo apesar de não terem ideia acerca do que estavam realmente a fazer. A primeira

indicação que Davi teve que algo estava a ser feito, aconteceu quando foi chamado à presença do rei e informado que devia regressar sem lutar contra Israel.

Do mesmo modo, verificaremos que há alturas em que Deus não nos usa para solucionar o problema. Outros são levados a fazer movimentos que desenredarão a confusão enquanto nós tranquilamente vamos às nossas responsabilidades diárias. Outras vezes, temos uma parte a desempenhar. Isso depende da natureza do problema, e a solução que o Senhor tenha escolhido.

Se o Senhor nos designou uma função, encontraremos um plano de acção limpo de quaisquer das nossas imaginações formadas nas nossas mentes. Ele impressionar-nos-á com a simplicidade e perfeição, mas não devemos imediatamente tirar a conclusão que ele vem de Deus, porque é possível que Satanás o tenha sugerido.

Há pessoas que acham difícil acreditar que Satanás tenha este poder, ou que Deus permitiria que ele o usasse. O facto é que ele realmente tem o poder, e o Senhor não o impede de o usar. A prova disto é dada na vida de Cristo quando, no monte da tentação, Satanás se chegou a Ele no disfarce de um anjo do Céu com um plano que parecia ser a resposta ao Seu problema.

Cristo fez um teste a este plano a fim de determinar a sua origem, e muito rapidamente reconheceu que o suposto anjo do Céu era, de facto, Satanás. Mesmo assim, não foi sem luta que Cristo resistiu a esta tentação rejeitando o plano completamente.

O homem viverá “por toda a palavra que procede da boca de Deus”. *Mateus 4:4*.

Somente aquelas instruções que emanavam do Seu Pai Celestial Ele obedeceria. Todos os outros esquemas não tiveram lugar na Sua vida.

Assim o cristão tem que compreender que, quando entrega o problema a Deus e um plano se forma na sua mente, esta solução pode ser de origem divina ou satânica. É a verdadeira ou a contrafacção.

Se o plano é de Satanás, então, mesmo apesar de inicialmente poder parecer que faz muito bem, ele apenas produzirá grande dano ao indivíduo e à causa de Deus. Portanto, é fundamental que o cristão rejeite o plano se ele não vier de Deus, e o execute se for.

Isto significa que o cristão que fielmente tem seguido os correctos procedimentos até este ponto, não está fora de perigo, porque se ele agora aceitasse e executasse uma solução formada na mente de Satanás, mesmo apesar de crer firmemente que ela vem de Deus, estará lutando contra Jeová. Ignorância não é protecção contra o desastre.

Para tornar as coisas mais difíceis, Satanás é muito cuidadoso em apresentar um plano que tenha toda a aparência de vir de Deus. Ele é astuto demais para mostrar uma proposta grosseira ou algo que seja manifestamente dele. Ele sabe que nada alcançaria fazendo isto, porque o seu sucesso depende da arte de enganar. Aqueles que caem nos seus enganos sofrem terríveis consequências.

Porém há um simples procedimento que garante a protecção desta eventualidade. Logo que o plano se forma na mente do crente ele deve imediatamente entregá-lo ao Senhor para ser executado ou deixar de o ser conforme a divina providência assim o indique. Nas mãos de Deus ele está salvo. Se ele for de origem satânica, Ele verá que isso não leva lado nenhum, mas se o plano vem d’Ele, então com certeza avançará até ao sucesso final.

Tendo deixado tudo no Seu cuidado, o crente então calmamente prossegue com aquilo que o Senhor lhe dá para fazer nesse momento. Se, na execução do plano, aparecem grandes obstáculos no caminho, o crente deve simplesmente reconhecer isto como sendo um problema e repete o procedimento. Se o impedimento desaparece, ele pode avançar. Se não desaparecer, então espera até que o Senhor abra novas portas. Acima de tudo, ele não deve fazer tentativas para forçar as coisas, mas deixa o Senhor totalmente livre para avançar a obra como Ele vir adequado.

O mais espantoso de tudo é como os indivíduos que nada conhecem do problema e que podem ser bastante hostis à causa de Deus, involuntariamente fazem movimentos necessários para o sucesso do plano.

Estes procedimentos mantêm o Senhor no Seu lugar legítimo, e os dependentes humanos nos seus. Deus é um Solucionador de problemas demasiado sábio e hábil para jamais avançar uma solução não satisfatória para um problema, por isso aqueles que seguem os Seus caminhos estão seguros do repouso, vitória e sucesso.

Uma vez que o crente tenha estabelecido estes princípios de operação nesta vida, acha-se a si mesmo louvando ao Senhor pelas Suas maravilhosas obras. Inexprimível alegria o assiste à medida que segue o seu Senhor de vitória em vitória. A sua vida respira fragrância e é o meio de atrair muitos ao Salvador. Ele torna-se uma testemunha viva da perfeição encontrada no seu Pai celestial, e tem o seu nome escrito no livro da vida do Cordeiro. Eventualmente, ele caminhará de mão dada com Cristo desta Terra para as moradas eternas onde continuará a viver na vida começada com Deus aqui.

Mas durante toda esta jornada terrestre, ele deve guardar-se a si mesmo contra a terrível tendência na qual tantos no passado têm sucumbido, de retroceder para os caminhos humanos. Sempre receoso que isto lhe aconteça, ele deve passar tempo todos os dias em íntima e profunda comunhão com a natureza e com Deus. Ele deve constantemente reviver as histórias relatadas pela inspiração de modo que aprenderá a não repetir os erros do passado.

Para aqueles que são diligentes nestas coisas, as recompensas estão para além de computação.\_

## Guardando o Sábado

**O**s princípios do repouso do sábado não são limitados a um dia em sete, mas devem ser continuamente o modo de vida do cristão. Não há um momento em que podemos segura ou correctamente voltar-nos para outro procedimento.

Porquê, então, devia ele guardar um dia em sete como um dia especial de repouso? Não significa o cuidadoso e fiel reconhecimento, e colaboração com a verdade que Deus é a Fonte, Cristo a Ligação, e o homem o recebedor, que ele está observando o sábado todos os dias da semana e não havendo assim necessidade para um dia de especial observância do sábado?

Há igrejas cujos membros argumentam que estão a operar dentro dos princípios do sábado — tal como os compreendem — todos os dias da semana e por isso não vêem necessidade para observar o sétimo dia. Contudo, eles não são consistentes na sua posição, pois observam o domingo como um dia especial de repouso. Nesse dia cessam os seus trabalhos regulares e assistem aos serviços da igreja. Se eles verdadeiramente crêem na observância do sábado todos os dias da semana, então porque tratam o primeiro dia da semana como um dia santo? Além disso, se respeitam um dia acima do resto, porque não aquele que Deus designou, em vez daquele que os homens escolheram?

Os factos reais são que o homem não pode aderir aos princípios do repouso do sábado durante os seis dias de trabalho, a menos que receba, no sábado, a luz e poder que Deus dá através da comunhão válida nesse dia. O dia de sábado é uma necessidade. Nenhum outro dia pode tomar o seu lugar. Aquele que falha em receber aquilo que Deus torna válido através dele, será incapaz de praticar os princípios do repouso do sábado durante a semana. Em vez disso ele substituirá Deus por si mesmo como Planeador, Solucionador de problemas, e Portador de cargas. Por conseguinte separar-se-á do seu Criador e fará da sua vida uma tremenda desordem.

Quando Deus fez o homem sem pecado no Éden, reconheceu a necessidade do sábado e deu-o para satisfazer esta necessidade.

“Deus viu que um repouso era essencial para o homem, mesmo no Paraíso. Ele necessitava pôr de lado seus próprios interesses e ocupações durante um dia dos sete, para que pudesse de maneira mais ampla contemplar as obras de Deus, e meditar em Seu poder e bondade. Necessitava de um sábado para, de maneira mais vívida, o fazer lembrar de Deus, e para despertar-lhe gratidão, visto que tudo quanto gozava e possuía viera das benignas mãos do Criador.” *Patriarcas e Profetas*, 31.

Antes de passarmos à frente, devemos claramente compreender a mensagem deste parágrafo. O Senhor não preparou o sábado deliberadamente para ser instituído a fim de satisfazer a Sua “exigência de absoluto reconhecimento”, e “para forçar o respeito pela Sua autoridade e posição”. Quando o Altíssimo Criador determinou o perfeito estilo de vida para os Seus filhos, reconheceu que a segurança e felicidade apenas podia ser mantida pela inclusão da instituição do sábado. Era algo que, mesmo no Éden sem pecado era indispensável para o seu bem-estar. Juntamente com o casamento, foi dado aos nossos primeiros pais, e através deles a nós, como um dom de amor do Infinito.

Durante tempo demasiado tem Satanás inculcado nas mentes humanas a ideia que Deus é um déspota egoísta que impõe a Sua vontade às Suas criaturas para o Seu próprio benefício. Os conceitos do diabo têm sido tão profunda e largamente inculcados que mesmo os verdadeiros filhos de Deus têm a tendência para pensar segundo estas linhas e continuam a fazê-lo até que tenham sido educados de acordo com os princípios divinos. Mesmo então há a terrível tendência para regressar à forma humana de pensar.

Seja qual for a extensão em que as mentiras de Satanás sejam consciente ou inconscientemente cridas, o sábado é visto como um engano destinado a exaltar Deus à custa da humanidade e a tendência é considerá-lo como um opressivo jugo de servidão. Isto leva a maioria a rejeitá-lo completamente, enquanto mantêm a esperança que o favor de Deus assim adquirido, trará para si ricas recompensas.

Nestes últimos dias, o Senhor está a libertar os Seus filhos dos enganamentos de Satanás e a oferecer-lhes em troca um verdadeiro conceito acerca do Seu carácter. Ele deseja O que vejam como um verdadeiro Deus de amor em quem não há qualquer egoísmo. Deseja que todos compreendam que o sábado é um dom de amor do Altíssimo no qual foi investido incalculáveis bênçãos e vantagens.

Compreendendo como e porquê o sábado era essencial ao homem, a nossa apreciação do Seu carácter e do Seu dom de amor, o sábado, aumentará grandemente. Quando estas verdades forem completamente compreendidas, o sábado não mais será considerado como um limitador jugo de servidão. Ele tornar-se-á realmente um deleite para todos os que o conhecem e observam.

O cristão necessita de lutar diligentemente para compreender porquê o sábado é essencial ao homem, porque quanto melhor ele conheça estas coisas, mais eficaz o sábado se tornará para si. Ele será capaz de relacionar-se mais intimamente com o seu Pai celestial e assim provar ser uma testemunha valiosa para a sabedoria e amor do seu Criador.

As razões para a indispensável presença do sábado são encontradas no carácter de Deus e no perfeito plano da criação.

Deus é infinito, imutável amor, de modo que não há traço de egoísmo n’Ele. Tudo o que Ele faz é feito para o bem dos outros e Ele não está minimamente preocupado acerca da Sua autoridade e realeza excepto quando a rejeição d’Ele nesse papel traz separação e morte a qualquer dos Seus súbditos. Qualquer consideração que Ele tenha pela Sua posição é por causa do Seu povo, não por Si mesmo.

O infinito amor e sabedoria apenas foi satisfeito com o melhor para aqueles a quem o Senhor criou. O Seu amor exigia isso, a Sua sabedoria concebeu-o, e o Seu poder produziu-o. Por isso foram conferidos à humanidade os maravilhosos dons da vida, um lar e todos os poderes necessários pelos quais operar, as leis para guiar o uso destas poderosas forças, e a perfeita liberdade de servir ou desobedecer conforme a escolha. Ninguém podia pedir mais do que isto, e nada havia melhor que o Criador pudesse dar.

Depois de instalar o homem no Éden, Ele podia muito facilmente determinar as coisas de modo que o homem nada tivesse que fazer. Cada dia a alimentação podia ter sido colocada perante ele sem qualquer aplicação de esforço por parte do que era alimentado. O Jardim podia

ter sido estruturado de maneira a não precisar de quaisquer cuidados. Podia ter sido dado aos seres humanos uma existência de total inactividade e tranquilidade.

Mas isto não era o melhor que o ilimitado amor e sabedoria podia dar. Deus fez muito melhor do que isto. Ele dotou o homem com infinitas oportunidades de realização e desenvolvimento. Inexauríveis minas de informação em todas as ciências estavam ao alcance do homem, oferecendo-lhe projectos de investigação que nem mesmo a eternidade podia exaurir. Sob o seu comando e disposição estavam colocados materiais em bruto dos quais ele podia desenvolver todo o tipo de invenção e facilidade.

O ilimitado avanço do homem foi em grande extensão interrompido pela entrada do pecado. Mesmo assim, a humanidade tem percorrido um longo caminho desde o Éden na sua compreensão e aplicação da tecnologia e ciência, mas nada disto é comparado com os tesouros do conhecimento que estarão abertos ao estudo quando a criação original for restaurada, e a terra renovada.

“Ali, mentes imortais contemplarão, com deleite que jamais se fatigará, as maravilhas do poder criador, os mistérios do amor que redime. Ali não haverá nenhum adversário cruel, enganador, para nos tentar ao esquecimento de Deus. Todas as faculdades se desenvolverão, ampliar-se-ão todas as capacidades. A aquisição de conhecimentos não cansará o espírito nem esgotará as energias. Ali os mais grandiosos empreendimentos poderão ser levados avante, alcançadas as mais elevadas aspirações, as mais altas ambições realizadas; e surgirão ainda novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objectivos a aguçar as faculdades do espírito, da alma e do corpo.

“Todos os tesouros do universo estarão abertos ao estudo dos remidos de Deus. Livres da mortalidade, alçarão voo incansável para os mundos distantes — mundos que fremiram de tristeza ante o espectáculo da desgraça humana, e ressoaram com cânticos de alegria ao ouvir as novas de uma alma resgatada. Com indizível deleite os filhos da Terra entram de posse da alegria e sabedoria dos seres não caídos. Participam dos tesouros do saber e entendimento adquiridos durante séculos e séculos, na contemplação da obra de Deus. Com visão desanuviada olham para a glória da criação, achando-se sóis, estrelas e sistemas planetários, todos na sua indicada ordem, a circular em redor do trono da Divindade. Em todas as coisas, desde a mínima até à maior, está escrito o nome do Criador, e em todas se manifestam as riquezas de Seu poder.

“E ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admiram o carácter. Ao revelar-lhes Jesus as riquezas da redenção e os estupendos feitos do grande conflito com Satanás, a alma dos resgatados fremirá com mais fervorosa devoção, e com mais arrebatadora alegria dedilharão as harpas de ouro; e milhares de milhares, e milhões de milhões de vozes se unem para avolumar o potente coro de louvor.

“E ouvi a toda a criatura que está no Céu, e na Terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas acções de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre.’ (Apocalipse 5:13).” *O Grande Conflito*, 674, 675.

Apesar de perfeição sem mácula marcar a obra das mãos de Deus, ela não é imune à destruição, o que é provado pela história deste mundo. A sua segurança depende da perfeita aplicação das leis divinas para todo o exercício do poder. No momento em que esses princípios são violados, forças destruidoras são colocadas em movimento.

Isto não quer dizer que há inerentes fraquezas ou defeitos no sistema, porque nenhum há. A estrutura das equilibradas leis e forças das quais a existência humana depende, deve ser cuidadosamente protegida para assegurar a Sua preservação.

Um dos factores inalteráveis que devem ser considerados neste programa de preservação, é a humildade de Deus. Esta é uma característica divina que as pessoas em geral ignoram. A experiência humana associa a posse de grande poder com grande orgulho, porque este é o resultado que eles vêem nas suas próprias vidas e nas vidas dos outros. Quando vêem o poder de Deus, naturalmente assumem que Ele é o ser mais orgulhoso de todos.

Mas o Ser Eterno não é afectado pelas riquezas e poder como os homens são. Nada tem mudado a perfeição do Seu carácter, e nada jamais mudará. Ele é o Deus justo e o orgulho não é justiça.

Quando o Salvador veio à Terra, uma parte importante da Sua missão foi mostrar o Pai como Ele realmente é. Se o Deus eterno fosse, na realidade um ser orgulhoso, então Cristo teria caminhado nesta Terra como tal, porque um ser humilde nunca pode representar fielmente um orgulhoso. Mas Jesus foi o mais humilde dos humildes. Portanto, o Pai a quem Ele veio revelar deve também ser a perfeita humildade, como está escrito, "... No manso e humilde Jesus se manifesta o carácter d'Aquele que habita na luz inacessível ao homem". *O Desejado de Todas as Nações*, 15.

Uma pessoa humilde nunca luta pelos seus direitos. Nisto Jesus, como Revelador do carácter perfeito do Pai, é o exemplo máximo.

"Jesus não contendia pelos Seus direitos. Muitas vezes, por ser voluntário e não se queixar, Seu trabalho era tornado desnecessariamente penoso. No entanto, não fracassava nem ficava desanimado. Vivia acima dessas dificuldades, como à luz da face de Deus. Não Se vingava, quando rudemente tratado, mas sofria com paciência o insulto." *Idem*, 78.

Em todo o Seu tratamento com a humanidade, Deus nunca luta pelos Seus direitos. É portanto necessário que os homens nunca recusem ao Pai aquilo que é legitimamente d'Ele, porque fazer isso é separar-se de Deus e assim trazer morte e destruição. Foi para preservar deste curso fatal que o sábado se tornou uma necessidade.

Por causa de Deus nunca lutar pelos Seus direitos, os homens, a fim de entregá-los a Ele, devem compreender exactamente quais são esses direitos. O problema é que, como Deus é tão humilde e portanto ocupa uma posição tão modesta nas relações divino-humanas, os homens facilmente se esquecem da Sua parte, e vêem somente a deles. Os homens desse modo atribuem a si mesmos o crédito devido ao Altíssimo. A punição que conseqüentemente cai sobre o homem não é a expressão de um Deus ofendido, mas o seguro resultado de se terem separado d'Ele. Os seres humanos não podem com sucesso ocupar o lugar do Senhor. Qualquer tentativa para fazer isso leva a conseqüências fatais.

Um exemplo da operação associada que deve existir entre Deus como Dador e o homem como colaborador é dado no fabrico de um pão. Deus podia ter escolhido fornecer-nos pão cozido todos os dias, mas em vez disso, Ele tornou a terra válida para ser limpa, lavrada, semente para ser semeada, e grão para ser colhido, joeirado, e moído, até estar pronto para ser misturado, amassado e cozido.

Isto dá muita ocupação ao ser humano, mas nunca foi a intenção de Deus que isso fosse feito de outra maneira senão em associação com Ele. A menos que Deus fizesse a Sua parte, os esforços do homem nada produziriam.

O problema é que Deus, na Sua grande humildade, faz a obra tão discretamente e tão modestamente que, nesta Terra amaldiçoada pelo pecado, a Sua contribuição pode apenas ser vista com o olho da fé. Por outro lado, o homem não tem dificuldade em ver aquilo que tem feito, e, a menos que o sábado lhe dê aquilo que Deus pretende que ele dê, a sua contribuição engrandece-se mais e mais aos seus olhos enquanto Deus desaparece até ao esquecimento.

Não é difícil ver que isto é o que tem acontecido no mundo. Esquecimento de Deus e exaltação do homem é agora um facto universal da vida. Quando os astronautas aterraram na lua, passaram alguns dias ali, e regressaram em segurança à Terra, a glória do acontecimento



realizado foi para os homens que voaram na missão e para os dotados cientistas que desenharam a nave espacial. Raramente uma, se alguma, palavra foi dita em reconhecimento e apreciação do papel vital de Deus na missão.

Os homens falharam em compreender que todas as leis científicas, os poderes que foram colocados sob o seu comando, e a total consistência das forças que impulsionaram o veículo espacial no seu caminho, vieram da terna mão do Criador. Não foram proferidas orações a pedir e divina orientação e protecção. Os homens não se consideraram como cooperadores do divino.

Toda a ênfase da educação humana coloca o homem no centro. Durante os anos passados na escola, os estudantes estão continuamente expostos a influências que exaltam os empreendimentos de “grandes” inventores, “grandiosos” conquistadores, “poderosos” governantes, “sábios” políticos, “brilhantes” intelectuais, “virtuosos” músicos, etc. Eles são ensinados pelas directas e indirectas influências a crer que os homens têm formado o destino da humanidade, que Deus não é uma força que se deva reconhecer, e que a humanidade se está a elevar a si mesma com tanto sucesso que alcançará eventualmente a igualdade com o Infinito.

Toda esta “sabedoria” humana é “loucura para Deus”, o seu efeito é substituir um Deus inteiramente competente com seres desprovidos da capacidade de conduzirem os seus próprios assuntos. O resultado final é ruína e morte. Jeová lamenta esta imbecilidade, mas, por causa d’Ele nunca forçar a vontade de alguém nem lutar pelos Seus direitos, não pode compelir os homens a segui-l’O.

O problema da exaltação própria não está limitado a criaturas num estado pecaminoso. Ele primeiramente apareceu em Lúcifer, o querubim cobridor, que detinha uma posição na própria presença de Deus. Não há informação quanto ao tempo que este anjo viveu antes de cair, mas é possível que tenha vivido milhões de anos. Porque enquanto isso aconteceu, Ele manteve sempre o seu equilíbrio durante esse período, sempre reconhecendo e mantendo uma correcta relação com o eterno Deus, até que começou a perder de vista a verdade que tudo o que ele tinha recebido tinha chegado a si como um dom do Altíssimo. A sua atenção começou a concentrar-se naquilo que ele tinha feito para desenvolver aqueles dons, até que por fim viu-se a si mesmo como o único edificador da sua grandiosidade e poder.

À medida que esta empolada avaliação de si mesmo que devia ter uma posição mais elevada na organização, esperou que o Altíssimo o elevasse acima do Filho de Deus, Jesus Cristo. Uma vez que o Pai não podia fazer isto por causa de Lúcifer não ter as qualificações necessárias, o querubim cobridor abandonou a sua posição e saiu para espalhar a rebelião contra o governo divino. Isto levou à guerra no Céu que finalizou com a sua expulsão eterna e dos seus seguidores das cortes reais.

O que Satanás não conseguiu estabelecer no Céu, decidiu construir na Terra, e, infelizmente, ele tem sido demasiadamente bem sucedido neste propósito.

Quando se considera quão perto o querubim cobridor estava de Deus, parece estranho que a rebelião pudesse alguma vez surgir em Lúcifer. Contudo ela surgiu. Esperar-se-ia que a sua compreensão acerca do carácter e poder de Deus seria tão clara e nova a todo o momento, que ele nunca encontraria lugar para orgulho no seu coração. Não havia desculpa para isso nem razão para que ela surgisse. Deus tem feito toda a provisão necessária para proteger as Suas criaturas de caírem num tal erro, sem os privar do direito de se rebelarem se eles desenvolvessem a disposição para o fazer.

Um dos elementos mais importantes que Deus introduziu para fornecer essa protecção, foi o sábado. O Criador viu que o sábado era uma necessidade para o homem não caído, e portanto, muito mais para o caído.

Seis dias foram destinados para a actividade laboral. Durante esse período, o homem devia ver o fruto dos seus trabalhos, e regozijar-se naquilo que o Criador lhe tinha permitido fazer. A

vida destinava-se a ser uma contínua, e alegre cooperação com o Pai; uma eterna ascensão de um nível de realização para outro.

Não haveria tempo para ociosidade com todo o momento sendo proveitosamente preenchido com útil e interessante actividade. Todo o ser seria totalmente absorvido nestas maravilhosas ocupações. Tão completa podia esta concentração de interesses tornar-se, que havia o perigo da sua Fonte ser esquecida, o homem chegaria à visão de si mesmo como o originador de tudo o que estava a realizar, e as mesmas temíveis consequências que acompanharam a queda de Lúcifer, cairia sobre ele.

O terno Criador viu que alguma provisão tinha que ser feita a fim de salvaguardar as Suas criaturas do desenvolvimento destes males. Quaisquer que fossem as medidas escolhidas elas tinham que ser os meios para manter e fortalecer o conhecimento do homem acerca do papel de Deus como a Fonte e o agente humano como o recebedor.

O método que o Senhor escolheu para fazer isto foi muito simples. A Sua solução, se seguida fielmente, garantiria a eterna protecção da apostasia, assim como o acesso a crescentes níveis mais elevados de comunhão com o divino. Dando ao homem seis dias para realizar as obras que lhe foram designadas, Deus separou o sétimo dia para um propósito diferente.

Durante os seis dias de trabalho da semana, o Senhor relaciona-Se a Si mesmo com o Seu povo de modo diferente em certos aspectos, da forma como faz no sétimo dia. Durante a semana Ele relaciona-Se com eles como cooperador em todas as suas actividades ocupacionais, mas no sétimo dia Ele repousa desse tipo de obra e comunica com eles numa forma que é destinada a refrescar e alargar os seus conceitos acerca do Seu grandioso poder.

Se o crente compreende a obra diferente que Deus faz no dia de sábado e se relaciona a si próprio com ela de acordo com isso, descobre no sábado, bênçãos de extraordinário valor. Descobre que está assegurada uma compreensão acerca de Deus, e regressa destas refrescantes horas de educação melhor preparado para manter o seu lugar apropriado na ordem divina.

Mais e mais, apreciará o facto que uma coisa o Onnipotente não pode fazer, é tornar o homem auto-suficiente. Esta é a posição que apenas Deus pode ocupar em virtude d'Ele não necessitar que alguém Lhe desse origem. Ele existe de eternidade em eternidade e ninguém pode tirar o Seu lugar.

Estes são princípios que os homens nunca deviam permitir esquecer-se. A fim de garantir isto, eles devem compreender o seu perigo, e apreciar a abençoada provisão do sábado como um divino remédio para a situação, Deus tem edificado tremendas bênçãos e riquezas no sábado. Depende dos Seus filhos obterem desta instituição aquilo que Ele colocou nela.

Esse não é um dia de proibições, um período de tempo a ser suportado até ao pôr-do-sol que uma vez mais anuncia o início de outra semana ocupada em proveitosa actividade. Somente aqueles que nunca viram verdadeiramente o maravilhoso propósito de Deus no Seu dom, o sábado, fazem a pergunta, "Que coisas devo eu ter o cuidado para não fazer neste dia?" Aqueles que têm conhecimento da comunhão e educação que o Senhor dá através desta maravilhosa instituição, encontram-se a si mesmos avidamente olhando para outro banquete semanal de coisas boas. Eles chamam ao sábado deleitoso não por causa de serem admoestados a fazer assim, mas porque isso é aquilo que eles acham que deve ser.

Perante cada alma que totalmente caminhasse nos caminhos de Deus, está a questão de como o sábado se pode tornar tudo o que Deus pretendia que fosse. Todo o verdadeiro crente quererá saber quais os procedimentos a seguir para garantir que a plenitude do propósito de Deus através do sábado seja realizada na sua vida.

Em primeiro lugar, ninguém alguma vez alcançará as prometidas bênçãos de Deus se não tiver sentido necessidade delas. Como a auto-suficiência é uma das barreiras mais perigosas para entrar no repouso de Jeová, o crente necessita de suplicar pelo Espírito Santo para despertar em si um verdadeiro sentido da sua própria necessidade pessoal para ver e saber qual é o iminente

e contínuo perigo de esquecer quem é a sua Fonte, e de atribuir a si mesmo a glória que pertence ao seu Criador.

Sob a orientação e bênção do Mestre celestial, as Escrituras necessitam ser continuamente estudadas com o propósito específico de ver quão inclinado o homem é para abandonar os caminhos de Deus e seguir os seus próprios caminhos. Também deve ser dada consideração às terríveis consequências resultantes do esquecimento de Deus e substituição dos planos e procedimentos humanos no lugar do divino. O agente humano nunca pode descansar e dizer que já não está no perigo de regressar aos seus próprios caminhos.

Há grande valor no estudo das Escrituras a fim de se firmar na verdade que Deus somente é a Fonte, Cristo a grande Ligação, e o homem o eterno recebedor. De nenhuma outra forma pode o cristão ser tão eficazmente ensinado acerca do seu verdadeiro lugar e do verdadeiro lugar de Deus. Ele aprenderá que não importa qual seja a pressão exercida sobre Ele, Deus nunca se desvia do Seu lugar, e que é igualmente necessário ao homem consistentemente manter a sua correcta posição.

O crente deve pedir e cultivar um verdadeiro sentido de necessidade que deve ser fortalecido em vez de enfraquecido por tanto tempo quanto durar a sua vida. Ele deve "... portanto rezear, que deixada uma promessa" para ele "de entrar no Seu repouso", possa ficar "para trás". *Hebreus 4:1*.

Desde que este sentido de necessidade e o acompanhante receio que ele possa perder-se no seu caminho, tenha sido estabelecido, cuidadoso estudo deve ser feito sobre o propósito de Deus no sábado. O crente deve aprender que, no sétimo dia da semana especificamente, o Altíssimo, embora nunca repousando da responsabilidade de sustentar o universo, não está disponível para trabalhar com ele nas suas ocupações diárias. Deus repousa desse trabalho no dia de sábado, e dedica-Se à especial comunhão com os Seus seguidores.

Do mesmo modo, o verdadeiro observador do sábado deve deixar de lado toda a obra que Deus lhe apontou durante os seis dias de trabalho, e entregar-se a si mesmo à comunhão com o Seu Senhor. Ele deve aproximar-se de cada dia de sábado, vivamente conhecedor da necessidade de contemplar o incomparável amor do seu Pai celestial, incomparável humildade, e ilimitado poder. Ele compreenderá que de si mesmo não tem poder para ver estas maravilhas, mas, regozijar-se-á na certeza que a sua necessidade será completamente suprida porque o seu Pai celestial que tem o perfeito conhecimento das suas necessidades, não deseja outra coisa senão satisfazê-las.

Isto dá ao cristão grande confiança para pedir as mais ricas concessões das bênçãos das promessas. De acordo com os princípios da verdadeira ciência da oração, ele agarra-se ao dom, toma posse dele, agradece ao Senhor por tê-lo dado, e em seguida segue o seu caminho sabendo que experimentará a bênção quando dela mais necessitar.

O verdadeiro crente cultivará uma atitude muito positiva a respeito do sábado. Ele dirá, "O Senhor tem criado tremendas e muito necessárias bênçãos para mim durante este dia. É Seu desejo que eu fique cheio da plenitude destas graças. Portanto, como um filho de Deus, venho pessoalmente ao trono da graça. E apegando-se a estas bênçãos, não simplesmente esperando que possa vir a recebê-las, mas sabendo que as tenho. São minhas, e não serei privado delas. Agradeço e louvo o meu Pai celestial todo-sabedoria, e terno, que, conhecendo a minha grande necessidade deu o sábado e as bênçãos que ele traz, para a satisfazer".

É a grande fé expressa na forte confiança nas promessas de Deus e acompanhada pela positiva acção, que traz grande recompensa, incluindo mudanças significativas para melhor dentro do próprio crente. Esta é a fé que deve ser aprendida e praticada por aqueles que deverão fazer grandes coisas por Deus.

Este ponto é bem ilustrado pela experiência de Elias quando, no Monte Carmelo, rogou a Deus para que caísse chuva a fim de pôr termo à seca. Sabendo que Israel se havia finalmente

arrependido dos seus pecados, e que Deus desejava que fossem aliviados das desesperadas condições a que tinham sido reduzidos, o profeta recusou desistir de seus suplicantes rogos até que a bênção se manifestasse.

“Foi porque Elias era um homem de grande fé que Deus pôde usá-lo nesta grave crise na história de Israel. Enquanto orava sua fé alcançou as promessas do Céu e agarrou-as; e perseverou na oração até que suas petições fossem respondidas. Ele não esperou pela inteira evidência de que Deus o ouvira, mas se dispôs a aventurar tudo ante o mais leve sinal do divino favor. E no entanto, tudo que ele foi habilitado a fazer sob a orientação de Deus, todos podem fazer em sua esfera de actividade no serviço de Deus; pois do profeta das montanhas de Gileade está escrito: ‘Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e, orando, pediu que não chovesse, e, por três anos e seis meses, não choveu sobre a terra.’ (Tiago 5:17).

“Fé semelhante é necessária no mundo hoje — fé que descansa nas promessas da Palavra de Deus, e recuse desistir até que o Céu ouça. Fé semelhante a esta liga-nos intimamente com o Céu, e traz-nos força para batalhar com os poderes das trevas. Pela fé os filhos de Deus ‘venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fuga os exércitos dos estranhos’. (Hebreus 11:3, 34). E pela fé devemos alcançar hoje os mais altos propósitos de Deus para nós. ‘Se tu podes crer; tudo é possível ao que crê.’

“A fé é um elemento essencial da oração perseverante. ‘É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que O buscam.’ ‘Se pedirmos alguma coisa segundo a Sua vontade, Ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que Lhe fazemos.’ (Hebreus 11:6; 1 João 5:14, 15). Com a perseverante fé de Jacó, com a inquebrantável persistência de Elias, podemos apresentar nossas petições ao Pai, reclamando tudo o que nos tem prometido. A honra de Seu trono está comprometida no cumprimento de Sua palavra.” *Profetas e Reis*, 156, 158.

Exactamente como Elias orou com sucesso com grande determinação e persistência até que Israel recebesse a bênção de abundante chuva, assim nós devemos orar com igual fé e tenacidade pelas bênçãos que Deus nos tem prometido no sábado. A nossa fé deve apoderar-se “de Cristo, como a de Jacó, quando, lutando com o anjo, exclamara: ‘Não Te deixarei ir, se me não abençoares.’ (Gênesis 32:36)”. *O Desejado de Todas as Nações*, 177.

“O Salvador não pode recusar o pedido de uma alma que a Ele se apegando sua grande necessidade.” *Idem*.

As promessas contêm grande conforto para os filhos de Deus. Devia ser óbvio que não temos recebido do sábado aquilo que Deus pretende que recebamos. Temos falta do verdadeiro sentido de necessidade a este respeito, mas se nos chegarmos a Deus através do ministério de Cristo e do Espírito Santo, e com a incansável persistência de Elias, agarrar-nos ao Salvador como fez Jacó, podemos estar certos que o Senhor nos dará um grande sentido da nossa necessidade para obter do sábado aquilo que Ele colocou nele. Tendo sido abençoados com esta consciência da nossa necessidade, podemos então insistir no nosso caso com contínua fé e intensa determinação, certos que a bênção será derramada. O sábado tornar-se-á para nós o que o Senhor designou que fosse.

Tão rica e galardoadora, será a experiência desse modo alcançada, e tão claras as visões do amor e poder de Deus, que veremos com clareza cada vez maior a infinita majestade do Omnipotente e a pequenez do agente humano. É o apuramento desta percepção que produz um correspondente crescente sentido de dependência dentro do crente, e isto por sua vez permite a Deus fazer obras cada vez mais poderosas através dele. Assim provou ser com Elias.

“O servo olhava enquanto Elias orava. Seis vezes ele regressou da vigília, dizendo, Nada há, nenhuma nuvem, nem sinal de chuva. Mas o profeta não desistiu em desânimo. Ele manteve-se revivendo a sua vida, para ver onde havia falhado em honrar Deus, enquanto esperava numa

palavra que a sua oração havia sido respondida. Enquanto examinava seu coração, pareceu ser cada vez menor, tanto na sua própria avaliação como à vista de Deus. Parecia-lhe que ele nada era, e que Deus era tudo; e quando alcançou o ponto de renunciar ao eu, enquanto se apegava ao Salvador como sua única força e justiça, a resposta veio. O servo apareceu, e disse: ‘Eis que, vem uma pequena nuvem do mar, como a mão de um homem.’” *The Review and Herald*, 26 de Maio de 1891.

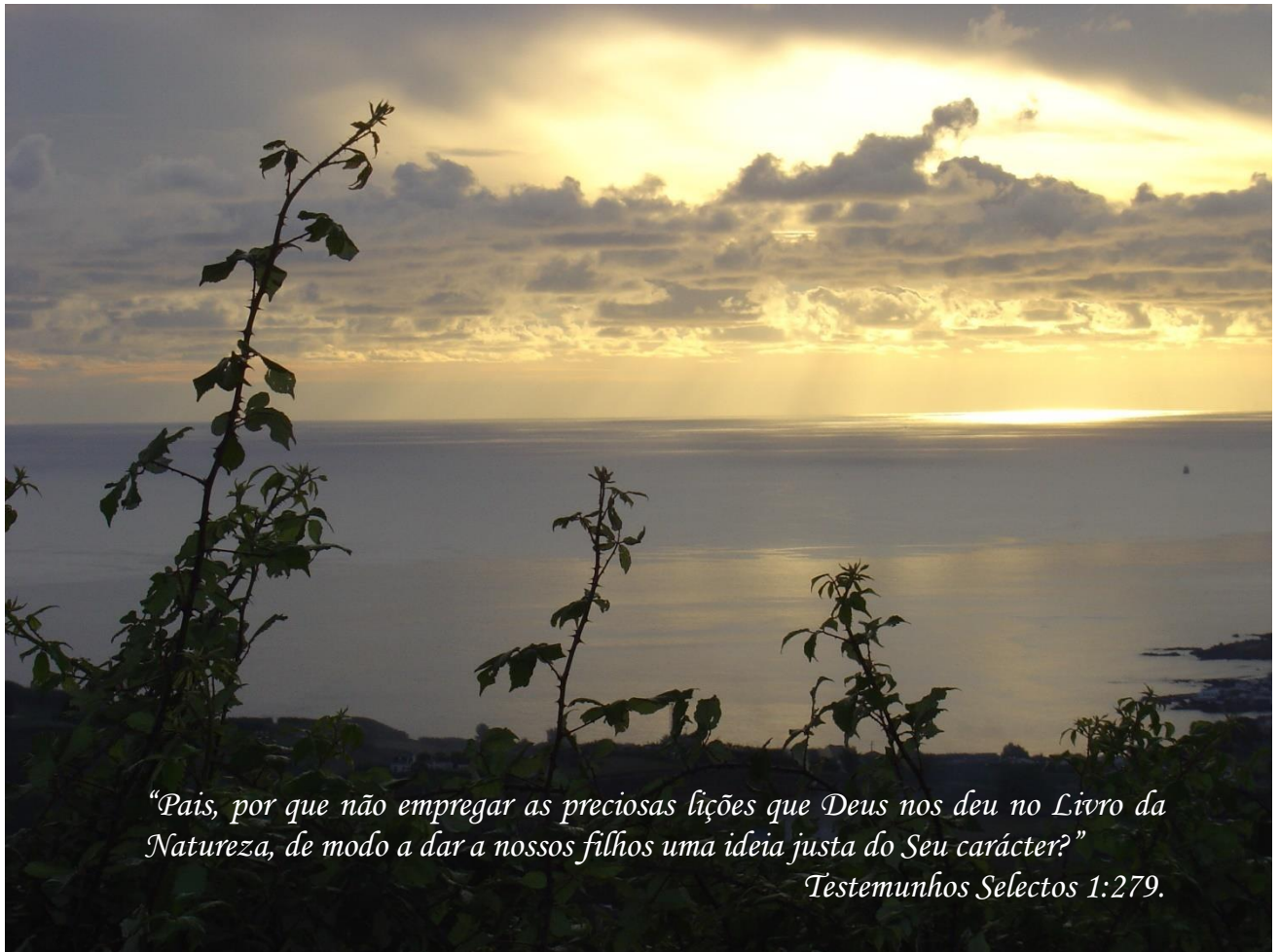
Despojado de toda a auto suficiência, Elias tornou-se um homem grande com Deus. Assim será com todo aquele que, “tal como Elias fez”, aprende a agarrar-se pela fé às promessas de Deus. Esta é a classe de pessoas, que, encontrando o caminho das bênçãos do sábado, entrarão e habitarão no repouso de Deus. Eles vêem-se a si mesmos como realmente são — modestos elementos no infinito esquema de coisas — enquanto vêem Deus como o Onnipotente governador do universo e o Dador de toda a vida e que a sustém.

Elias era uma pessoa muito ocupada enquanto suplicava com Deus pelo prometido derramamento de chuva. Não passou tempo algum a dormir ou em ociosidade. Do mesmo modo, aqueles que guardam verdadeiramente o sábado não encontrarão nele um dia de inactividade, Deus nunca pretendeu que as sagradas horas fossem desperdiçadas a dormir. As escuras horas da noite foram dadas para esse propósito. O dia de sábado é um dia de renovação espiritual que é obtido pela aquisição de amplas e exaltadas visões do Altíssimo. Nem um segundo das suas preciosas oportunidades deviam ser desperdiçadas.

É um dia para levantar cedo a fim de ter comunhão com Deus na frescura da manhã. Mais tarde, é bom reunir-se com outros crentes para o estudo da Bíblia, cantar hinos, e orar, mas o dia todo não deve ser passado deste modo.

“Para santificar o sábado, não é necessário encerrar-nos entre paredes, afastados das belas cenas da Natureza e do ar livre e revigorador do céu. Não devemos em caso algum permitir que encargos e transacções comerciais nos desviem o espírito do sábado do Senhor, que Ele santificou. Nem devemos permitir que nossa mente sequer pouse em coisas de carácter mundano. Mas a mente não pode ser refrigerada, vivificada e enobrecida sendo confinada quase todas as horas do sábado entre paredes, ouvindo longos sermões e orações tediosas, formais. O sábado do Senhor é mal-empregado se for assim celebrado. Assim não é atingido o objectivo para que foi criado. O sábado foi feito para o homem, para lhe ser uma bênção mediante o desviar-lhe a mente do trabalho secular para a contemplação da bondade e glória de Deus. É necessário que o povo de Deus se reúna para falar acerca d’Ele, para trocar pensamentos e ideias a respeito das verdades contidas em Sua Palavra, e dedicar uma parte do tempo à devida oração. Estes períodos, porém, mesmo no sábado, não deviam ser tornados tediosos por sua extensão e falta de interesse.

“Numa parte do dia, todos devem ter oportunidade de ficar ao ar livre. Como podem as crianças obter um mais correcto conhecimento de Deus, e seu espírito ser mais impressionado, do que passando parte do tempo ao ar livre, não em brincadeiras, mas na companhia de seus pais? Que sua mente juvenil se ligue a Deus no belo cenário da Natureza, seja sua atenção chamada às provas de Seu amor ao homem nas obras criadas, e elas serão atraídas e interessadas. Não estarão em risco de associarem o carácter de Deus com tudo quanto é rude e severo; mas ao verem as belas coisas que Ele criou para a felicidade do homem, serão levadas a considerá-l’O um terno e amorável Pai. Verão que suas proibições e injunções não são feitas meramente para mostrar Seu poder, e autoridade, mas têm em vista a felicidade de Seu filhos. Ao revestir-se o carácter de Deus do aspecto de amor, benevolência, beleza e atracção, elas são induzidas a amá-l’O. Podeis encaminhar-lhes a mente aos lindos pássaros, que enchem o espaço de música ao gorjearem seus cânticos, às hostes de relva e às flores de maravilhoso colorido, em sua perfeição, a perfumarem o ar. Todos esses proclamam o amor e habilidade do Artista celeste, e manifestam a glória de Deus.



“Pais, por que não empregar as preciosas lições que Deus nos deu no Livro da Natureza, de modo a dar a nossos filhos uma ideia justa do Seu carácter? Os que sacrificam a simplicidade à moda, e se excluem das belezas naturais, não podem ter a mente espiritual. Não podem entender a habilidade e o poder de Deus tais como se revelam em suas obras criadas; portanto, seu coração não é vivificado e não pulsa com novo amor e interesse, e não se enchem de respeito e reverência ao verem Deus na Natureza.

“Todos quantos amam a Deus devem fazer o que lhes seja possível para tornarem o sábado deleitoso, santo e digno de honra. Não podem fazer isto buscando o próprio prazer em distrações pecaminosas, proibidas. Podem, todavia, fazer muito para exaltar o sábado em sua família, e torná-lo o dia mais interessante da semana. Cumpre-nos consagrar tempo a interessar nossos filhos. Uma mudança terá sobre eles benéfica influência. Podemos andar com eles ao ar livre; sentar-nos com eles nos arvoredos e à luz do Sol, e oferecer a sua mente irrequieta algo em que se apascentar, mediante o conversar com eles sobre as obras de Deus, e podemos inspirar-lhes amor e reverência chamando-lhes a atenção aos belos objectos da Natureza.

“Devemos tornar o sábado tão interessante para nossa família, que sua volta semanal seja saudada com alegria. Os pais não podem melhor exaltar o sábado e honrá-lo, do que idealizando meios de comunicar a devida instrução a sua família, interessando-a nas coisas espirituais, dando-lhes uma visão correcta do carácter de Deus, e do que Ele requer de nós a fim de aperfeiçoarmos caracteres cristãos, e alcançarmos a vida eterna. Pais, tornai o sábado um deleite, para que vossos filhos o aguardem, acolhendo-o de coração.” *Testemunhos Selectos 1:279-281.*

Estas instruções levam os crentes a obterem mais ricas e claras revelações do Altíssimo através da participação em grupo no estudo das Escrituras, na associação cristã, e na comunhão com as obras criadas por Deus. Elas também dão ênfase à responsabilidade dos pais para educar

os filhos na verdadeira observância do sábado. Obviamente, os pais não podem fazer isto a não ser que eles mesmos tenham aprendido as lições.

Aprender a observar o sábado de modo que o crente receba destas sagradas horas aquilo que Deus colocou nelas, requer tanta aplicação diligente como em qualquer outro campo de estudo. Muito poucas pessoas parecem estar cientes desta verdade. Muitos têm a ideia que tudo o que é requerido para guardar o sábado aceitavelmente é, cessar todo o trabalho nesse dia, assistir aos serviços da igreja, e dar um passeio de carro ou a pé da parte da tarde. Desde que estas coisas não sejam feitas de um ponto de vista puramente legalista, seria recebida uma bênção. Contudo, nada será comparado com o que os filhos de Deus receberiam se realmente operassem diligente e consistentemente para obter do sábado tudo o que Ele colocou nele.

Uma ilustração prática disto é dada na aquisição de um instrumento musical tal como um órgão electrónico. Os fabricantes, usando as aptidões e conhecimento que Deus lhes permitiu desenvolverem, construíram maravilhosas capacidades no equipamento. O vendedor que o demonstra na sala de exposição, entusiasma o comprador com os seus ricos tons, requintadas harmonias, animadas melodias, e aparentemente intermináveis combinações. Ele está ansioso para o levar para casa a fim de produzir e gozar os mesmos sons maravilhosos, mas, não sendo um organista perfeito, verifica para seu descontentamento que muito pouco daquilo que o vendedor produziu está agora a ser produzido. Neste ponto ele sofre um vivo sentido de desapontamento, e pode mesmo exprimir dúvida que aquele seja o mesmo órgão como aquele que ele contratou comprar.

Não houve alterações no instrumento. O vendedor não enviou um órgão inferior ao que ele encomendou e pagou. Nada aconteceu senão o resultado da lei natural. O simples facto é que a pessoa tem que trabalhar activamente para aprender como extrair do instrumento tudo aquilo que foi construído nele. Ninguém é um virtuoso de um momento para o outro. O homem decidiu vender o equipamento que foi escolhido por causa de ter que desenvolver aptidões e ainda mais tempo para as manter.

Semelhantemente, o novo dono deve compreender que se deseja viver o intenso prazer derivado da extracção do melhor do seu novo equipamento, deve estudar e praticar com grande diligência e muita aplicação. Ninguém jamais alcançou quaisquer níveis de realização sem diligente esforço e muito estudo. Quanto mais activamente uma pessoa trabalha para desenvolver as suas aptidões, mais competente ela se torna no uso daquelas bênçãos.

Aqueles que alcançam os mais elevados níveis de excelência e proficiência são poucos em número comparados com os numerosos milhões da Terra. Muitos estão contentes por não despender mais esforço que aquele a que são obrigados, estando satisfeito com uma pobre existência quando em vez disso podiam ser ricos em desenvolvidos talentos e crescentes capacidades. Por esta indolência, roubam-se a si mesmos, aos seus companheiros, e ao Senhor que os fez.

Alguns desculpar-se-iam a si mesmos afirmando que, nas suas restritas ou empobrecidas circunstâncias, estão privados da oportunidade de se desenvolverem como podiam. É verdade que alguns nunca verão a sua potencialidade total em certas direcções por causa das limitações que lhes são impostas pelas dificuldades financeiras ou circunstâncias restritivas, mas a todos é oferecida a oportunidade de se tornarem altamente proficientes nalgum campo, não interessa quão pouco importante ele possa parecer. Se nada mais houvesse, devíamos trabalhar para cultivar uma animada disposição, até que, não importa quão sombria e tempestuosa a situação à volta possa ser, iluminaremos as trevas com o brilho de uma personalidade radiante.

Conta-se a história de um rapaz pobre que trabalhava num passeio de uma rua em Nova Iorque engraxando sapatos. Havia centenas de outros rapazes fazendo a mesma coisa, porém enquanto eles ficavam contentes por engraxar os sapatos, este rapaz estudava diligentemente para melhorar as suas aptidões. Não era motivado por um espírito competitivo, nem pela

ambição de se elevar a uma posição melhor, pois ele não via esperança de jamais escapar da sua baixa ocupação. Estava simplesmente determinado a aprender tudo quanto podia e a prestar o melhor serviço possível.

Obteve considerável conhecimento estudando os vários tipos de couro para calçado no qual ele trabalhava, e observando como os diferentes tipos respondiam ao polimento. Quando se proporcionava oportunidade corria para a biblioteca pública e lia tudo quanto podia encontrar acerca do couro, curtimento, pele, fabrico de sapatos, e do seu polimento. De novo na rua aplicava o seu crescente conhecimento ao trabalho que executava, enquanto tencionava ser o melhor engraxador possível.

O facto que as pessoas em geral o aceitavam como era, desconhecendo o esforço que ele estava a investir no seu trabalho, não lhe tirou a coragem. Dia a dia, procurava aumentar o seu conhecimento e aperfeiçoar as suas aptidões numa profissão que os outros companheiros olhavam como sendo indigna do esforço. Eles acreditavam que podiam aprender tudo quanto havia para aprender acerca do engraxamento de sapatos no primeiro dia. Depois disso, era apenas necessário aplicar o polimento e juntar o dinheiro.

Um dia, um estranho que o rapaz nunca tinha visto antes, pediu-lhe para engraxar os sapatos. O rapaz reconheceu imediatamente que os sapatos eram de um couro de má qualidade e duvidou que pudesse fazer muito com eles. Apesar disso, trabalhou arduamente, mas, finalmente admitindo a derrota, explicou brevemente ao homem a natureza do couro, a sua origem e qualidade, e o processo de fabrico pelo qual tinha passado. Por causa destes factos, explicou que não podia dar aos sapatos um bom brilho, e sugeriu ao seu cliente como podia identificar uma melhor qualidade de couro na próxima vez que comprasse sapatos.

O homem ouviu-o atônito. Nunca antes tinha encontrado um engraxador como este. Fez-lhe muitas perguntas acerca de sapatos e couro e ficou muito impressionado com a profundidade de conhecimento que o rapaz acumulava. Enquanto isto acontecia, o homem que possuía uma grande fábrica de sapatos viu no rapaz um trabalhador valioso para a sua fábrica. O cargo que prontamente ofereceu ao rapaz foi rapidamente aceite. Não passou muito tempo até o rapaz se tornar o chefe das compras do couro para toda a fábrica e por fim ocupava o lugar de gerente.

Este rapaz fez surgir o seu melhor porque trabalhou para isso. Fez tudo o que pôde para aumentar o seu conhecimento e capacidade. Este princípio é verdadeiro para todos os que saíram dos níveis mais baixos da maioria da raça humana que está contente em permanecer ali. Enquanto os restantes passaram o seu tempo em divertimentos inúteis ou em ruínosa ociosidade, eles aplicaram-se à aprendizagem e prática até que alcançaram uma longa distância daqueles que os podiam ter acompanhado.

O mesmo é verdade com a observância do sábado. Quando começamos a guardá-lo, é como receber um novo órgão em casa. Todas as bênçãos, todos os maravilhosos potenciais estão lá, mas é impossível para o novo crente compreender todas as maravilhas neste estado. Ainda mais, ele nunca o fará a não ser que esteja preparado para verdadeiramente operar na ocupação de tirar do sábado tudo o que Deus nele colocou.

Compreendendo estes princípios, torna-se necessário o cristão decidir que, através de esforço disciplinado, se tornará um grande observador do sábado. Ele sabe que isto não pode ser alcançado em poucos minutos — levará anos de progresso regular para obter resultados realmente significativos. Tendo tomado a decisão, trabalhará para esse alvo com diligente concentração e audaz determinação. Não ficará desanimado se o progresso parecer lento, mas apressar-se-á para a meta com zelo invariável.

Será uma procura solitária, pois a vasta maioria está contente por permanecer nos níveis mais baixos. Quando chega à classe que não compreende a necessidade de lutar por maior excelência na guarda do sábado, ou não tem desejo de submeter sua vida à disciplina necessária, cada sábado será em muita coisa igual ao que era antes. Existirá pouco do que é fresco e novo, e



nenhum avançamento de um nível de excelência para outro. Os ricos tesouros do conhecimento e verdade permanecem escondidos desses, não apreciados nem gozados. Eventualmente, para estas almas infelizes o sábado torna-se insípido, monótono e sem proveito. Não compreendendo que a causa real da sua pobreza está na sua própria falta de inteligência, diligência e esforço disciplinado, o povo queixa-se que Deus lhes dá pouco quando eles precisam de tanto.

Todos precisam compreender que têm uma obra a fazer por si mesmos que Deus não pode fazer por eles. Devem vencer as tendências naturais da carne para procurar o caminho mais fácil que requer o mínimo esforço, e pouca, se alguma, disciplina. Devem preparar o coração e a mente para entrarem em acção e apressarem-se para o prémio com todos os poderes ao seu alcance, sendo cuidadosos em se limitarem à parte designada ao agente humano. Em nenhuma circunstância devem tomar o papel do Senhor.

Desde que o crente desperte para a compreensão que, não importa quanto Deus promete fazer por ele e quão amplas as bênçãos dadas no sábado, nada é na realidade válido para o cristão até que execute a sua parte, levanta-se então a pergunta: Quais os procedimentos a seguir para fazer de alguém um bom observador do sábado?

Quando uma pessoa que não pode tocar um órgão se torna possuidor de um novo instrumento, sua primeira acção é contratar os serviços de um professor.

Assim deve ser com aqueles que desejam aprender como receber do sábado as bênçãos que nele existem. Um professor deve ser comissionado para ensinar e desenvolver estas capacidades. Obviamente, Deus através do Espírito Santo é esse Professor. Devemos dizer-Lhe essa necessidade numa oração como esta:

“Querido Pai Celestial,

“Agora compreendo que guardar verdadeiramente o sábado é uma ciência que deve ser aprendida e desenvolvida através de consistente, diligente e disciplinado esforço. Eu não sou capaz de ensinar a mim mesmo estas coisas, mas Tu és o meu Professor e em Ti delego toda a responsabilidade desta obra. Aqui estou aos Teus pés com a humildade e confiança de uma criança, com o meu coração aberto para receber tudo quanto Tu tens para me mostrar, e pronto para fazer tudo quanto me ordenares. Eu sei que não será obra de um momento aperfeiçoar a minha educação do sábado. A obra parecerá lenta e difícil, mas dedico-me a suportar a disciplina a fim de obter a recompensa prometida.

“Pela fé, e portanto, de facto, recebo estas bênçãos, tomo posse delas, e agradeço-Te, sabendo que elas se transformarão em realidade quando mais delas necessitar. Tudo isto recebo em nome de Jesus. Amém.”

O Senhor individualizará a instrução de modo a servir o temperamento e necessidade de cada pessoa, e a manter o ritmo com as suas capacidades de aprendizagem. O estudante pode retardar o processo pela sua própria falha em se aplicar às suas lições, ou pode manter o andamento com o Professor trabalhando arduamente e mantendo os seus estudos.

O Mestre divino dirigirá o estudante ao estudo da criadora obra de Deus de modo que ele pode compreender porque é que Deus viu que mesmo no Paraíso, o sábado era essencial para o homem. Ele levará o aprendiz a compreender sua própria necessidade até que seja motivado a procurar as respostas às suas necessidades. O Senhor ensinará-lo-á como chegar a cada sábado com uma positiva determinação para experimentar bênçãos cada vez maiores no santo dia. Deus treinará o Seu aluno para comunicar com a Natureza e com Ele mesmo nesse dia. Ele explicará totalmente a relação entre a comunhão provida no sétimo dia, e a obra a ser feita nos outros seis.

O estudante aprenderá que não é suficiente passar tempo estudando a Palavra de Deus ou a passear pela Natureza, a não ser que esta comunhão com Deus esteja estabelecida. É muito comum muitas pessoas que não dão qualquer pensamento a Deus e à Sua verdade, passar tempo passeando em parques, florestas ou pelo mar, ao sábado à tarde. Estão a gozar a paz e a beleza

da Natureza e é bom para elas, mas dificilmente se pode concluir que estão verdadeiramente observando o sábado.

O crente pretende ouvir Deus falando-lhe em todo o dia de sábado. Tão vasto é o abismo estabelecido pelo pecado que é difícil para a humanidade aprender a ouvir as vozes celestiais por intermédio da Natureza, mas a capacidade pode e deve ser desenvolvida.

Aqueles que procuram alcançar isto, normalmente acham os resultados iniciais tão desanimadores que sentem que o pedido não tem esperança e têm tendência para desistir imediatamente. É quase o mesmo como quando uma pessoa chega a uma terra estranha pela primeira vez. Está rodeada de pessoas que falam umas para as outras na sua própria língua, que é totalmente ininteligível para ele. Decide que deve aprender a língua, mas as palavras são tão pouco familiares e difíceis, a gramática tão complicada, e o vocabulário tão vasto que acha a tarefa impossível. Contudo, se persistentemente insiste na sua determinação de aprender, vê à medida que os meses passam, que aprende mais e mais. É finalmente capaz de comunicar numa base limitada, e eventualmente com total fluência.

Do mesmo modo, quando a princípio procuramos entrar em comunhão com a Natureza no dia de sábado, os resultados são totalmente desanimadores. Sentimos que, enquanto admiramos e gozamos a obra criada por Deus, não há comunicação positiva. Temos tido a ideia errada que experimentaremos total relação desde o primeiro momento, esquecendo que ninguém é virtuoso num instante. A reacção é abandonar a tarefa precisamente nesse momento, em vez de nos recordarmos que nenhuma linguagem é compreendida ou aprendida ao primeiro contacto.

Não há necessidade de ficar surpreendido e desapontado que tão pouca comunhão seja alcançada no primeiro dia. Isto é muito natural. Devemos voltar de novo no sábado seguinte e todos os outros depois, com a determinação que embora seja uma longa estrada a seguir, no final a total comunhão com Deus através das Suas obras criadas será estabelecida.

Uma maior compreensão do propósito de Deus no sábado e através dele, esclarece para sempre algumas questões em relação ao que é lícito fazer neste dia. Muitos têm combinado e organizado trabalho missionário durante tempo santo, concluindo que não é trabalho nosso mas de Deus, e é portanto legítimo.

Se o trabalho missionário é humanamente apontado e organizado, então certamente não é obra de Deus, mesmo que supostamente feito para Ele. Neste caso não devia ser feito nem no sábado nem em outro dia qualquer.

Contudo, se são instruções específicas do Senhor, então continua a ser a nossa obra. Ele tem a tendência de concentrar a atenção naquilo que estamos a fazer e portanto não é uma verdadeira actividade de sábado. Ocupa tempo que o Senhor planeia que passemos em directa comunhão com Ele através da Palavra escrita e do maravilhoso livro da Natureza.

Isto não quer dizer que as boas obras não podem ser feitas no sábado. Existirão ocasiões em que se apresentará a necessidade de cuidar de doentes, ou a situação de algum infeliz para nós aliviarmos.

“E o homem também tem nesse dia uma obra a realizar. Devem-se atender às necessidades da vida, cuidar dos doentes, suprir as faltas dos necessitados. Não será tido por inocente o que negligenciar aliviar o sofrimento no sábado. O santo dia de repouso de Deus foi feito para o homem, e os actos de misericórdia se acham em perfeita harmonia com Seu desígnio. Deus não deseja que Suas criaturas sofram uma hora de dor que possa ser aliviada no sábado, ou noutro qualquer dia.” *O Desejado de Todas as Nações*, 185.

Este é um assunto diferente de combinar trabalho missionário que pode ser feito tanto neste como em outro dia. O propósito principal do sábado é o relacionamento com Deus e uns com os outros. As possibilidades que Deus investiu neste dia estão para além da avaliação humana. De facto, elas são infinitas e portanto inesgotáveis. Nunca chegará o tempo em que o crente tenha

obtido tudo o que se pode alcançar no dia de sábado. Eternamente, existirão novos pesos a sobrepor, novas maravilhas a admirar, e bênçãos frescas a receber.

Estas coisas esperam o nosso pedido e recebimento, e é deixado com cada crente, pela dedicada aplicação aos princípios envolvidos, encontrar estes tesouros para si mesmo. Aqueles que o fazem, sairão deste relacionamento com tão exaltada ilustração do infinito poder e majestade de Deus, e do baixo estado do homem, que não estarão em perigo de se declararem acima de Deus.

O sábado foi feito para o homem. Tiremos o máximo deste inestimável dom de amor de Deus.

## Como Tudo Começou

**S**e alguém depois dos argumentos avançados e das evidências apresentadas até agora, ainda necessita de ser convencido dos maus efeitos dos homens tomarem o papel de solucionador de problemas, uma breve consideração de como a rebelião começou, devia esclarecer a questão para sempre.

A primeira pessoa que jamais cometeu pecado foi Lúcifer, a mais inteligente e mais desenvolvida criatura em existência. A sua queda não aconteceu repentinamente, pois o mal cresceu dentro dele durante um período de tempo consideravelmente longo. Primeiramente, ele começou a perder de vista o facto que tudo o que possuía vinha do Pai eterno, e começou a transferir o crédito da sua excelência para si próprio.

Esta distorcida visão tornou-o incapaz de avaliar correctamente o que quer que fosse desde então. O resultado foi estabelecer na sua mente um considerável problema que de facto não existia. Ele começou a crer que Deus estava a enganá-lo bem como ao resto dos anjos, e que eles tinham sido privados da sua verdadeira liberdade e oportunidade para ilimitado avanço.

Neste ponto, se ele não permitisse que a sua fé no Maravilhoso Conselheiro desaparecesse, e tivesse consequentemente levado o seu problema a esta Fonte de conhecimento e poder, ter-lhe-ia sido dada uma perfeita solução para a dificuldade. A Paz teria regressado à sua mente e a grande rebelião nunca teria tomado lugar.

Mas Lúcifer determinou ser o seu próprio solucionador de problemas. Era algo que ele faria por si mesmo. Isto levou-o à conclusão que todos os habitantes do universo estavam ameaçados por um enganador Deus, egoísta, despótico, que estava conspirando com o Seu Filho para os trazer a todos sob desprezível escravidão. A formação destes conceitos gerou uma determinação para resistir a esta “conspiração” forçando Deus a reorganizar o reino de acordo com as ideias de Lúcifer.

Para assegurar o apoio dos anjos celestiais, apresentou mal o amoroso carácter de Deus, e afirmou que ele era o verdadeiro salvador — o único que estava preparado para solucionar o terrível problema, independentemente do custo que isso tivesse para si próprio. Os factos reais eram que ele estava tão determinado a satisfazer as suas egoístas ambições sem olhar ao custo que isso pudesse ter para os outros, mas nenhum dos anjos podia ver isto. Ele tinha-se vestido tão eficazmente com as vestes do engano que um terço dos anjos foram enganados juntando-se a ele no grande conflito.

Toda a miséria que desde então tem lançado trevas sobre o glorioso universo de Deus é directamente atribuída à determinação de Satanás para ser o seu próprio solucionador de problemas no lugar de Deus. Se o diabo tivesse permanecido totalmente submisso a quaisquer que fossem as soluções que o Senhor providenciasse para os seus problemas, ele ainda continuaria no Céu e nunca teria sido o autor do pecado. Ele não podia ter caído. Quando se considera a diferença entre o que podia ter acontecido e o que realmente sucedeu, e reconhece que o resultado dependia de Deus permanecer ou não como Solucionador de problemas, pode ver-se claramente que a vida eterna, paz, prosperidade, segurança, e felicidade sem mácula depende de Deus ser mantido na Sua legítima posição. O preço pago por Lúcifer pelo “privilégio” de ser o seu próprio solucionador de problemas não foi compensador. Nunca será.

Desde que o grande inimigo foi expulso do Céu, determinou estender a sua influência a todo o universo. O procedimento que ele escolheu para realizar isto, foi persuadir os outros a transferirem o papel de solucionador de problemas de Deus para si mesmos. Em lado algum estão as suas táticas melhor expostas do que nos relatos da sua visita a Adão e Eva no Paraíso.

“Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?” *Génesis 3:1.*

Satanás seguiu esta pergunta com lisonjeiras expressões de admiração pela sua excepcional beleza, a fim de criar a plataforma que desejava ganhar. Ele queria que ela comesse a pensar que nada havia que fosse bom demais para um ser de tão excepcional beleza como ela. Eva achou estas propostas muito agradáveis, e cometeu o erro de demorar-se para ouvir mais.

Ela não compreendeu que o diabo estava sugerindo que existia um problema muito real na sua vida. Ele argumentou que, ali estava ela, a mais bela criatura que existia, possuindo uma inteligência e poder de raciocínio desconhecido no reino animal, a quem era vedado o direito de comer desta árvore especial e muito misteriosa. Proibir uma vaca ou um cavalo de comer teria sido razoável, mas proibi-la a ela, era outra coisa.

Quando Eva concordou que o Senhor lhe havia proibido qualquer direito de acesso à árvore, Satanás estava pronto para afirmar que Deus tinha um problema, e, a fim de o resolver, decidiu-se pelo engano dizendo-lhes que morreriam se tocassem na árvore, mas este não era verdadeiramente o caso. Em directa oposição à verdadeira declaração de Deus que eles perderiam as suas vidas, o diabo declarou, “Certamente não morrereis”. Versículo 4.

A razão que Satanás deu para a proibição de Deus foi que o Criador não desejava que Adão e Eva soubessem acerca das “qualidades mágicas” investidas na árvore pelas quais, se comessem dela, “eivar-se-iam ao nível de Deus”. Satanás insinuou que nada havia que Deus mais ansiava evitar do que isto, e semelhantemente, por não poder *confiar* que eles não mexessem na árvore se conhecessem a “verdade” acerca dela, tinha recorrido ao engano para se proteger a si próprio e à Sua posição ciosamente guardada deles.

Satanás disse, “Certamente não morrereis:

“Porque Deus sabe que no dia em que dela comerdes, os vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.” Versículos 4 e 5.

O veneno da lisonja deve ter enganado seriamente as percepções mentais de Eva, pois os argumentos de Satanás eram bastante despropositados e ilógicos. Tudo à volta dela eram obras criadas que falavam de um Deus puro, capaz de fazer tudo o que desejasse. Era ridículo sugerir que Ele tinha errado tão gravemente na Sua obra criadora de modo que essa árvore apareceu no Jardim a qual era um embaraço e uma decidida ameaça para Ele. Os factos reais eram que Deus havia planeado todo o Jardim até ao seu mais pequeno átomo, e tudo estava exactamente onde e como Ele tinha designado que estivesse. Essa árvore não era uma ameaça para Ele, e com certeza não precisava mentir para se proteger dela.

Contudo, Satanás maliciosamente e com sucesso propôs a Eva que Deus Se tinha enganado, e, para sair do problema que impôs a Si mesmo, recorreu ao engano.

Desde que ela tivesse acreditado nisto, não era difícil a Satanás convencê-la que tinha verdadeiramente um problema, quando, de facto, não tinha absolutamente nenhum. Ele levou-a a crer que um Deus egoísta e despótico estava deliberadamente impedindo que ela alcançasse o seu próprio destino, e que algo tinha que ser feito para resolver o problema. A última coisa que Satanás queria neste ponto era que Eva levasse o problema ao seu marido e a Deus. Se ela fizesse isto, ele teria sido completamente derrotado, pois, a fim de alcançar o seu malicioso objectivo, tinha que induzir Eva a tomar as coisas nas suas próprias mãos.

Para assegurar isto, Satanás apontou que era excusado levar a dificuldade a Deus, porque Ele tinha criado o problema dando passos destinados a evitar que ela e o seu marido comessem da única árvore que lhes daria “total igualdade com Ele mesmo”. E Jeová certamente não removeria a dificuldade que deliberadamente tinha colocado para Se “proteger” e aos Seus interesses “egoístas”.

Completamente cativada por estes especiosos argumentos, Eva descobriu que desejava esta prometida exaltação mais do que qualquer coisa que já havia conhecido, e estava convencida que a única pessoa a quem podia confiar a solução era a si mesma. Isto não era difícil, pois tudo o que ela tinha que fazer era estender a mão, colher o fruto, e comê-lo.

Satanás rejubilou quando viu os seus objectivos realizados. Ele tinha deliberadamente determinado persuadir Eva a transferir o papel de solucionador de problemas de Deus para si mesma, e ela fez exactamente o que ele queria. Ele sabia perfeitamente que Deus não Se tinha enganado na Sua obra criadora. Ele compreendeu que o santo par morreria se comessem do fruto proibido, e estava completamente consciente que ele, não Deus, era um mentiroso.

Quão diferente teria sido a história do mundo se Eva e depois Adão tivessem conhecido e seguido os caminhos de Deus nesse dia.

Eva não tinha realmente os problemas que Satanás a levou a crer que tinha, mas, quando foi ter com seu marido levando as mentiras de Satanás nos seus lábios e o fruto proibido nas suas mãos, Adão encontrou-se perante um grave problema. Eva foi enganada, mas Adão não.

“E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.” *1 Timóteo* 2:14.

“Adão compreendeu que sua companheira transgredira a ordem de Deus, desrespeitara a única proibição a eles imposta como prova de sua fidelidade e amor.” *Patriarcas e Profetas*, 56.

A questão agora, era como tratar a dificuldade que se apresentava perante ele. A escolha estava entre, reconhecer que o seu amoroso Pai celestial era o único legítimo Solucionador de problemas, ou tomar a questão nas suas próprias mãos. O futuro da humanidade dependia da decisão que ele tomasse. Se ele tivesse em obediência dito, “Deus é o nosso Solucionador de problemas. Eu não farei qualquer movimento para resolver esta dificuldade por mim mesmo, mas entregá-la-ei nas mãos do meu Criador e aceitarei qualquer solução que Ele dê”, o Pai teria encontrado uma solução perfeita. Adão teria permanecido como príncipe deste mundo e Satanás teria sido derrotado. O pecado nunca se teria estabelecido aqui, e não teria havido morte, destruição, dilúvio, e guerras.

Não sabemos qual a solução que teria sido dada nem o que teria acontecido a Eva, porque, ao escolher ser o seu próprio solucionador de problemas, Adão tirou a Deus a oportunidade de revelar aquilo que teria sido feito.

“Teve uma terrível luta interior. Lamentava que houvesse permitido desviar-se Eva de seu lado. Agora, porém, a acção estava praticada; devia separar-se daquela cuja companhia fora sua alegria. Como poderia suportar isto? Adão havia gozado da companhia de Deus e dos santos anjos. Havia olhado para a glória do Criador. Compreendia o elevado destino manifesto à raça humana, se permanecessem fiéis a Deus. Todavia, estas bênçãos todas foram perdidas de vista

com o receio de perder ele aquela única dádiva, que, a seus olhos, sobrepujava todas as outras. O amor, a gratidão, a lealdade para com o Criador, tudo foi suplantado pelo amor para com Eva. Ela era uma parte dele, e ele não podia suportar a ideia da separação. Não compreendia que o mesmo Poder Infinito que do pó da terra o havia criado, como um ser vivo e belo, e amorosamente lhe dera uma companheira, poderia preencher a falta desta. Resolveu partilhar sua sorte; se ela devia morrer, com ela morreria ele. Afinal, raciocinou, não poderiam ser verdadeiras as palavras da sábia serpente? Eva estava diante dele, tão bela, e aparentemente tão inocente como antes deste acto de desobediência. Expressava maior amor para com ele do que antes. Nenhum sinal de morte aparecia nela, e ele se decidiu a afrontar as consequências. Tomou o fruto, e o comeu rapidamente." *Idem*, 56, 57.

Assim fez Adão a sua escolha. Aquilo que ele fez foi uma maravilhosa expressão de amor para com Eva, mas teria sido uma mais sábia e ainda melhor expressão de amor se ele tivesse escolhido deixar o seu Criador tratar o problema.

Assim o pecado, com todo o seu inerente sofrimento e miséria, entrou no mundo. Ele veio como uma directa consequência dos filhos de Deus se apontarem a si mesmos como solucionadores de problemas e planeadores no Seu lugar. Foi a tentativa de exaltação da criatura ao nível do Criador, a instituição do anjo e do homem no lugar de Deus. Esse foi o verdadeiro pecado cometido no Céu e nesta Terra. Participar do fruto proibido foi apenas o meio de exprimir a decisão de substituir Deus pelas criaturas.

Alguns podem argumentar que os pecados cometidos no Éden eram directas violações de cada um dos mandamentos. Quando Eva acreditou nas mentiras de Satanás acerca de Deus e levou isto ao seu marido, ela estava com certeza a ser portadora de falso testemunho. Além disso, cobiçou o fruto antes de o roubar, e desse modo trouxe morte sobre si mesma, seu marido, sobre o Filho de Deus, e todos os seus filhos, ela com certeza transgrediu o mandamento não matarás.

Adão juntou-se-lhe no seu pecado, e, ao entrar em relação com Satanás no lugar do seu verdadeiro marido, Jesus Cristo, cometeu adultério, desonrando os seus Pais celestiais, tendo agora um deus no lugar do verdadeiro, adorou um objecto como símbolo das suas ambições, tomou o nome de Deus em vão, e, ao privar Deus da Sua legítima posição como Solucionador de problemas, quebrou o princípio do sábado.

É verdade que eles quebraram cada um dos mandamentos, mas não ver mais profundamente do que isto não é suficiente. É preciso uma avaliação mais perceptiva, mostrando que cada uma daquelas leis é uma proibição contra o homem resolver os seus próprios problemas.

Por que motivo os homens afastam outros homens matando-os?

É porque estes homens se tornaram um problema para eles, e a única maneira que eles vêm para solucionar a dificuldade, é matar as pessoas que estão no seu caminho. Alguns assassinatos parecem ter um motivo diferente, tal como vinganças ou um assassinio sem sentido. Contudo, quando estes são correctamente analisados, pode ser visto que eles, também, são tentativas de soluções para problemas. Efectuar uma vingança é um método de intimidar quaisquer outros que pudessem estar a pensar atacar o vingador ou a sua família. Destina-se a solucionar o problema da ameaça de futuros assaltos. Assassinios sem sentido são uma tentativa do assassino para resolver os tormentos que bramam dentro dele.

Por que razão mentem as pessoas, cometem adultério, roubam, transgridem o sábado, etc.?

Elas fazem tudo isto porque não conhecem outro meio para resolver os seus problemas.

Portanto, a mensagem contida em cada um dos dez mandamentos é: *Não serás o teu próprio solucionador de problemas.*

Isso, por outro lado, é precisamente aquilo que Satanás quer que nós sejamos. Ele não conhece método mais bem sucedido para separar o homem de Deus do que persuadir os homens a tentarem exaltar-se a si mesmos acima da Divindade. O sucesso que ele goza é inacreditável. Apesar do facto óbvio que todo o ai e miséria no mundo é o resultado directo do homem no Éden

escolher tomar o papel de solucionador de problemas, a humanidade continua a segurar firmemente esta posição e a sofrer as terríveis consequências.

Satanás continua a reinar e o pecado continua a executar a sua terrível tarefa porque o diabo é ainda capaz de induzir os homens a confiar em si mesmos como solucionadores de problemas no lugar de Deus.

Um útil exercício para quem realmente deseje saber se permitiria Deus ocupar o Seu legítimo lugar com Planeador, ou se se aponta si mesmo para a posição, seria estudar o que se desenvolve como resultado da escolha errada feita por Lúcifer, e depois por Adão e Eva, em comparação com aquilo que teria acontecido se eles tivessem submetido os seus problemas a Deus em vez disso.

Ao mesmo tempo, considerai o preço que Lúcifer e os nossos primeiros pais pagaram por este duvidoso privilégio. Custou tudo ao brilhante anjo.

Ele perdeu o seu lugar no Céu; foi privado de qualquer apoio de Deus e dos santos anjos; tem sido o instigador da incalculável miséria e tristeza; e em breve perderá a sua vida eternamente.

Todos aqueles que rejeitam os princípios do repouso do sábado confiando nas suas próprias capacidades para resolver os seus problemas em preferência à capacidade de Deus, pagarão o mesmo preço. As opções são simples. Deixemos Deus ser o nosso Solucionador de problemas em todos os aspectos, e será impossível perdermo-nos. A vida eterna está garantida.

Se continuarmos a dirigir nós mesmos a obra, pagaremos o preço pela totalidade. A eterna separação de Deus e o eterno esquecimento estão assegurados. Quando podíamos estar gozando eterna bem-aventurança, teremos passado ao esquecimento sem fim.

Interroguem-nos. Vale a pena o preço tentar fazer de Deus? A resposta é por si mesma evidente.\_



## O Arquitecto Frustrado

**O**s caminhos de Deus e dos homens são tão diferentes que é raro que os princípios de operação humanos possam ser usados para ilustrar os divinos. Há pelo menos uma área, contudo, onde isto pode ser feito. Ela encontra-se nos procedimentos seguidos pelos arquitectos, proprietários, construtores, e operários na relação uns com os outros. Isto acontece porque, para sua própria protecção, os homens investiram uma autoridade nos arquitectos que a nenhuma outra classe é permitido partilhar. Só a eles é permitido preparar planos para a construção de complexas estruturas. Eles detêm esta posição especial tornando-se altamente qualificados para o seu trabalho.

Quando um possível proprietário de um edifício procura um arquitecto, traz um problema para o homem profissional resolver. Normalmente, a terra foi comprada e o tipo geral do edifício decidido. O arquitecto é encarregado de desenhar os detalhes específicos e projectar a estrutura de modo que o edifício servirá os seus propósitos com a melhor vantagem possível. Quando o proprietário está por fim satisfeito com os resultados, são preparados desenhos detalhados de cada uma das partes da estrutura, juntamente com especificações.

Em seguida, é escolhido um construtor. A sua equipa de trabalhadores começa as operações com a clara compreensão que a palavra do arquitecto é lei absoluta no local da construção. Todo o detalhe da construção tem que ser executado de acordo com os seus planos, e nenhuma modificação pode ser efectuada sem a sua autorização. Para assegurar que o sistema resulte, é feito ao construtor pagamentos sucessivos à medida que cada fase é completada de acordo com o arquitecto.

O sistema resulta muito bem. O construtor é cuidadoso em construir em estrita concordância com os planos, e os operários são despedidos se saem da linha estabelecida.

Imaginaí quão insatisfatória seria qualquer alternativa a isto. Por exemplo, suponde que, depois do construtor ter sido contratado, os operários seguissem os planos apenas nas primeiras semanas de construção e depois exigiam alterações na ordem das coisas. Faziam uma reunião de todos os trabalhadores, abandonavam os planos do arquitecto, e designavam uma comissão para formar novos planos para a restante estrutura. Todos os escolhidos eram operários, não arquitectos experientes. Portanto, nenhum deles tinha as qualificações para serem planeadores do projecto. Em qualquer caso, mesmo que eles fossem competentes, os seus esforços seriam

uma desperdiçada duplicação do conjunto completamente satisfatório dos desenhos já existentes.

Além disso, imaginai que, enquanto isto se passava, o arquitecto e o construtor estavam preocupados com outra estrutura numa cidade distante. Durante a sua prolongada ausência, os operários prosseguiram com os seus planos. Por causa dos seus desenhos errados, acontece um aluimento que fere alguns e mata outros, ao passo que contínua dissensão divide os trabalhadores. Apesar destas claras evidências que os seus planos são errados e por fim falharão, eles resolutamente persistem no seu esquema.

Nenhum construtor ou arquitecto toleraria este comportamento. Ao descobrir, por seu lado, aquilo que tinha acontecido, imediatamente despediriam todos aqueles homens, e reuniriam uma nova equipa de trabalhadores para os substituir. Os novos operários teriam que gastar tempo valioso para desfazer toda a construção não autorizada antes de poderem prosseguir os planos do arquitecto.

Os operários infiéis teriam sido culpados não só de insubordinação e grave falta de respeito para com o arquitecto e sua posição, mas também responsáveis pelo dispendioso mau uso de materiais e sério atraso no acabamento da estrutura.

Se o próximo e todos os grupos de trabalhadores que se seguissem repetissem o procedimento, quão frustrado o arquitecto seria! O edifício que devia ter sido acabado num ano ou dois, estaria ainda incompleto muitos anos mais tarde, com os custos a aumentarem tanto que o projecto teria que ser abandonado.

Geralmente falando, estes procedimentos não são permitidos, e as construções avançam até ao fim em tempo razoável, excepto quando o industrial interrompe, atrasa ou cessa a obra.

Mas enquanto que os arquitectos não permitem que os trabalhadores os tratem deste modo, isto é exactamente como o homem se tem relacionado com o Supremo Arquitecto.

Ele é o Desenhador cuja competência é incomparável. Não há problema que seja demasiado grande para Ele. As coisas que o homem não pode sequer começar a copiar são simples para Jeová.

Antecipando o problema do pecado antes dele se levantar, Ele cuidadosamente formulou um plano para a sua imediata solução. Chamou uma equipa de trabalhadores um por um até construir um movimento. Durante este primeiro estado de desenvolvimento da igreja os crentes eram cuidadosos em seguir os planos feitos para eles pelo Supremo Arquitecto. Mas invariavelmente veio o tempo em que eles preferiram uma diferente ordem de coisas. Abandonando o plano de Deus, designaram comissões humanas para inventarem esquemas para a continuação da obra.

Deus não descuidou as Suas actividades, pois, de modo diferente do arquitecto e do construtor na nossa ilustração, não estava preocupado com outra obra num local distante. Nem demitiu imediatamente aqueles que usurparam a Sua posição, pois Deus não opera desse modo. Ele dá completa liberdade a todos para seguirem os planos d'Ele ou os seus. Ele apenas aceita aquela obediência que vem de um solícito e sincero desejo de seguir o Senhor em tudo.

Assim Deus deixou os trabalhadores construírem pelas suas próprias ideias até que estavam tão completamente separados d'Ele, que não mais trabalhavam na estrutura. Quando eles assim se demitiram a si mesmos, o Senhor chamou uma equipa alternativa que em breve repetia a actuação dos seus antecessores.

De cada vez que isto acontecia, a obra atrasava-se décadas e até mesmo séculos. Cada equipa substituída tinha que passar tempo valioso desfazendo a obra feita por aqueles que tinham ido antes deles, e ficavam muitas vezes confundidos com os desenhos que ainda permaneciam. Grandes somas de dinheiro e materiais eram gastos, e ainda assim, passados seis mil anos, a obra permanece incompleta.

Um excelente exemplo de Deus ser assim frustrado<sup>8</sup> está provido na experiência de Elias. Neste dia, os israelitas, por seguirem os seus próprios caminhos, caíram em profunda apostasia e terrível degradação. Desde a eternidade, Deus tinha previsto e formulou o plano pelo qual a última e total reforma podia ser efectuada. Deus era o Arquitecto e Elias o trabalhador escolhido e apontado.

“Entre as montanhas de Gileade, ao oriente do Jordão, habitava nos dias de Acabe um homem de fé e oração cujo destemeroso ministério estava destinado a deter a rápida disseminação da apostasia em Israel. Distanciado de qualquer cidade de renome, e não ocupando nenhuma alta posição na vida, Elias o tesbita não obstante entregou-se a sua missão confiante no propósito de Deus de preparar diante dele o caminho e dar-lhe abundante sucesso. A palavra de fé e poder estava em seus lábios, e toda a sua vida estava devotada à obra da reforma.” *Profetas e Reis*, 119.

No início, a fé de Elias estava fixada em Deus, o Supremo Arquitecto e, como um fiel e dedicado operário, não fez planos por si mesmo mas seguiu exactamente o caminho estabelecido por Jeová. Ele não se tinha eleito a si mesmo para a posição; o seu Pai celestial tinha-o apontado para ela. O bem sucedido cumprimento desta grande responsabilidade dependia da sua correcta relação com o divino Guia.

“A Elias fora confiada a missão de levar a Acabe a mensagem de juízo. Ele não procurou ser o mensageiro do Senhor; a palavra do Senhor veio a ele. E, cioso da honra da causa de Deus, não hesitou em obedecer à intimação divina, embora a obediência parecesse um convite a imediata destruição às mãos do ímpio rei.” *Idem*, 120, 121.

O plano de Deus pedia que a obra começasse pela viagem de Elias a Samaria e fosse à presença de Acabe sem ser anunciado para profetizar que não haveria chuva durante os anos seguintes. Como o rei era um déspota de mau temperamento que sem hesitação, executava qualquer que lhe desagradasse, Elias precisava de grande fé em Deus para seguir estas instruções.

“O profeta pôs-se a caminho sem detença, e viajou dia e noite até alcançar Samaria. Chegando ao palácio não solicitou ser admitido, nem esperou ser formalmente anunciado. Vestido de roupas rústicas como comumente usavam os profetas do tempo, passou pelos guardas, aparentemente sem ser notado, e deteve-se um momento diante do rei atónito.

“Elias não apresentou excusas por sua abrupta presença. Alguém maior que o rei de Israel tinha-o comissionado para falar; e, erguendo a mão em direcção do Céu, afirmou solenemente pelo Deus vivo que os juízos do Altíssimo estavam prestes a cair sobre Israel. ‘Vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou,’ declarou ele, ‘que nestes anos nem orvalho nem chuva haverá, senão segundo a minha palavra’.

“Foi somente pelo exercício de forte fé no infalível poder da palavra de Deus que Elias apresentou sua mensagem. Não possuísse ele implícita confiança n’Aquele a quem servia, e jamais teria aparecido perante Acabe. Em sua viagem para Samaria, Elias havia passado por correntes sempre a fluírem, montes cobertos de verdura, majestosas florestas que pareciam estar além do alcance da seca. Tudo em que seus olhos repousavam estava coberto de beleza. O profeta podia ter sido levado a duvidar de como poderiam essas fontes que jamais cessaram de fluir tornarem-se secas, ou esses montes e vales serem calcinados pela sequidão. Mas Ele não deu lugar à sua incredulidade. Cria plenamente que Deus humilharia o apóstata Israel, e que

---

<sup>8</sup> Descrever uma pessoa como sendo “frustrada”, normalmente transmite a ideia que a pessoa está num estado de fortes sentimentos emocionais causados por ter sido privada de alcançar os seus objectivos. A palavra não pode ser usada neste sentido a respeito de Deus, porque, se bem que Ele tenha emoções, não sofre *tempestades* emocionais. Nada jamais O fará mudar. Portanto, a palavra usada aqui para O descrever apenas transmite a ideia que a Sua obra tem sido frustrada por causa dos Seus operários terem abandonado os lugares que lhes foram atribuídos numa tentativa de ocupar o Seu. Deus é na realidade um Arquitecto frustrado, mas não permiti que esta forma de O descrever conceba uma ilustração de Deus “arrancando os Seus cabelos”, ou “vociferando com ira”.

mediante juízos eles seriam levados ao arrependimento. O decreto do Céu tinha sido pronunciado; a palavra de Deus não poderia falhar; e com perigo da própria vida Elias destemidamente cumpriu sua missão. Como um raio que partisse de um céu claro, a mensagem de juízo impendente caiu sobre os ouvidos do ímpio rei, mas antes que Acabe pudesse recobrar-se de seu espanto ou architectar uma resposta, Elias desapareceu tão abruptamente como havia chegado, sem esperar testemunhar os efeitos de sua mensagem. E o Senhor foi perante ele, aplainando o caminho. 'Vai-te daqui e vira-te para o Oriente,' foi ordenado ao profeta, 'e esconde-te junto ao ribeiro de Querite que está diante do Jordão. E há-de ser que beberás do ribeiro; e Eu tenho ordenado aos corvos que ali te sustentem.'" *Idem*, 121-123.

A primeira parte do plano que envolvia o seu aparecimento perante o rei, exigia coragem. A fase seguinte, esconder-se no ribeiro, requeria fé e paciência. À medida que os monótonos dias de solitude e inactividade passavam, devia ter sido difícil para um homem de positiva acção como Elias, esperar pacientemente pelo passo seguinte. Mesmo ainda mais probante era o facto que não lhe foi dito quanto tempo devia estar ali sozinho.

Ele provou ser um operário fiel e de confiança recusando mover-se até que fosse dado o plano para isso. Ele não permitiu que qualquer traço de invenção humana estragasse o esquema de Deus, não importava quão grande fosse a pressão exercida sobre ele para o fazer. Enquanto mantivesse esta posição, o plano avançaria com perfeita precisão em direcção à sua consumação final.

Por fim o regato secou. Deus previu este desenvolvimento e fez provisão para ele. O profeta foi dirigido à viúva de Sarepta, onde permaneceu até que chegou a altura da demonstração de Acabe e dos seus ímpios sacerdotes.

A viúva foi mais um dos fiéis obreiros de Deus. Ela tinha um papel específico a desempenhar no plano, e levou-o a cabo com a mesma exactidão, submissão, dedicação, fé, e coragem manifestada por Elias. Eles faziam uma boa equipa.

É encorajador notar que enquanto eles estivessem a fazer exactamente aquilo que o Senhor lhes indicava fazer, as provisões necessárias para as suas necessidades foram totalmente supridas. Enquanto os outros esfaimavam, eles tinham comer todos os dias. Assim será sempre. A única coisa com que o cristão tem que se preocupar é: O que determinou Deus para eu fazer neste momento? Se o cristão se dedica a si mesmo à execução da tarefa exactamente quando e como Deus ordenou, todas as facilidades serão providas.

"Os meios de que dispomos talvez não pareçam suficientes para a obra; mas, se avançarmos com fé, crendo no todo-suficiente poder de Deus, abundantes recursos se nos oferecerão. Se a obra é de Deus, Ele próprio proverá os meios para sua realização. Recompensará a sincera e simples confiança n'Ele. O pouco que é sábio e economicamente empregado no serviço do Senhor do Céu, aumentará no próprio acto de ser comunicado. Nas mãos de Cristo permaneceu, sem minguar, a escassa provisão, até que todos se saciassem. Se nos dirigimos à Fonte de toda força, estendidas as mãos da fé para receber, seremos sustidos em nosso trabalho, mesmo nas mais difíceis circunstâncias, e habilitados a dar a outros o pão da vida." *O Desejado de Todas as Nações*, 355.

Enquanto Elias esperou na casa da viúva, o divino Architecto estava cuidadosamente orientando os resultados. Quando o tempo determinado veio, novas instruções foram comunicadas ao Seu operário Elias, que de acordo com elas se apresentou perante o rei com a ordem para reunir Israel no Monte Carmelo.

Durante o longo dia, Elias, seguindo as específicas ordens à letra, deu aos sacerdotes a oportunidade para manifestarem o seu poder. Quando falharam em obter o fogo, o profeta de Deus solenemente reconstruiu o sagrado altar sobre o qual, em resposta às suas orações de fé, o fogo desceu. O inimigo foi completamente derrotado e o povo cantou o seu novo reconhecimento do verdadeiro e único Deus.

*Sempre que grandes edifícios estão em construção, o único planeador que é admitido é um arquitecto qualificado. Os homens reconhecem e respeitam estes princípios no mundo material, mas, mais cedo ou mais tarde ignoram-no no campo espiritual. Em todos os movimentos que Deus tem tentado construir, os membros no início têm-Lhe conferido o Seu lugar como arquitecto, mas isto nunca foi muito tempo antes de usurparem esta posição para si mesmos. O resultado é que a obra ainda não foi finalizada. E nunca será enquanto Deus não for reconhecido como o único Arquitecto do princípio ao fim.*



Nem uma só dificuldade manchou a actuação do plano de Deus por duas razões. Em primeiro lugar, o plano em si mesmo era perfeito por causa de Deus não poder encontrar uma falha no esquema de acção. Em segundo lugar, Elias nunca se desviou o mais levemente, das especificações de Deus. Aquilo que o Senhor lhe indicou que fizesse, ele fez. Esse foi o segredo do sucesso.

A oração de Elias por chuva estava sob a direcção de Deus, assim como também o foi guiar o rei através da tempestade até Jezrel. Depois de Acabe passar através das portas, Elias tendo cumprido o seu dever para com o monarca, adormeceu enquanto a chuva caía em torrentes.

Neste ponto, o maravilhoso plano de Deus estava perto da consumação. Elias estava prestes a ver o fruto de toda a espera e sacrifício que tinha preenchido os anteriores três anos. Deus propôs quebrar o poder de Jezabel e Acabe, e efectuar esta admirável reforma na Terra. Por causa destes ímpios governantes não se arrependem, deviam ser removidos do officio. Os juízos destinados a efectuar isto deviam cair sobre a injusta rainha imediatamente, *desde que Elias continuasse a seguir as instruções específicas do Arquitecto*. Os acontecimentos teriam aprofundado a impressão já causada no povo quando testemunharam o fogo a consumir o sacrifício de Elias, e teria havido um poderoso regresso a Deus.

Que isto é o que teria acontecido se Elias não tivesse abandonado o seu posto de dever, é confirmado no testemunho que se segue.

“Tivesse ele ficado onde estava, tivesse feito de Deus Seu refúgio e fortaleza, permanecendo firme pela verdade, e teria sido abrigado do perigo. O Senhor lhe teria dado outra assinalada vitória, enviando Seus juízos sobre Jezabel; e a impressão feita sobre o rei e o povo teria dado lugar a uma grande reforma.” *Profetas e Reis*, 160.

Satanás estava desesperado. Ele sabia que não havia esperança de frustrar os planos do Arquitecto a menos que induzisse Elias a renunciá-los em favor dos seus. Embora com o espanto da derrota na face, Satanás e o seu agente, Jezabel, actuaram como se tudo estivesse correndo a seu favor. Por este engano, Satanás pretendia convencer Elias que nada tinha sido obtido, que o plano de Deus era inútil, e que ele estava prestes a sacrificar a sua vida em vão. Isto provou ser uma simulação eficaz.

Era altura de Elias agir, exactamente como Jezabel tinha feito, como se tudo estivesse a correr do lado do Senhor. Isto era assim de facto. Mas em vez disso, ele permitiu que Satanás o persuadisse que a causa estava perdida e que ele devia imediatamente tomar medidas para assegurar a sua própria segurança. Com que tremendo alívio Satanás deve ter visto a fuga do profeta em pânico. Depois da tensão de ver o plano de Deus prosseguir tão facilmente durante os últimos três anos, o diabo deve ter ficado grandemente satisfeito quando o resultado final veio.

Sem um fiel operário, o plano de Jeová não podia prosseguir. Jezabel não morreu, a tremenda impressão não foi causada no rei e no povo, e a reforma falhou grandemente. A ímpia rainha viveu muitos mais anos, durante os quais ela continuou a controlar o rei e aprofundou a treva que pendia sobre a Terra.

“Elias não devia ter desertado de seu posto de dever. Devia ter enfrentado a ameaça de Jezabel, apelando para a protecção d’Aquele que o havia comissionado para que vindicasse a honra de Jeová. Ele devia ter dito ao mensageiro que o Deus em quem confiava o protegeria contra o ódio da rainha. Apenas poucas horas haviam decorrido desde que ele testemunhara a maravilhosa manifestação do poder divino, e isto devia ter-lhe dado a segurança de que não seria agora abandonado.” *Idem*.

Foi o plano feito no Céu que trouxe Elias às portas de Jezrel. Ele não tinha ordem para se afastar daquele lugar até que Deus lhe desse novas instruções. Era o seu dever permanecer não importava quão terrível fosse a ameaça contra ele, nem quão grande o custo, pois os resultados obtidos pela obediência aos planos feitos por Deus não são da responsabilidade do obreiro. O

seu único dever é levar a cabo as instruções que lhe foram dadas e depois deixar os resultados com Deus. Deus sabia o que estava a fazer e não foi apanhado de surpresa quando Jezabel, em face da própria derrota, ameaçou Elias como se ela estivesse ainda inteiramente no comando. O Senhor tinha feito total provisão para enfrentar o desenvolvimento, e o sacrifício da vida de Elias não fazia parte do Seu plano. Perfeita protecção estava assegurada para ele, se bem que isto não fosse da consideração de Elias. Se o esquema exigisse a sua morte como mártir, o profeta devia com submissão aceitar isto voluntariamente.

Esta lição vitalmente importante devia ser aprendida e praticada por todos aqueles que têm sido chamados para o serviço de Deus. Os obreiros de Jeová nada têm a ver com o planeamento ou com as consequências resultantes dos planos que Ele tenha feito para eles. Devem fazer a sua obra e deixar o resto com o Senhor.

“O Senhor dá ao povo uma verdade especial quando este se encontra em situação difícil. Quem ousa recusar-se a publicá-la? Ele ordena a Seus servos que apresentem o último convite de misericórdia ao mundo. Eles não podem permanecer silenciosos, a não ser com perigo de sua alma. Os embaixadores de Cristo nada têm que ver com as consequências. Devem cumprir seu dever e deixar os resultados com Deus.” *O Grande Conflito*, 608.

Se o crente pleiteasse com o Espírito Santo para que escrevesse estas palavras indelevelmente nas suas mentes e decidissem viver por elas sem se desviarem, quão rapidamente a obra seria finalizada! “Os embaixadores de Cristo nada têm que ver com as consequências. Devem cumprir seu dever e deixar os resultados com Deus.”

Um ilustrador exemplo disto é fornecido pelo procedimento de Ananias, Misael, e Azarias quando Nabucodonozor exigiu que adorassem a imagem de ouro ou seriam lançados na fornalha de fogo ardente. Estes homens sabiam que era o plano de Deus não se curvarem, de modo que escolheram seguir as específicas instruções do Senhor não importava quais as consequências para si mesmos. Com operários como estes, Deus foi capaz de fazer avançar o Seu plano desde o início até à sua bem sucedida finalização. Satanás foi completamente derrotado e a obra de Deus progrediu sem o sacrifício das vidas dos Seus servos. Foi uma notável vitória para a causa da verdade que também preparou terreno para mais avanços.

Poucas coisas há mais difíceis do que continuar obedecendo a Deus, quando fazer isso já colocou a pessoa face a face com o desastre ou mesmo morte. A mente raciocina que se tanta obediência trouxe tanta dificuldade, então continuar a obedecer apenas aumentará o problema. É natural, fácil, e vulgar que o agente humano fuja de seguir as instruções de Deus, para “prudentemente” formar esquemas alternativos que, no seu ponto de vista, fará prosperar a obra com muito mais sucesso do que os planos feitos no Céu.

Que tragédia é que Elias, depois de fielmente seguir as instruções de Deus por tanto tempo, se desviasse das obras d’Ele para as suas quando a obra estava quase feita e a vitória total quase obtida. Que frustrado Arquitecto Deus deve ter sido nesse momento desapontador.

Se esta fosse a única vez na história que isso aconteceu, a questão não teria sido tão grave, mas é um problema que se repete. Consequentemente, a obra está ainda por acabar, e permanecerá assim até que o Senhor tenha uma equipa de operários que saiba que somente Ele é o Arquitecto do plano da salvação, e que o papel deles é serem fiéis obreiros dedicados que nunca se desviam para designar uma comissão de planeadores no lugar de Deus.

Por demasiado tempo, os homens têm assumido a posição de planeadores. Certamente que agora, depois de quase seis mil anos de frustração e fracasso, os crentes deviam estar convencidos que é altura de Jeová ter uma equipa de operários em quem Ele possa confiar que nunca trarão os seus estiradores de desenho consigo — Nunca!

## Devemos Nós Falhar Também

“**T**emamos, pois que, porventura, deixada a promessa de entrar no Seu repouso, pareça que algum de vós fica para trás.” *Hebreus 4:1.*

Paulo escreveu este estimulante apelo sabendo que as mesmas tendências estavam a desenvolver-se na igreja dos seus dias como as que tinham levado movimentos anteriores à apostasia. Cada uma daquelas reformas tinha começado maravilhosamente bem, pois Deus nunca experimentou qualquer problema em conseguir que o povo comesse na direcção certa. A Sua dificuldade está em convencê-los a continuar como começaram.

Já no tempo de Paulo, muitos grupos tinham *falhado* por terem fracassado em entrar no repouso de Deus, mas isto não era devido a qualquer falta de poder ou sábia instrução da parte de Deus. Àquelas gerações anteriores o evangelho tinha sido pregado tal como havia sido aos contemporâneos de Paulo, mas, por não o terem recebido com fé viva, eles não foram beneficiados pelas divinas provisões.

“Porque também a nós foram pregadas as boas novas, assim como a eles; mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não chegou a ser unida com a fé, naqueles que a ouviram.” Versículo 2.

Nenhum dos sistemas de Deus envolvendo a humanidade pode operar a menos que o elemento de uma forte e viva fé esteja presente no crente.

Por conseguinte, Paulo declarou, “Porque nós, os que temos crido, é que entramos no descanso, tal como disse; Assim jurei na Minha ira: Não entrarão no Meu descanso; embora as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo”. Versículo, 3.

Nenhum incrédulo jamais experimentará o repouso do sábado de Deus. Isso é impossível. Portanto, aqueles que determinam não ficar para trás no Seu repouso, devem concentrar-se no desenvolvimento da fé. Eles devem compreender que nesta obra nenhum homem é um virtuoso instantaneamente, que o sucesso é produto de longo, disciplinado, consistente esforço. Desde que isto seja compreendido, eles devem entregar-se a si mesmos à edificação de uma poderosa e viva fé que dará poder para alcançar e experimentar as grandiosas promessas de Deus.

A obra de Deus foi acabada desde a fundação da Terra, assegurando a cada crente que o Seu glorioso repouso espera o seu pedido e recepção.

“Pois em certo lugar disse Ele assim do sétimo dia: e descansou Deus, no sétimo dia, de todas as Suas obras;” Versículo 4.



Apesar destas divinas provisões, a igreja, no tempo de Paulo, tinha falhado em apropriar-se das ofertas de Jeová, mas, enquanto a repetição do fracasso argumentava que ninguém entraria, a garantia permanecia que alguns finalmente alcançariam aquilo que poderia ter sido experimentado por todos os restantes. Isto é declarado em termos muito positivos.

“Visto, pois, restar que alguns entrem nele, e que aqueles a quem anteriormente foram pregadas as boas novas não entraram por causa da desobediência:

“Determina outra vez um certo dia, Hoje, dizendo por Davi, muito tempo depois, como está dito: Hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações.” Versículos 6 e 7.

As Escrituras por conseguinte declaram que, não importa quantos fracassos possam ocorrer entretanto, ou quanto tempo leva para as lições vitais serem aprendidas e os procedimentos correctos adoptados, por fim alguns serão encontrados que entrarão no repouso de Deus. Tão breve quanto uma geração falha, o Senhor prontamente trata de dar a um povo seguinte a oportunidade rejeitada por aqueles que antes a tiveram. É por esta razão que uma vez mais no tempo de Davi, Ele determinou outro dia durante o qual Ele insistiu com o povo para não endurecer os corações na desobediência como os seus pais tinham feito.

Isto não foi, como alguns imaginam, outro dia de repouso, mas outro dia de oportunidade em que eles podiam, como um povo completo, entrar no repouso que Deus tinha colocado à disposição de todo o Seu povo desde que Ele acabou a Sua obra criadora desde a fundação da Terra.

Isto tornou-se necessário nos dias de Davi porque o povo do tempo de Josué tinha falhado em entrar nele.

“Porque, se Josué lhes houvesse dado repouso, não falaria depois disso de outro dia.” Versículo 8.

O facto que eles podiam ter entrado nesse repouso no tempo de Josué, indica que a obra podia ter sido estabelecida em todo o mundo, a justiça eterna introduzida, e dado para sempre um fim ao pecado.

Isto é o que o Altíssimo tinha decidido quando os colocou na Terra Prometida.

“Os filhos de Israel deviam ocupar todo o território que Deus lhes indicara. Aquelas nações que haviam rejeitado a adoração e serviço ao verdadeiro Deus, deviam ser despojadas. Mas era propósito de Deus que pela revelação de Seu carácter através de Israel, fossem os homens atraídos para Si. O convite do evangelho devia ser dado a todo o mundo. Mediante o ensino do serviço sacrificial, Cristo devia ser erguido perante as nações, e todos que olhassem para Ele viveriam. Todo aquele que, como Raabe, a cananita, e Rute, a moabita, tornassem da idolatria para o culto ao verdadeiro Deus, deviam unir-se ao Seu povo escolhido. À medida em que o número dos israelitas crescesse, deviam eles ampliar suas fronteiras, até que o seu reino envolvesse o mundo.” *Profetas e Reis*, 19.

O cumprimento destes objectivos certamente teria enchido a Terra com perpétuo repouso. Guerras, miséria, morte, opressão, etc., não mais seriam conhecidos. O deserto teria desabrochado como uma rosa, e a Terra renovada. A morte de Cristo continuaria a ser necessária mas ela teria tomado lugar em circunstâncias diferentes, sem homens e mulheres gerados a gritarem, “Crucifica-O! Crucifica-O!” Em vez disso, arrependidos pecadores ter-Lhe-iam dado compreensivo apoio nas Suas horas de agonia.

Arranjar as circunstâncias necessárias para proporcionar este dia de oportunidade levou séculos. Deus tinha que esperar até que a apostasia do Egipto avançasse ao estado em que aquelas terríveis pragas quebrassem o poder de Faraó para manter domínio sobre os israelitas. Então o Senhor tinha que reeducar o Seu povo nos princípios divinos à medida que eles avançassem em direcção à Terra Prometida. Tão pouco dispostos estavam eles para aprender, que mais quarenta anos de espera os separaram da sua base de operações.

Uma vez chegados a Canaã, tiveram um excelente começo. Seguindo as instruções de Deus, começaram a expulsar os pagãos. Mas chegou a altura em que decidiram que podiam adiar a obra de Deus enquanto cuidavam da sua. Este foi um erro fatal, pois a obra do Senhor deve ser feita não só como, mas também *quando*, Ele indica.

Em vez dos planos de Deus, eles escolheram a sua própria obra. O grande Arquitecto foi posto de lado e a obra estacionou. Durante algum tempo tudo parecia ir bem. Mas isso foi apenas a calma antes da tempestade, durante a qual o inimigo tomou toda a vantagem da oportunidade para reagrupar-se e armar-se de novo. Os israelitas foram então expulsos das suas confortáveis casas e das suas férteis quintas para se tornarem miseráveis e famintos habitantes de cavernas e fugitivos.

A obra de Deus sofreu um atraso de séculos, e o paciente Arquitecto celestial teve que reconstruir outra oportunidade. Foi por causa de Josué ter falhado em lhes dar repouso, que o Senhor designou outro dia de oportunidade no tempo de Davi.

Foi durante o ilustre reinado de Davi que Israel foi restaurado a uma posição onde tinha adquirido estabilidade para cumprir as responsabilidades que lhe foram dadas por Deus. Os seus territórios estendiam-se mais em todas as direcções do que já alguma vez se tinham estendido ou jamais se estenderiam. Era rico, poderoso, e seguro. A sua economia e organização eram a maravilha das nações. Quando Davi morreu, deixou a seu filho, Salomão, uma nação tão bem estabelecida em justiça, que apenas faltava uma pequena obra para encher o mundo com o perfeito repouso de Deus.

Mas, apesar do chamamento de Deus para não endurecerem os corações na desobediência, o dia de oportunidade foi perdido. Em vez de reconhecerem que Deus os tinha colocado na estratégica posição em que estavam no cruzamento das estradas do mundo para fazer da Terra o seu centro missionário, eles aproveitaram a oportunidade para desenvolvê-la como o centro de negócios das nações. Uma vez mais, os operários tinham colocado os seus planos no lugar dos planos do Mestre Arquitecto. O fracasso tinha-se tornado uma prevista consequência inevitável. Uma terrível apostasia foi iniciada que devia produzir fruto na ruína total da nação. O templo foi queimado e derribado, a cidade arrasada, e o povo levado cativo para Babilónia. Quão diferente isto era do que poderia ter acontecido!

A apostasia é sempre causada pelo mesmo factor — projecto humano no lugar do divino. Assim foi que Salomão “procurou executar o propósito de Deus a sua própria maneira”. *Idem*, 54.

Isto era uma tentativa impossível. O propósito de Deus só pode ser alcançado pelo método de Deus. Não há alternativas. Qualquer tentativa para atingir a obra do Altíssimo pelos planos e procedimentos humanos, não importa quão sinceros e bem-intencionados os obreiros possam ser, apenas pode finalizar no fracasso e apostasia. Nem mesmo o homem mais sábio que jamais viveu podia mudar este facto, e se ele não podia então que esperança têm os mortais com menor sabedoria de fazer isto?

Quando esse dia de oportunidade passou, porque “alguns *deverão* entrar”, Deus operou para proporcionar outro dia. A fim de produzir esta oportunidade, o poder de Babilónia tinha que ser quebrado e os judeus voltarem para a sua própria Terra. Isto foi alcançado nos dias de Esdras e Neemias.

Que esse era na realidade o terceiro dia de oportunidade é provado pela mensagem que Gabriel transmitiu a Daniel o profeta. Falando do futuro do povo judeu, o anjo disse:

“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão e dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos santos.” *Daniel* 9:24.

À nação judaica estavam determinados quatrocentos e noventa anos de tempo de graça durante os quais deviam cumprir o propósito para o qual tinham sido chamados. Dentro desse tempo, deviam encher o mundo com justiça eterna e levar o pecado ao seu termo.

“Isto apenas pode ser feito no final do ministério de Deus, na purificação do verdadeiro santuário cristão. Isto é feito na purificação do verdadeiro santuário, na extinção da transgressão e na finalização dos pecados no *aperfeiçoamento* dos crentes em Jesus, por um lado; e pelo outro na finalização da transgressão dando fim aos pecados *na destruição dos ímpios* e na purificação do universo de todo o traço de pecado que jamais houve nele.

“A finalização do mistério de Deus é o final da obra do evangelho. E o final da obra do evangelho é, *primeiro, a extinção de todo o vestígio de pecado* e a entrada da justiça eterna — Cristo completamente formado — dentro de cada crente, Deus somente manifestado na carne de cada crente em Jesus; *segundo*, por outro lado, a obra do evangelho sendo finalizada significa apenas a destruição de todos os que então não tenham recebido o evangelho (2 Tessalonicenses 1:7-10): Porque não é segundo a vontade do Senhor que o homem continue em vida quando o único uso possível que eles farão da vida é acumular mais miséria para si mesmos.” A.T. Jones, *The Consecrated Way to Christian Perfection*, 116, 117.

Quando Deus trouxe o remanescente dos judeus de novo, para a sua própria Terra, deu-lhes a oportunidade de verem esta grande obra feita dentro e através deles. Estavam livres de novo o contínuo foi restaurado, e a cidade e o santuário reconstruídos. Se eles seguissem o seu Senhor fosse qual fosse a direcção que Ele lhes desse daqui para a frente, não podiam falhar, justiça eterna seria introduzida, e o pecado para sempre finalizado.

Mas tal como os seus antepassados, depois de terem feito o perfeito começo falharam desesperadamente em entrar no repouso de Deus. Abandonando Deus como seu Arquitecto completamente voltaram-se para as suas invenções. Uma vez que cometeram este erro fatal, apenas era possível uma saída — terrível apostasia acompanhada de profunda impiedade que os deixou tão expostos ao poder dos pagãos que não tiveram outra escolha a não ser ficar sob o domínio de ferro romano.

Quando Cristo apareceu entre os judeus, encontrou-os espiritualmente destituídos, moralmente arruinados, privados de liberdade, ignorantes do Seu repouso, e destruídos pela incredulidade. Era um espectáculo dilacerante para o Filho de Deus que sabia muito bem o que podia ter acontecido.

Alguns podiam contestar a afirmação que a obra podia ter sido efectuada durante aqueles quatrocentos e noventa anos, argumentando que Deus havia profetizado que o santuário não seria purificado senão no fim dos dois mil e trezentos dias que terminaram em 1844.

O Altíssimo não disse que *seria* acabado no tempo de provação determinado aos judeus. Todavia a oportunidade estava dada e *total vantagem podia ter sido tirada dela*. Hoje, sabemos que os judeus falharam em fazê-lo. O que sabemos agora, Deus sabia-o então. Ele previu que os israelitas começariam bem mas depois trocariam os planos de Deus pelos seus e falhariam em realizar a sua missão divinamente apontada.

Sabendo tudo isto, Ele reconheceu que haveria ainda outros dias de oportunidade a serem dados para outras gerações realizarem o que os judeus podiam ter feito mas que falharam em fazer. Portanto, não foi porque não pudessem, mas apenas por não quererem, que o Senhor disse, “Até dois mil e trezentos dias e o santuário será purificado.” *Daniel* 8:14.

Apesar da terrível e profunda apostasia na qual os judeus caíram no tempo do primeiro advento, o Senhor Jesus fez-lhes um apelo quando lhes restava muito pouco de tempo de graça, para aceitarem os Seus caminhos e entrarem no Seu repouso. Mas eles recusaram totalmente o gracioso convite e por sua vez crucificaram o Messias.

Assim a oportunidade passou para a Igreja Apostólica. Que bem começou esse povo dedicado e cheio de Espírito. Livre de toda a filiação política despojados da espada, cheios do poder de Deus, e radiantes com o Seu amor altruísta, saíram de vitória em vitória. Rapidamente, o evangelho foi transmitido a todas as nações da Terra e a igreja estava determinada a dizimar os últimos baluartes da rebelião humana e satânica.

Mas dentro das suas fileiras estavam dirigentes decididos a controlar os seus companheiros apesar das lições que o Senhor tão arduamente lhes ensinou. Quando a sua acção causou o prematuro afastamento de Paulo, e foram capazes de impor a sua vontade como poder dominador na igreja, o mundo ficou condenado a sofrer a humilhante opressão da Idade das Trevas. Outro dia de oportunidade — o quarto — estava perdido.

Foi por Paulo ter visto isto acontecer que deixou a solene advertência, “Temamos pois que, porventura, deixada a promessa de entrar no Seu repouso, pareça que algum de vós fica para trás”. *Hebreus 4:1*.

Teria sido bom para a igreja e para o mundo se este povo tivesse prestado atenção ao aviso que então foi dado. Com não o fizeram, seguiu-se a inevitável apostasia e não entraram no repouso de Deus de uma obra acabada.

Porém, como alguns deverão ainda entrar, Deus, o paciente, embora frustrado Arquitecto, começou a trabalhar para proporcionar ainda outro dia de oportunidade.

Levou muito tempo para Ele realizar isto. Passaram-se séculos durante os quais a Igreja Apostólica se afastou cada vez mais da verdade até que o papado a lançou nas trevas da meia-noite. Durante estes anos de desespero, a verdade foi mantida simplesmente por almas fiéis que muitas vezes pagaram a sua lealdade com as próprias vidas. Finalmente chegou o tempo. Reformador após reformador se levantou no poder do Espírito Santo para atacar os bastiões do anticristo, e para a longa escalada até à completa luz da verdade.

Com a queda do poder de Babilónia em 1798, a plataforma estava por fim colocada para outro dia de oportunidade. Os três anjos começaram a soar e um povo juntou-se para reconstruir os tesouros perdidos na mensagem do santuário. Em 1844, a igreja estava no limiar do mundo eterno. Tinham a verdade, estavam livres do controlo do poder de Babilónia, o Espírito de Profecia estava restaurado para eles, e era requerida apenas uma pequena obra para os iniciar no eterno repouso da obra finalizada do Senhor. Depois de séculos de esforço, o Senhor tinha apontado ainda um outro dia, suplicando, como sempre, que não endurecessem os corações na incredulidade.

Há muitos testemunhos para confirmar quão perto eles estavam desta tão longamente acariciada esperança. Olhando para trás para aquilo que podia ter acontecido depois desta oportunidade ter sido perdida como todas as outras antes dela, o Senhor falou através do Seu mensageiro, dizendo:

“Se todos os que trabalharam unidos na obra em 1844 tivessem recebido a mensagem do terceiro anjo, proclamando-a no poder do Espírito Santo, o Senhor teria poderosamente operado por seus esforços. Caudais de luz ter-se-iam derramado sobre o mundo. *Haveria anos* que os habitantes da Terra *teriam sido avisados*, a obra final estaria consumada, e Cristo teria vindo para a redenção de Seu povo.

“Não foi a vontade de Deus que os filhos de Israel vagueassem durante quarenta anos no deserto: Desejava Ele levá-los directamente à Terra de Canaã e ali os estabelecer como um povo santo, feliz. Mas ‘não puderam entrar por causa da sua incredulidade’. (*Hebreus 3:19*). Por reincidência e apostasia pereceram os impenitentes no deserto, e levantaram-se outros para entrarem na Terra Prometida. Semelhantemente não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse tão demorada, e que Seu povo permanecesse tantos anos neste mundo de pecado e tristeza. A incredulidade, porém, os separou de Deus. Como se recusassem a fazer a obra que lhes havia designado, outros se levantaram para proclamar a mensagem. Usando de misericórdia para com o mundo, Jesus retarda a Sua vinda, para que pecadores possam ter oportunidade de ouvir a advertência, e encontrar n’Ele refúgio antes que a ira de Deus seja derramada.” *O Grande Conflito* 457, 458.

O testemunho apareceu finalmente no início de 1886. Dez anos mais tarde, outro aviso igual apareceu no *Review and Herald*, 6 de Outubro de 1896.

“Se aqueles que proclamaram ter uma viva experiência nas coisas de Deus tivessem feito o seu trabalho apontado como o Senhor ordenou, o mundo inteiro haveria sido antes advertido, e o Senhor Jesus teria vindo à Terra em poder e grande glória.”

Dois anos mais tarde, o mesmo testemunho apareceu em *O Desejado de Todas as Nações*, 609.

Assim outro dia de oportunidade, o quinto passou para a história sem que se tivessem apropriado dele. A razão para este fracasso foi exactamente a mesma de todos os fracassos anteriores. “... se recusassem a fazer a obra que *lhes havia designado.*” *O Grande Conflito*, 458.

Eles não se recusaram a trabalhar. Pelo contrário, os adventistas têm sido sempre um povo muito trabalhador, mas como todos os movimentos que existiram antes, em vez de fazerem a obra específica que Deus lhes apontou, tomaram as Suas ordens gerais e procuraram levá-las a cabo fazendo as suas próprias orientações específicas. Esta é a fórmula certa para a separação de Deus e apostasia da verdade. É o modo de construir a própria obra que Deus ordenou que o Seu povo destruísse. É nada menos que juntar forças com o anticristo. Uma vez que os adventistas puseram de lado os planos do Arquitecto Mestre, estavam condenados a falhar como todos os outros antes deles.

Antes das coisas irem demasiado longe, o Senhor foi capazes dar outro dia de oportunidade para o povo adventista. Em 1888, chamou a Minneapolis, Minesota, dois mensageiros dedicados, os pastores Waggoner e Jones, através dos quais Ele apresentou a mensagem do terceiro anjo em verdade, a mensagem divinamente designada para terminar rapidamente a obra.

“Em Minneapolis Deus deu preciosas gemas de verdade ao Seu povo em novas séries. Esta luz do Céu foi rejeitada por alguns com toda a teimosia dos judeus manifestada na rejeição de Cristo, e havia muito que falar em ficar firme pelos antigos marcos. Mas houve evidência que eles não conheciam o que eram os marcos antigos. Houve evidência e havia argumentação na palavra que se recomendava a si mesma à consciência; mas as mentes dos homens estavam decididas, seladas contra a entrada da luz, porque eles tinham determinado que era um perigoso erro remover-se dos ‘antigos marcos’ quando não era mover-se um grau dos antigos marcos, todavia eles tinham ideias perversas acerca do que constituíam os antigos marcos.” *Counsels to Writers and Editors*, 30.

Qual era o problema básico em 1888? Porque agiu aquele povo bem-intencionado, dedicado, e trabalhador que professava grande amor por Deus e que tinha feito tão grandes sacrifícios para defender aquilo que acreditavam ser a obra do Senhor, em directa contradição com a vontade de Deus quando esta estava tão clara e audivelmente expressa através do profeta e mensageiros? Seguramente não havia desculpa para tal comportamento!

A questão básica em Minneapolis foi acerca de quem seria a verdadeira cabeça da igreja. Durante décadas, o povo adventista tinha recusado responder às advertências que estava deslizando para a condição de laodiceia, tinha construído um extenso programa nas suas próprias obras. Eles estavam a trabalhar segundo o método de Abraão e Sara quando, nos seus esforços para cumprir a promessa de Deus a seu respeito, produziram o filho Ismael. Precisamente como Deus veio a Abraão e o advertiu que o Seu concerto nunca seria com Ismael, assim, em 1888, a mensagem informou os adventistas que deviam sacrificar as suas próprias obras e voltarem-se para Deus em vez disso. Isto requeria grande fé, e na sua incredulidade, trataram com desprezo o amoroso apelo de Deus e rejeitaram a mensagem.

Assim pela sexta vez, o povo de Deus falhou na promessa de uma obra finalizada. *Mesmo assim*, alguns *entrarão*. De acordo com isso, Deus prometeu que a mensagem viria outra vez e que ainda seria estabelecido outro dia de oportunidade.

No cumprimento desta certeza, o quarto anjo, que primeiramente apareceu em 1888, veio outra vez. Começando no princípio da década de 1950, as mensagens dadas através de Waggoner e Jones foram recebidas. O Senhor está a proporcionar uma maravilhosa restauração das condições em que a obra pode ser finalizada. O povo de Deus está livre dos opressores

governadores políticos, a verdade brilha mais do que nunca, o mundo está maduro para a destruição, e o Ser Eterno está preparado para levar o Seu povo à vitória final. Este é o sétimo dia de oportunidade.

Nós cremos que não haverá mais porque desta vez os santos entrarão no repouso de uma obra finalizada. Eles começaram bem, e não falharão na promessa. Toda a profecia na Palavra de Deus proclama que o fim está muito próximo e não haverá tempo para outro fracasso, que requereria a provisão de outra oportunidade. Também, sete é o símbolo da perfeição, o sinal de uma obra acabada.

Todo o que aspira à participação da obra final pela qual o pecado será acabado para sempre e a justiça eterna introduzida, deve compreender o tempo da sua visita. Eles devem reconhecer o significado do facto que este é o sétimo e último dia de oportunidade para entrar no Seu repouso. Eles devem ver que são um povo privilegiado por viver neste tempo importante, e que têm a responsabilidade muito solene de não falhar em finalizar a obra como fizeram os que viveram no passado, a quem foi oferecida a mesma consumação dos propósitos de Deus de amor e graça.

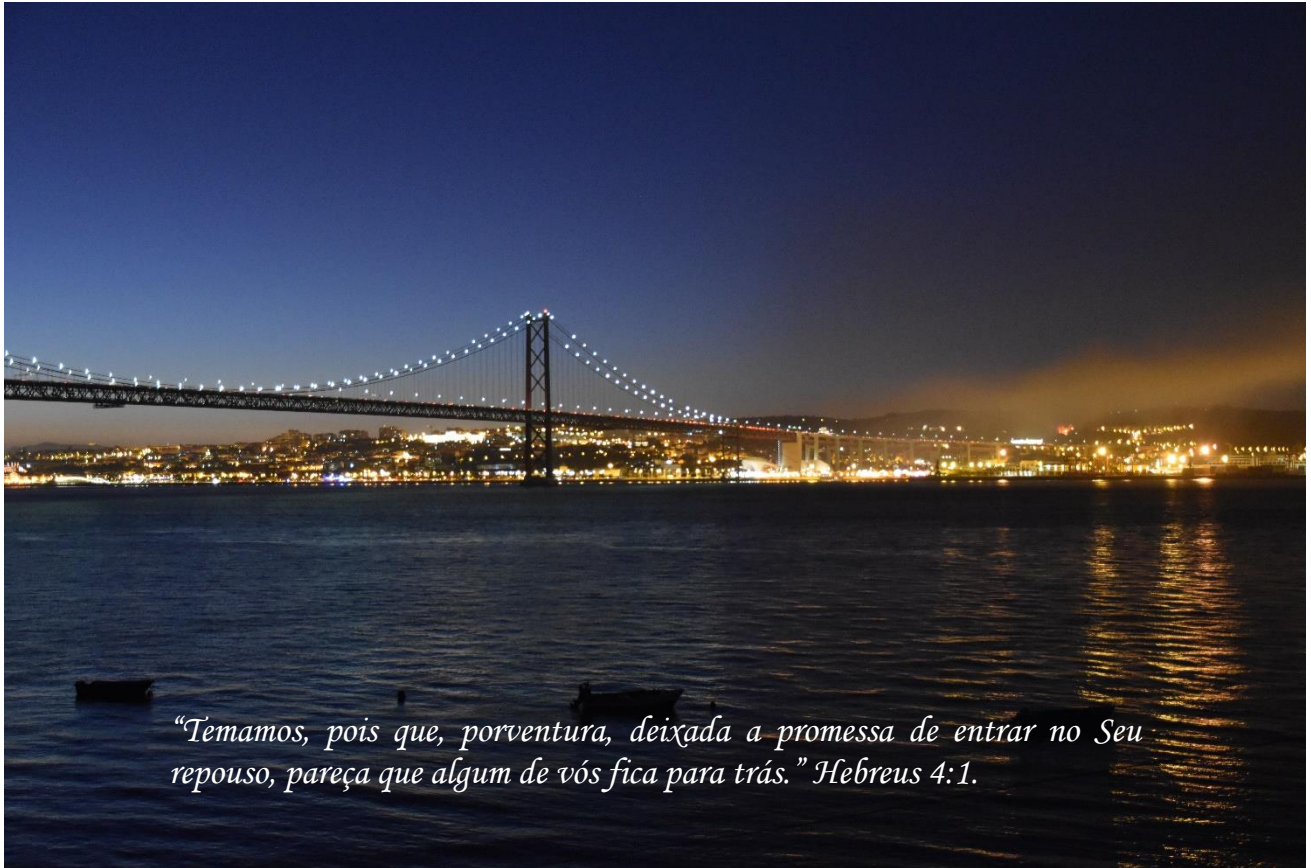
É essencial que eles compreendam a simples verdade que cada movimento no passado falhou por causa dos seus membros permitirem que Satanás os desviasse de seguir a sua Divina Cabeça em todas as coisas. O inimigo foi capaz de os induzir a tentarem construir o reino de Deus através dos planos e procedimentos humanos. Por conseguinte, enquanto pensavam que estavam a prestar aceitável serviço a Deus, estavam na realidade a construir o anticristo. Isto não deve ser permitido entre o último exército do Senhor.

No conflito final que em breve será travado entre as forças da luz e das trevas, Satanás usará de novo todas as táticas que empregou tão vitoriosamente no passado, pelas quais tem impedido até agora o povo de Deus de entrar no repouso de uma obra acabada. Ele habilmente separará cada crente do conforto e apoio que é encontrado na comunhão com os que têm fé semelhante, e rodeia-o com poderosas evidências que a obra de Deus falhou. Ele fará parecer que Deus Se separou do Seu povo em total abdicação do Seu papel como Solucionador de problemas, deixando-os sem opção senão assumir esta posição ele mesmo. Tremenda pressão será assim exercida sobre todos os que pertencem ao povo de Deus para tomarem as coisas nas suas próprias mãos.

Somente aqueles que estão firmemente estabelecidos nos princípios do repouso do sábado nessa altura, serão capazes de resistir aos poderosos enganos do inimigo. Eles serão bem sucedidos onde tantos dos seus pais espirituais falharam porque, através da revelação da Escritura, eles são capazes de reconhecer exactamente o que Satanás está a fazer. Eles recordarão como o próprio Satanás foi expulso do Céu por causa da sua determinação de ser o seu próprio solucionador de problemas, e como, no Éden, a miséria do pecado foi alargada a esta Terra por causa do arqu-enganador ter sido capaz de persuadir Eva que Deus tinha criado um problema que não tinha intenção de solucionar por ela, assim deixando-a sem alternativa senão ser ela mesma a resolvê-lo.

Eles lembrarão que Adão se juntou à sua mulher em rebelião por causa de não estar preparado para entregar o problema ao seu Criador. Não esquecerão como na Torre de Babel, os homens procuraram encontrar por si mesmos a salvação, e como Abraão e Sara, pressionados pela avançada idade e nenhum esforço aparente da parte de Deus para cumprir a Sua palavra, procuraram executar as promessas por Ele.

Eles serão fortalecidos à medida que meditam na perfeição e sucesso dos planos de Jeová quando levou os israelitas do Egito através do Mar Vermelho, e através do grande e terrível deserto até Cades-Barneia. Enquanto recordam o desastre resultante dos israelitas fazerem as suas próprias ordens específicas quando enviaram os doze a espiar a Terra, o seu propósito será endurecido. Eles sabem que não podem cometer esse erro.



Quando pensam nos retrocessos de Josué, compreenderão que eles, também, estão no perigo de fazer seguir a grande vitória com miserável derrota. Eles verão outra vez quão perto Elias chegou da vitória final, e lêem nesta situação um tipo de si mesmos. A sua história e o seu triste resultado levá-los-á à correcta posição.

Na total recusa de Daniel e dos seus três companheiros em não deixar outro senão Deus ser o seu Solucionador de problemas, e nas ininterruptas vitórias que estiveram presentes nos seus procedimentos, verão a profecia e a sua total vitória sobre Babilónia a Grande, e o guia de como isso pode ser realizado.

O glorioso exemplo do seu Salvador que firmemente manteve uma correcta relação com o Seu Pai celestial não importava quão longe Deus parecesse estar, nem quão grande a pressão que Satanás foi capaz de produzir para Ele suportar, será o guia mais seguro nessa probante hora. Eles lembrarão como Cristo trilhou o mesmo caminho antes deles, e como Ele obteve a vitória através da contínua submissão à vontade de Seu Pai. Eles serão incapazes de apontar um único exemplo em que Cristo tomou o papel de Planeador para Si mesmo. Saberão que aquilo que Ele fez, eles deverão fazer, pois os cento e quarenta e quatro mil “seguirão o Cordeiro para onde quer que Ele vá”. *Apocalipse 14:4.*

A tragédia dos judeus convencê-los-á daquilo que acontece à pessoa ou à nação que insiste em que Deus acrescente o Seu poder aos planos deles, enquanto a concessão de Paulo aos dirigentes em Jerusalém e as más consequências que se seguiram, os fortalecerá na sua decisão de aceitar apenas as soluções do seu Pai celestial para qualquer problema.

Eles compreenderão a verdadeira natureza dos conflitos a serem travados na luta final em que eles estão pessoalmente envolvidos. Eles verão que Satanás está impulsionando o mundo no sentido de uma desesperada situação, em resposta ao que os homens se unirão num frenético esforço a fim de encontrar soluções para o problema. Todos se sentirão impelidos a unir-se nestes esquemas para assegurar o seu sucesso, mas os verdadeiros filhos de Deus verificarão ser impossível apoiar um programa que sabem apenas pode levar o mundo à ruína final.

Portanto, no grandioso poder do Espírito Santo, Eles protestarão contra este curso de acção. Tão poderosamente eles apresentarão os argumentos defendendo os princípios da entrada no repouso do sábado de Deus, que tremendas incursões serão feitas na causa de Satanás. Multidões juntar-se-ão ao povo de Deus, inclusivamente chefes e ministros influentes.

Todavia o inimigo não desistirá de lutar. Quando as coisas estiverem a ir para pior, Satanás lutará mais arduamente. Tendo recebido o total apoio das autoridades civis, as igrejas sob o seu comando pessoal imporão o decreto de comprar e vender, e por fim o decreto de morte. Sob a crescente pressão, a maioria daqueles que tinham tomado posição pela verdade cederão a esse poder que existirá, e uma maciça sacudidura diminuirá as fileiras dos que estão do lado do Senhor.

Os que permanecem firmes aumentarão a sua determinação de ver a luta terminada. Será uma experiência agonizante, pois parecerá que eles foram abandonados por Deus e pelo homem. Toda a circunstância apoiará a afirmação de Satanás que devem recorrer às suas próprias invenções para se ajudarem a si mesmos, pois ninguém mais o fará, muito menos Deus. Terão que se agarrar firmemente às suas convicções não importa o que aconteça, mesmo que isto tenha provado ter sido demasiado para o povo de Deus no passado. Eles devem fazer o que nenhuma outra igreja na história já realizou.

Eles fá-lo-ão, desse modo tornando possível a Cristo alcançar através da humanidade mortal, pecaminosa, uma vitória tão maravilhosa e completa que só o triunfo obtido no Calvário pode igualar.

Para atingir este objectivo final, a igreja terá que ser trazida a um elevado estado de preparação — uma condição alcançada apenas através de diligente e cuidadoso exercício. Quando o dia da batalha por fim chegar, será então demasiado tarde, para aprender os princípios correctos e a apropriada aplicação deles. Esse conhecimento e o proficiente uso dele, deve ser obtido e edificado no sistema humano agora.

A experiência diária de cada pessoa deve mostrar até que ponto a obra chegou. Obviamente, se não tivermos aprendido a confiar em Deus como nosso Solucionador de problemas agora, quando as provas e tribulações forem trazidas à luz, não haverá esperança de o fazer então. Seria prudente, portanto, se todo o crente reconhecesse que as provas de hoje são as oportunidades de treinar para o futuro.



## Cristo Mostra O Caminho

**E**m Cristo, o crente tem um guia perfeito para cada passo, todo o princípio de operação. É a referência para todas as decisões que o cristão deve tomar e no seu contínuo papel como instrumento de Deus para a manifestação da justiça e verdade. Portanto está escrito:

“Se olharem para Ele [Cristo] como Ele olhava para o Pai, serão habilitados a fazer a Sua obra.” *Actos dos Apóstolos*, 586.

Aqueles então, que se dedicam à demonstração do carácter santo de Deus, e ao triunfo da causa divina sobre a satânica, devem, ser vitoriosos no seu propósito, têm um claro, exacto, profundo, e sempre crescente conhecimento do modo como Cristo se relaciona com Seu Pai. Tão rapidamente quanto estes princípios são compreendidos, devem tornar-se a prática estabelecida na vida. Tão seguramente como este curso é seguido, a alma será salvaguardada da ruína que tem caído sobre tantas pessoas e movimentos no passado, e ser-lhes-á garantido em vez disso, o sucesso que trará a desejada finalização da tão longa luta entre Cristo e Satanás.

A verdadeira realização da obra de Deus não é medida pelos números, poder financeiro, e penetração global da igreja, nem pode ser concluído que a Sua causa está avançando simplesmente por causa de uma missão dada ao movimento no seu início. O povo que verdadeiramente realiza a obra do Senhor será abençoado vendo a sua rápida conclusão. Nenhum grupo ainda foi o instrumento através do qual isto foi conseguido. Enquanto movimentos anteriores nos seus primeiros tempos antes de se desviarem da divina vontade, estabeleceram sólidos fundamentos e fizeram valiosas contribuições para a finalização da obra, todos foram abandonados sem verem a sua tarefa concluída. Portanto, os membros obviamente não continuaram a olhar para Cristo como Ele olhava para o Seu Pai. Por esta razão, eles falharam em atingir o alvo e deixaram outro povo fazer o que eles podiam ter feito.

O inqualificável sucesso alcançado por Cristo na realização da Sua missão vital foi devido a olhar para o Pai duma certa, específica maneira da qual Ele nunca se desviou. Ele foi fiel até ao fim aos mesmos princípios com os quais começou a Sua obra. Portanto, Ele podia dizer com confiança, “Eu glorifiquei-Te na Terra, tendo consumado a obra que Me deste a fazer”. *João 17:4*.

Cristo sabia exactamente como relacionar-Se com o Seu Pai, e, não importava qual a pressão que era produzida para Ele suportar, recusou-se a operar por quaisquer outros princípios. Satanás, também compreendendo os termos sob os quais Cristo tinha o sucesso garantido, era incansável nos seus esforços para desviar Cristo dos perfeitos caminhos de Deus. Se ele tivesse obtido sucesso mesmo no mais pequeno grau, o plano da salvação teria sido arruinado.

Era quando Cristo e Satanás se encontravam em confronto directo que a forma como Ele Se relacionava com o Seu Pai era realçada mais claramente. Uma dessa ocasiões foi quando o ataque feito por Satanás sobre Cristo no final dos Seus quarenta dias de jejum e oração. Este incidente seguiu-se imediatamente ao baptismo no Jordão.

“Então veio Jesus da Galileia ter com João, junto do Jordão, para ser baptizado por ele.

“Mas João opunha-se-Lhe, dizendo: Eu careço de ser baptizado por Ti, e vens Tu a mim?”

“Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu.

“E, sendo Jesus baptizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os Céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre Ele.

“E eis que uma voz dos Céus dizia: Este é o Meu Filho amado, em Quem Me comprazo.” *Mateus* 3:13-17.

Quando Deus proferiu aquelas maravilhosas palavras, “Este é o Meu Filho amado”, estava anunciando uma relação e afirmando o Seu reconhecimento das responsabilidades que eram consequentemente Suas. Ele era o Pai; Cristo era o Filho. Nestes respectivos papéis, cada um tinha a Sua parte a desempenhar. O Pai devia prover os planos para serem executados, assim como a orientação no cumprimento deles, protecção dos desígnios de Satanás, e todo o poder material, físico, mental, e espiritual e equipamento necessário para alcançar os resultados propostos.

O Filho, por Seu lado, não importava quanto pudesse parecer que o eterno Pai não estava a desempenhar as Suas responsabilidades, não devia assumir qualquer delas para Se salvar a Si mesmo ou a obra. Era imperativo que Ele permanecesse no Seu próprio lugar actuando no papel de um servo totalmente dedicado, o instrumento obediente do Altíssimo.

Era uma questão simples para Cristo aceitar estes termos no Jordão. Ele estava ajoelhado perante a radiante luz e poder descendo do céu, a voz do Seu Pai estava soando audivelmente aos Seus ouvidos, o tentador não estava a assolá-l’O, e nenhuma ameaça estava a ser levada contra Si ou contra a obra do Senhor. A inspiração desse glorioso momento apenas podia inspirar uma pura confiança que Ele estava a salvo nos braços de um competente Pai, sob a perfeita direcção de quem nada podia correr mal.

Os crentes frequentemente desfrutam da mesma experiência. Reunidos numa conferência ou num serviço de sábado, eles ouvem um pregador cheio de fé lendo as calorosas promessas de Deus para eles. As palavras são tão directas, tão simples, tão compreensíveis, e tão poderosas, que eles são atraídos pela inspiração do momento. A confiança em Deus é despertada, as promessas são agarradas, e o ouvinte responde aceitando a relação oferecida. Ele agora repousa na poderosa certeza que o Senhor fará tudo o que prometeu.

Tal foi o caso de muitos, que pela primeira vez, ouviram as arrebatadoras palavras ditas por Deus, “Eu sou o Senhor teu Médico;” “... Que te sara todas as tuas enfermidades”. *Êxodo* 15:26 tradução da Bíblia alemã. *Salmo* 103:4.

Por estas palavras, Deus, contra as afirmações de todos os outros, anuncia o Seu legítimo lugar na relação com o crente a respeito das suas necessidades de saúde e problemas. Deus é o Médico; os Seus filhos são os pacientes. Pela aceitação do Poderoso Médico neste papel, o crente reconhece toda a extensão das Suas responsabilidades, e compromete-se a nunca assumir a parte de Deus, não importa quão desesperadas as coisas pareçam ser.

Não é difícil entrar neste concerto quando alguém está numa reunião inspiradora, livre das pressões satânicas, e gozando de boa saúde. A confiança na capacidade de Deus e disposição para cumprir a Sua palavra é abundante, e o crente deixa o encontro certo que está seguro no cuidado do seu Médico.

Mas outra coisa é manter essa relação quando Satanás está usando todos os enganos e exercendo toda a pressão sob o seu comando, para quebrá-la. Nessas alturas Deus parece estar muito longe, e aparentemente indiferente, descuidado, e desinteressado de assumir as Suas responsabilidades. É então que a terrível tentação de fazer algo para a pessoa se salvar a si mesma pressiona com força quase irresistível sobre a alma. É a pressão à qual, numa altura ou noutra, praticamente todo o ser humano, excepto Cristo, cedeu. Contudo, é a vitória que todos os que forem salvos têm que obter.

Esta foi a experiência através da qual Cristo passou no monte da tentação. Quando, nas margens do Jordão, a luz celestial desaparecia da Sua figura ajoelhada e a voz de Deus não mais podia ser ouvida, Ele levantou-Se, e, sob a pessoal orientação do Espírito Santo, partiu para o deserto onde, pelo jejum e oração, devia fortalecer-se para o vindouro conflito com Satanás.

“Então foi conduzido Jesus pelo Espírito Santo ao deserto, para ser tentado pelo diabo.

“E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome;

“E, chegando-se a Ele o tentador, disse: Se Tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães.

“Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.” *Mateus* 4:1-4.

“Quando Jesus chegou ao deserto, estava rodeado da glória do Pai. Absorto em comunhão com Deus, foi erguido acima da fraqueza humana. Mas a glória afastou-se, e Ele foi deixado a lutar com a tentação. Ela O apertava a todo instante. Sua natureza humana recuava do conflito que O aguardava. Durante quarenta dias, jejuou e orou. Fraco e emagrecido pela fome, macilento e extenuado pela angústia mental, ‘o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens’. *Isaías* 52:14. Era então a oportunidade de Satanás. Julgou poder agora vencer a Cristo.” *O Desejado de Todas as Nações*, 103.

Por quanto tempo a glória de Deus o envolveu depois de deixar o Jordão? Foi somente até Ele entrar realmente no deserto.

“Assim que Cristo entrou no deserto da tentação, o Seu aspecto mudou. A glória e esplendor reflectido do trono de Deus que iluminava o Seu semblante quando os céus se abriram perante Ele, e a voz do Pai O reconheceu como Seu Filho em Quem Ele Se compraz, tinha agora desaparecido.” *The Review and Herald*, 4 de Agosto de 1874.

Satanás que estava observando com demoníaco interesse cada passo que Cristo dava não tomou a iniciativa de assolar o Salvador até que a glória de Deus O deixasse e o longo jejum começasse. Então ele montou o seu subtil ataque.

“Logo que o longo jejum no deserto começou, Satanás estava a postos com as suas tentações.” *Idem*.

Durante este tempo de terrível sofrimento e angústia mental, Cristo procurou refúgio na oração, mas, não importava quão diligente e persistentemente Ele dirigisse as Suas petições ao Seu Pai, nenhuma resposta era dada. Todo o testemunho da vista e circunstâncias declaravam que o Seu Pai O havia esquecido e abandonado ao poder do diabo e à morte. “Ele foi deixado a lutar com a tentação. Ela O apertava a cada momento.” *O Desejado de Todas as Nações*, 103.

Esta foi uma terrível experiência para Cristo. Sob todas as aparências, o Seu Pai, contra a promessa implícita na Sua declaração junto ao Jordão que Cristo era o Seu Filho amado, não estava actuando como um pai em relação a Ele. É o dever e desejo de um pai alimentar o seu Filho e protegê-lo dos seus inimigos, mas Deus aparentemente não estava a fazer qualquer destas coisas. Ele tinha levado Jesus ao deserto onde nada havia para comer e onde Ele sabia que Satanás atacaria o Salvador, contudo Ele não forneceu comida e deixou Cristo a travar uma batalha sem evidência visível que estava com Ele.

Se um pai terrestre tratasse o seu filho desta forma, seria considerado pela sociedade como sendo inapto para tomar conta do filho, e este ser-lhe-ia tirado por ordem do tribunal.

Porém, apesar das aparências o declararem, Deus não estava a actuar como um pai em relação a Jesus. As exigências do grande conflito, não os Seus instintos paternais, determinavam que Deus procedesse desse modo. Cristo tinha feito um concerto solene com o Altíssimo que ganharia a vitória que tanto Satanás como Adão tinham falhado em alcançar, demonstrando que, independentemente da pressão para fazer outra coisa, o homem deve viver pela Palavra de Deus somente. Tivesse Jeová rodeado Cristo com a Sua visível Presença e provido todo o material que Ele necessitava, Satanás não teria sido capaz de ter produzido toda a pressão da tentação para que Ele suportasse, e desse modo Ele teria sido impedido de obter a imprescindível vitória necessária para assegurar que o diabo está por fim derrotado.

Por outro lado, Satanás estava determinado a que Cristo seguisse os seus passos. Se ele pudesse levar o Salvador a fazer isto, adquiriria o mais convincente argumento possível para justificar o seu próprio curso de acção errado. Para triunfar, ele tinha que destruir a relação entre Cristo e o Seu Pai levando o último a perder fé no Seu divino Pai e a assumir responsabilidades que unicamente pertenciam a Deus.

“As palavras do céu: ‘Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo’ Mateus 3:17, soavam ainda aos ouvidos de Satanás. Mas ele estava decidido a fazer Cristo descreer desse testemunho. A Palavra de Deus era a segurança de Cristo quando à divindade de Sua missão. Viera viver como homem entre os homens, e era a palavra que declarava Sua ligação com o Céu. Era o desígnio de Satanás fazê-lo duvidar dessa palavra. Se a confiança de Cristo em Deus fosse abalada, Satanás sabia que lhe caberia a vitória no conflito. Poderia derrotar Jesus. Esperava que, sob o império do acabrunhamento e de extrema fome, Cristo perdesse a fé em Seu Pai, e operasse um milagre em Seu benefício. Houvesse Ele feito isso, e ter-se-ia frustrado o plano da salvação.” *Idem*, 104, 105.

Satanás sabia exactamente o que fazer para ganhar a vitória sobre Jesus, e estabeleceu o processo com toda a determinação e subtileza ao seu dispor. Mais de quatro mil anos de intensa preparação para este conflito tinha-o tornado num formidável inimigo cujos sucessos com todos os outros seres humanos com os quais tinha batalhado, lhe deu a confiança que poderia também vencer o Filho de Deus.

Cristo também sabia exactamente o que fazer para resistir aos ataques enganadores de Satanás e manter a causa de Deus. Ele compreendeu que em nenhuma circunstância devia fazer qualquer movimento a não ser por ordem de Seu Pai. Foi por essa palavra que Ele foi capaz de viver e agir. Nada mais devia influenciar as Suas decisões. Não importava quão grande fosse a pressão ou o custo, Ele devia deixar a responsabilidade de suprir alimento e abrigo, guia e protecção, com o Seu Pai. Nem no mais pequeno grau devia Ele levar a cabo qualquer destas obras por Si mesmo. A obra do Pai devia ser deixada para o Pai.

Estivesse Cristo indeciso quanto ao assunto em debate, dos objectivos específicos de Satanás, e dos requisitos de Seu Pai, e ter-lhe-ia sido impossível sair vitoriosamente do conflito. Assim, também, os cristãos falharão se forem ignorantes acerca destas coisas.

A luta entre Cristo e Satanás no monte da tentação deve ser estudada profundamente por todo o verdadeiro filho de Deus, porque ali está revelada a verdadeira natureza da questão envolvida. Somente aqueles que gastam tempo e energia na aquisição de um profundo conhecimento do que aconteceu, estarão equipados para resistir ao seu astuto inimigo quando ele vier contra si exactamente como veio contra Cristo. Mais do que fazem, precisam compreender que “da forma como Satanás tentou Cristo, deverá tentar hoje cada alma”. *The Review and Herald*, 3 de Maio de 1906.

O que Satanás procurou levar Cristo a fazer, tentará para induzir os Seus seguidores a fazerem. Os pontos em questão não mudaram. Como Jesus era o Filho de Deus, assim os Seus seguidores são Seus filhos que deverão ligar-se com Ele como Ele se ligou com o Seu Pai. Quando Satanás ouviu a declaração que Cristo era o Seu Filho amado, determinou fazer com que Cristo descrese deste testemunho e operasse um milagre, ou fizesse qualquer coisa para Se salvar a Si mesmo.

Quando o mesmo inimigo maligno vê Deus e o homem entrarem em relação de concerto, decide que roubará ao cristão a sua fé no seu poderoso Salvador, e assim levá-lo a dar passos para se salvar a si mesmo. Como Cristo recusou

completamente esquecer-Se de quem era (um filho), e a tomar qualquer das responsabilidades pertencentes ao Pai, assim também o cristão deve lembrar-se de quem é e manter o seu lugar, mesmo que isso lhe custe a sua vida.

“Cristo tratou com o tentador da mesma *forma* como os Seus seguidores deverão tratar com ele em todas as eras.” *Idem*, 24 de Abril de 1894.

Àqueles que enfrentam Satanás como Jesus fez, é assegurada a mesma decisiva vitória que o seu divino Guia e Exemplo obteve. Por outro lado, àqueles que não o fazem, é garantida a derrota.

Na terrível luta com o Salvador, Satanás procurou tirar a maior vantagem das circunstâncias existentes. Apesar de conter o seu assalto final até que os quarenta dias tivessem passado e Cristo estivesse reduzido ao Seu nível físico mais baixo, tentou vencer o Salvador desde o momento em que Ele entrou no deserto onde a glória de Deus O deixou e Ele foi deixado a lutar com a tentação.

“Logo que o longo jejum de Cristo começou no deserto, Satanás estava a postos com as suas tentações.” *Idem*, 4 de Agosto de 1874.

À medida que dia após dia passava, Cristo, privado de alimento, estava a aproximar-se cada vez mais da morte quando era vitalmente importante que Ele continuasse a viver. Pela segura palavra de profecia Ele sabia que o Seu tempo para morrer ainda não tinha chegado, mas era claro que, a menos que algo fosse feito para alimentar o Seu macilento corpo, Ele nunca podia sobreviver para cumprir a Sua missão. Portanto, por causa da obra, por causa do Seu Pai, e para salvação dos milhões de sofredores, *Ele devia viver*.

Mesmo quando nada mais há do que auto-preservação, o desejo de viver é um dos mais poderosos que a humanidade conhece, mas Cristo era impulsionado por motivos muitos mais fortes do que esse. Nós, que nunca conhecemos a carga que Jesus levava, não podemos começar a compreender o quanto Ele sentiu a necessidade de viver nessa altura. Mais tarde, no Calvário, Ele morreria voluntariamente porque tinha chegado o momento do supremo sacrifício, mas foi uma coisa muito diferente no deserto.

À medida que a Sua condição diária no deserto se tornava mais desesperada, Cristo não recebeu indicação que o Pai estava consciente da Sua situação ou pretendia fazer qualquer coisa acerca dela. A normal resposta humana a isto é afastamento de Deus como Solucionador de problemas e a pessoa toma a obra sobre si mesma. Há quase sempre uma ou mais atraentes alternativas às quais a pessoa pode recorrer. No caso de Cristo, voltar para trás à casa de Sua mãe, teria sido uma questão muito simples antes de Se tornar fraco demais. Ele sabia que receberia calorosas boas vindas e alimento ali. Era uma solução muito simples. Mais tarde, Satanás, no disfarce de um anjo enviado do Céu, propôs outra igualmente simples, mas com resposta mais imediata para o problema — o uso do divino poder de Cristo para transformar pedras em pão.

Foi a mesma tentação que de forma mais suave, venceu Abraão e Sara. Tal como Cristo, eles tinham sido comissionados para fazer uma obra para Deus — no seu caso, gerar o filho prometido. Porém ano após ano passou sem que aparecesse o filho. Deus parecia ter esquecido a promessa que parecia cada vez mais impossível de alcançar com o passar dos anos. Eles ficaram crescentemente ansiosos e por fim concluíram que, considerando que Deus aparentemente nada fazia acerca disso, precisavam cumprir a promessa da melhor maneira por Ele. Não podiam ter cometido um erro pior. No fim, nenhum benefício foi alcançado para a obra de Deus aparte de uma lição para o resto da humanidade.

Todavia Jesus ganhou a vitória onde eles e os outros falharam. A Sua responsabilidade como um submisso, Filho obediente, devia ir até onde o Seu Pai O enviou, e esperar ali, satisfeito com qualquer que fosse o suprimento enviado pelo Altíssimo, até ser mandado mais além. Mesmo se, como todas as aparências indicavam, Deus tivesse decidido não mais cumprir as Suas obrigações, Cristo continuaria a não sair da posição de Filho que Lhe fora atribuída. Ele preferia morrer de morte eterna do que fazer isso. Para Ele, manter a relação de Pai e Filho era o mais importante princípio a ser mantido.

Evidentemente, se Ele tivesse morrido no deserto, *tudo estaria perdido*. O conhecimento disto colocou sobre Ele uma tremenda pressão para viver. Mas se tivesse sucumbido à tentação de fazer qualquer coisa para preservar a Sua vida, o plano da salvação também teria falhado. A única forma de ter sucesso era Cristo esperar com infinita paciência até que o Pai suprisse as Suas necessidades. Do mesmo modo, o único caminho pelo qual Abraão e Sara podiam ter recebido o filho da promessa era esperar até que Deus desse o filho da maneira apropriada.

Contudo, isto não aconteceu sem uma tremenda luta, o Salvador repeliu Satanás de harmonia com estes princípios, dizendo, “Está escrito, Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus”. *Mateus 4:4*.

Ele estava a dizer que Deus era o Seu Solucionador de problemas, Planeador, e Portador de fardos que forma os planos pelos quais Ele executa a Sua obra. O homem, como dependente receptor, não contesta os métodos e sabedoria de Deus, mas actua apenas como lhe é indicado. Não importa qual a perda ou sofrimento que isto possa envolver, porque ele deve compreender que a vitória não pode ser ganha sem sofrimento e sacrifício. É uma questão de olhar para Cristo como Ele olhou para o Seu Pai. De nenhuma outra maneira pode a obra de Deus ser feita.

“Quando Cristo disse ao tentador: ‘Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus,’ repetiu as palavras que, mais de mil e quatrocentos anos atrás, Ele dissera a Israel: ‘O Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos,(...) e te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecestes, nem teus pais o conheceram: para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem.’ (Deuterónimo 8:2, 3). No deserto, quando falharam todos os meios de subsistência, Deus enviou a Seu

povo maná do Céu; e foi-lhe dada suficiente e constante provisão. Essa providência visava ensinar-lhes que, enquanto confiassem em Deus, e andassem em Seus caminhos, Ele os não abandonaria. O Salvador pôs agora em prática a lição que dera a Israel. Pela Palavra de Deus, fora prestado socorro às hostes hebraicas, e pela palavra seria ele concedido a Jesus. Ele aguardava o tempo designado por Deus, para O socorrer. Achava-Se no deserto em obediência a Deus, e não obteria alimento por seguir as sugestões de Satanás. Em presença do expectante Universo, testificou Ele ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.” *O Desejado de Todas as Nações*, 106, 107.

Quando Deus permitiu que Israel sofresse fome, sentiram que Ele estava a ser muito infiel para com eles. Estivessem eles preparados para compreender que Deus tinha um maravilhoso propósito educacional nisto, teriam suportado a prova com fortaleza de espírito e mesmo com gratidão. Para eles, como para a maioria da humanidade, o mais importante era viver no conforto, na saúde, e prosperidade. Falharam em aprender que aquilo que era de muito maior consequência era reconhecer o seu correcto e designado lugar como filhos, não pais, sem importar qual pudesse ser o resultante sofrimento e perda.

Não há dúvida acerca da doença, perda, e morte como sendo as maiores calamidades em si mesmas, mas elas são de menor desgraça quando comparadas à maior calamidade do afastamento, em qualquer grau, da vontade de Deus. Na presença do expectante universo, Jesus, pelo exemplo de uma inabalável fé, testificou esta verdade. Os Seus filhos são convidados a dar o mesmo testemunho.

Toda a evidência visível que tão enfaticamente indicava que Seu Pai O havia abandonado, deixou Cristo inabalável porque Ele *conhecia* o Seu Pai e portanto, não podia ser persuadido que o Altíssimo O tivesse de facto abandonado. Ele repousou na certeza que Jeová estava executando os poderosos conselhos da Sua divina vontade, que havia um objectivo importante a atingir, e que o Senhor não deixaria que Ele fosse tentado mais do que aquilo que podia suportar, ou mais do que o necessário.

“O nosso Salvador mostrou perfeita confiança no Seu Pai Celestial, que Ele não Lhe permitiria ser tentado acima da força que Lhe tinha sido dada para suportar, e que sairia vencedor se pacientemente Ele resistisse na prova a que estava sujeito. Cristo não Se havia colocado, por Sua própria vontade, em perigo. Deus tinha que permitir, por algum tempo, que Satanás tivesse este poder sobre o Seu Filho. Jesus sabia que se preservasse a Sua integridade nesta extrema probante posição, um anjo de Deus seria enviado para O aliviar se não houvesse outro meio. Ele tinha tomado a humanidade, e era o Representante da raça.” *The Review and Herald*, 1 de Setembro de 1874.

Esta é a fé de Jesus, e a fé que deve ter aquele que por fim triunfará.

Embora Satanás não obtivesse vitória ou vantagem no deserto, incansavelmente perseguiu o Salvador durante o Seu restante ministério terrestre. A confrontação final teve lugar na cruz onde o diabo reuniu o combinado poder de todas as suas forças para quebrar a resistência de Cristo às suas tentações. Ele tentou todo o engano possível para se colocar entre Cristo e o Seu Pai de modo que o Salvador seria levado a tomar as coisas nas Suas próprias mãos mas falhou completamente.

“Houvesse-se podido achar um só pecado em Cristo, tivesse Ele num particular que fosse cedido a Satanás para escapar à horrível tortura, e o inimigo de Deus e do homem teria triunfado. Cristo inclinou a cabeça e expirou, mas manteve firme Sua fé em Deus, e a Sua *submissão* a Ele. ‘E ouvi uma grande voz no Céu que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do Seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite’. Apocalipse 12:10.” *Idem*, 731.

Com perfeita fidelidade Cristo viveu os princípios do repouso do sábado naquelas terríveis batalhas com o mestre do mal, e, por fazer isso, assegurou para Si mesmo vitória total em cada confrontação. Assim, Ele revelou para nós o segredo da vitória em que o crente não conhece “... Fracasso, perda, impossibilidade ou derrota”. *Idem*, 490.

A ligação com Seu Pai, que Cristo tão impecavelmente manteve enquanto esteve nesta Terra foi “Segundo o eterno propósito que [Deus] fez em Cristo Jesus nosso Senhor”. *Efésios* 3:11.

Portanto não foi uma actuação especial limitada à Sua jornada nesta Terra. Ela começou quando o mistério de Deus foi estabelecido há muito tempo nos distantes recessos da eternidade que é virtualmente sem começo, e continuará através do eterno futuro, Ele que era igual a Deus em todos os aspectos, assumiu a posição de Filho, o Recebedor, a quem o Pai transmite as riquezas da vida e poder, de modo que Ele, por Seu lado, possa conceder a todas as criaturas e mundos que constituem o universo.

Os filhos dos pais terrestres têm uma forma de crescer e põem de parte a submissão e obediência aos seus pais, mas não foi assim com Jesus. Agora que Ele voltou para as cortes celestiais, ainda mantém a mesma submissa, relação obediente com o Seu Pai que manifestou na Terra. Assim tem que ser, porque acerca d’Ele está escrito: “Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente.” *Hebreus* 13:8.

A prova que isto é assim é dada em *Apocalipse* 1:1.

“Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus Lhe deu, para mostrar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo Seu anjo as enviou, e as notificou a João Seu servo.”

Em virtude da Sua eterna pré-existência e onisciência, Cristo não tem necessidade de receber uma revelação do Seu Pai sobre Si mesmo. Ele já conhece todas as coisas. Mas por causa de ter aceite a posição de Filho, honrará essa posição para a eternidade. Ele sabe o Seu lugar e como mantê-lo. Portanto, mesmo agora, Ele recebe de Seu Pai para que possa por Sua vez dar a outros. É uma comissão eterna, a única espécie para a qual o verdadeiro crente é chamado.

Este princípio precisa ser recordado quando um crente ouve a declaração de Deus acerca da Sua verdadeira posição em relação a si. O Senhor diz “Eu sou o teu Salvador, Protector, Médico, Solucionador de problemas, Planeador, Portador de fardos, e tudo o mais necessário para a vida e felicidade”. Este anúncio é um convite ao Seu filho para reconhecer a verdadeira posição de Deus, e entrar em concerto com Ele. Uma vez que o crente o faz, contudo, espera-se que mantenha o casamento consistente e eternamente como Jesus fez. Infelizmente, quando vem o primeiro teste severo, o cristão normalmente esquece quem é e quebra o concerto.

Aqui está um exemplo específico. Uma família ouve a maravilhosa promessa de Deus ser o nosso Médico e que cura todas as nossas enfermidades. No ambiente inspirador de uma reunião espiritual, os membros acham fácil acreditar na palavra de Deus e prontamente entram em concerto com Ele — Ele o Médico, eles os pacientes.

Voltam para casa decididos que apenas o Senhor será o seu Médico no futuro. Em devido tempo, a doença ataca um ente-querido da família. Em total confiança, entregam o caso a Deus enquanto aplicam alguns remédios que Ele indica. Para sua alegria é alcançada rápida recuperação, e a fé deles confirmada.

Mais tarde, a doença volta ao mesmo ou a outro membro da família. Confiantes que rápidos resultados serão de novo alcançados, uma vez mais entregam o caso ao Grande Médico, mas desta vez nada acontece. Dia após dia, as mais sinceras súplicas sobem aos Céus, mas não vislumbram qualquer evidência que o Senhor os tenha sequer ouvido. Examinam os seus corações e afastam qualquer pecado que encontrem, para assegurar que Deus não seja impedido de fazer a Sua obra. Apesar de tudo isto, a situação avança de mal a pior, até que o ser amado se encontra às portas da morte.

É essencial neste ponto, que uma clara compreensão das táticas de Satanás seja mantida, pois, tal como o arqui-inimigo procurou quebrar a ligação entre Cristo e Seu Pai, também procura destruir o concerto entre o crente e o seu Médico. Nesta altura, é privilégio do cristão demonstrar que o mais importante não é estar vivo e de saúde, mas viver pela palavra de Deus, para mostrar “ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus”. *O Desejado de Todas as Nações*, 107.

O crente deve compreender que, uma vez que entregou a sua vida ao cuidado do Grande Médico, então, não importando o que aconteça, nunca deve tirar esse cuidado de Seu cargo.

É aqui que a humanidade falha repetidamente. O ente-querido abate tão profundamente que é evidente que a morte está muito próxima. Nem o paciente nem os angustiados amados podem aceitar isto como a vontade de Deus, pois, para eles, a única coisa importante é a retenção desta vida terrestre. Como não vêem evidência que Deus está interessado em manifestar Seu poder curador, caem sob a pressão e levam o caso a um médico terrestre. Fazem o que Cristo sempre recusou totalmente fazer por Si mesmo, até que finalmente, “Cristo inclinou a cabeça e expirou, mas manteve firme a Sua fé em Deus, e a Sua submissão e Ele”. *Idem*, 731. Nada há como o estudo da vida de Cristo para nos ensinar o significado das palavras, “A paciência dos santos”.

O médico, na sua urgente tentativa para salvar a vida do paciente, administra-lhe antibióticos e drogas, um procedimento contrário aos princípios da verdadeira obra médico-missionária. Em alguns casos ele é bem sucedido em proteger do anjo da morte, mas nem sempre. Entretanto, ele repreende severamente a família por esperar até ao último momento, lamentando-se por dificilmente ser capaz de salvar a vida do sofredor, e admoestando-os para que no futuro coloquem a sua fé nos médicos. É uma humilhante experiência para a família.

O que aconteceu até agora é suficientemente grave, mas o que se segue é infinitamente pior. A família agora toma a posição que a mensagem de Deus ser o nosso médico é extremista, e que há um lugar para a profissão médica. Eles sentem que a prova é dada na experiência que acabam de passar, na qual, se não tivessem tirado o caso das mãos de Deus, o seu amado teria morrido.

Um procedimento muito mais sábio seria reconhecer que, nesta ocasião, a sua fé falhou em passar o teste. Ao contrário do divino Exemplo, eles não permanecem submissos à posição e vontade de Deus, mas tomaram nas suas próprias mãos aquilo que só a Deus pertence. Um franco reconhecimento do seu fracasso seria seguido por um profundo arrependimento que os levaria a dar de novo a Deus a Sua legítima posição como Médico, enquanto se dedicariam a si mesmos para ficarem firmes da vez seguinte que o teste fosse dado. Deviam estar gratos pela porta da graça ainda não estar fechada, e que há ainda tempo para se levantarem dos fracassos do passado para experimentarem sucesso no futuro.

Está a chegar uma altura em que não haverá mais oportunidade para recuperação e correcção. Em breve, como um resultado do crescente aumento dos problemas e desastres, as autoridades civis achar-se-ão incapazes de controlar os terríveis aís que estão caindo na Terra. As igrejas unidas levantar-se-ão então e propõem que se o Estado lhes entregar o poder, as igrejas resolverão os seus problemas. Esta é a mesma proposta que Jezabel fez a Acabe quando o último verificou que não podia possuir a vinha de Nabote.

Quando o mundo se unir sob uma só cabeça — o papado — os homens saudarão este desenvolvimento como uma resposta para os problemas e divisões humanos, e nenhuma resistência ao movimento será tolerada. Eles confiantemente proclamarão que o longamente esperado milénio de paz está prestes a ser instituído.

O verdadeiro povo de Deus não será enganado, porque eles compreendem a verdadeira natureza deste movimento. Sob a poderosa direcção e inspiração do Espírito Santo, eles sairão para expor os pecados de Babilónia.

Entretanto, o grande esquema em vez de trazer paz, unidade, e prosperidade, a condição do mundo piora rapidamente. A culpa disto é atribuída aos filhos de Deus que protestam contra o sistema, e eles em consequência serão sujeitos a terríveis perseguições, incluindo, por fim, a sentença de morte.

Para o povo de Deus será uma noite de terrível provação tornada pior pelo facto que, sob todas as aparências, Deus os abandonou. A sua experiência será exactamente a mesma que Cristo passou no deserto da tentação, com Satanás a atacá-los como atacou o Salvador, eles terão que ganhar a vitória exactamente como Ele ganhou.

Durante este tempo, enquanto estão sofrendo grandemente de fome, parecerá que foram deixados a perecer, com nenhuma diferença aparente entre a situação deles e a dos ímpios à sua volta. Os ímpios estão morrendo de fome e doença, e, na sua privação de alimento, parece que eles em breve partilharão da mesma sorte.

“O povo de Deus não está livre de sofrimento; mas conquanto perseguidos e angustiados, conquanto suportem privações, e sofram pela falta de alimento, não serão abandonados a perecer.” *O Grande Conflito*, 627.

Cristo também não foi deixado a perecer, mas certamente parecia como se fosse. Assim, embora o último povo de Deus não seja abandonado para morrer, as aparências serão que sim. Para eles, Deus parecerá muito distante, indiferente e descuidado, e a pressão está sobre eles para quebrarem o concerto e juntar as suas forças ao inimigo. Estarão constantemente em oração como Jesus esteve quarenta dias no deserto, mas assim como nenhum reconhecimento de resposta veio para Ele, também nenhum virá para eles. Sentir-se-ão completamente sós, abandonados, e vulneráveis à fúria de Satanás. A glória do período do alto clamor terá partido, e eles serão deixados a lutar com a tentação que os oprime a todo o momento.

À parte da confrontação de Cristo com Satanás, a humanidade nunca foi tão severamente provada. A capacidade para permanecer firme sob esta terrível pressão não vem num momento. Obviamente então, aqueles que estiverem preparados com o conhecimento necessário, fé, e resistência para preservar nesse dia, devem aprendê-lo agora. Será um povo qualificado através de quem o Senhor realiza aquela obra pela qual o grande conflito é por fim satisfatoriamente concluído, um povo dedicado ao princípio que é “menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus”.

Completamente entregue a este ideal, Cristo saiu totalmente vitorioso na Sua missão. E quando Deus tiver um povo em quem possa confiar até aos mesmos limites, Ele semelhantemente será capaz de terminar a obra. Esta será a última exemplificação dos princípios do repouso do sábado pela qual, há muito, muito tempo, o povo de Deus devia ter entrado no Seu repouso.

## A Viva Ligação

**T**odo este livro tem sido o desenvolvimento da verdade expressa pelo Espírito Santo e recordada por Paulo em *Hebreus* 3:10, 11. “... Não conheceram os Meus caminhos. “Assim jurei na Minha ira que não entrarão no Meu repouso.”

Tem sido estabelecido pelos repetidos exemplos encontrados nas Escrituras que há um inseparável relacionamento entre seguir os caminhos de Deus e entrar no Seu repouso. Tem sido verificado que todas as vezes que foi permitido a Deus ter o Seu legítimo lugar como Planeador, Solucionador de problemas, e Portador de fardos, nada a não ser maravilhoso sucesso acompanhou o Seu povo, enquanto em cada ocasião em que os homens assumiram estes papéis, confusão, perda, e sofrimento marcaram os seus esforços.

O livro, por conseguinte, tem dado ênfase à adopção daqueles procedimentos que o Espírito Santo referiu como “Meus caminhos”. Os argumentos para apoiar isto têm sido tanto escriturísticos como convincentes, mas seria um erro fatal supor que nada mais seria preciso do que correcto procedimento. Os caminhos de Deus nunca operarão, não importa quão exactamente seguidos, a menos que exista uma viva ligação com a Divina Fonte. Este elemento vital no programa não deve ser negligenciado.

Uma ilustração muito simples deste ponto é fornecida nos utilizadores de dois telefones. Ambos compreendem e conhecem os necessários procedimentos fixados — levantar o auscultador seguido pelo disar dos números na ordem correcta. Contudo, somente um deles consegue chegar à pessoa com quem deseja comunicar porque, dos dois, o seu é o único telefone ligado na central telefónica. Assim, procedimentos correctos e uma relação directa são ambos necessários. O que é verdade na operação dos telefones é igualmente verdade na aplicação dos procedimentos divinos.

Então quando uma pessoa que ficou convencida pelos argumentos estabelecidos neste livro vê que esta aplicação dos princípios do repouso do sábado não operam para ela, não devia cometer o erro de condenar a mensagem, mas devia verificar cuidadosamente para ver se estabeleceu e manteve uma relação viva com a sua divina Fonte. Necessita recordar a ilustração dada por Paulo em *1 Coríntios* 12, onde o apóstolo compara a igreja com a sua única Cabeça, Jesus Cristo, e seus muitos membros, os crentes, ao corpo humano que do mesmo modo tem uma cabeça a comandar vários membros. Não é difícil ver que os membros apenas podem operar com sucesso quando há uma cabeça viva a dirigi-los individual e colectivamente. No momento em que



a ligação entre qualquer membro e a cabeça é interrompida, esse membro perde a sua capacidade de funcionamento. O mesmo é igualmente verdade no reino espiritual.

Ninguém na história humana jamais compreendeu ou praticou os princípios do repouso do sábado mais diligentemente, nem colheu as bênçãos mais abundantemente do que Jesus. Ele é o exemplo perfeito e completo para todo o crente. O estudo da Sua Vida confirma que o elemento vital no Seu maravilhoso sucesso foi a Sua fiel conservação de uma viva ligação com a Sua divina Fonte. Independentemente de quão ocupado estivesse, ou quão pressionado pela responsabilidade, Ele afastava-Se enquanto outros dormiam e passava muitas horas estabelecendo uma comunhão tão íntima com o Seu Pai que nunca teve a mais leve dificuldade em saber e executar a vontade da Sua Cabeça.

“Nenhuma outra vida já foi tão assoberbada de trabalho e responsabilidade como a de Jesus; todavia, quantas vezes estava Ele em oração! Quão constante Sua comunhão com o Pai! Repetidamente na história de Sua vida terrestre, se encontram registros como estes: ‘E, levantando-Se de manhã muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu e foi para um lugar deserto e ali orava.’ ‘Ajuntava-se muita gente para O ouvir, e para ser por Ele curada das suas enfermidades. Porém Ele retirava-Se para os desertos e ali orava.’ ‘E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus.’ Marcos 1:35; Lucas 5:15, 16; 6:12.

“Numa vida toda votada ao bem dos outros, o Salvador achou necessário afastar-Se dos lugares movimentados e da multidão que O acompanhava, dia a dia. Precisava retirar-Se de uma vida de incessante actividade e contacto com as necessidades humanas, para buscar sossego e ininterrupta comunhão com o Pai. Como uma pessoa identificada conosco participante de nossas necessidades e fraquezas, dependia inteiramente de Deus e, no lugar oculto de oração, buscava força divina, a fim de poder sair escudado para o dever e provação. Num mundo de pecado, Jesus suportou lutas e torturas de alma. Em comunhão com Deus, podia aliviar as dores que O esmagavam. Ali encontrava conforto e alegria.” *O Desejado de Todas as Nações*, 346, 347.

Nestas horas passadas com o Pai Eterno, Jesus não se limitava a orar a Deus. As Escrituras afirmam que Ele *comungava* com o Pai. De Jesus subiam poderosas súplicas carregadas de Espírito, em resposta às quais a vida do Altíssimo fluía em ricas torrentes para o necessitado Suplicante. “Como homem, suplicava ao trono de Deus, até que Sua humanidade fosse de tal modo carregada com a corrente celestial, que pudesse estabelecer ligação entre a humanidade e a divindade. Mediante contínua comunhão recebia vida de Deus, de maneira a poder comunicar vida ao mundo. Sua experiência deve ser a nossa.” *Idem*, 347.

Assim, quando Jesus orava, era grandemente revitalizado com a vida, luz, e poder de Deus. Tão grande era a ligação viva estabelecida entre Ele e o Céu, que não tinha a menor dificuldade em ouvir a voz de Deus dirigindo-O momento a momento, nem Lhe faltou o poder para executar a vontade do Seu Comandante celestial. Este é o nível de comunhão com o Céu que cada cristão deve alvejar alcançar sabendo que ninguém pode verdadeiramente experimentar os princípios do repouso do sábado como uma operante viva realidade sem este elemento vital.

Que ninguém, contudo, cometa o erro de se levantar e passar uma noite toda em oração, pois isto é algo em que a pessoa deve crescer. Muitos de nós são incapazes no nosso presente nível de desenvolvimento, passar mais do que alguns minutos em sincera oração com Deus. A oração é uma ciência divina que deve ser conhecida a fundo por todos os que com sucesso praticam os princípios do repouso do sábado. Tal como em qualquer outra ciência, para se alcançar proficiência significativa é necessário diligente estudo e sincera aplicação das lições aprendidas.

Deve recordar-se primeiramente que o homem não tem poder em si mesmo para chegar aos altos Céus com as suas orações. Por isso está totalmente dependente do onipotente poder do Espírito Santo de modo que apenas as orações inspiradas pelo Espírito chegam à sala de audiência do Altíssimo.



*Uma viva ligação com a nossa cabeça, Jesus Cristo, é a condição para viver com sucesso a mensagem do repouso do sábado.*

“Precisamos não só pedir em nome de Cristo, *mas também pela inspiração do Espírito Santo*. Isto explica o que significa o dito que: ‘o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis.’ (Romanos 8:26). Essas orações Deus Se deleita em atender. Quando proferimos uma oração com fervor e intensidade no nome de Cristo, há nessa mesma intensidade o penhor de Deus de que Ele está prestes a atender à nossa súplica ‘muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos’. (Efésios 3:20).” *Parábolas de Jesus*, 147.

Quando compreende que o Espírito Santo supre o poder necessário pelo qual as suas orações obtêm energia suficiente para chegar ao Pai celestial, logo no início da sua oração o suplicante humano, com uma fé que lhe não será negada, suplicará e reivindicará a promessa que o Espírito Santo inspire a sua oração. Aqueles que compreendem e fazem isto encontram um desenvolvimento de um poder e frescura nas suas vidas de oração que nunca pensaram ser possível. O mais elevado que o mais alto pensamento humano pode alcançar é a completa apreciação do importante papel tão voluntariamente e eficazmente desempenhado pelo Espírito Santo na vida de oração do necessitado filho de Deus na Terra, mas quanto melhor isso for compreendido, avaliado, e aceite, mais intimamente o crente se unirá ao seu Salvador e Rei.

Ao todo-poderoso Intercessor que está à mão direita do Pai, o Espírito Santo entrega essas orações que são feitas pela Sua própria inspiração. Cristo então mistura Sua imaculada justiça com tais orações de modo que elas são finalmente apresentadas ao Pai com todo o imaculado poder e perfeição do nosso grande Sumo-sacerdote.

Uma maravilhosa manifestação de Cristo neste papel é dada em *Apocalipse* 8:3-5.

“E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono.

“E o fumo do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus.

“E o anjo tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a Terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos, e terremotos.”

O Anjo referido nestes versículos não pode ser outro senão Cristo porque nenhum outro anjo tem o poder para ministrar no santuário celestial. Esta não é a única vez em que Ele é referido como Anjo em *Apocalipse*. Outro exemplo notável está no capítulo 10, onde Ele é ilustrado com um pé no mar e outro na terra. Desse anjo está claramente escrito: “O poderoso Anjo que instruiu João não era outra personagem senão Jesus Cristo. Colocando o Seu pé direito sobre o mar, e Seu pé esquerdo sobre a terra seca, mostra o papel que Ele está a desempenhar nas cenas finais do grande conflito com Satanás.” *S.D.A. Bible Commentary* 7:971.

A manifestação de Cristo no Seu ofício de sumo-sacerdote é uma revelação da verdade na qual cada crente precisa procurar muito profunda e diligentemente. Aqueles que têm consigo uma clara visão de Cristo sentado à mão direita de Seu Pai misturando os todo-poderosos méritos da Sua justiça com as suas débeis petições, sabem que as suas orações chegam à presença de Jeová com uma energia, pureza e força que o Altíssimo não pode negar ou recusar. Este conhecimento inspira-os com grande fé para apresentar as suas petições ao trono da graça “... Com uma violência espiritual que lhes traria sua própria recompensa. Nós tomá-la-íamos pela força, como fez Jacó. Então a nossa mensagem seria o poder de Deus para salvação. Nossas súplicas seriam cheias de sinceridade, e de um sentido da nossa grande necessidade; e não seríamos recusados. A verdade seria expressa pela vida e carácter, e pelos lábios tocados pela brasa viva do altar de Deus. Quando esta experiência for nossa seremos elevados da nossa pobre insignificância, que tão afectuosamente alimentámos. Esvaziaremos o nosso coração do desgastante poder do egoísmo, e seremos cheios de louvor e gratidão a Deus. Exaltaremos ao Senhor, o Deus de toda a graça, que exaltou Cristo. E Ele revelará o Seu poder através de nós, fazendo de nós foices agudas no campo da ceifa.” *The Review and Herald*, 14 de Fevereiro de 1899.

O cristão sabe com positiva certeza que orações deste tipo são respondidas por Deus. “Seres celestiais são designados para responder às orações daqueles que estão a trabalhar abnegadamente pelo interesse da causa de Deus. Os anjos mais elevados nas cortes celestiais são comissionados para realizar as orações que ascendem a Deus pelo avanço da Sua causa.” *S.D.A. Bible Commentary* 4:1173.

Quão estimulante para o povo de Deus é a certeza que os mais elevados anjos que o Senhor tem ao Seu serviço são comissionados para transportarem as orações daqueles que, tendo estabelecido uma ligação vital com Deus apresentam-Lhe as suas petições de acordo com os princípios do repouso do sábado. Quando a fé e os procedimentos correctos são combinados, quão rapidamente avançará a obra até se concluir.

O estudo da verdadeira ciência da oração é um tema tão vasto que requereria muito mais espaço do que é permitido no capítulo final deste livro. Apenas um breve sumário dele é possível aqui apesar da importância do assunto. Os pontos a que se deu ênfase são que nenhum dos sistemas de Deus operam a não ser que exista uma ligação viva e vital entre o crente e o Seu Comandante, e que é a responsabilidade do cristão desenvolver esta íntima comunhão. A promessa é que quando estas coisas forem estabelecidas, o povo de Deus tornar-se-á uma grande força sob o Seu comando.

Crítico para a realização destes ditosos resultados é o elemento da verdadeira e viva fé. Cada pessoa precisa examinar-se cuidadosamente à luz das Escrituras para assegurar que a sua fé é do tipo certo, pois muitos têm confiantemente acreditado que crêem em Deus, quando de facto têm mais confiança em si mesmos que em qualquer outra coisa.

Isto foi verdade acerca de Elias quando fugiu da ameaça de Jezabel, e Abraão quando ele e Sara planearam o nascimento de Ismael. Eram homens de grande fé mas não tão grande que estivessem completamente imunes de se voltarem para as suas próprias obras. Como podiam crer em Deus tanto quanto criam, e em consequência fazerem coisas maravilhosas, e contudo, cederem sob a pesada pressão que foi levantada contra eles?

Está escrito: “Todo o fracasso da parte dos filhos de Deus é devido à sua falta de fé.” *Patriarcas e Profetas*, 705. Portanto, foi a incredulidade a causa de Abraão e Elias falharem, e isto por sua vez quer dizer, que lhes faltou suficiente compreensão da palavra de Deus para construir o nível de fé necessário para os manter dentro da vontade de Deus. Isto deve ser assim, porque “Fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus”. *Romanos* 10:17. Se a fé falta, é porque a palavra de Deus não foi estudada nem compreendida como devia ter sido. Muitas vezes isto não é tanto devido à falta da pessoa, mas pelo contrário deve ser atribuído ao poder de preconceitos há tanto estabelecidos. Até que estes sejam quebrados, é difícil para o Senhor penetrar nas trevas que prendem a mente e afasta a luz.

Contudo, tanto Abraão como Elias conheciam as Escrituras e tinham feito grandes coisas sob a direcção pessoal de Deus, segundo as quais, não se esperaria que eles perdessem fé. Contudo perderam, e tão seguramente como o fizeram, houve alguma parte da Palavra que não tinham chegado a compreender ao ponto em que a sua fé ficasse inalterável. Qual era a área em que clareza, e por conseguinte fé, estava faltando?

Eles com certeza conheciam as ordens gerais de Deus e ambos, até certo ponto tinham ouvido e obedecido às Suas orientações específicas. Porém isto não provou ser suficiente para construir naqueles homens notáveis fé indestrutível. Algo mais era necessário. Pelo ministério do Espírito Santo através da Palavra, eles tinham que alcançar a verdade vital que não importa quanto possa parecer que a obediência está acumulando desastre e destruição em vez de bênção e vitória, o crente não deve ficar surpreendido nem desanimado por estes desenvolvimentos. Pelo contrário, deve reconhecê-los como bastante normais, enquanto retém a certeza que mesmo assim ele é trazido ao extremo limite sem perspectiva visível de livramento, a vitória é certa e a obra de Deus triunfará.

É a educação por estas linhas que assegurará que a fé não é transformada em incredulidade. Quando o crente aprende pelas Escrituras da verdade que é usual as ordens de Deus criarem uma tempestade de perseguição, perda de amigos, aparentes desastres, e outras ameaças terríveis antes de gloriosas vitórias serem obtidas, não ficará surpreso nem perturbado. Em vez disso a sua fé crescerá mais forte à medida que ele espera pelo notável triunfo no qual sabe que o Senhor transformará toda a questão. Conservará a firme convicção que a única coisa pela qual é responsável é a estrita submissão à vontade de Deus. As consequências de seu fiel cumprimento das instruções do Senhor não são assunto seu.

Que a fiel testemunha de Jeová nunca se esqueça que "... é menor desgraça sofrer seja o que for do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus". *O Desejado de Todas as Nações*, 107.

Quando o crente aprender totalmente esta verdade e permitir que se desenvolva dentro dele a firme convicção que não há princípio alternativo para o guiar no serviço ao seu Mestre, então ficará estabelecido na fé de Jesus e não cairá na hora de pressão extrema. Ter-se-á tornado um instrumento educado nas mãos do Senhor e em quem se pode confiar, totalmente qualificado para se juntar ao grupo daqueles através de quem finalmente o Altíssimo finalizará a Sua obra. Será um membro do mais ilustre grupo cristão, os 144.000, que será o grupo mais chegado e pessoal de Cristo em toda a eternidade.

A luz agora dada pelo Soberano do universo revela os Seus caminhos com tal clareza e poder que ninguém tem a menor desculpa ou razão para não viver em harmonia com eles. Tão certo como isto é assim, está Ele a reunir um considerável remanescente que responderá aos Seus graciosos apelos de toda a nação, tribo, língua, e povo. O palco está a ser colocado para a confrontação final com os poderes das trevas, cujas defesas deverão ser quebradas como nunca antes, e as suas fortificações derrubadas para nunca mais se levantarem. Tão total e convincentemente serão as questões resolvidas que jamais se levantará dúvida a respeito delas. Será estabelecido para sempre por todo o universo que o único caminho para o eterno repouso de Deus é pelo conhecimento e adopção dos Seus perfeitos caminhos.

Possam os crentes em Jesus Cristo aprender aqueles caminhos e fazer deles uma realidade prática nas suas vidas estabelecendo e mantendo uma viva ligação com a divina Cabeça, de modo que acerca deles nunca seja escrito: "E não conheceram os Meus caminhos. Assim jurei na Minha ira que não entrarão no Meu repouso."



## Outros estudos do mesmo autor

A Grande Multidão  
A Igreja de Deus Não É Babilónia  
A Mente de Cristo  
A Revelação da Lei  
A Salvação das Crianças  
A Vida em Justiça  
A Vida em Justiça e o Sábado de Deus  
A Vinda de Cristo Retardada – Porquê?  
A Vitória da Fé  
Acordai Para a Justiça e Não Pequeis Mais!  
As Profecias de Daniel  
Confissão Aceitável  
Da Escravidão para a Liberdade  
Destino de um Movimento  
Enfrentando o Julgamento  
Estudos Sobre Daniel e Apocalipse  
Eu Penso como Homem  
Justificado pela Fé  
Mais Pensamentos Sobre o Carácter de Deus  
Melquisedeque  
O Caminho de Deus no Santuário  
O Seu Número é 666  
Orai Pela Chuva Serôdia  
Os 144 000 – Quem Serão os Membros desse Ilustre Grupo?  
Os 4 Anjos  
Os Acontecimentos dos Últimos Dias  
Os Três Templos  
Os Vivos e os Mortos  
Outro Olhar Sobre Atos 3:19  
Renascimento e Reforma  
A Nossa Própria Imagem da Besta  
As Duas Babilónias e o Povo Santo  
Despertai para a Justiça e Não Pequeis Mais  
Eis Aqui o Vosso Deus – Um estudo sobre o carácter de Deus  
Ordem Evangélica  
Os Sete Anjos

[www.jfernandesblog.wordpress.com](http://www.jfernandesblog.wordpress.com)